



~~~~~  
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS  
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

---

B E R N A R D  
C O R N W E L L

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

---

# S H A R P E

*em Waterloo*

FRANÇA, JUNHO DE 1815

AS AVENTURAS  
DE UM SOLDADO  
NAS GUERRAS  
NAPOLEÔNICAS





# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*

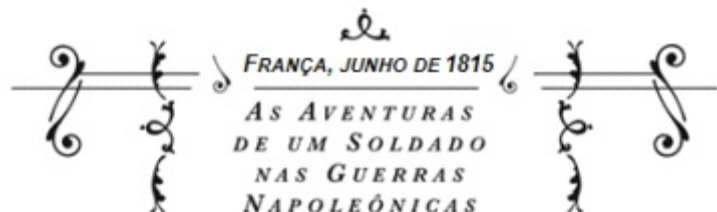


---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

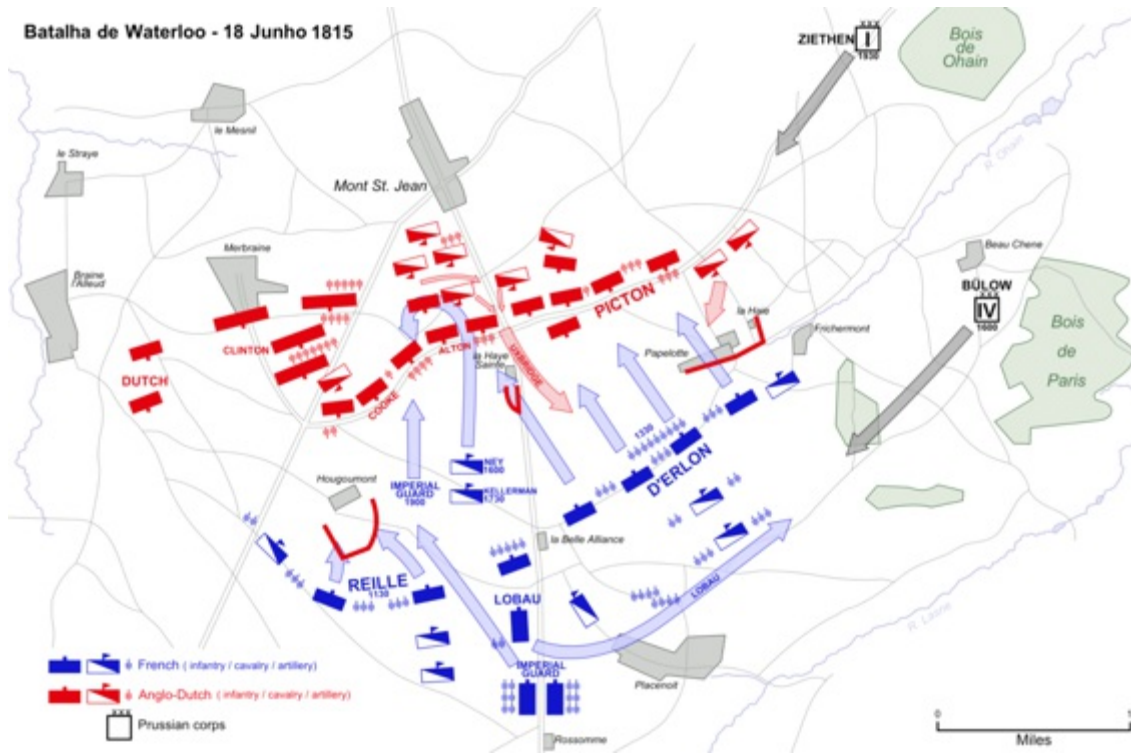
---

***S H A R P E***  
*em Waterloo*



Traduzido por Kleber de Souza Andrade  
Da Edição Espanhola em 29/03/2015

# Mapa



# Sinopse

Richard Sharpe parece ter se retirado e desfrutar modestamente de seu meio-soldo na França, quando a grande batalha se apresenta no horizonte e o faz agir e se pôr às ordens de Wellington. Com a narração das emocionantes aventuras de Sharpe, que se encontra no próprio centro da ação, durante os dois dias prévios à batalha, Cornwell consegue transmitir, com um estremecedor realismo, as condições que os soldados dos dois lados tiveram de suportar; e aplica a esta complexa jornada o que sempre foi uma de suas virtudes mais reconhecidas como narrador: conseguir contar de um modo claro e intenso algo tão complexo e tumultuado como uma grande batalha.

# **PRIMEIRO DIA**

**Quinta-feira, 15 de junho de 1815.**

# Capítulo 1

Amanhecia na fronteira norte da França, um limite indicado unicamente por um riacho pouco profundo que corria entre os troncos raquíticos dos desramados salgueiros. Uma estrada pavimentada vadeava o riacho. A estrada saía do norte da França e entrava na província holandesa da Bélgica, mas não havia nenhum posto de guarda, nenhuma guarita que indicasse o lugar onde o caminho abandonava o Império francês para entrar no Reino dos Países baixos. Havia apenas o riacho minguado pela estiagem do qual emanava uma pálida neblina que se estendia sobre os densos campos de trigo, centeio e cevada.

O sol nascente apareceu como uma bola vermelha e inchada pouco alta no meio da tênue bruma. Ao oeste o céu ainda estava escuro. Uma coruja passou voando por cima do vau, inclinou-se, entrou em um faial e lançou um último chamado abafado que se perdeu em meio ao forte coro do amanhecer, que parecia pressagiar um dia de verão radiante e quente naquela fértil e plácida campina. Um céu completamente limpo prometia um dia esplêndido para a sega do feno, ou um dia para que os apaixonados dessem um passeio através dos bosques de espessa folhagem e descansassem junto ao verde frescor da margem de um riacho. Era um amanhecer de pleno verão ideal na fronteira norte da França e, por um momento, por um último e doloroso momento, o mundo estava em paz.

Então, centenas de cascos retumbaram ao atravessar o vau e salpicaram de água brilhante a neblina. Homens uniformizados com compridas espadas na mão cavalgavam para o norte, afastando-se da França. Esses homens eram dragões com capacetes metálicos cobertos por um tecido fosco para que o sol nascente não se refletisse no brilhante metal e revelasse sua posição. Os cavaleiros levavam mosquetes de cano curto nos coldres de suas selas.

Os dragões eram a vanguarda de um exército. Cento e vinte e cinco mil soldados se dirigiam marchando para o norte por todos os caminhos que conduziam à passagem que atravessava o rio em Charleroi. Tratava-se de uma invasão; um exército atravessava em tropel uma fronteira sem vigilância, com suas carroças, carruagens, ambulâncias, trezentos e quarenta e quatro canhões, trinta mil cavalos, forjas portáteis, chalanas, putas, esposas, estandartes, lanças, mosquetes, sabres e todas as esperanças da França. Era o Exército do norte do Imperador Napoleão, e marchava para as forças holandesas, britânicas e prussianas que o aguardavam.

Os dragões franceses cruzaram a fronteira com as espadas desembainhadas, mas as armas não serviram para outra coisa além de dignificar esse momento com a encenação apropriada, já que não havia nem sequer um simples oficial de aduanas que se opusesse à invasão. Só havia a névoa e as estradas vazias, e o distante cacarejo dos galos ao amanhecer. Uns poucos cachorros ladraram quando os soldados da cavalaria invasores capturaram os primeiros povoados holandeses sem encontrar resistência. Os dragões golpeavam as portas e os postigos das janelas com a empunhadura de suas espadas, e exigiam que dissessem se havia algum soldado britânico ou prussiano alojado ali.



— Estão todos ao norte. Quase nunca aparecem por aqui!

— Os aldeãos falavam francês; consideravam-se cidadãos franceses e por isso recebiam com taças de vinho e oferecimentos de comida aqueles dragões. Para os resistentes holandeses a invasão era uma liberação, e inclusive o tempo harmonizava com sua alegria; o sol ascendia para um céu totalmente limpo e começava a dissipar a neblina que ainda cobria os frondosos vales.

Os dragões avançavam repicando a bom passo pela estrada principal que conduzia a Charleroi e a Bruxelas, quase como se fossem manobras em Provença em lugar de uma guerra. Havia um tenente dos dragões que dava tão pouca importância ao perigo que contava com entusiasmo a seu sargento como a nova ciência da frenologia avaliava as aptidões humanas a partir da forma do crânio de uma pessoa. O tenente achava que, quando a ciência fosse adequadamente compreendida, todas as promoções no exército se baseariam em cuidadosas medições de crânio.

— Poderemos calcular a coragem e a firmeza, o senso comum e a honradez, e tudo com um calibrador e uma fita métrica!

O sargento não respondeu. Ele e seu oficial cavalgavam à frente de seu esquadrão e, portanto se encontravam justo no extremo do exército francês que avançava. Para dizer a verdade, o sargento não escutava a entusiasta explicação do tenente; em lugar disso estava em parte esperando pelas garotas belgas e em parte preocupado com o momento em que aquele precipitado avanço topasse com os piquetes inimigos. Era inconcebível que os britânicos e os prussianos tivessem fugido, não?

O tenente estava um tanto ressentido com a aparente falta de interesse de seu sargento pela frenologia, ainda que as sobranceiras baixas e o cenho franzido do sargento testemunhassem a razão científica de sua incapacidade em aceitar novas ideias. Contudo, o tenente insistiu em sua tentativa de instruir aquele soldado veterano:

— Realizaram estudos sobre os tipos criminosos em Paris, sargento, e se descobriu uma surpreendente correlação entre...

A surpreendente correlação seguiu sendo um mistério, porque a cerca que havia a uns trinta metros a diante dos dois cavaleiros estourou em fogo de mosquetes e o cavalo do tenente desabou com um disparo no peito. O cavalo soltou um alarido. Seus dentes se encheram de sangue espumoso e sacudiu os cascos desesperadamente. O tenente, que foi expelido da sela, recebeu uma patada na pelve com a sacudida de um casco. Gritou tão forte como seu cavalo, que nesse momento bloqueava a estrada com sua agonia convulsiva. Os assombrados dragões podiam ouvir os golpes das varetas inimigas nos canos de seus mosquetes. O sargento olhou para os soldados da cavalaria:

— Alguém mate esse maldito cavalo! — Mais disparos martelaram desde a cerca. Os emboscadores eram bons. Esperaram até que os cavaleiros franceses estivessem muito perto antes de abrir fogo. Os dragões embainharam suas longas espadas e sacaram suas carabinas, mas sua pontaria a cavalo era pouco certa, e a imprecisão da carabina de cano curto era sumamente conhecida. O cavalo do tenente continuava se agitando e esperneando no caminho.

O sargento gritava para seus homens avançarem. Soou um trompete atrás que ordenava a outro esquadrão que se colocasse em fila dentro de um campo onde crescia trigo. Um soldado da cavalaria acertou um tiro no cavalo do tenente, inclinando-se sobre sua sela para meter a bala justo no crânio do animal. Outro cavalo caiu, com o osso de uma pata destroçado por uma bala de mosquete. Um dragão jazia na valeta, com o capacete caído sobre umas urtigas. Os cavalos passaram retumbando junto ao tenente ferido, e seus cascos lançavam barro e pedras do caminho para o ar. A longa espada do sargento brilhava com um resplendor prateado.

Mais disparos, mas dessa vez as partículas de fumaça branca estavam mais dispersas ao longo da cerca.

— Estão se retirando, senhor! — Gritou o sargento para um oficial que havia, distante, atrás dele; e então, sem esperar nenhuma ordem, esporeou seu cavalo para frente. — Carregar!

Os dragões franceses atravessaram rapidamente a linha da cerca. Não viram nenhum inimigo na paisagem de sombras alongadas, mas sabiam que os emboscadores deviam andar por perto. O sargento, ao suspeitar que a infantaria inimiga se ocultava no campo de trigo envolvido pela neblina, afastou seu cavalo do caminho, obrigou-o a cruzar uma valeta e subir até o trigal. Percebeu movimento no outro extremo do campo, perto de um bosque de folhas escuras. Eram soldados que corriam para as árvores. Vestiam casacas de uniforme azul-escuro e usavam chapéus pretos com rebordos prateados: infantaria prussiana.

— Lá estão! — O sargento apontou para o inimigo com sua espada. — Vamos atrás daqueles sacanas!

Trinta dragões seguiram o sargento. Colocaram suas carabinas nos coldres de suas selas e desembainharam as longas espadas de folha reta. Os mosquetes prussianos soltaram uma descarga desde o limite do bosque, mas os disparos foram realizados de muito distante e só um cavalo francês caiu sobre o trigo. Os dragões restantes avançaram rapidamente. O piquete inimigo que havia emboscado a vanguarda francesa se apressava em se refugiar no bosque, mas alguns deles haviam esperado demais para se retirar, e os dragões os alcançaram. O sargento passou a galope junto a um soldado, e com um cortante movimento para trás lhe deu um selvagem golpe com sua espada.

O soldado de infantaria prussiano tampou o rosto cortado pelo aço com as mãos e tentou voltar a colocar os olhos em suas órbitas. Outro soldado alcançado por dois dragões se engasgou com seu próprio sangue.

— Carregar! — O sargento levava sua espada para a infantaria que se encontrava entre as árvores. Viu os soldados prussianos que fugiam entrando na vegetação rasteira e sentiu a violenta exultação de um soldado da cavalaria a quem ofereciam um inimigo indefenso a quem matar selvagememente, mas não viu a bateria de canhões ocultos entre as profundas sombras do bosque, nem ao oficial de artilharia prussiano que ordenou aos gritos.

— Fogo! — O sargento gritava para seus homens carregarem com força contra o alvo, e no minuto seguinte ele e seu cavalo foram atingidos pelo estouro metálico de um pote de metralha que explodiu. Ambos morreram instantaneamente. Atrás do sargento os dragões se separaram para esquerda e direita, mas morreram outros três cavalos e mais quatro homens. Dois dos

soldados eram franceses e os outros dois eram infantess prussianos que haviam se retirado tarde demais.

O oficial de artilharia prussiano viu que outro esquadrão de dragões ameaçava flanquear sua posição. Voltou a olhar para a estrada onde tinha aparecido ainda mais cavalaria napoleônica e soube que não podia passar muito tempo antes que chegasse o primeiro canhão de oito libras francêss.

— Engatem os canhões às carroças de munição! — Os canhões prussianos galoparam para o norte, e sua retirada foi coberta por hussardos de uniforme negro que usavam insígnias com a caveira pirata em seus chapéus. Os dragões franceses não os seguiram imediatamente; em lugar disso, esporearam seus cavalos e penetraram no bosque, onde encontraram as fogueiras do acampamento prussiano ainda ardendo. Um prato de salsichas havia caído ao chão junto a uma das fogueiras.

— Tem o gosto de merda alemã! — Um soldado da cavalaria cuspiu no fogo um bocado de carne.

Um cavalo ferido andava coxeando pelo trigal, tentando alcançar os demais potros da cavalaria. Entre as árvores, dois prisioneiros prussianos estavam sendo despojados de suas armas, comida, dinheiro e bebida. Os outros prussianos desapareceram para o norte. Os franceses, ao mesmo tempo em que avançavam para o extremo norte do bosque, observaram a retirada do inimigo. A névoa havia se dissipado. As rodas dos canhões prussianos que se retiravam haviam deixado marcados caminhos de cevada esmagada através dos campos setentrionais.

Dezesseis quilômetros ao sul, ainda na França, a pesada carruagem do Imperador esperava na beira da estrada.

Os oficiais do estado-maior informaram a sua majestade que a fronteira holandesa fora cruzada com êxito. Informaram que encontraram muito pouca resistência e que esta havia sido anulada.

O imperador recebeu a notícia com um grunhido, e depois deixou cair a cortina de couro para submergir na escuridão do interior da carruagem. Somente se passaram cento e sete dias desde que, depois de zarpar de seu exílio em Elba com apenas mil homens, havia desembarcado em uma praia deserta do sul da França. Passaram-se apenas oitenta e oito dias desde que reconquistara Paris, mas nesses poucos dias tinha demonstrado ao mundo como o imperador formava exércitos. Duzentos mil veteranos voltaram a ser chamados às filas das águias, os oficiais reformados foram reintegrados aos seus batalhões e os arsenais da França se encheram. Naquele momento, esse novo exército marchava contra a escória da Grã-Bretanha e os mercenários da Prússia. Era um amanhecer de pleno verão e o imperador iniciava seu ataque.

O cocheiro fez estalar seu chicote, a carruagem do Imperador deu uma sacudida para frente, e começou a batalha pela Europa.



## Capítulo 2

Uma hora depois do pote de metralha ter abatido e destroçado o sargento dos dragões francês e seu cavalo, outro soldado da cavalaria cavalgava sob o brilhante sol de verão.

Esse soldado encontrava-se em Bruxelas, a uns sessenta e cinco quilômetros ao norte do lugar onde o imperador iniciou a invasão da Bélgica. Era um oficial alto e simpático que vestia o traje vermelho-escarlata e azul da cavalaria real. Montava um formidável corcel negro magnificamente rastelado e obviamente caro. O cavaleiro usava um capacete grego dourado com lã negra e vermelha na cimeira e um penacho de plumas brancas. Suas descoloridas calças de camurça ainda estavam úmidas, já que para conseguir que ficassem bem coladas às coxas era melhor vesti-las molhadas e deixar que encolhessem. Sua pesada e reta espada, metida em uma bainha dourada, pendurava da gualdrapa azul-real de sua sela, que tinha bordado o monograma do rei. As botas negras do oficial chegavam até seus joelhos, as esporas eram de aço dourado, o alforje refulgia pelas lantejoulas e o bordado de ouro, sua casaca curta de cor vermelho-escarlata era rodeada por uma faixa dourada, e o alto e duro colarinho era coberto de um brilhante galão branco. Sua sela era revestida com lã de cordeiro e as correntes da barbada do cavalo eram de prata pura; contudo, apesar de todos aqueles chamativos enfeites, o mais surpreendente era o rosto do oficial britânico.

Era um jovem charmoso, e nas primeiras horas daquela manhã sua expressão de plena felicidade o fazia ainda mais atraente. As leiteiras e os garis da Rua Royale não tiveram nenhuma dúvida de que aquele oficial britânico se alegrava de estar vivo, de que estava encantado por estar na Bélgica e que esperava que todo mundo em Bruxelas compartisse seu evidente desfrute da vida, da saúde e da felicidade.

Levou a mão à negra viseira esmaltada de seu capacete, como resposta à saudação do sentinela com casaca vermelha que se achava diante de uma cara porta principal, e seguiu em frente a meio galope através das ruas de Bruxelas até que chegou a uma grande casa na Rua Blanchisserie. Ainda era cedo, mas no pátio da casa havia muito movimento de comerciantes e carretas que traziam cadeiras, atris, comida e vinho. Um cavaleiro levou a montaria do soldado da cavalaria, ao mesmo tempo em que um lacaios de libré se ocupou de seu capacete e de sua pesada e volumosa espada. O oficial da cavalaria se passou uma mão pelo cabelo comprido e dourado enquanto subia correndo os degraus que levavam à casa.

Não esperou que os criados abrissem as portas, entrou diretamente no saguão e depois na grande sala de baile onde uma vintena de pintores e tapeceiros terminavam o trabalho de uma longa noite durante a qual haviam transformado o salão de baile em uma fantasia de seda suspensa. Umas brilhantes faixas de tecido dourado, vermelho-escarlata e preto cobriam o teto, enquanto que, entre as escandalosas tiras de tecido, um reluzente papel pintado com parreirais cobertos de rosas dissimulava as manchas de umidade que havia no reboco do cômodo. Havia descido os enormes lustres da sala ao nível do piso, onde os serventes metiam laboriosamente centenas de velas nos suportes de prata e vidro recém de limpos.

Outros trabalhadores enroscavam umas trepadeiras de hera em uns pilares recém pintados de laranja, ao mesmo tempo em que uma anciã espalhava giz de alfaiate pelo piso para que os sapatos de baile não escorregassem sobre o lustrado piso de tacos.

O oficial da cavalaria, claramente encantado com os esmerados preparativos, cruzou o cômodo a passos largos.

— Bristow! Bristow! — suas botas altas deixaram pegadas sobre o giz recém espalhado.  
— Bristow! Pilantra! Onde está?

Um homem de cabelo grisalho e casaca preta, com o constrangido aspecto de ser o funcionário encarregado dos preparativos do baile, saiu da sala de jantar ao ouvir que o chamavam daquela forma peremptória. Sua expressão de chateação se transformou de repente em um sorriso de alegria quando reconheceu o jovem oficial da cavalaria. Fez uma profunda reverência.

— Senhor!

— Bom dia, Bristow! É um verdadeiro prazer vê-lo.

— E é um prazer voltar a ver sua senhoria. Não sabia que sua senhoria estava em Bruxelas.

— Cheguei ontem. Ontem à noite. — O soldado da cavalaria, que se chamava lorde Rossendale, passeava o olhar pela suntuosa decoração da sala de jantar, onde as longas mesas estavam cobertas com jogos de mesa brancos e copiosamente preparados com faqueiros de prata e porcelana fina. — Não podia dormir — disse para explicar sua adiantada chegada. — Quantos convidados terão esta noite?

— Enviamos quatrocentos e quarenta convites, senhor.

— Quatrocentos quarenta e dois. — Lorde Rossendale sorriu para Bristow, e então, como se fosse um mago, pegou uma carta que brandiu ante o rosto do ancião servente. — Dois convites, por gentileza.

Bristow pegou a carta, desdobrou-a e a leu. A carta era do secretário particular de sua excelência e admitia com prazer que lorde John Rossendale recebesse um convite para o baile.

— Só diz um convite, senhor.

— Dois, Bristow. Dois, dois, dois. Finja que não sabe ler. Insisto em que sejam dois. Têm que ser dois! Ou por acaso quer que estrague as mesas do jantar?

Bristow sorriu.

— Estou seguro de que poderemos conseguir dois, senhor.

Bristow era o mordomo do duque de Richmond, cuja esposa dava o baile naquela enorme casa alugada. Existia uma concorrida competição para assistir. Grande parte da sociedade londrina havia ido a Bruxelas para passar o verão, havia oficiais do exército que ficariam muito tristes se não os convidassem, e também havia que entreter a aristocracia local. A

resposta da duquesa ante o entusiasmo que tantas pessoas demonstravam em assistir havia consistido em mandar imprimirem entradas, porém, mesmo assim, Bristow acreditava que no mínimo haveria o mesmo número de intrusos que o de pessoas com convite. Não fazia nem dois dias que a duquesa havia dado instruções para não se distribuir mais convites, mas era muito pouco provável que tal proibição se aplicasse a lorde Rossendale cuja mãe era amiga íntima da duquesa de Richmond.

— Sua excelência já está desjejuando. Gostaria de acompanhá-la? — perguntou Bristow a lorde John.

Lorde John seguiu o mordomo pelos aposentos privados, onde, em uma pequena e ensolarada sala, a duquesa mordida uma torrada.

— Nunca consigo dormir antes de um baile — disse a lorde John a modo de saudação; depois o olhou pestanejando de assombro. — E você, o que faz aqui?

Lorde John beijou a mão da duquesa. Ela usava um roupão de seda chinesa e tinha o cabelo recolhido sob uma coifa. Era uma mulher de muito gênio e muito atraente.

— Vim buscar convites para seu baile, certamente — disse lorde John com leveza. — Suponho que ele seja para celebrar minha chegada a Bruxelas.

— O que está fazendo em Bruxelas?

— Fui destinado para cá — explicou lorde John. — Cheguei ontem à noite. Teria vindo antes, mas um dos cavalos de nossa carruagem perdeu uma ferradura e levamos quatro horas para encontrar um ferreiro. Tampouco pude dormir. É muita emoção — sorriu alegremente, esperando que a duquesa compartisse sua alegria.

— Está com o exército?

— Claro. — Lorde John tirou a casaca de seu uniforme como se isso demonstrasse suas credenciais. — Harry Paget perguntou por mim, supliquei a Prinny que me desse permissão e finalmente cedeu. — Lorde John, ainda que fosse oficial da cavalaria, nunca havia recebido permissão para servir no exército. Era oficial de campo do príncipe regente, o qual se havia negado redondamente a prescindir de seus serviços; mas Henry Paget, conde de Uxbridge, que era outro companheiro do príncipe e que também estava ao comando da cavalaria britânica, havia conseguido persuadir este último a dar uma oportunidade a lorde John. Lorde John riu enquanto se aproximava do aparador, onde se serviu de torradas, presunto e café. — Prinny está terrivelmente ciumento. Acha que deveria estar aqui para lutar contra Napoleão. E falando nele, tem alguma notícia?

— Arthur não espera saber de suas bobagens até julho. Achamos que talvez tenha abandonado Paris, mas ninguém está completamente seguro. — Arthur era o duque de Wellington. — Perguntei a Arthur se corríamos algum perigo ao dar nosso baile esta noite e me assegurou que não. Ele próprio vai celebrar um baile na próxima semana.

— Devo dizer que a guerra é um verdadeiro suplício. — Lorde John sorriu para a duquesa desde o aparador.

A duquesa ignorou sua pouca seriedade, e em troca dedicou ao elegante jovem uma olhada bastante suspicaz.

— Veio sozinho?

Lorde John sorriu de maneira encantadora enquanto regressava para a mesa.

— Bristow terá a gentileza de me conseguir dois convites.

— Suponho que se trata daquela mulher?

Lorde John vacilou e depois consentiu

— É Jane, de fato.

— Maldito seja, Johnny. — A duquesa o havia maldito em um tom muito suave, mas mesmo assim suas palavras molestaram lorde John. Contudo, sentia-se intimidado demais pela anciã mulher para protestar de uma maneira loquaz.

A duquesa supôs que teria que escrever à mãe de lorde John e confessar-lhe que esse estúpido rapaz havia levado a sua amante a Bruxelas. Ela o culpava o exemplo de Harry Paget, que havia fugido com a esposa do irmão mais novo de Wellington. Amostras de adultério tão manifestas como aquela se converteram de repente no esporte da moda entre os soldados da cavalaria, mas muito facilmente podia transformar-se em um esporte sangrento, e a duquesa temia pela vida de lorde John. Também a ofendia o fato de que um jovem tão encantador e tão bom partido como lorde John fizesse alarde de sua insensatez.

— Se estivéssemos em Londres, Johnny, nem me ocorreria deixar que ela assistisse a um baile, mas suponho que Bruxelas é diferente. De fato, não há maneira de saber quem é a metade dessas pessoas. Mas não me apresente essa garota, John, porque não a receberei, de verdade que não o farei!

— Jane é sumamente encantadora... — Lorde John iniciou a defesa de sua desairosa amada.

— Não me importa se é tão bonita quanto *Titania* e tão encantadora como *Cordelia*; continua sendo a mulher de outro homem. Não se preocupa com seu marido?

— Se estivesse aqui o faria, mas não está. Quando terminou a última guerra encontrou uma francesa e foi viver com ela, e, pelo que sabemos, ainda se encontra na França — lorde John soltou um risinho. — É provável que Napoleão tenha encarcerado esse pobre idiota.

— Acha que está na França? — a duquesa soou aterrorizada.

— O que é certo é que não está com o exército, assegurei-me disso.

— Ah, meu querido Johnny... — A duquesa baixou sua xícara de café e dirigiu um olhar compassivo para seu jovem amigo. — Pensou em verificar a lista do exército holandês?

Lorde John Rossendale não respondeu. Limitou-se a ficar olhando fixamente a duquesa.

Ela fez uma careta. — O tenente-coronel Sharpe se encontra no estado-maior do Esbelto Billy Johnny.



Rossendale empalideceu. Durante um segundo deu a impressão de que seria incapaz de reagir, mas finalmente recuperou a fala.

— Está com o Príncipe de Orange? Aqui?

— Não em Bruxelas, mas muito perto. O Esbelto Billy queria alguns oficiais de seu estado-maior britânicos porque está ao comando de tropas britânicas.

Rossendale engoliu saliva.

— E Sharpe está com ele?

— Está.

— Oh, meu Deus! — O rosto de Rossendale havia ficado branco como papel. — Sharpe virá esta noite? — perguntou, apavorado.

— Sem dúvida, eu não o convidei, mas tive que dar ao Esbelto Billy uma vintena de convites, assim que, quem sabe a quem pode trazer? — A duquesa viu o medo no rosto de seu jovem amigo. — Talvez seja melhor que vá para casa, Johnny.

— Não posso fazer isso. — O fato de fugir seria considerado o mais vergonhoso dos atos por parte de lorde John; contudo, ficar o aterrorizava. Não só havia convertido Sharpe em um cornudo, como também, durante o processo lhe havia roubado com eficácia sua fortuna e agora descobria que seu inimigo não estava perdido na França, estava vivo e perto de Bruxelas.

— Pobre Johnny — disse com ironia a duquesa. — De qualquer maneira, venha ao bailar esta noite. O coronel Sharpe não se atreverá a matá-lo em meu salão de baile porque não vou deixar. Mas em seu lugar eu lhe devolveria sua mulher e procuraria encontrar alguém mais adequado. O que me diz da garota, Huntley? Tem uma fortuna decente e não é totalmente feia. — A duquesa mencionou outra meia dúzia de garotas, todas elas um bom partido e de família nobre, mas lorde John não a escutava. Estava pensando em um soldado de cabelo escuro e cheio de cicatrizes a quem havia empobrecido e convertido em um cornudo; um soldado que havia jurado matá-lo — como vingança.

A uns sessenta e cinco quilômetros ao sul, o tenente dos dragões que havia sido golpeado por seu cavalo moribundo sangrava nas urtigas próximas da valeta, morreu antes que algum cirurgião pudesse chegar até ele. O criado do tenente roubou as posses do defunto. Ficou com as moedas do oficial, o relicário que usava ao redor do pescoço e suas botas, mas jogou o livro sobre frenologia. Os soldados da primeira infantaria francesa esquartejaram o cavalo morto do tenente com suas baionetas e marcharam sobre a Bélgica com os pedaços de carne sangrentos em seus cinturões. Uma hora depois a carruagem do Imperador passou pela frente do cadáver e incomodou as moscas — que haviam estado passeando sobre o rosto do tenente morto e pondo ovos em sua boca e em seus ensanguentados orifícios nasais.

Fazia quatro horas que a campanha havia começado.

Os canhões prussianos se retiraram para o norte de Charleroi. O oficial de artilharia se

perguntou por que não havia ocorrido a ninguém explodir a ponte que cruzava o rio Sambre no centro da cidade, mas supôs que perto de Charleroi devia de haver vaus que teriam convertido a destruição da magnífica ponte de pedra em um gesto inútil. Enquanto os canhões partiam, a cavalaria prussiana, uniformizada de negro, ficou esperando na cidade, ao norte do rio, como reforço da brigada de infantaria, enquanto esta revistava de cima abaixo as casas próximas à ponte em busca de móveis que, com bastante desânimo, transformaram em uma barricada no extremo setentrional da mesma. Os habitantes da cidade, em um alarde de sensatez, se meteram em suas casas e fecharam os postigos. Muitos deles tiraram suas bandeiras tricolores dos esconderijos nos quais haviam guardado cuidadosamente. A Bélgica tinha sido parte da França há apenas um ano, e muita gente daquela zona da província se incomodava ter se convertido em parte da Holanda.

Os franceses se aproximaram de Charleroi por todos os caminhos do sul. Os Dragões de casaca verde foram os primeiros em chegar à cidade, seguidos pelos couraceiros e os lanceiros vermelhos. Nenhum dos cavaleiros tentou abrir caminho à força pela barricada e cruzar a ponte. Em lugar disso, os lanceiros vermelhos, muitos dos quais eram belgas, se dirigiram a trote para o leste em busca de um vau. Na margem norte do rio, um esquadrão de hussardos prussianos seguia de perto os lanceiros vermelhos, e foram esses hussardos que, ao dar a volta em uma curva do vale do Sambre, descobriram um grupo de engenheiros franceses levantando uma pinguela na margem sul. Seis dos engenheiros tinham ido nadando até a margem norte, onde estavam atando uma corda a um enorme olmo. Os hussardos desembainharam seus sabres para fazer aqueles homens desarmados voltarem para o rio, mas a artilharia francesa já tinha se aproximado da margem sul e, assim que os hussardos se puseram ao trote, a primeira descarga caiu do outro lado da água. Quicou a uns poucos metros à frente do avanço dos hussardos e foi parar em um bosque, atravessando e rompendo com estrépito os galhos cobertos de folhas.

O capitão dos hussardos gritou para seus homens que voltassem. Viu uniformes vermelhos mais acima, na mesma margem do rio, o que demonstrava que os lanceiros tinham encontrado um lugar para atravessar. Conduziu seus homens de volta a Charleroi, onde se observava um inconstante e pouco entusiasta combate de mosquetes. Os dragões franceses tomaram posições nas residências ao sul, enquanto a infantaria prussiana, com suas casacas azul-escuro e seus chapéus pretos, se alinhava na barricada. O capitão dos hussardos informou a um comandante de brigada prussiano que a cidade já estava flanqueada, e a notícia foi suficiente — fazer que a maior parte da infantaria prussiana marchasse com brio para o norte. Uma última e brincalhona descarga francesa lascou a barricada feita de móveis e a cidade ficou em silêncio. Os hussardos prussianos, que tinham deixado um batalhão de infantaria para guarnecer a metade norte de Charleroi, esperaram até que a infantaria francesa chegasse às casas da margem sul do rio. Vidros caíram estrepitosamente contra os paralelepípedos quando soldados quebraram as janelas para usá-las como grosseiras seteiras para os mosquetes.

A uns oitocentos metros ao sul da ponte, os primeiros oficiais do estado-maior francês reviravam a correspondência na agência dos correios em busca de cartas enviadas pelos oficiais aliados e que proporcionassem alguma pista sobre os planos britânicos e prussianos.

Pistas que aumentariam a vergonhosa riqueza de informação que há pouco haviam entrado no quartel general de Napoleão graças aos belgas que desejavam desesperadamente voltar a fazer parte da França. As brilhantes bandeiras tricolores que penduravam dos pisos superiores das casas recém liberadas de Charleroi eram uma prova dessa ânsia.

Um general francês dos dragões encontrou um coronel da infantaria com óculos em uma taberna próxima ao rio, e exigiu furiosamente que explicasse por que não se havia capturado a ponte da barricada. O coronel contou que ainda estava esperando ordens, e o general, como soldado da cavalaria que havia sido outrora, xingou e gritou que um oficial francês não precisa de ordens quando o inimigo estava tão à vista.

— Ataque agora, maldito estúpido, se não quiser renunciar a fazer parte das forças do Imperador!

O coronel, doto em dirigir uma guerra da maneira apropriada, interpretou como excitação o grosseiro entusiasmo do general, e com tato tentou acalmar o ancião explicando-lhe que o mais sensato era esperar que a artilharia chegasse à cidade e só então preparar um ataque contra a infantaria que defendia a ponte desde a barricada.

— Duas descargas dos canhões serão suficientes para acabar com eles — explicou o coronel —, e não precisaremos sofrer nenhuma baixa. É o mais prudente, não acha? — O coronel dedicou ao general um sorriso condescendente. — Talvez o general queira tomar uma xícara de café?

— À merda com seu café! E à merda com o senhor! — O general dos dragões agarrou o coronel pela casaca de seu uniforme e o puxou até que esteve tão perto que pôde cheirar o bafo de alho e conhaque do general. — Vou atacar a ponte agora — grunhiu o general —, e se a capturar voltarei aqui, arrancarei suas malditas bolas prudentes e porei à frente de seu regimento um homem de verdade.

Soltou o coronel e saiu pela porta da taberna para a rua. Uma bala de mosquete prussiano passou voando por cima de sua cabeça e acertou a parede de uma casa coberta de cartazes que anunciavam uma feira que ocorreria na festividade de São Pedro e São Pablo. Alguém havia pintado com cal um slogan com letras enormes por cima da série de cartazes: *Vive l'Empereur!*

— Você! — gritou o general para um tenente da infantaria que se refugiava em um beco do intermitente fogo prussiano — Traga seus homens! Siga-me. Corneta! Toque de reunião! — O general fez sinais para que seu ordenança lhe trouxesse o cavalo e, ignorando os disparos dos mosquetes prussianos, subiu para sela e desembainhou sua espada. — Franceses! — gritou para reunir todo aquele soldado que pudesse ouvi-lo. — Baionetas! Sabres!

O general sabia que deviam tomar a cidade, e no dia seguia avançando com rapidez; se dispunha a dirigir um variado ataque contra os soldados da infantaria prussiana que flanqueavam a grosseira barricada. Em um dos extremos da pilha de móveis achou ver um ponto mais baixo por onde um cavalo talvez pudesse saltar o obstáculo. Esporeou seu cavalo para pô-lo ao trote e os cascos fizeram saltar faíscas dos paralelepípedos. O general era consciente de que provavelmente iria morrer, pois a infantaria desfrutava matando a cavalaria

e ele seria o cavaleiro que encabeçaria o ataque contra a ponte, mas o general era um soldado e já fazia tempo que havia aprendido que o verdadeiro inimigo de um soldado é o temor da morte. Se vencesse esse medo, a vitória era segura, e a vitória trazia consigo glória e fama, medalhas e dinheiro e, o melhor de tudo, o mais doce, o mais glorioso e maravilhoso de tudo: o modesto sorriso brincalhão de um baixinho imperador de cabelo negro que daria umas palmadinhas no general dos dragões como se fosse um cachorro fiel. A ideia daquele favor imperial fez com que o general apertasse o passo de seu cavalo e erguesse sua maltratada espada.

— Carregar! — atrás dele, estimulados com seu exemplo, uma irregular concentração de dragões desmontados e uma infantaria suada se dirigiu em tropel para a ponte. O general, com os brancos bigodes manchados de tabaco, esporeou seu cavalo em direção à ponte.

A infantaria prussiana apontou seus mosquetes por cima da barricada.

O general viu que os lampejos do sol brilhavam refletidos nas decorações metálicas dos mosquetes.

— Matem esses sacanas! Matem esses sacanas! — gritava para afugentar seu próprio medo.

De repente, a barricada desapareceu em meio a uma explosão de fumaça, que os clarões dos mosquetes fenderam como fragmentos de luz, e o comprido bigode branco do general recebeu o golpe de uma bala e que lhe arrancou o lóbulo da orelha esquerda; mas essa foi a única ferida que recebeu, sempre havia sido um homem de sorte. Chegou a ver uns matos altos que se agitavam dentro da água prateada debaixo da ponte. Deu um forte golpe com os calcanhares para trás e seu pouco elegante e feio cavalo saltou torpemente por cima das cadeiras amontoadas no extremo direito da barricada. O cavalo se alçou através da fumaceira fedorenta, e o general viu que uma baioneta se dirigia para o ventre do animal; brandiu sua espada para baixo e desviou a baioneta e de repente o cavalo havia aterrizado sem nenhum percalço do outro lado dos móveis e corria para escapar da fumaça. Os hussardos prussianos que estavam esperando a uns cinquenta metros da ponte para ter espaço suficiente e poder carregar contra qualquer atacante que abrisse passagem através da infantaria esporearam seus cavalos e avançaram, mas o general os ignorou. Deu meia volta em seu cavalo, de novo para a barricada, e dirigiu o animal a toda pressa contra os assustados soldados da infantaria.

— Sacanas! Sacanas! — Matou um soldado prussiano afundando-lhe com força a espada na garganta por cima do duro colarinho negro de sua casaca. Os soldados da infantaria fugiam correndo. Não havia muitos prussianos na ponte, pois só se esperava deles que atrasassem o avanço francês. Do lado francês os clarões fendiam o ar pelo outro lado dos móveis, e o general gritou para que seus soldados cessassem fogo e pusessem a barricada abaixo.

A infantaria prussiana se dirigia correndo para o norte. A cavalaria, ao ver que os franceses capturaram a ponte com uma facilidade insolente, deu a volta para seguir os soldados a pé. O general francês, consciente de que ganharia a palmadinha na cabeça do Imperador, gritou com zombaria e desdém ante sua retirada:

— Sacanas covardes! Maricas! Galinhas! Fiquem e lutem, escória! — Cuspiu e depois

embainhou sua espada. O sangue que brotava de sua orelha estava empapando a dragona esquerda, com suas correntes sem lustre e sua águia dourada.

A infantaria francesa começou a dismantelar a barricada. O único infante prussiano morto, cujo uniforme já haviam saqueado em busca de comida e moedas, jazia juntou à ponte. Um sargento dos dragões afastou o corpo, ao mesmo tempo em que outros soldados da cavalaria cruzavam a ponte em tropel. Uma mulher saiu correndo de uma das casas da margem norte, e quase foi atropelada por um estrepitoso esquadrão de dragões. A mulher levava um ramalhete de violetas secas cujas pétalas descoloridas quase eram de cor lilás. Dirigiu-se para o estribo do general francês e levantou o patético ramalhete oferecendo-o àquele homem de rosto austero.

— Ele virá? — perguntou ela. Não fazia falta dizer quem era “ele”, bastava ver a ansiosa expressão de seu rosto.

O ensanguentado general sorriu. — Ele virá, minha menina.

— São para o senhor. — Ofereceu ao general as flores murchas. Do início ao fim do exílio de Napoleão, a violeta havia sido o símbolo dos bonapartistas porque era a flor que, assim como o destronado imperador, ressurgiria na primavera.

O general baixou a mão e pegou o pequeno ramo. Prendeu as frágeis flores em um olhal de seu debruado uniforme e depois se inclinou e deu um beijo na mulher. Assim como ela, o general havia rezado e esperado o retorno da violeta; agora chegara e provavelmente floresceria mais gloriosamente do que nunca. A França estava a caminho, Charleroi caíra e já não havia mais rios entre o imperador e Bruxelas. O general, pressentindo a vitória, fez girar seu cavalo para ir atrás do coronel da infantaria que se negara a atacar a ponte e cuja carreira militar, portanto, havia terminado. A França não precisava de prudência, somente de audácia e vitória, e daquele homem baixinho de cabelo negro que sabia como fazer a glória ser brilhante como o sol e doce como o aroma das violetas. *Vive l'Empereur.*

## Capítulo 3

Um único cavaleiro se aproximava de Charleroi, pelo oeste. Cavalgava pela margem norte do Sambre atraído pela cidade pelo som das descargas de mosquete que uma hora antes haviam ressoado com força, mas que naquele momento, tinham sumido para dar passagem ao silêncio.

O homem montava um cavalo grande e dócil. Notava-se que não gostava de cavalos e cavalgava mal. Era um homem alto de rosto curtido no qual a lâmina de uma espada deixara uma cicatriz que lhe proporcionava um semblante brincalhão e sardônico, salvo quando sorria. Tinha o cabelo negro com uma mecha branca, como um texugo. Um cachorro trotava obedientemente atrás do cavalo. O cachorro era adequado companheiro do homem, porque era grande, feroz e desalinhado.

O homem usava botas da cavalaria francesa, muito remendadas, mas que ainda eram flexíveis e se ajustavam à panturrilha. Por cima das rajadas botas, vestia um macacão da cavalaria francesa, reforçado com couro onde a virilha e o interior das pernas roçavam com a sela. As listras vermelhas das costuras externas do peitoral há tempo tinham desbotado e eram de um apagado tom púrpura. Por cima do macacão usava uma descolorida casaca verde decorada com os restos de um debruado negro. A casaca era uniforme dos fuzileiros britânicos do 95º, ainda que tão gasta e remendada que bem poderia pertencer a um vagabundo. O chapéu tricórnio marrom que aquele homem usava não provinha nem do exército francês nem do britânico, fora adquirido no mercado da cidade normanda de Caen. A roseta com as cores vermelho-escarlata, ouro e negro da Holanda ressaltava de maneira chamativa no chapéu.

Em um coldre da sela daquele homem havia um rifle Baker fabricado na Grã-Bretanha. Metida no cinturão com fivela em forma de serpente havia uma pistola alemã de cano longo, enquanto que no quadril esquerdo levava uma surrada bainha metálica com uma espada da cavalaria pesada britânica. Aquele homem era uma pantomima de um soldado, vestido com os farrapos de um uniforme combinado e sentado sobre seu cavalo com a mesma graça que um saco de farinha.

Chamava-se Sharpe, Richard Sharpe, e era um soldado britânico. Provinha da sarjeta, era o filho de uma prostituta e somente se salvara da forca aceitando o xelim do rei e alistando-se como soldado raso do 33º Regimento da infantaria. Tornou-se sargento, e posteriormente, graças a um ato de valentia suicida, era um dos poucos soldados que ascenderam desde a tropa para converter-se em oficial. Unira-se aos fuzileiros do 95º e mais adiante esteve ao comando dos Voluntários do Príncipe de Gales, de casaca vermelha. Tinha combatido em Flandes, Índia, Portugal, Espanha e França. Por quase toda sua vida fora soldado, e ultimamente granjeiro na Normandia, atraído pela terra de seus inimigos por uma mulher que conhecera por acaso em meio do caos da paz. Naquele instante, devido ao caos da guerra e por o exilado Napoleão ter regressado para a França e ter provocado um novo período de luta na Europa, Sharpe era um tenente-coronel dos dragões leves belgas do 5º, um regimento ao

qual não conhecia, não tinha nenhum desejo de conhecer e ao qual não teria reconhecido mesmo que alinhassem e o atacassem. A promoção não era mais que uma estratégia para dar a Sharpe um pouco de importância no estado-maior do príncipe de Orange, porém, no entendimento do próprio Sharpe, ele seguia sendo um fuzileiro.

O sol nascente que enviesava o vale do Sambre ofuscava Sharpe. Puxou o chapéu tricórnio para os olhos. O terreno pelo qual cavalgava era pantanoso e o obrigava a fazer um intrincado percurso para evitar as zonas mais traiçoeiras. Olhava para o norte para assegurar-se que não apareciam tropas inimigas que o imobilizassem contra o rio. Não que pensasse que os disparos que ouvira tivessem sido dos franceses. Não se esperava que avançassem até julho e, certamente, não naquela parte da Bélgica, pelo que Sharpe suspeitava que as descargas de mosquete foram provocadas por soldados prussianos praticando tiro; contudo, a longa relação com as surpresas da guerra tinha encorajado Sharpe investigar o assunto. Seu cavalo fazia com que as aves aquáticas voassem, e em certa ocasião perturbou todo um campo de coelhos que foram perambulando até as cercas em pânico. Seu cachorro, ao farejar o café da manhã, saiu em sua perseguição.

— Narigudo, sacana! Venha aqui! — O cachorro se chamava Narigudo em recordação do duque de Wellington; “Narigudo”, ou “o intrometido” para seus soldados, havia passado vinte anos dando ordens a Sharpe, pelo que, quando este achou o cachorro, em tempos de paz, havia decidido devolver-lhe o cumprimento.

Narigudo voltou de má vontade para Sharpe com o rabo entre as pernas; então viu algo do outro lado do rio e emitiu um latido de advertência. Sharpe viu alguns cavaleiros. Por um segundo, supôs que eram prussianos, mas logo reconheceu a forma dos capacetes cobertos com tecido. Dragões. Franceses. Seu coração se acelerou. Tinha pensado, depois da batalha de Toulouse, que seus dias de combate haviam terminado, que um imperador exilado em Elba augurava uma Europa em paz, mas agora catorze meses depois, o antigo inimigo voltava a estar ali.

Esporeou seu cavalo a meio galope. Então, os franceses haviam cavalgado até a Bélgica. Talvez não fosse nada mais que uma incursão da cavalaria. Os dragões inimigos haviam visto Sharpe, e conduziram seus cavalos pela beira da água ainda que nenhum deles tentasse cruzar o profundo rio. Dois dos cavaleiros de casaca verde desencaparam suas carabinas e apontaram para Sharpe, mas seu oficial gritou para os soldados da cavalaria que não disparassem. O fuzileiro estava longe demais para que as escopetas de cano curto e alma lisa fossem efetivas.

Sharpe torceu seu caminho, afastando-se do rio, e guiou seu cavalo para junto de um campo de centeio que havia crescido tão alto como uma pessoa. O caminho conduzia colina acima e, depois de escolher um delicado caminho através de um emaranhado bosquezinho no qual as raízes das árvores proporcionavam um ponto de apoio traiçoeiro para o cavalo, Sharpe deslizou por um montículo de terra até um caminho cheio de sulcos onde, envolvido pelas sombras, ficou oculto aos olhos dos dragões graças às árvores que se arqueavam por cima de sua cabeça. Do alforje pegou um mapa surrado e enrugado. Ele o desdobrou com cuidado, pegou um toco de lápis de sua bolsa de munição e fez uma cruz sobre o lugar no qual

havia visto a cavalaria inimiga. A posição era aproximada, pois não estava seguro da distância que se encontrava de Charleroi.

Guardou o mapa, tirou a tampa de seu cantil e tomou um gole de chá frio. Tirou o chapéu, que deixou a marca da borda da copa em seu cabelo sujo. Esfregou a cara, bocejou e voltou a colocar o chapéu. Estalou a língua e esporeou seu cavalo para o extremo de uma vala sobre um terreno de onde obteve uma distante vista por cima das baixas colinas ao norte de Charleroi. No centro daquela paisagem uma coluna de fumaça se levantava em um caminho, porém, mesmo com a ajuda da velha e estragada luneta, Sharpe não pôde distinguir que tipo de trânsito levantava aquela poeira nem em que direção viajava.

Poderia haver uma explicação inocente para essa nuvem de poeira; poderia ter sido causada por uma manada de vacas conduzidas ao mercado, ou um regimento prussiano em manobras, ou mesmo um bando de trabalhadores dando marteladas nos paralelepípedos na pista de calcário e pedra da estrada; contudo, os disparos de mosquete que Sharpe havia ouvido antes e a presença de dragões inimigos na margem sul do Sambre sugeriam uma causa mais sinistra.

Uma invasão? Fazia dias que não havia chegado notícias da França, o que demonstrava que o imperador havia proibido todo tipo de trânsito pela fronteira; mas esse silêncio não era necessariamente um indício de uma invasão imediata, senão o encobrimento do lugar exato no qual estavam concentradas as forças francesas. Os melhores serviços de inteligência aliados insistiam em que os franceses não estariam preparados até o mês de julho e que seu ataque avançaria por Mons, não por Charleroi. A estrada de Mons oferecia a rota mais curta para Bruxelas, e, se Bruxelas caísse, o imperador conseguiria fazer os britânicos retrocederem até o mar do Norte e os prussianos para o outro lado do Reno. Para os franceses, Bruxelas significava a vitória.

Sharpe esporeou seu cavalo e desceu pela vereda sulcada de rodadas que descia até um vale pouco profundo antes de subir entre dois campos que não eram cercados. Desviou para a direita porque não queria que a poeira do barro seco da vereda revelasse sua presença. A égua respirava pesadamente enquanto subia trotando pelas pradeiras. Estava acostumada ao exercício, pois cada manhã durante as últimas duas semanas Sharpe a havia selado às três em ponto e cavalgara com ela para o sul para ver despontar o amanhecer sobre o vale do Sambre; mas naquela manhã, ao ouvir o estalar dos mosquetes ao leste, levava a égua muito mais longe que o habitual. Esse dia também ameaçava ser o mais quente de todo o verão, mas os temores causados em Sharpe pela presença misteriosa do inimigo o fizeram obrigar a besta a seguir adiante.

Se isso fosse a invasão francesa, a notícia devia chegar rapidamente ao quartel general aliado. Os exércitos britânico, holandês e prussiano vigiavam quase cento e trinta quilômetros de vulnerável fronteira holandesa; os prussianos pelo leste e os britânicos e holandeses pelo oeste. As forças aliadas tinham se dispersado como uma rede para pegar a um imperador, mas se supunha que, quando o imperador tocasse a rede, esta se contrairia e a presa ficaria enredada nela. Essa era a tática, mas o imperador era tão consciente daquelas esperanças aliadas como qualquer oficial britânico ou prussiano, e estaria planejando cortar a rede em



pedaços e destroçar todos separadamente. A urgente obrigação de Sharpe era descobrir se aquele era o golpe cortante do Imperador, ou se apenas se tratava de uma incursão da cavalaria empreendida no mais profundo da província belga.

Do cume da colina seguinte viu mais dragões franceses. Estavam a uns oitocentos metros de distância, só que do mesmo lado do rio que Sharpe e o impediam de se aproximar de Charleroi. Eles o viram e esporearam seus cavalos para frente, Sharpe girou sua cansada égua para o norte e a fez galopar. Cruzou o caminho, atravessou ruidosamente um campo e desceu até um pequeno vale onde uma maranha de arbustos crescia de ambos os lados de um fiozinho de água. Sharpe obrigou o cavalo a atravessar os arbustos e então voltou a girar para o leste. Viu um bosque ao longe diante dele. Pensou que, se pudesse alcançar o refúgio daquelas árvores, talvez tivesse chance de observar a estrada do outro lado do bosque.

Os dragões franceses se contentaram em perseguir o cavaleiro solitário até que se afastasse e não o seguiram. Sharpe deu umas palmadas no pescoço da égua, que estava empapada de suor.

— Vamos, garota! Vamos! — Era um cavalo de caça de seis anos, dócil e forte, um dos cavalos que o amigo de Sharpe, Patrick Harper, havia trazido consigo da Irlanda.

No bosque, emaranhado com velhas árvores enormes, estava mais fresco e reinava o silêncio. Narigudo trotava atrás da égua. Sharpe ia devagar, abrindo passagem com o cavalo entre os antigos troncos e os lenhos cobertos de musgo, caídos tempos atrás. Muito antes de chegar ao extremo do bosque soube que aquilo não era uma simples incursão da cavalaria. Teve a certeza quando ouviu o característico e inesquecível som metálico da artilharia em movimento.

Freou o cavalo, desmontou e atou as rédeas a um galho baixo de um carvalho. Do alforje tirou um pedaço de corda, que amarrou em forma de correia ao redor do pescoço de Narigudo; depois sacou seu fuzil do estojo da sela, engatilhou-o e avançou em silêncio. Levava a corda do cachorro na mão esquerda e o fuzil na direita.

O bosque terminava em um campo de trigo que descia em ladeira pela colina para o caminho sem cercas de onde se erguia a poeira para ficar suspensa na calorosa atmosfera. Sharpe, que havia aberto sua luneta, olhava fixamente o antigo e conhecido inimigo.

A infantaria francesa, com suas casacas azuis, marchava sobre o trigo pisoteado de ambos os lados do caminho, deixando assim a superfície mais dura da estrada livre para a passagem da artilharia. Os canhões eram de doze libras. A cada instante os canhões paravam quando alguma obstrução interceptava o caminho da comprida coluna. Os oficiais do estado-maior galopavam em magníficos cavalos pelas largas valetas da estrada. Na ladeira do outro lado do vale um esquadrão de lanceiros vermelhos atravessava um trigal a meio galope e cada um dos cavalos ia deixando sulcos retos de plantas esmagadas.

Sharpe não tinha relógio, mas calculou que estava no extremo do bosque há umas duas horas, durante as quais contou vinte e dois canhões e quarenta e oito carroças de aprovisionamento. Viu também duas carruagens que talvez transportassem oficiais de alta patente, e pensou que uma das carruagens poderia pertencer ao próprio imperador. Sharpe

havia combatido contra os franceses durante vinte anos, mas nunca vira o imperador; espontaneamente, uma imagem súbita e infantil de um homem com rabo fendido, chifres afiados e presas demoníacas espreitou os temores de Sharpe, que foram agravadas pela verdadeira reputação do Imperador de ser um genial soldado cuja presença em um campo de batalha era mais valiosa que todo um corpo de soldados.

Os franceses seguiam sua marcha para o norte. Sharpe contou dezoito batalhões de infantaria e quatro esquadrões de cavalaria, um dos quais, formado por dragões, cavalgava muito perto de seu esconderijo no extremo do bosque, mas nenhum dos soldados da cavalaria francesa olhou para a esquerda para ver o lugar onde o inglês e seu cachorro permaneciam entre as sombras. Os cavaleiros franceses estavam tão perto que Sharpe pôde ver suas *cadettes*, as tranças que molduravam o rosto de cada um daqueles homens como sinal de distinção. O equipamento que levavam tinha aspecto de novo e de qualidade, e seus cavalos estavam bem alimentados. Na Espanha os franceses tinham fustigado e feito correr seus cavalos até extenuá-los, mas aqueles esquadrões acabavam de montar em animais fortes e sãos.

Uma cavalaria recém montada, dezoito batalhões de infantaria e vinte e dois canhões não constituíam um exército, mas sem dúvida representavam uma ameaça. Sharpe era consciente de que o que estava vendo era muito mais que uma incursão da cavalaria, ainda que não estivesse seguro se tratava-se da verdadeira invasão. Era possível que aqueles homens não fossem mais que um poderoso chamariz pensado para atrair os aliados para Charleroi, enquanto a autêntica ofensiva francesa, estimulada pela presença do Imperador, atacava a uns quarenta quilômetros a oeste, em Mons.

Sharpe deslizou afastando-se da linha de árvores e subiu lentamente na sela. Agora seu trabalho consistia em comunicar ao quartel general dos aliados o que havia visto: que os franceses cruzaram a fronteira e que, portanto, a campanha tinha começado. Sharpe se lembrou que Lucille, que fielmente abandonara a França para permanecer a seu lado, fora convidada para um caro baile da moda que se celebraria em Bruxelas naquela mesma noite. O gasto seria em vão, pois o imperador havia modificado o calendário social. Sharpe, que detestava bailar, sorriu ante a ideia, deu a volta e esporeou o cavalo para regressar para casa.

A uns três quilômetros de distância, nas ruas de Charleroi, o imperador estava sentado à porta da pousada *Belle Vue*. Haviam estacionado sua carruagem oculta, e haviam amarrado seu cavalo branco a um poste na beira do caminho, assim os soldados que passavam acreditariam que o imperador se dirigia à guerra a cavalo e não transportado com atapetada comodidade. Os homens aclamavam seu monarca: *Vive l'Empereur! Vive l'Empereur!* Os tambores, que com seus redobres marcavam tediosamente o ritmo da marcha, prorrompiam em jubilosas rajadas de som quando seu imperador estava perto. As tropas não podiam se aproximar do ídolo já que era protegido por membros da guarda com chapéus de pele de urso, mas alguns soldados romperam filas para beijar o pálido cavalo do Imperador.

Napoleão não mostrou nenhuma reação ante a adulação dos soldados. Ficou sentado sem

se mover, envolvido em um gabão apesar do opressivo calor que fazia e com o rosto voltado para o bico de seu chapéu posto com uma ponta para frente e a outra para trás para que seus olhos ficassem sombreados. Estava sentado em uma cadeira baixa, a cabeça inclinada com um aspecto que para todo mundo parecia o de um gênio concentrado na contemplação; contudo, estava profundamente adormecido.

Do outro lado da ponte capturada, um oficial de artilharia francês deu um pontapé no falecido soldado da infantaria prussiano e o atirou ao rio Sambre. Por alguns instantes o cadáver ficou preso em um tronco meio afundado, depois um redemoinho liberou o morto e o levou para o oeste.

Fazia seis horas que a campanha havia começado.

Sharpe saiu do bosque e fez sua égua girar para o noroeste. O cavalo cansado enfrentava uma viagem de pelo menos trinta quilômetros através do frondoso campo, pelo que o manteve a um trote leve. O sol estava alto e tão forte como nos dias que Sharpe recordava das longas campanhas na Espanha. O cachorro, sem aparentes mostras de cansaço, ia na frente perambulando com entusiasmo.

Passaram cinco minutos antes de Sharpe perceber a presença dos dragões franceses que o seguiam. Os cavaleiros inimigos se perfilavam contra o horizonte ao sul e Sharpe supôs que deviam ter seguido sua pista desde que saíra das árvores. Amaldiçoou-se por sua falta de cuidado e cravou os calcanhares para que a cansada égua fosse mais depressa. Esperava que os franceses se contentassem em afastá-lo da estrada e não em persegui-lo e aprisioná-lo, mas quando fez a égua acelerar o passo, os franceses esporearam igualmente seus cavalos.

Sharpe rumou para o oeste afastando-se da estrada de Bruxelas, onde esperava que os dragões estivessem vigiando. Durante trinta minutos forçou o cavalo, sempre com a esperança de que sua fuga convencesse os dragões a abandonarem a perseguição, mas os franceses eram teimosos, ou talvez a caça representasse uma mudança agradável em seu tedioso dia. Seus cavalos estavam mais descansados e paulatinamente iam se aproximando de Sharpe, que, para poupar as forças da égua, evitou as piores colinas, mas finalmente se viu preso em um longo vale e se viu obrigado a conduzir sua égua por uma pronunciada ladeira coberta de capim que conduzia a um horizonte nu.

A égua enfrentou corajosamente a ladeira da colina, mas nem sequer o longo descanso no escuro e fresco bosque havia lhe devolvido todas suas forças. Sharpe a esporeou para chegar a um deselegante galope que fez sua pesada espada se sacudir na bainha com o disco da empunhadura golpeando dolorosamente contra sua coxa esquerda. Os dragões, agrupados como cavaleiros de uma corrida de obstáculos, chegaram ao pé da ladeira. Um dos franceses havia tirado sua carabina do coldre e tentou um disparo longo contra Sharpe, mas a bala passou assobiando inofensivamente por cima de sua cabeça.

A égua ofegava quando alcançou o cume. Quis refutar, mas Sharpe a fez passar através do espaço de cerca que crescia desordenadamente, e a esporeou para atravessar um campo ondulante que fora arado anos atrás, e os velhos sulcos ainda formavam ondulações que se

apresentavam ante Sharpe como ondas de pálida grama. Sharpe galopava pelas ondas cheias de grama e a égua percorria pesadamente o terreno duro e desigual sacudindo ele com cada passo que dava. Narigudo se adiantou a toda velocidade, retrocedeu descrevendo um círculo, ladrou alegremente e depois correu junto à sofrida égua. Sharpe virou-se para olhar para trás e viu que os primeiros dragões alcançavam a linha do horizonte.

Tinham se dispersado e corriam a toda velocidade para capturá-lo. O campo sulcado se estendia em declive a frente de Sharpe e descia para um extenso e escuro carvalhal de onde saía um caminho de carroça em direção norte que ia para uma grande fazenda com paredes de pedra e aspecto de um forte em miniatura. Sharpe olhou para trás, os dragões mais próximos estavam somente a uns escassos cento e cinquenta metros de distância. Havia desembainhado suas longas espadas e seus cavalos mostravam os dentes. Sharpe tentou desembainhar sua espada, mas ao soltar a mão direita das rédeas quase caiu e imediatamente a égua tentou parar.

— Vamos! — gritou para a égua, e com as esporas lhe raspou com força as ilhargas. — Vamos!

Olhou para a direita, meia dúzia de dragões galopava a toda velocidade para impedir sua retirada pelo caminho de carroça. Ele praguejou violentamente e fez a égua mudar de bordo de novo um pouquinho para o oeste, mas não fez mais que proporcionar a seus perseguidores um melhor ângulo para se aproximarem dele. O bosque estava apenas a uns cem passos de distância, mas a suada égua estava arruinada e diminuía a velocidade. Mesmo que o cavalo conseguisse chegar às árvores os dragões logo alcançariam Sharpe em meio ao emaranhado de vegetação rasteira. Xingou em silêncio. Se sobrevivesse estaria condenado a passar a guerra como prisioneiro.

Ao longe, o som de um trompete estrondou o ar com um desafio e fez Sharpe se virar assombrado para ver que alguns cavaleiros com casacas pretas saíam em tropel sem ordem nem acordo dos edifícios com aspecto de fortaleza da fazenda. Devia de haver pelo menos vinte soldados da cavalaria que desciam esporeando seus cavalos pelo caminho de carroça.

Sharpe reconheceu a cavalaria prussiana. Os cascos dos cavalos levantavam nuvens de poeira e o brilhante sol refulgia, bonito e cruel, nos desembainhados sabres dos soldados.

Os dragões que se encontravam mais perto dos prussianos imediatamente deram meia volta e galoparam de novo colina acima para se reunirem com seus camaradas. Sharpe deu um último e desesperado golpe de calcanhares em sua égua e inclinou a cabeça quando esta atravessou estrepitosamente um samambaial e entrou assim na fresca margem do bosque. Ela não iria mais longe, limitou-se a subir e ficar debaixo das árvores tremendo, suando e ofegando. Sharpe desembainhou sua enorme espada.

Dois dragões com uniforme verde seguiram Sharpe entre as árvores. Aproximavam-se a toda velocidade, o soldado que encabeçava se dirigia para Sharpe por sua esquerda e o outro por sua direita. Sharpe se encontrava de costas para seus atacantes, e a égua estava exausta demais e era muito teimosa para dar meia volta. Deu um golpe com a espada para frente de seu corpo para parar o ataque do soldado que estava a sua esquerda. A lâmina do francês soou

como um sino contra a espada de Sharpe e desceu roçando o aço até ser detida pelo disco da empunhadura. Sharpe se livrou da lâmina do dragão e desesperadamente deu um revés com a longa espada para receber a arremetida do segundo soldado. Foi um golpe tão furioso que Sharpe perdeu o equilíbrio, mas também aterrorizou o segundo dragão que evitou a sibilante lâmina dando uma frenética virada. Sharpe se agarrou à crina de sua égua para voltar a se equilibrar. Os dois dragões haviam passado galopando junto a Sharpe e nesse momento tentavam dar a volta em seus cavalos para uma segunda acometida.

No campo atrás de Sharpe os cavaleiros prussianos estavam se alinhando para enfrentar os dragões que restavam, os quais, superados em número, se retiraram cautelosamente para a linha do horizonte. Aquele enfrentamento não era assunto de Sharpe; o que lhe importava eram os dois cavaleiros que nesse instante estavam em sua frente no bosque. Eles olharam para além de onde Sharpe se encontrava para calcular a melhor maneira de se reunir com seus camaradas, ainda que estivesse claro que primeiro queriam matar Sharpe.

Um deles começou a sacar a carabina de seu coldre.

— Pegue ele, Narigudo! — Gritou Sharpe, e ao mesmo tempo cravou esporas de uma maneira tão selvagem que a exausta e assombrada égua avançou com uma sacudida e quase derrubou Sharpe de sua alta sela de hussardo. Gritou para os dois soldados para assustá-los. O cachorro se jogou em cima do soldado mais próximo que, carregado com a carabina e a espada, não pôde atravessar ao cachorro com seu aço, então a égua de Sharpe se chocou com o cavalo do francês e sua enorme espada investiu contra o dragão. A lâmina bateu na viseira do capacete coberto com tecido do soldado, que ressoou em seus ouvidos como um toque de defuntos. O assediado francês gritou desesperadamente pedindo ajuda a seu companheiro que tentava se situar atrás de Sharpe para lhe dar uma estocada direta nas costas.

Sharpe voltou a acometer com sua espada e nessa ocasião o golpe aterrizou na parte traseira do capacete. O aço rasgou o forro de lona e deixou descoberto um lampejo de metal cheio de cicatrizes. O dragão deixou cair sua carabina e às apalpadelas tentou segurar sua espada pendurada na munhequeira. Foi lerdo e não conseguiu pegá-la. Sharpe arremeteu contra ele, mas Narigudo havia assustado o cavalo do francês que girou e se afastou levando o dragão para fora do alcance de Sharpe, cujos olhos ardiam com o suor. Tudo parecia difícil. Esporeou seu cavalo e avançou com a espada para cima quando um grito soou atrás e o fez girar na sela. Viu dois soldados da cavalaria alemã apertando o passo para o segundo soldado francês. Ouviu o som do choque de espada contra sabre e um grito calou subitamente. Sharpe buscou de novo seu próprio adversário, mas o primeiro dragão já havia tido o suficiente e oferecia sua espada em submissa rendição.

— Narigudo! Desça! Solte-o! O segundo dragão estava morto, seu pescoço foi cortado por um sabre de hussardo. Seu assassino, um desdentado sargento prussiano, sorriu abertamente para Sharpe e depois limpou sua lâmina curva passando-a em um maço de cabelos da crina de seu cavalo. O sargento usava uma caveira pirata de prata em seu chapéu preto, uma visão que fez o prisioneiro de Sharpe ficar ainda mais nervoso. Os outros franceses se batiam em retirada ladeira acima, não estavam dispostos a lutar contra os mais numerosos hussardos de uniforme negro. O oficial dos hussardos ia à frente de seus homens e provocava o oficial

francês para que se batesse em duelo, mas este era astuto demais para arriscar sua vida com tão vãos heroísmos.

Sharpe estendeu a mão e pegou as rédeas do cavalo do dragão.

— Desmonte — falou em francês.

— O cachorro, monsieur!

— Desmonte! Rápido! O prisioneiro desmontou e saiu do bosque aos tropeços. Quando tirou o amassado capacete revelou um hirsuto cabelo loiro sobre um rosto de nariz empinado. Sharpe se lembrou de Jules, o filho do moleiro de Seleglise que costumava ajudá-lo com o rebanho de ovelhas de Lucille e que tanto entusiasmara com o regresso à França de Napoleão. O dragão aprisionado tremeu quando a cavalaria alemã o rodeou.

O capitão prussiano se dirigiu a Sharpe em um irritado alemão. Sharpe disse que não com a cabeça.

— Fala inglês?

— *Nein. Francais, peut-être?* — Falaram em francês. A ira do capitão dos hussardos fora provocada pela negativa do francês de lutar com ele.

— Hoje não foi permitido a ninguém lutar! Fomos ordenados a sair de Charleroi. Por que diabos viemos à Holanda? Por que não damos a Napoleão as chaves de Berlim e acabamos com tudo isto? Quem é o senhor, *monsieur*?

— Meu nome é Sharpe.

— Britânico, hein? Eu me chamo Ziegler. Sabe o que demônios está ocorrendo? — Um regimento inteiro de lanceiros vermelhos havia obrigado Ziegler e seus homens se dirigirem para o oeste. Assim como os dragões do campo, Ziegler havia se retirado antes que se lançar a um enfrentamento de desiguais possibilidades. Ele e seus soldados estavam descansando na fazenda quando viram a ignominiosa fuga de Sharpe.

— Pelo menos matamos um desses sacanas.

Sharpe contou a Ziegler o que sabia e não fez mais que confirmar o que o capitão prussiano já havia descoberto por si mesmo. As forças francesas avançavam para o norte desde Charleroi e provavelmente seu objetivo era o espaço que havia entre os exércitos britânico e prussiano. Naquele momento Ziegler se encontrava com a passagem cortada no lado equivocado da estrada que ia para Bruxelas, mas o aperto não o preocupava.

— Cavalgaremos para o norte até que não haja mais malditos franceses e depois iremos para o leste — voltou seu irascível olhar para o dragão capturado. — O senhor quer o prisioneiro? — perguntou a Sharpe.

— Eu levarei seu cavalo. — O aterrorizado jovem francês tentou responder às perguntas de Sharpe, mas ou sabia muito pouca coisa ou estava ocultando habilmente o que sabia. Disse que achava que o imperador se encontrava com as tropas no caminho para Bruxelas, mas que ele pessoalmente não o vira. Não sabia nada sobre nenhum avanço mais a oeste, perto de Mons.

Ziegler não queria que o prisioneiro o atrasasse, assim ordenou ao francês que tirasse as botas e a casaca, e depois ordenou a seu sargento que cortasse os suspensórios de seu macacão.

— Vá embora! Dê graças a Deus que não o tenha matado! — O francês, descalço e agarrando as calças, foi para o sul a toda pressa.

Ziegler deu a Sharpe um pedaço de salsicha fria, um ovo duro e um pedaço de pão preto.

— Boa sorte, inglês! Sharpe agradeceu. Havia montado no cavalo do dragão e levava pelas rédeas a cansada égua. Supôs que os generais aliados já devessem estar conscientes do avanço francês, mas seguia sendo seu dever informar o que vira, portanto esporeou o cavalo, disse adeus com a mão aos prussianos e seguiu em frente.

## Capítulo 4

Viam-se nuvens a oeste. O vapor que se levantava por cima do mar do Norte se deslocava lentamente para o leste e galopava formando cúmulos brancos e cinzentos sobre a costa. Os agricultores temiam que uma forte chuva prejudicasse as plantações que amadureciam.

Tais preocupações não passavam pela cabeça do major prussiano que fora enviado a Bruxelas com notícias sobre o avanço francês e detalhes da reação dos prussianos. No relato explicava que a guarnição prussiana em Charleroi estava recuando, não para Bruxelas, mas para o nordeste onde se reunia o principal exército prussiano. As notícias do major eram de vital importância se as tropas britânicas e holandesas fossem se unir aos prussianos... O major enfrentava uma viagem de uns cinquenta quilômetros. Era um dia ensolarado e muito quente, e ele era enormemente gordo e estava cansado. O esforço dos primeiros oito quilômetros, quando pensava que os dragões poderiam sair repentinamente de trás de qualquer cerca ou granja, havia deixado exaustos tanto o major como o cavalo, portanto, quando se sentiu a salvo, sensatamente diminuiu a marcha e seguiu a um passo tranquilo, pensativo e reconfortante. Após uma hora chegou a uma pequena pousada na beira do caminho situada no alto de uma colina, e ao virar-se viu que a pousada oferecia uma boa visão da estrada até o horizonte, de maneira que poderia ver qualquer francês que o perseguisse muito antes de que representasse algum perigo. Não havia nenhum movimento no caminho além de um homem que conduzia oito vacas de um campo para outro.

O major se levantou com cuidado da sela, deslizou pesadamente até o solo e atou seu cavalo ao poste indicador da pousada. Falava francês bastante bem e desfrutou deliberando sobre a comida com a jovem e bonita garçonete que compareceu à mesa que havia junto ao caminho e que o major escolhera como posição estratégica. Decidiu-se por frango assado e verduras seguido de bolo de maçã e queijo. Pediu uma garrafa de vinho tinto, mas não do comum.

O sol resplandecia no longo caminho que ia ao sul.

Alguns camponeses segavam sem parar em um campo situado a uns oitocentos metros. Muito mais longe, além dos borrados campos e bosques, a poeira branqueava o céu. Tratava-se da nuvem artificial levantada por um exército, mas não havia tropas para ameaçarem o tranquilo descanso do major, portanto este não viu nenhum motivo para se apressar muito, sobretudo quando o frango assado estava excelente: a pele do frango estava muito bem torrada e sua carne amarela era succulenta. Quando a garota levou o bolo lhe perguntou se Napoleão estava se aproximando.

— Não se preocupe, querida! Não se preocupe.

Muito mais ao norte de onde o major se encontrava, em Bruxelas, um destacamento de soldados dos Highlanders havia recebido a ordem de dirigir-se à casa do duque de Richmond,



onde os fizeram passar ao deslumbrante salão de baile adornado com as cores da bandeira belga. Antes de servirem o jantar, os Highlanders ofereceriam aos convidados uma mostra de sua dança.

O tenente dos Highlanders pediu que levantassem do piso um dos lustres apagados para se assegurar que havia espaço suficiente para que seus bailarinos cruzassem as espadas. A duquesa, cuidando para que cada detalhe de seu baile estivesse a contento, se empenhou em que fizessem uma demonstração.

— Trarão gaiteiros esta noite? — perguntou a duquesa.

— Certamente, sua excelência. Aquilo não fez mais que proporcionar à duquesa um novo detalhe com o qual se preocupar: como o maestro da orquestra saberia quando fazer seus músicos pararem de tocar para que as gaitas pudessem começar?

Seu marido lhe assegurou que, sem dúvida, a orquestra e os gaiteiros saberiam dispor as coisas de forma satisfatória para ambos, e também achava que a duquesa devia deixar que se encarregassem do baile aqueles que recebiam para ocupar-se dos detalhes, mas naquela tarde a duquesa insistiu em expressar suas preocupações. Perguntou muito seriamente a seu marido se deveria pedir ao príncipe de Orange que não levasse com ele o tenente-coronel Sharpe.

— Quem é Sharpe? — perguntou o duque de trás do exemplar de *The Times*.

— É o marido da garota de Johnny Rossendale. Temo que ela virá. Tentei convencê-lo a não trazê-la, mas não há dúvida de que está louco por ela...

— E esse Sharpe é seu marido?

— Foi o que acabei de lhe dizer, Charles. Também é ajudante de campo do Esbelto Billy.

O duque lançou um grunhido.

— Está claro que esse Sharpe é tonto se permite que um idiota como Johnny Rossendale o converta em um cornudo.

— Precisamente por isso deveria falar com o Príncipe, disseram que esse Sharpe é um homem sumamente tosco, e é muito provável que deixe Johnny em fatias.

— Se é uma pessoa tão tosca, querida, sem dúvida não quererá vir a seu baile. E certamente eu não mencionaria o assunto a Orange. Esse maldito juvenzinho idiota só trará Sharpe se souber que com isso haverá problemas. É melhor não mexer no ponto, querida, deixe correr.

Mas a duquesa não era das que deixavam correr aquilo em que pudesse interferir.

— Talvez devesse falar com Arthur? O duque largou bruscamente o jornal sobre a mesa.

— Não vai incomodar Wellington por dois malditos idiotas e sua boba meretriz.

— Se você diz, Charles.

— Eu o digo. — Levantou a muralha de jornal convidando ao silêncio.

O outro duque inglês que em Bruxelas, Wellington, teria ficado agradecido de saber que

Richmond lhe poupava das preocupações da duquesa, pois o comandante em chefe dos exércitos britânico e holandês já tinha problemas mais que suficiente. Uma dessas preocupações, a menor de todas, era a perspectiva de ter que passar fome. Wellington sabia por amarga experiência que se veria obrigado a manter tantas reuniões no baile que o jantar se solidificaria inevitavelmente em seu prato. Portanto, pediu que naquela tarde às três lhe servissem em suas dependências um jantar antecipado de anejo assado.

Depois, ao observar que o céu estava ficando nublado a oeste, deu seu passeio da tarde pelo bairro da moda de Bruxelas. Teve muito cuidado de mostrar um aspecto alegre e despreocupado enquanto passeava com seu bastão porque sabia muito bem que os simpatizantes franceses da cidade procuravam qualquer indício de derrotismo aliado que pudessem converter em polêmica para desmoralizar as tropas belgo-holandesas.

A qualidade dessas tropas era o centro das verdadeiras preocupações do duque. Teoricamente seu exército era de noventa mil homens, mas só a metade dessa força era confiável.

O núcleo do exército do duque era sua infantaria. Tinha trinta batalhões de casacas-vermelhas, mas somente a metade havia combatido em suas campanhas espanholas e a qualidade da outra metade não era conhecida. Tinha uns excelentes batalhões de infantaria da Legião Alemã do Rei e algumas entusiastas tropas hanoverianas, juntas somavam menos de quarenta mil homens. Para completar o número de soldados tinha o exército belga-holandês, mais de trinta mil soldados de infantaria no total, no qual não confiava em absoluto. A maior parte do contingente belga-holandês havia lutado para o imperador e ainda vestia seus uniformes. O rei da Holanda assegurou ao duque que os belgas combateriam, mas Wellington se perguntava: a favor de quem?

O duque também dispunha de cavalaria, mas não tinha nenhuma fé nos cavaleiros, quer fossem holandeses ou ingleses. Sua cavalaria alemã era de primeira classe, mas lamentavelmente pouco numerosa, enquanto que seus soldados da cavalaria inglesa não eram mais que tontos a cavalo: caros e susceptíveis, propensos à loucura e homens que não conheciam a disciplina. Para o duque, os cavaleiros belga-holandeses podiam recolher suas coisas e marchar para casa naquele mesmo instante.

Tinha noventa mil homens, a metade provavelmente atuassem bem, e sabia que talvez enfrentasse cem mil veteranos de Napoleão. Os veteranos do Imperador, inquietos contra as injustiças da França *borbônica*, tinham se alegrado com o regresso de Napoleão e compareceram em massa para se unirem às águias. O exército francês, que conforme pensava o duque ainda estava se concentrando ao sul da fronteira, possivelmente fosse o melhor instrumento que Napoleão jamais tivesse comandado. Todos seus soldados haviam combatido antes, estavam recém equipados e buscavam vingança contra os países que haviam humilhado a França em 1814. O duque tinha motivos de preocupação — mas, enquanto descia passeando pela Rua Royale, era obrigado a manter uma fisionomia boa ante os desesperados prognósticos, para que sua angústia não animasse seus inimigos. O duque também podia se agarrar a uma forte esperança, seu improvisado exército não lutaria sozinho contra Napoleão, teria a companhia dos prussianos do príncipe Blücher. Venceriam desde que os exércitos

britânico e prussiano unissem suas forças; separadamente, temia o duque, seriam destruídos.

Contudo, a uns quarenta quilômetros ao sul, os franceses já faziam retroceder para o leste as forças prussianas, afastando-as das britânicas. Em Bruxelas ninguém sabia que os franceses haviam invadido. Ao contrário, preparavam-se para o baile de uma duquesa. Enquanto isso, um gordo oficial prussiano pagava por seu frango assado, terminava o vinho e partia sem nenhuma pressa para o norte.

À uma da tarde, oito horas depois dos primeiros disparos ao sul de Charleroi, Sharpe se encontrou com mais soldados de cavalaria; desta vez era uma patrulha vestida com casacas azul-escuro com caras vermelhas que cruzaram ansiosa e ruidosamente um campo e rodearam Sharpe e seus dois cavalos. Eram soldados das tropas hanoverianas, exilados que formavam a Legião Alemã do Rei que tão bem e com tanta dureza haviam combatido na Espanha. Naquele instante os soldados alemães observavam com desconfiança o estranho uniforme de Sharpe, até que um dos soldados da cavalaria viu o “N” na gualdrapa da sela e os sabres fizeram um ruído áspero ao serem extraídos de suas bainhas, enquanto os cavaleiros gritavam para Sharpe se render.

— Vão à merda! — grunhiu Sharpe.

— O senhor é inglês? — perguntou o capitão nesse mesmo idioma. Estava montado em um magnífico cavalo negro castrado, descansado e de lustrosa pelagem. A manta de sua sela tinha o monograma real britânico, um lembrete de que o rei da Inglaterra também era monarca de Hanover.

— Sou o tenente-coronel Sharpe, do estado-maior do príncipe de Orange.

— Deve nos perdoar, senhor. — O capitão, que se apresentou como Hans Blasendorf, embainhou seu sabre. Explicou a Sharpe que sua patrulha era uma das muitas que diariamente reconheciam o terreno ao sul da fronteira francesa e do outro lado; aquele esquadrão tinha ordens de explorar os povoados ao sul e ao leste de Mons até chegar ao Sambre, sem invadir o território prussiano.

— Os franceses já estão em Charleroi — disse Sharpe ao alemão.

Blasendorf ficou boquiaberto diante de Sharpe em assombrado silêncio por alguns instantes.

— Tem certeza?

— Tenho! — O cansaço fez Sharpe se indignar. — Acabo de vir de lá! Tomei este cavalo de um dragão ao norte da cidade.

O alemão compreendeu a desesperada urgência das notícias de Sharpe. Arrancou uma folha de seu caderno, ofereceu-a junto com um lápis a Sharpe e se ofereceu voluntário com sua própria patrulha para levar o boletim ao quartel general de Dornberg em Mons. Dornberg era o general ao comando daquelas patrulhas de cavalaria que vigiavam a fronteira francesa; encontrar-se com um de seus oficiais fora um golpe de sorte para Sharpe; por pura

casualidade havia se encontrado precisamente com soldados que alertavam aos aliados de qualquer avanço francês.

Sharpe pediu emprestado uma barretina de um dos soldados da cavalaria e utilizou sua plana e redonda parte superior como apoio. Não escrevia muito bem porque tinha aprendido tarde na vida e, mesmo que Lucille o tivesse convertido em um leitor muito melhor, seguia sendo desajeitado com a pena ou o lápis. Contudo, da maneira mais clara, anotou o que tinha observado: um enorme contingente de infantaria, cavalaria e artilharia marchava para o norte desde Charleroi pela estrada de Bruxelas. Haviam aprisionado um soldado que informou da possibilidade de o imperador se achar entre aquelas forças, mas o prisioneiro não estava seguro disso. Sharpe sabia que para Dornberg era importante saber onde se encontrava o imperador, já que, onde Napoleão cavalgasse, seria o ataque principal dos franceses.

Assinou o boletim com seu nome e posto e o entregou a Blasendorf, que prometeu entregá-lo tão rapidamente quanto seus cavalos pudessem atravessar a campina.

— E peça ao general Dornberg que diga ao chefe do estado-maior do príncipe que estou vigiando o caminho de Charleroi — acrescentou Sharpe.

Blasendorf respondeu consentindo com a cabeça enquanto virava seu cavalo e se afastava quando, ao dar-se conta do que Sharpe havia dito, voltou a olhar para trás com preocupação.

— Vai regressar para o caminho, senhor?

— Vou regressar. — Sharpe, tendo deixado sua mensagem em boas mãos, podia voltar e observar os franceses. Para dizer a verdade ele não queria ir porque estava cansado e dolorido de tanto cavalgar, mas naquele dia os aliados necessitavam de informação precisa sobre o inimigo para que sua reação pudesse ser certa, rápida e mortífera. Por outro lado, a aparição dos franceses estimulou seu entusiasmo. Ele havia pensado que viver na Normandia lhe provocaria certa ambivalência por seu antigo inimigo, mas havia passado muitos anos combatendo aos franchinotes para renunciar de repente à necessidade de vê-los vencidos.

Mais pela força do costume que pelo senso do dever, fez girar o seu cavalo apreendido e voltou a cavalgar para o inimigo. Enquanto isso, ao norte, Bruxelas dormia.

O general de divisão sir William Dornberg recebeu o boletim escrito a lápis na prefeitura de Mons, que fora convertida em seu quartel general e onde transformara a antiga sala consistorial em sua sala de mapas. Aquele aposento com painéis, dos quais penduravam empoeirados escudos de armas, se adequava a seu amor próprio, pois Dornberg era um homem muito orgulhoso que estava convencido que a Europa não apreciava seu talento militar como era devido. Antes havia lutado com os franceses, mas não o promoveram além do posto de coronel, pelo que havia desertado para se unir aos britânicos, que recompensaram sua defeção com o título de sir e o generalato, mas mesmo assim ele se sentia ofendido. O puseram ao comando de uma brigada de cavalaria, apenas uma dúzia de sabres, enquanto homens que ele considerava menos capazes comandavam divisões inteiras. De fato, o Príncipe de Orange, um jovem inexperiente, comandava um corpo!

— Quem é este homem? — perguntou ao capitão Blasendorf.

— Um inglês, senhor. Um tenente-coronel.

— Com um cavalo francês, você disse?

— Diz que capturou o cavalo, senhor. Dornberg franziu o cenho ante a mensagem, tão mal escrita com grosseiras letras maiúsculas a lápis que podia ter sido rabiscada por um menino.

— A que unidade pertencia este inglês... Sharpe? Chama-se assim? Sharpe?

— Se for o Sharpe que acredito que seja, senhor, então se trata de um soldado muito famoso. Recordo-me que na Espanha...

— Espanha, Espanha! Não faço mais que ouvir falar da Espanha! — palma da sua mão, em seguida, olhou com olhos salientes o infeliz Blasendorf. — Ao escutar alguns oficiais deste exército se pensa que nunca se lutou outra guerra que não fosse na Espanha! Eu perguntei, capitão, a que unidade pertencia este tal Sharpe.

— É difícil de dizer, senhor — o capitão da LAR franziu o cenho ao tentar se recordar do uniforme de Sharpe. — Casaca verde, chapéu indefinido e macacão de caçador. Disse que pertencia ao estado-maior do príncipe de Orange. Na realidade pediu que o senhor comunicasse ao quartel general do príncipe que ia voltar a Charleroi.

Dornberg ignorou as últimas frases e se aferrou a algo muito mais importante.

— Macacão de caçador? Refere-se a um caçador francês? — Blasendorf ficou em silêncio e depois consentiu.

— Parecia que sim, senhor.

— Você é um idiota! Um idiota! O você é? — Blasendorf ficou calado alguns instantes e depois, diante do constrangedor desprezo de Dornberg, admitiu envergonhado que era um idiota.

— Era francês, idiota! — gritou Dornberg. — Tentam nos enganar. Não aprendeu nada da guerra? Querem que pensemos que avançarão por Charleroi enquanto vêm de Mons! De Mons! De Mons! — bateu no mapa com o punho fechado em cada uma das repetições desse nome e depois, com atitude desdenhosa, agitou o boletim de Sharpe na cara de Blasendorf. — Poderia ter limpado sua bunda com isto. Você é um idiota! Deus me livre dos idiotas! Agora regresse lá onde o viu. Vá, vá, vá!

O general Dornberg rasgou em pedaços o boletim. O imperador havia rompido a rede estendida para pegá-lo, mas a metade britânica da armadilha não estava consciente do que haviam capturado e, portanto, os franceses seguiram avançando.

A sudoeste de Bruxelas, na povoação de *Braine-le-Comte*, sua alteza real o Príncipe William, príncipe de Orange, herdeiro do trono da Holanda e duque, visconde, lorde, governador, marquês e conde de mais cidades e províncias do que nem mesmo ele podia se recordar, inclinou-se para frente em sua cadeira, olhou para o espelho que havia sobre a penteadeira e, com infinito cuidado, apertou uma espinha que tinha no queixo. Saiu de maneira muito satisfatória. Apertou outra vez, provocando um pequeno jorro de sangue.

— Droga, droga, droga, droga! — Essas que faziam sair sangue sempre deixavam uma marca arroxeadada em sua pele azeitonada e o Esbelto Billy queria especialmente ter o melhor aspecto possível no baile da duquesa de Richmond.

— *Eau de citron* — disse preguiçosamente a garota em sua cama.

— Está gaguejando, Charlotte.

— *Eau de citron*. Seca a pele e elimina as manchas. — Falava em francês. — Deveria usá-la.

— Merda — disse o Príncipe quando outra espinha estourou, sangrenta. — Porcaria, boceta e caralho! — Tinha sido educado na universidade de Eton, pelo que possuía um excelente domínio do inglês. Depois de Eton fora a Oxford e depois serviu no estado-maior de Wellington na Espanha. A nomeação fora uma questão puramente política já que Wellington não o queria e, portanto, o exilado príncipe havia sido mantido bem afastado de qualquer confronto; contudo, a experiência havia convencido o jovem de que gozava de um magnífico talento militar. Sua educação também lhe havia deixado um carinho por tudo aquilo que fosse inglês. Na realidade, além de seu chefe do estado-maior e um punhado de ajudantes de campo, todos seus amigos mais íntimos eram ingleses. Desejou que a pequena que estava na cama fosse inglesa, mas era belga e ele, detestava os belgas; para o Príncipe eram uma raça de camponeses vulgares que pareciam bois.

— Odeio você, Charlotte. — Falava em inglês para a garota. Seu nome era Paulette, mas o Príncipe chamava Charlotte todas as garotas desde que a princesa inglesa que a princípio havia acedido a se casar com ele depois rompeu inexplicavelmente o compromisso.

— O que está dizendo? — Paulette não falava inglês.

— Você fede como uma porca — continuou dizendo o Príncipe em inglês —, tem coxas de granadeiro, suas tetas são gordurosas e, em resumo, é uma belga típica e a odeio. — Enquanto falava sorria carinhosamente para a pequena e Paulette, que na realidade era muito bonita, lhe lançou um beijo antes de voltar a se recostar nos travesseiros. Era uma prostituta que haviam trazido de Bruxelas e que recebia dez guinéus por dia para se deitar com o Príncipe e que, em sua opinião, merecia cada onça do precioso ouro. Paulette achava o Príncipe repulsivamente feio: era desagradavelmente magro, com uma protuberante cabeça redonda sobre um pescoço ridiculamente comprido. Tinha a pele pálida e com espinhas, os olhos esbugalhados e a boca era uma fenda grudenta parecida com a de uma rã. Ficava bêbado com a mesma frequência que sóbrio e em qualquer das duas condições tinha uma exagerada opinião de suas capacidades, tanto na cama como no campo de batalha. Tinha vinte e três anos e era comandante do Primeiro Corpo do exército do duque de Wellington. Aqueles que simpatizavam com o Príncipe o chamavam de Esbelto Billy, enquanto que seus detratores o denominavam o Jovem Franchinote. Seu pai, o rei William, era conhecido como o Velho Franchinote.

Ninguém com um pouco de senso comum queria que o Jovem Franchinote tivesse um posto de comando no exército do duque, mas o Velho Franchinote se negou redondamente a que a Holanda se unisse à coligação a menos que seu filho tivesse um alto comando e, portanto, os políticos londrinos haviam obrigado Wellington a ceder. Além disso, o Velho Franchinote

tinha se empenhado para que seu filho comandasse tropas britânicas e o duque também se vira forçado a consentir nesse ponto, ainda que só com a condição de que oficiais britânicos responsáveis fossem designados membros do estado-maior do Jovem Franchinote.

O duque forneceu uma lista de homens apropriados, sérios e formais, mas o Jovem Franchinote simplesmente havia riscado seus nomes substituindo-os pelos de amigos que havia feito em Eton, e quando alguns desses amigos declinaram a honra, encontrou outros simpáticos oficiais que sabiam como aliviar os rigores da guerra com desenfreada diversão. O Príncipe também escolheu uns poucos oficiais com experiência em combate e que exemplificassem suas próprias ideias sobre como se devia realizar uma guerra.

— Consiga-me os mais audazes! — ordenou a seu chefe de estado-maior, que, em poucas semanas, informou timidamente ao príncipe que o conhecido major Sharpe figurava na lista da reforma e ao que parece estava desempregado. O Jovem Franchinote requereu Sharpe imediatamente e adotou a petição com uma promoção. Alimentava a ilusão de que descobriria uma alma gêmea no famoso fuzileiro.

Mas por alguma razão e apesar do bom caráter do príncipe, não havia surgido tal amizade. O Príncipe achava que havia algo sutilmente irritante no sardônico rosto de Sharpe e suspeitou inclusive que o inglês tentava chateá-lo de forma deliberada. Devia de ter pedido uma vintena de vezes a Sharpe para vestir o uniforme holandês, e, contudo, o fuzileiro seguia apresentando-se com sua velha casaca verde esfarrapada. Isso quando Sharpe se molestava em deixar-se ver pelo quartel general do príncipe; aparentemente preferia passar os dias cavalcando pela fronteira francesa, um trabalho que para ser exatos era responsabilidade do pomposo generai Dornberg, o que lembrou ao príncipe que o boletim do meio-dia de Dornberg deveria ter chegado. Aquele dia esse boletim tinha especial importância já que se houvesse ameaça de problemas o Príncipe não poderia se permitir ir ao baile em Bruxelas. Mandou chamar seu chefe do estado-maior.

O barão Jean de Constant Rebecque informou a sua alteza que, de fato, o boletim de Dornberg havia chegado e que não continha nada alarmante. Não havia tropas francesas que causassem problemas no caminho para Mons; parecia que a campina belga dormia sob seu sol de verão.

O aliviado príncipe se deu por informado com um grunhido e depois se inclinou para frente para olhar com olho crítico para o espelho. Girou a cabeça para a direita e para a esquerda antes de lançar um olhar ansioso para Rebecque.

— Estou perdendo muito cabelo? — Rebecque fingiu realizar uma meticulosa inspeção e negou com a cabeça de modo tranquilizador.

— Não vejo absolutamente nada que indique que o esteja perdendo, senhor.

— Acredito que esta noite usarei o uniforme britânico.

— Uma escolha muito acertada, senhor. — Rebecque falava em inglês porque o Príncipe preferia esse idioma.

O príncipe deu uma olhada no relógio. Com sua carruagem tardaria pelo menos duas horas

para chegar a Bruxelas e necessitava de uma hora para trocar-se e pôr o traje vermelho-escarlata e dourado de um general de divisão britânico. Calculou outras três horas para desfrutar de um jantar privado antes de comparecer ao baile da duquesa onde sabia que a comida estaria fria e incomível.

— Sharpe já regressou? — perguntou a Rebecque.

— Não, senhor. — O Príncipe franziu o cenho.

— Droga! Se voltar diga-lhe que espero que vá ao baile.

Rebecque não pôde ocultar seu assombro.

— Sharpe? No baile da duquesa? — Haviam prometido a Sharpe que suas obrigações com o Príncipe não eram sociais e somente de assessoramento durante o combate.

O príncipe não ligava para as promessas que foram feitas ao inglês; forçando Sharpe ir ao baile demonstraria ao fuzileiro que era ele que mandava naquele quartel general.

— Ele me disse que detesta bailes!

— De qualquer maneira o obrigarei a ir ao baile para seu próprio bem. Todo mundo deveria gostar de bailes. Eu gosto! — enquanto ria, o Príncipe deu alguns passos saltitantes pelo quarto. — Temos que fazer o coronel Sharpe gostar de bailar! Tem certeza que você não quer ir ao baile esta noite, Rebecque?

— Ficarei aqui e serei os olhos e ouvidos de sua alteza.

— Muito bem. — O Príncipe, ao se recordar que tinha responsabilidades militares, ficou sério de repente, mas era uma pessoa alegre por natureza e não pôde evitar rir outra vez. — Imagino que Sharpe dança como um novilho belga! Pum, pum, pum! E sempre com aquela lúgubre expressão na cara. Teremos que convencê-lo, Rebecque.

— Estou seguro de que ele lhe agradecerá, senhor.

— E não se esqueça de dizer a ele para pôr o uniforme holandês esta noite!

— Farei isso, senhor. — O Príncipe partiu para Bruxelas uma hora e meia mais tarde e sua carruagem era escoltada por uma guarda de honra de carabineiros holandeses que tinham aprendido seu ofício a serviço do Imperador francês. Paulette, aliviada com a partida do príncipe, ficou em sua cama comodamente, enquanto que Rebecque levou um livro para seus aposentos. Os secretários copiaram trabalhosamente as ordens e fizeram uma lista dos batalhões que o Príncipe visitaria na próxima semana e das manobras que cada batalhão tinha que exhibir para que o Príncipe aprovasse.

As nuvens se amontoavam alto a oeste, mas o sol seguia caindo em cheio sobre o povoado. Um gato se fez enrolou junto ao capacho da porta principal do quartel general do príncipe, onde o sentinela, um casaca-vermelha britânico, parou para acariciar a cálida pelagem do animal. O trigo, o centeio, a cevada e a aveia amadureciam ao sol. Era um dia de verão perfeito que resplandecia pelo calor, o silêncio e toda a beleza da paz.



As primeiras notícias sobre a atividade dos franceses chegaram aos ouvidos de Wellington enquanto tomava seu jantar antecipado de anejo assado. A mensagem, que saíra de Charleroi a pouco menos de cinquenta e dois quilômetros de distância, fora enviada primeiro ao marechal Blücher em Namur e depois a haviam copiado e mandado a Bruxelas, uma viagem de mais de cento e dez quilômetros no total. A mensagem simplesmente informava que os franceses haviam atacado ao amanhecer e que a vanguarda prussiana fora deslocada para o sul de Charleroi.

— Quantos franceses? Ele não diz. E onde estão os franceses agora? O imperador está com eles? — perguntou o duque a seu estado-maior.

Ninguém sabia. O carneiro ficou abandonado em cima da mesa enquanto os membros do estado-maior do duque se agrupavam em torno de um mapa pendurado na parede da sala de jantar. Os franceses poderiam ter avançado adentrando-se no campo pelo sul de Charleroi, mas o duque, como sempre, cismava sobre o lado esquerdo do mapa que mostrava a enorme extensão de campo plano entre Mons e Tournai, onde ele temia um avanço francês que cortasse a passagem dos britânicos para o mar do Norte. Caso os franceses ocupassem Gante, o exército do duque seria privado do acesso às estradas pelas quais chegavam os suprimentos vindos do mar do Norte e sua rota de volta para casa.

Se estivesse na pele do Imperador, Wellington teria optado por essa estratégia. Primeiro teria levado uma força poderosa de diversão para Charleroi e então, quando os aliados se movessem para defender Bruxelas pelo sul, ele empreenderia o verdadeiro ataque por oeste. Foi precisamente com esse tipo de manobras deslumbrantes que o imperador havia resistido aos exércitos russo, prussiano e austríaco na primavera de 1814. Napoleão nunca tinha combatido de uma maneira tão brilhante como nas semanas anteriores a sua abdicação, e nenhuma pessoa, Wellington menos que ninguém, esperava agora outra coisa que não fosse a mesma inteligência.

— Não temos notícias de Dornberg? — perguntou bruscamente o duque.

— Nada. O duque voltou a olhar a mensagem dos prussianos. Não dizia quantos franceses haviam cruzado a fronteira nem se Blücher estava concentrando seu exército; só o que dizia era que forças francesas haviam feito a vanguarda prussiana retroceder.

Voltou à mesa. Suas próprias forças britânicas e holandesas se achavam disseminadas por uns oitocentos quilômetros quadrados de campina. Tinham que se dispersar dessa maneira não só para vigiar qualquer possível rota de invasão francesa, mas também para que a multidão de homens e cavalos não despojassem nenhuma localidade de comida e campos. Contudo, nesse momento soube que o exército devia começar a se reagrupar em formação de batalha.

— Vamos nos reagrupar — disse o duque. Cada uma das divisões do exército tinha uma vila ou cidade combinados de antemão onde se reuniriam e esperariam novas ordens. — E mandem um bom soldado até Dornberg para descobrir o que está acontecendo na frente dele. O duque voltou a franzir o cenho por causa da mensagem de Blücher, perguntando-se se havia reagido de forma exagerada ante a pouca informação que este proporcionava. Provavelmente, se a incursão francesa fosse um problema sério, os Prussianos teriam mandado um mensageiro

com urgência.

Dava no mesmo. Se fosse um alarme falso a concentração de tropas podia ser revogada no dia seguinte.

A pouco menos de quinze quilômetros ao sul, no pequeno povoado de Waterloo, o major prussiano tremendamente gordo havia detido seu lento e pesado cavalo em uma pequena pousada em frente à igreja. O vinho que tomara no almoço e o opressivo calor da tarde o haviam esgotado completamente. Pediu um pouco de reconfortante conhaque e então viu que entravam uma bandeja de padeiro cheia de deliciosos bolos por uma porta lateral da pousada.

— E alguns desses bolinhos, acho. Os de pasta de amêndoas, por favor.

Desceu deslizando da sela e se sentou agradecido em um banco que ficava à sombra de um pequeno castanheiro. O boletim que teria informado a Wellington da perda de Charleroi e o subsequente avanço francês estava nos alforjes do major.

O major se apoiou no tronco do castanheiro. Quase não havia movimento no povoado. A estrada pavimentada se estendia entre largos acostamentos cobertos de grama nos quais pastavam duas vacas amarradas e quatro cabras. Alguns frangos esgaravavam nos degraus da igreja onde um cachorro se contraía em seu sono. Um menino pequeno brincava de golpear com um bastão um pequeno toco de extremos cônicos, à semelhança do críquete, debaixo do arco de entrada do pátio dos estábulos da pousada. O obeso major, satisfeito, com aquela cena de inocência rural, sorriu alegremente e depois, enquanto aguardava que lhe servissem seu lanche, cochilou.

Os cavalos de Sharpe entraram coxeando no quartel general do príncipe de Orange somente dez minutos depois deste ter saído para Bruxelas. Algumas agressivas patrulhas francesas impediram Sharpe pela segunda vez de se aproximar da estrada, mas havia cavalgado cerca perto o bastante para ver as nuvens de poeira que se levantavam das botas, cascos e rodas de um exército em marcha. Nesse momento, aguentando a dor de suas coxas, desceu da sela. Gritou pedindo um cavaleiro, amarrou Narigudo a um aro metálico na parede do pátio dos estábulos e deu ao cachorro uma tigela de água antes de se dirigir coxeando para a silenciosa casa com seu mapa e suas armas. As manchas de poeira flutuavam nos raios de luz que penetravam através da clarabóia que havia em cima da porta principal. Olhou na sala de mapas, mas não havia ninguém.

— Oficial de serviço! — gritou Sharpe com irritação, e como ninguém respondeu, golpeou a coronha de seu fuzil contra os painéis de madeira do saguão. — Oficial de serviço!

A porta de um dormitório se abriu no andar de cima e apareceu um rosto apareceu sobre o corrimão.

— Espero que haja uma boa razão para todo este alvoroço! Ah, é o senhor!

Sharpe esquadrinhou a penumbra e viu o rosto afável do barão Jean de Constant Rebecque.

— Quem está de serviço?

— O coronel Winckler, acho, mas provavelmente esteja dormindo. É o que estamos fazendo quase todos. O Príncipe foi para Bruxelas e quer o senhor também vá — Rebecque bocejou. — Ele o quer no baile.

Sharpe ficou olhando fixamente para cima. Por alguns segundos ficou assombrado demais para dizer algo e Rebecque supôs que o silêncio expressava simplesmente o horror de Sharpe ao ordená-lo que comparecesse a um baile, mas então o fuzileiro explodiu com suas notícias.

— Não ficaram sabendo? Meu Deus, Rebecque, os malditos franceses se encontram ao norte de Charleroi! Mande uma mensagem para Dornberg faz horas!

As palavras ficaram flutuando no quente e quieto ar da escada. Rebecque ficou olhando fixamente em silêncio.

— Santo Deus! — exclamou após alguns segundos e começou a abotoar a casaca azul. — Oficiais! — seu grito ressoou por toda a casa. — Oficiais! — Dirigiu-se correndo para a escada desceu de três em três degraus. Mostre-me. — Passou junto de Sharpe e entrou na sala de mapas onde abriu as pesadas basculantes de madeira para inundar as mesas com a luz do sol.

— Aqui. — Sharpe colocou um dedo sujo sobre o mapa justo ao norte de Charleroi. — Forças mistas: infantaria, cavalaria e canhões. Estive lá esta manhã e voltei pela tarde. Em ambas as ocasiões a estrada estava abarrotada. Esta tarde não pude ver muito, mas pelo menos devia de haver um corpo inteiro nessa estrada. Um prisioneiro me disse que acreditava que Napoleão estava com eles, ainda que não tivesse certeza.

Rebecque ergueu o olhar para o rosto cansado e manchado de poeira de Sharpe e se perguntou como havia feito um prisioneiro, mas sabia que aquele não era o momento de fazer perguntas estúpidas. Virou-se para os outros oficiais do estado-maior que se amontoavam na sala.

— Winckler! Traga o Príncipe de volta, e apresse-se! Harry! Vá até Dornberg e averigue que demônios está ocorrendo em Mons. Sharpe, coma algo. Depois descanse.

— Eu posso ir a Mons.

— Descanse! Mas primeiro coma algo! Você está exausto, companheiro.

Sharpe obedeceu. Rebecque lhe agradava, era um holandês que, assim como seu príncipe, tinha estudado em Eton e Oxford. O barão fora o tutor do príncipe em Oxford e para Sharpe era a prova evidente de que a educação era um desperdício de esforços, já que o Príncipe não havia adquirido nem um pinga da modesta sensatez de Rebecque.

Sharpe procurou na cozinha deserta e encontrou um pouco de pão, queijo e cerveja. Quando estava cortando o pão, a pequena do príncipe, Paulette, entrou no cômodo meio sonolenta. Usava um vestido cinza com um cinturão que lhe rodeava a cintura sem apertar.

— Todo este ruído! — disse irritada. — O que ocorre?

— O imperador atravessou a fronteira. — Sharpe lhe falou em francês.

— Ótimo! — exclamou Paulette com ferocidade. Sharpe riu enquanto tirava o mofo de um pedaço de queijo com uma faca.

— Não quer pôr manteiga no pão? — perguntou a garota.

— Não encontrei.

— Está na área de serviço. Eu lhe trarei. — Paulette sorriu alegremente para Sharpe. Não conhecia bem o fuzileiro, mas achava que era o homem mais charmoso do estado-maior do príncipe. Muitos dos outros oficiais se consideravam bonitos, mas aquele inglês tinha um rosto cujas cicatrizes o faziam interessante e um sorriso difícil, mas contagioso. Trouxe uma tigela de manteiga tampada com musselina da área de serviço e afavelmente empurrou Sharpe para um lado. — Quer uma maçã com o queijo?

— Por favor. — Paulette preparou um prato de comida para ela e depois se serviu um pouco de cerveja da garrafa de Sharpe em uma das xícaras de chá de Sévres do príncipe. Bebeu uns tragos de cerveja e depois esboçou um sorriso brincalhão.

— O Príncipe me disse que sua mulher é francesa. — De alguma maneira Sharpe se desconcertou com a franqueza da garota, mas consentiu com a cabeça.

— É da Normandia.

— O quê? Como? Por quê? Conte-me. Quero saber! — Sorriu ao perceber seu próprio descaramento. — Gosto de saber tudo de todo mundo.

— Nós nos conhecemos quando a guerra terminou — disse Sharpe como se isso o explicasse tudo.

— E se apaixonou? — ela perguntou com avidez.

— Acho que sim, sim. — Ele parecia envergonhado.

— Não é algo do que se envergonhar! Eu me apaixonei uma vez. Ele era um dragão, mas partiu para combater na Rússia, pobre rapaz. Foi a última vez que o vi. Disse que se casaria comigo, mas acho que foi devorado pelos lobos ou morto pelos cossacos — suspirou ante a triste recordação de seu dragão desaparecido. — O senhor se casará com sua mulher francesa?

— Não posso. Já sou casado com uma senhora que vive na Inglaterra.

Paulette deixou de lado esse problema com um encolhimento de ombros.

— Então, divorcie-se dela!

— É impossível. Na Inglaterra um divórcio custa mais dinheiro do que poderia imaginar. Teria que ir ao Parlamento e suborná-los para que aprovassem expressamente uma lei para meu divórcio.

— Os ingleses são tontos. Acho que é por isso que o Príncipe gosta tanto de vocês. Sente-se lá como em sua casa — soltou uma gargalhada. Tinha um abundante cabelo castanho, olhos amendoados e um rosto felino. — Vivia na França com sua mulher?

— Sim.

— Por que partiu?

— Porque se tivesse ficado seria preso pelo imperador, e porque necessitava de meu soldo.

— Seu soldo? — Aquele interrogatório divertiu e também irritou Sharpe, mas era inofensivo, portanto satisfez a curiosidade da garota.

— Recebia uma pensão do exército britânico. Se tivesse permanecido na França não haveria nenhuma pensão.

Ouviru-se um forte ruído de cascos no pátio quando o coronel Winckler partiu atrás do príncipe. Sharpe, que se alegrava de não ter que cavalgar a nenhuma parte, começou a tirar suas apertadas botas. Paulette afastou suas mãos, pegou seu pé direito e o pôs no colo, tirou a bota com um puxão e a seguir fez o mesmo com seu outro pé.

— Meu Deus, como cheiram! — e rindo, afastou os pés de um empurrão — Madame partiu da França com o senhor? — as perguntas de Paulette tinham a inocente candura de um criança.

— Ela e nosso bebê, sim. — Paulette olhou para Sharpe com o cenho franzido.

— Veio pelo senhor? — Ele ficou em silêncio buscando uma resposta modesta, mas não lhe ocorreu outra coisa que não fosse a verdade.

— Claro. — Paulette apoiou sua xícara de cerveja contra o peito e ficou olhando fixamente através da porta aberta para o pátio dos estábulos, onde os frangos bicavam alguns grãos de aveia e o cachorro de Sharpe se contraía enquanto dormia esgotado.

— Sua mulher francesa deve amá-lo.

— Acho que me ama, sim.

— E o senhor? — Sharpe sorriu.

— Eu também a amo.

— E ela está aqui? Na Bélgica?

— Em Bruxelas.

— Com o bebê? É um menino ou uma menina? Quanto tempo tem?

— É um menino. Três meses, quase quatro. Também está em Bruxelas. — Ir, Paulette suspirou.

— Acho isso tão bonito. Gostaria de seguir um homem a outro país.

Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Para Lucille é muito duro. Detesta que eu tenha que lutar contra seus compatriotas.

— Então por que o faz? — perguntou Paulette em um indignado tom de voz.

— Também por meu soldo. Se me negasse a me reincorporar ao exército teriam suspenso minha pensão e é a única renda que temos. Portanto quando o Príncipe mandou me

chamar tive que vir.

— Mas não queria vir? — inquiriu Paulette com astúcia.

— A verdade é que não — o que era verdade, ainda que naquela manhã, quando espionara os franceses, Sharpe fora consciente do inegável prazer que lhe proporcionava fazer bem seu trabalho. Durante alguns poucos dias, supunha ele, devia se esquecer da aflição de Lucille e ser outra vez um soldado.

— Portanto só luta por dinheiro. — Paulette disse lentamente, como se aquilo explicasse tudo. — Quanto lhe paga o Príncipe para ser coronel?

— Uma libra, três xelins e dez peniques por dia. — Essa era sua recompensa pelo cargo de tenente-coronel honorífico em um regimento de cavalaria e era o soldo mais alto que Sharpe já havia ganhado. A metade do salário desaparecia em cotas do refeitório dos oficiais e para o quartel general, mas Sharpe seguia se sentindo rico e era uma recompensa muito melhor que os dois xelins e nove peniques ao dia que estivera recebendo por seu meio pagamento de tenente. Havia abandonado o exército sendo major, mas os administrativos da guarda montada haviam decidido que seu posto era apenas honorífico, não do regimento, pelo que se vira obrigado a aceitar uma pensão de tenente. A guerra caía como um presente do céu para Sharpe, assim como para muitos outros meio pagamento de ambos os exércitos.

— Gosta do príncipe? — Paulette perguntou a ele. Era uma pergunta delicada.

— E você? — rebateu Sharpe.

— É um bêbado. — Paulette não se incomodou em ser diplomática e deixou fluir seu desprezo. — Quando não está bêbado espreme as espinhas. Plip plop, plip plop, plip plop! Eca! E eu tenho que espremer as das costas — levantou a vista para ver se suas palavras haviam ofendido Sharpe e obviamente ficou tranquila. — Sabia que ia se casar com uma princesa inglesa?

— Sabia.

— Ela não pôde suportá-lo. Portanto agora diz que vai se casar com uma princesa russa! Ah! Uma russa, é só para isso que serve. Esfregam a pele com manteiga, sabia? Por todo o corpo, para manter o calor. Devem cheirar mal. — Bebeu sua cerveja e depois franziu o cenho enquanto seu pensamento deslizou de volta para a conversa. — Sua esposa, na Inglaterra. Ela não se importa que tenha outra?

— Ela já tem outro homem. — A evidente conveniência daquele arranjo satisfez a Paulette.

— Então tudo está bem?

— Não — sorriu. — Roubaram meu dinheiro. Algum dia terei que voltar e acertar as contas.

Ela o olhou fixamente com olhos grandes e sérios.

— Vai matar esse homem?

— Sim — disse com simplicidade e isso o fez muito mais crível.

— Oxalá houvesse um homem que matasse por mim — Paulette suspirou; depois fixou o olhar alarmada, porque de repente Sharpe havia erguido uma mão em sinal de advertência.

— Que foi?

— Psiu! — levantou-se e se dirigiu, de meias, para a porta do pátio dos estábulos, que estava aberta. Ao longe, como o estalido de arbustos em chamas, achou ouvir uma descarga de mosquetes. Não estava seguro porque o som se desvanecia na leve e quente brisa. — Ouviu isso? — perguntou à pequena.

— Não.

— Aí está! Escute! — voltou a ouvir o ruído que agora soou como um pedaço de lona rasgando. Em algum lugar, não muito longe, havia um combate de mosquetes. Sharpe alçou a vista para o cata-vento que havia no telhado dos estábulos e observou que o vento vinha do sul. Foi correndo até a porta da cozinha que dava para a parte principal da casa. — Rebecque!

— Estou ouvindo! — O barão já estava de pé na porta principal. — A que distância?

— Quem sabe — Sharpe ficou atrás de Rebecque. O suave vento levantava demônios de poeira na rua. — Oito quilômetros? — aventurou Sharpe — Dez?

O som foi se debilitando até sumir totalmente e então qualquer possibilidade de ouvi-lo de novo foi afogada pelo ruído de cascos. Sharpe desviou o olhar para a estrada principal meio esperando ver dragões franceses entrando a galope no pequeno povoado, mas se tratava apenas do príncipe de Orange que havia abandonado sua carruagem e tinha pegado o cavalo de um membro de sua escolta. Essa escolta percorria a estrada atrás dele junto ao ajudante de campo que havia trazido o Príncipe de volta.

— Quais são as novidades, Rebecque? — o Príncipe se deixou cair da sela e entrou correndo na casa.

— Apenas as que lhe mandamos — Rebecque seguiu o Príncipe até a sala de mapas.

— Charleroi, hein? — O Príncipe roeu uma unha enquanto olhava o mapa fixamente. — Não sabemos nada de Dornberg?

— Não, senhor. Mas se escutar atentamente poderá ouvir o ruído de enfrentamentos ao sul.

— Mons? — o Príncipe soou alarmado.

— Ninguém sabe, senhor.

— Pois averiguem! — exclamou bruscamente o Príncipe. — Quero um relatório de Dornberg. Podem enviá-lo para mim.

— Enviá-lo? — Rebecque franziu o cenho. — Mas aonde vai, senhor?

— A Bruxelas, certamente! Alguém deve se assegurar que Wellington esteja ciente da notícia — olhou para Sharpe. — Esta noite em particular queria que o senhor estivesse presente.

Sharpe reprimiu o impulso de dar em sua alteza real uma chute em seu régio traseiro, mas em lugar de fazê-lo respondeu:

— Certamente, senhor.

— E insisto que use o uniforme holandês. Por que ainda não o está usando?

— Terei que me trocar, senhor. — Sharpe, apesar da frequente obstinação do príncipe, ainda não tinha comprado um uniforme holandês.

— Rebecque, ao intuir que o Príncipe ainda tinha intenção de ir ao baile apesar da notícia de uma invasão francesa, limpou sua garganta.

— Sem dúvida esta noite não haverá baile em Bruxelas, não é, senhor?

— Ele ainda não foi cancelado — disse o Príncipe aborrecido e, logo depois, se virou de novo para dar instruções específicas a Sharpe. — Eu o quero com o uniforme de gala. Isso significa galões dourados, duas dragonas com borlas douradas e ombreiras azuis. E a espada de gala, Sharpe, em lugar dessa lâmina de carnicheiro. — O Príncipe sorriu como se quisesse suavizar suas ordens sobre a vestimenta e fez um sinal para um de seus assessores holandeses. — Vamos, Winckler, aqui não há nada mais para fazer. — Saiu da sala a grandes passadas, deixando Rebecque com os lábios apertados e em silêncio.

O ruído dos cascos se perdeu na quente atmosfera.

Rebecque voltou a prestar atenção para tentar ouvir o som das descargas de mosquetes, mas não ouviu nada; deu uns golpezinhos no mapa com uma régua de ébano.

Sua alteza real tem muita razão, Sharpe, você teria que usar o uniforme holandês.

— Continuo com a intenção de comprar um.

Rebecque sorriu.

— Posso dar-lhe algo apropriado para esta noite.

— À merda esta noite! — Sharpe virou o mapa para pô-lo de frente para ele. — Quer que vá a Mons?

— Já mandei Harry. — Rebecque se dirigiu para a janela aberta e ficou olhando a neblina causada pelo calor. — Talvez não esteja ocorrendo nada em Mons — falou em voz baixa, quase para si mesmo. — Talvez estejamos todos equivocados quanto a Mons. Talvez Napoleão só esteja abrindo as portas dianteiras passando por cima da traseira.

— Senhor?

— É uma porta dianteira de duas folhas, Sharpe, é o que é! — Exclamou Rebecque com repentina urgência enquanto regressava à mesa a grandes passos e dava uns golpezinhos no mapa. — Os prussianos são a porta da esquerda e nós a da direita, e quando os franceses empurrarem pelo meio, Sharpe, as duas folhas girarão sobre suas dobradiças e se separarão. Não é isso o que Bonaparte está fazendo?

Sharpe pregou a vista no mapa. Do quartel general do príncipe saía um caminho para o este que passava por Nivelles e se unia à estrada de Charleroi em uma encruzilhada sem



nome. Caso se perdesse aquele cruzamento Napoleão teria conseguido abrir as duas portas. Os britânicos e os holandeses tinham se preocupado com Mons, mas agora Sharpe pegou uma lasca de carvão e rabiscou um grosso círculo ao redor da encruzilhada.

— Este é o ferrolho de suas portas, Rebecque. Quais são nossas tropas mais próximas dele?

— A brigada de Saxe-Weimar. — Rebecque já havia se dado conta da importância daquele cruzamento. Dirigiu-se com pressa para a porta e gritou chamando os administrativos.

— Eu irei — disse Sharpe oferecendo-se.

Rebecque aceitou a oferta consentindo com a cabeça.

— Mas, por Deus, mande-me notícias sem demora, Sharpe. Não quero ficar às escuras.

— Se os franceses tomaram essa maldita encruzilhada todos nós ficaremos às escuras. Para sempre. Levarei um dos cavalos do príncipe. O meu está exausto.

— Leve dois. E que o tenente Doggett vá com você. Ele pode trazer suas mensagens.

— Essa encruzilhada tem nome? — Era uma questão importante pois qualquer mensagem que mandasse devia ser precisa.

Rebecque procurou sobre a mesa e encontrou um dos mapas de maior escala que os engenheiros reais haviam desenhado e distribuído a todos os quartéis gerais do exército.

— Chama-se *Quatre Bras*.

— Quatro braços?

— É o que está aqui, *Quatre Bras*. Quatro Braços. Justo o que se necessita para abrir portas duplas, hein? — Sharpe não respondeu à pequena brincadeira. Em lugar disso chamou aos gritos o tenente Doggett e depois foi à cozinha, se sentou e pôs as botas. Através da porta aberta que dava ao pátio dos estábulos pediu aos gritos que selassem três cavalos, dois para ele e um para o tenente Doggett.

— E desamarrem meu cachorro!

As ordens para o Príncipe Bernhard de Saxe-Weimar, lacradas com a cópia de Rebecque do selo pessoal do príncipe de Orange, chegaram dez minutos depois. O próprio Rebecque trouxe as ordens e as entregou a Sharpe que já havia subido em sua montaria.

— Lembre, esperava-se que esta noite estivesse bailando — Rebecque sorriu para Sharpe.

Paulette saíra ao pátio do estábulo e estava apoiada contra uma parede que o sol havia esquentado. Sorriu para Sharpe enquanto este girava o cavalo do príncipe para o arco da entrada.

— Tenha cuidado, inglês — gritou. O pátio estava se enchendo de cavalos e oficiais do estado-maior que, alertados pelas descargas de mosquetes ouvidas ao longe, chegavam provenientes de distintos quartéis gerais de brigada em busca de informação e instruções. Sharpe lançou um beijo para a puta do príncipe e depois cavalgou em busca de uma encruzilhada.



## Capítulo 5

O quarto do hotel da Rua Royal em Bruxelas fedia ao vinagre que a criada de Jane Sharpe havia jogado em uma pá ao vermelho vivo para defumar o aposento. Uma pequena tigela metálica com pitadas de enxofre seguia ardendo na lareira para erradicar qualquer fedor da atmosfera que o vinagre pudesse ter deixado passar. Jane havia se queixado de que era um conjunto de quartos pequeno e asqueroso, mas pelo menos se asseguraria de que estas não admitissem nenhum risco de contágio. O ocupante anterior fora um comerciante suíço que fora desalojado para dar lugar ao milorde inglês e a sua senhora, e Jane suspeitava que o suíço, assim como todos os estrangeiros, hospedava estranhas e repugnantes doenças. O nocivo fedor do vinagre queimado e do enxofre ardente estava fazendo mal a Jane, mas para dizer a verdade não se encontrava muito bem desde a travessia pelo mar da Inglaterra.

Lorde John Rossendale, elegantemente vestido, com calças brancas e meias de seda, sapatos de baile pretos e um fraque, com cinturão e bainha douradas, de colarinho alto azul e dragonas gêmeas com correntes de ouro, estava de pé ante a janela do dormitório e olhava os telhados de Bruxelas com ar taciturno.

— Não sei se estará lá. Não sei. — Era a vigésima vez que havia confessado tal ignorância, mas pela vigésima vez isso não satisfez Jane Sharpe que estava sentada, despida de cintura para cima, ante a pequena penteadeira do quarto.

— Por que não o averiguamos? — perguntou bruscamente.

— O que espera que faça — Lorde John atribuiu o mau humor de Jane a sua dor de barriga. A travessia pelo mar do Norte parecia ter lhe feito mal e a viagem a carruagem até Bruxelas não havia mitigado sua náusea.

— Espera que mande um mensageiro a *Braine-le-Comte*?

— Se ele puder nos proporcionar a resposta, por que não?

— *Braine-le-Comte* não é uma pessoa, mas o povoado onde o Príncipe tem seu quartel general.

— Não entendo... — Jane fez uma pausa para dar-se uns toquezinhos nas faces com a *eau de citron* que esperava que branqueasse a pele do rosto e dos peitos para conseguir a palidez cadavérica que estava na moda. — Não entendo — continuou — por que o Príncipe de Orange, seja quem diabos for, nomearia Richard oficial do estado-maior. Richard não tem modos para ser um oficial do estado-maior. É como aquele imperador romano que nomeou cônsul seu cavalo. É uma loucura! — Estava sendo injusta. Jane sabia o bom soldado que seu marido era, mas uma mulher que abandona seu esposo e lhe rouba sua fortuna aprende cedo a difamar sua recordação para justificar sua forma de agir. — Não concorda que é uma loucura? — Virou um furioso rosto úmido para Rossendale que não pôde fazer outra coisa que dar de ombros em sinal de consentimento. Lorde John pensou que Jane tinha um aspecto muito bonito, mas que ao mesmo tempo dava um pouco de medo. Tinha o cabelo magnificamente mal

penteados por causa das pinças de chumbo para cacheá-lo que, ao tirá-los, a deixariam com um glorioso halo brilhante como ouro, mas que agora davam a seu irritado rosto o aspecto feroz e emaranhado de uma fúria grega.

Jane voltou a olhar para o espelho. Podia passar horas diante de uma penteadeira olhando gravemente sua imagem refletida da mesma maneira que um artista esquadriharia sua obra em busca de um acabamento brilhante que convertesse um quadro simplesmente bonito em uma obra-prima.

— Diria que minhas bochechas estão coradas? — perguntou a lorde John.

— Sim — sorriu aliviado por ela ter deixado o tema de Richard Sharpe. — Na realidade tem um aspecto verdadeiramente saudável.

— Droga — dirigiu um olhar fulminante para sua imagem. — Deve ser o calor. — Virou-se quando sua criada saiu da ante-sala com dois vestidos, um dourado e um branco, que segurou alto para que Jane os examinasse. Jane indicou o vestido ouro-pálido e voltou-se para o espelho. Pôs um dedo em um vaso de ruge e com infinito cuidado avermelhou os mamilos. Depois, de uma forma obsessiva, passou outra vez a branquear seu rosto. A mesa estava abarrotada de recipientes e ampolas: havia bergamota e almíscar, *eau de chipre*, *eau de luce* e um frasco de perfume *Sans Pareil* que havia custado a lorde John Rossendale uma pequena fortuna. Ele não se incomodava com tais presentes porque achava a beleza de Jane ainda mais extraordinária e cativante. Talvez a sociedade desaprovasse que aquela relação adúltera fosse exibida tão descaradamente, mas lorde John achava que a beleza de Jane desculpava tudo. Não podia suportar pensar em perdê-la, ou em não possuí-la totalmente. Estava apaixonado.

Jane fez uma careta para si mesma no espelho.

— E o que ocorrerá se Richard estiver no baile esta noite? — Lorde John suspirou internamente ao mesmo tempo em que virava para a janela.

— Ele me desafiará, certamente, e então haverá grama antes do desjejum de amanhã — falou diminuindo a importância, mas na realidade tinha pavor de enfrentar Sharpe em um duelo ao amanhecer. Para lorde John, Sharpe não era mais que um assassino que fora adestrado e endurecido para a morte em inumeráveis campos de batalha, enquanto que lorde John só havia matado algumas raposas. — Não precisamos ir esta noite — disse em tom abatido.

— Para que toda a sociedade diga que somos covardes?

Jane, como era uma amante, poucas vezes tinha oportunidade de ir aos acontecimentos mais elegantes da sociedade e não ia deixar passar aquela oportunidade de que a vissem no baile de uma duquesa. Nem mesmo a delicada digestão de Jane a impediria de ir ao baile dessa noite, e tampouco tinha verdadeiro temor de encontrar-se com Sharpe porque sabia muito bem como ele era resistente a participar de bailes ou a pôr-se elegante com um vistoso uniforme, mas a possibilidade de sua presença era uma ideia alarmante — que não podia deixar de considerar.

— Tentarei evitar encontrar-me com ele — disse lorde John com impotência.

Jane deu vacilantes toques suaves com o dedo para comprovar se o ruge de seus mamilos

havia secado.

— Quanto tempo levará para ocorrer uma batalha?

— Soube que o Lorde não espera que os franceses façam nenhum movimento antes de julho.

Jane fez uma careta ante o lapso de tempo que isso implicava e depois levantou-se com seus esbeltos braços para cima para que sua criada passasse o vaporoso vestido pela cabeça.

— Sabe o que ocorre em um combate? — Perguntou a lorde John por debaixo da cascata de tecido dourado.

Parecia uma pergunta bastante genérica, para a qual lorde John não pensou em nenhuma resposta específica.

— Um monte de coisas desagradáveis, imagino — disse contudo. — Richard me contou que muitos oficiais impopulares morrem em combate pelas mãos de seus próprios homens. — Jane virou-se de par um lado e para o outro diante do espelho para se assegurar que o vestido caía adequadamente. O vestido tinha a cintura alta e o decote baixo, uma vaporosa película de tecido através do qual seus mamilos brilhantemente coloridos transpareciam como sombras tentadoras. Sem dúvida haveria outras mulheres usando vestidos como aquele, mas nenhuma, pensava Jane, se atreveria usar um sem combinação, como ela ia fazer. Satisfeita, sentou-se enquanto sua criada começava a desenroscar as pinças de chumbo do cabelo e a cardar os cachos para que ficassem perfeitos. — Ele me disse que não se pode saber o que ocorre durante a batalha porque há fumaça demais e ruído. Em resumo, que um campo de batalha é um lugar ideal para se cometer um assassinato.

— Insinua que deveria matá-lo? — Lorde John se surpreendeu de verdade ante a desonra daquela sugestão.

Jane, de fato, havia querido aludir à oportunidade de assassinar seu marido, mas não podia admitir.

— Insinuo — mentiu sem nenhum problema — que talvez ele não queira arriscar sua carreira batendo-se em duelo e que, em lugar disso, tente matá-lo durante uma batalha. — Afundou o dedo em uma aromática pasta negra que aplicou nas pestanas. — É um homem excessivamente orgulhoso e de uma brutalidade extraordinária.

— Quer me assustar? — Lorde John tentou diminuir a importância da conversa.

— Tento fazê-lo agir com resolução. Há um homem que ameaça sua vida e nossa felicidade, portanto o que sugiro é que tome medidas para nos proteger. — Era o mais semelhante a uma proposição direta de assassinato que Jane se atreveu a propor, ainda que não pôde resistir a acrescentar outra isca. — É provável que corra mais perigo de ser atingido por uma bala de fuzil britânico que por qualquer arma francesa.

— Pode ser que os franceses se ocupem dele de toda forma — disse lorde John preocupado.

— Até agora tiveram muitas oportunidades — replicou Jane em tom áspero — e não

conseguiram nada.

Finalmente pronta, levantou-se. Seu cabelo, cacheado, enfeitado, e emplumado, coroava uma beleza etérea e sensual que deslumbrou lord John. Ele lhe fez uma reverência, beijou sua mão e a conduziu abaixo até o pátio onde lhes aguardava a carruagem. Era hora de ir ao baile.

Sua alteza sereníssima o Príncipe Bernhard de Saxe-Weimar deu uma espiada nas ordens de Rebecque, deu um grunhido de aceitação e passou bruscamente o papel para seu comandante de brigada.

— Diga ao príncipe que estaremos na encruzilhada dentro de uma hora — disse a Sharpe.

Sharpe não revelou que o Príncipe de Orange não sabia nada daquelas ordens. Em lugar disso agradeceu a sua alteza sereníssima, saiu fazendo reverências da pousada que servia de quartel general do príncipe Bernhard e voltou a montar seu cavalo. O tenente Simon Doggett, que recebeu a tarefa de evitar que Narigudo matasse os frangos que bicavam pelo pátio da pousada, seguiu Sharpe pelo caminho.

— E então, senhor? — Perguntou a Sharpe, mas o fez com uma voz nervosa, dando a entender que esperava que sua ousadia ao perguntar fosse violentamente reprovada.

— Estará na encruzilhada dentro de uma hora com quatro mil soldados. Esperemos que esses sacanas saibam lutar. — Os soldados de Saxe-Weimar eram em sua maioria tropas alemãs a serviço da Holanda que haviam combatido a favor de Napoleão nas guerras anteriores, e nem mesmo o próprio Saxe-Weimar estava seguro de combateriam seus antigos camaradas.

Doggett cavalgou para o leste ao lado de Sharpe. Assim como muitos dos ingleses que serviam ao príncipe de Orange, Doggett era um antigo aluno de Eton. Era tenente do primeiro regimento da Guarda a Pé, mas o transferiram temporariamente para o estado-maior do príncipe porque seu pai era um velho amigo do barão Rebecque. Doggett tinha o cabelo loiro, a pele branca e, para Sharpe, era absurdamente jovem. De fato tinha dezoito anos, nunca vira um combate e tinha medo do famoso tenente-coronel Sharpe, que tinha trinta e oito anos e havia perdido a conta de todas suas batalhas.

Naquele momento Sharpe previa outra: a batalha pela encruzilhada que unia dois exércitos.

— Se os franceses já tomaram *Quatre Bras* terá de voltar e avisar a Saxe-Weimar — disse Sharpe. — Depois transmita a má notícia a Rebecque.

— Sim, senhor — Doggett fez uma pausa e se armou de coragem para fazer uma pergunta. — E o que o senhor fará, senhor? Quer dizer, se os franceses tiverem capturado o cruzamento.

— Cavalgarei até Bruxelas para dizer ao duque que corra como se o diabo o perseguisse.

Doggett deu uma espiada para ver se o fuzileiro sorria e estava brincando, mas não estava. Os dois soldados ficaram em silêncio enquanto avançavam a meio galope entre cercas vivas nas quais brilhavam as prematuras folhas das dedaleiras. Além das cercas, os trigais eram

povoados por papoulas e debruados por centáureas. As andorinhas atravessavam rapidamente os campos em voo baixo, enquanto os gralhos se alçavam torpemente para seus altos ninhos. Sharpe se virou em sua sela e viu que o céu do oeste ainda estava nublado, ainda que houvesse grandes clareiras entre as amontoadas nuvens através das quais o sol vertia um incandescente jorro de luz. Já era o final da tarde, mas ainda restavam quatro horas de luz solar. Dentro de uma semana seria o dia mais longo do ano quando, naquelas latitudes, um artilheiro podia avistar com total precisão um canhão de doze libras às nove e meia da noite.

Passaram junto a um enorme bosque escuro que crescia ao sul do caminho e, de forma totalmente repentina, apareceu a pálida faixa da estrada empedrada que se estendia inóspita através da paisagem que tinham ante seus olhos. Instintivamente Sharpe freou seu cavalo e ficou olhando o pequeno grupo de residências que indicavam a encruzilhada chamada *Quatre Bras*.

Não havia nenhum movimento no cruzamento, pelo menos nada que ameaçasse a vida de um soldado. Não havia tropas e a estrada estava vazia, não era mais que uma pálida faixa empoeirada entre seus vívidos acostamentos verdes. Sharpe deu um golpe suave com os calcanhares para que seu cavalo se pusesse em marcha de novo.

Volutas de fumaça revelavam que os habitantes das casinhas estavam cozinhando sua janta nas lareiras da pequena aldeia situada ao norte do cruzamento.

Havia uma grande casa de pedra em cujo exterior uma pequena de cabelo escuro brincava com uns gatinhos junto a uma carroça vazia. Três gansos cruzaram rebolando o caminho. Duas velhas com chapéu e xale estavam sentadas fazendo renda fora de uma casinha com teto de palha. Um porco esfocinhava em um horto e as vacas leiteiras mugiam no curral. Uma das mulheres com xale deve ter visto que Sharpe e Doggett se aproximavam, pois de repente chamou a jovem e esta saiu correndo nervosamente para a casinha. Além da diminuta aldeia o caminho mais estreito sem pavimento subia por uma colina pouco elevada antes de desaparecer a leste em meio de um grupo de árvores escuras.

— Você compreende a importância deste caminho? — Sharpe indicou o caminho estreito por onde ele e Doggett viajavam.

— Não, senhor — respondeu Doggett com sinceridade.

— É o caminho que nos une aos prussianos. Se os franceses cortarem ficaremos sozinhos, portanto se perdemos esta encruzilhada os franchinotes terão ganhado a maldita campanha.

Sharpe apertou o passo e desceu para o cruzamento, levou a mão ao chapéu para cumprimentar as anciãs que olhavam alarmadas para os dois cavaleiros e voltou a olhar para o longo caminho do sul que levava a Charleroi. A estrada se estendia pálida e deserta sob o sol da tarde; era a mesma via pela qual Sharpe vira o exército francês marchando naquela manhã. E isso foi apenas a uns vinte quilômetros ao sul daquele cruzamento, contudo, nesse momento não havia sinais de nenhum francês. Se eles tivessem parado? Se tivessem recuado? Sharpe sentiu um temor repentino de que tivesse dado um falso alarme e que as forças que vira não fossem mais que uma distração. Ou os franceses passaram por aquele cruzamento e já estavam se aproximando de Bruxelas? Não. Descartou esse temor no mesmo instante porque

ali não havia nenhum indício da passagem de um exército. O alto centeio dos campos que havia em ambos os lados do caminho não estava pisoteado, e o rudimentar calçamento da estrada, de pedras aderidas ao calcário e pedernal não apresentava rodadas profundas causadas pela passagem de artilharia pesada. Portanto, onde diabos estavam os franceses?

— Vamos procurar os sacanas — Sharpe resmungou, e ficou maravilhado de como era fácil voltar a cair no velho costume de falar sobre o inimigo. Viveu na Normandia durante sete meses, aprendera o idioma francês e havia chegado a amar a campina francesa, contudo, naquele momento, como se nunca tivesse conhecido Lucille, falava dos franceses como do aborrecido inimigo. A estranheza daquela ideia, de repente, o fez sentir saudade do castelo. O lar de Lucille era chamado presunçosamente de castelo, ainda que, na realidade, não passasse de uma grande granja rodeada por um fosso com uma torre ameaçada para recordar aos transeuntes que já fora uma pequena fortaleza. Agora o castelo era o lar de Sharpe, o primeiro lar de verdade que tinha conhecido. Durante a guerra tinham se descuidado dos imóveis e Sharpe empreendeu a árdua tarefa de remediar os anos de abandono. Nessa época do ano, se Napoleão não tivesse regressado, Sharpe estaria podando os cultivos de maçãs, enchendo cestas de frutas jovens para dar ao restante uma melhor oportunidade de amadurecer no outono, mas em lugar disso se encontrava cavalgando por um caminho empoeirado da Bélgica em busca de um inimigo que havia desaparecido misteriosamente.

A estrada descia suavemente até um vau. À esquerda de Sharpe a corrente desembocava em um lago, e na frente dele, do outro lado do vau pouco profundo, havia uma granja com um portal arqueado situada no lado esquerdo do caminho. Uma mulher olhou com desconfiança para os dois soldados desde o arco da granja, depois voltou a entrar no pátio e fechou a pesada porta dando uma batida. Sharpe tinha parado no vau para deixar que os cavalos bebessem. Libélulas de colorido azul brilhante planavam e se lançavam sobre os juncos. Era uma tarde quente, um entardecer suave e tranquilo no qual só se ouvia o sussurro da água e o leve crepitar dos talos de centeio se movendo com a brisa. Parecia impossível que aquele lugar pudesse se converter em um campo de batalha, e talvez não chegasse a ocorrer, pois Sharpe já estava começando a duvidar do que vira naquela mesma manhã. Aonde diabo tinham ido os franceses?

Roçou as ilhargas do cavalo, atravessou chapinhando o vau e começou a subir pela leve ladeira que havia do outro lado.

Os cachorros ladravam na granja e Narigudo respondeu com uivos até Sharpe lhe dizer bruscamente para se calar. O conhecido e caseiro fedor de uma estrumeira pairava na estrada. Sharpe cavalgava lentamente, como se ao se apressar pudesse pôr a perder a calma daquele perfeito fim de tarde de verão. A estrada não tinha cercas, estendia-se entre largas faixas invadidas por capim nas quais cresciam alhos de urso, dedaleiras, aquilinas e arcanjos amarelos. Alguns arbustos de sabugueiro e abrunheiro proporcionavam sombra em algumas zonas.

Um coelho, alarmado com os cavaleiros que se aproximavam, cruzou ruidosamente a valeta e entrou a toda velocidade entre os talos de centeio. A tarde era fragrante, quente e plena, iluminada pelo imenso banho de luz dourada que emergia dos espaços entre as nuvens



do oeste.

A sua esquerda, a pouco mais de um quilômetro e meio de distância, Sharpe avistou os telhados de mais duas granjas, e a sua direita o bosque dava passagem para trigais ondulados atravessados pelo caminho de uma granja que serpenteava entre os cultivos. Não havia nenhum movimento adverso na paisagem. Teria se dirigido para o cruzamento errado? Foi invadido por um repentino temor de que aquela não fosse a estrada que ia de Charleroi a Bruxelas. Pegou o mapa que, de fato, indicou que estava cavalgando pela estrada principal de Bruxelas, mas a inexatidão dos mapas era bem conhecida. Procurou um marco, mas não viu nenhum. Parou de novo, mas não ouviu nem descargas de mosquetes nem o som de soldados marchando. Havia imaginado o inimigo essa manhã? Ou o som dos mosquetes naquela tarde? Mas Rebecque também havia ouvido o ruído das descargas. Então, onde estavam os franceses? Teriam sido tragados pelos cálidos campos?

A estrada se torcia ligeiramente para a direita. O centeio estava tão alto que Sharpe não podia ver o que havia após a curva. Afrouxou seu fuzil no estojo e chamou Narigudo com um grito. Simon Doggett, que cavalgava ao lado de Sharpe com o cavalo de reserva, parecia compartilhar o nervosismo do fuzileiro. Ambos estavam freando seus cavalos de forma instintiva.

Avançaram pouco a pouco para a curva do caminho. Mais adiante havia um cruzamento sombreado por dois enormes castanheiros. A estrada se torcia para a esquerda enquanto que uma vereda menor se dirigia para a direita. Passado o cruzamento, ao longe, havia um povoado que o alto centeio quase não deixava ver. O mapa coincidia com o que Sharpe estava vendo, portanto o povoado tinha que ser Frasnés.

— Iremos até o povoado — disse Sharpe.

— Sim, senhor. O som de suas vozes rompeu o nervoso feitiço e os dois homens cravaram seus saltos para pôr seus cavalos ao trote. Sharpe teve que se inclinar para passar por debaixo de um galho de castanheiro ao girar para a curva seguinte, e viu a larga rua do povoado a uns quinhentos metros adiante.

Voltou a parar. A rua parecia vazia. Abriu a amassada luneta de capitão de navio que havia comprado em Caen para substituir a cara luneta que perdera depois de Toulouse. Enfocou com o incômodo e pesado instrumento a única rua do povoado.

Havia três homens sentados no exterior do que devia de ser a pousada do povoado. Uma mulher com uma saia de grosso tecido negro guiava um asno carregado de feno. Dois meninos corriam para a igreja. A imagem da igreja tremeu, Sharpe controlou o tremor e ficou imóvel.

— Santo Deus!

— Senhor? — perguntou Doggett alarmado.

— Encontramos os sacanas! — a voz de Sharpe transbordava de satisfação.

Os franceses não tinham desaparecido e ele não os havia imaginado. Estavam em Frasnés. No outro extremo da rua do povoado acabava de aparecer, escorçado pela distância e as velhas lentes, um batalhão da infantaria francesa. Deviam estar cantando já que, ainda que Sharpe não ouvisse nada, via que abriam e fechavam a boca em uníssono. O batalhão vestia

casacas de um azul mais escuro que o da maior parte da infantaria francesa e usavam calças também de um azul muito escuro.

— É um batalhão de *voltigeurs* — disse Sharpe a Doggett. — Infantaria ligeira. Escaramuçadores. Então onde diabos estão seus dragões? — dirigiu a luneta para a esquerda e direita, mas não se via nenhum cavaleiro sob a luz do sol da tarde.

Doggett tinha sacado sua própria luneta e olhava fixamente para os franceses. Eram as primeiras tropas inimigas que via; aquela visão o fez empalidecer. Ouviu o palpar de sua torrente sanguínea que lhe ressoava com rapidez nos ouvidos. Com frequência havia imaginado como seria ver o inimigo pela primeira vez, mas era estranho quão comum e, contudo, quão emocionante era aquele batismo.

— Quantos são? — perguntou.

— Seiscentos? — calculou Sharpe. — E são uns sacanas convencidos para marchar sem a proteção da cavalaria. — Os únicos cavaleiros viu foram dez oficiais franceses a cavalo, mas sabia que a cavalaria e os canhões não podiam estar muito atrás. Nenhum general faria a infantaria avançar sem apoio muito à frente do contingente principal. Se virou para Doggett. — Certo! Volte a *Quatre Bras*. Espere lá por Saxe-Weimar. Cumprimente-o de minha parte e diga-lhe que há um batalhão de escaramuçadores franceses que se aproxima em sua direção. Sugira-lhe que avance até o riacho e os detenha ali, mas faça isso com tato. Leve Narigudo e o cavalo de reserva, depois me espere no cruzamento. Entendeu?

— Sim, senhor — Doggett virou seu cavalo e com torpeza o fez girar de novo. — O que o senhor vai fazer, senhor?

— Não perderei de vista esses filhos da puta. Se ouvir disparos não se preocupe. Será porque estarei brincando um pouco com eles. Dê no sacana do Narigudo um bom pontapé se lhe causar algum problema.

Doggett esporeou seu cavalo e se afastou, seguido de má vontade por Narigudo, enquanto Sharpe desmontava e guiava seu cavalo de volta para os castanheiros na bifurcação do caminho. Justo atrás dos castanheiros, em meio do alto capim da valeta, havia um pesado rastelo de madeira abandonado. Sharpe atou as rédeas do cavalo à sólida estrutura do rastelo e sacou o fuzil do coldre. Verificou se a arma estava carregada e se a pederneira estava bem assentada nas mordanças forradas de couro.

Regressou sobre seus passos deixando para trás os castanheiros sem sair da sombra proporcionada pelo alto centeio que crescia no lado oeste do caminho. Foi correndo a um ritmo constante, aproximando-se cada vez mais do povoado e do inimigo que se aproximava. As tropas francesas não haviam parado em Frasnes, seguiam em frente marchando obstinadamente em direção a Sharpe, que imaginou que teriam ordens de tomar a encruzilhada de *Quatre Bras* antes do anoitecer. Se Saxe-Weimar pudesse chegar primeiro ao cruzamento e se seus soldados lutassem, os franceses cairiam, mas seria uma corrida muito parelha.

Sharpe queria atrasar o avanço francês. Apenas alguns poucos minutos seriam de ajuda. Deitou-se em um sulco pouco profundo junto à estrada, meio oculto por uma avelãzeira que os

rosas mosquetas haviam invadido. Nenhum dos inimigos que se aproximava parecia ter percebido sua presença. Deslizou o fuzil entre o grosso capim e afastou o tricórnio para trás para que o bico não se enganchasse no martelo da arma.

Esperou. A pistola que levava no cinturão cravava em seu ventre. O mato que cobria a valeta da estrada estava morna e úmida. Havia chovido no início da semana e a terra debaixo da espessa vegetação ainda estava molhada. Uma joaninha subia lentamente por um talo seco e depois passou com delicadeza para a maltratada e lubrificada coronha do fuzil. O inimigo marchava despreocupado e confiante. As sombras se alongavam sobre a estrada. Era uma das tardes de verão mais bonitas com que Deus havia abençoado um mundo malvado.

Na valeta da frente apareceu uma lebre, se estremeceu durante um segundo e depois passou a correr rapidamente estrada acima para acabar saindo para um lado com um pulo, fora do caminho da infantaria francesa que se aproximava. O inimigo se encontrava a uns trezentos metros de distância e marchava em uma coluna de quatro filas. Sharpe ouvia seus fortes cantos. Um oficial cavalgava encabeçando a coluna sobre um cavalo cinzento. O oficial usava um penacho vermelho em sua barretina azul e um alto colarinho vermelho em sua desabotoada casaca azul. O penacho vermelho se mexia ao ritmo dos passos do cavalo. Sharpe apontou para o penacho, supondo que a essa distância extrema a bala desceria e acertaria no cavalo.

Disparou. Os pássaros grasnaram e saíram dos cultivos como um estouro.

Com o disparo saiu fumaça da caçoleta junto ao olho direito de Sharpe e os pedacinhos de pólvora ardendo esfolaram sua bochecha. Com o retrocesso, a pesada coronha metálica do fuzil golpeou seu ombro. Moveu-se antes que cessassem os cânticos; rolou para se meter entre os grossos talos de centeio e ali, sem se incomodar em ver o estrago que havia causado com seu disparo, começou a recarregar. Escorvar a caçoleta, fechá-la, deixar cair o cartucho de pólvora no cano fumegante e atacar o cartucho de papel e a bala. Extraiu a vareta, meteu-a no comprido cano e voltou a tirá-la de um puxão. Ninguém havia devolvido o disparo. Rolou outra vez para se abrigar sob a sombra da avelãzeira onde a fedorenta fumaça da pólvora seguia presente.

A coluna tinha parado. O oficial havia desmontado do cavalo cinzento que corria nervoso pela borda do caminho. Os pássaros volteavam no alto. O oficial estava ileso e ao que parece nenhum dos soldados fora atingido. Será que o cavalo estava ferido? Sharpe pegou a pistola carregada de seu cinturão, engatilhou-a e a deixou no solo junto dele. Voltou a apontar com o fuzil, dessa vez para um dos soldados da primeira linha.

Disparou. Em poucos segundos voltou a disparar, esvaziando nessa ocasião a pistola para os franceses. O segundo disparo não causaria danos, mas talvez convencesse os franceses de que tinham pela frente um grupo de inimigos. Sharpe se virou para a direita e dessa vez penetrou mais entre os talos de centeio antes de recarregar o fuzil. Guardou a pistola no cinturão.

Os mosquetes franceses estouraram. Escutou o som das pesadas balas de chumbo passando entre o centeio, ainda que nenhuma passasse perto dele. Sharpe carregava depressa, fazendo uso da instrução que recebera vinte e dois anos antes. Estourou outra descarga de mosquetes

dos franceses que disparavam ao acaso contra os crescidos cultivos. Sharpe fez o mesmo, limitou-se a apontar o fuzil na direção da coluna e a apertar o gatilho para que a bala passasse a toda velocidade entre os talos. Meteu o cartucho seguinte pela boca do cano e não se incomodou em utilizar a chata vareta, apenas golpeou com força a coronha do fuzil contra o piso com a esperança de que com a sacudida a bala descesse até a frouxa carga. Disparou de novo e sentiu a coronhada mais suave, com o que soube que a bala tinha ficado no meio do cano. Com sorte essa bala percorreria uns cem metros; mas se tratava de disparar depressa para persuadir os franceses que haviam encontrado com uma forte linha de piquete.

Disparou outro projétil mais que carregou sem utilizar a vareta e depois retrocedeu a toda pressa em paralelo ao caminho. Abriu caminho entre o centeio até passar dos castanheiros e então girou para a direita. Cruzou correndo a estrada e ouviu o grito dos franceses quando o viram, mas quando apertaram os gatilhos ele já tinha se refugiado abaixo das altas árvores. O nervoso cavalo pôs os olhos em branco e moveu as orelhas em direção ao estalido dos mosquetes.

Sharpe voltou a carregar o fuzil e nessa ocasião atacou a bala com força contra a carga, depois desatou o cavalo, um grande garanhão negro, um dos melhores que havia nas cavaliças do príncipe, e Sharpe esperava que o animal fosse treinado para a batalha. Havia morrido soldados por causa de um cavalo destreinado que se assustara com o som das descargas de mosquete. Subiu na sela, acomodou as doloridas coxas e guardou o fuzil. Girou o cavalo para o leste e o fez entrar no crescido campo de centeio. Até aquele momento os franceses haviam disparado para o campo a sua esquerda, agora veriam um oficial a sua direita.

Um grito fez Sharpe supor que, de fato, o haviam visto. O centeio o mantinha oculto dos soldados rasos franceses e somente os oficiais que estavam a cavalo podiam ver o fuzileiro por cima da alta plantação. Sharpe agitou o braço direito como se estivesse fazendo sinais para uma linha de fuzileiros para que avançassem. Pelo que os oficiais franceses sabiam, o espesso centeio podia esconder dois batalhões inteiros de casacas-verdes. Soou um trompete dos franceses. Sharpe foi trotando em semicírculo para o flanco do inimigo para simular um ataque em linha, depois deu a volta e esporeou seu cavalo para regressar a *Quatre Bras*. Desperdiçaram uma descarga com ele, mas estava longe demais do alcance das armas, e as balas se desperdiçaram entre os grossos talos. Três oficiais montados entraram no campo depois da descarga.

Sharpe já havia se afastado o suficiente para que algum deles fosse uma ameaça. Limitou-se a se dirigir para o norte pensando em disparar mais alguns tiros de fuzil da granja que havia junto ao vau.

O ruído de cascos ressoou à esquerda de Sharpe e viu outro oficial francês descendo a estrada principal galopando freneticamente.

Sharpe esporeou o garanhão, mas o solo sob o centeio era traiçoeiro; a terra úmida mantinha a forma dos sulcos do arado, pelo que o garanhão não podia igualar a velocidade do francês que ia pelo caminho pavimentado. O garanhão tropeçou, Sharpe quase caiu e quando

se recuperou viu que o francês havia dado uma brusca vira afastando-se do caminho e que, com o sabre desembainhado, ia carregar direto contra ele. Era um soldado jovem, provavelmente um tenente

Maldito soldado de merda! Em todos os exércitos havia oficiais que necessitavam demonstrar sua coragem através do combate individual. O duelo também podia ser de ajuda na carreira militar: se aquele jovem tenente francês pudesse voltar a seu batalhão com o cavalo e as armas de Sharpe seria um herói. Talvez até o nomeassem capitão.

Sharpe freou a marcha de seu cavalo e desembainhou sua grande espada, pesada e difícil de manejar.

— Retroceda!

— Quando esteja morto, *monsieur*! — respondeu alegremente o francês. Parecia tão jovem como Doggett. Seu cavalo, assim como o de Sharpe, teve que reduzir a marcha devido aos sulcos do arado no campo de centeio, mas o francês o esporeou para que seguisse adiante à medida que se aproximava de Sharpe.

Sharpe não cedeu terreno e enfrentou o ataque com seu braço direito. O tenente, assim como todos os oficiais escaramuçadores franceses, usava um leve sabre curvo; era uma boa arma cortante, mas não a mais certa para a estocada. Aquele soldado, ansioso para derramar o primeiro sangue, virou bruscamente ao se aproximar-se de Sharpe e depois se inclinou sobre sua sela para desferir um golpe estripador com a lâmina resplandecente.

Sharpe simplesmente parou o golpe sustentando sua pesada espada na posição vertical. O choque do aço sacudiu seu braço para cima, então cravou os calcanhares para obrigar o garanhão a seguir para a estrada. O francês havia passado rapidamente por seu lado e nesse momento dava a volta em meio ao pegajoso centeio.

Só o que Sharpe queria era chegar à estrada. Não precisava demonstrar nada em um combate singular. Olhou por cima de seu ombro esquerdo e viu que os outros três oficiais continuavam a uns duzentos metros de distância, então um grito desafiante a sua direita revelou que o tenente francês havia conseguido girar seu cavalo e o esporeava para realizar um novo ataque. Aproximava-se por trás, um pouco à direita de Sharpe. Isso era uma estupidez porque significava que o francês teria que dirigir o golpe de seu sabre para frente de seu próprio corpo e do de seu cavalo.

— Não seja estúpido! — gritou Sharpe.

— Tem medo, inglês? — o tenente disse rindo. Foi quando Sharpe sentiu a ira, aquela ira fria que parecia desacelerar o tempo e fazer que tornar as coisas muito mais claras. Viu o pequeno bigode do francês por cima dos dentes à mostra. O chapéu do soldado tinha uma roseta vermelha, branca e azul, e na correia de couro do mesmo faltavam algumas das chapas metálicas superpostas. O cavalo do tenente sacudia a cabeça, ofegava e levantava muito seus brilhantes cascos ao evitar a plantação. Em sua arremetida o cavalo fazia saltar cascas de centeio e pedaços de palha. O sabre do tenente estava erguido e refletia a mortífera luz do sol em seu brilhante lustre, pronto para o golpe descendente que deveria destroçar o crânio de

Sharpe. Sharpe sustentava sua espada à altura do estribo, quase como se tivesse preguiça de lutar. Os talos de canteio golpeavam a comprida lâmina como se fossem chicotes, Sharpe freou deliberadamente o garanhão para que fosse mais lento e deixar, portanto, o ansioso francês o alcançar, só que um instante antes do iluminado sabre golpear para baixo com força, Sharpe impulsionou a longa espada para trás e para cima.

A pesada lâmina se chocou com uma força brutal contra a boca do cavalo do tenente. O cavalo se ergueu sobre suas patas traseiras com um alarido e com os lábios e os dentes ensanguentados. Sharpe já estava dando a volta em seu garanhão pela frente. O tenente tentava desesperadamente se manter em sua sela. Agitou o braço que segurava o sabre para recuperar o equilíbrio e então deu um grito ao ver que a pesada espada ia direto para sua garganta. Tentou girar para se afastar, mas seu cavalo caiu sobre suas patas dianteiras e o tenente saiu expelido para frente com toda a força de peso.

Sharpe sustentou sua espada de lâmina reta apontando para a garganta do tenente e manteve a posição do cotovelo enquanto o francês caía sobre o aço. Houve um instante de resistência e a ponta da espada perfurou pele e músculo para afundar-se nos principais vasos sanguíneos do pescoço do francês. Seu grito de terror se apagou no ato. Parecia ter os olhos cravados em Sharpe enquanto morria, oferecendo ao inglês um olhar misto de surpresa e remorso; depois, um jorro de sangue, brilhante como o próprio sol, brotou da ferida e empapou o braço e ombro direitos de Sharpe. As gotas de sangue salpicaram seu rosto, o francês caiu e seu agonizante peso lhe arrancou do corpo a comprida lâmina de aço.

Sharpe girou seu garanhão e se afastou. Por um momento pensou em levar o cavalo do tenente, mas não queria ser sobrecarregado com o cavalo. Viu que os outros três oficiais franceses freavam seu avanço. Brandiu a ensanguentada espada para eles com um cumprimento brincalhão e, ao trote, regressou para a estrada.

Ali parou, limpou a lâmina nas calças e embainhou a espada. A fina manga verde de seu velho uniforme estava tingida de vermelho. Fez uma careta de nojo ante o odor do sangue fresco e sacou o fuzil carregado do coldre. Os três oficiais o observaram, mas nenhum tentou se aproximar.

Ficou olhando a curva descrita pelo caminho Junto aos castanheiros. Após um minuto apareceram os primeiros escaramuçadores franceses. Pararam ao vê-lo e se lançaram ao ataque pela esquerda e direita, mas a cinquenta metros o fuzil era mortífero e Sharpe viu como sua bala atirava um soldado ao chão.

Mas a cinquenta metros os mosquetes franceses eram quase tão certos como o fuzil Baker. Sharpe cravou os calcanhares e se lançou estrada abaixo como se o demônio ou o inferno o perseguissem. Contou até oito, então virou bruscamente para a esquerda e entrou no crescido canteio justo quando a descarga dos franceses atravessava a nuvem de poeira deixada pelos cascos de seu cavalo. A pequena descarga não atingiu o alvo. Sharpe seguiu cavalcando ladeira abaixo até chegar ao riacho onde, enquanto o garanhão bebia, voltou a carregar o fuzil e meteu a arma em seu coldre. Então, convencido de que os franceses freariam seu avanço até ficarem seguros de que não lhes aguardava nenhum piquete emboscado, olhou

para o oeste, para as nuvens, e deu um longo e profundo suspiro.

Estava avaliando o medo que acabara de sentir. As lembranças da batalha de Toulouse o haviam perseguido durante meses, fazendo-lhe reviver o terror laxante que sentira naquele último conflito da última guerra. Não tinha havido nenhum horror especial associado a Toulouse que explicasse aquele extraordinário medo, a batalha havia sido menos ameaçadora que meia dúzia dos combates na Espanha, contudo, Sharpe nunca havia se esquecido daquele medo atroz nem do seu alívio quando se declarou a paz. Havia colocado sua maltratada espada sobre o armário de especiarias na cozinha de Lucille e tinha afirmado estar alegre por nunca mais ter que sacar a lâmina embaçada pela guerra da bainha metálica. Contudo, desde Toulouse, tinha se perguntado se a coragem o havia abandonado para sempre. Enquanto mantinha no alto a mão manchada de sangue sob a luz do entardecer, encontrou sua resposta. A mão não se movia, contudo em Toulouse essa mesma mão havia tremido como a de um homem afetado pela dança de São Vito.

Sharpe fechou lentamente o punho. Sentiu um imenso alívio ao ver que havia recuperado a coragem, mas também se envergonhou por ter gostado da descoberta.

Olhou para as nuvens. Tinha dito a Lucille que combatia apenas para não perder sua pensão, mas na verdade queria saber se suas antigas habilidades ainda estavam lá ou se, assim como um canhão que disparava com rapidez e frequência, simplesmente tinha se esgotado como soldado. Agora ele sabia, e tudo tinha sido muito fácil. O jovem tenente se lançara sobre a lâmina de sua espada e Sharpe não havia sentido nada. Duvidava inclusive que seu pulso tivesse se acelerado ao matar. Vinte e dois anos de guerra haviam melhorado aquela destreza até quase a perfeição e, como resultado, logo haveria uma mãe chorando na França.

Olhou para o sul. Não se percebia nenhum movimento entre as crescidas plantações. Os franceses estariam recolhendo suas baixas e os oficiais olhariam fixamente para o norte em busca de uma linha de piquetes inexistente.

Sharpe deu uns golpezinhos no cavalo e o levou a passo seguindo o riacho até chegar ao vau, onde mais uma vez ficou esperando o avanço do inimigo. A mulher havia voltado ao arco da entrada da granja e dali, ela e dois homens olhavam nervosamente para a estrada que conduzia a Frasnès. Uma mutuca pousou no pescoço do garanhão. Sharpe lhe deu uma palmada e brotou sangue; depois sacou o fuzil e o apoiou cruzado sobre a sela. Dispararia mais uma vez nos franceses antes de retirar-se de volta para o cruzamento.

Nesse momento, atrás dele, do norte, ouviu o surdo estrondo dos tambores e as débeis notas alegres de uma flauta. Ao se virar na sela viu uma coluna de infantaria na encruzilhada de *Quatre Bras*. Por um instante, seu coração saltitou ao achar que era um batalhão de fuzileiros, então viu os cinturões amarelos cruzados sobre as casacas verdes e soube que eram as tropas de Nassau, do príncipe Bernhard de Saxe-Weimar. Os oficiais de brigada alemães esporearam seus cavalos estrada abaixo para onde Sharpe estava.

Saxe-Weimar havia chegado bem a tempo. Na longa ladeira que se estendia diante de Sharpe, o batalhão francês havia se dispersado em formação de escaramuça. Não podiam ser vistos entre o alto centeio, contudo, se podia seguir a pista de seu decidido avanço devido à

alteração que causavam na plantação que atravessavam. O batalhão de Nassau descia pela estrada a passo ligeiro ao mesmo tempo em que seus oficiais cavalgavam para o riacho para indicar o lugar onde a infantaria formaria uma linha.

Sharpe retrocedeu e cavalgou atrás das tropas que avançavam. Alguns soldados lhe lançaram curiosos olhadas por causa do sangue que cobria seu braço direito. Destampou seu cantil e bebeu um longo trago de água. Mais tropas da infantaria de Nassau desciam correndo pela estrada e suas pesadas botas levantavam uma poeira espessa. Uns pequenos jovens tambores, com os lábios cobertos da endurecida poeira do caminho, marcavam um ritmo desigual de avanço enquanto corriam. As tropas pareciam bastante entusiasmadas, mas os próximos segundos seriam a prova de fogo de sua disposição para lutar contra seu antigo senhor, Napoleão.

O primeiro batalhão das tropas de Nassau se formou em uma linha de quatro filas no lado esquerdo do caminho. O coronel do batalhão ficou olhando fixamente o avanço dos soldados ocultos no campo de centeio situado do outro lado do riacho, e depois ordenou a seus homens que se preparassem.

Os soldados levaram os mosquetes ao ombro. O coronel fez uma pausa.

— Fogo! — Depois de um silêncio de milésimos de segundo a descarga retumbou com uma força tremenda na tranquila atmosfera da tarde. As balas saíram expelidas por cima do riacho e dobraram o centeio, como se uma lufada de vento tivesse açoitado seus talos. Na beira do caminho os gralhos bateram furiosamente as asas em sinal de protesto ante aquele alvoroço.

— Carreguem! — Na visão de Sharpe, a atuação dos mosquetes do batalhão era lamentavelmente lenta, mas não importava: estavam lutando.

Alguns escaramuçadores franceses devolveram o fogo, mas eram muito superados em número e disparavam totalmente ao acaso. Outro batalhão das tropas de Nassau havia se alinhado no lado direito do riacho.

— Fogo! — Foi de novo o primeiro batalhão. Mais soldados se aproximaram vindos do cruzamento, colocando-se à esquerda e direita por atrás das duas primeiras unidades. Os oficiais de estado-maior galopavam laboriosamente atrás das linhas onde o estandarte do batalhão brilhava na penumbra. Os tambores seguiam com seu estrondo.

— Quantos são? — O comandante de brigada, que falava inglês com um marcado acento alemão, freou seu cavalo ao lado de Sharpe.

— Eu só vi um batalhão de *voltigeurs*.

— Canhões? Cavalaria?

— Não os vi, mas não podem estar muito longe.

— Nós os reteremos aqui todo o tempo que possamos — o comandante de brigada olhou para o sol. Já não faltava muito para que anoitecesse e sem dúvida o avanço francês se deteria ao cair a noite.



— Informarei ao quartel general que estão aqui — disse Sharpe.

— Necessitaremos de ajuda pela manhã — disse com fervor o comandante de brigada.

— E a terço. — Sharpe esperava ter dito a verdade. O tenente Simon Doggett aguardava no cruzamento e franziu o cenho ao ver o braço ensanguentado de Sharpe.

— Está ferido, senhor?

— É sangue de outra pessoa — Sharpe esfregou a mancha de sangue, mas ainda estava úmida. — Tem que regressar a *Braine-le-Comte*. Diga a Rebecque que a encruzilhada de *Quatre Bras* está a salvo, mas que provavelmente pela manhã os franceses atacam com um maior número de efetivos. Diga que necessitamos de soldados aqui, quantos mais melhor!

— E o senhor, senhor. Vai ficar aqui?

— Não. Pegarei o cavalo substituto — Sharpe desceu deslizando da sela e começou a desafivelar a cinta. — Leve este de volta ao quartel general.

— Aonde vai, senhor? — Doggett, ao ver o indício de irritação no rosto de Sharpe, justificou sua pergunta. — Com certeza o barão vai me perguntar, senhor.

— Diga a Rebecque que vou a Bruxelas. O Príncipe quer que participe de um maldito baile.

Simon Doggett empalideceu enquanto olhava o surrado uniforme de Sharpe empapado de sangue.

— Assim, senhor? Vai a um baile vestido assim?

— Estamos em guerra, droga. O que espera o jovem Franchinote? Galões e bombachas? — Deu a Doggett o bridão do garanhão e levou a sela para colocá-la no cavalo de reserva. — Diga a Rebecque que fui a Bruxelas para falar com o duque. Alguém tem que explicar-lhe o que está ocorrendo aqui. Vamos, mova-se!

Atrás de Sharpe os disparos haviam parado. Os franceses haviam se retirado, era de supor que para Frasnes, e os soldados de Saxe-Weimar tinham começado a montar seus acampamentos. Ouvia-se com força o som de seus machados ao longo do bosque enquanto cortavam lenha para as acender fogueiras e fazer a comida. Os habitantes da aldeia, intuindo a destruição que seguiria à chegada daqueles soldados, estavam metendo seus escassos pertences na carroça da granja. A menina pequena chorava e procurava seus gatinhos perdidos. Um homem soltou uma maldição para Sharpe e se foi para ajudar a engatar a mula à carroça.

Sharpe montou lentamente seu cavalo substituto. A encruzilhada estava a salvo, pelo menos por essa noite. Estalou os dedos para que Narigudo o seguisse e se pôs a cavalgar para o norte na penumbra. Dirigia-se a um baile.

## Capítulo 6

Lucille Castineau olhava com gravidade seu reflexo no espelho, o qual, ao não ser mais que um pequeno fragmento quebrado, era sustentado por sua criada, Jeanette, que se via obrigada a inclinar o vidro para cima e para baixo esforçando-se para mostrar a sua senhora o vestido inteiro.

— Ficou muito bonito — disse Jeanette em tom tranquilizador.

— É muito simples. Contudo, eu também sou pouco graciosa.

— Isso não é verdade, madame — protestou Jeanette. Lucille riu. Seu traje de baile era um velho vestido cinzento que havia adornado com alguns pedaços de renda de Bruxelas. A moda ditava um corpo de tecido transparente ajustado que quase não cobrisse os seios e uma saia com uma abertura que deixasse descoberta uma parte da coxa apenas oculta sob uma fina combinação, mas Lucille não tinha nem o desejo nem o dinheiro para tais bobagens. Havia optado pelo vestido cinza porque se ajustava mais a seu corpo magro, mas essa foi sua única concessão à moda. Não havia baixado o decote e nem lhe ocorrera cortar a saia.

— Está muito bonito — repetiu Jeanette.

— Isso é porque não viu o que as outras vão usar.

— Continuo achando bonito.

— Não que importe muito — disse Lucille —, pois duvido que alguém me olhe. Ou que dance comigo. — Sabia muito bem a resistência de Sharpe a dançar, por isso se surpreendera quando chegou a mensagem do quartel general do príncipe de Orange informando-a que o tenente-coronel Sharpe acompanharia sua alteza real ao baile da duquesa de Richmond, pelo que, de antemão, sua alteza real tinha o prazer de estender o convite à senhora viscondessa de Seleglise. Lucille nunca usava seu título, mas sabia que, contra toda lógica, Sharpe se orgulhava dele e devia ter informado de sua existência ao príncipe.

A renuente viscondessa deixou então o espelho quebrado apoiado sobre uma estante e passou os dedos pelo cabelo que arrumara sem apertar antes de enfeitá-lo com uma pena de avestruz.

— Não gostei da pena.

— Todo mundo a usa.

— Eu não. — Lucille a tirou e com a ponta fez cosquinhas no bebê que dormia. O menino se moveu, mas continuou dormindo. Henri-Patrick tinha o cabelo negro como seu pai, mas Lucille já acreditava ver na carinha enrugada do bebê, a cabeça alongada de sua família. Se tivesse o aspecto de seu pai e o cérebro de sua mãe, Lucille gostava de dizer, Henri Patrick seria de muita sorte.

Era injusta, pelo menos com ela mesma. Lucille Castineau havia vivido durante todos seus vinte e sete anos na campina normanda e, embora fosse de uma família nobre, considerava-se

com orgulho que era uma granjeira. A vida rural lhe havia negado a moderna palidez de Jane Sharpe; em troca, a pele de Lucille tinha o aspecto saudável do clima do campo. Tinha um rosto alongado, estreito e ossudo cuja severidade era suavizada por seus olhos que irradiavam alegria e sensatez. Era viúva. Seu marido fora um elegante oficial da cavalaria de Napoleão e amiúde Lucille se perguntara por que um homem tão charmoso havia querido casar-se com ela, mas Xavier Castineau se considerara sortudo por sua esposa. Ficaram casados apenas algumas semanas quando ele foi atravessado por um sabre. Durante o período de paz depois das guerras, quando Lucille estava sozinha no castelo normando de sua família, conhecera Sharpe, converteu-se em sua amante e na mãe de seu filho.

A lealdade a seu companheiro havia levado Lucille a Bruxelas. Ela nunca fora uma bonapartista, ainda que aquele fato não tornara mais fácil abandonar a França e seguir um exército que lutaria contra seus compatriotas. Lucille havia partido da França porque amava Sharpe, que sabia ser uma melhor pessoa do que ele mesmo pensava. A guerra, dizia para si mesma, terminaria algum dia, mas o amor era eterno e iria lutar por ele, exatamente como lutaria para oferecer a seu filho a companhia de seu pai. Lucille já perdera um bom homem; não iria perder um segundo.

Surpreendentemente, naquela noite tinha a oportunidade de bailar com seu bom homem. Lucille deu uma última olhada no espelho, decidiu que não podia fazer nada para ficar mais elegante ou bonita e, portanto, pegou sua pequena bolsa que continha o apreciado convite de papelão. Beijou seu bebê, deu um último toque desesperado em seu cabelo e foi a um baile.

Um homem alto esperava na entrada dos estábulos da casa de hóspedes onde Lucille Castineau havia alugado dois quartos no ático. Era um homem cujo temível aspecto inspirava um respeito imediato. Sua altura — um metro e noventa e três — era bastante imponente, contudo também possuía músculos que combinavam com sua altura, e naquela tarde seu aspecto era mesmo mais ameaçador, pois levava um bastão de carvalho, uma pistola de cavalaria de cano longo metida no cinturão e um fuzil do exército britânico pendurado ao ombro. Tinha o cabelo loiro avermelhado e um rosto chato de feições duras. O homem vestia roupas civis, contudo, naquela cidade abarrotada de soldados, possuía uma confiança em si mesmo que dava a entender que já tinha usado uniforme.

O homem alto estava apoiado contra as portas abertas do estábulo, mas se endireitou quando Lucille saiu da casa. Ela observou nervosa o céu do oeste, turbulento, com nuvens escuras que haviam adiantado o anoitecer de maneira que já se estavam acendendo as primeiras lamparinas nos arcos e janelas da cidade.

— Pegu um guarda-chuva? — perguntou ela.

— Esta noite não vai chover, senhora. — O homem alto respondeu com o áspero sotaque do Ulster.

— Não tem por que me acompanhar, Patrick.

— E que outra coisa faria esta noite? Além disso, o coronel não quer que ande sozinha pelas ruas depois de anoitecer. — Harper deu um passo para trás e dedicou a Lucille um sorriso de admiração. — Tem um aspecto esplêndido, ora se o tem!

Lucille se riu afavelmente ante o cumprimento.

— É um vestido muito velho, Patrick. — Para dizer a verdade, Patrick não se fixara no vestido de Lucille, mas, por ser um homem casado, sabia a importância que as mulheres davam a um cumprimento. Sua própria esposa ia necessitar mais do que uns poucos cumprimentos desses quando Harper chegasse em casa, já que fora categoricamente contra seu marido viajar até Bruxelas... “Por que me faz isto? — perguntou Isabel. — Já não é um soldado! Não precisa ir! Seu lugar é aqui, comigo!”

Esse lugar era Dublin, para onde, no final da última guerra, Harper havia se dirigido com os alforjes cheios de ouro roubado. O tesouro provinha da bagagem francesa capturada em Vitória, Espanha, um país no qual o sargento Patrick Harper havia encontrado riquezas e esposa. Quando deu baixa do exército sua intenção era voltar para seu amado Donegal, mas não havia chegado além de Dublin, onde comprou uma taberna perto do cais da cidade. A taberna também fazia um próspero negócio com a venda de cavalos roubados, uma atividade que proporcionava a Harper a desculpa para viajar adentrando-se nas profundezas da campina irlandesa. O regresso do Imperador à França e a subsequente declaração de guerra haviam beneficiado o comércio de Harper: um bom cavalo de caça roubado de uma plantação protestante na Irlanda teria um preço muito bom na Inglaterra, onde havia muitos oficiais que se equipavam para a campanha.

Harper tinha se servido da desculpa do comércio de cavalos para explicar sua viagem a Isabel, mas ela conhecia a autêntica verdade de sua aventura. Os cavalos não eram a razão que trouxe Harper até a Bélgica, mas Sharpe. Sharpe e Harper eram amigos. Durante seis anos, em campos de batalha e em assédios, haviam lutado cotovelo com cotovelo e Harper, desde que soube da nova guerra, ficara esperando notícias de seu antigo oficial. Em lugar disso e para desgosto de Isabel, Sharpe fora em pessoa a Dublin. A princípio parecera que só se encontrava ali para escapar da guerra com sua esposa francesa, mas então chegaram os requerimentos do exército holandês e Isabel soube que seu marido o seguiria.

Isabel havia tentado dissuadir Patrick. Ameaçara abandoná-lo e regressar a Badajoz. Xingara-o. Havia chorado, mas Harper diminuía seus temores.

— Só vou vender alguns cavalos, mulher, nada mais.

— Não vai combater?

— E por que, em nome da Irlanda, eu quereria combater?

— Por ele — Isabel conhecia seu marido — e porque não pode resistir a participar de um combate.

— Não estou no exército, mulher. Só quero uns poucos peniques vendendo uns poucos cavalos. O que há de mau nisso?

Finalmente Harper havia feito um juramento sagrado pela Santa Mãe e as chagas de Cristo prometendo que não entraria em batalha, que se lembraria que era esposo e pai e que quando ouvisse um só disparo de mosquete daria a volta e correria.

— Soube que hoje houve uma pequena briga no sul? — a voz de Harper tinha um tom de

emoção ao falar a Lucille da contenda.

— Uma batalha? — Lucille pareceu alarmada.

— É provável que não fosse mais que uma escaramuça, senhora. — Harper afastou de um empurrão os mendigos que se aproximavam de Lucille arrastando os pés. — Imagino que o Imperador se entediou com a espera e decidiu olhar se havia alguém acordado neste lado da fronteira.

— Talvez seja este o motivo pelo qual hoje não tive notícias de Richard.

— Se permitirem que escolha entre uma batalha e um baile, senhora, se me permite mencioná-lo em sua presença, sempre ficará com a batalha. — Harper soltou uma gargalhada. — Nunca foi muito de dançar, a não ser que esteja bêbado, e então bailará com os melhores. — De repente Harper se deu conta de que poderia estar revelando algumas confidências. — Não é que eu já o tenha visto bêbado, senhora.

Lucille sorriu. — Claro que não, Patrick.

— Mas teremos notícias suas muito em breve. — Harper levantou o bastão para afastar os mendigos que se aglomeravam de um modo mais ameaçador quanto mais se aproximavam da Casa que o duque e a duquesa de Richmond haviam alugado. Havia mendigos por toda a Europa. A paz não havia trazido Prosperidade, senão uma subida de preços e os soldados que deram baixa haviam engrossado as filas dos indigentes. De dia uma mulher podia passear sem perigo pelas ruas de Bruxelas, mas pela noite as calçadas se tornavam perigosas. — Para trás, sacanas! Para trás! — Harper empurrou dois homens esfarrapados. Além da sarjeta os meninos perseguiam gritando as lustrosas carruagens que passavam tamborilando pela Rua da Blanchisserie, mas os cocheiros eram peritos com seus compridos chicotes, que faziam estalar bruscamente para trás para afugentar os garotos de rua.

Um esquadrão de hussardos britânicos estava de serviço na Rua da Blanchisserie para evitar que os mendigos se aproximassem dos ricos. Um servil cabo com o sabre desembainhado conduziu seu cavalo para a frente de Harper para ajudar a desimpedir a passagem de Lucille até a grande casa.

— Ficarei esperando, senhora — disse Harper a Lucille quando estavam a salvo no pátio.

— Não tem por que fazê-lo, Patrick. Estou certa que Richard me acompanhará para casa.

— Eu a esperarei aqui, senhora — insistiu Harper. Lucille ficou nervosa ao subir os degraus. Um laçao suntuosamente vestido examinou seu convite e com uma reverência a fez entrar a um saguão iluminado por velas e abarrotado de gente. Lucille teve a sensação que não possuía graça nenhuma. Deu uma espiada pelo saguão esperando contra todo prognóstico que Richard a estivesse aguardando, mas não havia nem rastro de Sharpe nem de nenhum outro membro do estado-maior do príncipe de Orange. Lucille se sentiu como se estivesse em um país hostil sem nenhum amigo, mas se tranquilizou ao ver a condessa viúva de Mauberges que, assim como muitos outros membros da aristocracia belga, considerava-se francesa e queria que o mundo soubesse disso. Em torno do pescoço a velha mulher usava com atitude desafiante a *Legión d'honneur* de seu falecido marido.

— Seu esposo era membro da legião, não é verdade? — ela cumprimentou Lucille.

— De fato, ele era.

— Então deveria usar sua medalha.

Não é que o baile precisasse de mais outra medalha, porque, na opinião de Lucille, parecia como se uma joalheria tivesse estourado em extravagantes fragmentos de luz e colorido. O colorido provinha dos uniformes dos cavalheiros, magníficos uniformes, uniformes vermelho-escarlata e dourado, azul-royal e açafrão, prata e preto; uniformes de Hussardos, Dragões, Guarda Real, Jaegeres e Highlanders com seus kilts. Havia penachos, passamanaria, dragonas com sutaches e bainhas revestidas de ouro. Havia casacas adornadas com peles e botões, peliças forradas de seda e gorjeiras de ouro puro. Havia príncipes, duques, viscondes e condes. Havia plenipotenciários que usavam o uniforme da corte tão engalanado com ouro que suas capas pareciam lençóis de luz. Tinha estrelas com pedras preciosas e cruzeiros esmaltados presas em faixas de brilhante seda, e tudo iluminado pelos resplandecentes lustres que foram içados até o teto com seu carregamento de delicadas velas brancas.

As mulheres vestiam cores mais pálidas: branco, amarelo claro ou um discreto azul. Aquelas damas, muito esbeltas e valentes para vestir a última moda, pareciam etéreas com seus vestidos de gaze que se ajustavam ao corpo quando se moviam. A luz das velas se refletia nas pérolas e rubis, nos diamantes e no ouro. No salão se cheiravam diversos aromas — água de flor de laranjeira ou água de colônia — sob os quais se percebia o odor mais intenso de pó para cabelo e suor.

— Há algumas — a condessa se inclinou aproximando-se mais de Lucille — que não sei por que se incomodam em se vestir! Olhe aquela criatura!

A condessa apontou com a bengala em direção a uma garota com brilhantes cachos dourados e olhos radiantes como safiras. A garota era inegavelmente bonita e estava claro que sabia disso, “já que não usava combinação sob um diáfano vestido dourado claro que pouco ocultava seu corpo.

— Por isso já poderia vir completamente despida! — disse a condessa.

— É a moda — Lucille se sentiu uma pessoa muito insossa.

— Quando eu era jovem necessitavam-se de doze metros de tecido apenas para fazer a combinação de um vestido de baile. Agora se limitam a desdobrar um pedaço de gaze e jogá-lo sobre os ombros! — Nem ao menos isso, porque em sua maioria, as mulheres usavam os ombros descobertos assim como o peito, quase despido. — E olhe sua maneira de andar! Andam como homens! — Na época da infância da condessa, antes da revolução e antes da Bélgica ser liberada do domínio austríaco pelos franceses, as mulheres eram ensinadas a deslizar sobre o piso com os pés ocultos sob as largas saias e as sapatilhas mal deixando as placas polidas. O efeito era elegante e sugeria um movimento sem esforço, enquanto que agora as meninas pareciam não se importar. A condessa sacudiu a cabeça com indignação. — Nota-se que são protestantes! Não têm modos, nem elegância, nem classe.

Lucille distraiu a velha mulher mostrando-lhe a sala de jantar que, assim como a sala de baile, estava coberta com bandeiras belgas de preto, vermelho-escarlata e dourado. Debaixo das cortinas de seda as compridas mesas estavam cobertas com linho branco e abarrotadas de talheres de prata e porcelana chinesa.

— Esta noite vão ficar sem colheres! — Exclamou a condessa com manifesta satisfação, depois se virou ao ouvir o aplauso de recepção à majestosa polaca que avançava desde o lado mais afastado da casa, havia cruzado o saguão da entrada e nesse momento entrava na sala para dar começo ao baile de maneira formal. Lucille e a condessa sentaram-se junto à entrada da sala de jantar. Os oficiais uniformizados e suas senhoras se colocaram com delicadeza na linha de baile, se inclinaram e fizeram uma reverência. A música soava com doçura. Um menino que permitiram ficar acordado para ver o começo do baile observava de uma sacada com olhos como arregalados enquanto a condessa golpeava o piso de parquet com sua bengala ao ritmo da música.

Depois da polonesa, a primeira valsa animou o aposento com seu ritmo descontraído. A noite enegrecia as janelas, contudo, eram cobertas por um manto de reflexos de milhares de velas cuja luz cintilava em dez mil jóias. O champanhe e os risos reinavam no salão enquanto os bailarinos giravam resplandecentes de alegria.

Lucille observou a bonita garota do diáfano vestido dourado que bailava com um alto e charmoso oficial com uniforme da cavalaria britânica. Lucille notou que a garota rechaçava todos os pares menos àquele homem, e teve um sentimento de empatia porque soube que a garota devia estar enamorada, como ela própria estava. Lucille pensou que a moça e o oficial da cavalaria formavam um belo casal, mas desejou que ela sorrisse em lugar de manter em seu rosto aquela expressão fria e arrogante.

Então Lucille se esqueceu da jovem quando um repentino e prolongado aplauso inundou a sala de baile e obrigou a orquestra a parar.

Havia aparecido o duque de Wellington com os membros de seu estado-maior. Parou na entrada da sala e agradeceu a aclamação com uma pequena inclinação. Não era um homem alto, mas havia algo em sua segurança e reputação que lhe davam uma estatura imponente. Ele estava vestido com o vermelho-escarlata e dourado de um marechal de campo britânico. Com um diplomático adorno da Holanda que usava em uma cinta laranja.

Lucille, que aplaudia cortesmente junto com o restante da sala, se perguntou se aquele homem era na realidade o melhor soldado de seu tempo. Muita gente, inclusive Sharpe, insistia em que ele era. Ninguém, nem sequer o Imperador, havia combatido em tantas batalhas e nenhum outro general havia ganhado todas aquelas nas quais havia participado, ainda que o duque, como todos na sala sabiam, nunca lutara contra o Imperador. Em Viena, onde o duque tinha ido como embaixador britânico no congresso, a sociedade o recebera com uma adulação escandalosa chamando-o “*le vainqueur du vainqueur du monde*”, mas Lucille supunha que Bonaparte podia ter uma opinião distinta sobre a estatura militar do duque.

O “conquistador do conquistador do mundo” fez então um gesto para que cessassem os aplausos.

— Tem boas pernas — a condessa disse para Lucille.

— É um homem atraente — consentiu Lucille. — E não usa corpete. Nota-se pela maneira como se inclinam. Meu marido nunca usou um corpete, não como alguns dos que estão aqui.

— A condessa lançou uma feroz olhada para os bailarinos que começavam outra valsa, depois voltou de novo a olhar o duque. — É um homem jovem.

— Quarenta e seis — disse Lucille —, a mesma idade do Imperador.

— Os generais são cada vez mais jovens. Estou segura de que isso não agrada os soldados. Como pode um homem confiar em um pirralho?

A duquesa guardou então um reprovativo silêncio ao mesmo tempo em que um jovem e charmoso oficial britânico fazia uma profunda reverência, obviamente livre de corpete, para Lucille.

— Minha querida Lucille! — O capitão Peter D'Alembord estava resplandecente com uma casaca vermelho-escarlata e calças brancas.

— Capitão! — respondeu Lucille com verdadeiro prazer. — Que agradável ver um rosto amigo!

— Meu coronel recebeu um convite, não sabia o que fazer com uma coisa assim e o deu para mim. É incrível que tenha convencido Sharpe a vir, ou o converteu em um bailarino?

— Acho que tem que acompanhar o Príncipe.

— Lucille apresentou D'Alembord à condessa viúva de Mauberges que examinou o oficial com muita desconfiança.

— Seu nome é francês! — a condessa o acusou.

— Minha família era huguenote, senhora, e portanto não eram queridos na *Belle* França. — O depreciativo menosprezo de D'Alembord incomodou a condessa, mas ele já se havia voltado para Lucille. — Concede-me a honra de dançar comigo?

Lucille a concedeu. D'Alembord era um velho amigo que havia jantado amiúde com Sharpe e Lucille desde que estes chegaram à Holanda. Os dois homens haviam servido no regimento dos Voluntários do Príncipe de Gales no qual D'Alembord havia sucedido Sharpe no comando da companhia ligeira do primeiro batalhão. Este se encontrava acampado em um povoado ao oeste de Bruxelas onde D'Alembord não tivera notícias de nenhuma escaramuça na fronteira. Ao contrário, havia passado o dia cedendo ao coronel em sua paixão pelo críquete...

— Acho que planeja nos matar de tédio — disse D'Alembord a Lucille quando saíram da pista.

— Pobre Peter.

— Em absoluto, sou o mais sortudo dos homens. Se não fosse por Sharpe, certamente.

Lucille sorriu ante o obrigado, mas agradável cumprimento.



— Certamente. E como está Anne?

— Muito bem. Ela me escreveu contando que seu pai encontrou uma casa que será apropriada para nós. Não muito grande, mas com cocheiras adequadas e uns poucos acres de campos.

— Alegro-me por você. — D'Alembord sorriu.

— Eu também me alegro bastante por mim.

— Então continue vivo para desfrutá-la, Peter!

— Não pense em apostar no contrário. — D'Alembord havia se comprometido há pouco tempo e transbordava de comovente felicidade ante a perspectiva de seu matrimônio. Lucille o invejava um pouco, pensando que oxalá ela pudesse se casar com Sharpe. Reconhecê-lo a fez sorrir para si. Quem poderia ter imaginado que Lucille, viscondessa de Seleglise e viúva do coronel Xavier Castineau, seria a mãe de um bastardo meio inglês?

Girou agilmente ao ritmo da música e viu que a garota de olhos azuis com o vestido dourado a estava olhando muito friamente. Era o insosso vestido cinzento o que tinha ganhado o desprezo da jovem? De repente Lucille se sentiu muito mal vestida e incômoda. Virou-se de costas para a garota.

— Meu Deus! — D'Alembord, que era muito bom bailarino, cambaleou de repente. Tinha os olhos cravados em alguém ou algo que havia em um extremo da sala e Lucille, que se virou para ver o que tinha atraído sua assombrada atenção, viu que a garota dourada devolvia o olhar para D'Alembord com o que parecia ser puro veneno.

— Quem é? — Lucille perguntou. D'Alembord havia abandonado completamente toda a intenção de dançar. Em lugar disso, ofereceu seu braço a Lucille e a acompanhou para fora da pista de baile.

— Você não sabe? — Lucille parou, voltou a olhar uma vez mais para a jovem e então, de forma intuitiva, soube a resposta e olhou para o preocupado rosto de D'Alembord em busca da confirmação.

— Essa é a esposa de Richard? — não foi capaz de ocultar seu espanto.

— Só Deus sabe o que está fazendo aqui! E com seu maldito amante! — D'Alembord conduziu com firmeza Lucille para longe de Jane e de lorde Rossendale. — Richard vai matá-lo!

Lucille não pôde resistir voltar-se mais uma vez.

— É muito bonita — disse com tristeza, então perdeu Jane de vista quando o grupo do duque de Wellington cruzou a pista de baile.

O duque estava oferecendo umas insossas palavras tranquilizadoras sobre as escassas notícias das escaramuças do dia. Em Bruxelas corriam muitos rumores sobre um ataque francês, rumores que o duque quase não podia corrigir ou negar. Sabia que tinha havido esfregas perto de Charleroi e ouvira falar de algumas escaramuças nos povoados ao sul do quartel general do príncipe de Orange, mas se os franceses tinham invadido com grande

número de forças ou se um ataque se aproximava da direção de Mons, isso o duque ainda não sabia. Alguns dos membros de seu estado-maior haviam lhe pedido com insistência que abandonasse o baile da duquesa, mas um ato como aquele, ele sabia, não teria feito outra coisa que alentar os muitos seguidores do Imperador em Bruxelas, e inclusive poderia provocar a deserção em massa das tropas belgas. O duque tinha que dar a impressão de estar seguro da vitória ou do contrário todos os indecisos de seu exército sairiam correndo para se juntar ao Imperador e ao bando ganhador.

— Orange está aqui? — o duque perguntou a um ajudante de campo.

— Não, senhor.

— Esperemos que traga notícias. Minha querida lady Mary, quanto me alegro de vê-la! — Inclinou-se sobre a mão que ela lhe estendeu e depois rechaçou os temores da mulher sobre uma iminente invasão francesa. Desculpou-se com delicadeza e seguiu andando quando John Rossendale esperando para se apresentar e, com ele, uma jovem bonita, vestida de maneira pouco adequada para a ocasião, que sem saber por que lhe era familiar.

— Quem diabos trouxe Rossendale para cá? — perguntou irritado o duque a um de seus ajudantes.

— Ele foi designado ao estado-maior de Uxbridge, senhor.

— Maldito Harry! Já não tem idiotas suficientes na cavalaria? — Harry Paget, conde de Uxbridge e comandante da cavalaria britânica, era o segundo em comando do duque. Uxbridge havia fugido com a esposa do irmão mais novo do duque, o que não conquistou precisamente o carinho deste último. — Harry está aqui? — perguntou, então, o duque.

— Não, excelência.

— Em seu lugar mandou Rossendale como segundo adúltero, hein? — A brincadeira do duque foi macabra, então a expressão de seu rosto se congelou e se converteu em uma gélido sorriso quando Rossendale fez Jane avançar.

— Excelência — lorde John fez uma reverência. — Permite-me apresentar a senhorita Jane Gibbons? — utilizou o nome de solteira de Jane a propósito.

— Senhorita Gibbons.

— O duque se viu com o olhar cravado no empoado decote quando ela se inclinou. — Não nos vimos antes, senhorita Gibbons?

— Brevemente, excelência. No sul da França. — Então se recordou dela. Santo Deus! Wellington ficou tenso ao se recordar dos detalhes dos fálatórios. Aquela era a mulher de Sharpe! Que diabos Rossendale achava estar fazendo? O duque, ao perceber que lhe haviam apresentado para que parecesse que aprovava aquela relação adúltera, se afastou com muita frieza e sem pronunciar uma palavra mais. Não era o adultério que o ofendia, mas a estupidez de lorde John Rossendale ao se expor a um duelo com Sharpe.

O duque se virou repentinamente com a intenção de informar à sua senhoria que não permitia os duelos entre seus oficiais, mas a multidão já havia tragado Rossendale e Jane.

O duque se obrigou a sorrir e sem dar importância negou a uma mulher que tivesse temor de um iminente ataque francês.

— Fazer um exército avançar por uma estrada leva mais tempo do que se imagina. Não é como conduzir uma manada de vacas senhora. Quando Bonaparte marchar estaremos bem avisados, eu lhe asseguro.

Outra salva de aplausos anunciou a chegada do príncipe de Orange, que viera com um punhado de oficiais do estado-maior. O jovem Franchinote cumprimentou com a mão os dançarinos e, ignorando sua anfitriã, foi direto ao duque.

— Sabia que não ia cancelar o baile.

— Deveria tê-lo feito? — perguntou o duque com aspereza.

— Há rumores — disse o Príncipe como quem não quer nada —, nada mais que rumores. Não é magnífico? Com o olhar percorreu o salão avidamente em busca dos rostos mais bonitos, mas o que viu foi o tenente Harry Webster, um de seus ajudantes de campo britânicos, que se apressava a cruzar a pista de baile. Webster fez uma mecânica inclinação para o Príncipe e depois lhe deu um boletim.

A maioria das pessoas que havia no salão de baile viu como se entregava aquele boletim e, pelas manchadas botas de Webster, souberam que este devia ter cavalgado um bom trecho para trazer o papel a Bruxelas, mas o Príncipe se limitou a metê-lo em um bolso de sua casaca e reiniciou o exame das mulheres mais jovens. O rosto de Webster denotou grande preocupação. O duque, ao perceber sua expressão, sorriu friamente para o Príncipe.

— Seria possível saber o que diz o boletim, alteza?

— Se assim o deseja. Certamente. — O Príncipe lhe estendeu o selado de maneira despreocupada e mandou um de seus ajudantes holandeses averiguar a identidade da jovem do diáfano vestido dourado.

O duque abriu o boletim. Rebecque, em *Braine-le-Comte*, mandava notícias tanto dos prussianos como de Dornberg em Mons. Os franceses haviam avançado para o norte desde Charleroi, mas se desviaram para leste para atacar Blücher, e pararam para passar a noite em um povoado chamado Fleurus. O general Dornberg informou que não havia nenhum movimento em nenhum dos caminhos que levavam a Mons. Suas patrulhas de cavalaria haviam entrado mais de quinze quilômetros na França e não encontraram tropas inimigas.

O príncipe, com os olhos mais protuberantes do que nunca, havia agarrado Webster pelo braço.

— Vê aquela jovem? Você a conhece?

— Tenente Webster — a voz do duque era mais fria que uma espada no inverno —, quatro cavalos para a carruagem do príncipe de Orange agora mesmo. Sua alteza regressará imediatamente ao quartel general.

O príncipe pestanejou surpreso ante seu comandante em chefe e soltou um risinho.

— Creio que pode esperar até...

— Agora mesmo, senhor! — O duque não alçou a voz, mas havia algo bastante aterrador em seu tom. — Suas tropas se concentrarão em Nivelles agora. Vamos, senhor, vá embora!

O príncipe, horrorizado, ficou ali durante meio segundo e depois partiu a toda pressa. Mil olhares observaram a breve altercação e então começaram os cochichos de verdade. Algo devia de ter ocorrido, algo preocupante o suficientemente para fazer o Príncipe sair disparado do baile.

O duque e a duquesa de Richmond trataram de obter uma resposta, mas o duque se limitou a sorrir e propôs alegremente que os convidados teriam ir jantar. Ofereceu o braço à duquesa e a orquestra, ao ver o gesto, cessou a música para deixar os gaiteiros dos Highlanders começarem sua dança com as espadas.

As gaitas adquiriram vida entre gemidos e chiados, e se inflaram de ar para inundar o aposento de um som marcial, enquanto a comitiva, de dois em dois e em um mesmo passo, lento como o avanço de um exército por um caminho da campina, se dirigia para a sala de jantar.

Havia ovos de codorna servidos sobre ovos mexidos e com caviar por cima que o chefe de cozinha da duquesa chamava de maneira confusa *les trois oeufs de victoire*. Eram seguidos por gelatina de vinho do porto e sopa fria.

O duque de Wellington estava tranquilamente sentado entre duas atraentes e jovens damas, enquanto Lucille entre D'Alembord e um coronel de artilharia holandês, que se queixou dos ovos da vitória, recusou a sopa e disse que o pão estava muito duro. Lucille vira a chegada e apressada partida do príncipe e tinha se resignado com a ausência de Sharpe. Na verdade sentia-se alegre, pois temia a violência de Sharpe se visse lorde John Rossendale no baile.

Lucille, uma normanda, fora educada com histórias dos impiedosos piratas ingleses que viviam justo do outro lado do canal e que, durante séculos, atacaram sua terra natal para assassinar, queimar e saquear. Ela amava Sharpe, mas nem assim via em seu amado a personificação daqueles demônios dos quais se serviram para fazê-la obedecer quando era menina. Durante os últimos meses, enquanto o soldado tentava se converter em granjeiro, Lucille havia tentado melhorar seu inglês. Convencera-o que às vezes a diplomacia era mais efetiva que a força, que em certas ocasiões era preciso se controlar e que a espada não era o argumento decisivo da paz. Contudo, Lucille sabia que ele não ia dar nenhuma daquelas lições pacifistas se visse lorde Henri. A grande espada sairia de sua bainha. Peter D'Alembord, que compartia seus temores, prometera conter Sharpe se este aparecesse.

Pelo visto não viria, pois o Príncipe havia abandonado o baile. Ninguém sabia por que, ainda que o coronel de artilharia holandês achava que o motivo de sua apressada partida não devia ser importante, ou do contrário, o duque provavelmente teria ido com ele. A suposição mais razoável era que os franceses haviam iniciado uma incursão com a cavalaria na fronteira.

— Creio que pela manhã descobriremos qual foi a causa — disse D'Alembord, e então se virou para Lucille para lhe oferecer uma taça de vinho.

Ela havia empalidecido por completo. Olhava assustada e com os olhos arregalados para

a entrada aberta da sala de jantar que, como se fosse o arco de um palco, moldurava os bailarinos dos Highlanders e de forma totalmente repentina, moldurou também o seu amado.

Sharpe tinha ido ao baile afinal de contas. Ficou ali de pé, pestanejando sob a súbita luz das velas, um fuzileiro mal vestido entre os escoceses que dançavam.

— Meu Deus! — D'Alembord ficou olhando para seu amigo assustado.

O silêncio se estendeu lentamente pelas mesas do jantar ao mesmo tempo em que as centenas de convidados viravam para olhar o fuzileiro, que, por sua vez, procurava nas mesas uma pessoa em concreto. Uma mulher deu um grito abafado de horror ao vê-lo e as gaitas gemeram uma última nota inquieta antes dos bailarinos ficarem imóveis em cima de suas espadas.

Sharpe fora ao baile, mas empapado em sangue. Tinha o rosto manchado de pólvora e o uniforme escurecido pelo sangue. Todos os outros homens do cômodo usavam bombachas brancas e meias de seda, contudo, com o aspecto do fantasma da obra escocesa, ali havia um soldado que vinha do campo de batalha, um soldado ensanguentado e marcado, com o rosto austero das matanças.

Jane Sharpe deu um grito, o último som que se ouviu antes que a sala ficasse em completo silêncio.

Lucille se pôs meio de pé, para revelar sua presença a Sharpe, mas este vira o duque e, ao que parece alheio ao efeito que sua entrada havia causado nos convidados, passou a grandes passadas entre as mesas para situar-se junto ao duque. O rosto de Wellington pareceu estremecer como reação ao fedor de pólvora, sangue, suor e capim esmagado que desprendia o uniforme de Sharpe. Fez um sinal ao fuzileiro para que se inclinasse, com o propósito de que sua conversa fosse mais privada.

— O que houve? — perguntou o duque de maneira cortante.

— Venho de uma encruzilhada chamada *Quatre Bras*, senhor. Fica ao norte de Charleroi na estrada de Bruxelas. Os franceses atacaram ali ao pôr do sol, mas os homens de Saxe-Weimar frearam seu avanço. O Príncipe Bernhard está seguro de que o inimigo realizará um ataque muito mais forte pela manhã. — O Príncipe Bernhard não havia dito tal coisa, mas Sharpe tinha decidido que seria mais eficaz atribuir essa opinião ao príncipe do que confessar que era seu ponto de vista.

O duque ficou olhando para Sharpe alguns segundos e depois estremeceu ao ver o sangue endurecido da casaca do fuzileiro.

— Você está ferido?

— É de um francês morto, senhor. — O duque limpou a boca com um guardanapo e então, com toda tranquilidade, se inclinou para sua anfitriã.

— A senhora tem um bom mapa na casa?

— No andar de cima. Em meu closet.

— Há uma escada traseira?

— Claro.

— Peço que nos deixe utilizá-la. — Wellington olhou para o ajudante de campo que estava sentado um pouco mais abaixo na mesa. — Creio que todos os oficiais terão que voltar a seus regimentos — disse com total calma. — Venha conosco Sharpe.

No piso de cima, em uma quarto repleto de botas e casacas, os dois duques se inclinaram sobre um mapa enquanto Sharpe ampliava sua informação. Wellington moveu uma vela por cima do mapa para encontrar o povoado de Fleurus onde os prussianos enfrentavam os franceses. Essa fora a primeira notícia que a noite havia trazido ao duque: o exército de Napoleão saíra da estrada de Bruxelas indo para o leste para afastar os prussianos dos britânicos. Fora uma grave notícia, mas não catastrófica. O duque havia planejado reunir o maior número possível de efetivos e, quando amanhecesse, dirigir-se para o flanco francês para ajudar os prussianos de Blücher; mas Sharpe havia trazido notícias muito piores. Os franceses se aproximaram de *Quatre Bras* e de maneira efetiva bloqueavam a passagem da marcha que o duque planejava realizar. Antes que pudesse ajudar os prussianos, o duque deveria tirar os franceses do meio. O espaço entre os exércitos britânico e prussiano ainda era muito estreito, contudo, as notícias de Sharpe demonstravam que o Imperador tinha o pé metido entre as duas portas e que, pela manhã, ia empurrá-las com todas suas condenadas forças para separá-las.

Wellington mordeu o lábio superior. Havia se equivocado. Napoleão, longe de manobrar pelo flanco direito do duque, havia lançado suas tropas contra a fenda que havia entre os dois exércitos aliados. Por um segundo o duque fechou os olhos, depois se endireitou e falou em voz muito baixa.

— Napoleão me enganou, por Deus! Ganhou vinte e quatro horas! — parecia assombrado, inclusive ferido.

— O que pensa fazer? — O duque de Richmond empalideceu.

— O exército se concentrará em *Quatre Bras* — o duque de Wellington parecia estar falando consigo mesmo como se buscasse a solução para o problema que Napoleão lhe expunha —, mas não o deteremos ali, portanto — o olhar de Wellington foi de um ponto a outro do mapa até que parou —, devo combatê-lo... — Fez outra pausa para inclinar-se sobre o mapa uns últimos segundos — aqui. — Apertou o polegar contra o grosso papel do mapa.

Sharpe deu um passo para frente para olhar o mapa, a unha do polegar do duque havia deixado uma pequena marca em outro cruzamento, este muito mais próximo de Bruxelas e ao sul de um povoado com o estranho nome de Waterloo.

— Ele me enganou! — voltou a dizer o duque, mas desta vez mostrando a contragosto certa admiração por seu oponente.

— Enganado? — Richmond estava preocupado.

— Nossos exércitos precisam de dois dias para se reunir — explicou Wellington. — Eles não reuniram o seu e, contudo, o exército do Imperador já se encontra virando a esquina. Em resumo, ele nos enganou. Sharpe... — O duque se voltou bruscamente para o fuzileiro.

— Senhor?

— Teria que ter se vestido para o baile. — Era humor negro, mas o suavizou com um sorriso. — Obrigado. Acho que se apresentará ao príncipe de Orange.

— Ia voltar para *Quatre Bras*, senhor.

— Sem dúvida que irá para lá. Obrigado outra vez. E tenha uma boa noite.

Sharpe, convidado dessa forma a se retirar, fez uma desajeitada reverência. — Boa noite, senhor.

Quando Sharpe já havia partido, o duque de Richmond fez uma careta.

— Uma criatura ameaçadora.

— Ascendeu desde a tropa. Uma vez me salvou a vida — de algum modo Wellington conseguiu que suas palavras soassem como se desaprovasse ambos os êxitos —, mas se amanhã tivesse cem mil homens como ele lhe asseguro que então veríamos Napoleão vencido ao meio-dia. — Voltou a cravar a vista no mapa e viu com repentina e arrepiante clareza a eficiência com que o Imperador havia separado os exércitos aliados. — Meu Deus, ele é bom — disse o duque em voz baixa —, muito bom.

Uma vez fora do closet, Sharpe se viu rodeado por ansiosos oficiais do estado-maior que esperavam Wellington. O fuzileiro ignorou suas perguntas e se dirigiu à escada principal que conduzia ao brilhantemente iluminado caos do saguão, onde uma multidão de oficiais exigiam seus cavalos e carruagens. Sharpe, sentindo-se repentinamente exausto e pouco disposto a abrir caminho entre a multidão, parou no patamar. Viu lorde John Rossendale. Sua senhoria estava de pé debaixo do arco da entrada do salão de baile. Jane estava com ele.

Por um segundo Sharpe não podia acreditar no que seus olhos viam. Nunca imaginou que seu inimigo se atreveria a deixar-se ver no exército; sua presença lhe pareceu uma prova de como devia desprezar aquele soldado da cavalaria. O fuzileiro ficou olhando fixamente para seu inimigo ao mesmo tempo em que muitas das pessoas da multidão levantavam o olhar para aquele soldado empapado em sangue. Sharpe interpretou a atenção da multidão como o escárnio que merece um cornudo, e convencido disso, perdeu as estribeiras.

Impulsivamente começou a descer correndo o último vão de degraus. Jane o viu e gritou. Lorde John virou-se e se apressou em sair da vista. Sharpe tentou ganhar uns segundos saltando por cima do corrimão. Aterrizou pesadamente sobre o mármore do saguão e abriu caminho aos empurrões entre a aglomeração.

— Afastem-se! — gritou Sharpe com sua melhor voz de sargento, a visão e o som de sua ira foram suficientes para que a gente retrocedesse ante ele.

Lorde John havia fugido. Sharpe chegou a ver sua senhoria atravessando correndo a sala de baile. Correu atrás dele sem que a gente lhe obstruísse a passagem desta vez. Passou rapidamente junto aos poucos casais que seguiam bailando e entrou na sala de jantar. Lorde John corria bordejando a sala para chegar a uma entrada traseira, mas Sharpe simplesmente tomou a rota direta atravessando o aposento saltando de mesa em mesa. Suas botas fizeram

cacos a porcelana, rasgaram a toalha de mesa e jogaram ao piso uma cascata de talheres de prata. Um major bêbado que estava terminando um prato de rosbife soltou um grito de protesto. Uma mulher gritou. Um criado se agachou ao mesmo tempo em que Sharpe saltava entre duas mesas. Chutou um candelabro, derramou uma sopeira cheia e depois deu um salto da última mesa e pousou com estrépito cortando a passagem de lorde John. Este deu a volta e correu outra vez para o salão de baile. Sharpe o perseguiu afastando com um pontapé uma frágil cadeira dourada. Um grupo de oficiais da cavalaria com casacas vermelho-escarlata apareceu na entrada da sala de jantar; lorde John, obviamente encorajado por aquele reforço, virou-se para enfrentar seu inimigo.

Sharpe diminuiu o passo e desembainhou sua espada. Sacou lentamente a lâmina pelo encaixe de madeira da bainha para que o som do atrito da arma fosse tão aterrador quanto a visão do mortíço aço.

— Saque sua espada, sacana!

— Não! — Lorde John, com um rosto branco como o de qualquer uma das mulheres modernas que havia no baile, retrocedeu com passo vacilante para seus amigos que se apressavam para se aproximar do enfrentamento.

Sharpe se encontrava a poucos passos de seu inimigo.

— Onde está meu dinheiro? Pode ficar com a puta, mas onde está o dinheiro?

— Não! — Essa era Jane que gritava da entrada da sala de jantar.

— Ei, já basta! Pare! — um dos soldados da cavalaria, um alto capitão com o uniforme da Guarda Real, correu para o lado de lorde John.

Sharpe, mesmo que ainda estivesse fora do alcance da espada, investiu de repente e lorde John, morto de medo, retrocedeu apressadamente e tropeçou com suas esporas. Agitou-se tentando manter o equilíbrio, agarrou-se à toalha de mesa que mais próxima e ao cair arrastou consigo toda uma cascata de porcelana se esfaqueou contra o piso e de talheres de prata que tilintaram. Houve um segundo silêncio depois que o último fragmento de porcelana se assentou.

— Grande sacana covarde! — disse Sharpe ao caído lorde John. — Já é suficiente! — o destacado salvador de lorde John, o capitão da Guarda Real, desembainhou sua espada e posicionou por cima de sua senhoria.

— Quer que o converta em fatias? — Sharpe não se importava. Seguiu avançando, disposto a despedaçar todos esses sacanas de alta classe e nariz comprido.

O capitão mantinha erguida a lâmina de sua espada, quase em posição de cumprimento, para demonstrar que nem estava ameaçando Sharpe nem tratava de defender o outro.

— Meu nome é Manvell. Christopher Manvell. Entre o senhor e eu não há nenhuma disputa, coronel Sharpe.

— Eu tenho uma disputa com esse pedaço merda covarde que está a seus pés.

— Aqui não! — advertiu o capitão Manvell. — Em público não! — Duelos eram



proibidos entre os oficiais de serviço, o que significava que qualquer desafio tinha que ser resolvido em segredo. Havia outros dois oficiais da cavalaria de pé atrás do capitão.

Lorde John se levantou lentamente.

— Tropecei — explicou a seu amigo.

— Claro. — Manvell mantinha os olhos cravados em Sharpe, temendo ainda que o fuzileiro pudesse atacar.

— Pode ficar com essa puta — Sharpe voltou a dizer a lorde John, mas desta vez o disse em voz alta para que Jane e os demais espectadores ouvissem —, mas quero meu dinheiro.

Lorde John passou a língua pelos lábios. Sabia que os insultos de Sharpe eram mais que simples ira, eram uma deliberada provocação a um duelo. Não havia ninguém que, ao ouvir sua mulher ser tratada de puta, não se batesse; lorde John tinha verdadeiro terror ao fuzileiro e não tinha dúvida alguma sobre quem seria o vencedor em um duelo, portanto, apesar dos insultos e da gente que presenciava sua humilhação, consentiu com a cabeça para indicar que aceitava as exigências de Sharpe.

— Amanhã lhe mandarei uma promissória — disse com humildade. O capitão Manvell ficou francamente assombrado ante o rápido desmoronamento de lorde John e inclusive indignado por sua covardia, mas não tinha outra escolha a não ser aceitar.

— Isso lhe satisfaz, coronel Sharpe? — Sharpe estava igualmente surpreso por sua repentina vitória. Sentiu-se estranhamente enganado, mas, de toda forma, embainhou sua espada.

— Pode mandar a promissória ao quartel general do príncipe de Orange. — Havia se dirigido ao lorde John, mas foi Manvell quem respondeu.

— Eu representarei sua senhoria neste assunto. O senhor tem um segundo para a quem possa entregar a promissória?

— Sim ele tem! — exclamou Peter D'Alembord do meio da multidão na ampla entrada da sala de jantar. Lucille, com o rosto pálido de medo, agarrou o braço de D'Alembord quando este deu alguns passos para o interior da sala e fez uma melindrosa inclinação para Christopher Manvell. — Chamo-me D'Alembord. Posso ser encontrado nos Voluntários do Príncipe de Gales, que faz parte da brigada de sir Colin Halkett.

Manvell fez um mínimo movimento com a cabeça em resposta ao cumprimento de D'Alembord.

— Amanhã lhe mandarei entregar uma promissória, capitão D'Alembord. Está de acordo?

— Totalmente. — Manvell fincou a espada de novo em seu lugar, pegou lorde John pelo ombro e o levou dali. Jane, que observava da entrada, cobria a boca com uma mão. Por um segundo Sharpe cruzou com seu olhar, então se virou ao mesmo tempo em que Lucille ia correndo para ele.

— Tinha que ter matado aquele maldito sacana — grunhiu Sharpe.

— É um idiota. — Lucille esfregou o sangue de sua casaca e depois lhe acariciou a bochecha.

D'Alembord, que estava atrás de Lucille, aguardou os espectadores se dispersarem...

— O que ocorreu? — perguntou a Sharpe.

— Você mesmo ouviu, não? O sacana desmoronou. — D'Alembord negou com a cabeça.

— O que ocorreu com Wellington? Quais eram as notícias?

Sharpe teve que arrastar seus pensamentos de volta aos primeiros acontecimentos da noite.

— Napoleão nos ultrapassou. Seu exército se encontra a apenas um dia daqui e o nosso ainda está disperso por meia Bélgica. Ele nos enganou, Peter.

D'Alembord esboçou um lânguido sorriso.

— Oh, meu Deus!

— Portanto já é hora de ver como um imperador luta — disse Sharpe em tom grave; com um braço rodeou Lucille pelos ombros e a conduziu para a sala de baile onde, como a orquestra havia se comprometido até o amanhecer, a música soava e os poucos casais que restavam seguiam dançando. Os bailarinos dos Highlanders haviam partido, levando suas espadas para usá-las em outras ocupações. Poucas garotas, cujos acompanhantes tinham partido para se unir a seus regimentos, choravam. Tinham aberto totalmente as janelas e uma pequena brisa agitava as chamas das velas. Os bailarinos que restavam, abraçados, lentamente iam descrevendo um círculo sobre o piso, coberto de flores descartadas, cartões de baile e inclusive um par de luvas de seda. Um colar de pérolas havia se quebrado e dois criados de libré procuravam de quatro pelo piso para recuperá-lo.

A música era encantadora. Assim como o vento que fazia cintilar e apagava as velas, um homem ensanguentado havia irrompido na alegria dos bailarinos para romper o brilhante baile em escuros fragmentos. Contudo, ainda havia alguns casais que não suportavam renunciar aos últimos momentos de paz. Um jovem oficial da infantaria bailava com a que fazia somente três semanas era sua esposa. Ela chorava em voz baixa enquanto ele a abraçava e acreditava no augúrio de que aquela felicidade de nenhuma maneira podia terminar com a morte no campo de batalha, já que um final... Como aquele iria contra de tudo o que era bom, doce e encantador no mundo. Ele viveria porque estava apaixonado. Agarrou-se a essa ideia até que, a contragosto e com lágrimas nos olhos, chegou a hora de se afastar de sua amada.

Ela o agarrou com força pelas mãos, mas ele sorriu, soltou-as e as levou às cinzentas penas de avestruz que ela usava no cabelo. O major arrancou uma das penas beijou a mão de sua esposa e partiu em busca de seu regimento.

O imperador havia enganado a todos e a matança iria começar.

# **SEGUNDO DIA**

**Sexta-feira, 16 de junho de 1815.**

## Capítulo 7

À uma da madrugada, no coração da breve noite, Lucille tremia no pátio da hospedaria na qual se alojava em Bruxelas. Dois cavalos pisoteavam nervosos os paralelepípedos na arqueada entrada do pátio. A única luz provinha de uma lanterna que pendurada na porta do estábulo. Seu bebê estava dormindo no quarto.

— Tome isto — Lucille estendeu bruscamente um fardo para Sharpe. — Era de Xavier.

Sharpe sacudiu o fardo para desfazê-lo e era uma capa de lã azul-escuro forrada com seda escarlata, um luxo que havia pertencido ao marido de Lucille.

— É bonita. — Sentiu-se incômodo, não estava seguro de ser merecedor daquele presente. Pôs a capa dobrada no braço e depois acariciou a fria bochecha de Lucille. — Eu a verei amanhã no final da tarde.

— Talvez. — Lucille esfregou distraidamente o sangue seco da surrada casaca de Sharpe. — Como pode saber?

— Um dia para detê-los — disse ele tirando-lhe importância — e um dia para vencê-los.

— Talvez — ela voltou a dizer, e, olhando-o nos olhos, acrescentou: — E o que ocorrerá se perderem?

— Pegue uma barcaça no canal até Antuérpia. Eu a encontrarei lá. Se a coisa ficar realmente feia dirija-se para Oostende e atravesse para a Inglaterra.

O abatimento de Lucille era causado pelo medo de que Sharpe morresse, não de que os britânicos fossem derrotados, mas ela não se atreveu a articular tais pensamentos. Notava algo diferente em seu companheiro: aquela noite Sharpe tinha um ar distante, que mesmo tentando ocultá-lo, para Lucille era muito evidente. Ela sabia que havia matado um de seus compatriotas na tarde anterior e supunha que estava se preparando para todos os outros contra os quais combateria. Também detectou em Sharpe um certo alívio. Em vez de lidar com os imponderáveis da terra, as árvores, a drenagem e as colheitas, havia voltado para onde suas habilidades lhe davam uma cruel segurança. Lucille olhou para o portão aberto, um pisoteio de botas lhe chamou a atenção. Um batalhão escocês marchava rua abaixo, marcando o suave redobre de um tambor abafado.

— Talvez devesse ir para casa — disse quase em desespero —, para a Normandia.

Sharpe pôs as mãos em seus ombros. — A maneira mais rápida que ambos temos de voltar para casa é nos livrando de Napoleão.

— Se você está dizendo... — Apoiou a suave face em sua casaca. — Eu te amo.

Ele acariciou seu cabelo torpemente.

— Também te amo.

— Não sei por que — afastou-se um pouco. — Não sou bonita como Jane.

Sharpe percorreu com seu dedo o comprido nariz de Lucille.

— Ela não tem beleza em seu interior. — Lucille desdenhou o cumprimento com uma careta e então lançou um olhar de advertência para Sharpe.

— Os olhos dela estão cheios de ódio. Tenha cuidado.

— Agora já não pode fazer nada, e seu companheiro não se atreveu a duelar comigo.

— De toda forma, tenha cuidado — insistiu Lucille.

Sharpe se inclinou e lhe deu um beijo.

— Até amanhã à noite, meu amor. Narigudo cuidará de você até lá — afastou as mãos dos seus ombros e deu um passo para trás. — Vamos, Patrick!

— Quando quiser! — Harper, que com muito tato aguardava junto à porta dentro do estábulo, apareceu com sua mochila. Usava seu antigo uniforme de fuzileiro, exceto pelos galões de sargento. Tinha se empenhado para acompanhar Sharpe até *Quatre Bras*, não para combater, disse, só para ter a oportunidade de ver o imperador.

— Cuide-se, Patrick! — exclamou Lucille em inglês.

— Não vou nem me aproximar da batalha, senhora, sou muito sensato para isso, ora se sou. — Levava todas suas antigas armas, todas elas limpas e lubrificadas com carinho e prontas.

Lucille levantou a mão e roçou a face de Sharpe.

— Vá com Deus.

— E com seu amor?

— Sabe que isso já tem. — Não gostava de se separar dela dessa maneira. As palavras eram inúteis. De repente Sharpe teve medo de perder Lucille e pensou em como o amor tornava um homem vulnerável e temeroso. Sentiu um nó na garganta, portanto virou-se e pegou as rédeas que Harper tinha dispostas. Agarrou o pito da sela, meteu a bota esquerda no frio ferro do estribo e se alçou sobre a sela de hussardo com sua alta curvatura que proporcionava apoio durante as cavalgadas longas. Suas coxas doloridas protestaram ao encontrar-se de novo sobre uma sela. Buscou com o pé até meter a bota direita em seu estribo, tocou a coronha do fuzil supersticiosamente, empurrou a espada para deixá-la em uma posição cômoda e depois enrolou a capa e a meteu debaixo da correia do coldre. Olhou para Lucille pela última vez.

— Dê um beijo no menino de minha parte.

— Vejo você amanhã à noite — forçou um sorriso confiante.

O cachorro deu um uivo de protesto quando Sharpe se afastou a cavalo. O fuzileiro se inclinou ao passar sob o arco e depois aguardou que Harper fechasse os dois pesados portões. O irlandês montou em sua sela de um salto e foi atrás de Sharpe seguindo os passos dos soldados das Highlanders.

Sharpe e Harper se dirigiam de novo para a guerra.

Durante a mesma curta escuridão daquela noite de pleno verão, lorde John Rossendale tomou um caminho saindo a oeste de Bruxelas para ir a um encontro com o conde de Uxbridge e a cavalaria britânica. Lorde John não montava seu cavalo, ia em um reluzente cabriolé descoberto que havia trazido de Londres. Harris, seu cocheiro, estava no assento enquanto seu cavaleiro e seu criado os seguiam com os cavalos. O capitão Christopher Manvell tinha se adiantado e cavalgava à frente de todos eles. Lorde John havia esperado que seu amigo o acompanhasse, mas notou como Manvell o desprezava por ter se rendido tão facilmente à ameaça de Sharpe.

Rossendale fechou os olhos e xingou em silêncio. Estava totalmente desconcertado, pego entre a honra e a beleza. Não era com o desagrado de Manvell que se preocupava, mas com a ira de Jane. Havia dilacerado lorde John por sua covardia. Recordava de um tempo no qual Jane temera um duelo tanto quanto ele, mas naquele momento parecia mais ansiosa em proteger seu dinheiro que a vida de lorde John.

— E não tinha o direito de lhe prometer nenhum dinheiro! — Jane havia dito a lorde John quando estavam na intimidade de seus cômodos no hotel. — Não é seu dinheiro, é meu!

Para ser sinceros, se o dinheiro pertencia a alguém, era ao irmão do Imperador, José Bonaparte, outrora rei da Espanha e das Índias, que havia perdido sua fortuna na batalha de Vitória. O rei José havia fugido e os britânicos se lançaram em tropel sobre suas carroças de suprimento com o que alguns soldados, Sharpe e Harper entre eles, tinham se convertido em homens ricos. Sharpe havia sacado uma régia fortuna do campo de batalha, e era essa fortuna que Jane lhe havia roubado e da qual já havia gastado grande parte. Em uma casa em Londres, em sedas, móveis, jóias, nas dívidas de lorde John, em faqueiros de prata, serviços de ouro, papel pintado chinês, em cachorrinhos fraldiqueiros, cetim e no cabriolé no qual lorde John se dirigia agora para a cavalaria e a batalha. Era a mesma fortuna que, para salvar sua vida, lorde John havia prometido devolver a Sharpe.

— Não o fará! — Havia dito Jane depois do vergonhoso enfrentamento no baile.

— Quer que lute com ele? — perguntara lorde John.

— Se fosse homem — disse Jane com ironia — não me perguntaria.

Lorde John, admitindo a horrível verdade que encerrava sua zombaria, havia se perguntado por que a felicidade do amor se azedava com tanta facilidade.

— Posso lutar com ele se insiste.

— Não insisto!

— Mas posso lutar com ele — lorde John soou abatido já que sabia que perderia um duelo com Sharpe.

Jane havia contido sua ira de repente e tinha abrandado lorde John com um sorriso.

— Só o que quero é ter a oportunidade de me casar com você. E quando estivermos casados o dinheiro será seu por direito. Mas não podemos nos casar até...

Não precisava concluir. Lorde John conhecia aquela teoria. Não podiam se casar enquanto Sharpe visse, portanto este deveria morrer, e se não o matariam em duelo, então teria que ser de outra maneira; e quando lorde John se despedira na escuridão, Jane o tentara a fazê-lo da outra maneira.

— Harris? — lorde John chamou seu cocheiro.

— Estou ouvindo, senhor! — gritou Harris desde o assento do cabriolé.

— Alguma vez já ouviu falar de oficiais que são assassinados em combate?

Harris, que fora soldado da cavalaria antes que uma bala de canhão francesa lhe esmagasse o pé esquerdo na batalha da Corunha, riu ante a ingenuidade da pergunta.

— Falasse disso continuamente, milorde. — Harris ficou alguns segundos em silêncio enquanto evitava com o cabriolé algumas rodadas profundas da estrada. — Recordo-me de um comandante que nos rogou para que não o matássemos, milorde. Sabia que não podíamos suportar sua maneira de ser e estava seguro de que um de nós ia acabar com ele de um cutelão, portanto suplicou ter a honra de que fosse o inimigo que o matasse.

— E foi assim?

— Não. Um asqueroso diabo chamado Shaughnessy lhe cravou uma espada nas costas — Harris riu ao se recordar. — Fez um trabalho limpo, como manda o livro de instrução!

— E ninguém o viu?

— Ninguém que fosse fazer nenhuma bobagem, milorde. Por que iriam entregá-lo? Ninguém gostava do major. Mas o senhor não deve se preocupar, milorde.

— Não estava preocupado comigo, Harris. — Harris pegou uma corneta que havia atrás dele no assento e fez soar uma estrondosa nota de advertência. Um batalhão de infantaria que marchava em direção ao cabriolé se retirou desordenadamente para a valeta. Os soldados, com os rostos amarelados à tênue luz dos faróis gêmeos do cabriolé, olharam cheios de censura para o abastado oficial cuja carruagem passava trotando com tanta elegância atrás de seu par de cavalos castanho-escuros. Os oficiais do batalhão, convencidos de que um veículo como aquele deveria levar um oficial de alta patente, cumprimentaram.

Lorde John não disse nada mais sobre assassinatos. Sabia que se comportara mal naquela noite, que deveria ter enfrentado Sharpe e aceitar o desafio. Havia ficado mal, havia perdido a honra e, contudo agora remoia a ideia do assassinato, que era totalmente alheio a toda honra, e o fazia unicamente por uma mulher.

Lorde John reclinou a cabeça na dobrada capota de couro do cabriolé. Alguns de seus amigos diziam que estava enfeitiçado, mas, caso estivesse, se tratava de uma fascinação voluntária. Lembrou-se com quanto carinho Jane havia se despedido depois de sua ira ter se aplacado e a recordação fez que levantasse a mão para ver, sob a primeira luz da alvorada, a pequena mancha de ruína que ainda tinha no dedo indicador. Beijou-a. O matrimônio, pensou, resolveria tudo. Acabaria o engano, a circunspeção, a necessidade de suplicar dinheiro a Jane e o desdém por parte da sociedade por uma jovem de ouro que, sem dúvida, merecia as

recompensas do matrimônio. A felicidade de Jane custaria apenas uma morte; uma morte em um campo de batalha, um cadáver a mais entre os batalhões de mortos.

E se fizesse da forma adequada ninguém ficaria sabendo.

Se, pela manhã, lorde John se retratasse da promessa de devolver o dinheiro e aceitasse o desafio de um duelo, então todo mundo teria que aceitá-lo como um homem de coragem e honra. E se Sharpe morresse em combate antes desse duelo ocorrer, sua honra não ficaria manchada. Lorde John se comportara mal aquela noite, mas sabia que podia consertar tudo, ganhar tudo e fazer que tudo ficasse bem, e tudo isso por uma garota de fascinante e pungente beleza.

Atrás de lorde John, o primeiro raio de sol atravessou como uma lança dourada a borda do mundo. Amanhecia na Bélgica. Seguia havendo nuvens amontoadas a oeste, mas o cume da encruzilhada em *Quatre Bras* e acima de um riacho ao norte de Fleurus o céu estava claro como o cristal. As calandras cantavam sobre as vias pelas quais trezentos e trinta e oito mil soldados dos exércitos da Prússia, Grã-Bretanha e França convergiam para a morte.

— Deus salve a Irlanda. — Harper parou em *Quatre Bras*. Diante dele, manchando o céu ao sul, se elevava a fumaça de milhares de fogueiras. A fumaça revelava a presença de um exército acampado. As tropas francesas estavam ocultas atrás das ondulações do terreno, dos bosques e das plantações, mas a fumaça era prova suficiente de que milhares de soldados se aproximaram de Frasnes durante a noite para apoiar o batalhão de escaramuçadores franceses que foram frustrados na tarde anterior.

Mais perto de Sharpe e Harper, ao redor da encruzilhada de *Quatre Bras*, haviam se reunido mais soldados belgas e holandeses das tropas do príncipe de Orange. Ouviam-se alguns disparos de mosquetes do outro lado do riacho, sinal que as linhas de piquete das avançadinhas rivais estavam se desejando um mortífero bom dia. O barão Rebecque, que aguardava no cruzamento com um grupo de ajudantes de campo do príncipe, pareceu aliviado ao ver Sharpe.

— Estamos concentrando as tropas aqui em vez de fazê-lo em Nivelles.

— Muito bom! — exclamou Sharpe com fervor. Rebecque desdobrou o esboço de um mapa que havia feito.

— Os franceses estão em Frasnes e nós tomamos todas as granjas do outro lado do riacho, exceto esta que fica junto ao vau. Só a guarneceremos se formos obrigados a retroceder até lá.

— Eu o faria agora mesmo — recomendou Sharpe.

— Não há homens suficientes. — Rebecque dobrou o mapa. — Até agora só chegaram oito mil soldados de infantaria com dezesseis canhões e sem cavalaria.

Sharpe deu uma olhada profissional para a fumaça das fogueiras francesas.

— Eles têm vinte mil, Rebecque.

— Esperava que não me dissesse isso. — Rebecque, que aceitou o experiente cálculo



aproximado de Sharpe sem questionar, forçou um sorriso.

— Posso sugerir algo?

— O que for, meu caro Sharpe.

— Diga a nossos escaramuçadores para não dispararem. Não queremos provocar os franchinotes a serem maus, não é verdade?

Não tinha nenhum sentido incitar a batalha com um inimigo muito mais poderoso, era melhor retardar qualquer enfrentamento com a esperança de que chegassem mais tropas provadas para equilibrar os contingentes que se enfrentavam ao de Frasnés. Acima de *Quatre Bras* as fogueiras haviam sujado o céu, mas a leste o sol nascente revelou uma quantidade muito maior de fumaça de lenha que se elevava. Essa mancha maior no céu mostrava o lugar onde o exército prussiano enfrentava as forças principais dos franceses e onde ocorreria a verdadeira batalha do dia. Os franceses tentariam derrotar os prussianos antes que os britânicos e holandeses pudessem vir em sua ajuda, enquanto que os prussianos, para assegurar a vitória, necessitavam que as tropas de Wellington marchassem desde *Quatre Bras* e atacassem o flanco esquerdo do Imperador. Mas a missão de resgate havia parado em seco devido à presença de vinte mil franceses acampados em Frasnés que foram enviados pelo Imperador para se assegurar que os exércitos aliados não se unissem. Só o que os franceses tinham que fazer era tomar a encruzilhada em *Quatre Bras*. Sharpe calculou que o inimigo não lhe levaria mais de uma hora para romper a frágil linha de tropas belgo-holandesas, e em mais outra hora poderiam fortificar o cruzamento para fazê-lo infranqueável pelos britânicos.

Os franceses se encontravam, portanto, a uma hora da vitória. Somente a uma hora de separar os exércitos aliados. Contudo, enquanto o sol ia ascendendo e se dissipava a fumaça das fogueiras que eram apagadas, os franceses não fizeram nenhum movimento para avançar para a encruzilhada. Nem sequer seguiram os soldados holandeses que se retiravam, pareciam satisfeitos em deixar que a briga madrugadora ficasse em nada. Sharpe olhou para o norte e para o oeste em busca dos reveladores sinais de poeira, indício de que os reforços estavam se apressando para chegar ao ameaçado cruzamento. Ainda não se avistava poeira alguma por cima dos caminhos, sinal que os franceses dispunham de muito tempo para realizar o ataque.

O príncipe de Orange chegou três horas depois da alvorada, emocionado ante a perspectiva de entrar em ação.

— Bom dia, Sharpe! E radiante, verdade? Tudo bem, Rebecque?

Rebecque tentou explicar ao príncipe a distribuição de suas tropas, mas este estava inquieto demais para limitar-se a escutar.

— Mostre-me, Rebecque, mostre-me! Galopemos um pouco. Todos nós! — fez um gesto para todo seu estado-maior, cujos membros formaram filas diligentemente atrás de Rebecque e do príncipe, que se afastou a toda pressa da encruzilhada em direção sul. O Príncipe cumprimentou alegremente com a mão a um grupo de soldados que pegava água do riacho e depois girou na sela para gritar para Sharpe: — Esperava vê-lo no baile ontem à noite, Sharpe!

— Cheguei muito tarde, senhor.

— Você dançou?

— Lamentavelmente não, senhor.

— Eu tampouco. O dever me chamou. — O Príncipe passou ao galope junto à deserta granja Gemioncourt, atravessou o acampamento de uma brigada holandesa e não freou até que tinha passado os piquetes da vanguarda holandesa e pôde ver da estrada empedrada o povoado de Frasnes. Devia ter alguns escaramuçadores inimigos por perto, mas o Príncipe, com despreocupação, ignorou a ameaça que representavam. Seus oficiais de estado-maior esperaram uns metros atrás enquanto o jovem olhava fixamente para o inimigo acampado.

— Sharpe? — Sharpe se adiantou com seu cavalo.

— Senhor?

— Ante quantos desses demônios diria que nos encontramos? — Na realidade havia muito poucas tropas inimigas à vista. Havia uma bateria de canhões no extremo do povoado, uns poucos cavalos sem selar em uma rua adiante e um batalhão de infantaria acampado em um campo a direita dos dragões, o resto do inimigo estava oculto, portanto Sharpe manteve seu cálculo anterior.

— Vinte mil, senhor.

O príncipe consentiu com um movimento de cabeça.

— Era o que eu achava. Esplêndido — sorriu cordial para Sharpe.

— E quando você se apresentará com um uniforme holandês? — Sharpe ficou desconcertado.

— Logo, senhor.

— Logo? Tenho solicitado essa pequena gentileza há semanas! Quero vê-lo com o uniforme adequado agora mesmo, Sharpe, hoje! — Como censura o Príncipe agitou um dedo para o fuzileiro e depois pegou sua luneta para ver a bateria de canhões franceses. Não era fácil ver o calibre dos canhões porque o ar estava bastante quente, fazendo com que os detalhes daquelas afastadas armas refulgissem e se borrassem. — Vai ser um dia quente — queixou-se o Príncipe. Sua pele amarelada brilhava de suor. Usava uma casaca azul cheia de presilhas de ouro incrustadas e debruada de pele de astracã preto. Do quadril pendurava um sabre enormemente pesado com empunhadura de marfim. A vaidade do príncipe o havia feito se vestir como para uma campanha de inverno em um dia que ameaçava ser o mais quente do verão até então.

A sufocante atmosfera oprimia pesadamente os soldados que montavam guarda nas granjas que delimitavam o perímetro da posição holandesa. Se o perímetro se rompesse restava ainda a granja Gemioncourt junto ao vau que poderia ser uma âncora de salvação para uma linha defensiva, mas depois de Gemioncourt já não havia mais nada entre os franceses e a encruzilhada. Sharpe rezou para que os franceses seguissem esperando e para que assim as tropas britânicas que marchavam com urgência para servir de reforço aos defensores de

*Quatre Bras* superados em número chegassem a tempo ao cruzamento.

Às oito os franceses ainda não haviam atacado. Às nove as tropas holandesas seguiam esperando. Às dez o duque de Wellington chegou à encruzilhada e, contente de que nada ameaçasse ainda as tropas holandesas, galopou para o leste em busca dos prussianos.

A manhã avançava lentamente. Parecia impossível que os franceses seguissem hesitando. Podia ser que de vez em quando um cavaleiro inimigo aparecesse no extremo do povoado para observar através de uma luneta as posições holandesas, mas nenhum ataque seguiu a tais reconhecimentos, os escaramuçadores não atravessaram os campos se arrastando e nenhum canhão lançou, com estrépito, obuses nem descargas contra as frágeis linhas holandesas.

Ao meio-dia os franceses seguiam esperando. Nesse momento o calor era sufocante. As nuvens do oeste tinham ficado mais espessas e as velhas feridas que Sharpe tinha na perna e no ombro começaram a doer; um vaticínio de chuva segura. Comeu com os membros do estado-maior do duque de Orange nos restos de um hibernáculo situado principalmente atrás da granja que havia no cruzamento. Harper, de cuja situação os holandeses não estavam seguros, compartilhou principescos frangos frios, ovos duros e vinho tinto. O Príncipe, que pelo momento esqueceu as ordens que havia dado a Sharpe para que se trocasse e pusesse um uniforme holandês, dominou a conversa durante o almoço expressando ansiosamente seu desejo de que os franceses atacassem antes do duque voltar de seu encontro com os prussianos, pois então o Príncipe poderia vencer o inimigo unicamente com a ajuda de suas leais tropas holandesas. O Príncipe sonhava com uma grande vitória da Holanda da qual fosse o herói. Via garotas acomodáticas oferecendo-lhe os louros da vitória antes de desmaiarem a seus pés de conquistador. Morria de vontade de iniciar um triunfo como aquele e pedia a Deus que os franceses lhe proporcionassem a oportunidade de glória antes que chegasse algum reforço britânico.

Na primeira hora da tarde, antes que os apressados reforços britânicos pudessem chegar à encruzilhada, o desejo do príncipe se cumpriu. Um canhão inimigo fez estourar seu sinal.

Finalmente, os franceses avançaram para a batalha.

— Isso foi um canhão? Juraria que foi um canhão. Você diria que foi um canhão, Vine?

— O tenente-coronel Joseph oficial ao comando dos Voluntários do Príncipe de Gales, girou na sela e olhou preocupado para seu primeiro major que, como estava surdo, não havia ouvido nada. O major Vine, incapaz portanto de confirmar ou negar o som, que havia alarmado daquela maneira seu coronel, se limitou a pôr fazer uma cara de poucos amigos em resposta, pelo que o coronel Ford olhou além em busca da opinião do capitão de sua companhia ligeira.

— Isso foi um canhão, D'Alembord? Diria que foi um canhão?

D'Alembord, com dor de cabeça pela ressaca, usava ainda suas calças brancas de baile e os sapatos com fivela da noite anterior. Não queria falar com ninguém, e muito menos com Ford, mas fez um esforço e confirmou que o coronel havia ouvido, de fato, a detonação de um canhão, mas muito ao longe e com um som muito abafado pela umidade da atmosfera.

— Vamos chegar tarde! — exclamou Ford com preocupação.

Naquele preciso momento D'Alembord não se importava o quanto chegassem tarde. Só queria se deitar em algum lugar muito escuro, fresco e silencioso. Queria que o coronel se fosse, mas sabia que Ford seguiria importunando até que alguém o tranquilizasse.

— A brigada saiu pontualmente, senhor — disse ao inquieto Ford —, e não se pode esperar mais de nós.

— Outro canhão! Ouviu, Vine? Aí está! E outro! Santo Deus, D'Alembord, já começou, acho que já começou! — Os olhos de Ford, atrás das pequenas e grossas lentes de seus óculos, revelaram uma nervosa inquietação. Ford era uma boa pessoa, e agradável, mas possuía um atribulado nervosismo que tirava D'Alembord do sério. O coronel se inquietava com as opiniões dos oficiais de alta classe, a diligência de seus oficiais subalternos e a lealdade de seus suboficiais. Preocupava-se com as reservas de munição, se os soldados podiam ouvir as ordens em combate e com a moralidade das esposas que seguiam a marcha da coluna como uma multidão de maltrapilhas. Desesperava-se ao pensar que podia perder os óculos, já que era míope como uma toupeira, tinha medo de perder o estandarte de seu batalhão e de perder o cabelo. Ele se angustiava até com o tempo e, quando não lhe ocorria nada mais com o que se preocupar, inquietava-se por ter se esquecido de algo importante que deveria estar lhe preocupando.

O sempre ansioso Ford tinha sido nomeado para substituir o major Richard Sharpe como comandante do batalhão, o que por si só era motivo para o coronel se preocupar, Joseph Ford era perfeitamente consciente de que o fuzileiro era um soldado muito mais competente e experiente. Para Ford tampouco ajudava o fato de muitos de seus oficiais subalternos e pelo menos um terço de seus soldados rasos terem visto muito mais combates que ele. Fora destinado ao batalhão nas últimas semanas da última guerra e havia passado apenas por umas poucas escaramuças, contudo, nesse momento devia comandar os Voluntários do Príncipe de Gales contra o exército de campanha do Imperador, um fato que naturalmente lhe ocasionava uma angústia constante.

— Pelo menos — consolou seus oficiais — é um batalhão veterano.

— É mesmo, coronel, é mesmo.

O major Vine, um homem bom, com aspecto de arminho, de olhos escuros e mal-humorado sempre concordava com o coronel quando conseguia ouvir o que este dizia.

Ford, que desconfiava de tão fácil adesão, buscava respaldo para suas opiniões nos oficiais com maior experiência do batalhão, porém, como Peter D'Alembord, duvidavam que os Voluntários do Príncipe de Gales pudessem ser chamados sinceramente de um batalhão veterano. Um terço de seus homens era novos recrutas que não haviam presenciado nenhuma batalha, quase um terço havia visto tão poucas como o coronel, enquanto o restante, como D'Alembord, havia enfrentado o exército francês em combate aberto. Mesmo assim, aquele terço experiente era a coluna vertebral do batalhão: os únicos cujas vozes dariam moral às tropas e lhe facilitariam chegar à vitória que necessitavam em seu combate inaugural. E isso era tudo pelo que D'Alembord rogava naquele momento, que Ford conhecesse logo o êxito e

dessa forma tranquilizasse seus angustiados temores.

Assim mesmo, D'Alembord rezava para que ele também conseguisse uma vitória rápida e esmagadora. Queria voltar à Inglaterra onde era aguardado por uma noiva e um futuro civil seguro. Sua prometida se chamava Anne Nickerson, filha de um fazendeiro de Essex, cujo resistente consentimento a um casamento militar se transformara em aprovação sem reservas quando Peter D'Alembord pôs à venda seu posto de capitão. Justo quando estava a ponto de vender seu grau de oficial e se retirar para uma das granjas de seu futuro sogro, Napoleão havia regressado à França. O coronel Ford, preocupado porque ia perder seu veterano capitão dos fuzileiros, tinha pedido a D'Alembord que ficasse para a iminente campanha, e em sua súplica havia a promessa implícita de que D'Alembord ocuparia a próxima vaga de major do batalhão. Isso foi incentivo suficiente. A capitania se venderia por mil e quinhentas libras, quantidade que representava uma boa fortuna para qualquer jovem que estivesse pensando em se casar, mas a de major obteria duas mil e seiscentas libras, portanto, com certo receio, mas tranquilizado pelas perspectivas de um excelente dote para contribuir com seu matrimônio, D'Alembord havia concordado com o pedido de Ford.

Nesse momento, adiante de D'Alembord, os disparos dos canhões retumbavam como trovões amortecidos lembrando-lhe que as duas mil e seiscentas libras teriam que ser ganhas da maneira mais dura. D'Alembord, ao considerar quanta felicidade podia chegar a perder, teve um pressentimento que o fez estremecer, mas disse a si mesmo que sempre temera o pior antes de cada batalha.

Joseph Ford, assustado porque estava a ponto de travar seu primeiro combate, e temeroso de que tanto ele como algum de seus soldados pudessem não cumprir com seu dever, tirou os óculos de um tapa e limpou as lentes com a faixa, como sempre fazia quando ficava muito preocupado. Pensava que uma ação tão comum como aquela expressava uma despreocupada indiferença, quando na realidade revelava seu inquieto nervosismo.

Contudo, naquele dia, enquanto se dirigiam para o fogo dos canhões, os soldados dos Voluntários do Príncipe de Gales estavam alheios aos temores de seu coronel. Avançavam com dificuldade, respirando naquele seco verão a poeira do caminho levantada pelas botas que se arrastavam para frente, e se perguntavam se distribuiriam rum antes do começo da contenda ou se, pelo contrário, chegariam tarde demais à batalha e se alojariam em algum doce povoado belga com garotas para paquerar e comida abundante.

— Soa mal — disse o soldado Charlie Weller sobre os canhões, cujo som na realidade ainda não era muito espantoso, mas Weller estava um pouco nervoso e procurava o alívio da conversa.

— Já ouvimos coisas piores, Charlie — disse Daniel Hagman, o soldado de mais idade da companhia ligeira, mas o disse de forma cansada, diligente e irrefletida. Hagman era uma boa pessoa que reconheceu a apreensão de Charlie Weller, mas naquele dia fazia calor demais, o sol estava muito implacável e a poeira muito seca para que a amabilidade tivesse a mínima oportunidade.

O major Vine freou seu cavalo para observar como passavam marchando as dez

companhias. Com brusquidão disse aos soldados que levantassem os pés e endireitassem os ombros. Eles o ignoraram. Vine não lhes agradava porque sabiam que o major os desprezava e os considerava um feio e desajeitado monte de toscos, mas os soldados não eram tão tontos para acreditar nele; eles eram a infantaria Wellington, o melhor do melhor, e se dirigiam para o leste e ao lugar coberto por uma cortina de fumaça de canhão, na forma de uma nuvem escura; para uma distante encruzilhada e onde os canhões limpavam a garganta para chamar os soldados ao combate.

O ataque francês começou com um bombardeio que perfurou com nuvens de fumaça cinzenta e negra a turva atmosfera que se agitava sobre o povoado de Frasnes. O Príncipe de Orange, incapaz de resistir à atração do perigo, se afastou do cruzamento a galope para ir até as tropas mais próximas do inimigo, e seu estado-maior, cujo almoço se viu brutalmente interrompido pelos disparos dos canhões franceses, se apressou a segui-lo.

Sharpe se achava entre os oficiais do estado-maior que desceram com seus cavalos trotando pela estrada de Charleroi, deixaram para trás a granja Gemioncourt junto ao vau e subiram pela baixa colina até alcançarem a brigada de infantaria que protegia a estrada de qualquer ataque frontal.

Os canhões franceses disparavam para os flancos da posição do príncipe apontando para as granjas a leste e a oeste. Não se via nenhum movimento na estrada propriamente dita, ainda que Sharpe supusesse que os franceses deviam ter alguns escaramuçadores ocultos nos campos de centeio.

— Eles se aproximarão diretamente pelo meio, não?

Sharpe se virou e viu que Harper havia se unido a ele.

— Pensava que ia se manter bem afastado de qualquer perigo.

— Pelo amor de Deus! De que perigo está falando? Ninguém está disparando em nós. — Harper havia resgatado a fria carcaça de um frango assado do interrompido almoço do príncipe e lançou uma coxa para Sharpe. — Têm um aspecto condenadamente estranho, não é verdade?

Referia-se à brigada da infantaria belgo-holandesa que havia se desdobrado em quatro filas de ambos os lados do caminho para bloquear um ataque direto vindo de Frasnes. A extravagância residia nos uniformes dos soldados que eram típicos da infantaria francesa. Apenas se havia trocado a insígnia da águia das barretinas e se substituíra por um “W”, pelo rei William da Holanda, mas, além disso, os belgo-holandeses se vestiam exatamente igual aos soldados com os quais, sem dúvida, iriam combater.

— Sabe o que tem que fazer? — perguntou o Príncipe ao comandante da brigada em seu francês materno.

— Se não pudermos detê-los, senhor, nos recolhemos em Gemioncourt.

— Exatamente! — A granja que havia junto ao vau era o último bastião antes do essencial

cruzamento. Já haviam feito frestas nas paredes de pedra dos enormes celeiros e estábulos de Gemioncourt, que, assim como os edifícios de um grande número de granjas isoladas das regiões baixas, eram unidos e protegidos por um alto muro de pedra, convertendo assim toda a granja em uma enorme fortaleza.

— Algo se move, não? — O Príncipe, voltando ao inglês, ficou eufórico ao ouvir uma descarga de mosquetes que soou de algum lugar frente a linha holandesa. Os disparos de mosquete não eram os enormes estouros do fogo de uma seção, mas os insignificantes estalidos esporádicos dos escaramuçadores que revelavam que os escaramuçadores franceses estavam se aproximando das tropas ligeiras holandesas, mas a alta plantação impediam que o Príncipe e seu estado-maior vissem algum dos dois grupos de vanguarda.

— É curioso ouvir esse ruído de novo, não acha? — Comentou Harper com secura.

— Sentia falta?

— Nunca pensei que sentiria — respondeu com tristeza o irlandês —, mas sim.

Sharpe se lembrou da familiar destreza com a qual havia matado o tenente francês naquele mesmo campo de centeio

— É o que sabemos fazer melhor, Patrick. Talvez estejamos condenados a ser soldados para sempre.

— O senhor talvez, mas eu não. Tenho uma taberna e um negócio de cavalos roubados para me manter ocupado. — Harper fez uma careta para os belgas com seus uniformes franceses. — Acredita que estes tipos vão combater?

— É melhor que sim — disse Sharpe em tom grave. A brigada, com sua artilharia de reforço, era tudo o que havia entre os franceses e a vitória. Indubitavelmente os belgo-holandeses pareciam estar dispostos a lutar. Havia pisoteado o centeio ao avançar de sua linha uns sessenta metros para encurtar a distância mortal e, a julgar pelo som das descargas de seus mosquetes, os escaramuçadores belgo-holandeses estavam combatendo com muita energia.

As duas alas da brigada belgo-holandesa se estenderam uns oitocentos metros de ambos os lados da estrada enquanto que de lado a lado da pista propriamente dita havia uma bateria de seis canhões de nove libras holandeses. Os artilheiros haviam estacionado os carros de munição no campo que havia atrás de Sharpe. Os canhões estavam carregados e as mechas fumegavam suavemente preparadas para os franceses.

— Sacanas de quatro patas, à direita — advertiu Harper, e Sharpe se virou para ver um esquadrão de cavalaria que se dirigia trotando para o flanco direito dos holandeses. Os cavaleiros eram lanceiros com casacas verdes e altos capacetes rematados com penachos negros que se agitavam para frente. Encontravam-se ainda a bastante distância, pelo menos a uns oitocentos metros, e ainda não eram nenhuma ameaça para as tropas do príncipe.

O príncipe se situou justo atrás dos seis canhões da bateria holandesa. Rebecque permaneceu perto de seu senhor e inspecionou com gravidade um dos canhões, como se nunca tivesse visto um objeto parecido, então, afetado de febre do feno, espirrou. O Príncipe disse

entre os dentes:

“Saúde!”, e levantou-se nos estribos para observar os lanceiros com uma luneta. Os canhões franceses pararam de disparar repentinamente. Os únicos sons que se escutavam agora eram o tamborilado dos mosquetes dos escaramuçadores e a música irregular de uma banda holandesa. O cavalo do príncipe relinchou. O de Rebecque piaçou sobre os talos de centeio pisoteados. Era o silêncio anterior à batalha.

— Estejam preparados! — O Príncipe, que não podia suportar ficar quieto, esporeou seu cavalo para o batalhão belga mais próximo. — Logo verão a infantaria inimiga! — gritou para os soldados. — Umas poucas descargas os afugentarão, portanto mantenham-se firmes!

— Esses malditos artilheiros só estão trocando de alvo — disse Harper em tom mordaz depois que Sharpe lhe traduziu as palavras do príncipe.

— É provável — disse Sharpe. Deu alguns golpezinhos no pescoço de seu cavalo.

De repente Rebecque voltou a espirrar e, como se fosse uma ordem, as baterias francesas reiniciaram seu bombardeio. Harper estava certo, simplesmente estiveram trocando o alvo. Os artilheiros franceses agora concentraram seus disparos no centro do campo. Havia mais canhões inimigos disparando do que antes. Sharpe contou vinte e quatro volutas de fumaça na primeira salva.

Os artilheiros franceses estavam ocultos entre o centeio, mas algumas de suas balas atingiram os batalhões holandeses que aguardavam. Uma bala quicou limpamente entre dois dos canhões holandeses e de algum modo outra não atingiu nenhum dos cavaleiros que rodeavam o Príncipe. O coronel de artilharia pediu permissão para devolver o fogo, mas o Príncipe ordenou que esperasse até que avistassem a infantaria inimiga. As baterias francesas dispararam outra descarga. Sharpe viu a fumaça um instante antes de o som ferir o ar. Foram atingidos mais soldados dos batalhões holandeses, mas a maior parte das balas passou por cima de suas cabeças, já que os artilheiros franceses estavam disparando alto demais. Sharpe viu a passagem de uma bala de canhão marcada pela oscilação dos talos de centeio que, a uma velocidade extraordinária, formou uma linha que se escurecia e atravessava o campo que havia atrás dele. Outra bala passou tão perto de Sharpe que soou como o repentino e violento estalido de um golpe de vento. Mesmo se tivessem disparado mais alto, o som das balas seria retumbante, como se rolassem um tonel por cima das tábuas do piso.

— Deveria voltar ao cruzamento — disse Sharpe a Harper.

— Sim, eu irei — Harper não se moveu. O Príncipe se dirigiu a meio galope para os batalhões belgo-holandeses que se encontravam no lado direito do caminho. Havia desembainhado seu enorme sabre. Chamou Rebecque para que o acompanhasse. O barão, com os olhos lacrimejantes por causa da febre do feno, espirrou mais uma vez; e os canhões franceses pararam de disparar como por magia.

Os soldados feridos pelo fogo dos canhões gritavam e a banda tocava, mas parecia um silêncio que não pressagiava nada de bom.

Então os tambores franceses começaram.



— Nunca pensei que voltaria a ouvir tocar *Old Trousers* — disse Harper com nostalgia. Era o som da infantaria francesa que era conduzida ao ataque pela batida de tambor. Redobravam multidões de tambores, mas os que os tocavam, assim como a infantaria francesa, estavam ocultos no alto centeio. Havia algo curiosamente ameaçador naqueles repetitivos batuques que pareciam vir de parte alguma.

Foi quando Sharpe viu que os distantes cultivos estavam sendo completamente esmagados e soube que cada uma das zonas onde o centeio era abatido delatava o avanço de uma coluna francesa. Contou três formações justo em sua frente. Cada coluna era uma sólida formação de soldados que se dirigia como um aríete para a linha holandesa. Um estrépito de descargas de mosquetes em no flanco direito revelou que as granjas do oeste estavam sendo atacadas, mas ali no centro, onde o caminho conduzia de forma tentadora para a encruzilhada, o inimigo seguia oculto. Oculto, mas não em silêncio. De repente os tambores pararam e as colunas berraram seu grande grito de guerra: “*Vive l’Empereur!*”. O clamor da ovação fez com que a banda holandesa parasse em seco. Os músicos baixaram seus instrumentos e olharam fixamente para o ocultador campo de cultivo onde dava a impressão que o centeio se movia como se fosse esmagado pelas pisadas de um gigante invisível.

Os artilheiros franceses voltaram a abrir fogo e naquela ocasião utilizaram obuses de cano curto que disparavam os projéteis de maneira a descreverem um arco por cima de suas próprias colunas e que ao explodir formavam pequenas e sujas volutas de fumaça e chamas.

Os primeiros escaramuçadores franceses começavam a se vistos na borda daquela área pisoteada. A vanguarda holandesa cedeu o campo e se retirou para seus batalhões, pelo que agora os dispersos escaramuçadores inimigos podiam se ajoelhar sem problemas na borda do campo de centeio e disparar nos defensores que aguardavam. Os soldados começaram a cair. Outros gritaram. Alguns morreram. O ataque principal seguia sendo nada mais que o som de uma mistura de ameaças: um ruído estrepitoso no centeio, um bater de tambores e uma ovação gritada.

Rebecque galopou de volta para a bateria holandesa gritando para seu coronel abrir fogo sobre as ocultas colunas, mas o coronel olhava para um de seus oficiais que uma bala dos escaramuçadores havia matado. O oficial jazia sobre a estrada calcária onde seu sangue se via surpreendentemente brilhante contra a branca areia. Outros artilheiros estavam caindo. Uma bala fez um monstruoso ruído metálico ao atingir um canhão e ricochetou para o céu.

— Fogo! — Rebecque gritou irritado para os artilheiros. O coronel da artilharia se virou sobressaltado, ficou olhando para Rebecque por um instante e então deu suas próprias ordens aos gritos, mas em lugar de disparar uma mortífera descarga para o alto centeio, mandou seus homens se retirarem. Os condutores conduziram a golpe de chicote os tiros de cavalos de volta à estrada enquanto os artilheiros retiravam as armas a pulso para engatá-las em suas carroças de munição. As enormes carretas de munição partiram para a encruzilhada e suas maciças rodas com jantes de ferro iam abrindo grandes sulcos na superfície da pista. Os tiros que arrastavam os canhões começaram a segui-las, mas dois deles se chocaram, as rodas dos carros de munição se engancharam e de repente se originou uma confusão de canhões parados, cavalos assustados e condutores que maldiziam.

Sharpe havia avançado apertando o passo.

— Aonde vão? — gritou em francês para o outro lado daquele caos.

— Retrocedemos! — exclamou o coronel da artilharia por cima do ruído de um projétil de obus que explodia.

— Parem na granja! Parem em Gemioncourt! — Sharpe sabia que não se podia controlar o pânico ali, onde as colunas francesas inundavam o ar com sua ameaça, mas talvez os maciços muros de Gemioncourt proporcionassem àqueles artilheiros um pouco de confiança.

— Retrocedam! Voltem para trás com os canhões! — O coronel dava golpes com seu rebenque para tentar desenredar os carros de munição presos. Houve outra descarga de fogo de obus dos franceses que milagrosamente não caiu sobre o tumulto de artilheiros e cavalos que, ferroados pela ameaça dos projéteis, se desenredaram como por encanto. Os canhões holandeses que fugiam subiram com estrépito pela estrada com as correntes e os baldes balançando. Os artilheiros que não iam montados nos canhões ou nos carros de munição corriam pelas valetas em uma indisciplinada retirada.

— Parem na granja! — berrou Sharpe atrás do coronel de artilharia.

Um projétil de obus caiu ululando e destroçou a roda da carroça de munição do último canhão. Por um segundo o obus ficou com a mecha fumegante entre os restos da roda e depois saltou em pedaços com uma explosão ensurdecadora. Um cavalo morreu no mesmo instante e suas tripas, vermelhas e úmidas, saíram expelidas para toda a largura do caminho. Outro cavalo que gritava caiu sobre suas quebradas patas traseiras. O restante dos animais do tiro, em pânico, tentou galopar e só conseguiram girar a carroça de munição destroçada. Um artilheiro caiu de seu lugar sobre a caixa de munição e a violenta fricção do carro de munição o esmagou. Tentou se agarrar à roda quebrada que primeiro o arrastou e depois o deixou cravado na estrada. Os outros artilheiros não lhe prestaram atenção; em lugar disso se puseram a golpear os arreios com espadas ou facas e finalmente liberaram os quatro cavalos que restavam com vida, que galoparam com olhos exorbitados para Gemioncourt. Um oficial disparou um tiro de misericórdia no cavalo que agonizava e depois saiu correndo atrás de seus homens abandonando o canhão.

O soldado que havia debaixo da carroça de munição também ficou abandonado. Deixaram-no gritando com um lamento assustador, que fez os soldados de infantaria mais próximos olharem ao seu redor com nervosismo. Harper se aproximou a cavalo do soldado e viu que os raios da roda quebrada lhe atravessavam o ventre e a virilha. Desceu o fuzil do ombro, apontou e realizou um único disparo.

Os escaramuçadores franceses proferiram gritos de entusiasmo por sua vitória sobre os apavorados artilheiros e depois voltaram seus mosquetes para os batalhões belgas mais próximos. O Príncipe de Orange gritava para que seus soldados se mantivessem firmes, que esperassem, mas o desgaste da vanguarda lhes encrespava os nervos. Começaram a retroceder pouco a pouco.

— Não aguentarão! — Harper disse para Sharpe.

— Esses sacanas terão que aguentar! — Sharpe se dirigiu a toda pressa para os belgas mais próximos, mas antes que pudesse se aproximar do batalhão, uma coluna francesa saiu de repente do centeio, e os belgas, sem disparar uma única descarga, viraram e correram. Em um instante eram um batalhão formado e no seguinte, uma turbamulta. Sharpe parou. Dois projéteis de obus estouraram a uns poucos passos de seu cavalo e ambas as explosões provocaram dois incêndios de pouca importância no centeio. Os franceses gritavam entusiasmados. O Príncipe batia nos soldados que corriam com a face da lâmina de seu sabre, mas eles tinham muito mais medo de um imperador que de um príncipe, portanto não pararam de correr. Os outros batalhões foram contagiados pelo pânico e também fugiram. Os escaramuçadores franceses dirigiram suas forças contra o estado-maior do príncipe.

Rebecque, com os olhos vermelhos e inchados por causa da alergia, deteve seu cavalo junto a Sharpe.

— Não é um começo muito digno de admiração, né?

— Saia daqui, senhor! — Sharpe ouvia os assobios e chicotadas das balas de mosquete em torno deles.

— Pode ver o que ocorre a Saxe-Weimar? — perguntou Rebecque.

Sharpe consentiu.

— Eu verei, senhor! Mas vá embora! Agora! — Os primeiros soldados da vanguarda francesa avançavam a toda pressa, mas em lugar de buscarem os oficiais do estado-maior, que continuavam perto da posição holandesa, passaram mão no canhão abandonado, o primeiro troféu de seu ataque.

Atrás da coluna soou um trompete e um ajudante de campo holandês advertiu aos gritos da presença da cavalaria inimiga. O Príncipe girou seu cavalo e galopou para o norte para Gemioncourt e *Quatre Bras*. Rebecque saiu a galope atrás do príncipe enquanto Sharpe e Harper se dirigiram para oeste. Ao longo de todo o centro da posição, os holandeses tinham vindo abaixo deixando um atraente espaço pelo qual os franceses podiam irromper, contudo, do distante flanco direito continuava chegando o som tranquilizador das descargas, o que demonstrava que os soldados de Saxe-Weimar estavam defendendo incondicionalmente.

Os batalhões do príncipe Bernhard, que haviam tomado o cruzamento na noite anterior, o protegiam de novo. Estavam recuando ante o ataque francês, mas não corriam. Retrocediam e paravam, a cada poucos passos, para disparar constantes e efetivas descargas contra seus atacantes franceses. Sharpe notou que aqueles franceses haviam se desdobrado e em vez de uma coluna formavam uma linha que superava em número a brigada de Saxe-Weimar, ainda que as tropas de Nassau combatessem bem. Melhor ainda, em lugar de retroceder para a encruzilhada se dirigiam ao abrigo do escuro bosque que se estendia como um bastião ao longo do flanco esquerdo do percurso dos franceses para *Quatre Bras*. Se o Príncipe pudesse ocupar o bosque e salvar o centro de alguma maneira, ainda haveria uma chance.

Era uma possibilidade muito remota, uma mera fibra de palha arrebatada frente a um constrangedor desastre, pois Sharpe não via como qualquer general — para não falar de um

príncipe cheio de espinhas — poderia reagrupar as partidas tropas do centro e evitar que os franceses avançassem para tomar a encruzilhada. E quando a tomassem, nenhum destacamento britânico poderia se reunir aos prussianos, desse modo os exércitos ficariam irrevogavelmente divididos e o Imperador ganharia sua campanha.

— Vamos voltar! — gritou Sharpe para Harper.

Viraram seus cavalos e se afastaram dos homens de Saxe-Weimar que nesse instante se aproximavam do limite das árvores com mortíferas descargas de mosquetes. Sharpe e Harper trotaram para o norte, mantendo-se a umas centenas de metros na frente dos franceses que avançavam. À sua esquerda ficava o extenso e imponente bosque com sua confusão de árvores e defensores tenazes. No centro ficava a granja Gemioncourt, que devia ter servido de fortaleza para deter os franceses, mas que estava vazia, porque os canhões e a infantaria belgas haviam fugido sem parar na granja, cedendo assim ao inimigo seus fortes muros e estábulos com seteiras. Pela frente de Sharpe, ao longe, ficava o cruzamento propriamente dito onde a escura massa de fugitivos se amontoava em confusão, enquanto que à direita, atuando de certa forma como outro bastião, havia um bosque menor e um punhado de casinhas.

— Olhe! Olhe! — Harper estava de pé nos estribos e apontava, ao mesmo tempo em que gritava com entusiasmo, para o bosquezinho da direita. — Que Deus abençoe esses sacanas! Muito bem, rapazes!

Porque naquela distante floresta que protegia o caminho que levava ao exército prussiano havia fuzileiros. Casacas verdes. Os melhores entre os malditos melhores. Os reforços britânicos haviam começado a chegar.

Mas atrás de Sharpe e de Harper os vitoriosos franceses seguiam avançando, e entre eles e a encruzilhada não havia nada.

## Capítulo 8

O príncipe de Orange, alegremente e sem levar em conta que quase a metade de suas tropas haviam fugido do campo de batalha, cumprimentou o duque de Wellington com uma boa notícia.

— Ocupamos o bosque! — anunciou em um tom que dava a entender que a vitória estava garantida.

O duque, que acabava de voltar de Ligny onde os prussianos esperavam o ataque de Napoleão, lançou um frio olhar para os fugitivos que se dirigiam em tropel para o norte para Bruxelas, depois voltou seu grave rosto para o Príncipe.

— Que bosque? — A educada pergunta do duque para que lhe dessem mais detalhes foi glacial.

— Ali! — o Príncipe sinalizou de maneira imprecisa para o flanco direito. — Não é mesmo, Rebecque?

Rebecque cedeu a resposta para Sharpe que havia visitado o flanco direito.

— A brigada do príncipe Bernhard retrocedeu para o bosque, senhor. Está ocupando o limite das árvores.

O duque se deu por informado com um seco movimento de cabeça e esporeou seu cavalo para avançar alguns passos e assim poder contemplar a ruína que herdara do príncipe de Orange. As tropas belgas foram expulsas de todas as granjas de vanguarda e não haviam conseguido guarnecer Gemioncourt, o que era o mais desastroso. A cavalaria, artilharia e infantaria francesas já haviam avançado até o riacho e era apenas questão de instantes que lançassem um forte ataque para o vital cruzamento. A única boa notícia era que o Príncipe Bernhard com as tropas de Saxe-Weimar ocupava o bosque da direita, negando assim aos franceses a proteção das árvores quando atacassem a encruzilhada, mas essa exígua vantagem não serviria de nada, a menos que o duque pudesse formar outra linha defensiva para proteger a estrada.

O material humano para essa linha finalmente estava chegando. Os fuzileiros, que Harper vira, eram a vanguarda da quinta divisão de sir Thomas Picton. O restante daquela divisão atravessava a encruzilhada naquele instante, passando pela frente do que restava dos desanimados belgas.

— Prometi a Blücher que marcharíamos em sua ajuda — o duque cumprimentou sir Thomas Picton —, mas somente caso não nos atacassem aqui. — Um canhão francês disparou um tiro longo alcance desde Gemioncourt e a bala deixou atrás o caminho, passou reto junto ao duque e se lançou estrepitosamente contra um muro da granja localizada no cruzamento. — Parece que hoje os prussianos terão que combater sem nós — disse o duque com secura, e com um gesto indicou os campos que se estendiam à esquerda de *Quatre Bras*. — Que seus homens se alinhem ao longo desse caminho, sir Thomas, com o flanco direito de frente para a

encruzilhada.

O tenente general sir Thomas Picton, um homem robusto e com mau humor que havia combatido corajosamente na Espanha, fulminou o duque com o olhar.

— Não estou disposto a receber ordens desse maldito moleque holandês.

— Vai receber ordens minhas, Picton, não de sua alteza real. Estou totalmente de acordo. E agora, poderia por gentileza obedecer a essas ordens?

Picton, vestido com uma cartola e uma casaca civil que davam a impressão de terem sido descartadas por um granjeiro, obedeceu. Sua infantaria marchou entre os desorganizados batalhões holandeses e se posicionou justo ao sul do caminho para Nivelles. Mais perto da encruzilhada estava o 92º, um batalhão de soldados dos Highlanders que usavam saias escocesas, meias compridas com quadriculado vermelho e branco e boinas escocesas com penas pretas. Junto deles havia mais tropas das Highlander o 42º ou Guarda Negra, que estavam enfeitados com os escuros xales de seu traje escocês e penachos vermelhos e cujos oficiais exibiam penas de abutre em suas boinas e levavam mortíferos sabres. Ao seu lado estava o 44º, o *East Essex*, tranquilos homens do campo com casacas escarlatas, forradas de amarelo. Os três batalhões eram veteranos, imunes aos tambores e vivas franceses e que se contentavam em fumar em seus curtos cachimbos de argila enquanto viam o que o dia lhes reservava desde os crescidos campos de centeio.

As baterias francesas tinham sido levadas de Frasnes para as colinas que se erguiam acima de Gemioncourt. Naquele instante seus artilheiros realizavam os últimos ajustes nas manivelas de seus canhões enquanto a infantaria, que havia tomado o centro do campo de batalha quase sem sofrer um arranhão, descansava entre o centeio. Os franceses pareciam não ter nenhuma pressa, achando talvez que a batalha por *Quatre Bras* já estivesse ganha. A menos de doze quilômetros ao leste havia começado outra batalha ainda maior, tal e como evidenciava o repentino e avassalador estrondo das salvas de canhão que atravessavam a campina rodando e golpeando o solo. O Imperador havia lançado seu ataque contra os prussianos.

Chegaram a *Quatre Bras* as primeiras baterias da artilharia britânica e receberam ordens de desprenderem os carros de munição dos canhões na encruzilhada. Quase imediatamente os artilheiros caíram sob o intenso fogo de mosquetes dos escaramuçadores franceses que haviam avançado se arrastando pelo crescido centeio. Os escaramuçadores inimigos eram especialmente numerosos na faixa de campo que havia entre a estrada e o bosque, onde os homens de Saxe-Weimar mantinham sua tenaz resistência. Os regimentos dos Highlanders; viram suas companhias ligeiras avançarem para rechaçar o ataque dos franceses.

Sharpe também era um escaramuçador e observou o combate das companhias ligeiras com olhos de profissional. A tarefa dos escaramuçadores era bastante simples. Uma linha de combate era formada por um monte de soldados muito perto uns dos outros que podiam disparar uma mortífera carga de metal em descargas ordenadas, mas para desbaratar esses soldados e minguar suas filas eram enviados os escaramuçadores como um enxame de vespas

para ferroá-los e os desconcertar. A melhor maneira de derrotar os escaramuçadores era com mais escaramuçadores, enfrentando-se os dois enxames em um combate particular entre as linhas. Um combate que os britânicos estavam acostumados a ganhar contra os franceses, mas naquele dia estes pareciam ter muitos mais homens que o normal. Os soldados dos Highlanders realizaram um enérgico ataque, mas foram detidos na margem do campo pela pura carga do fogo de mosquete que fumegava e cintilava vindo da plantação de centeio.

— Há milhares desses filhos da puta! — Harper nunca vira uma linha de escaramuça com um contingente tão constrangedor.

— Achava que você ia manter-se afastado dos problemas. — Sharpe teve que erguer a voz acima do som do fogo francês.

— Sim.

— Então retroceda! — havia ainda mais escaramuçadores franceses avançando, de maneira que ao longo da linha formada pela divisão de Picton os casacas-vermelhas iam caindo e os sargentos iniciavam sua ladainha de combate.

— Fechem filas! Fechem filas! — As companhias ligeiras não tinham nada o que fazer ante tal horda de escaramuçadores inimigos. Em duas ocasiões o duque fez avançar batalhões inteiros em linha para varrer os escaramuçadores franceses, mas assim que o batalhão britânico voltava a ocupar sua posição a escaramuça inimiga voltava se arrastando e a fumaça de seus mosquetes voltava a surgir da margem do campo de centeio.

Os restos de papel dos cartuchos haviam provocado pequenos incêndios nos secos plantios. As chamas crepitavam palidamente debaixo da intensa luz do sol, acrescentando mais fumaça à cada vez mais densa nuvem criada pela pólvora.

A cavalaria chegou à encruzilhada. Desceram pelo caminho de Nivelles com um alegre tilintido das barbadadas. Os cavaleiros eram soldados belgo-holandeses e de Brunswick, estes últimos, com casacas negras, eram comandadas por seu próprio duque, que dirigiu um ataque na faixa do campo situada ao este da estrada. Os escaramuçadores franceses fugiram dos sabres do duque de Brunswick como ratos que fogem do açoite dos gatos, mas então os cavaleiros se encontraram com uma brigada de infantaria francesa que estava escondida entre a plantação do outro lado do riacho. A brigada havia formado quadros e arremeteram contra os cavaleiros alemães com descargas de mosquete, de maneira que a cavalaria se amontoou desordenadamente, homens e cavalos caíram chumbados até que, frustrados e ensanguentados, se viram obrigados a se retirar. Alguns galoparam para o bosque para se salvar, outros se retiraram atravessando os campos de centeio. O duque de Brunswick estava morto.

O príncipe havia se inspirado com o êxito das tropas de Brunswick. Passou galopando junto a Sharpe.

— Vamos, Sharpe! Vamos! Essa é a maneira de tirá-los do meio!

— Fique aqui — advertiu Sharpe a Harper, e cravou seus calcanhares para ir atrás do príncipe que estava ordenando a própria e recém chegada cavalaria em duas filas. Os soldados Brunswick com suas casacas negras, alguns com os sabres ensanguentados,

reforçaram os belgo-holandeses que seguiram seu príncipe pela ampla extensão de campo onde os escaramuçadores franceses seguiam alvejando os casacas-vermelhas com os disparos de seus mosquetes. O Príncipe havia desembainhado seu sabre com empunhadura de marfim e agora o agitava acima da cabeça como sinal para que as duas linhas se pusessem ao trote.

Os cavalos entraram no centeio fumegante. Os escaramuçadores franceses, aterrorizados, com toda razão, diante daquelas espadas curvas, fugiram precipitadamente e a infantaria britânica gritou entusiasmada quando seus torturadores foram expulsos.

Sharpe cavalgava com Rebecque e os demais oficiais do estado-maior entre as duas filas de soldados holandeses, enquanto o Príncipe galope à frente dos cavaleiros. O Príncipe estava contente. Aquilo era a guerra! Os casacas-vermelhas o haviam aclamado, o que demonstrava que reconheciam seu heroísmo. Seu cavalo curvava com graça e o sol se refletia na polida lâmina de seu sabre. Os escaramuçadores franceses fugiam dele aterrorizados assim como a caça escapa do batedor, em um instante daria a ordem de ir a todo galope e imaginava a emoção de penetrar nas linhas inimigas, dar golpes nos artilheiros e lançar-se sobre a bagagem francesa. A Europa saberia que havia surgido um novo poder militar: William, príncipe de Orange!

Mas o enxame de escaramuçadores franceses batia em retirada ante o Príncipe. Uns poucos pararam para disparar em seus perseguidores, mas não se aventuraram a ficar muito tempo parados temendo os sabres, de modo que seus disparos ao acaso não causaram danos. Os franceses que fugiam atravessaram chapinhando o riacho e seguiram correndo deixando para trás a granja Gemioncourt. Parecia que na frente não havia colunas francesas, somente o tentador campo de centeio que subia até o pouco elevado cume onde os artilheiros franceses esperavam para serem atravessados pelos sabres do príncipe. O tenente Doggett, que cavalgava ao lado de Sharpe, desembainhou sua espada nervosamente.

— Nunca lutei a cavalo.

— Concentre-se apenas em se manter sobre a sela é tente não fatiar as orelhas de seu cavalo.

— Sim, senhor. — Doggett olhou as orelhas de seu cavalo com um olhar especulativo.

— Não golpeie com a espada — Sharpe continuou sua aula de última hora —, crave-a. E não deixe seu cavalo parar! Se parar em meio a uma briga morrerá.

— Sim, senhor. — O Príncipe não parecia ter medo, cruzou o vau trotando e foi direto para os canhões franceses que se erguiam silenciosos em no horizonte. Perguntava-se por que nunca pensara em mandar fazer uma enorme bandeira laranja, uma bandeira que o seguisse no campo de batalha para aterrorizar ao inimigo. Virou-se buscando Rebecque com a intenção de ordenar ao chefe do estado-maior que mandasse fazer uma bandeira como essa, mas o que viu foi que a primeira fila de seus cavaleiros havia se detido desonrosamente na outra margem do riacho.

— Vamos! — gritou o Príncipe. — Sigam-me! Nenhum soldado ou cavalo se moveu e a segunda fila de cavaleiros parou alguns poucos passos atrás da primeira.



O Príncipe voltou a olhar para frente e viu que uma brigada de cavalaria ligeira francesa havia aparecido junto aos canhões inimigos. Os cavaleiros inimigos eram lanceiros e hussardos vistosamente vestidos de verde, vermelho-escarlata e azul, estavam diante dos canhões formando suas duas linhas de ataque. Os porta-estandartes franceses levavam galhardetes enquanto que cada um dos lanceiros tinha uma pequena flâmula bifurcada, vermelho e branco, presa justo abaixo da fina lâmina de sua arma. As forças do príncipe superavam em número à cavalaria francesa, mas esta seguia avançando com garbosa segurança. Seria sabre contra sabre e lança.

Os franceses pararam a uns duzentos metros da imóvel cavalaria holandesa. Os lanceiros formavam a fila frontal enquanto os hussardos frearam seus cavalos a uns cinquenta passos atrás. Durante uns poucos segundos os dois contingentes de cavalaria limitaram-se a olhar uns para os outros e então o Príncipe alçou seu pesado sabre por cima de sua cabeça.

— Carregar! — Gritou com uma magnífica e alta voz. Nesse mesmo instante adiantou e baixou a ponta de seu sabre, mas então percebeu que seus homens não haviam se movido da margem do riacho. Os oficiais do estado-maior haviam começado a seguir o príncipe com diligência, mas os cavaleiros belgas tinham ficado obstinadamente parados.

— Carregar! — voltou a gritar o Príncipe, mas de novo ninguém se moveu. Alguns oficiais trataram de instar seus homens a avançarem, mas os poucos que se viram obrigados a avançar imediatamente se fizeram de um lado e voltaram a parar.

— Droga! — Sharpe desembainhou sua espada e olhou para Simon Doggett. — Dentro de poucos segundos, tenente, isto vai se converter em um condenado caos sangrento. Quando começar, cavalgue para a encruzilhada como se fosse perseguido pelo diabo. Não olhe para trás, não diminua a marcha e não tente lutar com os lanceiros.

— Sim, senhor. — Doggett deu uma espiada para a esquerda e direita, mas os belgas não iam se aproximar dos franceses. Fazia apenas um ano que aqueles belgas fizeram parte do exército Francês e não queriam matar seus antigos camaradas. Alguns cavaleiros belgas deram a volta em seus cavalos para demonstrar que não estavam dispostos a carregar.

Os cavalos franceses ofegavam, sacudiam a cabeça e pisoteavam o centeio. Os lanceiros sustentavam suas armas de mais de dois metros de comprimento em posição vertical para que as bandeiras vermelhas e brancas dessem um magnífico espetáculo contra o céu. Sharpe detestava as lanças. Fora capturado à ponta de lança na Índia e ainda tinha a cicatriz no peito. Alguns soldados preferiam o combate de lanças contra sabres aduzindo que uma vez evadida a ponta da lança, o lanceiro era presunto, mas Sharpe nunca se sentira cômodo ao enfrentar as afiadas lanças de folha estreita.

Então, com uma ameaça deliberadamente lenta e sem, aparentemente, nenhuma ordem, toda a primeira fila da cavalaria francesa baixou a ponta de suas lanças para a posição de ataque.

A visão das folhas que desciam foi suficiente para os cavaleiros belgas. Giraram seus cavalos de um puxão, cravaram as esporas e fugiram. Os oficiais de estado-maior tentaram fazer os cavaleiros mais próximos voltarem a formar, mas foi inútil.

Sharpe puxou o bridão de Doggett para que seu cavalo desse a volta.

— Saia daqui! Cavalgue! — O Príncipe já havia escapado. Rebecque olhava fixamente para o inimigo com os olhos inchados e lacrimejantes pela alergia. Ouviu-se uma corneta francesa que soou forte e brincalhona e que fez os lanceiros começarem sua perseguição.

— Vamos, Sharpe! — gritou Rebecque. Sharpe já havia girado seu cavalo. Viu o Príncipe mais adiante, cavalgando com a cabeça baixa. Esporeou sua montaria e ouviu o estrépito dos cavalos inimigos que vinham atrás ao galope. Os toques de trompete inimigos encheram o céu de ameaça.

Foi uma corrida. Os cavalos franceses mais velozes ultrapassaram rapidamente os mais lentos dos belgas. Puxaram as lanças para trás e as empurraram para frente contra costas desprotegidas. Os homens gritavam, arqueavam a coluna e caíam. Os cascos dos cavalos levantavam grandes pedaços de terra.

Um holandês deu um golpe às cegas em um lanceiro e, para sua surpresa, o fez cair de costas da sela. Um cavalo sangrava e coxeava. Um soldado de Brunswick caiu da sela, levantou-se apressadamente e foi atravessado pelo sabre de um hussardo. Os hussardos estavam alcançando agora os mais lentos cavaleiros belgo-holandeses e seus sabres cortavam pescoços e deixavam costelas descobertas. O sangue deixava o canteiro brilhante e escorregadio. Centenas de quebrantados cavaleiros holandeses se dirigiam em tropel para o norte para o cruzamento e o inimigo galopava entre eles gritando para que o pânico não parasse, matando e cortando o quanto podiam.

O duque de Wellington avançou para deter a debandada, mas a cavalaria belgo-holandesa o ignorou e se separou ao passar entre os membros de seu estado-maior em uma avalanche de cavalos suados e soldados assustados. Os franceses subiam a toda pressa pelas costas e pelos flancos.

— Retroceda, senhor! — gritou um oficial do estado-maior para o duque, que não parava de gritar e maldizer os belgas em pânico. Só o que o duque podia ver era um caos de poeira, canteiro em chamas, sangue e cavaleiros aterrorizados até que, nítido entre a apavorada turba, de repente viu o brilhante resplendor das lâminas das lanças e dos cascos dos franceses. O duque deu a volta em seu cavalo e saiu a toda pressa. Não podia escapar pelo caminho já que estava abarrotado de fugitivos, portanto cavalgou diretamente para as sólidas filas do 92°. Tanto a sua direita como a sua esquerda havia franceses que tentavam cortar o caminho do duque. Dois lanceiros iam atrás, esporeando seus cavalos até fazê-los sangrar em sua tentativa para alcançá-lo. Copenhague, o cavalo do duque, que tinha o nome de uma de suas primeiras vitórias, estirou o pescoço. Os soldados dos Highlanders se achavam de pé formando quatro filas que esgrimiam suas baionetas. Nenhum cavalo carregaria contra uma formação tão abarrotada como aquela, mas o duque gritava para os escoceses:

— Ao chão! Ao chão! Ao chão!

Quatro filas de soldados se jogaram ao solo. Copenhague se preparou, saltou e o duque passou sem nenhum percalço por cima dos dezesseis homens agachados.

— Fogo!

Gritou um oficial dos Highlanders, e uma descarga de mosquetes se precipitou sobre os perseguidores franceses. Os dois lanceiros morreram no mesmo instante e seus cavalos se debatiam ensanguentados pelo chão quase aos pés da primeira fila.

— Carreguem!

O oficial que gritava as ordens de disparar era um dos soldados que tinham dançado sobre as espadas cruzadas no salão de baile da duquesa na noite anterior.

— Fogo!

O rosto de um hussardo desapareceu envolvido em sangue ao mesmo tempo em que seu cavalo ferido retrocedia. Homem e animal caíram com um alarido cruzando no caminho de um lanceiro que ia ao galope. O cavalo do lanceiro caiu com as pernas quebradas enquanto seu cavaleiro ficou deitado no piso, ileso. A lança, que tinha se cravado profundamente no chão, vibrou.

— Fogo! — gritou o oficial escocês.

Uma mistura de cavalaria francesa e belgo-holandesa galopavam para a linha de infantaria. Os belgas, desesperados para se salvar, apertavam o passo para os espaços entre os batalhões e os cavaleiros franceses cavalgam com eles. De repente os casacas-vermelhas perceberam que atrás deles havia cavaleiros inimigos.

A Guarda Negra recebeu ordens de formar um quadrado. As alas do batalhão se curvaram para trás e para o interior, mas os lanceiros inimigos já se achavam atrás da linha e se apressaram a se introduzir nos espaços entre as alas. Vendo os estandartes escoceses e estocando suas lanças nos soldados que protegiam as grandes bandeiras de seda. Dois oficiais escoceses os enfrentaram a cavalo. Um lanceiro recebeu o golpe de um tradicional *claymore* escocês e seu crânio partiu até o colarinho da casaca. O coronel Macara gritava para seus flancos se fecharem e, com pura força bruta, os dois extremos da fila se obrigaram a se mover para o interior e formar um grosseiro quadrado. Uma dúzia de lanceiros inimigos restou dentro da formação. Um deles arremeteu contra o coronel, mas Macara afastou a lança de um golpe e investiu com sua espada claymore.

— Seção, fogo! — gritou enquanto seu aço ainda estava matando o lanceiro. Outros lanceiros foram arrancados de suas selas por vingativos soldados escoceses que os estocaram com as baionetas. Fora do quadrado os cavaleiros desviaram para se afastarem das descargas da seção enquanto que no interior do mesmo os lanceiros apanhados eram vítimas de uma carnificina. Os estandartes estavam a salvo e as gaitas não haviam deixado de soar em nenhum momento.

O batalhão vizinho, o East Essex, permanecia alinhado. Eles, assim como os escoceses, haviam formado quatro filas, mas seu coronel simplesmente fez sua fila traseira girar e abriu fogo pela frente e por trás, matando cavaleiros belgo-holandeses e franceses indiscriminadamente. Um grupo de decididos soldados da cavalaria francesa cavalgou a toda velocidade desde a retaguarda em uma furiosa tentativa de capturar o estandarte do batalhão.

As lanças atravessaram dois sargentos britânicos, um sabre cortou um casaca-vermelha de lado e então um lanceiro cravou sua comprida lâmina no olho do defensor que levava o estandarte do regimento. O porta-bandeira Christie caiu, mas se aferrou com todas suas forças à grande bandeira de seda amarela enquanto desabava. Dois hussardos atacaram o prostrado Christie inclinando-se de suas selas para cortar o rapaz de dezesseis anos com seus sabres.

Os casacas-vermelhas avançavam como podiam, passando por cima de seus próprios mortos e feridos. Um lanceiro tentou agarrar o estandarte com a ponta de sua arma, mas Christie se segurou a ele com coragem. Os dois hussardos grunhiram enquanto o espetavam com seus sabres. Um disparo de mosquete matou um dos franceses, o outro esquivou uma investida de baioneta e depois deu uma última estocada em Christie.

Outro mosquete detonou e o hussardo foi arrancado de sua sela como uma marionete puxada pelas cordas. Um punhado de oficiais com casaca vermelha e soldados se precipitou sobre o imóvel Christie e afastou os últimos inimigos. Um lanceiro havia atravessado com sua arma um canto da bandeira e a puxava para cortar um pedaço da seda amarela, mas inclusive esse troféu foi negado aos franceses. Três mosquetes dispararam e o lanceiro caiu do cavalo de costas.

— Fechar filas! Fechar filas! — gritavam os sargentos. Uma estrepitosa descarga limpou um espaço à frente do batalhão. A atmosfera estava carregada pela hedionda fumaça da pólvora, fedia a sangue e o ar se enchia com o forte ruído dos gritos de homens e cavalos. Um cavalo sem cavaleiro atravessou a linha de frente a um galope desenfreado deixando uma torrente de sangue em sua passagem. Um lanceiro que se afastava a pé cambaleando foi abatido por uma bala de mosquete. Os cavaleiros franceses viravam e se afastavam, tentando escapar das descargas de mosquete.

O porta-bandeira Christie estava vivo, ainda agarrava com força o estandarte contra seu corpo, e estava lacerado com mais de vinte feridas de sabre e lança. Seus companheiros fizeram uma maca com cobertores e mosquetes e o levaram para os cirurgiões que tinham se instalado no celeiro junto da encruzilhada. O estandarte, com sua brilhante seda amarela rasgada pelo aço e manchada com o sangue de Christie, foi novamente erguido. E a cavalaria francesa, como o refluxo de uma maré de sangue, voltou a formar a uns quatrocentos metros de distância. A encruzilhada havia resistido.

Os soldados da Guarda Negra arrastaram os lanceiros mortos para fora de seu quadrado e amontoaram os corpos formando uma espécie de muralha para fazer tropeçar qualquer outro cavalo que carregasse contra eles. Os soldados voltaram a carregar seus mosquetes. Os feridos retrocediam coxeando para os cirurgiões. Um soldado caiu de joelhos, vomitou sangue e desabou.

Os franceses estiveram a ponto de romper as linhas britânicas. Alguns dos hussardos e lanceiros, que haviam cavalgado para a retaguarda dos batalhões de casacas-vermelhas, haviam galopado para a estrada que estavam tentando capturar e só haviam recuado atravessando os espaços entre os batalhões porque não tinham cavaleiros suficientes para reter a via temporariamente tomada. Naquele momento os franceses achavam que um esforço a

mais, sem dúvida, daria resultado e que a infantaria de casacas vermelhas desmoronaria assim como os cavaleiros belgo-holandeses. Estrondaram os trompetes para anunciar aquele segundo esforço que, para assegurar o êxito, tinha se reforçado com oitocentos *Cuirassiers* — os *grands frères*, irmãos mais velhos, do exército francês. Os *Cuirassiers* usavam peitoral de aço, capacete e espaldar, e montavam os cavalos mais pesados de toda a cavalaria francesa. Um irmão mais velho, com sua armadura e seu cavalo, pesava mais de uma tonelada. Os couraceiros, em cujas couraças de aço o sol se refletia como fogo prateado, iniciariam o segundo ataque e esmagariam a infantaria pela força de peso e terror.

A infantaria estava preparada para o ataque. As descargas de mosquete retumbaram com fumaça e chamas e suas balas atravessaram limpamente a chapa da armadura. Os couraceiros eram derrubados e caíam sobre o esmagado centeio enquanto as descargas mantinham seu ritmo assassino. Os cavalos moribundos tremiam sobre a comprimida seara enquanto os couraceiros feridos se esforçavam para se livrar dos capacetes e armaduras antes de se afastar coxeando. Os lanceiros e hussardos, ao ver o massacre dos encouraçados cavaleiros, não insistiram com seu próprio ataque.

— Cessar fogo! Carregar! — gritavam oficiais e sargentos para os quadrados britânicos. As bandas dos regimentos seguiam tocando, enquanto nos quadrados os estandartes pendiam pesadamente naquele ar úmido e carregado de fumaça. A cavalaria inimiga, ensanguentada e vencida, se retirou ao riacho. Do leste chegava o som de canhões, o que significava que os prussianos ainda lutavam sua batalha.

Então, os escaramuçadores franceses avançaram se arrastando e voltaram a abrir seu fogo mortificante, e do outro lado de Gemioncourt os canhões de doze libras franceses começaram a disparar contra as filas britânicas. A cavalaria inimiga ainda estava à vista e não muito longe, pelo que a infantaria se viu obrigada a permanecer em sua formação de quadrado, como alvo principal para os pesados canhões franceses.

Havia chegado o momento de a infantaria sofrer.

Nas estradas que levavam a *Quatre Bras* ao oeste e ao norte, as tropas britânicas apressadas viram o crescente dossel de fumaça, e ouviram o retumbar incessante da artilharia pesada. Já havia carretas que viajavam de volta a Bruxelas levando os feridos que se queixavam no calor da tarde, enquanto seu sangue gotejava pelas tábuas do fundo e manchava a branca estrada de vermelho. Outros soldados feridos se afastavam a pé da batalha e se dirigiam para seus antigos acampamentos cambaleando sob o sol. Em Nivelles os vizinhos se apinhavam nas portas de suas casas, escutavam o ruído da batalha e olhavam com os olhos muito abertos para os soldados malferidos que passavam coxeando pela frente. Alguns soldados belgas ilesos divulgaram a notícia de que os britânicos já estavam vencidos e que o Imperador já se encontrava a caminho de Bruxelas. As nuvens cresciam ao oeste, cada vez mais altas e mais escuras.

A menos de vinte quilômetros ao norte de *Quatre Bras*, no hibernáculo de uma granja chamada Hougoumont que, por sua vez, ficava perto da aldeia de Waterloo, havia alguns

homens atarefados desbastando a colheita de maçãs. Arrancavam a fruta verde e a metiam em cestos, assegurando-se com isso que as maçãs restantes crescessem bonitas e suculentas. A fruta descartada serviria de comida para os porcos que viviam no pátio do castelo de Hougoumont.

Era um dia quente e enquanto os homens trabalhavam podiam ouvir o martelar dos canhões ao sul. Do alto de suas escadas viam a crescente nuvem de fumaça suja que se erguia sobre o campo de batalha. Ao vê-la riram entre os dentes, aliviados por não estarem disparando neles, por suas casas não estarem ocupadas pelos soldados e por suas terras não estarem sendo destroçadas pela passagem da cavalaria.

As janelas do castelo estavam abertas e umas cortinas brancas se agitavam na suave brisa que aliviava muito pouco o sufocante calor. Uma mulher gorda apareceu em uma das janelas do andar superior onde apoiou os braços no parapeito e ficou olhando fixamente para o estranho dossel cônico de fumaça que crescia no distante céu do sul. Pela estrada principal que atravessava o vale ao este do castelo viu uma torrente de soldados que marchavam para o sul. Vestiam vermelho, e mesmo a essa distância pôde perceber que iam a toda pressa.

— Melhor eles que nós, hein, senhora? — gritou um dos homens que colhiam as maçãs.

— Melhor eles que nós — consentiu a mulher, e depois se benzeu.

— Amanhã vai chover — comentou um dos homens, mas os outros não prestaram atenção. Estavam ocupados demais selecionando maçãs. No dia seguinte, se não chovesse, teriam que terminar a sega do feno ao pé do vale e tosquiar um rebanho de ovelhas, enquanto que no outro dia, graças a Deus, teriam folga, porque seria domingo.

Chegaram mais tropas britânicas a *Quatre Bras*, mas tiveram que ser destinadas aos flancos nos quais a pressão dos franceses aumentava. Sharpe, depois de ter escapado por um fio da cavalaria francesa, foi mandado através do bosque para que encontrar o príncipe Bernhard de Saxe-Weimar. O Príncipe, um homem austero e forte, havia mantido sua posição, mas estava ficando sem munição, e seus homens estavam sendo mortos pelos sempre presentes escaramuçadores. Mandaram a recém chegada infantaria britânica para apoiá-los, enquanto ainda mais casacas-vermelhas foram enviados para ajudar os fuzileiros do flanco esquerdo, que também eram vítimas de um forte ataque por parte de uma brigada da infantaria francesa.

— Por que não nos atacam pelo centro com a infantaria? — Doggett perguntou a Sharpe, que havia voltado a se reunir a Harper atrás do cruzamento.

— Porque estão sendo comandados por um soldado de cavalaria.

Um prisioneiro hussardo havia revelado que era o marechal Ney quem comandava as tropas em *Quatre Bras*. Ney era chamado “o mais valente dos valentes”, um soldado de cavalaria ruivo que atravessaria os abismos do inferno sem reclamar, mas que ainda tinha que lançar um ataque de infantaria contra os maltratados defensores da encruzilhada.

— Tem que entender algo sobre os soldados de cavalaria, senhor Doggett — explicou Harper. — Têm muito bom aspecto, sim, e geralmente levam todo o mérito de qualquer vitória, mas o único cérebro que têm é o que fica dentro das cabeças de seus cavalos.

Doggett ficou ruborizado.

— Eu queria ser um soldado da cavalaria, mas meu pai se empenhou para que me unisse à Guarda Real.

— Não se preocupe — disse Harper alegremente —, os membros da Guarda tampouco são nossos rapazes mais brilhantes. Que Deus salve a Irlanda, mas olhe aqueles pobres garotos.

Os pobres garotos eram os soldados dos Highlanders que estavam do outro lado do cruzamento e que só o que podiam fazer era ficar firmes e ser massacrados pelos canhões franceses. Estavam formados em quadrado, o que fazia deles um alvo ainda mais tentador para os artilheiros franceses, e não se atreviam a romper as formações por medo da cavalaria francesa que os vigiava como se fossem falcões. Os escoceses não podiam fazer outra coisa que não fosse ficar ali parados enquanto as descargas caíam sobre suas filas e cada disparo que atingia o alvo matava dois ou três soldados, às vezes mais. Em uma ocasião Harper viu uma bala cair em uma das faces laterais do quadrado que abateu dez homens convertendo-os em uma única mancha sangrenta. A artilharia britânica situada no cruzamento estava reservando-se para qualquer ataque da infantaria francesa, ainda que de vez em quando algum canhão tentasse acertar um dos canhões franceses. Aquele fogo de contra-ataque para as baterias foi inútil em quase todas as ocasiões, mas como o sofrimento da infantaria se prolongava, o duque deu ordens mais simples para ajudar a manter a moral dos casacas-vermelhas.

— Por que não fazemos algo? — perguntou Doggett em tom lastimoso.

— O que podemos fazer? — inquiriu Harper. — Os malditos belgas não combaterão, então não dispomos de cavalaria. É a isso que se chama ser um soldado de infantaria, senhor Doggett. Seu trabalho é ficar ali para que o matem selvagemmente.

— Patrick? — Sharpe estivera olhando fixamente para o caminho de Nivelles. — Vê o mesmo que eu?

Harper se virou em sua sela.

— Diabos, senhor, tem razão! — Chegava outra brigada da infantaria britânica e entre suas tropas estava os Voluntários do Príncipe de Gales. Sharpe e Harper se dirigiram rapidamente para seu antigo batalhão.

Sharpe deteve seu cavalo junto ao caminho e tirou o chapéu quando a companhia que ia à frente chegou ao seu lado. Era sua antiga companhia, a ligeira, comandada por Peter D'Alembord. Os soldados tinham os rostos brancos por causa do pó que os cobria e nos quais gotas de suor haviam deixado escuros rastros. Daniel Hagman soltou uma aclamação quando Sharpe lhes lançou um cantil cheio d'água. D'Alembord, com suas calças de baile manchadas com a cera que tinha lustrado sua sela, parou junto aos dois fuzileiros e olhou com desconfiança para a nuvem de fumaça que demarcava o campo de batalha.

— Como está isso?

— É um trabalho duro, Peter — admitiu Sharpe.

— Boney está aqui? — Era a mesma pergunta que haviam formulado quase todos os oficiais recém chegados, como se a presença do Imperador fosse dignificar a morte e o desmembramento da jornada.

— Não sabemos. — Sharpe viu que sua resposta decepcionou D'Alembord.

A brigada fez uma parada enquanto sir Colin Halkett, seu comandante, averiguava onde necessitavam de seus quatro batalhões. O tenente-coronel Ford e seus dois maiores, Vine e Micklewhite, conduziram seus cavalos ao passo pelo caminho até se aproximarem do lugar onde Sharpe, D'Alembord e Harper conversavam. Ford, que olhava com olhos de míope a fumaça dos canhões, percebeu tarde demais que estava perto de Sharpe, cuja presença o fazia se sentir muito incômodo e inepto, mas manteve a compostura naquele encontro casual.

— Soa muito enérgico, Sharpe, não é verdade?

— É um trabalho duro de verdade, Ford — disse Sharpe suavemente.

Ninguém parecia ser capaz de encontrar algo mais a dizer. Ford sorriu com uma benevolência generalizada que achou adequada para um coronel, enquanto o major Vine olhava com o cenho franzido para os soldados dos Voluntários do Príncipe de Gales que tinham se sentado na borda do caminho, e o major Micklewhite fingia estar extasiado com o desenho esmaltado da tampa de sua caixa de rapé. Uma repentina explosão soou com força suficiente para penetrar nos ouvidos meio surdos do major Vine, que se virou para se deparar com um carro de munição de um canhão britânico, abarrotado de munição preparada, fora atingida por um projétil francês e nesse instante expelia uma densa meada de fumaça e chamas para o céu.

O coronel Ford havia se sobressaltado com a súbita violência da explosão e olhava através de seus óculos de grossas lentes o restante do campo de batalha, que aparecia como uma ameaçadora mancha borrada de grão pisoteado, sangue, fumaça e a proeminência dos corpos dos mortos. As balas de canhão abriam sulcos na mistura aquosa de canteio e terra e cuspiam gotas grandes de barro antes de quicar para as ensanguentadas linhas dos soldados dos Highlanders.

— Meu Deus! — disse Ford com bastante mais sentimento do que havia querido expressar.

— Tenham cuidado com seus escaramuçadores — aconselhou Sharpe com secura. — Parecem ter mais sacanas que o habitual em suas linhas.

— Mais? — O tom de voz de Ford deixou evidente o medo que tinha de conduzir seu batalhão para o inferno que havia do outro lado da encruzilhada.

— Talvez possa pensar em desdobrar uma companhia como escaramuçadores — Sharpe, muito consciente da incerteza de Ford, ofereceu aquele conselho da maneira mais convincente que pôde sem parecer condescendente —, mas advirta aos rapazes que tenham cuidado com a cavalaria. Nunca estão muito longe. — Sharpe apontou para o outro lado da estrada onde o riacho alimentava um pequeno lado atrás da granja Gemioncourt. — Há uma ondulação no terreno ali que está infestada desses malditos filhos da puta.



— Já vejo, já vejo. — Ford tirou os óculos, os limpou com o extremo adornado com borlas de sua faixa e voltou a colocar as ponteiras em seu lugar. Olhou através da lente recém limpa, mas não viu nenhuma ondulação do terreno nem cavalaria alguma. Perguntou-se se Sharpe não estaria tentando assustá-lo deliberadamente e para demonstrar que estava totalmente à altura da perspectiva de combater, Ford ergueu os ombros, girou seu cavalo e se afastou. Vine e Micklewhite, como obedientes sabujos, seguiram seu coronel.

— Não vai considerar nem um pouco seu aviso — suspirou D'Alembord.

— Então fique você atento à cavalaria, Peter. Hoje estão com um humor de cachorro. Há cerca de três mil desses sacanas: hussardos, lanceiros e os da pesada.

— Está me animando, Sharpe, acho. — Supersticiosamente D'Alembord levou a mão ao bolso superior que estava repleto de cartas de sua prometida. — Já recebeu a promissória daquele maldito?

Sharpe tardou um segundo ou dois em perceber que D'Alembord estava se referindo a lorde John Rossendale. Sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Ainda não.

— Meu Deus! Acho que isso significa que teremos que marcar um duelo para amanhã?

— Não. Encontrarei aquele filho da puta e lhe cortarei as bolas.

— Ah, esplêndido! — exclamou D'Alembord com fingida seriedade. — Isso deveria satisfazer a honra de todo mundo.

O batalhão recebeu suas ordens. A brigada recém chegada tinha que se posicionar na faixa de campo situado frente ao bosque de Saxe-Weimar, de onde seu fogo de mosquete poderia golpear o flanco de qualquer ataque francês proveniente do caminho. Os membros do estado-maior de sir Thomas Picton trouxeram as ordens que insistiam que os quatro batalhões tinham que formar em quadrado no centeio.

Sharpe apertou a mão de D'Alembord. — Tenha cuidado com esses escaramuçadores, Peter! — Cumprimentou então com a mão o capitão Harry Price que em outro tempo fora seu tenente. — É uma tarefa perigosa, Harry!

— Estou pensando em renunciar, senhor. — Harry Price, pobre demais para ser dono de um cavalo, estava suando por causa do esforço de seu longo dia de marcha. — Meu pai sempre quis que me ordenasse sacerdote e estou começando a pensar que rechacei suas ideias cedo demais. Santo Deus, mas se não é o senhor Harper!

Harper sorriu abertamente.

— Alegro-me por vê-lo, senhor Price.

— Achava que o exército o havia dispensado.

— Foi.

— Está mais louco que uma cabra! O que está fazendo aqui? — Harry Price estava realmente perplexo. — Pode se ferir, maldito idiota!

— Mantenho-me bem afastado de qualquer problema, é o que faço.

Price sacudiu a cabeça ante a insensatez de Harper e depois teve que ir apressadamente quando o batalhão recebeu ordens de entrar no bosque. As companhias atravessaram o arvoredo em fila e saíram assim no campo de centeio iluminado pelo sol, onde, assim como os outros três batalhões da brigada de Halkett, formaram em quadrado.

Sharpe e Harper levaram seus cavalos ao passo de volta para o cruzamento onde o Príncipe de Orange brincava com a empunhadura de marfim de seu sabre. Estava frustrado pelos contratempos do dia. Vira a sua infantaria dobrar-se no primeiro ataque francês e depois observou como sua cavalaria fugia ante a descida de uma ponta de lança, mas ele colocava a culpa pela falta de êxito do dia em todo mundo menos em si mesmo ou em seus compatriotas.

— Olhe aqueles soldados, por exemplo! — indicou os quatro batalhões da brigada de Halkett que acabavam de formar seus quadrados no flanco do bosque. — É uma bobagem formar aqueles homens em quadrado! Uma bobagem! — O Príncipe se virou de mau humor, buscando um oficial do estado-maior britânico. — Sharpe! Explique-me! Por que aqueles soldados estão em quadrado?

— Muita cavalaria, senhor — explicou Sharpe com delicadeza.

— Não vejo nenhuma cavalaria! — o Príncipe olhou para o campo de batalha envolvido em fumaça. — Onde está a cavalaria?

— Ali, senhor. — Sharpe apontou para o outro lado do campo. — Há um lago à esquerda da granja e estão lá escondidos. Provavelmente tenham desmontado, por isso não podemos vê-los, mas estão lá, creio.

— É sua imaginação.

Depois de perder sua cavalaria belga, o príncipe não recebera mais nada para fazer e se sentia ofendido. O duque de Wellington não o considerava e com isso o Príncipe se viu reduzido à categoria de um honrado espectador. Pois bem, ao caralho! Não se podia obter a glória limitando-se a observar uma batalha atrás de uma encruzilhada! Voltou a olhar para a brigada recém posicionada que permanecia formada com seus quatro batalhões em quadrados. — Que brigada é essa? — perguntou a seu estado-maior.

Rebecque arqueou uma sobrancelha para Sharpe e este respondeu:

— A quinta brigada, senhor.

— Quer dizer a de Halkett? — o Príncipe olhou para Sharpe com o cenho franzido.

— Sim, senhor.

— Pertencem a meu corpo, não é? — perguntou o Príncipe.

Houve um breve silêncio e depois Rebecque consentiu.

— De fato, senhor. — O rosto do príncipe mostrou indignação.

— Nesse caso, por que não me consultaram sobre a sua posição?

Ninguém queria responder, pelo menos não com a verdade, que era que o duque de

Wellington não confiava no critério do príncipe. Rebecque se limitou a dar de ombros ao mesmo tempo em que Sharpe olhava fixamente a fumaça dos canhões franceses. Harry Webster, do outro lado de Rebecque, olhou seu relógio enquanto que Simon Doggett fez retroceder devagar seu cavalo até que abandonou o grupo de incômodos oficiais do estado-maior e ficou junto do cavalo de Harper. O Príncipe desembainhou uns centímetros seu sabre e o voltou a afundar em sua bainha.

— Ninguém dá ordens a minhas brigadas sem minha permissão!

— Quando eu estava nas tropas, senhor Doggett, tínhamos uma maneira de lidar com jovens cavalheiros como sua alteza real — disse Harper em voz baixa.

— Ah, era?

— Dávamos um tiro nos sacanas — Harper sorriu alegremente.

Doggett ficou olhando fixamente aquele estragado e simpático rosto.

— Era mesmo?

— Sobretudo nos sacanas como ele — Harper indicou o príncipe com um desdenhoso movimento de cabeça. — Não é mais que uma meia de seda cheia de merda.

Doggett olhou horrorizado para Harper. O senso de decoro de Doggett, assim como seu respeito nato pela realeza, foi ultrajado pelas palavras do irlandês.

— Não pode dizer essas coisas! — espetou. — É um membro da realeza!

— Uma meia de seda cheia de merda com uma coroa então. — Harper ficou completamente indiferente com a indignação de Doggett. — E se esse sacana não andar com cuidado, o senhor Sharpe jogará suas tripas aos porcos. Não seria a primeira vez.

— Matar alguém? — Doggett perguntou com brusquidão.

Harper olhou inocentemente para o tenente da Guarda.

— Sei com certeza que já livrou o mundo de alguns maus oficiais. Todos já fizemos! Não se scandalize, senhor Doggett! Ocorre o tempo todo!

— Não posso acreditar! — protestou Doggett, mas alto demais, pois o som de sua voz fez o Príncipe girar em sua sela com irritação.

— Algo o ofende, senhor Doggett?

— Não, senhor.

— Então volte aqui, ao lugar que lhe corresponde. O Príncipe voltou a olhar para os quatro batalhões da brigada de Halkett que eram uma comichão para seu ferido amor próprio. Mais perto da encruzilhada, justo em frente dos soldados dos Highlanders; situados do outro lado da estrada, havia um batalhão de homens de Lincolnshire, o 69º, que Sharpe não conhecia. Não haviam combatido na Espanha, em troca haviam participado da desastrosa expedição que não havia conseguido libertar a Holanda no final da última guerra. Diante deles estava o 30º, um batalhão de Cambridgeshire que, assim como o 33º que era o seguinte na linha, também fez parte do desastre holandês. Mais ao sul estavam os Voluntários do Príncipe

de Gales, os únicos veteranos da campanha espanhola na brigada.

— Portanto, quem lhes ordenou que formassem em quadrado?

O Príncipe perguntou aborrecido. Ninguém sabia, portanto Harry Websier foi mandado para averiguar a resposta e regressou após dez minutos para dizer que sir Thomas Picton havia disposto a brigada.

— Mas não pertencem à divisão de Picton! — o ressentimento do príncipe havia se convertido em verdadeira ira que ruborizou seu rosto amarelado.

— Não, senhor, de fato — disse Rebecque com delicadeza —, porém...

— Nada de poréns, Rebecque! Nada de malditos poréns! Esses soldados pertencem a meu corpo! Ao meu! Eu não dou ordens para as brigadas da divisão de sir Thomas Picton nem espero que ele interfira em meu corpo! Sharpe! Cumprimente de minha parte a sir Colin Halkett e ordene-o a posicionar sua brigada em linha. Sua tarefa é abrir fogo, não se encolher de medo como colegiais ante uma cavalaria inexistente. — O Príncipe havia sacado uma folha de papel de seu alforje e rabiscava a ordem a lápis.

— Mas a cavalaria... — Começou a protestar Sharpe.

— Que cavalaria? — O Príncipe, com grandes trejeitos, fingiu percorrer com o olhar o campo de batalha. — Não há cavalaria.

— Naquela zona que não se vê...

— Tem medo de cavaleiros ocultos à esquerda? Mas esta brigada está à direita! Tome, pegue isto — deu a ordem escrita a Sharpe.

— Não, senhor — disse Sharpe. Os protuberantes olhos giraram para pousar em Sharpe seu assombrado olhar. Rebecque advertiu o fuzileiro entre os dentes, enquanto os demais oficiais do estado-maior continham o fôlego. O Príncipe passou a língua pelos lábios.

— O que disse, Sharpe? — sua voz destilava horror e repugnância.

— Não vou aceitar essa ordem, senhor. Vai matar todos e cada um dos soldados daquela brigada se insistir nisso.

Por um segundo, o Príncipe tremeu de cólera.

— Nega-se a obedecer a uma ordem?

— Nego-me a aceitar essa ordem, senhor, sim.

— Rebecque! Suspenda de serviço o coronel Sharpe. Faça que enviem esta ordem imediatamente.

— O senhor não pode... — Começou a dizer Sharpe, mas Rebecque segurou seu cavalo pelo bridão e o puxou para levá-lo para longe do príncipe.

— Pelo amor de Deus, Rebecque! — Protestou Sharpe.

— Está em seu direito! — insistiu Rebecque. — Escute, amanhã ele já terá esquecido. Desculpe-se com ele esta noite e não o suspenderá. Tem um bom coração.

— Importa-me muito pouco seu coração, Rebecque. São com aqueles homens que me preocupo!

— Rebecque! — o Príncipe se virou irritado em sua sela. — Já mandou a ordem?

— Imediatamente, senhor. — Rebecque deu de ombros ante Sharpe e depois se virou e se afastou em busca de outro oficial que levasse o mandato do príncipe.

A ordem foi enviada. Sir Colin Halkett cavalcou até o posto de comando do príncipe para protestar com veemência contra essa ordem. Mas o Príncipe não ia recuar. Insistiu em que não havia perigo de ataque por parte da cavalaria francesa e que, ao formar em quadrado, a brigada sacrificava três quartos de sua potência de fogo que poderiam ser necessárias para varrer o flanco de um ataque da infantaria inimiga.

— Não devemos ser cautos! — o Príncipe deu um sermão ao experiente sir Colin. — Com cautela não se ganha batalhas! Só com audácia. Formarão em linha! Insisto que formem em linha!

Sir Colin se afastou tristemente a cavalo, enquanto Sharpe, irritado além da conta pelo cacarejo do príncipe, se adiantou.

— Senhor — disse ao príncipe. O Príncipe o ignorou. Em troca olhou para Winckler, um de seus ajudantes de campo holandeses, e, falando intencionalmente em inglês, disse:

— Não entendo por que o duque chamava seus soldados de escória da sociedade, Winckler. Acho que teria se referia a seus oficiais, não acha?

— Sim, senhor. — Winckler, um homem adulator, sorriu. Sharpe ignorou a provocação.

— Permissão para me reunir ao meu antigo batalhão, senhor. — O Príncipe consentiu com um movimento de cabeça seco e imperceptível.

Sharpe deu a volta em seu cavalo e lhe fincou as esporas para se afastar a galope. Ouviu um forte ruído de cascos atrás dele que o fez se virar na sela.

— Pensei que havia prometido a Isabel que se manteria afastado de problemas.

— Ainda não há nenhum problema — disse Harper. — Quando houver, sairei voando, mas enquanto isso irei em sua companhia.

Harper seguiu Sharpe e desceram pela ladeira até a estrada de Nivelles, onde Sharpe explodiu em raiva.

— Desgraçado! Grande cretino, holandês de mente suja e sacana! Gostaria de meter a maldita e asquerosa coroa em seu régio traseiro. — Em lugar disso, Sharpe tirou o chapéu tricórnio e arrancou de sua copa a roseta negra, dourada e escarlata da Holanda. Jogou o pedaço de seda em um urtigal. — Sacana! — Harper riu.

Subiram com dificuldade pela ladeira e entraram no pisoteado campo de centeio. À sua direita as árvores tinham uma densa folhagem, ainda que aqui e ali um ramo lascado mostrava o lugar onde uma bala de canhão ou uma granada havia golpeado alto. Não havia muitos restos nessa parte do campo: apenas os corpos de dois *voltigeurs*, cavalos mortos espalhados e um

peitoral de couraceiro descartado e intacto que Harper, desmontando o cavalo, recuperou.

— Isto é útil — disse enquanto atava o polido pedaço de armadura à correia de um dos alforjes.

Sharpe não respondeu. Em lugar disso, observou como o estado-maior da brigada de Halkett ordenava aos quatro batalhões para romperem a formação em quadrados e formarem em linha. As bandas do regimento tocavam atrás da brigada. Sharpe cumprimentou os estandartes do 69º, do 30º e do 33º. Ele tinha um carinho especial pelo 33º, o regimento de Yorkshire, ao qual havia se unido quando era um jovem esquivo vinte e dois anos antes. Perguntou-se se seus recrutadores seguiriam levando bolachas de aveia espetadas em uma espada, o curioso símbolo que ele vira quando o sargento Hakeswill havia exposto as vantagens da vida militar a um Sharpe de dezesseis anos. Hakeswill havia morrido fazia tempo, assim como quase todos os outros soldados do batalhão que Sharpe se lembrava, com exceção do tenente-coronel que comandava o 33º quando Sharpe se uniu a ele e que agora era sua excelência o duque de Wellington.

Os seiscentos homens dos Voluntários do Príncipe de Gales haviam se posicionado no extremo sul, no mínimo a uns oitocentos metros de distância da encruzilhada. Os escaramuçadores de Peter D'Alembord se encontravam a uns cinquenta metros adiante do batalhão e estavam passando bastante mal com os mais numerosos *Voltigeurs*. Ao que parece, Ford não havia seguido o conselho de Sharpe de mandar um maior número de escaramuçadores, deixava que os soldados de D'Alembord se arrumassem o melhor que pudessem. Sharpe, que não queria interferir nos assuntos de Ford, freou seu cavalo a uns trinta metros pelas costas do batalhão, perto da linha de árvores onde a banda do batalhão tocava. O senhor Little, o gorducho maestro da banda, primeiro cumprimentou Sharpe com um jovial sorriso e depois com uma alegre e rápida interpretação de *Over the Hills and Far Away*, a marcha dos fuzileiros. O coronel Ford, que justo havia terminado de alinhar sua recém formada linha, virou-se com a mudança da música. Pestanejou surpreso ao ver os dois fuzileiros, tirou nervosamente os óculos e limpou suas redondas lentes com sua faixa vermelha.

— Vem nos ver combater, Sharpe?

— Vim vê-los morrer. — Mas Sharpe disse isso em voz baixa para que só Harper o ouvisse. — Posso sugerir que forme em quadrado? — disse em um tom mais alto.

Ford estava claramente confuso. Acabavam de lhe ordenar a formar o batalhão em linha, e agora lhe pediam que voltasse a formar um quadrado? Voltou a pôr os óculos e olhou para Sharpe com o cenho franzido.

— É uma ordem da brigada? — Sharpe vacilou, ficou tentado a mentir, mas não tinha nenhuma autorização escrita que demonstrasse essa ordem, assim negou com a cabeça.

— É apenas uma sugestão.

— Acho que nos arrumaremos perfeitamente bem seguindo as ordens, senhor Sharpe.

— À merda o senhor também — de novo Sharpe falou em voz muito baixa para que

somente Harper o ouvisse.

Os membros da banda do senhor Little seguiram tocando alegremente, enquanto o coronel Ford ocupava seu lugar atrás do estandarte do batalhão e Sharpe desembainhava pouco a pouco sua longa espada que apoiou na cabeça de sua sela.

O príncipe, que aguardava atrás da linha de artilharia na encruzilhada, teve a sensação de que finalmente começava a impor seu juvenil talento na batalha.

No pouco elevado cume do sul que se alçava sobre Gemioncourt, um explorador da cavalaria francesa observava com incredulidade a comprida e exposta linha de soldados de infantaria que se posicionara em frente ao bosque. Ficou observando por um longo tempo tentando encontrar a armadilha implícita na formação, mas não viu nenhuma. Só viu os soldados alinhados para a matança, então virou seu cavalo e galopou para o lugar onde a cavalaria estava oculta.

Enquanto isso, Sharpe e Harper, junto com dois mil e duzentos soldados da quinta brigada de Halkett, se limitaram a esperar.

## Capítulo 9

Em Bruxelas os disparos dos canhões soavam como trovões muito distantes, às vezes enfraqueciam até se converter em um ruído surdo pouco perceptível, mas em outras ocasiões um capricho do vento os enchia, de maneira que se podia distinguir as bem diferenciadas sacudidas de cada um dos canhões disparando. Lucille, preocupada com aquele som, foi passear com Narigudo até as muralhas do sul, onde uma multidão se reunira para escutar o distante ruído e fazia conjecturas sobre o que podia significar. Quase todos previam a chegada de Napoleão ao anoitecer, um desfile à luz das tochas e baile. O Império seria restaurado e estaria a salvo, pois os austríacos e os russos não iriam se atrever a lançar um ataque contra a França quando a Grã-Bretanha e a Prússia fossem derrotadas, não?

As primeiras notícias do campo de batalha proporcionaram fundamento àquelas esperanças imperiais.

Alguns soldados da cavalaria belga, com cavalos suados e exaustos, chegaram com histórias sobre uma esmagadora vitória francesa. Mais que uma batalha, fora uma massacre, disseram os soldados. Os cadáveres dos britânicos estavam espalhados por toda a paisagem, tinham matado Wellington e as tropas do Imperador avançavam para Bruxelas com os tambores redobrando e as águias hasteadas.

Lucille observou que os canhões seguiam disparando, o que parecia pôr em dúvida as afirmações dos belgas de uma vitória. Apesar de algumas das centenas de civis ingleses ainda em Bruxelas estarem mais dispostos a dar crédito à notícia. Ordenaram a seus criados que carregassem as arcas e baús de viagem nas carruagens que estavam preparadas desde o amanhecer. As carruagens saíram voando da cidade pela estrada de Gante; seus passageiros rezavam para chegar aos portos do canal antes que os vitoriosos e carniceiros cavaleiros do Imperador cortassem os caminhos. Outros ingleses, mais cautos, aguardaram a chegada de informação oficial.

Lucille, que não queria fugir com seu bebê para um futuro incerto, caminhou junto a uma das primeiras carretas de feridos que chegaram à cidade. Um sargento da infantaria britânica com o rosto vendado e um braço enfaixado de maneira rudimentar lhe disse que a batalha não havia sido perdida quando ele abandonara *Quatre Bras*.

— Era uma tarefa difícil, senhora, mas não estava perdida. E enquanto o narigudo viver não estará perdida.

Lucille regressou com seu filho. Fechou a janela com a esperança de que o vidro amortecesse o ruído dos canhões, mas seguiu ressoando, insistente e ameaçador. Ao oeste as nuvens tormentosas se amontoavam em uma massa lúgubre que projetava uma sombra anormalmente escura sobre a cidade.

A cinco ruas de distância de onde Lucille estava, no caro conjunto de quartos que tão



cuidadosamente haviam sido fumigados, Jane Sharpe vomitou.

Depois, respirando com dificuldade por causa das náuseas que se apoderavam de seu estômago, dirigiu-se para a janela, apoiou a testa no frio vidro e ficou olhando a enorme massa de nuvens que escurecia o céu do oeste. Abaixo dela, no pátio do hotel, um cavaliário assobiava enquanto ou carregava dois baldes de água da bomba. Uma revoada de pombas descreveu um círculo e pousou adejando no telhado do estábulo. Jane não era consciente de nada disso, nem sequer do discordante e percussor retumbar do fogo dos canhões. Fechou os olhos, inspirou profundamente, mas com indecisão e deixou escapar uma lamúria.

Estava grávida. Suspeitara disso muito antes dela e lorde John partirem da Inglaterra, mas agora estava segura. Tinha os peitos doloridos e o estômago decomposto. Contou os meses com os dedos e calculou que teria um filho em janeiro, um bastardo de inverno. Xingou em voz baixa.

Afastou-se da janela e se dirigiu à penteadeira na qual ainda estavam as velas da noite anterior sobre seus charcos de cera fria. Continuava enjoada. Sua pele pinicava por causa do suor. Detestava a ideia de estar grávida, de ficar volumosa, desajeitada e gorda. Chamou sua criada, sentou-se pesadamente e ficou se olhando no espelho.

— Harris já regressou? — Jane perguntou à criada.

— Sim, senhora.

— Diga-lhe que preciso que faça chegar uma mensagem a sua senhoria.

— Sim, senhora. Jane dispensou a criada com um gesto de mão e pegou uma grossa folha de papel carta cremoso. Molhou a pluma na tinta, ficou sentada alguns instantes pensando e começou a escrever.

Os canhões seguiam disparando.

Chegaram mais tropas a *Quatre Bras*, tropas que haviam marchado até o martírio, com seus pés cheios de bolhas, e então tinham que entrar diretamente na espessa atmosfera de fumaça onde o duque, unidade a unidade, preparava as forças que contra-atacariam os franceses e os fariam retroceder até Frasnès. Mais e mais canhões britânicos saíam da estrada com estrépito e ruído metálico pelos esmagados talos de centeio. As chamas acendiam entre as searas atrás dos escaramuçadores franceses ao mesmo tempo em que os projéteis dos obuses britânicos explodiam.

A batalha ainda não estava ganha, mas o duque começava a se sentir como um homem que havia escapado da derrota. Sabia que sua divisão da Guarda Real estava perto e inclusive corria o rumor de que a cavalaria britânica chegaria à encruzilhada antes do anoitecer.

Um suave vento do oeste agitava a densa fumaça. Os escaramuçadores britânicos, com o reforço dos recém chegados batalhões de infantaria ligeira, estavam começando a diminuir o fogo dos *Voltigeurs*. A artilharia francesa seguia cobrando graves vítimas entre a infantaria

situada junto ao cruzamento, mas agora o duque poderia substituir os homens que caíam abatidos. Se Blücher resistisse ao imperador, e o marechal Ney retrocedesse de *Quatre Bras*, então pela manhã os exércitos, prussiano e britânico, se integrariam em um e Napoleão teria perdido.

O duque abriu a tampa de seu relógio. Eram cinco e meia de uma tarde de verão. O campo de batalha estava escurecendo, escurecido pelas enormes nuvens do oeste e envolvido em sua cortina de fumaça, mas ainda havia luz de sobra para o contra-ataque do duque.

— Há notícias da Guarda? — perguntou a um ajudante de campo.

Ao que parece a Guarda Real estava retida pelo Príncipe de Orange que, à medida que ia chegando uma e outra companhia das tropas de elite, as enviava ao norte para o enorme bosque para reforçar os soldados de Saxe-Weimar. O duque, resmungando que o Príncipe era um condenado melequento a quem deveriam mandar de volta ao quarto das crianças, ordenou que a Guarda não ficasse dispersada em grupos tão pequenos e que estivesse preparada para receber suas ordens.

— Sua excelência! — exclamou um assessor como advertência. — Cavalaria inimiga!

O duque se virou e olhou para o sul.

Através da fumaça viu um bloco da cavalaria francesa que subia galopando desde a zona oculta e cruzava o campo em diagonal. Encontravam-se a uns oitocentos metros de distância e bem dispersos em quatro longas linhas. Sua formação aberta não fazia deles um bom alvo para a artilharia, mas os artilheiros britânicos carregaram com projéteis comuns e fizeram o que puderam. As explosões derrubaram uns poucos soldados e cavalos, mas a extensa massa de cavalaria francesa trotava a salvo entre os estouros de fumaça e chamas.

O duque abriu sua luneta.

— Aonde vão? — estava perplexo. A essa altura seu oponente já deveria ter percebido que a cavalaria não tinha nada o que fazer contra os robustos quadrados, reforçados com os canhões recém chegados.

— Talvez estejam pondo à prova os homens de Halkett? — sugeriu um ajudante de campo.

— Então estão se suicidando! — O duque tinha a luneta enfocando a primeira linha da cavalaria que era composta pelos pesados *Cuirassiers* com sua armadura de aço. Atrás dos couraceiros iam os cavaleiros da ligeira com suas lanças e sabres. — Devem estar loucos! — opinou o duque. — Halkett está formado em quadrado, não é verdade?

Quase em uníssono, as lunetas dos oficiais de estado-maior do duque se moveram rapidamente para a direita, passando ao longo das zonas fumegantes para centrar-se nos quatro batalhões da brigada de Halkett que estavam diante do bosque. A brigada estava oculta pela fumaça dos canhões, mas a suja cortina tinha fissuras suficientes para poder ver que algo tinha ido terrivelmente mal.

— Oh, Deus! — disse com impotência uma voz do séquito do duque. Houve um instante de silêncio e depois se ouviu outra vez: — Oh, Deus!

— Senhor? — Rebecque passou sua luneta para o príncipe e apontou para a granja Gemioncourt. — Ali, senhor.

O príncipe enfocou a pesada luneta. Milhares de cavaleiros haviam aparecido de repente do terreno oculto e nesse instante, em quatro compridas linhas, avançavam de ambos os lados da granja. Levantou-se poeira do caminho quando os cavaleiros o cruzaram estrepitosamente. A cavalaria inimiga ia ao trote, mas justo quando o Príncipe olhou, viu que apertavam o passo para meio galope. Os couraceiros tinham desembainhadas suas pesadas e retas espadas. Longos penachos de crina se agitavam e ondeavam no acerado resplendor de seus capacetes. Um couraceiro foi atingido por um projétil da artilharia britânica e o Príncipe teve um sobressalto involuntário quando, ampliado em seu alvo, o cavaleiro coberto de aço pareceu estourar em uma mistura de sangue e metal. Os lanceiros e os hussardos, que iam atrás a meio galope, se dividiram para passar junto à bagunça que restou no solo.

— Eles vão em busca da brigada de Halkett, senhor — observou Rebecque.

— Então diga a Halkett que forme quadrados! — de repente a voz do príncipe soou aguda, quase como um soluço. — Têm que formar em quadrado, Rebecque! — gritou, polvilhando Rebecque de saliva. — Diga-lhes que formem em quadrado!

— É tarde demais, senhor. É tarde demais.

Os franceses já estavam mais perto da brigada de infantaria do que qualquer membro do estado-maior do príncipe. Não havia tempo para mandar nenhuma ordem. Nesse momento já não havia tempo para fazer nada, exceto olhar.

— Mas eles têm que formar em quadrado! — gritou o Príncipe como um menino malcriado.

Tarde demais.

A cavalaria francesa era comandada pelo corajoso Kellerman, herói de Cinza-escuro e veterano de mil cargas. Na maioria daquelas cargas havia encabeçado o avanço de seus homens a um ritmo constante, sem passar do meio galope ao galope até que não estivesse a uns poucos metros do inimigo, já que somente observando tal disciplina podia garantir que seus cavaleiros cairiam sobre o adversário sem romper a formação.

Mas naquela tarde, ele sabia que cada segundo de atraso daria aos casacas-vermelhas uma oportunidade de formar em quadrado e que, uma vez assim formados, seus cavaleiros estariam vencidos. Um cavalo não carregaria contra um quadrado de cujas quatro filas transbordava o crepitar dos disparos de mosquete e o brilho das baionetas. Os cavalos virariam bruscamente para rodear o quadrado, recebendo assim mais fogo ainda de seus flancos e naquele dia Kellerman já havia perdido muitos soldados para os quadrados britânicos.

Mas aqueles casacas-vermelhas estavam formados em linha. Podiam ser atacados pelos flancos, pela frente e pelas costas e não deviam dar-lhes tempo para mudar a formação, portanto Kellerman deixou de lado a disciplina de um lento avanço metódico e em seu lugar gritou para seus trompetes que soarem o toque de ataque. Já não importava nem um pouco se a

linha alcançasse o alvo unida e intacta, em lugar disso Kellerman soltaria seus assassinos para um sangrento galope e os lançaria para a matança.

— Carregar!

Então passou a ser uma corrida entre couraceiros, hussardos e lanceiros. Os *Cuirassiers* rasgaram os flancos de seus cavalos e deixaram que suas robustas montarias corressem livremente. Os lanceiros baixaram as pontas de suas lanças e lançaram seus gritos de guerra. O som da carga foi como um milhar de tambores enlouquecidos, enquanto os cascos dos cavalos golpeavam o solo e faziam saltar uma massa de sangue, terra e palha que salpicava o céu atrás das quatro linhas atacantes que, lentamente, foram se desagregando à medida que os cavalos mais rápidos se punham à frente. Uma bala de canhão passou assobiando entre os cavalos, abriu um sulco na terra e desapareceu para o sul. Um lanceiro realizou uma brusca virada para rodear um escaramuçador morto. A mão enluvada do lanceiro segurava com força a empunhadura de sua arma que era feita com corda amarrada ao redor do longo bastão de freixo. A lâmina da lança era uma ponta de aço polido de uns vinte e três centímetros de comprimento e afiada como uma agulha. Uma granada estourou sem causar danos frente aos cavaleiros da frente e a fumaça de sua explosão se foi rapidamente para trás passando entre os assassinos que galopavam. Um trompete com um penacho vermelho tocava notas desenfreadas e desmedidas. Mais adiante, frente aos couraceiros, os casacas-vermelhas pareciam paralisados pelo terror. Aquela era uma corrida para a morte, para o triunfo, para a glória da melhor e mais mortífera cavalaria do mundo.

— Carregar! — berrou Kellerman, os trompetes fizeram eco de seu grito e a torrente de franceses avançou em tropel.

— Oh, Deus, meu Deus! — o tenente-coronel Joseph Ford olhou para o campo de batalha e o que viu era um pesadelo. O centeio estava infestado de cavaleiros e a luz da tarde se refletia em centenas de espadas, peitorais e cabeças de lança. Ford percebeu o tamborilado que emitia a terra ao ser golpeada por milhares de cascos e não pôde fazer outra coisa que não fosse ficar olhando fixamente e se perguntar que diabos esperava-se que fizesse a respeito. Uma pequena parte de sua mente sabia que tinha que tomar uma decisão, mas estava paralisado.

— Cavalaria! — gritou D'Alembord desnecessariamente. Seus escaramuçadores corriam de volta para o batalhão. D'Alembord, como qualquer bom oficial dos escaramuçadores, havia abandonado seu cavalo para combater a pé com seus soldados e naquele momento corria como uma lebre espantada pela ameaça de caçadores. Quase não podia acreditar na velocidade com que os cavaleiros inimigos surgiram do terreno oculto do outro lado da estrada.

— Não deveríamos formar em quadrado? — o major Micklewhite, cujo cavalo estava junto ao do coronel, sugeriu a Ford.

— São franceses? — Ford, nervoso, havia tirado os óculos de um puxão e limpava freneticamente as lentes com sua faixa.

Por um segundo, Micklewhite não pôde fazer mais que olhar boquiaberto para o coronel.

Perguntou-se por que demônios Ford imaginaria que a cavalaria britânica pudesse estar carregando contra o batalhão.

— Sim, senhor. São franceses — a voz do major MickIewhite deixou transluzir então certo pânico. — Formamos em quadrado?

Sharpe havia avançado em seu cavalo e tinha se posicionado justo atrás dos soldados de D'Alembord que estavam se alinhando a toda pressa à esquerda da linha do batalhão. No flanco direito da linha, onde a Companhia de Granadeiros estava mais perto dos franceses, uma avalanche de cavalaria se precipitava para o flanco aberto do batalhão. Mais soldados de cavalaria se aproximavam em diagonal pela frente do batalhão. À esquerda de Sharpe, além do 33º, o 30º já estava formando em quadrado, embora o 33º, assim como os Voluntários do Príncipe de Gales, parecessem cravados nas filas.

— Temos que formar em quadrado! — o major Vine gritou para Ford, o mais antigo do batalhão, desde a direita da linha.

— Saia daqui, Dally! — exclamou Sharpe dirigindo-se a D'Alembord, depois ergueu a voz para que todos os soldados do batalhão pudessem ouvi-lo. — Corram! Vótem para as árvores! Corram!

Era tarde demais para formar em quadrado. Só havia uma oportunidade de permanecer com vida e era conseguir se refugiar no bosque.

Os soldados, reconhecendo a voz de Sharpe, romperam filas e saíram correndo. Uns poucos sargentos vacilaram. O coronel Ford tentava desesperadamente voltar a colocar os óculos em seu lugar.

— Formem em quadrado! — gritou.

— Quadrado! — gritou o major Vine para as companhias mais próximas. — Formem em quadrado!

— Corram! — Esse era Harper, que em outro tempo fora sargento-mor daquele batalhão e ainda possuidor de um par de pulmões que poderia sobressaltar um regimento que estivesse a oito campos de distância. — Corram, sacanas!

Os sacanas correram.

— Movam-se! Movam-se! Movam-se! — Sharpe cavalgou percorrendo a frente da linha dando golpes com a face da lâmina de sua espada para que os casacas-vermelhas retrocedessem rápido para a linha das árvores. — Corram! Corram! — se dirigia a toda velocidade para a carga do inimigo. — Corram!

Os soldados correram. O grupo de porta-bandeiras, carregados com os pesados quadrados de seda, eram os mais lentos. Um deles perdeu uma bota e começou a coxear. Sharpe irrompeu com seu cavalo por entre os sargentos cujos piques protegiam as bandeiras, agarrou um punhado de seda com a mão esquerda e atravessou com a espada a bandeira do rei que havia a sua direita.

— Corram! — esporeou seu cavalo e levou arrastando as duas bandeiras. Os primeiros

refugiados já se encontravam entre as árvores onde Harper lhes gritava para se porem em posição de disparo.

Detrás de Sharpe, um sargento deu um grito quando um couraceiro o acometeu com sua espada, mas a comprida lança do sargento rasteirou o cavalo do francês que, ao cair, se interpôs no caminho de um lanceiro, que se viu obrigado a frear atrás do cavalo que se sacudia. Um hussardo se aproximou ao galope pela esquerda com a intenção de pegar os estandartes, mas o major Micklewhite, em seu cavalo, o atacou com a espada e o hussardo teve que esquivar o golpe. Afastou de lado a leve espada de Micklewhite e depois lhe cravou a ponta do sabre na garganta até o osso. O porta-bandeira que havia perdido a bota foi atropelado por um couraceiro cujo robusto cavalo lhe rompeu a espinha dorsal com os cascos. Uma lança jogada como um dardo rasgou a seda amarela do estandarte do regimento que ficou pendurada e arrastando pelo chão. Outros dois lanceiros avançaram, mas em seu ataque se aproximaram das árvores entre onde Patrick Harper estava espreitando com sua espingarda de sete canos. Seu único disparo deixou as duas selas vazias e o mero ruído da enorme arma pareceu afastar os outros franceses em busca de outras vítimas mais fáceis de espetar.

Sharpe inclinou a cabeça, fincou os calcanhares e seu cavalo atravessou um samambaial e entrou no arvoredor. Deixou uma das bandeiras cair e sacudiu a espada para que a outra se soltasse, depois deu um selvagem puxão no cavalo para que desse a volta, prevendo que os cavaleiros franceses teriam se aproximado por detrás.

Contudo, os franceses tinham virado bruscamente e afastaram. Haviam pegado e cortado um punhado dos soldados mais lentos e matado muitos dos oficiais a cavalo que ficaram para trás para proteger os casacas-vermelhas que corriam. Mas agora temendo se complicar no espesso bosque onde as árvores minguariam a força de seu ataque, os cavaleiros franceses seguiram adiante em busca de presas mais fáceis. Atrás deles deixaram o major Micklewhite morto, deitado em um charco de seu próprio sangue. O capitão Carline também estava morto, assim como o capitão Smith e três tenentes, mas o restante do batalhão estava a salvo ao amparo do bosque.

Os soldados do 33º, alinhados junto aos Voluntários do Príncipe de Gales, também haviam corrido para o bosque enquanto que, atrás deles, os do 30º haviam formado um quadrado desigual, mas sólido o bastante para aguentar, como uma ilha, a torrente da cavalaria francesa que se dividia de ambos os lados dos casacas-vermelhas. A cavalaria ignorou os homens do 30º pois, além de sua grosseira formação, os do 69º não tinham corrido nem haviam formado em quadrado, permaneciam alinhados com os mosquetes apontando quando todo o poderio da cavalaria de Kellerman, enganada por seus três primeiros alvos, se dirigiu com grande estrondo diretamente para eles.

— Fogo! — gritou um major. Os mosquetes estouraram envolvidos em fumaça. Dez couraceiros caíram em um turbilhão de sangue, aço e cavalos agonizantes, mas havia mais couraceiros em cada um dos flancos e toda uma fúria de lanceiros e hussardos se aproximavam por trás da vanguarda encouraçada.

Os couraceiros arremeteram contra o flanco aberto do 69º. Um soldado investiu com uma

baioneta e morreu quando uma espada lhe abriu a cabeça. Os robustos cavalos se precipitaram sobre as vermelhas filas que se romperam como madeira apodrecida. A infantaria se dispersava e com isso se tornava ainda mais vulnerável ante o aço inimigo. Os franceses estavam pela frente, pelas costas e mordendo os flancos do batalhão com cortantes espadas das quais jorravam gotas vermelhas cada vez que arremetiam acompanhadas de um gemido.

Então os lanceiros caíram sobre o destroçado batalhão e os casacas-vermelhas gritaram quando os cavaleiros arrasaram por completo a quebrada formação. Os franceses gritavam de maneira incoerente. Um lanceiro desprende a ponta de sua lança de um cadáver e voltou a arremeter com ela. Alguns soldados da infantaria haviam conseguido escapar e corriam para o bosque, mas foram facilmente alcançados por lanceiros e hussardos que os perseguiram ao galope, escolheram as suas vítimas e estocaram, cortaram, despedaçaram ou investiram. Para os franceses não foi mais difícil que despedaçar ou investir nos sacos cheios de palha com os quais haviam treinado nos depósitos de seu país.

Um punhado de casacas-vermelhas se agruparam em torno do estandarte de seu batalhão. Havia sargentos com machados de comprido cabo, oficiais com espadas e soldados com baionetas. Os franceses destroçaram e cortaram os defensores. Os lanceiros galoparam a toda velocidade para eles, grunhindo ao mesmo tempo em que afundavam as lanças em seu alvo. Uma delas atingiu o alvo com tanta força que a bandeira vermelho e branco que tinha debaixo de sua comprida lâmina ficou enterrada no corpo da vítima. Um couraceiro desmontado arremeteu contra os defensores do estandarte até que um oficial disparou em seu rosto com sua pistola. O cavalo de um hussardo se empinou, agitou os cascos e se lançou sobre o grupo de soldados.

Os oficiais caíram debaixo dos contundentes cascos. O hussardo deu estocadas com seu sabre. Uma baioneta lhe rasgou a coxa esquerda, mas o francês não notou a ferida. Seu cavalo mordeu um soldado, o sabre voltou a assobiar, então o hussardo deixou cair a lâmina de maneira a ficar pendurada no pulso pela tira de couro e agarrou a haste de uma das bandeiras. O outro estandarte havia desaparecido, mas o hussardo tinha sua mão enluvada segura à haste que restava. Dois soldados o atacaram com suas baionetas. Um pique feriu seu cavalo, mas o hussardo resistiu. Um robusto sargento puxou a haste. Um couraceiro chocou seu cavalo contra o tumulto esmagando vivos e mortos, e arremeteu sua arma para o teimoso sargento. A ponta da lança penetrou nas costas do sargento, contudo, o inglês ainda resistiu, mas então um couraceiro que se aproximou cavalgando do extremo mais afastado atravessou com sua espada a barretina do soldado e atingindo seu crânio. O sargento caiu.

O hussardo deu um puxão na haste da bandeira. Um major britânico agarrou a seda do estandarte e cravou a espada no hussardo, mas outro lanceiro se aproximou pela direita e sua lâmina atingiu o major no ventre. O major gritou, deixou sua espada cair e soltou a bandeira. O hussardo perdia sangue por uma dúzia de feridas e seu cavalo cambaleava ensanguentado, mas conseguiu girar o animal e segurou o estandarte britânico por cima de sua cabeça. O resto da cavalaria francesa passava junto dele com grande estrondo e carregava contra a encruzilhada, onde mais infantaria esperava para ser derrubada, mas o hussardo conseguiu seu triunfo.

O 69º foi destruído. Uns poucos soldados haviam corrido para se salvar e ainda restavam uns poucos com vida em meio a um monte de corpos, tão empapados e salpicados de sangue que nenhum soldado da cavalaria imaginaria que pudesse restar algum homem vivo naquele monte fedorento, mas o restante do batalhão fora destroçado e cortado até o fim. Os soldados haviam morrido na ponta de lança, cortados pelos sabres ou atravessados pelas compridas e retas espadas dos couraceiros. O batalhão, que momentos antes estava rígido em sua linha de formação, não era mais que um disperso disforme de corpos e sangue. Havia centenas de corpos: mortos, arrastando-se, sangrando, vomitando, chorando. Os soldados da cavalaria os deixaram, não por pena, mas porque parecia não restar ninguém para matar. Era como se tivessem virado de cabeça um matadouro sobre aquele canto de um campo belga, deixando pedaços de carne e sangue derramados, que fumegavam na quente e úmida atmosfera.

A cavalaria vitoriosa atacou a encruzilhada, onde a recém chegada artilharia lhe deu as boas-vindas com os canhões carregados com dois projéteis, os batalhões de infantaria aguardaram formados em quadrado e, portanto, era a vez dos franceses morrerem. A infantaria apontou para os cavalos sabendo que um cavalo morto era um soldado desmontado a quem poderiam eliminar depois. Por alguns momentos a cavalaria redemoinhou diante dos disparos dos canhões e das descargas fechadas, mas os trompetes de Kellerman tocaram retirada e os franceses, já tendo carregado, deram a volta e regressaram para casa.

Lentamente, os poucos sobreviventes do 69º saíram se arrastando de seu refúgio entre as árvores ou sob os mortos. Um soldado, levado quase à loucura pela recordação das espadas e do sangue de seu irmão que quase o afoga quando estava deitado sob seu cadáver, caiu de joelhos sobre o mato e chorou. Um sargento, segurando as entranhas contra o ventre, cortado por um sabre, tentou ir andando para a retaguarda, mas caiu de novo.

— Estou bem, estou bem — disse a quem fora socorrê-lo.

Outro sargento cegado por um couraceiro e perfurado na barriga por uma lança, soltou uma maldição. Um tenente com o braço pendurando de um pedaço de cartilagem cumprimentava como se estivesse bêbado, enquanto cambaleava entre os cadáveres.

Os sobreviventes arrastaram os corpos dos vivos e dos mortos e os afastaram da bandeira do rei. Junto dela se encontrava o major que havia realizado o último e desesperado esforço para salvar o estandarte do regimento. Estava morto, com a barriga traspassada por uma lança que seguia incrustada em sua coluna vertebral. O major usava meias de seda branca e sapatos de baile com fivela dourada, na insígnia de seu chapéu havia uma pena de avestruz que, por estranho que pareça, não fora atingida por nenhuma gota de todo o sangue que havia coberto, banhado e empapado o monte de combatentes. Um soldado arrancou a pluma cinzenta, decidiu que não tinha nenhum valor e a jogou.

A uns quarenta metros ao sul, um sangrento hussardo francês montado em um cavalo ferido se dirigia lentamente de volta a suas linhas. Em sua mão direita levava o estandarte capturado com o qual, uma e outra vez, dava socos no ar carregado de fumaça e com cada golpe triunfante lançava em voz alta um incoerente grito de vitória. Seus amigos o seguiam e o



aplaudiam.

Das árvores Sharpe observava o francês que cavalgava para o sul. Sharpe havia desmontado e se achava na borda do bosque com seu fuzil carregado. O hussardo estava ao alcance de um tiro. Harper, com seu próprio fuzil, se encontrava de pé junto a Sharpe, mas nenhum dos dois apontou sua arma.

Uma vez haviam saído de um campo de batalha com um estandarte inimigo e agora tinham que observar como outro soldado conseguia seu triunfo.

— Quando anoitecer já será oficial — disse Harper. — O sacana merece. Atrás de Sharpe, os Voluntários do Príncipe de Gales estavam pálidos e assustados. Até os veteranos que haviam suportado as piores batalhas na Espanha permaneciam calados e ressentidos. Tinham medo, não do inimigo, mas da incompetência de seus próprios oficiais. O coronel Ford não se aproximou de Sharpe, conduziu seu cavalo para baixo das árvores e se perguntou por que sua mão direita tremia como uma folha.

D'Alembord, com sua espada ainda desembainhada, subiu caminhando para os dois fuzileiros. Olhou atrás deles para o capturado estandarte do 69º e sacudiu a cabeça.

— Vim lhes agradecer. Se você não tivesse dado a ordem para que corrêssemos estaríamos mortos. E acabam de me nomear major.

— Parabéns.

— Eu também me alegro — D'Alembord o disse com um amargo sarcasmo. Ele queria uma promoção, de fato era a razão principal pela qual ficara no batalhão, mas se incomodava com o inesperado preço de seu comando.

— Está vivo, Peter — Sharpe consolou seu amigo —, está vivo.

— Aquele maldito — D'Alembord lançou um olhar selvagem para Ford. — Aquele maldito, maldito. Por que não formou em quadrado?

Naquele momento, ao norte, soou uma corneta. Viam-se tropas substitutas na encruzilhada, uma massa de soldados que avançava para formar uma nova linha que atravessasse o campo de batalha. A artilharia montada se encontrava entre a infantaria e, à sua esquerda, havia uma impressionante concentração de cavaleiros. A cavalaria britânica havia chegado finalmente.

— Acho que ganhamos esta batalha! — D'Alembord embainhou lentamente sua espada.

— Acho que sim — disse Sharpe. Mas dava a horrível sensação de uma derrota.

Soaram tambores, alçaram-se as baionetas e a recém formada linha britânica marchou para frente. A infantaria andava pela palha chamuscada, passou por cima das manchas de sangue e rodeou os corpos mortos e agonizantes de cavalos e soldados.

Do extremo sul do bosque, onde os soldados de Saxe-Weimar haviam se mantido firmes durante todo o dia, a divisão da Guarda Real atacou as granjas situadas ao oeste. A infantaria francesa se defendeu, mas não resistiu. Pelo centro os casacas-vermelhas marcharam cruzando o riacho, voltaram a capturar a granja *Gemioncourt* e subiram pela ladeira. No extremo esquerdo do campo de batalha, os fuzileiros fizeram os franceses retrocederem e voltaram a

tomar as granjas do este.

Recuperou-se cada centímetro de terreno que o marechal Ney havia conquistado durante a tarde. A linha britânica, com o apoio dos canhões e da cavalaria, avançou com dificuldades como um paquiderme. Os franceses, de repente superados em número, se viram obrigados a recuar para Frasnés. *Quatre Bras* havia aguentado e o caminho para os prussianos seguia aberto. Ainda se ouvia o fragor da batalha entre Napoleão e Blücher naquela tarde de verão, mas também se foi apagando enquanto as sombras das nuvens do oeste se estendiam escuras pela paisagem.

Lorde John Rossendale, que cavalgava atrás da cavalaria ligeira britânica, parou onde o corpo de um couraceiro estava jogado junto ao caminho. As entranhas do soldado se achavam completamente para fora de seu ventre e se achavam espalhadas como uma massa viscosa azul e vermelho por quase cinco metros da revirada superfície da via. Lorde John quis vomitar, mas só conseguiu se engasgar. Respirando com dificuldade, virou seu cavalo e se afastou. Um escaramuçador britânico morto jazia sobre o canteiro pisoteado com o crânio partido por uma bala. Os miolos, expostos, estavam cheios de moscas. Junto ao soldado morto havia um *Voltigeurs* francês com o ventre e o colo cheios de sangue. O homem estava vivo, mas tremia por causa de sua traumática ferida. Levantou a vista para lorde John e pediu água. Lorde John se sentiu fraco com o choque. Girou seu cavalo e galopou para a encruzilhada onde seus criados estavam preparando o jantar.

Nos celeiros situados detrás do cruzamento os cirurgiões realizavam seu dramático trabalho com facas, serras e sondas. Os braços, mãos e pernas amputados eram jogados no quintal. Das vigas do celeiro penduravam lanternas para iluminar as operações. Um soldado dos Highlanders com a panturrilha direita destroçada por uma bala de canhão se negou a pôr a mordalha de couro entre os dentes, e nem um só som saiu de sua boca quando o cirurgião lhe cortou a perna na altura do joelho.

Sharpe e Harper, conscientes de que não era grata sua presença perto do pensativo tenente-coronel Ford, voltaram a guiar seus cavalos para o flanco do bosque, mas pararam a pouca distância da encruzilhada.

— Acho que fiquei sem trabalho — disse Sharpe.

— Aquele sacana o quererá de volta pela manhã.

— Talvez. — Os dois fuzileiros amarraram seus cavalos em uma clareira entre as árvores e Sharpe se dirigiu para a ensanguentada parte de terreno onde havia morrido o 69º. Recolheu quatro baionetas abandonadas e tirou os cadarços de dois cadáveres. De volta ao bosque fez um fogo com pólvora e galinhos. Cravou as baionetas no solo. Quatro cantos do fogaréu e depois tirou as correias da couraça que Harper havia recuperado anteriormente. Passou os cordões pelos buracos dos ombros e da cintura do peitoral e esperou. Harper havia levado sua própria faca ao campo onde encontrou um cavalo morto e lhe cortou um grosso e sangrento pedaço de carne da anca. Depois, com o gotejante pedaço, em sua mão esquerda, cruzou até um dos silenciosos batalhões britânicos e, ignorando sua dotação, se agachou sob o tubo para

tirar um punhado de gordura do eixo da arma. No bosque, jogou a gordura no peitoral voltado para cima, arrancou a pele da carne e a deixou cair sobre a gordura fria.

— Darei água aos cavalos enquanto o senhor cozinha.

Sharpe consentiu com um movimento de cabeça. Alimentou o fogo com galhos que havia cortado com a espada. Amanhã, antes que o exército marchasse para se unir a Blücher, procuraria um armeiro da cavalaria para afiar sua lâmina. Então se perguntou se por acaso estaria no exército no dia seguinte. O Príncipe o havia despedido, e sendo assim, talvez fosse melhor cavalgar de volta e levar Lucille para a Inglaterra. Sharpe atou o peitoral às quatro baionetas de maneira que ficasse sobre as chamas como uma rede de aço. Harper regressou do riacho com os cavalos, o carne e fumegava na borbulhante gordura.

Caía a noite sobre o pisoteado centeio. Nove mil soldados haviam sido mortos ou feridos na luta pela encruzilhada e algumas das vítimas ainda gemiam e gritavam na escuridão. Alguns membros da banda seguiam buscando feridos, mas muitos deles teriam que esperar até o dia seguinte para serem resgatados.

— Amanhã vai chover — Harper cheirou o ar.

— Preferia que não.

— É agradável voltar a cheirar uma boa comida. — Um cachorro perambulava perto do fogo, mas Harper o afugentou jogando-lhe um torrão.

Sharpe queimou a carne até que ficar preta e depois a cortou cuidadosamente pela metade e espetou um pedaço com sua faca.

— O seu. — Seguraram a carne na ponta das facas, roeram-na até terminá-la e dividiram um cantil de vinho que Harper havia tirado de um lanceiro francês morto. Ao leste as primeiras estrelas ferroavam pálidas um céu ainda escurecido pela fumaça da batalha. No oeste a escuridão era ainda maior devido às imponentes nuvens. Os soldados cantavam do outro lado da encruzilhada enquanto que em algum lugar do bosque um flautista tocava uma música melancólica. Entre as árvores cintilavam as fogueiras; ao sul e refletindo-se nas nuvens que se estendiam, um resplendor vermelho revelava o lugar onde as tropas do marechal Ney acampavam.

— Hoje os franchinotes lutaram bem — disse Harper a contragosto.

Sharpe consentiu e deu de ombros.

— Contudo, deveriam ter atacado com a infantaria. E aí, teriam vencido.

— Creio que amanhã voltaremos a isso.

— A menos que os prussianos tenham vencido Boney e ganhem a guerra por nós.

Sharpe pegou um cantil de bolso com *calvados* de seu alforje, tomou um trago e o passou para Harper. A música da flauta era triste. Houve um tempo no qual quisera aprender a tocar a flauta, no inverno passado pensara em tentar, mas em lugar disso tinha passado as tardes

fazendo um elaborado berço de madeira de macieira. Sua intenção era decorar a cúpula do berço com entalhes de flores silvestres, mas suas intrincadas curvas eram muito difíceis de fazer, portanto se conformou com as simples linhas retas de tambores e armas empilhadas. Lucille tinha achado muita graça da caminha marcial de seu bebê.

— Não deveria ir ver o príncipe? — Perguntou Harper.

— Para que demônios teria que fazê-lo? Que se vá à merda, aquele sacana!

Harper soltou um risinho. Estava sentado com as costas apoiadas contra sua sela e olhava para o escuro vazio onde ocorrera a batalha.

— Não é o mesmo, né?

— O quê?

— Não é como na Espanha — fez uma pausa enquanto pensava nos soldados que não estavam ali, depois nomeou um daqueles homens. — O Doce William.

Sharpe resmungou. William Frederickson fora um amigo quase tão íntimo como Harper, mas Frederickson havia cortejado Lucille, tinha perdido, e nunca perdoara Sharpe por essa perda.

Harper, que não gostava que os dois oficiais não se falassem, ofereceu o cantil de bolso a Sharpe.

— Hoje teria caído muito bem tê-lo aqui.

— É verdade.

Contudo Frederickson estava em uma praça forte do Canadá, era mais um dos milhares de veteranos que foram dispersados pelo globo, o que significava que deviam combater contra o Imperador com muitos batalhões novos que nunca estiveram na linha de batalha e que ficavam paralisados como coelhos quando eram ameaçados pela cavalaria.

Ao oeste, ao longe, relâmpagos difusos cintilavam no céu e os trovões retumbavam como um distante som de artilharia.

— Amanhã vai chover — Harper voltou a dizer. Sharpe bocejou. Pelo menos, naquela noite havia comido e estava seco. De repente se lembrou que deveria ter recebido a promissória de lorde John, mas não lhe haviam entregado. Um problema que era melhor deixar para a manhã seguinte, envolveu-se com a capa que Lucille lhe presenteara e em poucos minutos estava profundamente adormecido.

Fazia quarenta e uma horas que havia começado a campanha do Imperador.

# **TERCEIRO DIA**

**Sábado, 17 de junho de 1815.**

# Capítulo 10

Durante toda a curta noite chegaram à encruzilhada mais batalhões, esquadrões de cavalaria e baterias de canhões. E ao amanhecer, o exército do duque estava, finalmente, concentrado quase em sua totalidade. Sob a sepulcral luz da alvorada, os recém chegados observaram debilmente as pequenas formas que jaziam no meio da neblina que envolvia as valas do campo de batalha. As cornetas despertaram os acampamentos enquanto os feridos, que tinham sido deixados por toda a noite entre o canteio, gritaram lastimosamente pedindo ajuda. Ordenaram aos sentinelas noturnos voltarem e se estabeleceu uma nova linha de piquetes frente às fogueiras dos acampamentos franceses em Frasnés. As fogueiras britânicas foram reanimadas com mais lascas e um pouco de pólvora.

Os soldados futucaram em suas bolsas de munição em busca de punhados de folhas de chá para contribuírem para as chaleiras comuns. Os oficiais, que visitaram os batalhões, divulgaram a alentadora notícia de que o marechal Blücher havia repellido o ataque de Bonaparte, com o que parecia certo que os franceses se retirariam ao se verem diante de um exército de prussianos e britânicos unidos.

— Na semana que vem estaremos na França! — assegurou a seus soldados um capitão da infantaria.

— Em julho, Paris, rapazes — prognosticou um sargento. — Pensem em todas aquelas garotas!

O duque de Wellington, que havia dormido em uma pousada situada a uns cinco quilômetros de *Quatre Bras*, voltou ao cruzamento ao clarear o dia. Os Highlanders do 92º lhe fizeram um fogo e lhe serviram chá. Segurou a xícara de lata entre as mãos e ficou olhando para o sul para as posições do marechal Ney. As tropas francesas permaneciam silenciosas e imóveis sob a densa cobertura de nuvens que tinha se vindo do oeste durante as curtas horas de escuridão. Um dos oficiais do estado-maior do duque, protegido por um esquadrão da cavalaria da Legião Alemã do Rei, foi enviado ao leste para saber das notícias matutinas do marechal Blücher.

Os oficiais utilizaram os peitorais dos couraceiros franceses virados para cima como tigelas para se barbear; os oficiais de posto maior tinham o privilégio de usar a água quando estava quente, e os tenentes e porta-bandeiras eram obrigados a esperar até que esta estivesse fria e espessa. Os soldados da infantaria que haviam combatido no dia anterior ferveram mais água para limpar os obstruídos canos de seus mosquetes. Os soldados da cavalaria faziam fila diante das pedras de pedal para afiar as espadas ou sabres até que ficassem com um corte mortífero. Enquanto isso, os artilheiros enchiam as caixas de munição dos carros de sua artilharia de campo com projéteis prontos para disparar. Na encruzilhada reinava uma atmosfera de jovialidade: a sensação de que o exército havia sobrevivido a uma terrível experiência no dia anterior, em grande parte graças à vitória dos prussianos, estava próximo do triunfo. A única queixa foi que, com a pressa de se chegar a *Quatre Bras*, o exército havia

deixado muito para trás as carretas de mantimentos, pelo que muitos dos batalhões começaram o dia famintos.

Revistou-se o campo de batalha buscando as vítimas.

Os feridos que ainda seguiam com vida foram levados para os cirurgiões, enquanto que os falecidos foram recolhidos para serem enterrados. A maioria de oficiais mortos foram enterrados na noite anterior, portanto os que cavavam as tumbas se encarregariam de quantos membros da tropa pudessem encontrar. Quando Sharpe e Harper despertaram naquele nublado amanhecer, se viram a apenas uns poucos metros de uma equipe de trabalho que escavava uma vala larga e pouco profunda na qual seriam sepultados os massacrados soldados do 69º. Os cadáveres que aguardavam para serem soterrados jaziam em poses tão naturais que quase pareciam estar dormindo. O capitão Harry Price dos Voluntários do Príncipe de Gales encontrou os dois fuzileiros bebendo seu chá matutino justo quando os primeiros corpos eram arrastados para a inadequada cova. — Um pouco de chá para um aguerrido oficial? — suplicou Price.

Harper encheu alegremente outra xícara com a infusão de chá que pegou a colheradas da chaleira feita com o peitoral. Os mortos, despojados de seus uniformes, fediam. Só havia passado uma hora desde a alvorada e, contudo, o dia ameaçava ser úmido e quente e os coveiros suavam enquanto golpeavam o solo.

— Terão que cavar mais profundo — comentou Harper, ao mesmo tempo em que oferecia a xícara de lata a Price.

Price bebeu o chá e fez uma careta ao notar o azedo sabor de gordura de eixo.

— Lembra-se do caos que organizamos ao tentar queimar àqueles pobres diabos em Fontes de Onor?

Sharpe soltou uma gargalhada. O solo de Fontes de Onor era muito pouco profundo e rochoso demais para poder cavar as covas, assim ordenara que incinerassem seus mortos, mas depois de pôr abaixo todo um celeiro de madeira e de sacar as vigas do teto de seis casinhas para usá-las como combustível, os corpos tinham se negado a arder.

— Eram bons tempos — disse Price com nostalgia. Olhou para o céu com os olhos semicerrados. — Logo começará um maldito dilúvio. — As nuvens eram baixas e extraordinariamente escuras, como se em sua imponente grossura tivessem pegado os vestígios da noite. — Um dia péssimo para a batalha — acrescentou Price com pessimismo.

— Vai haver uma batalha? — perguntou Harper.

— Isso é o que o comandante de brigada disse ao nosso corajoso coronel.

Price contou a Sharpe e a Harper as notícias recebidas sobre a vitória prussiana, que esperava-se que os franceses se retirassem e como o exército os perseguiria, e que se esperava uma última resistência deles antes de cederem a fronteira aos inimigos do Imperador.

— Como se sentem nossos rapazes por ontem? — Harper perguntou a Price; Sharpe percebeu, para o irlandês, o batalhão seguia sendo “nossos rapazes”.

— Alegram-se pelo senhor D'Alembord agora ser major, mas ele não está precisamente encantado.

— Por que não? — inquiriu Sharpe.

— Diz que vai morrer. Tem um... Como se chama? Um pressentimento. Diz que é porque vai se casar.

— E o que isso tem a ver? — Price deu de ombros como se com isso quisesse demonstrar que não era nenhum especialista em superstições.

— Diz que é porque está feliz. Acha que os mais felizes morrem primeiro e somente os tipos amargurados vivem para sempre.

— Então o senhor teria que estar morto faz tempo — comentou Harper.

— Obrigado, sargento — Harry Price esboçou um sorriso brincalhão. Era um homem despreocupado, descuidado e fleumático, querido por seus soldados, mas resistente a se esforçar demais. Houve uma época na qual havia servido como tenente de Sharpe e durante a qual estivera permanentemente endividado, frequentemente bêbado e, contudo, sempre alegre. Nesse momento bebia os restos de seu chá. — Espera-se que me apresente à brigada para saber quando iniciaremos a marcha — estremeceu-se com súbito desagrado. — Essa xícara de chá estava asquerosamente horrível.

— Tinha um pouco de cavalo morto — explicou Harper amavelmente.

— Maldita cozinha irlandesa! Acho que será melhor eu ir cumprir meu dever. — Price devolveu a xícara a Harper e seguiu adiante tranquilamente dedicando um alegre “bom dia” ao grupo de coveiros.

— E o que vamos fazer? — perguntou Harper a Sharpe.

— Usar o que resta do chá como água para nos barbear e depois cair fora. — Sharpe não tinha nenhum desejo de permanecer com o exército. O Príncipe o havia exonerado de suas obrigações e, se os rumores eram verdadeiros, os prussianos de Blücher tinham frustrado a invasão francesa. O que restava de guerra ia consistir em uma perseguição pelo fortificado norte da França até que o Imperador se rendesse. Sharpe decidiu que podia ficar em Bruxelas sem tomar parte, depois voltar a suas macieiras na Normandia. — Acho que nunca chegarei a combater com o Imperador — disse com nostalgia, sentindo-se estranhamente abatido. A batalha do dia anterior fora uma maneira muito pouco satisfatória de se conseguir a vitória, mas Sharpe era um soldado veterano o suficiente aceitá-la sem se importar com o modo de alcançá-la. — Tem mais chá?

Um esquadrão de cavalaria da Legião Alemã do Rei trotava para o sul e era de supor que se dirigia para a linha de piquetes para observar o início da retirada do inimigo. Alguns soldados da Guarda Real cantavam no bosque atrás de Sharpe enquanto outros casacas-vermelhas atravessavam pouco a pouco o pisoteado centeio recolhendo armas abandonadas. Uns poucos oficiais a cavalo cavalgavam entre os restos da batalha, buscando alguma recordação ou algum amigo. Entre os cavaleiros, e com aspecto de estar muito perdido, estava o tenente Simon Doggett, que parecia estar revistando o limite do bosque. Sharpe teve o



impulso de retroceder ao abrigo das árvores, mas por preguiça ficou onde estava e desejou ter obedecido seu impulso quando Doggett, ao ver sua casaca verde, dirigiu seu cavalo para o outro lado da cova comum do 69°.

— Bom dia, senhor — Doggett cumprimentou Sharpe com muita formalidade.

Sharpe lhe devolveu o cumprimento erguendo sua xícara de chá.

— Bom dia, Doggett. Uma manhã horrível e cruel também.

— O barão gostaria de vê-lo, senhor. — Doggett parecia sumamente incômodo, como se ainda o violentasse a recordação da contestação de Sharpe ao Príncipe. Pode ser que Sharpe tivesse razão ao protestar contra a ordem do príncipe, mas um príncipe seguia sendo um príncipe e o costume de respeitosa obediência estava profundamente arraigada em Doggett.

— Se Rebecque quer algo de mim, estou aqui — disse Sharpe com teimosia.

— Está esperando justo do outro lado da encruzilhada, senhor. Por favor, senhor.

Sharpe se negou a se apressar. Terminou o chá, se barbeou cuidadosamente e depois afivelou a espada e pendurou o rifle ao ombro. Só então caminhou de volta ao cruzamento onde o barão Rebecque o aguardava.

O holandês recebeu Sharpe com um sorriso e fez um gesto para a estrada para sugerir que talvez os dois pudessem dar um passeio matutino. Os campos de ambos os lados do caminho estavam cheios de soldados que haviam chegado a *Quatre Bras* durante a noite para perseguir os vencidos franceses.

— Parece que vai chover, né? — observou Rebecque em tom suave.

— Vai cair um aguaceiro de mil demônios — Sharpe levantou a vista para as inchadas nuvens escuras. — Não será um dia nada bom para os mosquetes.

Rebecque olhava fixamente para o capim da valeta mais que para as nuvens ou para o fuzileiro que caminhava a seu lado.

— Você tinha razão — disse por fim. Sharpe deu de ombros, mas não disse nada. — E o Príncipe sabe que tinha razão e se sente muito mal.

— Então diga àquele sacana que se desculpe. Não comigo, mas com as viúvas do 69°.

Rebecque sorriu ante a veemência de Sharpe. — Geralmente quando alguém se decepciona espera que a realeza se desculpe. Ele é jovem, muito teimoso, mas no fundo é boa pessoa. Tem a impaciência da juventude: a convicção de que uma ação audaz trará consigo o êxito imediato. Ontem se equivocou, mas quem pode dizer que amanhã não acerte? De toda forma, necessita do conselho de gente a quem respeita, e ele respeita você. — Rebecque, que sofria o primeiro ataque de alergia do dia, assoou o nariz em um enorme lenço vermelho. — E lhe desgosta muito que você esteja chateado com ele.

— O que diabos espera depois de destituir-me? — Rebecque agitou o lenço como para sugerir que a destituição era uma bobagem.

— Você não é apenas um oficial do estado-maior, Sharpe, também é um cortesão. Tem que

tratá-lo com tato.

— E isso, o que diabos quer dizer, Rebecque? — Sharpe havia parado para desafiar o afável holandês com um olhar hostil. — Que tenho que deixar que mate uma brigada de tropas britânicas só porque usa uma coroa sobre sua maldita cabeça?

— Não, Sharpe. — Rebecque se manteve surpreendentemente calmo ante a agressividade de Sharpe. — Significa que quando lhe dá uma ordem idiota, você diz: “Sim, senhor. Imediatamente, senhor”, afasta-se e perde tanto tempo como seja possível, e quando regresse e ele exija saber por que a ordem não foi obedecida, você diz que se encarregará disso imediatamente, e volta a se afastar outra vez e perde ainda mais tempo. Isso se chama tato.

— À merda o tato! — exclamou Sharpe irritado, embora suspeitasse que Rebecque estava certo.

— Ontem deveria ter-lhe dito que a brigada obedeceria suas ordens e formaria em linha quando tivesse algum movimento inimigo ante eles. Dessa forma ele acharia que suas ordens tinham sido cumpridas.

— Portanto é minha culpa que tenham morrido? — protestou Sharpe com ira.

— Claro que não. Oh, droga! — Rebecque deu um violento espirro. — Só estou pedindo que o trate com diplomacia. Ele o quer a seu lado! Ele precisa de você! Por que acha que solicitou expressamente você para fazer parte de seu estado-maior?

— Tenho me perguntado isso com frequência — disse Sharpe com amargura.

— Porque você é famoso neste exército. Você é um soldado de soldados. Se o Príncipe o tem a seu lado reflete com isso um pouco de sua fama e coragem.

— Quer dizer que sou como uma daquelas condecorações que pendura ao redor de seu magro pescoço?

Rebecque consentiu. — Sim, Sharpe, isso é exatamente o que você é. E por isso ele precisa de você. Ele cometeu um erro, o exército inteiro sabe que cometeu um erro, mas é importante que sigamos dando-lhe confiança — Rebecque olhou cara a cara para Sharpe. — Portanto, por favor, faça as pazes com ele.

— Nem sequer gosto dele — resmungou Sharpe em tom que soou amargo.

Rebecque suspirou. — Eu gosto. E ele quer que goste dele. Se o bajular será mais fácil lidar com ele. Mas se o contraria ou faz com que se sinta um idiota, não fará mais que se aborrecer — Rebecque esboçou uma intenção de sorriso. — E a realeza sabe muito bem como se aborrecer, talvez seja seu principal talento.

Sharpe esperou que uma carreta com soldados feridos passasse junto deles com estrondo e depois olhou para Rebecque nos olhos.

— Portanto quer que peça desculpas àquele sacana?

— Assombra-me a rapidez com que aprende nossos finos costumes — disse Rebecque com um sorriso. — Não. Eu me desculparei por você. Direi que lamenta profundamente ter

perturbado sua alteza e que só deseja estar a seu lado como conselheiro e amigo.

Sharpe começou a rir.

— É um mundo estranhamente cruel, Rebecque.

— Então, vai se apresentar e voltar ao serviço, Sharpe? — Sharpe se perguntou quanto tempo lhe restaria de serviço na guerra agora que o Imperador estava vencido, mas consentiu com a cabeça de qualquer maneira.

— Preciso do dinheiro, Rebecque. Claro que vou voltar ao serviço.

Rebecque pareceu aliviado. Ofereceu sua caixa de rapé a Sharpe, que recusou o oferecimento. Rebecque, como se já não estivesse espirrando bastante, pôs uma pitada daquele pó na mão esquerda, o aspirou energicamente pelo nariz, espirrou três vezes e depois enxugou os olhos com o lenço. Alguns soldados da cavalaria em mangas de camisa passaram a seu lado em fila com baldes de lona cheios de água para seus cavalos.

— Bem, onde está o Príncipe? — perguntou Sharpe. Imaginou que teria que fazer das tripas coração e enfrentar aquele maldito garoto.

Rebecque apontou para o norte, dando a entender que o Jovem Franchinote se encontrava a muitos quilômetros de distância caminho acima.

— Mantenho-o bem afastado do perigo. Seria politicamente desastroso que hoje o fizessem prisioneiro.

Sharpe, surpreso, ficou olhando para aquele bondoso holandês de meia idade.

— O que significa isso? Ontem não havia o mesmo perigo

— Ontem — explicou Rebecque gentilmente — não estávamos nos retirando. Em qualquer momento, Sharpe, todo este exército poderia ver-se rodeado e encontrar-se lutando por sua própria existência.

— Sua existência? Acreditava que hoje íamos perseguir esses malditos franceses!

Então foi a vez de Rebecque se surpreender.

— Não sabia? Blücher foi derrotado. Seu exército não foi destruído, graças a Deus, mas tomou uma boa surra e foi obrigado a recuar. — O tom de Rebecque ao dar a terrível notícia era muito calmo. — Parece que seu chefe de estado-maior preferiu que pensássemos que haviam vencido. Desse modo nosso exército ficaria aqui, como uma tentação para Napoleão. Talvez preferisse nos atacar, sabe? E deixar escapar os prussianos. Se parar para pensar, na realidade é um estratagema bastante engenhoso por parte dos prussianos, mas o mais provável era que nos deixasse em uma situação condenadamente incômoda.

— Os prussianos estão se retirando? — Sharpe parecia não acreditar.

— Partiram ontem à noite na última hora, o que significa que estamos sozinhos, abandonados a nossa sorte. O marechal Ney ainda se encontra na nossa frente e a qualquer momento o restante do exército francês atacará nosso flanco esquerdo.

Sharpe olhou para o leste de forma instintiva, mas não se percebia movimento algum na

paisagem de bosques e campos escurecidos pelas nuvens. Tentou compreender aquela nova realidade. A vitória do dia anterior em *Quatre Bras* não havia servido de nada porque Napoleão havia escancarado as duas portas com um chute e os aliados estavam separados. Os prussianos fugiram durante a noite e tinham deixado os britânicos sozinhos para que enfrentassem a força do exército do Imperador por completo.

— Portanto muito cedo — continuou dizendo Rebecque tranquilamente — vamos nos retirar. O duque não armou muito alvoroço porque não queria provocar pânico. Só podemos utilizar esta estrada, sabe? E quando começar a chover é provável que o terreno fique difícil.

Sharpe se recordou de Wellington inclinado sobre o mapa no closet do duque de Richmond.

— Vamos à Waterloo? — perguntou a Rebecque. O holandês pareceu surpreso por Sharpe já ter ouvido falar daquele povoado, mas consentiu com a cabeça.

— Vamos para o sul de Waterloo precisamente, para um lugar chamado *Mont-Saint-Jean*. Hoje mesmo marcharemos para lá, amanhã oporemos resistência e rezaremos para que os prussianos venham nos socorrer.

— Venha nos socorrer? — Sharpe fez uma careta para aquela palavra.

— Certamente. — Rebecque, como sempre, estava imperturbável. — Blücher prometeu que se resistirmos virá em nossa ajuda. Desde que os franceses não o detenham, claro, e não há dúvida de que o tentarão. Ontem não pudemos alcançá-lo, portanto só nos resta rezar para que amanhã não nos devolva o cumprimento. Certamente não podemos vencer Napoleão sozinhos, portanto, se Blücher nos falhar, seremos derrotados. — Rebecque sorriu ante a ladainha de más notícias. — Em geral, Sharpe, as coisas não são boas. Está seguro de que ainda quer prestar serviço no estado-maior de sua alteza?

— Já lhe disse. Necessito do dinheiro.

— Claro que pode ser que hoje não cheguemos a *Mont-Saint-Jean*. O Imperador deve perceber que estamos à sua mercê, pelo que não tenho nenhuma dúvida de que neste preciso momento esteja se apressando para nos atacar.

Poderia sugerir que fizesse parte do piquete pessoal do príncipe durante a retirada? Se parecer que o Imperador tem a intenção de penetrar em nossas defesas e nos destruir, mande-me uma mensagem. Preferiria que sua alteza real não fosse aprisionada, seria muito embaraçoso do ponto de vista político. Sirva-se do jovem Doggett como mensageiro. Já tomou o café da manhã?

— Tomei um pouco de chá.

— Tenho um pouco de pão e carne de novilho fria em meus alforjes. — Rebecque se virou para a encruzilhada e ofereceu a mão a Sharpe para que a apertasse. — Quando se tem razão, Sharpe, o truque está em não se demonstrar. Envergonha os incompetentes que nos governam.

Sharpe sorriu e pegou a mão que lhe era oferecida. — Então, talvez fosse melhor darmos graças a Deus pelo duque de Wellington.

— Pode ser que nem ele seja bom o bastante para nos tirar deste aperto. Logo veremos. — Rebecque se dirigiu de volta para seu cavalo e utilizou uma parede de pedra junto ao cruzamento como apoio para subir em sua sela. Acomodou-se nela. — Se houver ameaça de desastre, faça-me saber e, além disso, faça o possível para não se molhar. — Deu a comida a Sharpe e depois estalou a língua e partiu cavalgando para o norte.

Sharpe se virou e ficou olhando para o leste e para o sul. Em algum lugar abaixo daquelas nuvens que ameaçavam tormenta se encontrava o homem contra quem havia lutado a maior parte de sua vida e a quem, contudo, nunca vira. O Imperador da França, conquistador do mundo, chegava para combater os britânicos.

A chuva, assim como os franceses, se continha.

A notícia da derrota dos prussianos se difundiu rapidamente. O otimismo se converteu em resignação e depois em nervosismo quando o exército percebeu como era precária sua situação. Todo o poderio do exército francês estava a ponto de se concentrar em *Quatre Bras* e não havia nenhuma esperança de receber ajuda por parte dos prussianos.

Começou a retirada. Um a um, os batalhões da infantaria foram enviados para a encruzilhada de *Mont-Saint-Jean* situada a uns vinte quilômetros ao norte. Os soldados que esperavam sua vez iam ficando cada vez mais tensos; cada batalhão que escapava para o norte era um batalhão a menos para enfrentar o esperado ataque francês que deixava a retaguarda com mais possibilidades de ser superada em número e arrasada. As tropas do marechal Ney permaneciam imóveis mais ao sul e era de supor que o Imperador se aproximava a toda pressa do leste, mas um atrás do outro, os batalhões britânicos escapuliram sem problemas durante a manhã, que transcorreu sem houvesse nenhum ataque francês.

O duque de Wellington fingiu despreocupação. Ficou um tempo sentado sobre o pisoteado centeio lendo um jornal e até se deitou e dormiu com suas páginas sobre o rosto. Ainda dormia quando os piquetes exteriores se retiraram e cederam o riacho e a granja *Gemioncourt* aos franceses, se é que estes se molestavam em avançar. Ainda que pareça mentira, os franceses não se moveram e as fogueiras de seus acampamentos seguiam ardendo soltando uma plácida fumaceira que se alçava para as cada vez mais escuras nuvens. Em torno do meio-dia aquelas nuvens eram tão imponentes e ameaçadoras como o céu monçônico da Índia. A atmosfera sem vento era curiosamente tranquila e pesada, e pressagiava uma catástrofe. Os últimos batalhões da infantaria partiram pouco a pouco pelo caminho que levava para o norte e os afastava da armadilha que os franceses ainda não lhes haviam estendido. A artilharia montada que, junto com a cavalaria, formaria a retaguarda britânica observava com nervosismo o terreno ocupado pelo inimigo, mas as tropas francesas seguiam sem sair de Frasnes nem aparecer pelo leste. O único indício do inimigo era a fumaça que produziam.

— Sempre costumavam fazer o mesmo — comentou Harper. O irlandês, com Sharpe e Doggett, esperava na borda do bosque junto à cova meio coberta do 69°.

— Fazer o quê? — perguntou Doggett. — Folgar uma manhã depois de uma batalha e preparar-se uma comida.

— Esperemos que seja suntuosa — disse Doggett com um sorriso.

Da infantaria, os membros da Guarda foram os últimos a marchar para o norte e no cruzamento só restaram os soldados da artilharia montada, a cavalaria e os membros do estado-maior. Aquela retaguarda esperou ali muito tempo depois da partida dos membros da Guarda, dando assim uma boa oportunidade para que a infantaria se afastassem de *Quatre Bras*. Os franceses seguiam hesitando e a chuva continuava sem cair.

Os primeiros soldados da cavalaria britânica trotaram para o norte e Sharpe viu que finalmente o duque de Wellington subia em sua sela.

— É hora de irmos também — disse Sharpe.

Um capricho das nuvens que ameaçavam tormenta abriu uma fenda em algum ponto do agitado céu e um raio de luz amarela e brumosa desceu inclinado para iluminar a estrada junto à granja *Gemioncourt*.

— Meu Deus! — Doggett tinha os olhos cravados no pedaço de terreno curiosamente brilhante sob a negrura pouco natural do céu.

Naquela zona ensolarada havia lanceiros. De repente havia milhares de lanceiros. Alguns com casacas verdes e outros com casacas escarlatas. Nas terras de lavoura havia crescido todo um matagal de pontas de lança com bandeiras pendurando que o errante raio de sol tingia de ouro.

— Vamos voar daqui! — Sharpe se acomodou em sua sela.

— Não, senhor! Olhe! Olhe! — um excitado Doggett estava de pé nos estribos e apontava para o sul. Sharpe se virou e não viu nada, então sacou a luneta de seu alforje.

A lente deslizou junto às figuras escuras dos lanceiros, seguiu para trás através da poeira que estes levantavam nos campos de centeio com os cascos de seus cavalos e subiu até a branca estrada, onde, perfilado contra a plantação que brilhava sob o sol e iluminado pelo banho de luz errante, se achava um só cavaleiro. O homem vestia roupa escura, montava um cavalo cinzento e usava um chapéu bicornado posto de lado sobre a cabeça. Estava abatido sobre sua sela, como se montasse de má vontade.

— É ele! — exclamou Doggett quase com reverência.

— Meu Deus! — O tom de Sharpe foi de susto. Ali, em sua luneta, estava aquele homem baixo e gordo que havia dominado a Europa durante os últimos dez anos, um homem a quem Sharpe nunca vira, mas cuja silhueta, rosto e postura lhe eram familiares de milhares de gravuras e estátuas. Sharpe passou a luneta para Harper, que olhou fixamente para o distante imperador.

— É Bonaparte! — Doggett estava tão emocionado que parecia estar vendo seu próprio monarca cavalgando para ele.

— Acho que já é hora de sairmos daqui — disse Harper.

Os lanceiros subiram pela plana ladeira que subia desde o vau e, a modo de boas-vindas, foram disparados todos os canhões britânicos que esperavam.

Os canhões retrocederam violentamente com estrépito

As rodas deram uma sacudida ao mesmo tempo em que o piso vibrava e se enchia de poeira. A fumaça saiu disparada a uns vinte metros para frente de cada uma das bocas dos canhões, enquanto que, pela plantação pisoteada, a mecha dos projéteis deixava pequenos rastros de fumaça branca que se arquearam para a linha da cavalaria que avançava. Houve uma pausa e depois pareceu que os lanceiros mergulhavam em um turbilhão de projéteis que explodiam. Formou-se uma nuvem de fumaça e chamas. Os cavalos relinchavam. Sharpe viu uma lança girando no ar por cima de uma fervente fumaceira.

Então, para demonstrar que os homens eram insignificantes, um vento repentino começou a soprar do noroeste. O vento começou tão subitamente que Sharpe se virou pela metade em sua sela, por medo de que houvesse caído um projétil explosivo atrás dele, e ao se virar houve uma retumbante descarga de trovões que soou como o próprio fim dos tempos. O claro entre as nuvens se fechou, como se uma enorme porta tivesse se fechado bruscamente no céu e cujo retumbar fosse o terrível trovão que martelou a terra com uma cascata ensurdecadora. Um raio branco-azulado se afundou no distante bosque e então começou a chover.

Em um instante todo o campo de batalha ficou borrado à vista. Era um aguaceiro, uma torrente, uma fortíssima tormenta que caía para empapar os campos, inundar as valas e assobiar quando golpeava as quentes bocas dos canhões. Sharpe teve que gritar para ser ouvido acima da enxurrada.

— Vamos! Andem! — Em questão de segundos o campo se convertera em um lamaçal. A chuva era ainda mais forte que aquelas tormentas que sacudiam o céu, vistas por Sharpe na Índia. Enquanto conduzia seus companheiros para fora do abrigo das árvores teve que inclinar a cabeça ante a força maníaca daqueles jorros de água que o vento redemoinhava e que empaparam seu uniforme em um instante. Os cavalos avançavam a duras penas contra o temporal de chuva e os cascos colavam na glutinosa mistura de barro e palha. A água da chuva saía caudalosa dos campos carregada de preciosa terra e deixava descobertos os brancos e inchados corpos dos mortos mal enterrados.

Ouviu-se o estrondo de um trovão no céu, uma batalha de deuses que afogava os sons de guerra produzidos pelo homem. As imensas explosões retumbavam de oeste a leste, ecoavam, dividiam as nuvens com múltiplas bifurcações de relâmpagos e inundavam a encolhida terra. Sharpe conduziu Harper e Doggett até o caminho de Nivelles que naquele momento era um retorcido rio de barro arrastado pela água. À sua esquerda viu um esquadrão da cavalaria cujos membros iam envolvidos em capas, e à sua direita um grupo de artilheiros que engatavam sua arma ao carro de munição, mas qualquer objeto que estivesse a mais de trinta metros ficava completamente oculto pelas prateadas rajadas de chuva que caíam com estrépito como metralha.

Um canhão disparou atrás de Sharpe e seu som foi abafado pela maior violência da tormenta.

Sharpe deu a volta e se dirigiu para a estrada principal. Sua superfície calçada era mais firme, uma ponte fora do desastre. Os animais da cavalaria que se dirigiam penosamente para

o norte pelos campos situados nos flancos tinham os cascos cobertos de terra, o que era prova de que nenhum canhão poderia escapar a menos que chegasse à estrada.

— Vamos! Vamos! Movam-se! — Os artilheiros fustigavam os cavalos desde os campos até a estrada, que estava coberta por uma corrente de branca água calcária. Os cavalos puxavam sua carga, notando, ao que parece, o pânico de seu dono, causado pela próxima presença dos lanceiros inimigos

Os soldados voltaram a olhar para a paisagem desgraçada pela tormenta e açoitaram os tiros de cavalos até que finalmente a artilharia montada saiu de *Quatre Bras* e se dirigiu galopando para o norte, com o sangue que gotejava dos golpeados flancos dos cavalos e a água prateada que salpicava debaixo das rodas. Sharpe, Harper e Doggett partiram a toda pressa com eles.

Milagrosamente, não se perdeu nenhum canhão. A precipitada fuga foi freada no povoado de Genappe, onde a estrada se estreitava ao mesmo tempo em que serpenteava entre as casinhas com telhado de palha. Aquele atraso proporcionou aos perseguidores franceses a oportunidade de pegar os últimos canhões, mas um regimento de dragões britânicos se virou e carregou contra os lanceiros. Mais soldados da cavalaria francesa avançaram e foi necessário um ataque por parte da Guarda Real pesada, a própria escolta do soberano, para afugentar os franceses. Os membros da Guarda Real, vestidos com casacas escarlatas e capacetes gregos negros e dourados com penacho, arremeteram contra o inimigo com suas pesadas e desajeitadas espadas. A mera força da cavalaria pesada fez retroceder os cavaleiros franceses mais leves e assim os canhões tiveram tempo de abrir passagem pela estreita rua do povoado.

Ao norte de Genappe, os perseguidores franceses pareciam perder sua ferocidade. A chuva também amainou, ainda que seguisse forte. A cada quilômetro e meio, mais ou menos, os artilheiros britânicos paravam, desprendiam os canhões dos carroças de munição, disparavam algumas vezes para seus perseguidores e depois continuavam galopando. Os franceses continuavam perto, mas não ganhavam terreno. A cavalaria britânica, os Dragões e a Guarda Real pairavam nos flancos. De vez em quando, quando um esquadrão francês se aproximava, os britânicos avançavam, mas em todas as ocasiões os franceses recusaram o combate. Sharpe achou graça ao ver que quando um membro da Guarda Real caía de um cavalo que havia escorregado, voltava a montar e ocultava seu uniforme manchado na última fila de seu esquadrão, como se estivesse em um desfile em Flyde Park.

Os franceses conseguiram fazer avançar alguns de seus próprios canhões leves de oito libras que abriram fogo com uma descarga de disparos. As pequenas balas provocavam uma chuva de barro e água onde caíam. O barro estava salvando a retirada, não só porque absorvia a potência das descargas francesas, mas também porque obrigava a cavalaria francesa a não se afastar da estrada. Se o solo estivesse seco, a rápida cavalaria ligeira inimiga poderia se dirigir a toda velocidade para os flancos britânicos e se lançar a golpes de lança e sabre contra a coluna em fuga, mas o barro e a chuva frearam seu avanço.

Outro tipo de arma veio em ajuda dos britânicos. Um repentino assobio estrondoso fez Sharpe dar meia volta, haviam disparado um foguete. Ele já tinha empregado os foguetes na



Espanha, mas o fato de estar familiarizado com eles não diminuía sua fascinação por aquela estranha arma, e observou maravilhado como o tosco projétil saía disparado em seu pilar de chamas, chamuscando o comprido mastro que lhe proporcionava equilíbrio. Doggett, que nunca vira aquela arma nova e misteriosa, ficou impressionado. Harper sacudiu a cabeça com desdém.

— Estão destinados a não acertar nem uma só vez o alvo, senhor Doggett. Observe e verá. — O primeiro foguete, envolvido em chamas, descreveu uma trajetória em forma de arco por cima do vale e deixou um serpenteante rastro de fumaça em sua passagem. O projétil caiu em direção aos canhões franceses, a espoleta que levava no bico explodiu e uma chuva de metralha incandescente caiu com estrépito e matou todos os artilheiros de um dos canhões franceses.

— Deus Todo-poderoso — exclamou Harper com maravilhada estupefação —, essa maldita coisa funcionou!

Animados por seu êxito, os artilheiros dos foguetes dispararam toda uma descarga. Lançaram doze projéteis de doze calhas metálicas orientadas para cima sobre pés curtos. As mechas dos foguetes foram acesas e os soldados correram para se proteger. Os projéteis começaram a expulsar chamas e fumaça. Durante uns poucos segundos vibraram sobre suas lançadoras e, um a um, saíram disparados para o ar úmido. A princípio bambolearam um pouco, mas depois sua própria aceleração os propulsou para frente. Dois deles fenderam o céu diretamente para as nuvens e desapareceram, outros três caíram em picado sobre o úmido campo, onde as chamas queimaram a erva molhada enquanto os projéteis davam enlouquecidas voltas em círculo, outros cinco se dirigiram de forma imprecisa para os franceses, mas caíram em terra muito antes de causar algum estrago e os outros dois deram a volta para a cavalaria britânica, que ficou olhando-os por um segundo e depois se dispersou em pânico.

— Isto já é outra coisa — disse Harper alegremente. — É como costumava ser sempre, não é verdade, senhor Sharpe?

Sharpe nem escutava, nem observava a descarga. Em lugar disso, olhava fixamente para o outro lado da estrada, onde um grupo de cavaleiros havia se espalhado desesperadamente para se afastar da ameaça daquele foguete desgarrado. Lorde John Rossendale estava nesse pequeno grupo, porém, com o esforço para se salvar, tinha se separado de seus amigos.

— Eu me reunirei com vocês mais adiante — disse Sharpe a Harper.

— Senhor? — Harper se sobressaltou, mas Sharpe já havia dado meia volta em seu cavalo para se afastar. E havia partido.

Lorde John Rossendale não se recordava de já ter estado tão molhado, eufórico, assustado ou confundido. Não entendia nada.

Acreditava que uma batalha, e para ele a retirada parecia uma batalha, era uma coisa ordenada e bem dirigida. Os oficiais tinham que dar ordens em voz alta e, com certeza, os

soldados obedeceriam com prontidão e o inimigo sucumbiria diligentemente; contudo, se achava rodeado pela desordem. Curiosamente, os protagonistas daquela desordem pareciam compreender o que era necessário fazer. Viu que uma bateria de artilharia montada desprendia o carro de munição e entrava em ação. Rossendale não ouviu darem nenhuma ordem, mas os soldados sabiam exatamente o que tinham que fazer, e fizeram com alegre eficiência e depois voltaram a engatar a carroça de munição para seguir seu enlouquecido galope a toda velocidade debaixo de chuva. Em uma ocasião na qual estava parado sobre seu cavalo em meio daquele dilúvio, lorde John se havia sobressaltado ao ouvir uma voz que aos gritos lhe dizia que movesse o traseiro; lorde John afastou rapidamente o cavalo para um lado, para ver que quem havia gritado era um mero sargento. Um segundo depois um canhão deslizou em meio a uma chuva de barro e passou a ocupar exatamente o mesmo lugar no qual estivera o cavalo de lorde John. Depois de alguns instantes o canhão disparou e horrorizou lorde John com seu som e a violência de seu retrocesso. Em Hyde Park, o único lugar onde lorde John vira disparar canhões, as polidas armas descarregavam uma explosão decorosa, e como não havia nenhum projétil apertado contra a carga, quase não se moviam, mas aquele canhão, sujo, cheio de barro e enegrecido, parecia estourar em ruído e chamas. Suas rodas se levantavam completamente do barro deixando um rastro que parecia feito por um arado, depois as toneladas de metal e madeira caíam com estrépito e os artilheiros cobertos de lama corriam com esponjas e varas para ocupar-se daquele monstro fumegante.

Curiosamente, a violência do disparo parecia muito desproporcionada com relação ao efeito do canhão. Lorde John observou que o impacto do projétil levantaria um monte de barro, provocaria talvez uma explosão se o canhão tivesse disparado uma granada, mas causaria muito pouca destruição.

Desta vez viu um lanceiro cair de sua sela, mas em poucos segundos o homem já voltava a se levantar e outro francês havia ido rapidamente resgatar seu assustado cavalo.

Em Genappe lorde John estivera bastante perto para ver o ataque dos soldados da Guarda Real e até havia esporeado seu cavalo para unir-se a eles. Viu que uma espada partia a haste de uma lança como se fosse um galhinho. Vira uma das lâminas esmagar a cabeça de um lanceiro. Vira um membro da Guarda Real retorcendo-se como um peixe na ponta de uma lança. Havia ouvido o gemido de um soldado que avançava para matar e o assobio do ar saindo dos pulmões do soldado da cavalaria ferido. Havia sentido o cheiro enjoativo do sangue e da fumaça acre das pistolas na empapada atmosfera. O sangue de um cavalo moribundo caía aos borbotões sobre o caminho e era imediatamente diluído pela chuva. Quando lorde John desembainhara sua espada e roçara as ilhargas de seu cavalo com as esporas, os franceses já haviam se retirado deixando uma dúzia de mortos e o dobro de feridos. Fora tudo muito rápido e confuso, mas, um conhecido de lorde John, um tal capitão Kelly a quem via amiúde quando estava no serviço real, ofereceu a sua senhoria um sorriso confiante.

— Peguei dois deles!

— Muito bem, Ned.

— Uma vez que tenha evitado a ponta da lança é algo parecido a matar coelhos. — O capitão Kelly limpava o sangue da lâmina de sua espada. — Fácil demais, na realidade.

Lorde John tentou se imaginar esquivando de uma ponta de lança e achou difícil. Depois da esfrega, enquanto cavalgava pela rua do povoado, vira o medo nos rostos dos civis e se sentira muito superior a tais criaturas cinzentas e cheias de barro. Mais tarde, ao norte de Genappe, quando os franceses não os perseguiam tão de perto, percebeu o medo que ambos os grupos de cavalaria se tinham. Ameaçaram-se muitas vezes e os soldados avançavam com atitude beligerante para provocar os do outro bando, mas se nenhuma das duas forças pudesse obter uma clara vantagem, ambos os contendores se retiravam sem apresentar batalha. Era tudo muito estranho.

O mais estranho de tudo eram os foguetes. Lorde John ouvira falar muito do Corpo de foguetes, pois era o projeto preferido de seu antigo senhor, o Príncipe regente, mas aquela era a primeira vez que os vira disparar. O primeiro foguete foi maravilhosamente preciso e tão mortífero que todos os artilheiros franceses em um raio de cem metros haviam fugido em pânico, mas a descarga seguinte foi um a piada. Um dos foguetes pareceu ameaçar o grupo de oficiais do estado-maior de lorde Uxbridge, que haviam gritado alegremente enquanto se dispersavam para fugir do assobiante projétil. Lorde John esporeou seu cavalo com demasiada força e este quase se desbocou com ele em cima. Conseguiu frear a égua após uns cem metros e se virou para ver como o projétil se enterrava no barro com a haste guia ardendo tranquilamente em cima. A enterrada carga de pólvora explodiu sem causar danos.

Quando olhou para a estrada para ver se encontrava mais amigos viu que Sharpe se dirigia para ele.

Lorde John soube que devia ficar onde estava e brigar. Um instante depois percebeu que se o fizesse morreria.

Então, deu a volta e fugiu.

Os criados de lorde John estavam em algum lugar mais adiante, com a bagagem da cavalaria. Harris, o cocheiro, que viera a cavalo de Bruxelas com uma carta de Ane, também havia avançado para encontrar alojamento para noite. Christopher Manvell e seus outros amigos haviam desaparecido no pânico provocado pelo foguete extraviado. De repente, lorde John se viu sozinho sob o aguaceiro com seu único e terrível inimigo que se aproximava dele a toda pressa.

Soltou as rédeas de seu cavalo. Era um bom cavalo, tinha cinco anos e fora treinado para a caça. Possuía resistência e velocidade e sem dúvida era mais rápido que o cavalo montado por Sharpe, e lorde John aprendera nas partidas de caça a melhor maneira de cavalgar pela traiçoeira campina. Nos primeiros oitocentos metros devia ter posto uns cem metros de vantagem. Ouviram-se gritos irônicos de entusiasmo na estrada, onde os artilheiros que se retiravam imaginaram que os dois oficiais estavam disputando uma corrida.

Lorde John estava alheio tanto às aclamações como à chuva e, na realidade, a tudo o que não fosse o apuro no qual se encontrava. Estava maldizendo a si mesmo; deveria ter se dirigido para seus companheiros e se pôr a salvo sob sua proteção, mas em lugar disso, cego

pelo pânico, estava se afastando ainda mais daqueles que podiam ajudá-lo. Não se atrevia a olhar para trás. Seu cavalo galopou ruidosamente pela margem de um campo, passou a toda velocidade por cima de fileiras empapadas de feno recém cortado e depois desceu por uma suave ladeira e se dirigiu para uma cerca, atrás da qual, do outro lado de um campo, havia um escuro bosquezinho cujas árvores ofereciam uma vereda oculta que voltava para a estrada.

Seu cavalo quase se recusou a pular a cerca viva, não pela altura do abrunheiro, mas porque ao aproximar-se do obstáculo o piso tinha uns centímetros de barro. Lorde John cravou as esporas no animal com ferocidade, e de alguma maneira este conseguiu avançar e saltar por cima dos espinheiros, roçando-os. Voltou ao solo pesadamente, fazendo o barro salpicar e empapar a casaca vermelha de lorde John. Este voltou a esporear o cavalo e o obrigou a seguir em frente penosamente e se afastar do terreno pegajoso. O piso do campo era mais firme, mas mesmo lá a terra estava esponjosa devido à chuva.

Chegou às árvores sem nenhum percalço e, uma vez protegido nelas, olhou para trás e viu que Sharpe ainda tinha que saltar o profundo barro junto à cerca. Lorde John se sentiu a salvo.

No espesso e frondoso bosque inclinou a cabeça e entrou no que era um esconderijo perfeito. A estrada, pela qual os canhões avançavam com estrépito e sons metálicos, se encontrava a cerca de quatrocentos metros de distância; lorde John permaneceria oculto sob o espesso e úmido abrigo do bosque até chegar à borda da estrada. Uma vez lá poderia esperar que seus amigos lhe oferecessem seu apoio. Sharpe, tinha certeza, não tentaria nada violento diante de testemunhas.

Lorde John reduziu a marcha de seu cavalo, o pôs ao passo e deixou que continuasse por uma vereda que serpenteava entre carvalhos e faias. A chuva salpicava as folhas mais altas e gotejavam amortecidas nas mais baixas. Ouviu um som à sua direita, como se alguém escavasse, que o fez se virar de repente, assustado, mas não era mais que um esquilo que corria pelo galho de um carvalho. Inclinou-se sobre a sela com um sentimento de desespero.

Ele se desesperava por causa da honra. A honra era o código simples do cavalheiro. Ela dizia que um homem não foge de um inimigo, não flerta com as tentações de assassinato e um homem não deve demonstrar medo. A honra era a fina linha que protegia os privilegiados da desgraça; e lorde John, caído sobre sua sela úmida em um bosque molhado sob um céu estrondoso, sabia que havia manchado sua honra. Jane, em sua carta, havia ameaçado abandoná-lo se cumprisse sua promessa de devolver o dinheiro a Sharpe. Durante quanto tempo, ela perguntara, lorde John permitiria que Sharpe fosse um obstáculo para sua felicidade? Se lorde John não podia terminar aquele assunto, ela encontraria um homem que pudesse.

Havia sublinhado a palavra “homem” três vezes.

Deteve o cavalo. Ouvia o som das rodas dos canhões na sua frente e, mais perto ainda, seguindo uma trajetória que devia atravessar o bosque paralelo à estrada, o som dos cascos dos cavalos de um esquadrão que se dirigiam chapinhando para o norte.

Outra voz acoitava lorde John. Não poderia suportar que outro homem ficasse com Jane. O ciúme o atormentava. Havia se convencido que o repentino desespero para se casar com ele

era uma mostra do apaixonado amor de Jane, e pensar que essa paixão se consumisse fazendo feliz a outro homem era mais do que ele podia aguentar.

Ouviu o tilintido de uma corrente de barbada. Lorde John levantou a vista e viu que seu inimigo estava em sua frente. Sharpe devia ter imaginado que lorde John voltaria sobre seus passos sob a proteção das árvores, portanto havia cavalgado em diagonal para o lugar onde o bosque se unia ao caminho e depois havia virado para o leste. Naquele momento, a apenas uns vinte passos de distância, ficou sentado sobre seu cavalo e olhou fixamente para lorde John.

Lorde John se sentiu estranhamente calmo. Momentos antes um esquilo o havia assustado, mas agora que seu inimigo havia chegado, e que sabia o que devia fazer, se surpreendeu com sua tranquilidade.

Nenhum dos dois falou. Não havia nada a dizer. Lorde John passou a língua pela água da chuva que tinha nos lábios. Sabia que, se desembainhasse a espada, aquele assassino com casaca verde cairia sobre ele como fúria, portanto deixou a mão bem afastada do punho envolvido em prata de sua espada e, sem se importar com sua honra, sacou a pistola de cano longo que levava na sela. Era uma bonita pistola, um presente de Jane, com uma espoleta em vez de pederneira. A empunhadura, elegantemente curvada, era de madeira de nogueira gravada e seu comprido cano estriado era azulado e dourado. As estrias do cano dotavam a arma de uma precisão mortífera, enquanto que a cara espoleta a fazia imune ao pior dos aguaceiros. Puxou para trás o percussor deixando descoberta a pequena lâmina de cobre na qual se achava a pólvora apertada. Quando golpeasse aquela lâmina, uma lança de chamas atravessaria a chaminé e acenderia a carga principal.

Levantou a pistola. Sua mão direita tremia ligeiramente. Sharpe não havia feito nenhum movimento para se defender, nem fugindo nem sacando sua própria arma. O cano da pistola estava coberto por gotas de chuva. O ponto de mira vacilava. Lorde John tentou se lembrar de suas aulas. Não devia ficar tenso. Tinha que inspirar profundamente e ao mesmo tempo, apertar o gatilho com suavidade.

Sharpe fez seu cavalo avançar. Aquele movimento repentino desconcertou lorde John e a pistola tremia em sua mão enquanto tentava seguir o avanço de Sharpe. Este parecia totalmente alheio à ameaça da pistola, como se não a tivesse visto.

Lorde John olhou para seu inimigo nos olhos. Sabia que devia apertar o gatilho, mas de repente o medo o paralisou. Ouviu vozes não muito distantes no bosque e sentiu um medo terrível de que alguém pudesse ser testemunha do assassinato, porque lorde John sabia que seria um assassinato e que a única clemência que receberia por ser lorde seria que o enforcariam publicamente com uma corda feita de seda em vez de uma feita de cânhamo. Queria apertar o gatilho, mas seu dedo não se movia e enquanto isso os cascos do cavalo de Sharpe seguiam sulcando a grossa e úmida camada de húmus até que o fuzileiro se achou tão perto de lorde John que teriam podido apertar a mão sem sequer ter que se inclinar em suas selas. Sharpe não havia afastado os olhos de lorde John nem um instante, ainda que a pistola se encontrasse a poucos centímetros de seu rosto.

Sharpe levantou a mão direita muito lentamente e afastou a arma. O movimento

sobressaltou lorde John e pareceu tirá-lo de seu transe, e tentou puxar a pistola, mas Sharpe, que a tinha fortemente agarrada pelo cano, girou-a e a liberou dos frouxos dedos de lorde John. Este tremia, à espera da morte.

Sharpe segurou a pistola voltando a baixar o percussor sobre a espoleta. Depois, segurou o cano com sua mão direita, a coronha curvada na esquerda e começou a fazer força para partir a arma. De repente, a coronha de madeira se separou dos pinos que a uniam ao cano, e quando a peça do gatilho se soltou, Sharpe segurou a pistola em duas inúteis metades que, ainda sem mediar palavra, jogou no colo de Rossendale. O caro cano deslizou e caiu sobre as folhas, enquanto que a quebrada empunhadura de madeira de noqueira ficou presa à parte superior das botas de sua senhoria.

Lorde John se estremeceu e sacudiu a cabeça quando Sharpe estendeu uma mão para ele, mas o fuzileiro se limitou a agarrar o punho da espada de lorde John e, muito lentamente, liberou o polido e gravado aço que roçou a bainha. Sharpe olhou para cima, empurrou a lâmina estreita na forquilha de um galho, e partiu a espada valiosa com um puxão brutalmente violento. Na empunhadura restaram uns vinte centímetros de aço, o restante da lâmina caiu no chão.

— Não vale a pena duelar com o senhor. — Sharpe seguia segurando o punho da espada quebrada.

— Eu...

— Feche essa maldita boca.

— Eu... — Com a mão esquerda, Sharpe deu um forte bofetão em lorde John.

— Eu lhe direi quando deve falar — disse Sharpe —, e não é agora. Escute. Não ligo para Jane. Agora é sua puta. Mas tenho uma granja na Normandia que necessita de macieiras e o celeiro precisa de telhado novo, o maldito imperador levou o gado e todos nossos cavalos para seu fodido exército, e os impostos na França são condenadamente maléficos, e o senhor tem meu dinheiro. Pois bem, onde está?

Lorde John parecia incapaz de articular uma palavra. Tinha os olhos úmidos, talvez pela chuva ou pela vergonha daquele encontro debaixo das árvores.

— Aquela vadia gastou tudo? — perguntou Sharpe.

— Não tudo — conseguiu dizer lorde John.

— Então quanto resta? — Lorde John não sabia, porque Jane não queria dizer, mas calculou que deveriam restar umas cinco mil libras. Pronunciou a cifra com um balbúcio, temendo que Sharpe surtasse quando soubesse quanto Jane havia dilapidado.

Sharpe pareceu não se importar. Cinco mil libras era uma fortuna que restauraria o castelo de Lucille.

— Dê-me uma promissória agora mesmo — disse. Lorde John tinha sérias dúvidas sobre se uma promissória com sua firma teria força legal para fazer efetivo o dinheiro, mas isso satisfazia a Sharpe, então ele ficaria muito contente de escrever mil promissórias como

aquela. Levantou a solapa dourada de seu alforje e pegou um caderno forrado em couro e um lápis. Rabiscou as palavras com rapidez; a ponta do lápis rasgava o papel onde a água da chuva gotejava da viseira de seu capacete. Arrancou a página e a estendeu sem dizer palavra para seu torturador.

Sharpe deu uma espiada no que havia escrito e dobrou o papel.

— No lugar de onde venho — disse em tom familiar — os homens ainda vendem suas esposas. Alguma vez já viu isso ser feito?

Lorde John disse que não movendo a cabeça com receio.

— Porque os pobres não podem se permitir um divórcio, sabe? — continuou dizendo Sharpe —, mas se todo mundo estiver de acordo, a mulher pode ser vendida. Tem que ser feito no mercado. Põe-se uma corda ao redor de seu pescoço, a conduz até lá e a oferece ao melhor lance. O preço e o comprador sempre se combina de antemão, claro, mas convertê-lo em um leilão acrescenta um pouco de graça ao assunto. Imagino que os esmerados bastardos da aristocracia não fazem isso com suas mulheres, não?

Lorde John o negou com a cabeça.

— Não, não o fazemos — conseguiu dizer. Começava a perceber que Sharpe não o machucaria, coisa que o acalmou.

— Eu não sou um bastardo esmerado — disse Sharpe. — Eu sou um autêntico, milorde. Sou o bastardo de uma prostituta saído da sarjeta, portanto posso vender minha mulher. É sua. Eu tenho seu dinheiro — Sharpe colocou a promissória no bolso —, portanto só falta isso. — Futucou em seu alforje e pegou o velho pedaço de corda que era a correia habitual de Narigudo. Jogou o sujo pedaço de sisal sobre a sela de lorde John. — Ponha o laço em seu pescoço e diga-lhe que a comprou. Entre a gente de onde venho, milorde, um divórcio feito desta maneira é igualmente válido a uma lei aprovada pelo Parlamento. Os advogados e a Igreja não consideram que seja, mas quem se importa com o que esses sacanas avarentos pensam? Agora ela é sua. O senhor a comprou, portanto pode se casar com ela e eu não vou interferir. Compreende o que lhe digo?

Lorde John tocou a corda com hesitação. Sabia que estava zombando dele. Talvez os pobres vendessem suas esposas, mas um homem respeitável nunca aceitaria participar de um contrato desse tipo para converter-se no segundo marido de uma mulher.

— Compreendo — respondeu com amargura.

— Mas se não receber o dinheiro, milorde, irei procurá-lo.

— Eu entendo.

Sharpe ainda segurava a espada quebrada. Ofereceu-a a lorde John com a empunhadura para frente.

— Vá embora, milorde.

Rossendale pegou a truncada lâmina, olhou uma vez mais aqueles olhos escuros e depois esporeou seu cavalo para que avançasse. Fugiu por entre as árvores com a corda ainda

pendurando de sua sela e saiu para a estrada, pela qual os últimos canhões partiam para o norte.

Sharpe aguardou algum tempo. Xingou em silêncio, para si, porque não havia tido prazer em humilhar o fracote, mas pensava que pelo menos havia feito um bom negócio. Um novo telhado para o castelo em troca de uma esposa infiel. Deu uns golpezinhos no bolso onde a promissória estava dobrada e depois virou seu cavalo. Ainda estava um pouco impressionado porque, até haver tirado a pistola de lorde John, Sharpe não tinha percebido que era uma arma de percussão à prova de chuva. Caso contrário, não teria se aproximado tão devagar de sua negra boca.

Harper esperava Sharpe na estrada. Vira sair, de repente, das árvores um assustado lorde John Rosendale e naquele momento, com um desconcertado Doggett a seu lado, o irlandês observou como Sharpe conduzia seu cavalo para a superfície calçada.

— E diga-me, o que houve? — perguntou Harper.

— Mijou-se nas calças e depois comprou aquela puta.

Harper riu. Doggett não desejava pedir explicações. Atrás deles, um canhão disparou um projétil para os ameaçadores lanceiros e fez Sharpe se virar para o sul para olhar os perseguidores franceses... — Vamos. — Sharpe ergueu o rosto para a chuva limpadora e depois esporeou seu cavalo para o norte.

A uns vinte quilômetros ao sul de Bruxelas a estrada que ia a Charleroi e à França se convertia na larga rua principal do povoado de Waterloo. Ao sul do povoado a pista abria passagem para o bosque de *Soignes*, onde os aldeãos levavam os porcos pastar e cortavam a lenha que necessitavam.

A pouco mais de três quilômetros ao sul do povoado as árvores davam passagem para uma vasta extensão de terras de lavoura que abarcavam a aldeia e o cruzamento de *Mont-Saint-Jean*. A uns oitocentos metros ainda mais ao sul a estrada cruzava uma colina pouco elevada de cume plano que se estendia para leste e oeste. Na crista da colina crescia um olmo solitário junto à estrada que descia para um amplo e plano vale repleto de campos de centeio, cevada, aveia e feno. O caminho atravessava o vale antes de subir por outra colina baixa situada a pouco mais de um quilômetro ao sul. O cume da colina mais meridional tinha como distintivo uma taberna pintada de branco que se chamava *La Belle Alliance*.

Se um exército tomasse posições na colina do norte, caracterizada pelo olmo solitário, e o exército adversário se reunisse junto à taberna, então o suave vale entre as duas lombadas se converteria em um campo de batalha.

Entre o olmo e a taberna, a estrada se estendia reta como um cabo de vassoura. Um viajante que cavalgasse por aquele caminho provavelmente não veria nada extraordinário no vale além da riqueza de suas colheitas e a solidez de suas granjas. Obviamente era um bom lugar para ser granjeiro.



No meio do vale, praticamente no mesmo caminho, havia uma granja chamada *La Haye Sainte*. Tratava-se de um próspero lugar com um pátio delimitado por celeiros de pedra e um sólido muro. A este, a pouco mais de um quilômetro vale abaixo, havia um grupo de casinhas perto de uma granja chamada *Papelotte*, enquanto que para o oeste se achava outra enorme granja que tinha um pátio cercado por um muro e um extenso horto situado ao norte de uma agreste zona florestada. Aquela granja localizada a oeste se chamava castelo de Hougoumont.

Se um soldado tentasse defender a colina do norte de um ataque vindo do sul, o castelo de Hougoumont poderia servir como bastião em seu flanco direito. *La Haye Sainte* serviria de baluarte para a frente e o centro de suas linhas, enquanto que *Papelotte* protegeria o extremo esquerdo de suas defesas.

Todas aquelas granjas e construções que as rodeavam, ficavam no vale frente à colina do norte e, como a colina em si era a posição que um soldado tomaria, as três granjas do vale funcionariam como um quebra-mar sobressaindo de uma praia. Se ocorresse um ataque pelo outro lado do vale, os atacantes seriam obrigados a se afastar das granjas com paredes de pedra e ficariam comprimidos no meio onde sofreriam disparos da frente e dos lados.

Havia ainda piores notícias para um atacante. Se um soldado olhasse para o norte desde *La Belle Alliance*, não veria o que havia por trás da colina onde crescia o olmo. A essa distância, se a fumaça da batalha permitisse, poderia ver os campos em ladeira que levavam ao bosque de *Soignes*, mas não veria nada do terreno que ficava oculto atrás da colina e não saberia que ali havia uma vereda escondida, utilizada pelos granjeiros, que se estendia para o leste e oeste, e que permitiria a seu inimigo conseguir reforços rapidamente quando a colina estivesse mais ameaçada.

Talvez essa cegueira não tivesse importância se o atacante fosse o Imperador ou os franceses, pois Napoleão Bonaparte era um homem apaixonado pela guerra, um homem acostumado à glória, acostumado com a vitória e líder de mais de cem mil veteranos que já haviam vencido os prussianos e tinham feito os britânicos retrocederem cambaleando de *Quatre Bras*. Além disso, a colina na qual crescia o olmo não era empinada. Podia-se subi-la sem muito esforço e sem ficar sem fôlego, e o Imperador sabia que seu inimigo tinha poucas tropas adequadas para defender aquela suave ladeira. Na realidade, o Imperador sabia muitas coisas a respeito de seu inimigo, pois durante todo o dia os desertores belgas haviam comparecido em massa para se refugiar sob seus estandartes e haviam contado suas histórias de pânico e fuga. Alguns generais do Imperador que haviam sido derrotados por Wellington na Espanha aconselharam prudência, mas o Imperador não quis nem ouvir falar de seus receios. O Inglês, disse, era um mero general sipaio, nada mais que um homem que aprendera seu ofício lutando contra as hordas tribais da Índia, mal armadas e carentes de disciplina, enquanto que o Imperador era o senhor da guerra da Europa, sangrado e endurecido pelas batalhas contra as melhores tropas de todo um continente. Napoleão não se importava com a posição que Wellington escolhesse; venceria de qualquer forma e depois marcharia triunfante por Bruxelas.

O duque de Wellington optou por se posicionar na colina onde crescia o olmo solitário.

E ali, debaixo de chuva, seu exército esperou.

A chuva diminuiu, mas não acabou. Quando os últimos membros da infantaria britânica que se retirava passaram por *La Belle Alliance* viram as enormes cortinas d'água que caíam a oeste sobre as árvores perto de Hougoumont. Não que lhes importasse muito. Limitaram-se a seguir adiante com grande esforço, todos eles carregados com a mochila, os embornais, bolsas, cantil, podadeira, mosquete e baioneta; quase trinta e dois quilos de bagagem para cada soldado. Alguns membros da tropa marcharam durante a maior parte da noite anterior e naquele momento tinham caminhado durante todo o sábado debaixo da chuva penetrante e fria. Tinham os ombros ensanguentados devido ao atrito das correias úmidas das pesadas mochilas. Somente sua munição, envolvida em papel oleado e bem metida em cartuchos impermeáveis, estava seca. Fazia muito que haviam ultrapassado as carroças de suprimentos, pelo que, além da comida que alguns deles haviam guardado, não tinham nada para comer.

As carroças de suprimentos que não haviam chegado a *Quatre Bras* seguiam avançando a duras penas pelas inundadas veredas menores para o cruzamento de caminhos de *Mont-Saint-Jean*. As carroças transportavam munição, armas e pederneiras de reserva; barris de carne de boi salgada, de pão assado duas vezes, de rum e caixas de embalagem com as taças de cristal e faqueiros de prata dos oficiais, que acrescentavam um toque suntuoso aos rudimentares acampamentos dos batalhões. As mulheres do exército iam com as carroças de suprimentos e avançavam com dificuldade pelo frio barro para o lugar onde seus homens esperavam para combater.

Aqueles homens esperavam atrás da colina na qual crescia o olmo. Os intendentess indicavam as zonas de acampamento para os vários batalhões nos campos ensopados. Os grupos de trabalho pegaram machados e podadeiras e voltaram ao bosque para cortar lenha. A polícia militar montou guarda em *Mont-Saint-Jean* porque o duque insistia que homens não roubassem nada da população local, mas apesar da precaução, logo todos os porcos desapareceram da aldeia. Os soldados fizeram fogueiras, sacrificaram cartuchos para pôr fogo na madeira úmida. Ninguém tentou construir refúgios, pois não havia suficiente madeira disponível de imediato e a chuva teria penetrado por qualquer coisa que não fossem as mais elaboradas cabanas de madeira e turfa. A tinta vermelha das casacas da infantaria desbotava e manchava suas calças cinzentas, ainda que paulatinamente, à medida que se instalavam em seus abrigos enlameados, os uniformes de todos os soldados ficaram de cor marrom, pegajosos e sebosos.

A cavalaria chegou depois, pela tarde, de forma ordenada. Os oficiais de estado-maior dirigiam seus comandos dos esquadrões para seus acampamentos situados atrás dos da infantaria. Ataram os cavalos em longas fileiras enquanto seus cavaleiros se serviam de gadanhas para conseguir forragem e outros levavam baldes de lona dobráveis até as bombas d'água de *Mont-Saint-Jean*. Os ferradores, que levavam uma provisão de cravos e ferraduras em seus alforjes, começaram a inspecionar os cascos dos cavalos cansados.

Os artilheiros colocaram seus canhões justo atrás do cume da colina, de maneira que, enquanto a maior parte das peças de artilharia ficava oculta de um inimigo que se aproximasse, os tubos podiam disparar sem obstruções pela pouco empinada ladeira. No

centro da colina, perto do lugar onde se erguia o olmo junto à estrada, os canhões se ocultaram atrás de algumas cercas vivas.

O parque de artilharia se situou no limite do bosque, bem afastado dos canhões, e a infantaria percebeu com amargura que os artilheiros estavam providos de tendas, pois de todo o exército a artilharia fora a única que não se separara de suas carroças. Nenhum canhão podia disparar muito tempo sem seus suprimentos e uma bateria de seis canhões necessitava de uma carroça com rodas de reserva, um carro de forragem, dois de suprimentos gerais, oito carretas de munição, noventa e dois cavalos e setenta mulas. Deste modo, o terreno entre a colina e o bosque logo ficou abarrotado por uma multidão de homens e cavalos. A fumaça das fogueiras dos acampamentos enegrecia a atmosfera chuvosa. As valas e sulcos transbordavam com a água que corria pelos campos nos quais o exército devia dormir.

Alguns oficiais andaram para frente para olhar para o sul por cima do amplo vale. Observaram a chegada dos últimos canhões e membros da cavalaria britânica, depois a estrada ficou vazia. Os granjeiros, junto com suas famílias, trabalhadores e gado, fazia tempo que tinham partido das três granjas que existiam no fundo do vale. Naquele momento não havia ali nenhum movimento além do da chuva que caía sobre o caminho. Os artilheiros britânicos, de pé ao lado de seu canhão carregado, esperavam o aparecimento dos alvos.

Na última hora da tarde a chuva parou, ainda que o vento continuasse úmido e frio. Alguns membros da infantaria tentaram secar seus uniformes que jorravam despidendo-se e segurando as pesadas casacas de lã sobre as fogueiras que ardiam com dificuldade.

De repente, um canhão disparou da colina. Alguns dos soldados despidos correram para o cume e viram que um nove libras havia disparado uma bala para um esquadrão de couraceiros franceses que estavam cruzando o fundo do vale. O disparo havia detido o avanço dos cavaleiros encouraçados. Um dos cavalos coiceava e sangrava sobre o feno, enquanto seu cavaleiro jazia imóvel. Uma multidão de outros cavaleiros inimigos se concentravam no outro cume junto de *La Belle Alliance*. Perto da pousada estavam sendo colocados quatro canhões inimigos. Por alguns instantes se viu que as diminutas figuras dos artilheiros franceses se ocupavam de suas armas, depois correram para se afastar e os quatro canhões dispararam para o lugar onde persistia a fumaça da descarga do nove libras britânico.

Todos os canhões responderam da colina ocupada pelos britânicos. A enorme salva soou como uma onda de trovões retumbantes. No cume se levantou uma fumaceira e a descarga cruzou assobiando o vale até cair com força entre a cavalaria inimiga e salpicou tudo de barro. Os oficiais de estado-maior percorriam o cume ao galope ao mesmo tempo em que gritavam para os artilheiros não dispararem, mas o estrago já estava feito. Os oficiais franceses, que olhavam desde a taberna, viram que não enfrentavam um punhado de armas em retirada, mas a artilharia de todo um exército. Pela fumaça souberam inclusive onde os canhões daquele exército estavam colocados.

O imperador soube então que a retirada dos britânicos havia terminado e que o general sipaio havia escolhido seu campo de batalha. Um cruzamento situado entre terras de lavoura, onde o feno estava quase todo cortado, o centeio crescia orgulhoso, as árvores dos hortos

estavam carregadas de frutas e onde três bastiões se alçavam como fortalezas que sobressaiam em uma colina, que no dia seguinte os franceses deviam capturar e os britânicos manter. Em um lugar chamado Waterloo.

# Capítulo 11

— Não fica um dia sem jogar críquete, hein, Sharpe?

O tenente-coronel Ford gritou aquela jocosa saudação, ainda que sua expressão não fosse nada cordial. O coronel, com o major Vine do seu lado, se inclinou sob o precário abrigo de uma cerca viva que crescia desordenadamente e que haviam reforçado com três guarda-chuvas quebrados.

Sharpe imaginou que o cumprimento expressava seu perdão pela sua usurpação do comando no dia anterior. Sharpe havia ordenado com brusquidão ao batalhão para que corresse enquanto Ford ainda estava pensando no que fazer, mas ao que parece o coronel não tinha intenção de dar demasiada importância ao caso. Vine, encolhido junto às raízes da cerca, olhou o fuzileiro com o cenho franzido e escuros olhos pouco amistosos.

— Ia levar um pouco de comida para minha antiga companhia. Não se importa, Ford? — Sharpe ainda tinha a carne de novilho fria e o pão que Rebecque lhe havia dado naquela manhã. Não precisava da permissão de Ford para fazer uma visita ao acampamento dos Voluntários do Príncipe de Gales, mas lhe pareceu mais educado perguntar, sobretudo após Rebecque ter lhe dado um sermão sobre a necessidade de ter tato. Sharpe tinha mandado o tenente Doggett ao povoado de Waterloo onde os generais estavam alojados, ainda não tinha vontade de se unir ao príncipe. Preferia a companhia de seu antigo batalhão.

Sharpe e Harper acharam os soldados de sua companhia ligeira sentados de cócoras ao redor de lamentáveis fogueiras feitas com palha molhada e galhinhos verdes retirados da cerca. O major D'Alembord estava recolhendo as cartas dos soldados que sabiam escrever e queriam deixar uma mensagem para suas famílias caso lhes ocorresse qualquer coisa no dia seguinte.

Havia começado a chover de novo. Os soldados estavam com frio e abatidos, ainda que os veteranos da guerra da Espanha fingissem que aquilo era um paraíso comparado com as terríveis experiências vividas em suas campanhas anteriores. Os novatos, que não queriam parecer menos duros que os veteranos, guardavam silêncio.

Os veteranos da companhia deram lugar a Sharpe e a Harper perto do fogo; Sharpe percebeu que aqueles experientes soldados estavam reunidos em torno de uma fogueira e os recém-chegados se achavam em torno de outras mais fracas. Era como se os velhos soldados se unissem como uma elite contra a qual os recém-chegados tinham que medir armas, ainda que mesmo nos veteranos se transluzisse um nervosismo naquela noite chuvosa. Sharpe lhes confirmou que os prussianos haviam sido derrotados, mas lhes jurou que o exército do marechal Blücher se retirava por caminhos paralelos àqueles percorridos pelos britânicos e que o marechal havia prometido sair em ajuda de Wellington com a primeira luz do dia. — Onde se encontram exatamente os prussianos, senhor? — quis saber o alferes Huckfield.

— Lá. — Sharpe apontou para o flanco esquerdo. Os Voluntários do Príncipe de Gales

estavam situados no lado direito das posições britânicas, quase a meio caminho entre o olmo e o caminho que descia para Hougoumont.

— A que distância estão, senhor? — insistiu Huckfield, um homem inteligente e sério.

Sharpe deu de ombros.

— Não muito longe. — Na realidade ele não sabia onde haviam acampado os prussianos, nem sequer estava seguro de que o marechal Blücher se pusesse em marcha pela manhã para ajudar aquele empapado exército, mas era consciente de que devia dar a esses homens alguma esperança. Os recém-chegados ao batalhão se aproximaram pouco a pouco da fogueira dos veteranos para escutar o fuzileiro. — O que importa — disse em voz alta — é que os prussianos estarão aqui combatendo pela manhã.

— Se esta chuva não parar precisaremos é da maldita armada e não dos condenados prussianos. — O soldado Clayn levantou a vista para as escuras nuvens. A chuva, constante e forte, repicava sobre a parte superior das barretinas dos soldados que tremiam, e descia pelos velhos sulcos encharcando a borda do campo onde um esquadrão de desatentos cavalos de oficiais se achava atado a uma estaca.

— Esta chuva arruinará a colheita. — Charlie Weller, que os veteranos gostavam e permitiam que acampasse com eles, arrancou uma ensopada espiga de centeio e sacudiu a cabeça tristemente. — Ficaré negra e apodrecerá em uma semana.

— Mas no ano que vem estará bem adubado. O grão sempre cresce melhor sobre a carne morta. — Hagman, o soldado de mais idade da companhia, sorriu. — O vimos isso na Espanha não é verdade, senhor Sharpe? Vimos a aveia crescer mais alta que um cavalo onde tivera lugar uma batalha. As raízes absorveram todo aquele sangue e entranhas, foi isso.

— Ainda que nem sempre os enterrem, né? Recordam-se daquele lugar na Espanha? Onde havia todos aqueles crânios? — Clayton franziu o cenho enquanto tentava se recordar do campo de batalha sobre o qual o batalhão marchara algumas semanas depois de um combate.

— Sally-Manker — disse Harper amavelmente.

— É isso! Havia caveiras cobertas de moscas azuis como em merda de vaca! — Clayton falava em voz alta para impressionar aos novos recrutas que escutavam a conversa com avidez e não baixou a voz quando um batalhão da infantaria belgo-holandesa com casacas azuis passou perto para seu acampamento. — Espero que essas galinhas sacanas não fiquem perto de nós amanhã — disse Clayton com malevolência.

Ouviram-se alguns grunhidos de concordando. Talvez os oficiais e soldados estivessem divididos entre os que tinham experiência e os que não, mas estavam unidos por seu ódio a qualquer intruso, ainda que aqueles intrusos tivessem demonstrado possuir os mesmos recursos e ser tão fortes e resignados como os casacas-vermelhas. Para aqueles homens o batalhão era sua vida, sua família e, provavelmente, também fosse sua morte. Dirigidos de forma adequada, lutariam por seu batalhão com uma ferocidade selvagem e aterradora; contudo, mal dirigidos, como Sharpe sabia muito bem, podiam vir abaixo como um mosquete oxidado. Ao pensar nisso Sharpe olhou para o coronel Ford.

Clayton seguia olhando fixamente e com aversão para os belgo-holandeses.

— Aposto que esses sacanas não vão passar fome esta noite. Não sabem lutar, mas estão bastante gordinhos. Lá não falta a condenada comida!

De repente Daniel Hagman soltou uma sonora gargalhada.

— Recordam-se do presunto curado que vendemos aos Portugueses? Foi o senhor, senhor Sharpe!

— Não, não fui eu — replicou Sharpe. Os veteranos o vaiaram carinhosamente com cumplicidade.

— Foi o senhor! — Clayton, um pilantra astuto e descarado, apontou para Sharpe com um dedo acusador e contou a história pelo bem dos recém-chegados. — Havia aqueles rapazes portugueses, certo? Foi depois de um combate ou outro e os sacanas estavam famintos como o demônio, portanto o senhor Sharpe cortou as nádegas de alguns franceses mortos, as defumou sobre uma fogueira e depois vendeu aos portugueses dizendo que era carne de porco.

Os novatos dirigiram um sorriso nervoso para o oficial de austero semblante que parecia estranhamente envergonhado com o relato.

— Os portugueses nunca se queixaram — disse Harper para justificar aquela atrocidade.

— Realmente fez isso? — D'Alembord perguntou a Sharpe em voz muito baixa.

— Deus, não! Foi algum outro fuzileiro. Os portugueses tinham comido o cachorro que tinham como mascote, portanto decidiram se vingar. — Sharpe estava surpreso que agora lhe atribuíssem àquela história, mas percebera que os soldados gostavam de lhe atribuir histórias atrozes a suas façanhas e era inútil negar as proezas mais exóticas.

— Não nos fariam mal uns poucos desses portugueses agora. — Daniel Hagman acendeu sua pipa com a brasa de um galhinho que tirou do fogo. — Eram combatentes de verdade, é o que eram. — A admiração era genuína e os veteranos resmungaram sua concordância.

— Mas amanhã tudo irá bem, não é verdade senhor Sharpe? — perguntou Charlie Weller sem dissimular sua preocupação.

— Tudo irá bem, rapazes. Mas se lembrem: matem primeiro os oficiais, apontem para o ventre da infantaria e para os cavalos da cavalaria. — Aquela resposta foi em benefício dos soldados mais afastados dentre aqueles que Sharpe tinha como público: homens que nunca combateram antes e que necessitavam de normas simples para se manterem seguros em meio ao caos da batalha.

Weller meteu um dedo na lata d'água e viu que ainda estava bastante morna. Pegou um punhado de gravetos secos que havia guardado bem fundo entre suas roupas e o colocou sobre as chamas. Sharpe esperava que o garoto sobrevivesse, porque Weller era distinto dos outros soldados. Era um rapaz do campo que havia se alistado ao exército por um senso de patriotismo e aventura. Esses motivos haviam ajudado a se converter em um bom soldado, ainda que não melhor que a maioria dos homens que aceitaram o xelim do rei por razões muito menos honradas. Clayton era um ladrão e provavelmente o teriam enforcado se não tivesse

posto a casaca vermelha, mas sua velhaca astúcia fazia dele um bom fuzileiro. Entre o restante dos homens em torno da fogueira, a maior parte era de bêbados e delinquentes. Eram os dejetos da Grã-Bretanha, os que estavam sobrando, a escória da sociedade, mas em combate eram teimosos como mulas. Sharpe achava que eram lutadores das sarjetas e não teria desejado que fosse de outra maneira. Não tinham um aspecto impressionante; eram pequenos, desdentados, estavam cheios de cicatrizes e sujos, mas no dia seguinte iam demonstrar a um imperador como um casaca-vermelha era capaz de lutar, ainda que naquela noite sua principal preocupação fosse quando lhes chegaria a ração de rum.

— O intendente a prometeu para a meia-noite — disse D'Alembord à companhia.

— Malditos carreteiros — disse Clayton. — Creio que esses sacanas estão bem agasalhados na cama.

Sharpe e Harper ficaram outra meia hora e deixaram a companhia discutindo sobre as possibilidades de encontrar o bordel francês entre a bagagem inimiga. Todos os soldados britânicos estavam convencidos de que os franceses viajavam com aquele bordel, uma instituição mágica que eles nunca haviam podido capturar, mas que em sua mitologia ocupava o mesmo lugar que um troféu de guerra de ouro.

— Parecem estar bastante bem — disse Sharpe a D'Alembord. Os dois oficiais foram andando para o cume da colina enquanto Harper ia buscar os cavalos.

— Estão bastante bem — confirmou D'Alembord. Ainda vestia sua roupa de baile que estava suja e andrajosa. Seu uniforme apropriado se extraviara com a bagagem desaparecida. Um de seus sapatos de baile tinha perdido a fivela de alguma maneira e só se segurava em seu lugar graças a um pedaço de corda atado em torno do peito do pé. — São bons meninos — disse afetuosamente.

— E você, Dally? — Peter D'Alembord sorriu triste.

— Não consigo me livrar do terror de um mau agouro. É uma estupidez, já sei, mas está aí.

— Eu me senti da mesma maneira antes de Toulouse — confessou Sharpe. — Foi horrível. Mas sobrevivi.

D'Alembord, que não teria admitido seus temores a ninguém mais que um bom amigo, seguiu andando uns poucos passos em silêncio.

— Não posso deixar de pensar no trigo que há pelas estradas. Notou que onde passam nossas carroças de suprimentos o grão cai e germina? Cresce durante uma estação e depois morre. Acho que é uma boa imagem do que é ser soldado. Passamos, deixamos um rastro e depois morremos.

Sharpe olhou horrorizado para seu amigo.

— Meu Deus, você está péssimo!

— Deve ser minha ascendência huguenote, temo. Um sentimento de culpa calvinista me constrange por estar desperdiçando minha vida. Digo a mim mesmo que estou aqui para ajudar a castigar os franceses, mas na realidade foi a oportunidade de ser major o que me fez



permanecer de uniforme. Necessito do dinheiro, sabe? Mas agora isso me parece um motivo desprezível. Tenho me comportado muito mal, não se dá conta? E como consequência disso, tenho a convicção de que vou me converter em adubo para um campo de centeio belga.

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Eu também estou aqui unicamente pelo dinheiro, bobo.

Tinham chegado à crista da colina e dali puderam ver as ondulantes volutas das fogueiras francesas que subiam além do cume sul.

— Vai sobreviver.

— Isso é o que não paro de me dizer, e depois me convenço do contrário. — D'Alembord fez uma pausa antes de revelar a verdadeira profundidade de seu terror. — Por dois peniques partiria esta noite e me esconderia. Tenho pensado nisso o dia todo.

— Todos pensamos o mesmo. — Sharpe se lembrou de seu próprio pavor antes da batalha de Toulouse. — O medo desaparece quando começa o combate, Dally. Isso você já sabe.

— Tampouco sou o único. — D'Alembord ignorou o incentivo de Sharpe. — O alferes Huckfield de repente passou a ler sua Bíblia. Se não gostasse tanto dele o acusaria de ser um maldito metodista. Ele me disse que está destinado a morrer nesta campanha, ainda que acrescente que não se importa porque sua alma está em paz com Deus. O major Vine diz o mesmo. — D'Alembord lançou uma venenosa olhada para a cerca onde Ford e seu primeiro major estavam agachados para se proteger da chuva. — Perguntaram-me se achava que amanhã devíamos realizar um serviço religioso ou não. Eu lhes disse que era uma ideia condenadamente ridícula, mas não tenho dúvida de que acharão algum capelão idiota que nos gagueje algumas sandices. Já percebeu os beatos que estamos nos tornando? Não éramos beatos na Espanha, mas de repente há uma epidemia de retidão moral que contagiou os oficiais superiores. Eu rezarei minhas orações pela manhã, mas não necessito fazer nenhuma demonstração. — Começou a se livrar do barro de seus frágeis sapatos esfregando-os contra uma mata de capim e depois abandonou a impossível operação de limpeza. — Peço desculpas, Sharpe. Não deveria carregá-lo com tudo isto.

— Não é uma carga.

— Não me preocupou até ontem. — D'Alembord seguiu falando, como se Sharpe não tivesse dito nada. — Mas aqueles cavaleiros me deixaram completamente nervoso. Tremia como um menino quando nos atacaram. E depois tem o coronel, claro. Não tenho nenhuma confiança em Ford. E também há Anne. Tenho a sensação de que não a mereço, e que qualquer homem tanta sorte como eu certamente é castigado por isso.

— O amor nos torna vulneráveis — reconheceu Sharpe.

— Que nos faça! — exclamou D'Alembord calorosamente. — Mas a virtude deveria nos dar confiança.

— A virtude? — Sharpe se perguntou que alegações morais seu amigo estava fazendo para si mesmo.

— A virtude de nossa causa — explicou D'Alembord como a coisa mais natural do mundo. — Os franceses devem ser derrotados.

Sharpe sorriu.

— Sem dúvida eles estarão dizendo o mesmo de nós. — D'Alembord ficou em silêncio alguns segundos e depois falou com um repentino tom apressado e veemente.

— Não incluo Lucille, certamente, e não deve pensar que o faço, mas é uma nação asquerosamente malvada, Sharpe. Não posso esquecer o que fizeram à minha família, ou a nossos correligionários. E pense em sua revolução!

Aquela pobre gente inocente morta. E Bonaparte não é pior que os outros. Não faz outra coisa além de atacar e atacar, depois rouba os países que conquista e não para de falar da virtude, da lei e das glórias da civilização francesa... Virtude não, hipocrisia: sua lei só beneficia a eles mesmos e sua civilização não é mais do que sangue sobre os paralelepípedos.

Sharpe nunca teria imaginado que debaixo da elegante avidez de seu amigo houvesse tal ódio.

— Então não se trata apenas de dinheiro, não é Peter? — D'Alembord pareceu envergonhado por ter revelado seus sentimentos.

— Sinto muito. Realmente sinto muito. Deve pensar que sou um grosseiro. Eu gosto muito de Lucille, você sabe. Estava exagerando, certamente. Não são os franceses que são malvados em essência, mas seu governo. — De repente, parou de falar, sem dúvida reprimindo ainda mais veneno anti-francês.

Sharpe sorriu.

— Lá onde Lucille e eu vivemos lhe diriam que França é abençoada por Deus, mas amaldiçoada por Paris. Consideram que Paris é um lugar maligno habitado pelas pessoas mais detestáveis e avarentas.

— Soa como se falassem de Londres. — D'Alembord esboçou um lânguido sorriso. — Não irá contar para Lucille minhas ideias, né? Não gostaria de ofendê-la.

— Certamente que não lhe contarei.

— E talvez quisesse me fazer outro favor.

— Com muito prazer.

D'Alembord pegou uma enrugada e úmida carta de seu bolso.

— Se amanhã me converto em adubo para o centeio pode entregar isto a Arme? E lhe dirá que não sofri? Nada de histórias de facas de cirurgiões, Sharpe, nem descrições de horríveis feridas, uma bala limpa na testa já servirá para explicar meu final, por mais desagradável que provavelmente seja a verdade.

— Não precisarei entregar, mas a guardarei para você.

— Sharpe colocou a carta em um bolso e depois se virou ao ouvir disparos isolados de mosquetes do lado direito das linhas, perto do castelo de Hougoumont.

Alguns soldados de infantaria franceses se dispersaram e se afastaram correndo do horto, onde os clarões dos mosquetes britânicos refulgiam no entardecer. Sharpe viu alguns casacas-vermelhas que avançavam entre as árvores ao sul da granja. Os franceses deviam ter enviado um batalhão para averiguar se os edifícios da granja estavam guarnecidos, ou o inimigo só andava em busca de lenha, mas fosse qual fosse sua missão, a infantaria de casacas azuis havia se topado com um feroz tiroteio. Mais casacas-vermelhas corriam da granja para levar suas baionetas para o bosque.

— O que me irrita — D'Alembord não ligou para a repentina escaramuça — é não saber como terminará tudo. Se morrer amanhã nunca saberei, não?

Sharpe sacudiu a cabeça para tirar importância dos temores de seu amigo.

— No final de verão, meu amigo, você e eu estaremos sentados em uma conquistada Paris bebendo vinho. É provável que nem nos recordemos da batalha de um dia na Bélgica! E você voltará para sua casa e se casará com Anne e serão felizes para sempre.

D'Alembord riu daquela profecia.

— E você, Sharpe? Voltará à Normandia?

— Sim.

— E a gente do lugar não se importará que tenha lutado contra a França?

— Não sei. — Aquela preocupação sempre rondava pela cabeça de Sharpe, e inclusive pela de Lucille. — Mas eu gostaria de voltar — Sharpe continuou dizendo. — Sou feliz lá. Tenho intenção de fazer um pouco de calvados este ano. No castelo costumavam fabricar muito, mas faz vinte anos ou mais que não fazem. O médico local quer nos ajudar. É um bom tipo. — De repente Sharpe pensou em seu encontro com lorde John e na promissória que, se fosse paga, faria possíveis muitas coisas no castelo de Lucille. — Hoje me encontrei com o maldito Rossendale. Aceitei a promissória diretamente dele. Espero que não se importe.

— Claro que não — disse D'Alembord.

— Por estranho que pareça — comentou Sharpe —, eu gostava dele. Não sei por quê. Acho que sentia pena dele.

— “Ame seus inimigos — citou D'Alembord zombeteiro —, bendiga àqueles que te maldizem, faça o bem àqueles que te detestam”, não? Eu disse que estávamos nos tornando beatos, inclusive você.

— Mesmo assim, amanhã trituraremos esses malditos franceses. — Sharpe sorriu e estendeu a mão. — Não lhe ocorrerá nada, Peter. Amanhã à noite riremos desse medo.

Selaram a promessa com um aperto de mãos.

O fogo de mosquetes em Hougoumont se foi apagando quando os franceses cederam a posse do bosque aos britânicos. Ouviu-se o retumbar dos trovões a oeste e um raio refulgiu de forma breve e intensa no horizonte. A chuva começou a cair com força de novo.

Os exércitos tinham se reunido e esperavam o amanhecer.

Os dintéis de todas as casas da rua de Waterloo tinham uma inscrição feita com giz feita pelo departamento de intendência geral para identificar o general e os oficiais do estado-maior que se alojavam em seu interior.

Na pousada em frente à igreja liam-se as palavras escritas com giz “Sua excelência o duque de Wellington”, enquanto que três portas além, em uma casa de dois pisos, haviam inscrito: “Conde de Uxbridge”. Em outra das casas, de sólida construção, dizia: “Sua alteza real o Príncipe William de Orange”. Naquela noite, casinhas com teto de palha e estrumeiras justo debaixo de suas janelas seriam os lares de marqueses e condes; contudo, aqueles homens se consideravam afortunados por estarem abrigados e não terem que suportar a fria e entumecedora tortura da chuva que açoitava a colina.

Na casa do conde de Uxbridge, os oficiais do estado-maior se apinhavam em torno de uma mesa para compartilhar a carne de vaca fervida e os feijões que o visconde tinha para jantar. Era uma janta antecipada pois todo o estado-maior fora notificado que teria que se levantar muito antes do amanhecer. No centro da mesa, apoiada contra um candelabro, estava a espada quebrada de lorde John Rossendale. Um dos oficiais tinha descoberto a lâmina partida depois de lorde John ter tentado se desfazer dela e havia exigido saber como a arma tinha quebrado. A verdade era dolorosa demais, portanto lorde John inventara uma versão muito mais encantadora.

— Ocorreu depois da explosão do foguete — explicou aos membros do estado-maior ali reunidos para o jantar. — O cavalo disparou.

— Deveria aprender a montar, John. — Lorde John esperou os risos pararem.

— O condenado bicho me levou a um bosque que havia do lado do caminho, e que me crucifiquem se não havia ali três lanceiros à espreita.

— Dos vermelhos ou dos verdes? — Perguntou o conde de Uxbridge, que acabava de chegar de uma reunião com o duque de Wellington, e havia ocupado seu lugar na cabeceira da mesa.

— Dos verdes, Harry.

Lorde John não teve dificuldade de inventar essa parte já que vira os lanceiros de casaca verde fugirem do ataque da Guarda Real. — Disparei em um deles com a pistola, mas tive que jogá-la para desembainhar a espada. Realmente foi uma pena, porque era uma pistola muito cara.

— Uma pistola Mortimer de percussão, com cano estriado. — Christopher Manvell confirmou assim o valor da pistola perdida. — É uma verdadeira pena a tenha perdido, John.

Lorde John deu de ombros como para dar a entender que na realidade a perda não tinha importância.

— O segundo homem me atacou, esquivei a ponta de sua lança e o atingi com a espada no ventre, então o terceiro quase me espeta.

— Esboçou um modesto sorriso. — Para ser sincero, pensei que estava morto. Arremeti

contra ele, mas era condenadamente rápido. Desembainhou um sabre e me deu um bom golpe, o parei e foi aí que a espada quebrou, então o tipo deu a volta e fugiu a toda pressa!

Os oficiais ali reunidos ficaram olhando a espada quebrada, colocada sobre a mesa do jantar como um troféu.

— O truque está em esquivar a ponta da lança. Uma vez que tenha evitado a ponta é como matar coelhos. Muito fácil na realidade...

— Desde que a espada não quebre, né? — perguntou Christopher Manvell com secura.

— Sim, claro. O conde franziu o cenho. — E se o tipo fugiu, por que não recolheu a pistola, Johnny? Disse que era cara.

— Ouvi que havia mais desses sem-vergonhas entre as árvores. Pensei que era melhor que não me pegassem. — Lorde John esboçou um leve sorriso que desarmava. — Para ser sincero, Harry, estava assustado! Seja como for, fustiguei meu maldito cavalo e saí correndo como quem vê assombração.

Christopher Manvell, que dava a impressão de não estar tão impressionado com a terrível experiência de lorde John como os demais oficiais, pelo menos confirmou o final da história.

— Regressou à estrada branca como papel.

— Fez muito bem, Johnny, muito bem — disse o conde de Uxbridge com brusquidão. — Matou dois daqueles sacanas, hein? Isso é muito bom.

— Houve alguns aplausos isolados e depois Christopher Manvell perguntou ao conde que informação tinha conseguido em sua reunião com o duque de Wellington.

A verdade era que o conde não havia obtido nada de nada. Era o segundo ao comando do duque e havia pensado que a promoção lhe dava direito de saber o que o duque planejava para o dia seguinte, mas suas perguntas encontraram respostas evasivas. O duque lhe dissera que seus planos dependiam totalmente dos de Napoleão, e que como Napoleão ainda não os havia confiado ao duque, este não podia contar ao conde, portanto boa noite.

— Acho que nos limitaremos a deixar que aquele sacana nos ataque para depois derrotá-lo, hein? — disse o conde preguiçosamente, como se os acontecimentos do dia seguinte na realidade não fossem relevantes.

— Mas e os prussianos, virão? — insistiu Manvell.

— Eu acho que podemos nos encarregar do assunto sem um punhado de malditos alemães, você não? — O duque empurrou uma caixa de charutos para o centro da mesa. — Mas uma coisa é certa, cavalheiros, não há dúvida de que nossa cavalaria fará a Inglaterra se sentir orgulhosa!

— Bravo! — Um oficial bêbado esmurrou a mesa.

Depois do jantar, Christopher Manvell encontrou lorde John de pé no átrio aberto da parte dianteira da casa, de onde olhava fixamente o úmido entardecer.

— Oxalá tivesse estado lá para ajudá-lo com aqueles lanceiros — disse Manvell.

Por alguns segundos pareceu que lorde John não ia responder, depois se limitou a responder dando de ombros.

— Harry parece muito otimista quanto a nossas possibilidades amanhã.

Manvell lançou um jorro de fumaça de charuto para o chuveiro.

— É estranho, Johnny. Eu o vi sair do bosque e ainda não havia passado um momento quando vi o coronel Sharpe no mesmo lugar. Teve sorte de não encontrá-lo.

De novo lorde John ficou em silêncio alguns segundos e depois falou depressa com amargura contida.

— Certamente que o encontrei. E naturalmente não havia nenhum maldito lanceiro. O que esperava que dissesse? Admitir ante Harry e todos os outros que um fuzileiro me humilhou?

— Sinto muito. — Manvell se sentiu envergonhado pela atormentada confissão que havia provocado em seu amigo.

— Eu lhe dei sua maldita promissória. Não que isso vá servir de muita coisa. Jane não me dará o dinheiro a menos que me case com ela, mas isso Sharpe não sabe. — Lorde John soltou uma repentina gargalhada. — Ele me deu um pedaço de corda e disse que era um divórcio camponês. Que sou livre para me casar com ela.

Manvell sorriu, mas não disse nada. As sarjetas dos lados da pavimentada estrada principal borbulhavam e transbordavam. Do outro lado da rua havia um sentinela que, ao mesmo tempo em que soltava impropérios, corria entre os charcos para abrir a porta para um oficial a cavalo. Um ordenança pendurou uma lanterna no exterior da porta do estábulo da casa onde se alojava o Príncipe de Orange.

— É uma questão de honra. — Lorde John olhava fixamente para a rua que ia escurecendo.

— Como?

— O dia de amanhã — disse lorde John — se converteu em uma questão de honra totalmente desesperada. — Estava levemente bêbado e sua voz tinha um quê de histeria. — Até hoje nunca havia percebido como uma batalha é simples. Não há meio termo, não é verdade? É a vitória ou a derrota, sem nada no meio, enquanto que a vida real é fodidamente complicada. Talvez seja por isso que os melhores soldados sejam uns simplórios. — Virou-se no átrio para olhar seu amigo. — Veja, se quero conservar minha mulher tenho que matar um homem, e não tenho coragem para enfrentá-lo. E ele não fez nada para merecer a morte! O dinheiro é dele! Mas se atuo com honestidade com esse homem, então perco a mulher, e não acredito que possa viver com essa perda...

— Estou seguro de que pode... — Atalhou Christopher Manvell que, por sua vez, foi interrompido.

— Não! — Lorde John nem sequer queria falar de Jane. Desconcertado, olhou para seu amigo com o cenho franzido. — Acha que a honra perdida pode ser recuperada no campo de batalha?

— Tenho a segurança de que é o melhor lugar para fazê-lo. — Manvell sentiu que o

invadia um sentimento de pena por seu amigo. Não fora consciente até então da maneira como a honra de lorde John fora pisoteada e destruída.

— Portanto amanhã será um dia muito importante para mim — disse lorde John. — Porque amanhã posso recuperar minha honra combatendo bem. — Sorriu como para suavizar aquelas palavras muito dramáticas. — Mas para fazê-lo necessito de uma espada, e a de reserva está em Bruxelas. Você não terá uma que possa me emprestar?

— Com muito prazer. — Lorde John fixou o olhar naquele chuvoso crepúsculo.

— Quisesse Deus já tivesse terminado. Refiro-me à chuva — apressou-se a acrescentar.

— Acho que está enfraquecendo. — Um raio cintilou no oeste, seguido poucos segundos depois por um trovão que retumbou pelo distante céu como se fosse uma bala de canhão. Ouviam-se risos e cantos provenientes de uma casa situada rua acima que temporariamente sufocaram o inquietante e repetitivo ruído raspante de uma pedra que afiava uma espada. Um cachorro uivou em sinal de protesto contra os trovões e um cavalo relinchou no estábulo atrás do alojamento do conde de Uxbridge.

Lorde John voltou a entrar na casa. Podia recobrar sua honra e recuperar Jane convertendo-se em um herói. No dia seguinte.

## Capítulo 12

O capitão Harry Price, comandante da primeira companhia dos Voluntários do Príncipe de Gales, subiu em uma plataforma provisória construída com caixas de munição de reserva. Diante dele, de pé no campo encharcado pela chuva, havia quarenta ou cinquenta oficiais da infantaria que tinham se reunido ali provenientes dos vários batalhões acampados perto. A última luz do dia desaparecia a oeste e a chuva tinha amainado convertendo-se em chuvisco.

— Estão prontos, cavalheiros? — gritou Price.

— Comece de uma vez!

Price, que estava se divertindo, fez uma reverência para os que o haviam interrompido e depois pegou o primeiro artigo que o alferes Huckfield lhe deu. Era um relógio com caixa de prata que Harry Price segurou alto sob dos últimos vestígios de luz.

— Um relógio, cavalheiros, propriedade do defunto major Micklewhite! Este artigo só está ligeiramente manchado de sangue, cavalheiros, portanto uma boa limpeza o fará funcionar em um instante. Ofereço um magnífico relógio de bolso, cavalheiros, fabricado pelos Mastersons de Exeter.

— Nunca ouvi falar deles! — exclamou uma voz.

— Sua ignorância não nos interessa. Mastersons é uma firma muito antiga e reputada. Meu pai sempre foi um entusiasta por seu relógio Mastersons e em sua vida nunca chegou atrasado a um encontro com uma mulher. Ouvi uma libra pelo tique-taque do major Micklewhite?

— Um xelim!

— Vamos, anda! O major Micklewhite deixou uma viúva e três doces filhos. Os senhores não gostariam que suas esposas e seus pequenos ficassem desamparados porque uns trombadinhas sacanas não foram generosos! Quero ouvir uma libra!

— Um florim!

— Isto não é um saldão, cavalheiros! Uma libra? Ninguém oferecerá uma libra? — Ninguém ofereceu. Finalmente, o relógio de Micklewhite foi vendido por seis xelins, enquanto que o anel de selo do major falecido obteve um xelim. Uma excelente taça de prata que havia pertencido ao capitão Carline saiu por uma libra, enquanto que o preço mais alto foi para a espada de Carline que obteve um total de dez guinéus. Harry Price teve que leiloar sessenta e dois artigos, todas as propriedades dos oficiais dos Voluntários do Príncipe de Gales que haviam morrido nas mãos da cavalaria francesa em *Quatre Bras*.

Os preços eram baixos porque os franceses haviam saturado o mercado ao matar tantos oficiais; no mínimo ocorreram quatro leilões pela tarde, mas o excesso de oferta daquela noite, pensou Price, não seria nada comparado com a provisão de bens que haveria na noite do dia seguinte.

— Um par de esporas do capitão Carline, cavalheiros! Ouro, se não me engano. — Essa



afirmação foi recebida com vaias, e zombarias. — Eu ouvi uma libra?

— Seis peniques.

— Os senhores são um bando de miseráveis. Como se sentiriam se fossem seus pertences sendo vendidos por dois peniques? Sejam generosos, cavalheiros! Pensem nas viúvas!

— Carline não era casado! — gritou um tenente.

— Então me dê um guinéu para sua puta! Quero ver um pouco de generosidade cristã, cavalheiros!

— Eu lhe darei um guinéu por sua puta, mas seis peniques por suas esporas!

Os bens de MickIewhite somaram oito libras, quatro xelins e seis peniques. Os pertences do capitão Carline obtiveram muito mais, ainda que todos os artigos foram vendidos a preço de pechinca. Harry Price, que sempre havia querido ter o aspecto de um oficial da cavalaria, ele próprio comprou as esporas por nove peniques. Também adquiriu a peliça debruada em pele de Carline, uma roupa elegante e pouco prática que a última moda havia imposto aos oficiais endinheirados. Uma peliça era uma jaqueta curta que se usava pendurada no ombro como uma capa, e Harry Price sentiu uma imensa satisfação ao pôr a capa delicada de Carline sobre sua própria casaca vermelha surrada.

Levou o dinheiro e as promissórias ao pagador do batalhão que, depois de pegar sua parte, mandaria o resto para as famílias dos defuntos.

Harry Price prendeu as esporas em suas botas e voltou chapinhando para perto de onde os oficiais tremiam em sua lamentável refúgio. Viu o major D'Alembord sentado um pouco mais acima.

— Você não deu lances, Peter?

— Esta noite não, Harry, esta noite não. — O tom de D'Alembord era claramente hostil e não animava à conversa.

Price entendeu a indireta e seguiu andando uns poucos passos mais ao longo da cerca viva antes de se sentar e admirar seus calcanhares recém decorados. As esporas seriam o centro de todos os olhares entre as damas de Paris, e essa era a melhor razão para combater que Harry Price conhecia, porque as pequenas podiam ser muito serviçais com um soldado estrangeiro, especialmente um soldado com peliça e esporas.

Nos acampamentos os soldados cantavam. As vozes chegavam com força através do sempre presente som da chuva que outra vez havia começado a cair com mais força. Peter D'Alembord, que tentava afastar seu sofrimento, viu as esporas novas de Harry Price e notou a infantil alegria que obviamente haviam proporcionado a seu novo dono. D'Alembord ficou tentado a iniciar uma conversa com a esperança de que as habituais palhaçadas de Price o distraíssem de seus temores, mas então o terror apareceu de novo, intenso e inconsolável, e D'Alembord quase soluçou alto devido ao impacto que lhe causou. Os relâmpagos cintilavam ao norte e D'Alembord acariciou seu bolso onde guardava as cartas de sua prometida. Ia morrer. Sabia que ia morrer. Fechou os olhos para que não chorar. Droga! Sabia que ia morrer,

e tinha medo.

Era completamente de noite quando Sharpe e Harper chegaram a Waterloo e encontraram o alojamento do príncipe. Um sentinela abriu a porta do estábulo e os dois fuzileiros abaixaram a cabeça ao passar por baixo do arco de pedra que dava para o pátio.

— Eu me encarrego dos cavalos — Harper se ofereceu quando ambos chegaram ao estábulo.

— Eu ajudo.

— Vá ver seu príncipezinho. Provavelmente sente sua falta.

— Mais fácil que sinta falta de sua maldita mãe — Sharpe desceu da sela e deu um suspiro de alívio ao se livrar dela. Tentou se lembrar de quantas horas havia dormido nos últimos três dias, mas estava cansado demais para fazer cálculos por menores que fossem. Lembrou que tinha prometido a Lucille que a veria essa noite, mas o Imperador havia mudado esses planos. Tinha que lhe escrever uma carta. Também precisava comer e dormir. Esgotado, apoiou a cabeça na sela e escutou a crescente violência da chuva.

— Deixe que eu faço — insistiu Harper. Sharpe obedeceu. A cozinha estava repleta de criados dos oficiais e fedia com o cheiro dos uniformes que estavam secando pendurados em qualquer prateleira ou gancho disponível.

Sharpe abriu passagem pelo cômodo e saiu no corredor que havia além. Procurava por Rebecque, porque queria lhe pedir uma pena emprestada e um pouco de tinta.

— Ele o está procurando — disse uma voz feminina da escada acima de Sharpe.

Sharpe se surpreendeu ao ver Paulette, a pequena do príncipe, inclinada sobre o corrimão.

— O que faz aqui? — perguntou.

— Ele queria que estivesse aqui. Mas esteve perguntando pelo senhor a tarde toda. Está bêbado.

— Muito?

— Só alegre. Como de costume.

— Que vá à merda — disse Sharpe em inglês. Abriu uma porta ao acaso de um empurrão e se viu em uma sala na qual se apinhavam os membros do estado-maior do príncipe. Sentiram-se incômodos ao verem Sharpe, ao que se imaginavam como um filho pródigo que voltava para casa para obter o perdão do príncipe. Só Doggett deu as boas-vindas ao fuzileiro, além de ceder-lhe sua cadeira e se oferecer para servir a Sharpe um copo de vinho. A cadeira estava perto do fogo frente ao qual, assim como na cozinha, havia pendurados alguns grossos abrigos de lã para que secassem e que enchiam o aposento com um vapor fedorento. — Onde está Rebecque? — perguntou Sharpe para a sala.

— Com sua alteza real — respondeu Doggett. — Vinho tinto?

— O que desejaria de verdade — Sharpe desabou na cadeira — era uma xícara de chá.

Doggett sorriu.

— Eu me encarregarei disso, senhor.

Sharpe estirou as pernas e se estremeceu quando a velha ferida da coxa lhe provocou uma pontada de dor que lhe subiu até a anca. Perguntou-se se algum dia voltaria a ficar seco. Sabia que tinha que pedir ou tomar emprestado um pouco de papel de carta e escrever uma rápida carta para Lucille, mas estava cansado demais para se mover.

— Sharpe! — A porta havia aberto e o rosto intelectual de Rebecque esquadrinhou a sala iluminada pela luz das velas. — Está aqui! Sua alteza gostaria de trocar umas palavras com você.

— Agora?

— Por favor? — Sharpe deu um grunhido, fez uma careta e se levantou lentamente.

— Posso comer algo, Rebecque?

— As ordens reais não se adiam por causa da fome. — Rebecque pegou Sharpe pelo cotovelo e o levou para as escadas. — E lembre-se de minhas advertências, certo? Tenha tato!

Rebecque conduziu Sharpe para o piso de cima, onde, sem nenhuma cerimônia, o fez entrar no dormitório onde o Príncipe estava escrevendo cartas em uma pequena mesa. O Príncipe usava uma grossa bata de lã e tinha uma garrafa de conhaque junto ao cotovelo direito. Não respondeu a chegada de Sharpe, em lugar disso se concentrou em formar um charco com gotas de lacre sobre uma de suas cartas. Centralizou seu anel de selo com cuidado e o apertou na cera.

— Sempre me dá a impressão de que vou queimar meus dedos com o lacre.

— Sua alteza poderia comprar obreias engomadas — sugeriu Rebecque.

— Detesto as coisas ordinárias. — O Príncipe soltou o que anel e voltou seus olhos glaucos para Sharpe. — Achei que tinha lhe ordenado usar.

Tato, disse Sharpe para si, tato.

— Está secando, senhor.

— Penso que nossos soldados têm direito de ver os oficiais vestidos adequadamente. Não concorda, Rebecque?

— Completamente, sua alteza. — O Príncipe se serviu um pouco de conhaque. Pareceu que hesitava, como se estivesse deliberando se oferecia uma taça para o chefe do estado-maior e para Sharpe, mas decidiu que sua própria necessidade era mais urgente e se limitou a encher a única que tinha.

— Viu o campo de batalha de amanhã, Sharpe? — Sharpe havia esperado alguma referência a sua altercação em *Quatre Bras* e teve que ocultar sua surpresa ante a pergunta.

— Sim, senhor.

— E então? — perguntou o Príncipe com uma arrogante inclinação de sua estranhamente pequena cabeça.

— Vai servir — disse Sharpe laconicamente.

— Vai servir? É um lugar ridículo para combater! Uma estupidez. Não será culpa minha se amanhã ocorrer um desastre! — O Príncipe se levantou e começou a caminhar de um lado para o outro pelas tábuas do piso. Em um canto do quarto havia um balde de madeira para recolher a água que caía de uma goteira do telhado. A chuva vibrava e golpeava nas janelas. O Príncipe, que tinha o cenho franzido ante seus pensamentos, de repente se dirigiu a Sharpe de forma acusadora. — Examinou o flanco aberto da direita?

— Não, senhor.

— Está muito exposto! Muito exposto! Amanhã Napoleão dobrará esse canto em um vapt-vupt e depois derrubará a todos como se jogasse boliche. Eu disse ao duque! Não disse? — O Príncipe lançou um olhar furioso para Rebecque.

— Suas opiniões foram energicamente transmitidas para sua excelência, senhor.

— E não há dúvida de que não as levou em conta. — O Príncipe soltou uma risada sardônica como para sugerir que, assim como todos os gênios, estava acostumado a que ignorassem seus conselhos. — Amanhã, Sharpe, vamos impedir a tragédia.

— Muito bem, senhor.

— Sharpe percebeu de repente que seu empapado uniforme gotejava sobre o piso do quarto. Estava congelado de frio e se aproximou um pouco do pequeno fogo de carvão que esquentava o dormitório do príncipe.

Este, esquecendo-se, ao que parece, da ameaça sobre o flanco direito do campo de batalha, deteve seus passos e sinalizou para Sharpe com sua taça de conhaque.

— Sabe por que desejava particularmente sua presença em meu estado-maior?

— Não, senhor.

— Porque tem fama de ser audaz. Isso me agrada em um homem, Sharpe, me encanta! — O Príncipe começou a andar de novo, com sua pequena cabeça inclinada sobre seu pescoço comprido e ridiculamente magro. — Eu fui educado como um soldado, não foi, Rebecque?

— De fato, sua alteza.

— Educado, Sharpe! Pense nisso! Toda uma vida dedicada ao estudo da guerra, e quer que lhe diga qual foi a única lição que aprendi acima de todas as outras?

— Gostaria de saber, senhor. — Sharpe admirou sua própria impostura diplomática, especialmente porque o Príncipe só tinha vinte e três anos e Sharpe tinha vinte e dois combatendo como soldado.

— A audácia vence.

O Príncipe confiou aquele conselho como se fosse um segredo guardado durante gerações.

— A audácia vence, Sharpe. Audácia, audácia, audácia!

Só o que Sharpe queria era se secar, comer, deitar e dormir, mas em lugar disso consentiu

diligentemente a cabeça.

— Eu acredito, senhor!

— Frederico, o Grande disse uma vez que o maior delito da guerra não é tomar a decisão errada, mas não tomar nenhuma.

O Príncipe voltou a fazer um gesto para Sharpe com a taça de conhaque. — Deveria recordar deste axioma, Sharpe!

Sharpe nem sequer sabia o que era um axioma, mas consentiu respeitosamente.

— Farei, isso senhor.

— Há ocasiões nas quais um oficial pode considerar errônea a decisão de um superior — o Príncipe aludia sem dúvida a seu comportamento em *Quatre Bras*, mas com tanta delicadeza que Sharpe, cansado como estava, quase não percebeu —, mas dito oficial deveria ficar grato que seu superior tenha tido a audácia de tomar alguma decisão. Não é verdade? — O Príncipe lançou um olhar para Sharpe, que se limitou a mover a cabeça afirmativamente.

Rebecque se apressou a oferecer ao príncipe o requerido assentimento verbal.

— É muito verdade, senhor, muito verdade. — O Príncipe, ressentido pela falta de resposta de Sharpe, ficou diante do fuzileiro, muito perto dele.

— Penso também que o mínimo que posso esperar de meu estado-maior é lealdade. Não é assim? Lealdade? — A palavra saiu com uma baforada que fedia a conhaque.

— Certamente, senhor — disse Sharpe. — Rebecque se aclarou a garganta.

— O coronel Sharpe já me expressou suas mais sinceras desculpas por ter desagradado sua alteza. Também me há assegurado sua lealdade por sua alteza. Não é verdade, Sharpe? — Fez a pergunta ao fuzileiro quase entre os dentes.

— De fato, senhor. — Sharpe havia recorrido a seus antigos modos de sargento, dizendo simplesmente o que um oficial queria ouvir. Sempre era fácil contentar aos oficiais vaidosos com uma sucessão de “sim”, “não” e “certamente”.

O príncipe, intuindo talvez que já havia conseguido toda a vitória que poderia naquela noite, sorriu.

— Agradeço que estejamos de acordo, Sharpe.

— Sim, senhor. — O Príncipe voltou para sua cadeira e se sentou devagar, como se a responsabilidade da Europa recaísse sobre seus frouxos e magros ombros.

— Quero que amanhã se localize no flanco direito, Sharpe. Você será meus olhos. Quando vir qualquer movimento pelo flanco por parte dos franceses terá que me informar.

— Certamente, senhor.

— Muito bom, muito bom. — O Príncipe sorriu para demonstrar que tudo estava perdoado, depois olhou para Rebecque. — Tem um uniforme holandês de reserva, Rebecque?

— Claro que sim, sua alteza.

— Ofereça-o ao coronel Sharpe, por gentileza. Use-o amanhã, Sharpe, ouviu?

— Perfeitamente, senhor.

— Então, até amanhã. — O Príncipe lhes deu boa noite com um movimento de cabeça. — E... Rebecque. Mande entrar minha costureira, pode ser?

Com diligência, Rebecque fez Paulette entrar no quarto do príncipe e depois acompanhou Sharpe pelo pequeno patamar para seu próprio dormitório, onde lhe deixou escolher entre alguns uniformes que tinha em um baú de viagem.

— Guarde-os — disse Sharpe.

— Meu caro Sharpe...

— Durante dez anos combati com os malditos franceses com esta casaca, Rebecque. — A interrupção de Sharpe denotou ressentimento. — Não estava aprendendo a combater nuns condenados livros na maldita Universidade de Aton, eu estava matando esses filhos da puta. Comecei a matar franceses quando esse pequeno sacana ainda mijava nas calças.

Cheio de ira e frustração, Sharpe deu um soco na parede que rompeu o reboco e ripas deixando um buraco irregular.

— E por que diabos me quer em seu estado-maior, pra que tudo isto? Não tem gente para cortar sua comida? — Rebecque soltou um suspiro de resignação.

— Você tem reputação, Sharpe, e o Príncipe a necessita. Sabe que cometeu um erro. O exército inteiro sabe. Você acha que Halkett não se queixou amargamente ao duque? Portanto, o Príncipe necessita que os soldados vejam que você está do seu lado, que o apóia, e que inclusive o respeita! Por isso quer que use seu uniforme. Afinal de contas, você não está lotado em um regimento britânico, como Harry ou Simon, aliás ele o escolheu pessoalmente! E agora, por favor, pegue uma casaca e ponha-a amanhã.

— Ou luto com o verde dos fuzileiros, Rebecque, ou não vou entrar em combate. E que diabos faço no flanco direito?

— Mantém-se afastado dele, Sharpe. Estará lá para que não possa causar problemas. Ou preferiria passar toda a batalha preso à saia de sua alteza?

Sharpe esboçou um sorriso.

— Não, senhor.

— Pelo menos estamos de acordo em algo. Não é que o Príncipe possa fazer muito estrago amanhã. Wellington dissolveu o corpo, portanto sua alteza não tem um comando verdadeiro, ainda que, imagino, encontrará algo para fazer. Normalmente o faz. — Rebecque parecia nostálgico, mas depois sorriu — Já comeu?

— Não, senhor.

— Parece estar moído. — Rebecque, que obviamente percebeu que o inglês não ia se render naquela batalha pelo uniforme, fechou o baú de viagem. — Vamos, procurarei algo de comer.

O relógio do saguão deu as onze. Sharpe, que sabia que devia estar na colina antes do amanhecer, deixou instruções para que o chamassem às duas e meia e levou o pão e o cordeiro frio que Rebecque dera para os estábulos, onde Harper havia separado um monte de palha relativamente seca para servir de cama.

— E então, como estava sua alteza? — perguntou o irlandês.

— Tão cheio de merda como um ovo podre. — Harper soltou uma gargalhada.

— E amanhã?

— Sabe Deus, Patrick. Acho que amanhã enfrentaremos o imperador.

— Não é má ideia.

— Mas você tem que se manter afastado do perigo, Patrick.

— E ficarei! — exclamou Harper, indignado, como se a advertência de Sharpe lhe recordasse sua esposa.

— Ontem não se manteve longe.

— Ontem! Ontem nenhum daqueles sacanas se aproximou de mim! Mas amanhã me mantereí a salvo, não se preocupe.

Ficaram em silêncio. Sharpe pôs a capa úmida sobre o uniforme encharcado e escutou o som da chuva golpeando contra os paralelepípedos do pátio. Pensou nos terríveis temores de Peter D'Alembord e se lembrou de seu próprio terror em Toulouse, e se perguntou por que dessa vez não estava sendo afetado da mesma maneira. Só de pensar sentiu medo, medo de que aquela falta de terror fosse em si mesmo um presságio de desastre; contudo, afundado na escuridão e escutando o ruído que dos cavalos se movendo pesadamente atrás de seu leito, Sharpe não sentiu nenhum terror pelo dia seguinte. Tinha curiosidade de como era combater contra o Imperador e estava tão inquieto como qualquer outro soldado, embora não sofresse daquele terror com efeito laxante que atormentava d'Alembord.

Escutou o som da chuva e se perguntou como terminaria o dia seguinte. Amanhã à noite, pensou, se acharia em plena retirada para a costa, teria sido aprisionado, ou talvez inclusive estivesse marchando para o sul em perseguição de um inimigo derrotado. Recordou-se do triunfo em Vitória, que havia feito com que os franceses corressem da Espanha, e de como Harper e ele haviam cavalgado, depois da batalha, por aquele campo de ouro e jóias. Aquele fora uma resposta às orações de soldado: Deus enviava um inimigo rico e não uma faca de cirurgião.

Lucille estaria preocupada esperando notícias. Sharpe fechou os olhos e tentou dormir, mas não conseguia. O ombro e a perna doíam muito. Harper já dormia, e dava fortes roncos junto à porta. Sob o arco do pátio do estábulo, o sentinela dava chutes no piso. A perfumada fumaça de sua pipa de cerâmica chegava ao estábulo e ajudava a evitar o fedor do monte de esterco molhado empilhado na parte de trás do pátio. No piso de cima, no quarto do príncipe, se apagou uma vela e a casa ficou na escuridão. Os relâmpagos cintilavam silenciosos por cima dos telhados nos quais a chuva golpeava, quicava e escorria entre as telhas.

Nas colinas gêmeas, a uns cinco quilômetros ao sul, dois exércitos tentavam de dormir sob o aguaceiro. Envolviam-se em sobretudos para conseguir um pouco de calor, mas o conforto era ilusório pois há muito tempo a chuva havia empapado até os últimos pontos de sua roupa. A maioria das fogueiras estavam extintas e o pouco combustível que poderia alimentá-las estava sendo reservado para esquentar a água do chá da manhã seguinte.

Poucos soldados realmente dormiram, muitos fingiram fazê-lo. Alguns permaneceram sentados nas pequenas cercas, aferrando-se à sua infelicidade durante as horas de escuridão. Os piquetes localizados nos sopés dianteiros das colinas tremiam, enquanto que nos traseiros, onde as plantações já haviam sido pisoteadas até ficarem convertidas em um lamaçal, os soldados estavam deitados em sulcos que haviam se tornado torrentes d'água. Uns poucos homens que renunciaram o sono, estavam sentados sobre suas mochilas e conversavam em voz baixa. Alguns cavalos britânicos se liberaram, pois as estacas onde estavam presos se soltaram do solo molhado, e, assustados com os distantes relâmpagos azuis como o gelo, atravessaram os acampamentos galopando como loucos. Os soldados maldisseram e se afastaram a toda pressa da ameaça daqueles cascos aterrorizados, então os cavalos saíram estrepitosamente para o amplo vale, que estava escuro e vazio debaixo da terrível tormenta.

Nas três granjas na frente da colina ocupada pelos britânicos, as guarnições dormiam resguardadas por sólidos telhados. Os sentinelas olhavam detalhadamente para a chuva das janelas das granjas. Uns poucos soldados, ansiosos para encontrar algum augúrio que dissesse o que o futuro lhes reservava, recordaram a tradição de vitórias britânicas que seguiram a grandes temporais. Em *Agincourt*, os soldados, superados em número e enfrentando um enorme e poderoso exército francês, tinham se encolhido de forma similar, como animais, debaixo de uma tormenta que havia retumbado pelo céu noturno antes do início de sua batalha, e agora uma nova geração de antigos inimigos escutava as sacudidas e o açoite dos trovões pelo céu noturno que se partia em dois com os demoníacos raios de pungente luz.

Os piquetes britânicos tremiam. O exército francês estava acampado junto à colina sul, os fogaréus do inimigo tinham se apagado há pouco tempo e as únicas luzes que se avistavam na linha inimiga eram duas fracas manchas amarelas que indicavam as janelas das tabernas iluminadas pela luz de velas. Mesmo aquelas luzes empalideciam e em ocasiões ficavam ocultas pelo mero volume da chuva. Os piquetes tinham a impressão de que o aguaceiro nunca cessaria. Era um dilúvio apropriado para o fim do verão, uma chuva que martelava e varria tudo ante o vento para empapar os campos, derramar-se pelos sulcos do campo, inundar as valas, esmagar as plantações e inundar os caminhos das granjas. Era uma loucura de vento e água, açoitando na escuridão para trazer infelicidade para um campo que, por ficar entre duas colinas, estava destinado a sofrer ainda mais na manhã seguinte.



# **QUARTO DIA**

**Domingo, 18 de junho de 1815.**

# Capítulo 13

Durante a noite parou de chover.

Às quatro da manhã, a alvorada revelou a neblina no vale, agitada por um vento úmido que soprava em rajadas. Rapidamente a bruma ficou mais espessa devido à fumaça das novas fogueiras acesas pela manhã. Os trêmulos soldados saíram do barro como cadáveres que voltavam à trêmula vida. Aquele longo dia havia começado. Era um dia de pleno verão do norte e o sol não ia se pôr durante outras dezessete horas.

De ambos os lados daquele vale pouco profundo, os soldados desataram os trapos que haviam protegido o mecanismo de seus mosquetes e tiraram as rolhas das bocas de suas armas. Os sentinelas sacaram raspando a substância lodosa, úmida e cinzenta, que fora a escorva de suas caçoletas e trataram de esvaziar a carga principal com um nova pitada de escorva. Tudo o que conseguiram foi um lampejo na caçoleta, era sinal que a pólvora do cano estava molhada. Podiam tirar a bala com uma punção ou seguir queimando cevagem nova na arma até que dentro da chaminé secasse pólvora suficiente para que pudesse se acender. Um a um, os mosquetes estouraram e o ruído repercutia sem muito entusiasmo por aquele vale pouco profundo.

Em Waterloo, os membros do estado-maior e demais oficiais se levantaram muito antes da alvorada. Seus cavaliários selaram os cavalos e depois, como homens que se dirigem cavalgando para seus negócios, tomaram o caminho sul através do escuro e empapado bosque.

Sharpe e Harper se encontravam entre aqueles que saíram primeiro. O Príncipe nem sequer havia se levantado da cama quando Sharpe subiu lentamente em sua sela e colocou o fuzil no coldre. Usava sua casaca verde de fuzileiro sob a capa que Lucille lhe dera e montava a égua que já tinha se recuperado de seu longo dia de reconhecimento pelos arredores de Charleroi. Sua roupa estava úmida e as coxas doloridas de tantos dias sobre a sela. O vento soprava gotas de água dos telhados e árvores quando ele e Harper giraram para o sul pela rua da aldeia.

— Hoje vai cumprir sua promessa? — Sharpe perguntou a Harper.

— Você é tão ruim quanto Isabel! Que Deus salve a Irlanda, mas se quisesse que outra pessoa fosse minha consciência teria arranjado uma esposa aqui para que me atormentasse.

Sharpe sorriu abertamente.

— Sou eu que terei que dar a notícia de sua morte, portanto vai cumprir o prometido?

— Não tenho a intenção de morrer ainda, então eu vou manter a minha promessa.

— Contudo, Harper estava vestido e equipado para a batalha. Usava sua casaca de fuzileiro, sua espingarda de sete canos em um ombro e seu fuzil no outro. Ambos haviam deixado suas mochilas no alojamento do príncipe e nenhum dos dois havia se barbeado. Cavalgavam para a batalha com o aspecto de foragidos.

Quando se aproximavam de *Mont-Saint-Jean* ouviram um som como o de um enorme mar se arrastando sobre uma praia em declive. Era o rumor de milhares de homens falando, de galhos úmidos ardendo, do estouro de mosquetes sendo escorvados e o sussurro do vento entre os esticados e úmidos talos de centeio. Era também um som estranhamente inquietante. O ar cheirava a relva molhada e fumaça úmida, mas pelo menos as nuvens do dia anterior haviam se dissipado o suficiente para que se visse o sol em forma de um pálido resplendor de peltre atrás de um vapor turvo que se adensava com a fumaça das fogueiras dos acampamentos.

Havia um ritual que Sharpe tinha que fazer. Antes de cavalgar até o cume da colina, encontrou um armeiro da cavalaria perto da borda do bosque e lhe estendeu sua enorme espada.

— Converta-a em uma lâmina de barbear — ordenou. O armeiro acionou o pedal de sua roda e roçou a pedra de afiar na lâmina da espada, de maneira que faíscas como diamantes esmagados saltaram do aço. Em seu fio dianteiro a espada tinha alguns entalhes muito profundos que as sucessivas afiações não tinham podido apagar. Sharpe, observando as faíscas, nem sequer podia recordar que inimigos que haviam feito aqueles profundos dentes no aço. O armeiro virou a espada para afiar a ponta. Os soldados da cavalaria britânica eram ensinados a desferir mais cortes e talhos do que estocadas, mas a sabedoria dizia que a ponta sempre era melhor que o fio. O armeiro afiou alguns centímetros do extremo do dorso da lâmina e depois suavizou seu trabalho no grosso avental de couro.

— Como nova, senhor.

Sharpe deu um xelim ao homem e deslizou a afiada espada em sua bainha. Com um pouco de sorte, pensou, nem sequer teria que desembainhá-la em toda a jornada.

Os dois fuzileiros seguiram cavalcando através do acampamento. As carroças de suprimento do batalhão não haviam chegado, de maneira que ia ser um dia de fome, mas não seria um dia seco, pois ao que parece os intendentess haviam trazido rum do depósito em Bruxelas. Os homens lançaram gritos de entusiasmo enquanto se transportavam penosamente os barris pelo solo empapado. Um jovem tambor esticou a molhada pele de seu instrumento deu alguns golpezinhos para prová-lo. Junto dele, um corneta esvaziava a água de chuva que havia entrado em seu clarim. Nenhum dos dois meninos teria mais de doze anos. Sorriram quando Sharpe lhes falou em gaélico e o tambor respondeu no mesmo idioma. Eram garotos irlandeses do 27º, os *Inniskillings*.

— Têm bom aspecto, né? — Harper indicou com orgulho seus compatriotas, que para dizer a verdade mais pareciam demônios cobertos de barro, mas que, assim como todos os batalhões irlandeses, podiam lutar como demônios.

— Sim, têm uma boa aparência — consentiu Sharpe com fervor. Pararam no ponto mais alto da colina, onde ficava o olmo junto à vala da estrada que se estendia para o norte e para o sul. À esquerda de Sharpe, uma bateria de cinco canhões de nove libras e um morteiro estavam se preparando para a jornada. As cargas para a munição disponível estavam dispostas sobre pedaços de lona perto dos canhões; as cargas eram sacos de um tecido

cinzento que continham a pólvora necessária para lançar uma bala de ferro ou uma granada. Perto das cargas estavam os projéteis (balas ou granadas), atados a discos de madeira que se apertavam contra os sacos de tecido dentro dos tubos dos canhões. Os artilheiros recheavam potes de metralha, que não eram outra coisa além de latas tubulares cheias de balas de mosquete. Quando se disparavam, os finos potes de lata estouravam e dispersavam as balas de mosquete como se fossem gigantes rajadas de uma espingarda de caça. Junto aos canhões estavam as ferramentas do ofício dos soldados de artilharia: correntes, saca-trapo, varetas, esponjas, baldes, cunhas, atacantes, sovelas, mechas e alavancas. Os canhões tinham um aspecto cruamente tranquilizador, mas Sharpe se recordou de que a artilharia francesa teria a mesma aparência eficiente e era provável que se apresentasse no campo de batalha em maior número.

O fogo das fogueiras do acampamento inimigo se estendia como uma suja e baixa neblina sobre o horizonte.

Sharpe viu um punhado de cavaleiros perto da pousada, mas além disso, o inimigo estava oculto. No vale propriamente dito havia zonas onde o alto centeio havia sido esmagado pela chuva que deixara os campos com aspecto de padecer de alguma estranha e escabrosa doença.

Alguns fuzileiros tinham se posicionado a uns duzentos passos caminho abaixo para o vale, justo em frente da grande *La Haye Sainte*. Sharpe e Harper se aproximaram ao trote daqueles casacas-verdes que ocupavam um areal à esquerda do caminho, enquanto que a granja situada à direita era guarnecida por soldados da Legião Alemã do Rei.

— Uma noite ruim? — perguntou Sharpe ao sargento dos casacas-verdes.

— Já tivemos piores, senhor. O senhor é o senhor Sharpe não?

— Sou.

— É bom saber que está aqui, senhor. Quer uma xícara de chá?

— O substituto habitual?

— Isso não muda nunca, senhor. — O substituto era um chá barato que se rumorejava que era feito de folhas de freixo maceradas com esterco de ovelha. O gosto era ainda pior do que sua alegada receita sugeria, mas qualquer líquido quente era bem-vindo naquela fria e úmida manhã. O sargento deu a Sharpe e a Harper uma xícara de lata a cada um e depois ficou olhando através da penumbra do amanhecer para a colina ocupada pelo inimigo.

— Imagino que o Monsieur começará cedo o baile. — Sharpe consentiu com a cabeça.

— Eu o faria se me encontrasse em seu lugar. Tem que lidar conosco antes da chegada dos prussianos.

— Então eles virão, senhor? — O tom do sargento mostrou que mesmo aquelas excelentes tropas eram conscientes da precária situação dos britânicos.

— Eles virão. — Sharpe ainda não tivera nenhuma notícia oficial dos prussianos, mas na noite anterior, Rebecque tinha plena confiança de que Blücher marcharia ao amanhecer.

De repente o sargento se virou rapidamente, demonstrando com isso que tinha olhos na

nuca.

— Aqui não, George Cullen, seu sacana seboso! Vá fazer isso no maldito campo! Não queremos andar o dia todo tropeçando em sua merda! Mova-se!

Um grupo de oficiais dos casacas-verdes havia se reunido junto a um pote de metralha vazio que tinham enchido de água quente para seu barbeado matutino. Um daqueles homens, um major alto, cadavérico e grisalho, era estranhamente familiar para Sharpe, mas não pôde localizar nem seu rosto nem seu nome.

— Aquele é o major Dunnett — disse o sargento a Sharpe. — Foi designado para este batalhão no ano passado, senhor. O pobre cavalheiro teve a desgraça de permanecer prisioneiro durante a maior parte da última guerra.

— Agora me recordo. Sharpe esporeou a égua para que se aproximasse do grupo de oficiais, Dunnett, ao levantar a vista, cruzou com seu olhar e o fixou com aparente assombro. Então Dunnett sacudiu o sabão de sua navalha de barbear e foi ao encontro de Sharpe. Viram-se pela última vez durante a desastrosa retirada por *La Corunha*, quando Dunnett comandava meio batalhão de casacas-verdes e o tenente Sharpe era seu intendente. Dunnett detestava Sharpe com um ódio irracional e impossível de erradicar. Da última vez que Sharpe vira seu antigo major foi quando os dragões franceses capturaram Dunnett enquanto Sharpe tivera que pôr-se a salvo desesperadamente e a duras penas com um grupo de fuzileiros. Dunnett, que teve sua promoção vetada por causa de seus cinco anos na prisão, continuava sendo major, enquanto Sharpe, seu antigo intendente, o superava em posto.

— Olá, Dunnett. — Sharpe freou seu cavalo.

— Mas é o tenente Sharpe, tão certo como vivo e respiro! — Dunnett deu alguns golpezinhos na cara para secá-la. — Soube que havia sobrevivido e prosperado, ainda que duvide que continue sendo tenente. Ou mesmo intendente.

— Um tenente-coronel holandês, o que não acho que tenha muita importância. Alegra-me vê-lo de novo.

— Muito amável de sua parte. — Dunnett, claramente incômodo com o cumprimento de Sharpe, afastou o olhar e viu Harper que continuava falando com o sargento. — Aquele fuzileiro é? — Perguntou Dunnett com incredulidade.

— É o ex-fuzileiro Harper. Fez trapaceou para sair do Exército e agora quer voltar para vê-lo combater.

— Achei que estava morto faz muito tempo. Sempre um pilantra. — Dunnett era tão magro que dava pena, com rugas profundas que sulcavam seu rosto de ambos os lados de seu bigode grisalho. Voltou a olhar para Sharpe. — E você também, me equivoquei ao julgá-lo.

Era uma magnífica retratação. Sharpe tentou diminuir-lhe a importância e falou como tinha sido horrível a retirada de *La Corunha*; uma experiência terrível que havia azedado o caráter e os modos dos soldados até que ficaram resmungando uns para os outros como cachorros raivosos. — Foram maus tempos — concluiu. — E hoje não promete ser muito melhor. É verdade que todo o exército de Boney está aqui?

— A maior parte, pelo menos. — Sharpe supôs que Napoleão havia mandado alguns soldados para manterem os prussianos ocupados, mas as abundantes fogueiras por todo o vale evidenciavam que quase todo o exército Francês se encontrava agora reunido frente aos homens de Wellington.

— Malditos sacanas, mas não importa quantos sejam. — Dunnett abotoou sua camisa e pôs a casaca verde —, voltarão a me prender.

— Passou muito mal?

— Não, até foi civilizado. Tínhamos o armistício de Verdún, mas se não tivesse dinheiro era um duvidoso privilégio. Acho que preferiria morrer a voltar a ver essa maldita cidade. — Dunnett se virou para olhar a vazia vertente da colina francesa na qual o único movimento era o do vento que balançava o úmido centeio naquelas zonas onde ainda estava de pé. Ficou olhando fixamente para lá alguns segundos e depois se virou para Sharpe. — De uma forma estranha, alegra-me vê-lo de novo. Não restam muitos sobreviventes daquele batalhão. Soube que estavam em Nova Orleans?

— Sim.

— Foram massacrados — disse Dunnett com amargura. — Por que nomeiam alguns idiotas gerais?

Sharpe sorriu. — Acho que não achará o duque um idiota.

— É o que todo mundo me diz, e esperemos que seja verdade. Hoje quero ter a oportunidade de matar alguns franchinotes. Tenho contas pendentes com os condenados franceses. — Dunnett riu como para atenuar o ódio que havia delatado e estendeu a mão. — Permita-me lhe desejar o melhor neste dia, Sharpe.

Sharpe baixou o braço e pegou a mão de seu antigo inimigo.

— Desejo o mesmo a você, Dunnett. — Pensou que era estranho que os homens fizessem as pazes antes de ir à guerra, e ainda pareceu mais estranho quando Dunnett, com aparente orgulho, apresentou Sharpe aos demais oficiais. Aqueles fuzileiros se achavam cruelmente expostos muito distantes da colina, porém, desde que os alemães seguissem ocupando os edifícios das granjas, os casacas-verdes teriam assegurado seu fogo de apoio.

— Melhor aqui que lá. — Um capitão apontou para o flanco esquerdo onde uma reentrância, pouco profunda, perfurava e aplanava a colina britânica, e onde um batalhão de tropas belgas e holandesas se encontrava à plena vista do inimigo. O restante da infantaria de Wellington se achava oculta atrás da colina abrigada atrás dos grossos muros das granjas, mas o único batalhão belga-holandês se achava terrivelmente exposto. Não havia dúvida que se tinha que colocar ali algumas tropas para bloquear a perigosa reentrância, mas depois do desastre em Quatre Bras, parecia inútil esperar que os belgas permanecessem em seu lugar e lutassem.

— Talvez o duque queira que aqueles sacanas saiam correndo logo. Não tem sentido alimentar a escória que não vai combater. — Cinco anos de encarceramento não conseguiram embotar a afiada língua de Dunnett.

Sharpe se despediu e voltou com Harper cavalgando para a colina.

— Que estranho me encontrar de novo com Durmett! — disse Sharpe, e se virou para olhar a vazia colina francesa enquanto pensava nos soldados daquele distante exército aos quais conhecia. Contava um ou dois daqueles homens entre seus amigos, e, contudo, naquele dia teria que lutar contra eles.

Uma vez na crista da colina, Sharpe e Harper mudaram de rumo e se dirigiram para o oeste, para o flanco direito britânico que o Príncipe de Orange considerava vulnerável. Alguns batalhões já se achavam em formação atrás do cume. Os Voluntários do Príncipe de Gales formavam um quadrado oco no qual se alinhavam de cara para o interior, olhando para o capelão, que procurava se fazer ouvir acima do som do vento e do burburinho das vozes dos outros batalhões. Harper viu que D'Alembord tinha a cabeça inclinada e aparentava estava rezando, ainda que fosse mais provável que estivesse absorto, justo atrás dos Voluntários do príncipe de Gales, um batalhão da infantaria da Legião Alemã do Rei cantava um salmo. As vozes dos hanoverianos eram fortes e cheias de emoção, pelo que Sharpe teve a repentina e culpada impressão de estar escutando às escondidas um momento muito particular.

— Hoje é domingo, é isso — disse Harper com um quê de surpresa antes de fazer o sinal da cruz sobre a casaca de seu uniforme.

Na crista da colina, um alegre e avermelhado oficial de artilharia galopava de uma bateria de canhões para outra.

— Não podem se permitir abrir fogo para contra-atacar as baterias inimigas. Reservarão a pólvora para a infantaria e a cavalaria! Não dispararão nos canhões inimigos, mas unicamente em sua infantaria e cavalaria! Bom dia, Freddy! — Levantou a mão para cumprimentar um amigo que ao que parece comandava uma das baterias. — Graças a Deus que parou de chover, hein? Dê meus cumprimentos a sua encantadora esposa quando escrever para casa. Não devem se permitir abrir fogo para contra-atacar as baterias inimigas, reservarão a pólvora...! — sua voz se perdeu atrás de Sharpe e Harper quando estes seguiram cavalgando para o oeste.

— Nunca vira tantos canhões juntos — comentou Harper. A cada poucos metros havia outra bateria de canhões de nove libras enquanto que, atrás da colina, os mortíferos obuses de cano curto esperavam na reserva.

— Pode apostar seu último meio penique que Napoleão tem mais canhões que nós — disse Sharpe em tom grave.

— De toda forma, seria uma carnificina se os franchinotes avançassem direto pelo vale.

— Talvez não o façam. O garotinho holandês acredita que talvez deem a volta e se aproximem por este extremo de nossa linha. — Sharpe falou azedamente, ainda que na realidade o temor do príncipe mostrasse uma preocupação genuína e inteligente, e então, temendo que o Imperador já tivesse avançado e que os franceses pudessem lançar um ataque surpresa pelo flanco direito britânico, esporeou sua égua para seguir em frente.

Parou na colina acima do castelo de Hougoumont. Dali se dominava a zona sudeste, mas não havia sinais de movimento naquela manhã cinzenta. Um punhado de piquetes de cavalaria

da Legião Alemã do Rei permaneciam tranquilamente nos campos, o que demonstrava que os franceses não haviam avançado. O castelo em si era um ferredouro de ruído enquanto os membros da Guarda de Coldstream, que constituíam sua guarnição, terminavam seus preparativos. Sharpe distinguiu o ruído das picaretas que abriam ainda mais frestas nas grossas paredes da casa e dos celeiros. Um grupo de cavaleiros galopava pela crista da colina. Os cascos dos cavalos levantavam grandes pedaços de barro e água do solo encharcado. O cavaleiro na frente era o Príncipe de Orange que, ao ver Sharpe, ergueu uma mão para saudá-lo e deu uma brusca virada para se dirigir para os dois fuzileiros. O Príncipe estava elegantemente vestido com uma casaca com passamanes de ouro e debruada com pele negra.

— Levantou-se cedo, Sharpe!

— Sim, senhor.

— Nenhum movimento pelo flanco?

— Não, senhor. — De repente o Príncipe percebeu Sharpe ainda usava sua casaca verde de fuzileiro debaixo da capa. Claramente ficou tentado a dizer algo, mas estava igualmente claro que temia um ato de descarada desobediência que evidenciaria sua própria falta de autoridade principesca, portanto, em lugar de dizer algo, franziu o cenho e ficou olhando para o vulnerável flanco aberto, onde cavaleiros alemães estavam quietos como estátuas nos campos inundados.

— O Imperador virá por ali. Pode estar seguro disso.

— Certamente, senhor — disse Sharpe.

— Um ataque pela nossa direita cortaria nossa passagem para o mar do Norte e afastaria os franceses dos prussianos, Sharpe, isso é o que faria, e esse é o motivo pelo qual o Imperador atacará por aqui. Até um menino poderia deduzi-lo! É uma perda de tempo colocar canhões na colina. Terão que trazê-los todos até este flanco e quando forem dadas as ordens para que o façam será um caos. Mas pelo menos estaremos preparados para a jogada!

— Os prussianos virão, senhor? — perguntou Sharpe. O Príncipe franziu o cenho como se aquela pergunta o exasperasse.

— Virão. — Respondeu a contragosto. — Blücher disse que dois de seus corpos estarão aqui ao meio-dia e que um terceiro virá em seus calcanhares. A mensagem chegou há poucos minutos.

— Graças a Deus! — exclamou Sharpe com fervor. O Príncipe, que já estava incomodado por Sharpe não ter vestido o uniforme holandês, se irritou ante o evidente alívio do fuzileiro.

— Não acredito que devamos ficar muito agradecidos, coronel Sharpe. Creio que podemos vencer esses diabos sem uns poucos alemães, não é verdade, Rebecque?

— Claro que sim, sua alteza. — Disse Rebecque com muita diplomacia, montado em seu cavalo justo ao lado do príncipe.

— Podemos vencê-los desde que mantenhamos este flanco. — O Príncipe virou seu



cavalo para o castelo. — Portanto monte guarda aqui, Sharpe! O futuro da Europa pode depender de sua vigilância!

O príncipe gritou as últimas magníficas palavras ao mesmo tempo em que esporeava seu cavalo e descia pelo caminho da granja que conduzia da colina ao castelo. Rebecque esperou uns segundos até que o séquito de seu senhor não podia ouvi-lo e acrescentou umas palavras de advertência.

— Os caminhos estão muito barrentos, pelo que não acredito que os prussianos cheguem até primeira hora da tarde.

— Mas pelo menos virão.

— Oh, sim! Claro que virão. Eles prometeram. Não estaríamos combatendo aqui se não o tivessem feito. — Rebecque sorriu dando a entender que reconhecia ter contradito pura e simplesmente a segurança do príncipe.

— Tenha um bom dia, Sharpe.

— Igualmente, senhor. Deram-se a mão e depois Rebecque saiu ao trote atrás de seu senhor que havia desaparecido no interior do enorme pátio de Hougoumont.

Patrick Harper olhou para o céu para estudar o tempo. — Os alemães chegarão à primeira hora da tarde, por onde virão?

— Por ali. — Sharpe apontou para o oeste, muito além do olmo e pelas costas do flanco esquerdo da linha de Wellington. — E digo mais, Patrick. Você tinha razão. Vai ser um condenado massacre. — Sharpe virou para dirigir um olhar fulminante para a vazia colina inimiga. — Napoleão não vai fazer nenhuma manobra. Virá direto para nos buscar como um aríete.

Harper achou engraçado a repentina e desalentadora certeza de Sharpe.

— Com o futuro da Europa em jogo? — Sharpe não sabia por que de repente estava tão seguro, talvez fosse a incapacidade de concordar com qualquer coisa que o Príncipe de Orange achasse. Tentou encontrar uma justificativa mais aceitável para sua certeza.

— Boney irá querer terminar o quanto antes, portanto para que manobrar? Nunca se importou com quantos de seus homens morram, desde que ele vença. E lá tem soldados suficientes para nos esmagar da pior maneira; então, por que não avançar em linha reta e terminar com o maldito assunto?

— Então, graças a Deus pelos prussianos! — disse Harper com gravidade.

— Graças a Deus, acho! — Porque os prussianos o tinham prometido, e viriam.

O marechal Blücher, comandante do exército prussiano, havia prometido que marcharia para combater junto a Wellington, mas o chefe do estado-maior de Blücher, Gneisenau, não confiava nos ingleses. Gneisenau estava convencido de que Wellington era um velhaco, um mentiroso e um enganador que quando cheirasse a fumaça dos canhões sairia correndo para o

canal e abandonaria os prussianos para a vingança de Napoleão.

Blücher havia desdenhado os temores de Gneisenau e ordenou a seu chefe do estado-maior que organizasse a marcha para Waterloo. Gneisenau não ia desobedecer diretamente uma ordem, mas era o astuto o bastante para se certificar de que seu método de obediência fosse equivalente à desobediência.

Portanto, ordenou que o Quarto Corpo do general Friedrich Wilhelmin Von Bülow encabeçasse o avanço para Waterloo. De todos os corpos prussianos, o Quarto era o que se achava mais distante dos britânicos. Fazer o Quarto Corpo marchar na frente ocasionaria um longo atraso no cumprimento da promessa de Blücher, mas Gneisenau, temendo que Von Bülow demonstrasse uma prontidão de soldado ao avançar para o esperado som dos canhões, ordenou também que os trinta mil homens do Quarto Corpo avançassem por um caminho específico que cruzava as apertadas ruas de Wavre, e que atravessava uma ponte particularmente estreita e inconveniente. O Quarto Corpo também foi ordenado que avançasse através dos acantonamentos do Terceiro Corpo do tenente-general Pirch, que tinha instruções de deixar seus canhões e as carroças de suprimentos pesados estacionados na estrada. Quando os trinta mil homens de Von Bülow tivessem aberto passagem por aqueles obstáculos, Pirch poderia iniciar sua própria marcha atrás dos passos de Von Bülow. O Segundo Corpo, do tenente-general Zieten, que se encontrava apenas a uns dezenove quilômetros de Waterloo e era o corpo prussiano mais próximo dos britânicos, foi ordenado firmemente que permanecesse em seus acantonamentos até que o Quarto e o Terceiro tivessem passado, e então o Segundo tinha que tomar uma tortuosa rota pelo norte que atrasaria ainda mais sua chegada ao campo de batalha.

Era preciso um magistral trabalho para provocar um caos semelhante, mas Gneisenau era um mestre, e ainda houve um atraso adicional — demonstrando com isso que amiúde a sorte favorece os competentes — quando uma casa em chamas bloqueou uma rua em Wavre, de maneira que os homens de Von Bülow ficaram retidos quase antes do início da marcha. Os soldados se limitaram a largar seus mosquetes no piso e esperar. Em algum lugar ao sul, um dos corpos franceses andava dando tombos em busca do exército prussiano, mas Gneisenau não se preocupava com aquela ameaça. Só o que importava era que o precioso exército prussiano não fosse arrastado para a enorme derrota que o Imperador estava a ponto de infligir nos britânicos, e Gneisenau, que estava seguro de que com sua habilidade havia evitado semelhante desastre, pediu o desjejum.

Um cavaleiro sozinho cavalgou para o olmo solitário. O cavaleiro usava um abrigo de civil azul sobre calças brancas e altas botas pretas. Usava um cachecol branco ao redor do pescoço enquanto que em seu chapéu de três bicos havia quatro rosetas: uma para Inglaterra outra para a Espanha, outra para Portugal e a outra para a Holanda.

No pito de sua sela havia enrolada uma capa azul. Os membros de seu estado-maior se aproximaram por trás enquanto sua excelência o duque de Wellington olhava por uma luneta para a taberna chamada *La Belle Alliance*. Os comissionados militares da Áustria, Espanha,

Rússia e Prússia acompanhavam o duque e, assim como ele, enfocaram suas lunetas para a distante colina. Alguns civis também haviam vindo a cavalo desde Bruxelas para observar o combate e eles também se apinhavam atrás do duque.

O duque fechou sua luneta bruscamente e olhou seu relógio. Nove em ponto.

— Enviar a bagagem para a retaguarda — disse sem se dirigir a ninguém em especial, mas dois de seus ajudantes de campo viraram seus cavalos e se afastaram para transmitir a ordem para a linha.

Os batalhões tiraram as mochilas dos ombros e estas foram amontoadas nas carroças que haviam trazido a munição de reserva. Os soldados foram ordenados a ficarem somente com suas armas, seus cartuchos e seus cantis. As carroças abriram caminho a duras penas por aquele barro que chegava até os tornozelos para levar a bagagem para a borda do bosque, onde se uniu às carroças dos militares comissionados, as da artilharia, as forjas portáteis e as carretas dos ferreiros, e onde os figurantes da batalha (ferradores, carreteiros, intendentos, administrativos, condutores, fabricantes de arreios e esposas de soldados) aguardariam que decidissem o dia.

No sopé norte da colina, a infantaria do duque esperava em colunas de companhias. Os batalhões situados à frente haviam avançado o suficiente para que os soldados das companhias mais adiantadas pudessem ver, por cima da crista, o lugar onde uma débil e aquosa luz do sol iluminava de forma tênue o terreno inimigo. Aquela colina sul estava vazia, não se via ninguém além de uns poucos cavaleiros.

Então, de uma maneira repentina e gloriosa, começou a aparecer um exército.

Os veteranos do exército do duque já haviam visto um inimigo se preparar para a batalha, mas nunca daquela maneira. Antes, na Espanha, o inimigo aparecia como uma ameaça, como uma mancha de uniformes escuros que avançavam por um terreno iluminado pelo sol, mas ali, o Imperador fez seu exército desfilar como se fosse um dia festivo e os casacas-vermelhas britânicos fossem espectadores daquela esplêndida demonstração. Os franceses não avançavam para a batalha, em lugar disso se estenderam em uma panóplia arrogante de poder constrangedor.

Apareceram a infantaria, a cavalaria e os artilheiros. Avançaram a pé ou a cavalo como se estivessem no Campo de Marte de Paris. Não usavam seus uniformes de combate, vestiam-se como se estivessem no pátio da frente de um palácio. Suas casacas refulgiam com o ouro e a prata dos galões. Havia penachos escarlates, prateados, amarelos, vermelhos, verdes e brancos. Havia capacetes de bronze e de aço, capacetes adornados com pele de leopardo ou debruados com pele de marta. Havia couraceiros, lanceiros, dragões, carabineiros e hussardos. Os artilheiros, que usavam peliças azul-escuro com bordas de pele prateada, fizeram suas armas darem a volta para ficarem de frente para o inimigo. Os trompetes desafiaram o vale com seus instrumentos seguindo os passos de estandartes bordados em ouro. As bandeiras polacas vermelhas e brancas de cauda enforquilhada dos lanceiros formavam um matagal, enquanto que as flâmulas, estandartes, bandeiras, guiões e águias douradas salpicavam o céu desconexo.

Seguiam vindo regimento atrás de regimento, esquadrão atrás de esquadrão, bateria atrás de bateria; o poder de um ressuscitado império exposto em uma massiva demonstração de violência incipiente. Dos cascos gregos pendiam penachos de crina, os oficiais usavam faixas saturadas de fio de ouro e a elite da elite da infantaria vestia gorros altos de pele de urso negro. Aqueles eram os soldados da Guarda Imperial, os queridos *anciens* de Napoleão, todos eles com uma trança empoada, argolas douradas nas orelhas e o bigode de um veterano. Diante da Guarda do Imperador, as *meninas* deste, suas peças de artilharia, eram colocadas roda com roda.

Sharpe, que observava da colina acima de Hougoumont, ficou olhando fixamente com absoluta incredulidade. Por meia hora o inimigo seguiu se alinhando sobre a colina, os novos batalhões ocultavam os que haviam chegado primeiro e, por sua vez, ficavam ocultos por mais tropas que afluíam desde a estrada e que depois giravam para direita ou esquerda. As bandas tocavam enquanto os oficiais com gualdrapas douradas e debruadas com cordões galopavam valentemente diante de toda aquela formação. Era algo que há mais de cem anos não se via em um campo de batalha: uma demonstração formal de uma gloriosa ameaça, deslumbrante e constrangedora, e que enchia a paisagem meridional de canhões, sabres, lanças, espadas e mosquetes.

Os artilheiros britânicos olharam detalhadamente seus alvos e viram que não havia munição suficiente em toda a Europa para matar semelhante horda. A infantaria observava os milhares de soldados da cavalaria inimiga que tentariam e conseguiriam que viessem abaixo como haviam feito com uma brigada em *Quatre Bras*. Com apenas uma espiada para toda aquela ampla formação, as tropas belgo-holandesas souberam que não havia exército no mundo capaz de reduzir a sangue semelhante esplendor.

— Deus salve a Irlanda! — Inclusive Harper, que vira quase tudo o que a guerra podia oferecer, ficou constrangido ante aquela visão.

— Deus acelere os malditos prussianos — disse Sharpe. O som das bandas francesas chegava claramente através do vale, uma cacofonia de melodias entre as quais, a intervalos, se distinguia o estentóreo desafio da Marselhesa. — Estão tentando fazer os belgas saírem correndo — supôs Sharpe. Virou-se em sua sela para olhar para o regimento belga mais próximo e viu o medo refletido em seus jovens rostos. Aquela não era sua luta. Eles se consideravam franceses e desejavam que o Imperador voltasse a ser seu senhor, mas o destino os havia levado a esse mar de barro para que um mestre da guerra os deslumbrasse.

De um extremo a outro da outra colina, ao longo de uns três quilômetros de terras cultivadas, o exército francês formou. Os canhões do Imperador pareciam estar colocados roda com roda; Sharpe tentou contar a artilharia inimiga e perdeu a conta quando já ia em mais de duzentos tubos. Nem sequer tentou contar os soldados inimigos, pois ocupavam toda a colina e estavam ocultos uns pelos outros, e mesmo assim continuavam chegando vindos da estrada para se apinharem nos distantes campos. O poderio da França havia comparecido a um úmido vale para ali destruir totalmente o seu mais antigo adversário.

O som dos tambores e das bandas do inimigo parou quando uma ovação se ergueu do

centro da linha. Havia aparecido um homem baixinho montado em um cavalo cinzento. Vestia uniforme, ainda que não o de gala, de coronel dos *chasseurs la cheval* da Guarda Imperial: uma casaca verde com bordas vermelhas sobre um colete e calças brancas. O homem usava um abrigo cinza sobre os ombros, solto como se fosse uma capa. Seu chapéu bicorne não tinha rosetas. Sua majestade imperial, o Imperador da França, cavalgava para a frente de seu exército e era saudado por ovações de soldados que sabiam que estavam próximos da vitória.

Fazia tempo que o duque de Wellington havia dado as costas com desdém para aquela apresentação.

— Diga aos soldados que se deem no chão. — Os britânicos e holandeses obedeceram. Estendidos de boca para baixo sobre a alta relva do planalto da colina, os homens não podiam ver aquele assustador adversário e tampouco eram visíveis para os artilheiros inimigos.

O duque cavalgou para a direita de sua linha. Não galopou como seu oponente, trotou com calma. Ninguém o ovacionou. Seus artilheiros, localizados na crista da colina, observavam o imperador. Um capitão de artilharia, com sua arma carregada, olhou por sua rudimentar mira semicerrando os olhos e disse em voz alta ao duque que em um momento o Imperador entraria de cheio na linha de fogo do canhão.

— Permissão para disparar, sua excelência?

— Não compete aos comandantes do exército disparar um contra o outro. Reserve sua munição. — O duque seguiu adiante sem se dignar a olhar sequer para seu oponente.

O duque e seu séquito passaram perto de Sharpe e depois viraram e se dirigiram para as tropas que guardavam no flanco aberto além de Hougoumont. O batalhão mais próximo era belgo-holandês e as tropas, ao ver o punhado de cavaleiros que desciam da colina, abriram fogo. As balas de mosquete passaram vibrantes junto ao duque, mas não feriram nenhum membro de seu grupo. O Duque deu uma brusca virada e se afastou ao mesmo tempo em que os oficiais holandeses gritavam para que seus homens parassem de disparar. O Duque, com uma austera expressão em seu rosto, voltou cavalgando para o olmo que ia ser seu posto de comando.

Um aguaceiro escureceu por pouco tempo o vale enquanto os franceses trocavam a disposição de suas tropas para a batalha. Ao que parece a enorme exibição já havia terminado, pois naquele momento a maior parte das tropas inimigas se retiravam da crista da colina. Podia-se ver os artilheiros franceses carregando seus canhões com pólvora e projéteis.

— Que horas são? — Perguntou Sharpe a um oficial de artilharia que estava perto e que comandava uma bateria de obuses.

— Perto das onze e meia.

E se os prussianos chegassem uma da tarde? Sharpe tentou conjecturar quanto tempo os britânicos poderiam manter sua defesa contra o ataque da enorme força que acabava de ver desfilar. Uma hora e meia? Parecia pouco provável.

Os franceses, que talvez estivessem seguros de dispor de muito tempo para poder fazer seu trabalho, não tinham nenhuma pressa para começar. Mais canhões eram levados para sua linha

de batalha, ainda que nenhum deles abrisse fogo. Sharpe olhou para o leste para ver se já haviam aparecido exploradores da cavalaria prussiana pelo extremo do vale, porém, ali não havia nenhum movimento. Lamentou não ter um relógio para poder ver passar os minutos que deviam aproximar cada vez mais os prussianos.

— Que horas são? — voltou a perguntar em tom de desculpa ao oficial de artilharia.

Amavelmente o artilheiro abriu com um “clique” a tampa de seu relógio.

— Quinze para as doze. — Por trás dos obuses, os casacas-vermelhas britânicos mais próximos estavam sentados ou deitados sobre a relva molhada. Alguns deles fumavam suas pipas de cerâmica. Tinham os cantis cheios de rum ou genebra e as bolsas cheias de cartuchos secos. O vento estava amainando. As nuvens ainda se estendiam pelo céu, mas deviam estar se dissipando, porque Sharpe viu que feixes de luz do sol, que pareciam diáfanos, pintando de ouro algumas zonas nos distantes campos. O dia se ficava mais quente, ainda que a roupa de Sharpe ainda estivesse úmida e fosse incômoda. O tempo passava. O oficial de artilharia brincava com seu relógio, abrindo e fechando a tampa de prata obsessivamente. Ninguém dizia nada. Era como se todo o exército prendesse a respiração. Patrick Harper observava um par de calhandras que volteavam pelo véu de nuvens mais baixas.

De repente, um canhão francês disparou.

O tubo da arma estava frio, pelo que o projétil não percorreu toda a distância até a colina britânica. Em lugar disso, a bala caiu no vale, espalhando o centeio, e depois quicou com uma lufada de terra molhada para ir se enterrar abaixo do olmo. A fumaça do canhão se dispersou em volutas cinzentas ao longo da colina francesa.

Um segundo canhão disparou. De forma similar, o projétil atravessou dando saltos os campos vazios e não causou danos. O duque abriu a tampa de seu relógio para olhar a hora.

Houve uma pausa igual à que havia separado os dois primeiros disparos, então um terceiro canhão francês disparou. Com um som ululante, a bala seguiu para as expostas tropas belgo-holandesas que se achava além do areal, mas caiu antes de chegar a elas e abriu um sulco em uma parte de terreno brando que deteve o projétil de golpe.

Os três disparos eram o sinal do Imperador.

Para desatar o inferno.

# Capítulo 14

O conde de Uxbridge, totalmente preparado para o momento, havia feito seu criado trazer uma bandeja com taças de prata cheias de xerez. Quando o primeiro canhão disparou, o conde fez um sinal para seu criado se aproximar e observou enquanto as pequenas taças eram distribuídas entre os membros de seu estado-maior.

O conde esperou até que o segundo canhão disparasse e depois, como se aqueles cavaleiros estivessem a ponto de sair à caça com uma matilha, ergueu sua taça do estribo com gravidade.

— Boa caça, cavalheiros. Permitam-me que lhes deseje uma boa caça.

Os cavaleiros beberam. Lorde John Rossendale teve que vencer a tentação de beber o xerez de um só gole.

O terceiro canhão disparou. A raposa saía do esconderijo, corria, e a matança podia começar.

Todos os canhões que da colina francesa abriram fogo.

A descarga surgiu como uma erupção vulcânica de fumaça que borrou a distante crista com uma fumaceira cinza-amarelada. No meio da fumaça estavam as pungentes chamas.

Em um instante o som retumbou por todo o vale, um trovão para comunicar à Europa que o Imperador estava em guerra.

A maioria dos canhões estava carregada com granadas. Os frios tubos lançaram seus projéteis de maneira que ficaram curtos em sua trajetória, e a maior parte deles caiu sem causar estrago, afundando no barro que, se não apagou a mecha acesa, absorveu a força da explosão. Uns poucos, muito poucos, ricochetaram pela ladeira frontal da colina para aterrizarem uma segunda vez entre os batalhões refugiados atrás do cume. As explosões lançaram manchas de fumaça negra e chamas pálidas ao ar úmido.

Morreram os primeiros soldados, mas não muitos, porque uma granada tinha que explodir no próprio centro de uma companhia para causar uma matança. Alguns dos projéteis foram inutilizados por soldados engenhosos que apagaram a mecha de um beliscão ou a arrancaram enquanto ardia com um rápido golpe com a coronha do mosquete. A fumaça da artilharia francesa descia para o vale e começou ser alimentada quando os canhões mais rápidos em recarregar voltaram a disparar. Os disparos ficaram irregulares, mas constantes; as descargas de fumaça e chamas surgiam uma atrás da outra da colina ocupada pelos franceses. Os projéteis passavam assobiando mais alto à medida que os tubos dos canhões se esquentavam. Algumas granadas passaram por cima da colina e foram explodir longe, na borda do bosque, enquanto que os disparos melhor dirigidos quicaram justo abaixo do cume britânico para cair entre os soldados que se escondiam atrás. As granadas faziam sons distintos, dependendo da distância que se encontrassem do ouvido.

Algumas emitiam um zumbido parecido ao berro de um monte de crianças, outras produziam um zunzum como o adejo de um pássaro, enquanto outras retumbavam como um trovão. Aqueles ruídos já estavam fazendo que uma série de tropas belgas se retirassem para o bosque; um homem ferido era uma desculpa para que outros dez o ajudassem a pôr-se a salvo.

Uma granada explodiu perto dos membros do estado-maior do conde de Uxbridge que ainda se achavam agrupados depois de brindar a uma boa caça, e se dividiram em dois, como ovelhas atacadas por um lobo. Uma das pequenas taças de prata caiu no barro, mas além disso não houve mais danos que os causados à dignidade dos jovens. Dominaram seus nervosos cavalos e observaram como cada novo disparo enturvava e agitava o banco de fumaça que se tornava cada vez, mas espesso frente à linha de artilharia do Imperador.

À direita dos britânicos, onde os canhões franceses estavam perto de Hougomont, os artilheiros disparavam potes de metralha para se livrarem dos fuzileiros britânicos que estavam nos bosques que se estendiam ao sul do castelo. Algumas das balas de mosquete se elevaram com um zumbido pela colina, onde caíram fracas sobre o solo molhado como se fossem granizo.

Um canhão britânico de nove libras disparou como resposta e ganhou uma furiosa reprimenda de um oficial do estado-maior a cavalo.

— Cessar fogo, droga! Cessar fogo! — O Duque estava poupando seus canhões do desgaste natural causado por um fogo incessante que podia fazer explodir as chaminés ou inclusive até partir os tubos. Ia necessitar de seus canhões quando a infantaria ou a cavalaria inimiga avançassem.

Um projétil caiu e destroçou a roda de um obus antes de quicar e acabar explodindo atrás da colina sem causar danos. Os artilheiros trouxeram rapidamente uma roda de reposição repararam o canhão. Os franceses começaram a combinar balas sólidas com as granadas, e uma dessas bolas de ferro arrancou a cabeça de um oficial do estado-maior, deixando seu corpo ensanguentado direito na sela por um momento antes que o aterrorizado cavalo disparasse e o corpo decapitado caísse e fosse arrastado, engatado ao estribo esquerdo. Finalmente o cadáver se soltou ao dar uma sacudida e um grupo de casacas-vermelhas se aproximaram rapidamente para saquear os bolsos do morto.

Uma granada caiu sobre o cume da colina, quicou e explodiu a uns vinte metros à esquerda de Sharpe. Um fragmento incandescente que desprendia um rastro de fumaça se chocou inofensivo contra sua coxa.

— Retroceda — disse Sharpe a Harper.

— Estou bem aqui, ora se estou.

— Você fez uma promessa a sua esposa! Portanto caia fora!

— Não gaste saliva! — Harper ficou. O bombardeio era forte, mas não perigoso demais. Os artilheiros franceses se viam diante de uma dupla dificuldade. Em primeiro lugar, a própria fumaça de seus canhões os cegava, e em segundo lugar, seu inimigo se encontrava agachado atrás da proteção da baixa colina, portanto a maioria de suas granadas explodiam sem causar



danos, isso quando chegava a estourar. O barro apagava muitas mechas, contudo a artilharia fazia um monte de ruído, o suficiente para aterrorizar as tropas belgas que se encolhiam sob o som dos assobiantes projéteis, das explosões e dos estrondosos canhões.

Sharpe se moveu para a direita para ficar em um ponto estratégico do qual pudesse ver a vazia campina do flanco direito do exército. Ao mudar de posição, tanto ele como Harper se afastaram do pior do bombardeio e se aproximaram de outro oficial do estado-maior britânico que sem dúvida tinha a mesma missão que Sharpe: vigiar para que os franceses não realizassem nenhuma manobra pelo flanco. O homem, que usava a casaca azul e o *Kolbak* de pele dos hussardos, cumprimentou cortesmente a Sharpe com um movimento de cabeça e depois consultou um caderno.

— Eu calculei dez minutos antes do meio-dia, e o senhor?

— Dez minutos antes do meio-dia? — perguntou Sharpe.

— Quando Bonaparte abriu fogo. É bom ser preciso nestas coisas.

— Ah, é?

— O lorde gosta de ser específico. Eu sou um membro de sua família, certamente. — Com o que o jovem de rosto agradável queria dizer que era um dos ajudantes de campo do duque. — Meu nome é Witherspoon.

— Sharpe. E este é meu amigo o senhor Harper, da Irlanda. — O capitão Witherspoon cumprimentou cordialmente Harper com a cabeça e depois deu uma espiada nas nuvens.

— Acho que limpará. Esta manhã detectei uma clara subida do mercúrio. Fico honrado por conhecê-lo, Sharpe! Está com o Jovem Franchinote, não é verdade?

— Sim, estou.

— Há alguma coisa que faça bem? — Sharpe sorriu ante o tom falso do capitão Witherspoon.

— Não que eu saiba. — O cavaleiro soltou uma gargalhada.

— Estive com ele em Eton. Lá tampouco era muito bom, mas tinha uma ótima opinião de si mesmo. Lembro-me de uma pessoa constantemente suja! Que gostava de garotas e tinha um prolífico carinho pelo vinho.

— Agora que horas são? — perguntou Sharpe com o que pareceu uma grosseira indiferença pela fofoca de Witherspoon.

Witherspoon sacou o relógio do bolsinho de seu colete e abriu a tampa.

— Meio-dia e quatro minutos, salvo por alguns segundos.

— Então é melhor que anote que os franceses estão avançando.

— Estão fazendo o quê? Santo Deus! É verdade! Obrigado meu caro amigo! Meu Deus, estão avançando, estão mesmo! — Escreveu a toda pressa uma nota em seu caderno.

Os escaramuçadores franceses fervilhavam em direção de Hougomont. Dirigiam-se para

lá como uma turba solta; corriam, disparavam e voltavam a correr. A maioria estava entre as árvores protegidos desde o pé de sua colina até os muros do castelo, mas alguns deles se adiantaram aos demais e se achavam no flanco aberto, onde o feno recém segado formava empapadas fileiras entre o mato. Os soldados de casaca vermelha da avançadinha da Guarda de Goldstream estavam recuando a toda pressa, sem dúvida ao receber a ordem de que não convertessem aquilo em um combate debaixo das árvores. Com os casacas-vermelhas havia algumas tropas holandesas e alemãs, estas últimas armadas com espingardas de caça de cano longo. Sharpe viu pelo menos duas companhias belgo-holandesas de casaca azul correndo para o inimigo, presumivelmente para pôr-se a salvo.

Os escaramuçadores da Guarda voltaram a entrar apressadamente nos edifícios da granja ou no jardim e horto cercados que se estendiam ao longo do castelo. Os franceses haviam avançado até o extremo do bosque e os imponentes edifícios do castelo os ocultava de Sharpe.

— Vou descer lá — disse a Harper — apontando para o campo onde um punhado de escaramuçadores franceses se refugiavam atrás das fileiras de feno molhado.

— Eu vou com o senhor — replicou Harper obstinadamente.

— Tenham cuidado! — Gritou o capitão Witherspoon para os dois fuzileiros quando estes se afastavam.

Sharpe pôs seu cavalo a meio galope e desceu pelo caminho da granja, passou junto a um palheiro que havia no exterior das portas traseiras do castelo e se dirigiu ao campo aberto do oeste. Os poucos soldados da vanguarda francesa que tinham se refugiado atrás do feno segado haviam regressado ao bosque, sem dúvida, afastados do campo pelos mosquetes disparados desde as frestas que abertas nas paredes dos celeiros de Hougoumont. Sharpe se encontrava a apenas uns cem metros do combate, mas estava tão a salvo dele como se estivesse na lua. Os franceses só tinham um objetivo: tomar os edifícios de onde poderiam varrer a colina ocupada pelos britânicos com fogo de canhão de curto alcance. Tomaram o bosque e, naquele momento, a infantaria de casaca azul ali concentrada se preparava para o último assalto à granja e todos seus edifícios. Alguns dos franceses utilizaram machados para abrir grandes buracos na cerca viva que beirava o bosque. Mais batalhões franceses foram entrando em fila entre as árvores até que o bosque ficou repleto de soldados da infantaria inimiga que esperavam o toque de clarim, que os impulsionaria ao ataque.

Soou a corneta, os franceses soltaram gritos de entusiasmo e a enorme multidão se precipitou pelos espaços abertos na cerca. Os defensores abriram fogo. Os soldados da Guarda britânica se achavam atrás de cercas e valas, refugiados atrás de paredes ou disparando das janelas dos pisos superiores do castelo. Uma rajada de disparos de mosquete caiu com estrépito sobre o ataque francês e todo mosquete disparado foi imediatamente substituído por outra arma já carregada que também disparou e que por sua vez foi substituída na fresta ou no saliente de onde se atirava. O crepitar dos mosquetes era incessante e afogava o ruído dos canhões que disparavam desde a colina situada além. A fumaça enchia o espaço ao sul dos muros do castelo, uma fumaça que se agitava e se rompia com novas descargas de mosquete que refulgiam, vermelhas e repentinas, no interior daquela nuvem acre. De alguma

forma, franceses suficientes sobreviveram às rajadas para chegarem às paredes do castelo onde, a chutes, tentaram agarrar os mosquetes britânicos e puxá-los pelas frestas à força. Mas em lugar disso, os mosquetes dispararam e rechaçaram os atacantes que voltavam a ser impelidos pelos soldados que avançavam por trás.

Parecia haver mais esperanças de capturar o jardim da cozinha que era protegido por um muro que só era alguns centímetros mais alto que um homem. Alguns franceses seguravam os mosquetes sobre suas cabeças para disparar às cegas para o outro lado da parede. Outros disparavam através das seteiras dos britânicos, enquanto que os mais valentes tentavam escalar o muro e alguns inclusive se sentaram montados sobre ele para golpear com suas compridas baionetas.

Mas os soldados da Guarda sabiam se defender. Para cada mosquete francês que atirava por uma fresta, uma dúzia de disparos britânicos respondiam, enquanto que aqueles franceses que conseguiram chegar à parte superior do muro foram abatidos a tiros ou derrubados para acabar vítimas das baionetadas entre as maltratadas matas de ervilhas ou sobre os pisoteados alegretes de rosas. No exterior do jardim, o pé do muro se tornou traiçoeiro por causa dos corpos dos franceses mortos e agonizantes. Dentro do jardim, os soldados faziam filas para se revezarem nas seteiras de modo que o fogo de mosquete não diminuía em nenhum momento, e as pesadas balas de chumbo se chocavam contra a multidão de soldados franceses que continuavam vindo a toda pressa das árvores para se deparar com o obstáculo do muro. Toques de corneta e gritos os impeliam a seguir avançando.

O horto do castelo, atrás do jardim, não tinha paredes, mas apenas uma espessa cerca viva de abrunheiro. Os soldados da Guarda disparavam através e por cima da cerca, mas os franceses trouxeram machados e cada soldado com machado era defendido por um grupo de mosquetes; dava a impressão que os soldados do Imperador tinham que vencer ali apenas com o mero peso de sua superioridade numérica. Os machados golpeavam os grossos troncos do arbusto, rasgando-o, fazendo-o em migalhas e os puxavam para eliminar o obstáculo. Um casaca-vermelha arremeteu contra um dos soldados que usava os machados, se adiantou demais e, gritando, foi arrastado por cima dos espinheiros para acabar estripado por uma dúzia de baionetas.

De repente, uma granada explodiu em cima dos franceses.

Sharpe olhou para cima. No alto do céu havia um emaranhado de rastros de fumaça em forma de arco, o que demonstrava que os obuses da colina estavam disparando a arma secreta dos britânicos: os projéteis esféricos criados pelo major-general Shrapnel. O projétil era uma esfera de catorze centímetros abarrotada de balas de mosquete e pólvora explosiva que, se a mecha tivesse o comprimento preciso, estouraria no ar de forma mortífera por cima de seu alvo. A dificuldade residia em cortar as mechas, que eram afetadas pela umidade assim como pelo comprimento exato da trajetória do projétil, contudo, aquelas haviam sido cortadas por um gênio, pois as descargas eram terrivelmente precisas. As granadas comuns estouravam em uns poucos fragmentos grandes, mas os cartuchos esféricos provocavam uma chuva assassina de seus próprios pedaços junto com as balas de mosquete, e naquele momento um projétil atrás do outro estourava estrepitosamente sobre a infantaria francesa e as balas e os

fragmentos de ferro caíam com força e abriam sangrentas feridas na carne dos atacantes franceses.

— É um magnífico trabalho! Por Deus que é bem feito! — O capitão Witherspoon havia seguido Sharpe e Harper até sua posição estratégica e aplaudia agora a habilidade dos artilheiros, que lançavam o cartucho esférico justo no lugar preciso sem que nenhum caísse perto dos membros da Guarda, todos descreviam uma trajetória arqueada para cair sobre os atacantes franceses.

O fogo dos mosquetes seguia martelando desde as paredes do castelo. Os franceses fraquejavam e naquele momento eram atacados por cima e pela frente. Alguns deles retrocederam e procuraram refúgio entre as árvores, mas os obuses pareceram prever o movimento e as descargas de metralha se afastaram do castelo para arrancar as folhas e galhos dos carvalhos do bosque. Aquelas granadas se rompiam com um estouro mais agudo que as normais. Na Espanha Sharpe percebera que os cartuchos esféricos causavam mais feridos que mortes, mas a visão dos soldados feridos voltando em tropel para as árvores faria fraquejar a segurança das tropas francesas que avançavam para apoiar os membros do primeiro ataque.

Os escaramuçadores britânicos foram correndo desde a face norte do castelo para o campo de onde Sharpe e Harper observavam. Os soldados correram para o sul e somaram seus disparos dos cantos dos edifícios da granja. Naquele momento os franceses estavam se retirando a toda pressa e penetravam profundo no bosque para escapar das explosões e das descargas dos mosquetes.

— As honras inaugurais para o duque, não acha senhor? — Witherspoon rabiscava seus comentários no caderno.

— Vai ser um dia muito longo — advertiu Sharpe.

— Não muito, estou seguro. O bom e velho Blücher virá. Ele logo estará aqui. Já soube da terrível experiência do pobre tipo?

— Não. — Não que Sharpe estivesse muito interessado nisso, mas Witherspoon era um sujeito simpático e seria uma grosseria não ter escutado.

— Parece que a cavalaria francesa o derrubou do cavalo e o atropelou. Teve sorte de sair com vida, e o velho deve ter setenta anos no mínimo! Bem, então se esfregou com um linimento feito de alho e ruibarbo e agora está a caminho daqui. Que Deus acelere sua malcheirosa marcha, eu digo.

— Amém para isso — replicou Sharpe. — O fogo dos obuses cessou com uma última granada, deixando um ondulante rastro de fumaça que brotava da mecha acesa, que fez estourar a carga em mil pedaços dentro do bosque. O ataque francês havia fracassado e deixara o espaço entre o bosque e o castelo polvilhado de fumaça sobre uma extensão de corpos com casacas azuis. Alguns daqueles corpos gritavam pedindo ajuda. O ataque frustrado havia deixado um odor muito forte de ovos podres, o conhecido fedor da pólvora ao explodir. O odor do sangue viria depois, mesclado com o aroma mais doce de relva e plantações esmagadas.

Os escaramuçadores britânicos avançaram de novo para o bosque, preparando-se para enfrentar o próximo ataque. Do outro lado do castelo, no amplo vale que naquele momento Sharpe não podia ver, retumbava e estalava o ruído do bombardeio francês. Sharpe, cujo ouvido sintonizava com os familiares sons do campo de batalha, percebeu que ali nada havia mudado. Na batalha, uma vez que a fumaça envolvia o campo, geralmente os ouvidos eram mais úteis que os olhos.

— Eu acho — disse Witherspoon — que deveríamos sair daqui. — Apontou para a direita, onde uma bateria de canhões de oito libras franceses era arrastada para o extremo superior do campo de feno. Outras tropas francesas e escaramuçadores, saíam do bosque em fila e tomavam posições nas fileiras de feno segado. Era evidente que aquelas tropas estavam destinadas ao próximo ataque ao castelo, e também estava claro que havia chegado o momento de ceder-lhes a plantação de feno.

Sharpe, Harper e Witherspoon saíram do campo de feno com um brioso trote e subiram pelo caminho de terra até o cume da colina. Ali estava a bateria de obuses de cinco polegadas e meia que havia causado tanto estrago entre a avançadinha francesa, com os pequenos e grossos tubos enegrecidos erguidos e inclinados para cima. Sharpe felicitou o comandante da bateria, o mesmo homem que havia brincado com seu relógio enquanto aguardava o começo da batalha e que naquele momento estava evidentemente satisfeito com o cumprimento do fuzileiro. Uns poucos pedaços a mais de cartuchos de granada franceses fumegaram nas úmidas plantações e algumas baixas mais entre a infantaria, causadas pelas granadas, recebiam ajuda para retroceder para os cirurgiões do regimento, mas além disso não havia nada que indicasse uma nova ameaça para a colina. Parecia que o Imperador se contentava em seguir bombardeando a linha principal britânica enquanto sua infantaria lutava para capturar o bastião de Hougoumont.

Chegaram reforços da segunda brigada da Guarda britânica na colina, perto da parte posterior do castelo. Os membros da Guarda Real faziam parte do dispersado corpo do príncipe de Orange, e este não pôde resistir a avançar galopando para observar como os batalhões se abriam em colunas de companhias. Era magnífico vê-los avançar sob seus enormes estandartes e com as bandas tocando. O Príncipe respondeu aos cumprimentos e lhes gritou seus melhores desejos de que tudo fosse bem. O Jovem Franchinote estava muito animado, eufórico com a música dos pífanos e tambores que se misturavam com o som sibilante das mechas francesas e o estrondo de suas explosões. Parecia que a batalha havia dissipado seu pessimismo da noite anterior. Conversava alegremente com o comandante da Guarda e então viu Sharpe que esperava mais acima da colina.

— O que está fazendo aí? — gritou.

— Obedecendo a suas ordens, senhor. Estou vigiando o flanco direito.

— Acho que podemos abandonar essa ideia, Sharpe! — O tom do príncipe dava a entender um absoluto desprezo por qualquer um que achasse realmente que os franceses poderiam avançar pelo flanco. — Vai ser um trabalho simples. É o que se deduz da localização de seus canhões. De agora em diante é questão de ser rápido com os pés e bater

forte com os punhos! — O Príncipe ameaçou um soco para Sharpe para ilustrar sua metáfora de boxe e depois indicou o castelo. — Quero que vá a Hougoumont.

— Para fazer o quê, senhor? — Sharpe tinha se aproximado do príncipe, cujo cavalo se afastou de lado, assustado, quando uma granada explodiu mais acima na ladeira.

— Para me informar, certamente. Tenho que saber quando mandar as reservas.

Sharpe achava que os defensores do castelo eram perfeitamente capazes de decidir por si mesmos, mas se recordou do sermão de Rebecque sobre o tato, portanto não fez mais que consentir com a cabeça.

— Às suas ordens, senhor. — De repente, o Príncipe olhou além de Sharpe.

— Witherspoon! É você? Meu caro Witherspoon! Não nos víamos desde Eton! Achava que estava destinado a fazer parte da Igreja, não do exército! Ou é um pároco que hoje está disfarçado? Não faz um dia esplêndido? Este é um esporte estupendo!

Sharpe largou para trás o feliz reencontro e esporeou seu cavalo para o castelo. Harper, apesar de ter jurado que não se exporia ao perigo, o seguiu. Os dois fuzileiros escutaram o estalido dos mosquetes no bosque do outro lado do castelo, o que evidenciava que um novo ataque estava adquirindo força. Cavalgaram pela frente do enorme palheiro levantado perto da entrada norte e Sharpe gritou para os defensores que abrissem as portas. Um sobressaltado sargento dos Coldstream pôs a cabeça por cima do muro do pátio, viu os dois soldados que se aproximavam galopando e se apressou a ordenar aos gritos que destrancassem os imensos portões duplos. Uma vez dentro do pátio, Sharpe desceu de sua sela e sacou seu fuzil. Harper pegou as rédeas dos dois cavalos e os amarrou a um aro de metal incrustado na parede do estábulo.

Um capitão do regimento dos Coldstream, alarmado com a repentina chegada dos fuzileiros, saiu correndo da granja para cumprimentar Sharpe.

— Traz ordens?

— Não se importe conosco.

— Com muito prazer! — O capitão correu de volta para a casa que era voltada para o bosque onde a infantaria francesa estava se concentrando para seu próximo ataque.

Uma bala de canhão francesa atingiu o telhado da granja e provocou uma chuva de ardósia e lascas que caiu sobre o pátio. Sharpe olhou para as feridas vigas e fez uma careta.

— Sabe Deus o que estamos fazendo aqui.

— Está deixando o garotinho contente, senhor. — Harper olhou para os defensores mais próximos. — Meu Deus, mas estamos em boa e poderosa companhia, sim senhor! Nunca combati com os Coldstream. Será melhor lustrar minhas botas.

— É melhor não se meter em confusões. — Sharpe atacou a carga no cano de seu fuzil e depois voltou a encaixar a vareta em seu lugar. O pátio calçado era comprido e estreito, rodeado pelos sólidos e resistentes edifícios da granja entre os quais havia uma pequena capela na qual eram atendidos os feridos do primeiro ataque. Havia um monte de esterco

empilhado contra a parede da capela e alguns tonéis cheios de maçãs verdes junto a uma pocilga que havia perdido seus habitantes, os quais, era de supor, haviam ido parar nas panelas dos Coldstream. Um gato, que intuía claramente que aqueles tempos difíceis só podiam piorar, transportava suas crias uma a uma de um enorme celeiro para a residência principal. Três soldados da Guarda Real, vendados, estavam sentados no exterior da capela. Além deles, os únicos soldados da Guarda à vista eram um tenente e seu pelotão, que sem dúvida constituíam a reserva da guarnição e portanto estavam prontos para reforçar qualquer zona do perímetro do castelo que fosse perigosamente ameaçada pelo iminente ataque francês.

— É um lugar magnífico, ora se não é. — Harper percorreu os edifícios da granja com um olhar de aprovação. Os soldados haviam começado a disparar dos quartos do andar superior da granja, enquanto que uma descarga de mosquetes soou com estrépito do jardim cercado que havia atrás do celeiro. O ruído do combate obrigou Harper a erguer a voz. — Devem possuir muita terra para encher todos estes celeiros!

— E é uma boa terra! — consentiu Sharpe. Os mosquetes estalavam perto, a suas costas, e o estrépito provinha dos estábulos que constituíam as defesas do oeste. Sharpe foi correndo para os estábulos e viu que os soldados da Guarda se revezavam nas frestas. Outros homens estavam incomodamente trepados nas vigas do telhado e abriam fogo através de buracos que haviam feito na ardósia. Os escaramuçadores franceses passavam em tropel junto aos estábulos e corriam para o campo de feno de onde ele e Harper observaram o primeiro ataque. Apontou seu fuzil através de sua seteira provisória, seguiu a trajetória de um soldado que usava uma espada de oficial, o adiantou alguns centímetros e disparou.

A fumaça do rifle não lhe deixou ver se havia acertado. Agachou-se quando um estrépito ensurdecedor anunciou o ataque de uma bala de canhão de oito libras que lascou ferozmente as vigas do estábulo e derrubou dois dos soldados da Guarda em meio a um jorro de sangue. Outra bala golpeou a parede exterior do estábulo e soou como uma marreta, ainda que sem causar danos à grossa alvenaria. Sharpe, muito apertado no espaço do telhado para poder voltar a carregar seu fuzil, gritou para Harper que lhe desse o seu.

Não houve resposta. Sharpe se virou. Harper estava de pé na entrada do estábulo, olhando para a porta norte por onde ele e Sharpe tinham entrado no castelo.

— Patrick! Dê-me seu fuzil! — Harper seguia sem responder. Em lugar disso, e sem afastar os olhos da porta, pegou sua espingarda de sete canos.

Sharpe desceu da viga de um salto e correu para a porta do estábulo.

Os portões do norte davam sacudidas. De alguma maneira os franceses haviam chegado à parte traseira de Hougoumont e estavam empurrando e fazendo pressão nas duas portas que se mantinham fechadas por uma tranca de madeira encaixada em duas braçadeiras de ferro idênticas. Os portões eram velhos e desconjuntados, e com cada empurrão que recebiam rangiam e se separavam mais. Um mosquete francês atirou através da fenda entre os portões e depois apareceu a lâmina de um machado pelo espaço. O machado arremeteu com uma força enorme e se afundou na exposta tranca. Um tenente dos Coldstream conduzia para a porta a reserva da guarnição, mas antes que o pelotão pudesse chegar ao ponto de perigo, o machado

golpeou de novo, e dessa vez foi com tal força que a tranca se lascou e um dos extremos se soltou da braçadeira, de maneira que os dois portões retrocederam com um chiado e uma torrente de franceses gritando entraram de estouro no pátio. A carga era encabeçada por um imenso tenente ainda mais alto que Harper. Era aquele enorme tenente que estava com o grande machado de escavador que havia quebrado a porta.

— Fogo! — gritou o tenente dos Coldstream e, logo depois, foi devorado pela onda de franceses que atropelou seus homens. As baionetas se afundavam e voltavam a aparecer tingidas de vermelho. O machado gadanhou com maldade e abriu as costelas de um soldado da Guarda Real.

Harper apontou com sua espingarda de múltipla descarga e abriu fogo contra o tumulto de homens. Sharpe largou seu fuzil vazio e desembainhou a espada. Os Coldstream saíram correndo da casa, do celeiro e dos estábulos. Os mosquetes retumbavam e soltavam chamas. Um francês caiu sob a espada de um oficial que depois foi abatido por duas baionetas francesas que o jogaram sobre o calçamento enquanto gritava. Seguiam aparecendo ainda mais escaramuçadores de casaca azul pelos portões escancarados.

Sharpe não via nenhuma maneira de recuperar a ordem naquele caos. Simplesmente era o momento de lutar, os franceses, meio confusos com o ambiente desconhecido e pelos dispersos defensores, procuraram maneiras de entrar nos edifícios da granja. Dois deles correram para a capela, onde os feridos tentaram derrubá-los. Os franceses alçaram suas baionetas para liquidar os três homens vendados, mas se viraram ao ouvir um desafio mais ameaçador a suas costas. Sharpe havia carregado contra eles e brandia a espada com um amplo movimento furioso. O mais alto dos dois franceses, um sargento, retrocedeu para evitar a investida e deu uma forte estocada para frente com sua espada. O impulso de Sharpe o fez passar pela ameaça e quase tropeçou na perna quebrada de um dos soldados da Guarda feridos, chocou-se contra a parede da capela e investiu com sua espada. O soldado da Guarda começou gritar de dor, mas a espada havia aberto uma ferida no ventre do sargento francês. O outro francês foi ajudar seu sargento, mas pareceu sair voando para trás quando uma bala de mosquete se alojou em sua garganta.

Harper havia descartado a arma de sete canos, virou seu fuzil e golpeou o sargento na cara com a coronha. O enorme oficial francês que tinha o machado estava junto à parede do estábulo, cortando e atravessando os casacas-vermelhas com sua arma. Alguém havia quebrado um dos barris de maçãs verdes que estavam sendo esmagadas pelos pés dos soldados que combatiam selvagemmente.

Um grupo de soldados da infantaria francesa correu para a casa principal, mas uma descarga proveniente de uma das janelas traseiras os matou. A égua de Sharpe, aterrorizada com o ruído, se empinou e agitou os cascos.

—Tome, sacana de merda! — Harper pegou um dos mosquetes franceses e arremeteu com sua baioneta para acabar com o sargento. O pátio era um caos de homens gritando, mas além dos atacantes franceses de rosto enlouquecido, Sharpe viu que um disciplinado grupo de soldados da Guarda lutava para fechar as enormes portas. Somente Deus sabia quando haviam



chegado aos portões, mas estavam lá e, com a força do desespero, naquele momento empurravam as portas para fechá-las contra uma renovada avalanche da infantaria inimiga. Por milagre, nenhum dos franceses que já estavam no interior do castelo viu o que ocorria a suas costas. Um sargento da Guarda de Coldstream havia recuperado a tranca quebrada e a deixou cair nas braçadeiras quando, finalmente, se fecharam com força. A maioria dos soldados da Guarda que empurravam os portões era de oficiais que nesse momento se viravam com as espadas desembainhadas para enfrentar os intrusos pelas costas.

— E agora matem estes sacanas! — Gritou a ordem uma voz com sotaque escocês. — Matem a todos!

Um jovem tambor francês passou a toda pressa junto a Sharpe gritando. Um cabo francês o seguiu, viu o fuzileiro e se virou para disparar seu mosquete. A pederneira caiu sobre uma caçoleta vazia. O homem abriu os olhos de medo. Sharpe arremeteu contra ele, o homem tentou arrancar a lâmina de suas costelas, mas Sharpe a empurrou ainda mais ao mesmo tempo em que a fazia girar, obrigando com isso o homem cair sobre os paralelepípedos, onde liberou a lâmina de um golpe antes de deixá-la cair de novo na garganta do francês. O armeiro, que havia afiado a lâmina de Sharpe, fizera um bom trabalho, pois a arma estava sinistramente amolada e precisava ser, pois nenhum dos soldados que acometiam, investiam e lutavam no pátio tiveram tempo de recarregar seus mosquetes, de maneira que aquele combate tinha que ser realizado apenas com o aço. A importância de Hougoumont dava à luta uma amargura crescente e brutal, pois todos os soldados sabiam que quem ocupasse o castelo dominaria o flanco oeste do campo de batalha. Os Coldstream combatiam para salvar uma batalha, enquanto os franceses comandados por seu tenente gigante o faziam para alcançar a glória imortal.

Suas perspectivas de glória estavam se desvanecendo. Com o fechamento dos portões os franceses haviam ficado isolados de qualquer ajuda, portanto agora, apanhados sobre os paralelepípedos do pátio, formaram um renovado quadrado em torno do enorme tenente que se achava de pé com o machado ensanguentado sobre os cadáveres de quatro soldados da Guarda. No exterior do castelo, proporcionando à luta o desespero da urgência, as descargas dos mosquetes franceses eram testemunhas de que o perímetro dos edifícios estava de novo sob um terrível assalto.

— Acabem com eles! — ordenou um oficial britânico. Os soldados da Guarda que estavam no pátio necessitavam defender com urgência as paredes exteriores do castelo, de maneira que não havia tempo para delicadezas como tentar persuadir o enorme tenente a se render.

A Guarda Real se lançou sobre o grupo de franceses. Um casaca-vermelha caiu sob uma baioneta francesa, então os Coldstream pareceram arremeter em massa contra o inimigo, de casaca azul. Um elegante oficial investiu com sua espada, deu um chute em um francês na virilha e voltou a investir de novo. O pátio ressoava com o som metálico e o atrito das espadas, a fricção das botas sobre os paralelepípedos e os gritos dos homens cortados ou atravessados pelas lâminas de aço. Patrick Harper, sem levar em conta a promessa que havia feito a sua esposa, soltou um grito de guerra em gaélico ao mesmo tempo em que cravava a

baioneta que se apropriara em curtas e selvagens investidas de um soldado profissional. Um dos oficiais da Guarda que estava na primeira linha da luta era um coronel, e os caros passamanes dourados de seu uniforme ficaram cobertos de sangue quando deu um passo à frente batendo no piso com força para cravar sua espada com uma precisão clínica.

O enorme tenente do machado viu o coronel dos Coldstream e gritou para seus homens lhe darem passagem. Abriu caminho entre eles, com o machado que refulgia sobre os homens apinhados, e então Sharpe viu que a arma descia com força. O coronel havia retrocedido para pôr-se a salvo e então investiu. O tenente desviou a estocada de um golpe com sua mão livre, como se a lâmina não fosse mais perigosa que um rebenque. Grunhiu quando começou a balançar seu machado para trás, com um movimento calculado para partir pelo meio o coronel da virilha até o esterno e logo deu um grito abafado quando a parte posterior de seu joelho estourou em dor. Sharpe havia estocado com sua espada para cortar o ligamento do joelho da perna do francês e então deu uma patada na atroz ferida para fazer o grandalhão cair de lado. O rosto cheio de cicatrizes do tenente se encrespou quando este tentou fazer o machado girar contra seu novo atacante, mas Sharpe já voltava a descer sua espada e naquela ocasião partiu em duas a careta daquele rosto e o converteu em uma máscara sangrenta e destroçada. O coronel investiu com sua espada e atingiu o tenente nas costelas. O francês seguia sem se dar por vencido. O machado ressoou contra o piso quando ele arrastou a lâmina para frente e então dois soldados da Guarda se situaram diante do coronel a empurrões para cravar suas baionetas com força. Aquele enorme corpo se sacudiu durante alguns segundos e depois ficou imóvel.

Estavam caçando os últimos intrusos franceses. Um sargento foi morto a baionetadas sobre o monte de esterco enquanto que um cabo, ao qual haviam feito retroceder contra a parede do celeiro e que gritava pedindo clemência, recebeu duas baionetas no ventre.

O pátio ficou imundo por causa do sangue, das maçãs esmagadas e dos cadáveres. Apenas o jovem tambor francês, um menino que quase não saíra do berço, havia se salvado do massacre. Um corpulento soldado da Guarda estava de pé junto ao pequeno, protegendo-o.

— Não sei quem é você, mas obrigado. — Sharpe se virou e viu que era o coronel dos Coldstream quem lhe havia falado.

— Sharpe — se apresentou. — Do estado-maior do Jovem Franchinote.

— MacDonnell. — O coronel limpava o sangue da lâmina de uma espada muito cara com um lenço de fio bordado. — Você me perdoa? — voltou correndo para a casa, na qual o ruído das descargas de mosquete era mais forte do que nunca.

Sharpe limpou a sujeira de sua própria espada e depois olhou para Harper, que tinha a cara salpicada de sangue.

— Pensava que havia prometido se manter afastado do combate.

— Tinha esquecido. — Harper esboçou um sorriso brincalhão, jogou o mosquete francês e recuperou suas próprias armas. — Uma coisa vou dizer. Pode ser que os soldados da Guarda Real sejam uns rapazes bonitos, mas os sacanas sabem lutar quando têm que fazê-lo.

— Os franceses também.

— São valentes, isso é certo.

Harper deu um tardio suspiro de alívio. — E como diabos os soldados da Guarda fecharam essa porta?

— Sabe Deus!

— Ele deve estar do nosso lado. — Harper se benzeu. — Deus sabe, mas isso foi algo desesperado.

O segundo ataque francês contra o castelo, que esteve tão perto de ter êxito no pátio, se transferiu agora com igual ameaça para o horto. Os obuses voltaram a abrir fogo da colina, mas nessa ocasião o ataque francês se realizava em uma frente mais ampla; uma horda de homens abriu passagem através das cercas do horto e obrigaram os defensores a retroceder para o jardim murado. Alguns soldados da Guarda, lentos demais para subir pelo muro de tijolo, foram mortos a baionetadas aos pés deste, mas as implacáveis descargas de mosquetes estouraram desde as frestas e do alto das paredes, com o que o ataque francês foi estancado de novo dentro das margens do jardim.

Da colina avançaram mais homens da Guarda de Coldstream. Atacaram em coluna, com seus mosquetes providos de baionetas, e se aproximaram pela cerca do extremo norte do horto para tirar os franceses do muro do jardim. O bosque sul ainda estava infestado de soldados da infantaria francesa, mas os soldados da Guarda se alinharam ao longo do rompida e estragada cerca e abriram fogo com uma descarga que abriu grandes brechas nas linhas francesas. Não havia tropas que disparassem com maior rapidez que as britânicas e naquele momento, pela primeira vez durante o dia, os franceses se ressentiram sob as mutiladoras descargas do fogo das seções. Os soldados da Guarda recarregavam com grande rapidez, apoiando suas varetas na cerca antes de apontar seus pesados mosquetes e disparar no inimigo que ficava oculto pela fumaça. Cada seção disparava um segundo depois da sua vizinha, de maneira que a cerca não deixava de cuspir fogo e o bosque retumbava com as descargas sucessivas.

Pouco a pouco os franceses bateram em retirada; mais e mais soldados fugiram das implacáveis descargas dos mosquetes.

— Cessar fogo! — gritou um oficial da Guarda desde o horto. O espaço frente ao bosque estava cheio de mortos e feridos. Os franceses estiveram jogando seus soldados contra pedra e chamas, e sofreram as consequências, mas os soldados da Guarda viram ainda mais homens que formavam no distante bosque, ao que parece para realizar mais um ataque.

No jardim cercado, o único civil que restava em Hougoumont estava quase em lágrimas. Era o jardineiro do castelo e havia estado correndo de um canteiro a outro, tratando de salvar suas preciosas plantas das botas da Guarda britânica. Apesar de seus esforços, o jardim estava de pernas pro ar. Algumas pereiras que subiam por treliças haviam sido arrancadas da parede e os botões de rosa estavam pisoteados. O jardineiro fez uma pilha tão pequena com as plantas que de alguma maneira havia resgatado que dava pena, então, se encolheu, enquanto observava um cadáver francês sendo arrastado pelos calcanhares através dos vestígios de um

canteiro de espargos.

O segundo ataque francês havia fracassado. O coronel MacDonnell, com a cara ainda manchada de sangue, encontrou Sharpe no pátio quando o som do último disparo de mosquete havia sumido.

— Você poderia ser útil para mim. — falou timidamente não querendo usurpar a autoridade de outro homem.

— Farei o que for possível.

— Mais munição? Pode ir procurar alguma carroça que tenha e mandá-la aqui para baixo?

— Com muito prazer. — Sharpe se alegrou por ter uma tarefa como Deus manda. MacDonnell deu uma olhada no pátio e fez uma careta ante os restos do massacre.

— Acredito que possamos resistir aqui, desde que tenhamos pólvora. Oh, Deus! Está viva! — vira a gata que levava a última de suas crias pelo pátio da matança. O jovem tambor francês capturado, com o rosto cheio de lágrimas, cobria a boca com a mão enquanto olhava com seus olhos arregalados os corpos que os vitoriosos soldados da Guarda revistavam para saqueá-los. O instrumento do menino estava junto à porta da capela, feito em pedaços, ainda que ele ainda tivesse suas baquetas metidas no cinturão.

— Anime-se, rapaz! — disse MacDonnell ao menino em um francês coloquial e amistoso. — No ano passado paramos de comer os tambores capturados.

O menino começou a chorar outra vez. Um robusto sargento com sotaque galês gritou para seus homens começarem a retirar os cadáveres inimigos.

— Amontoem estes sacanas ali no muro! Vamos, com brio!

Sharpe e Harper recuperaram seus cavalos, que milagrosamente haviam sobrevivido ilesos ao combate do pátio. O portão abriu e os fuzileiros cavalgaram em busca dos cartuchos que afiançariam o castelo.

Enquanto isso, na outra colina, o Imperador afastava o olhar de Hougoumont. Olhava para a esquerda das posições britânicas, para a tentadora, desimpedida e pouco empinada ladeira situada ao leste da estrada. Supunha que o general sipaio já teria mandado suas reservas em auxílio da assediada guarnição de Hougoumont, portanto agora o mestre da guerra lançaria um raio para a esquerda das filas britânicas. O corpo do marechal Erlon, que até o momento não se havia estreado naquela breve campanha, poderia agora ter a honra de ganhá-la. E quando esse corpo tivesse quebrado a linha britânica, o Imperador soltaria sua cavalaria, fresca e ansiosa, para acossar o inimigo em fuga e não deixar dele mais que despojos.

Era uma e meia. O dia ficava cada vez mais quente, quente mesmo, portanto finalmente os grossos uniformes de lã estavam secando. As nuvens se dispersavam e errantes raios de sol iluminavam a fumaça dos canhões franceses que cobria o vale, mas nos campos do leste, por onde se esperava a chegada dos prussianos, a intermitente luz do sol não iluminava nada. Gneisenau havia feito bem seu trabalho, e os britânicos estavam sozinhos.



# Capítulo 15

O bombardeio francês cessou de repente. A fumaça dos quentes tubos dos canhões se erguia em sujas nuvens acima do trigo e do centeio. Em Hougoumont os mosquetes seguiam disparando e os obuses lançavam seus projéteis para o cume do castelo para que explodissem no bosque de trás, mas sem os disparos da artilharia francesa; algo muito parecido com o silêncio inundou o campo de batalha de maus presságios.

Uma leve brisa balançou as plantações no vale e levou a fumaça afastando-a do cume francês, revelando que os soldados de casaca azul, com seus reluzentes cinturões cruzados, desciam pela distante ladeira. A infantaria francesa, que ia à frente, avançava para atacar a colina britânica. Iam em quatro grandes colunas acompanhados por canhões arrastados por tiros de cavalos.

Cada coluna tinha uma largura de duzentos homens; quatro amplas falanges que desciam de forma incontrollável para o sopé da colina francesa para deixar um rastro de veredas de trigo esmagado em sua passagem. Um tumulto de escaramuçadores, separados dos demais, corria à frente de cada ação. Os tambores, ocultos no interior de cada coluna marcavam o ritmo das milhares de botas que tudo pisavam; os tambores tocavam o *pas de charge*, o velho toque que havia conduzido a infantaria do Imperador ao outro lado do Vístula e pelas planícies além de Madri. A concentração de tambores fazia que todo o vale estremecesse. Os veteranos da colina britânica já o haviam ouvido antes, mas para a maioria dos homens de Wellington, se tratava de um som novo e sinistro.

As quatro colunas atravessaram a metade leste do vale. A coluna que atacaria no centro avançou pela estrada e ameaçou rodear a granja da Haye Sainte. Um sol esvaído brilhava debilmente nas baionetas caladas da primeira fila das colunas. Os fuzileiros que estavam no areal frente à granja derrubavam os primeiros escaramuçadores franceses que se haviam dispersado pelos campos de centeio. Por trás dos escaramuçadores, as botas da coluna pisotearam a plantação e logo os tambores se calaram em uníssono para deixar que toda a coluna lançasse seu grito de guerra: “*Vive l’Empereur!*”.

Na colina, acima da granja um oficial da artilharia britânica deu uma última meia volta na manivela de seu canhão de nove libras. O saco de tecido cheio de pólvora estava esmagado na recâmara sob o peso de seu projétil. Um rígido tubo sobressaía da chaminé. O tubo, cheio de uma pólvora muito fina, estava cravado com força no saco de tecido para que assim a labareda se propagasse no fundo da carga. O canhão apontava colina abaixo, portanto, para evitar que a bala saísse rodando do tubo, ela teve que ser presa com um anel de chumaço, um círculo de corda bem preso contra a bala. Quando o canhão disparasse, a corda seria desintegrada pela explosão. O oficial, seguro de que o projétil cairia causando estragos sobre a coluna francesa que se aproximava, retrocedeu. O artilheiro atirador se encontrava junto à roda direita do canhão com seu bota-fogo fumegante enquanto que os outros seis artilheiros aguardavam a ordem de recarregar.

Os escaramuçadores de casacas-vermelhas e verdes correram para o cume da colina britânica e depois desceram por sua longa vertente, onde se dispersaram em uma corrente de atiradores. Os fuzileiros estavam entocados entre o centeio e puxaram a pederneira de suas armas. O trabalho dos escaramuçadores britânicos consistia em manter os *voltigeurs* franceses afastados dos vulneráveis artilheiros. Os oficiais da companhia ligeira dispersaram seus homens em meio de sons sibilantes. Os *voltigeurs* caminhavam pelas plantações meio esmagadas como homens que avançassem penosamente através de águas pela altura da cintura.

Uma corneta ordenou aos soldados de casaca verde abrirem fogo. O fuzil Baker, com suas sete estrias que giram um quarto de volta dentro do cano, possuía um alcance mais longo que o mosquete de alma lisa, assim como uma precisão mais mortífera. O Imperador havia se negado a armar os *voltigeurs* com fuzis dizendo que o ritmo muito mais rápido do fogo dos mosquetes compensava com sobras o dito de alcance e precisão, mas naquele momento oficiais estavam pagando as consequências dessa decisão porque eram o alvo dos fuzileiros.

— Matem os oficiais! — ordenaram os sargentos dos casacas-verdes a seus homens.

— Não desperdicem pólvora! Busquem seus oficiais e não a essa escória! — Os primeiros oficiais franceses estavam caindo, arremessados para trás pela força das balas giratórias.

— Corram! Corram! — gritou um oficial francês para seus soldados, e os *voltigeurs* avançaram correndo para reduzir a distância de tiro e constranger os fuzileiros com a ameaça de seus mosquetes. Os casacas-vermelhas abriram fogo. Os mosquetes emitiam estalido mais forte que o estouro mais agudo dos rifles. Naquele momento os franceses estavam disparando tantos mosquetes retumbando em ambos os lados que a escaramuça soava como uma horda de crianças batendo paus ao longo da grade de um parque. Por cima da ladeira as nuvens de fumaça branca se moviam com o vento e se fundiam. Aquela era a guerra particular dos soldados de infantaria ligeira, uma guerra amarga que tinha lugar no cada vez mais reduzido espaço entre as colunas e os canhões britânicos que aguardavam.

Um dos fuzileiros disparou e imediatamente correu atrás de seu companheiro, que por sua vez avançou agachado com o fuzil carregado e disposto a proteger seu camarada, que laboriosamente atacou a bala para fazê-la descer pelas estrias do cano do fuzil que impediam entrasse com facilidade.

— Vigie sua esquerda, Jiminy! — gritou um sargento em sinal de advertência. — Há um dos palhaços lá e quero esse sacana morto!

Antes que pudessem matar o oficial francês, um grupo de escaramuçadores de casaca azul se lançou para frente com as baionetas caladas em seus mosquetes.

— Para trás, rapazes! Para trás! — Os fuzis, de recarregamento muito lento, eram vulneráveis àquelas arremetidas determinadas, mas os soldados foram para trás das agachadas figuras de uma companhia ligeira dos casacas-vermelhas que de repente se ergueram entre o centeio e fizeram estourar seus mosquetes, cujos disparos abateram meia dúzia de franceses. Uma resposta na forma de uma descarga irregular acertou a coxa de um tenente de casaca vermelha que soltou uma maldição, caiu e observou com incredulidade como seu sangue

empapava suas calças brancas. Dois de seus homens o agarraram pelos ombros de sua casaca e sem nenhum tipo de contemplações arrastaram o tenente ladeira acima para levá-lo aos cirurgões.

Os escaramuçadores combatiam por todo o vale, mas os *voltigeurs* franceses superavam amplamente em número de seus oponentes e pouco a pouco, com ressentimento, os casacas-vermelhas e os fuzileiros se retiraram. Atrás deles, do outro lado do cume da colina, o restante da infantaria britânica esperava. Estavam deitados de boca para baixo, escondendo-se tanto dos canhões franceses como da massa de soldados das quatro colunas que avançavam. Os batalhões britânicos ocultos se achavam distribuídos em duas filas, uma formação perigosamente frágil que logo teria que se levantar e enfrentar o estrondoso impacto das colunas que avançavam adiante.

Tais colunas começaram a passar por cima dos escaramuçadores mortos e agonizantes. Os meninos dos tambores, dois no centro de cada coluna, batiam as baquetas como se seu fervor juvenil pudesse conduzir aquele enorme assalto até a própria Bruxelas.

Aquele era o velho estilo da guerra, o estilo do Imperador, o ataque em coluna que dependia da mera força para romper a linha de batalha do inimigo. Mas os franceses não eram tontos e muitos deles já haviam enfrentado os mosquetes britânicos e sabiam que o velho estilo nunca havia funcionado contra as linhas de casacas-vermelhas. Os britânicos eram muito velozes com suas armas, e todos os mosquetes de uma linha britânica podiam disparar na coluna atacante enquanto que na formação francesa somente os homens das duas primeiras filas podiam devolver o fogo, por isso cada vez que os britânicos tinham enfrentado as colunas francesas, haviam ganhado. A linha britânica parecia muito frágil, mas se sobrepunha a coluna e o seu fogo. Contra as tropas de outras nações a coluna funcionava estupendamente, mas os britânicos haviam aprendido a descarregar um destrutivo ataque de mosquetes que convertia as colunas em desastrosas carnificinas. Mas nessa ocasião os franceses fariam de outra forma. Daquela vez tinham uma surpresa própria, algo para evitar que a linha os superasse e o fogo do mosquete os subjugasse. Aquela surpresa deveria esperar até que os dois lados estivessem bastante perto para olhar nos olhos um do outro. Ainda faltavam alguns minutos para aquele confronto, pois as linhas britânicas ainda estavam deitadas e as colunas francesas tinham que subir pela ladeira diante dos canhões que esperavam.

— Fogo! — gritaram os oficiais da artilharia ao longo da colina.

As mechas acenderam os cálamos de penas, cheios de pólvora fina, que conduziram a chama para a carga das bolsas de sarja e os canhões deram uma sacudida que os fez retroceder sobre suas próprias armações, com as rodas completamente separadas do barro, antes de voltar a cair alguns metros para trás de onde estavam situados.

Em um instante a fumaça borrou a colina. As balas de nove libras saíram assobiando colina abaixo e caíram sobre as filas que marchavam. Uma bala podia matar uma dúzia de homens. Os projéteis se lançaram entre as apinhadas tropas destroçando, esmagando, rompendo ossos, espalhando carne e sangue profundamente nas pesadas concentrações de soldados.



— Fechar filas! Fechar filas! — gritavam os sargentos franceses.

As tropas que avançavam saltaram por cima dos corpos que se retorciam para fechar filas. Os tambores redobravam com mais força e rapidez e aceleravam aquele sangrento instante. Os soldados do centro ergueram seus mosquetes com a baioneta na ponta ao mesmo tempo em que ovacionavam seu herói: “*Vive l’Empereur!*”.

Na colina, os artilheiros trabalhavam como escravos fustigados. O soldado encarregado de limpar a alma, com a lanada empapada na ponta do escovilhão, introduziu o úmido material pelo tubo fumegante. Tinham que sacar do cano os restos de pólvora e lona que ainda ardiam e que podiam acender e fazer explodir a carga seguinte. A repentina compressão do ar quando se empurrava o escovilhão com a lanada podia fazer estourar os resíduos de pólvora não queimada que cobria as paredes da recâmara, portanto um artilheiro usando uma luva de couro para o polegar pressionava com este a chaminé para impedir que entrasse ar.

Sacou-se a lanada usada e o artilheiro carregador meteu a nova bolsa com a carga no tubo, depois introduziu a bala e o anel de chumaço. O soldado que tinha a lanada virou seu escovilhão e apertou a bala para encaixá-la e gritou quando esta chegou à carga. O grito avisou ao soldado encarregado da chaminé que a carga estava pronta. Este inseriu a sovela dentro do ouvido para romper a bolsa de sarja cheia de pólvora, meteu o cálamo com pólvora dentro do buraco que havia feito. O artilheiro que manejava o escovilhão já estava molhando a lanada em um balde d’água, preparado para o próximo disparo, enquanto os outros dois soldados do equipamento de artilharia puxavam uma alavanca para fazer as armações girarem e que o tubo apontasse para o inimigo que se aproximava.

— Preparados! — gritou um cabo. — Retrocedam! — O oficial levou as mãos aos ouvidos —, disparem!

O canhão retumbou de novo. Nesta ocasião tiveram que empurrá-lo para frente, arrastando-o pelos sulcos que havia aberto no barro com suas duas descargas anteriores. Os disparos dos mosquetes dos *voltigeurs* franceses passavam perto como chicotadas, mas a fumaça do canhão protegia os artilheiros enquanto recarregavam. — Carga dupla! Carga dupla! — Um oficial da artilharia gritava por trás da bateria. — Carga dupla! — O oficial, ao chegar, afastando-se da fumaça, vira o avanço inexorável da coluna mais próxima ao subir a ladeira e soube que havia chegado a hora de levantar as alavancas.

Dessa vez, em lugar de carregar somente com balas, os artilheiros carregaram um pote de balas de mosquete por cima do projétil. Agora cada descarga espalharia um leque de mortíferas balas de mosquete ao redor do pesado projétil.

— Fogo! — O pote de metralha se esmigalhou com o golpe do projétil na coluna francesa mais próxima e abriu um espaço ensanguentado. Os soldados do Imperador iam deixando um rastro de sangue e corpos em sua passagem, mas o ataque seguia forte e sólido. Os canhões leves franceses disparavam do fundo do vale tentando acertar as peças de nove libras britânicas atrás de sua cortina de fumaça. A cavalaria francesa havia avançado pelos flancos das colunas exteriores para protegê-las da ameaça dos cavaleiros britânicos. Era assim que se devia levar a cabo uma guerra: as três armas do exército apoiando umas as outras e a vitória

apenas a um golpe de tambor de distância, do outro lado do cume de uma colina que, para os franceses que avançavam, parecia estar quase totalmente vazia. Viam os canhões e sua fumaceira, assim como as fugazes silhuetas dos escaramuçadores se retirando, e viam um punhado de oficiais a cavalo esperando atrás do cume, mas não viam as linhas inimigas porque os casacas-vermelhas continuavam deitados no chão, escondidos, esperando. Alguns franceses, aqueles que nunca haviam combatido contra Wellington, se atreveram a esperar que a colina estivesse defendida somente com canhões, mas os veteranos da Espanha não eram tão tontos. O maldito duque inglês sempre ocultava seus homens atrás de uma colina se pudesse. Aqueles veteranos sabiam que, dentro de um momento, os malditos ingleses se revelariam. Era assim como os franceses chamavam os soldados britânicos, os malditos ingleses. Não era um apelido afetivo, mas tampouco era degradante como o que eles tinham para os franceses; os franchinotes eram chamados *crapauds*, “sapos”, mas os malditos eram pessoas que maldiziam a Deus, e havia algo arrepiante nessa ideia.

Os tambores franceses fizeram uma pausa. “*Vive l’Empereur!*”

— Fogo! — Outra descarga dupla impactou colina abaixo e naquela ocasião um oficial da artilharia britânica ouviu o tamborilado como de granizo quando as balas do pote de metralha golpearam os mosquetes da infantaria. — Agora estamos açoitando eles, rapazes! — Uma lanada molhada soltou um assobio quando foi introduzida no tubo quente.

Na colina, os oficiais da infantaria britânica observaram e esperaram. Os tambores soavam com força, enquanto que na retaguarda das colunas francesas os soldados cantavam. As bandas dos batalhões britânicos também tocavam atrás da colina, fazendo disso uma cacofônica batalha de música que os franceses iam ganhando a medida que mais e mais soldados se uniam ao canto da Marselhesa: “*Allons enfants de la Patrie, Le jour de gloire est arrivé!*”. As polidas águias brilhavam sobre as enormes concentrações de soldados que marchavam e que pareciam absorver o mortífero bombardeio. Se um projétil provocava uma carnificina entre as filas, estas se fechavam e seguiam adiante. Os oficiais franceses, com as espadas desembainhadas, instavam seus homens a seguir avançando. Eles só precisavam aguentar mais alguns segundos do inferno, mais algumas explosões dos canhões, e então levariam suas baionetas para a colina para se vingar.

Antes, como as linhas de Wellington sempre venciam as colunas francesas, tinham que revelar a surpresa.

— Desdobrar! — Os oficiais franceses gritaram a ordem. As colunas se encontravam então a menos de cem passos do cume da colina britânica. Os *voltigeurs* haviam retrocedido para se unir às tropas das colunas e os escaramuçadores britânicos tinham ido se somar à linha; portanto, naquele momento, se trataria de uma força principal contra a outra. — Desdobrar!

As últimas tropas das colunas começaram a se estender para o exterior. Aquela era a surpresa, a coluna se transformaria de repente em uma linha, mas uma linha mais grossa e pesada que a dos britânicos. Todos os mosquetes franceses poderiam disparar e seriam muito mais numerosos. A linha dos defensores não suplantaria a coluna, ver-se-ia envolvida por esta

última. Os franceses disparariam sua descarga assassina e depois carregariam contra seu inimigo. O dia da glória havia chegado.

A coluna francesa situada mais ao leste avançou sobre Papelotte e fez os soldados do príncipe Bernhard de Saxe-Weimar retrocederem para os mais sólidos edifícios da granja. A coluna que se achava mais ao leste, e que avançava de lado a lado da estrada pavimentada, passou de ambos os lados da Haye Sainte obrigando os fuzileiros a abandonarem seu areal.

Os fuzileiros da Legião Alemã do Rei que guarneciam o que era a granja em si se encontravam bastante a salvo, pois as paredes da Haye Sainte eram de pedra grossa, com boas seteiras, e a coluna não tinha intenção de assaltar uma fortaleza provisória como aquela. Contudo, naquele momento a granja demonstrou sua mortífera valia quando as guarnições esfolaram as colunas que passavam com fogo de fuzil. As tropas francesas receberam um encarniçado assalto; atacadas pelas saraivadas no flanco e pelo bombardeio de carga dupla pela frente. Os franceses, desesperados, ordenaram um assalto à granja. Uma multidão de soldados de infantaria derrubaram as cercas do jardim da cozinha e do horto e obrigaram os defensores a retrocederem para a árvore de olmo na colina atrás. Não que essa retirada importasse muito, já que a maior parte da guarnição estava a salvo atrás das paredes de pedra dos edifícios da granja, de onde mantinham as agressivas saraivadas que já haviam estagnado e quebrado o ataque da coluna situada mais a oeste.

Os quebramares de Wellington funcionavam. Duas das colunas francesas tinham parado, ainda que as duas centrais seguissem retumbando majestosamente e pareciam incontrolláveis subindo pela ampla e despida ladeira situada entre Papelotte e *La Haye Sainte*. O Duque, que sabia que aquelas colunas centrais constituíam o verdadeiro perigo, cavalgou para o lugar onde realizariam seu ataque.

O príncipe de Orange ocupou o lugar do duque junto ao olmo e ficou olhando horrorizado a confusão que reinava ao redor de *La Haye Sainte*. O Príncipe não viu que a granja havia quebrado de forma efetiva toda uma coluna da infantaria francesa, viu unicamente um edifício de paredes brancas envolvido em fumaça e rodeado de inimigos. Ainda pior, viu uma torrente de fuzileiros da Legião Alemã do Rei que corriam em uma precipitada retirada da granja. Wellington não era visto em nenhum lugar, o que significava que o destino e a história haviam situado o príncipe naquela posição estratégica. Roeu as unhas enquanto olhava, então soube que não devia hesitar. *La Haye Sainte* não podia cair! E se já tivesse caído, deviam voltar a tomá-la! Virou-se e viu um batalhão de hanoverianos de seu corpo não muito longe atrás da colina. A infantaria hanoveriana usava casacas vermelhas ao estilo britânico e todo o exército os conhecia como os alemães vermelhos.

— Peça aos alemães vermelhos que avancem! — disse o Príncipe a Rebecque com brusquidão.

— Senhor? — Rebecque estava estremecendo ao ver a execução dos franceses mais próximos pelas cargas duplas dos canhões, e não tinha nem ideia do que o Príncipe queria dizer com aquela ordem.

— Os alemães vermelhos, Rebecque! Devem avançar para a granja e recuperá-la. Diga-

lhes que formem em linha e que avancem. Agora!

— Mas, senhor, a granja não caiu e...

— Faça-o! Agora! — gritou o Príncipe a seu chefe do estado-maior.

Rebecque escreveu a ordem em silêncio, a deu ao príncipe para que a assinasse e então mandou um ajudante de campo ao encontro dos alemães vermelhos. As tropas hanoverianas se desdobraram em linha e depois, ao sinal de um tambor, avançaram com as baionetas caladas. Chegaram ao cume da colina e, com seus estandartes hasteados no alto atrás de suas companhias centrais, caíram sobre os franceses que seguiam amontoados ao redor das paredes com frestas de *La Haye Sainte*.

— É assim que se faz! — exultou o Príncipe. — Dê-lhes aço! Dê-lhes aço!

— Tem certeza que a cavalaria francesa partiu, senhor? — perguntou Rebecque com muita calma.

— Deve-se ser audaz! A audácia é tudo! Oh, muito bom! — O Príncipe aplaudiu os hanoverianos que haviam limpado o jardim da cozinha e estavam abrindo caminho pelo oeste para o flanco aberto da granja. Seguiam alinhados e disparavam contínuas descargas que faziam os franceses retrocederem.

A infantaria francesa se retirou, mas sua cavalaria avançou. Aquela cavalaria tinha se mantido no mais profundo do vale, a salvo do bombardeio britânico de carga dupla, mas naquele momento a guarda do flanco esquerdo viu uma linha de inimigos com casacas vermelhas que se dispersava pelo centeio. As espadas francesas roçaram as bainhas. Parecia que Deus sorria para aqueles soldados da cavalaria.

Os trompetes soaram.

Os *grosfrères*, os couraceiros, encabeçaram o ataque enquanto os dragões com tranças cavalgavam atrás dos cavaleiros da cavalaria pesada. Os artilheiros britânicos apontavam para os restos do flanco da coluna e, por outro lado, a fumaça lhes impedia a visão e não se deram conta da ameaça da cavalaria. Os hanoverianos, disparando rápidas descargas, estavam também cegos com a fumaceira; os soldados das companhias situadas à direita ouviram o ruído surdo dos cascos e olharam aterrorizados através da fumaça da pólvora para ver os primeiros lampejos das armaduras de aço e das espadas curvas.

— Cavalaria!

— Formem em quadrado! — Era tarde demais. Os cavaleiros da cavalaria pesada caíram sobre o extremo aberto da linha das tropas hanoverianas. As grandes espadas Klingenthal, fabricadas com o melhor aço da Europa, arremeteram com força, empurradas pela tonelada de peso de homem e cavalo. Rostos austeros, moldurados por capacetes de aço, se salpicaram com o sangue dos soldados da infantaria quando os cavaleiros abriram passagem entre o batalhão. Os alemães vermelhos romperam filas e fugiram em pânico do retumbar de cascos e das lâminas refulgentes. O grupo de porta-bandeiras se refugiou no jardim da granja, mas a maior parte das tropas hanoverianas foi alcançada em campo aberto e pagou caro. Os cavaleiros cavalgavam ao redor do campo à caça dos últimos refugiados para cortá-los com

implacável eficiência.

O príncipe de Orange olhava tudo boquiaberto desde o olmo. Viu uma espada se elevar no ar gotejando sangue de um morto e depois voltar a cair com um som de açougueiro.

— Pare-os, Rebecque! — exclamou lastimosamente. — Pare-os!

— Como, sua alteza?

Finalmente, os artilheiros britânicos terminaram aquele negócio terrível. A carga havia levado os cavaleiros para um terreno ao alcance dos canhões e as cargas duplas afastaram do campo os soldados da cavalaria, mas não antes de terem abatido os alemães vermelhos, que jaziam com espantosos cortes, sangrando e se retorcendo sobre o canteiro enquanto morriam. O Príncipe de Orange havia atacado de novo.

Enquanto isso, a leste, onde não havia nenhuma granja que protegesse a colina, as duas colunas centrais do ataque francês se desdobraram em linha e seguiram subindo para alcançar a vitória.

A infantaria belgo-holandesa situada na reentrância da colina deu uma espiada de perto na coluna mais próxima e saiu correndo.

Os britânicos vaiaram os soldados que corriam, mas os belgas não se importavam. Suas simpatias estavam com o Imperador, portanto correram para o bosque e ali, a salvo debaixo de suas árvores, esperaram uma vitória francesa que devolvesse o soberano adequado para a Bélgica.

Os tambores franceses tocavam *pas de charge* enquanto as colunas formavam a pesada linha de mosquetes que submergiria o cume da colina sob seu fogo.

— Levantem-se! — a ordem era britânica.

Ao longo de toda a colina, como homens que surgissem completamente armados da terra que os ocultava, os casacas-vermelhas se levantaram. Há apenas um momento a colina parecia estar vazia e no minuto seguinte estava coroada por uma linha de mosquetes.

— Apontar!

Os franceses, que estavam muito perto do cume, haviam parado um instante quando seu inimigo aparecera tão repentinamente da terra, mas os oficiais franceses, ao ver o quanto superavam em número os malditos ingleses, gritaram para seus homens seguirem avançando.

— Fogo!

A primeira descarga britânica estourou com estrépito ladeira abaixo. Foi disparada de apenas uns sessenta passos de distância e se chocou contra as colunas que se abriam, derrubando as primeiras filas como se fossem soldados de chumbo que um menino caprichoso tivesse derrubado.

— Recarregar!

Os soldados separaram de um mordida as balas da ponta dos cartuchos de papel encerado, verteram a pólvora nos canos de seus mosquetes, taparam a pólvora com o papel do cartucho,

cuspiram as balas dentro do cano e as apertaram com força com suas varetas.

— Disparar por seções! — ordenou um major. — Companhia de granadeiros! Disparar!

Começaram as retumbantes descargas, que ressoaram ao longo da colina em meio às chamas e a fumaça. Os franceses devolveram os disparos. Sir Thomas Picton berrou uma ordem e morreu quando uma bala perfurou a cartola e se alojou em seu crânio. Os soldados dos Highlanders, os irlandeses e os dos condados rurais morderam seus cartuchos até os lábios enegrecerem e notarem a língua azeda com o salgado sabor do explosivo. Abriram fogo, chamuscando as bochechas com os restos de pólvora ardendo que saíam expelidos das caçoletas de seus mosquetes.

— Fechar filas! Fechar filas! — Os sargentos arrastaram os mortos e feridos para a parte de trás da linha, deixando os soldados se aproximarem uns dos outros nos vãos deixados pelas balas francesas.

Um canhão disparou e seu pote de metralha semeou uma sangrenta destruição entre os franceses que se desdobravam, mas mesmo assim os franceses se aproximavam, mais tropas avançavam da neblina de fumaça para engrossar sua linha que morria sangrada.

Os casacas-vermelhas esgaravatavam suas pederneiras e se rompiam as unhas ao engatilhar suas armas. Com o retrocesso, os mosquetes davam golpes como se fossem mulas. Os franceses seguiam se abrindo em linha, seguiam avançando e os tambores seguiam incentivando-os. Um canhão leve francês abriu fogo e destroçou um grupo de portas-bandeiras de casaca vermelha. As descargas dos francesas eram lentas, mas os franchinotes superavam em número os malditos ingleses e seguiam abrindo um sangrento caminho, como podiam, para o cume da colina e para a vitória.

E então soou um trompete.

Lorde John Rossendale, que cavalgava perto do conde de Uxbridge, havia observado o avanço das colunas com verdadeira incredulidade. Ouvira falar de tais ataques e havia escutado soldados descrevendo uma coluna francesa, contudo, nada disso havia preparado lorde John para a forma como um ataque como aquele enchia a paisagem, ou a maneira como sua música arrepiava e amedrontava, ou para como parecia irresistível um ataque como aquele; como se cada coluna não fosse formada por indivíduos, mas que fosse um monstro articulado, lento e pesado, que surgisse de um pesadelo para pairar sobre a terra.

Contudo, ainda que as colunas o enchessem de terror, se maravilhou ante a calma dos homens com quem cavalgava. A tranquilidade, observou lorde John, provinha do Duque, por quem os soldados se sentiam irresistivelmente atraídos como se sua segurança lhes contagiasse de alguma forma pela proximidade. O Duque observava detalhadamente as colunas que se aproximavam, mas ainda lhe restava tempo para rir de alguma brincadeira de Álava, o comissionado espanhol. A única vez que Rossendale viu o Duque com o cenho franzido foi quando um breve aguaceiro, que se foi quase tão rápido como chegou, o fez agarrar a capa, sacudi-la e colocá-la sobre os ombros.

— Não suporto me molhar e tampouco tolero os guarda-chuvas — disse a Álava em francês.

— Poderia fazer com que quatro soldados robustos segurassem um pálio — sugeriu Álava, um velho e apreciado amigo das batalhas espanholas do Duque. — Como um potentado maometano.

O Duque respondeu com sua curiosa gargalhada parecida com um relincho.

— Isso seria muito bom! Gosto da ideia! Um pálio maometano, hein?

— E por que não um harém?

— Claro, por que não? — O Duque tamborilava suavemente com os dedos sobre a pequena prancheta montada sobre o pito de sua sela. Lorde John não achou que aquele gesto fosse uma reação por causa do nervosismo, expressava bem mais a impaciência do Duque ante as colunas francesas que avançavam pesadamente. Naquele momento os escaramuçadores inimigos se encontravam tão perto que molestavam o grupo do Duque. Suas balas passavam assobiando e zumbindo ao redor dos cavaleiros. Dois dos ajudantes de campo do Duque foram atingidos, um deles mortalmente, a apenas dois metros à esquerda de onde ele se encontrava. O Duque deu uma espiada no homem morto e depois olhou com o cenho franzido para os canhões inimigos puxados por cavalos. — Não farão nada com aqueles malditos canhões leves — queixou-se como se a pouca eficiência de seu inimigo o ofendesse, e então, trocando para o francês, perguntou a Álava se não achava que os franceses estavam mandando mais escaramuçadores que o habitual.

— Sem dúvida há mais — confirmou Álava, mas sua voz não revelou mais excitação que se tivesse estado compartilhando um dia de caça com o Duque.

As tropas belgo-holandesas passaram a correr, o que fez o Duque apertar os lábios, mas então, consciente do que se podia retificar e do que não, se limitou a mandar um batalhão ocupar o espaço deixado e se dirigiu mais para a esquerda, com o cavalo a meio galope por trás dos casacas-vermelhas que aguardavam. O conde Uxbridge e seu estado-maior foram atrás dele. O Duque fez cara feia quando as colunas francesas começaram se abrir em linha, mas a inesperada manobra não pareceu deixá-lo nervoso.

— Agora é com vocês! — gritou para os casacas-vermelhas do batalhão mais próximo.

Os soldados de casaca vermelha se levantaram e começaram as descargas. Lorde John, que ia atrás dos passos do Duque junto de seu senhor, viu que a tentativa dos franceses de formar em linha não chegou se completar devido ao destrutivo fogo britânico. Os flancos franceses não subiram pelo sopé da colina devido às descargas da infantaria, portanto, em lugar disso, todo o inimigo em massa foi subindo pouco a pouco pela colina, nem em fila nem em coluna, mas em uma formação entre as duas. Na opinião não instruída de lorde John apesar da momentânea confusão que reinava entre os franceses, a batalha seguia tendo um aspecto de terrível desigualdade; uma multidão de franceses tinham se colocado abaixo da fina e frágil linha de casacas-vermelhas. A concentração de tropas seguia avançando. As descargas britânicas atingiam e massacravam as filas que iam à frente, mas os franceses seguiam abrindo

passagem colina acima, passando por cima de seus mortos e lançando seu grito de guerra. Pior ainda, os couraceiros que acabavam de destruir os alemães vermelhos cavalgam agora à esquerda da estrada para escapar do bombardeio e ameaçavam atacar a delgada linha britânica.

O Duque vira tudo e o compreendeu tudo. Dirigiu-se a Uxbridge.

— Está pronta sua pesada, Uxbridge?

— Certamente, sua excelência!

Lorde John tardou um momento em entender a elegância da solução do Duque. Os franceses se achavam a um passo de um êxito devastador. Suas colunas subiam passo a passo pela colina e dentro de um momento se veriam reforçadas pela cavalaria pesada que cairia sobre o flanco dos casacas-vermelhas como uma torrente de aço. A linha do Duque seria destroçada, a infantaria francesa a atravessaria em avalanche e depois mais cavalaria cruzaria o vale em tropel para finalizar a esmagadora derrota.

Salvo que o contra-ataque do Duque estava preparado. Um cavalo seria enfrentado com outro cavalo e a cavalaria pesada britânica cairia sobre os *grosfrères* do Imperador. As próprias tropas da Guarda da Casa Real britânica: a Guarda Real, a Guarda de Dragões do Rei e a Guarda Azul, junto com a Real Brigada da União, os Escoceses Cinzentos e a Cavalaria dos Inniskillings salvariam o exército.

Lorde John virou seu cavalo, desembainhou a espada que lhe haviam emprestado e saiu a toda pressa atrás do conde de Uxbridge.

— Harry! Tem que me deixar ir!

Aquela era a oportunidade que lorde John havia esperado e pela qual tinha rezado. Viu outros oficiais do estado-maior, Christopher Manvell entre eles, que se apressavam a se unir a seus regimentos. — Pelo amor de Deus, Harry, deixe-me lutar! — voltou a suplicar lorde John.

— Você pode combater, Johnny! Quantos mais, melhor! Iremos em busca de seus cavalos e depois destroçaremos sua infantaria!

A nata da cavalaria britânica compareceria para quebrar o ataque francês. Lorde John, com a espada emprestada brilhando na mão, cavalgou para recuperar sua honra. Em batalha.



# Capítulo 16

Quase dois mil e quinhentos homens reunidos atrás do plano cume da colina. Alguns soldados colocavam capacetes reluzentes com penachos de crina. Os escoceses, montados em seus enormes cavalos brancos, usavam os gorros altos de pele de urso dos granadeiros, em memória ao dia em que capturaram o estandarte da Guarda Real de Luis XIV em Ramillies. Ajustaram as correias no queixo e brincaram como habitualmente faziam os homens que enfrentavam um combate. Na atmosfera abundava o cheiro de excremento de cavalo.

Um oficial levantou uma mão enluvada, por um segundo a manteve no alto sem movê-la e depois a baixou para apontar o lugar onde a fumaça de canhão pairava sobre o vale. Uma corneta dava o toque de avanço enquanto as compridas linhas de ataque partiam para frente com o tilintido das barbadadas de corrente e o rangido do couro.

Era a cavalaria pesada da Grã-Bretanha, a Guarda do Soberano e a Brigada da União, a cavalaria melhor montada de todo o mundo e a pior dirigida.

Usavam cavalos grandes e fortes, criados em ricas pradeiras inglesas e irlandesas. Os cavalos estavam descansados, ilesos e ansiosos. Os cavaleiros desembainharam as espadas e engataram as correias de couro das armas em seus pulsos cobertos pelo punho das luvas. As lâminas daquelas espadas eram de um pesado aço de quase noventa centímetros que fora afiado como se fosse uma lança. A corneta deu o sinal de iniciar o trote e os compridos penachos começaram a ondular atrás das filas. Alguns dos cavaleiros tomaram um último trago de rum de seus cantis enquanto outros tocavam seus amuletos da sorte. Um cavalo torceu o lábio para mostrar compridos dentes amarelos, outro relinchou excitado. Um soldado cuspiu um pedaço de tabaco e depois amarrou as rédeas em torno do pulso esquerdo. As filas da cavalaria que iam à frente se encontravam no cume e, através da cortina de fumaça, puderam ver que o vale era como o pátio de recreio de um assassino; um amplo campo repleto de um inimigo desprevenido. Vinte mil soldados da infantaria francesa tinham cruzado o vale e dois mil e quinhentos da cavalaria carregariam sobre seu exposto flanco. Os cavaleiros esporearam seus cavalos para avançar a meio galope e seus penachos sacudiram furiosamente no vento fumegante. Os alforjes e as bainhas se agitavam em seus lados. Uma flâmula bordada com fio de ouro os guiava ladeira abaixo. As filas de cavaleiros eram irregulares pois todos queriam se aproximar do inimigo, enquanto seus oficiais, que não queriam ficar para trás, avançaram a toda velocidade como se estivessem cavalgando por terras de caça e temessem perder sua presa.

Por fim, os trompetes fizeram soar o toque de ataque. As dez notas, que subiam de tonalidade em conjunto, soaram penetrantes até alcançar o agudo e claro tom fazendo os cavaleiros saírem disparados. Ao caralho com a prudência! Dane-se o lento avanço e a regular carga final que levaria os cavalos para seu alvo como um só grupo unido! Aquilo era a guerra! Aquele era um terreno de caça com presas humanas e a glória não esperava até que o último dos soldados formasse em linha, portanto os trompetes faziam tremer o sangue com seu

toque louco. Carregar e que cada um salve sua própria pele!

Realizaram um glorioso ataque com uma genial cavalaria que cruzou em diagonal a face frontal da ladeira da colina como uma torrente. Diante deles estavam os couraceiros, e além dos cavaleiros inimigos com peitoral a infantaria que não formava nem em linha nem em coluna. Nenhum dos franceses esperava o ataque.

Os cavalos dos couraceiros estavam arrebatados. Ainda estavam formando suas linhas depois da matança dos alemães vermelhos, e naquele momento não tiveram nenhuma oportunidade. Foram arrasados em um instante. Lorde John, que corria atrás dos cavaleiros da Guarda Real, ouviu o som metálico das espadas ao se chocarem contra os peitorais das armaduras; viu de relance homens desmontados, cavalos caídos no piso, depois uma espada ensanguentada que se erguia alto. Os couraceiros, amplamente superados em número, foram arrasados no tempo de um soldado da cavalaria, com sua montaria ao galope, golpear uma vez com sua arma. Um cavaleiro irlandês deu um grito, não de dor, mas de puro regozijo ao matar. Outro soldado estava ébrio de rum e com sua espada manchada de sangue e seu cavalo, que sangrava pelas feridas das esporas, lançou-se para seguir com a matança.

Alguns poucos cavaleiros britânicos foram derrubados quando seus cavalos tropeçaram com os abatidos couraceiros, mas a maior parte da carga fluiu entre os cavalos caídos e os franceses feridos. Os cavaleiros viram que os soldados da infantaria se amontoavam como se fossem ovelhas levadas para a toca do lobo. Uma corneta, que dava notas ondulantes tocadas de um cavalo ao galope, lançou seu claro desafio à glória.

Lorde John gritava como se estivesse bêbado. Nunca, em toda sua vida, havia sentido uma excitação como aquela. A própria terra parecia estremecer. Por todo seu redor, brilhando naquela penumbra diurna, uma torrente de homens e cavalos avançavam estendidos ao máximo e dispostos a matar. Os cavalos, que mostravam os dentes, pareciam voar por cima do campo. O barro levantado pelos cascos dos cavalos em sua frente manchou e bateu em seu rosto. Havia uma música desenfreada no ar, o som estrepitoso dos cascos e de berros agudos, dos pulmões dos cavalos que ofegavam como se fossem foles, de tosse que se desvaneciam pelas costas e de bramidos de advertência que soavam mais forte à frente, das cornetas que os impeliam a avançar, de uma glória tão vívida quanto a bandeira guia que parecia se dirigir em linha reta para o coração da coluna francesa.

Então os cavaleiros alcançaram seu alvo. E os franceses, que ainda estavam manobrando para mudar a formação, estavam indefensos.

Os grandes cavalos e seus imponentes cavaleiros caíram sobre o inimigo ao longo do flanco rompido de sua coluna. A cavalaria abriu grandes brechas no próprio centro da infantaria francesa. As espadas desciam, se alçavam e voltavam a cair. Os cavalos se empenavam e com os golpes de suas espadas rompiam crânios. Os soldados da cavalaria, deleitando-se na matança, partiram para o centro da coluna que se rompia para acelerar sua desintegração e facilitar assim a inércia de seus componentes. Açoitavam os franceses com horror e seguiam chegando mais cavaleiros para abrir ainda mais veredas de morte e horror entre aquela massa em pedaços.

— Calar baionetas! — os casacas-vermelhas que estavam no cume da colina procuraram às apalpadelas suas bainhas, sacaram as compridas lâminas e encaixaram as baionetas nos quentes e fumegantes canos dos mosquetes.

— Avançar! — Ouviu-se um hurra ao longo da colina e então os casacas-vermelhas saíram correndo para se unir à matança. Os franceses vieram abaixo. Não havia infantaria que pudesse resistir. As colunas francesas se romperam e fugiram, coisa que facilitou ainda mais a tarefa da cavalaria. Não havia nenhum problema em matar um homem correndo, assim os soldados da cavalaria saciaram suas ânsias de morte e já queriam mais. Estavam embriagados com a matança, empapados dela, deleitando-se nela. Alguns cavaleiros estavam literalmente ébrios, ressumando rum e ânsia e assassinando como o diabo. As cornetas tocavam, animando-os, até que as lâminas das espadas estivessem tão manchadas que o sangue jorrava das mãos e pulsos da cavalaria.

Um sargento escocês de quase dois metros de estatura, que montava um cavalo para jogo, conseguiu a primeira águia. Ele a conseguiu sozinho, adentrando-se com seu enorme cavalo de guerra em um grupo de desesperados franceses que estavam dispostos a morrer por seu estandarte. Morreram. O sargento Ewart era forte o bastante para utilizar a tosca espada de quase noventa centímetros. Matou o primeiro dos defensores atravessando-lhe a cabeça. Um sargento francês, armado com uma das lanças fornecidas para defender as apreciadas águias, apontou com ela para Ewart, mas o escocês ergueu a espada e a cravou na mandíbula do sargento. Solto a lâmina de um puxão, esporeou seu cavalo para que seguisse avançando, notou que uma bala de mosquete passava voando junto ao seu rosto e arremeteu contra o soldado que a havia disparado, abrindo-lhe o crânio com seu impiedoso aço.

Ewart fez deu meia volta em seu cavalo, estendeu o braço, agarrou a águia e seus calcanhares voltaram a golpear, ao mesmo tempo em que erguia o dourado troféu por cima da cabeça. Gritava para que todo mundo visse o que havia feito e seu cavalo, como se compartisse o triunfo, cavalgou por aquele vereda de morte com a ensanguentada cabeça alta e as ilhargas tingidas de escarlata.

— Já fez bastante por um dia! — O coronel dos Escoceses Cinzentos ofereceu um cumprimento ao sargento. — Leve-a para a retaguarda!

Ewart, segurando a águia no alto e empurrando-a para o céu para mostrar aos deuses o que havia conseguido, regressou a meio galope para a colina britânica. Passou junto a um regimento da infantaria dos Highlander que o ovacionaram até enrouquecer.

Os outros cavaleiros seguiram em frente. O campo estava molhado de sangue e de chuva e o solo era traiçoeiro pelos corpos dos mortos e lastimoso pelos feridos, mas os cavalos seguiam jogando seus cascos de aço e marfim sobre os franceses que fugiam em pânico. Um tambor foi feito em pedaços sob os cascos de um cavalo. O tamborileiro, um garoto de apenas doze anos, estava morto. Outro menino que gritava aterrorizado foi atropelado por um cavalo branco que lhe quebrou a cabeça com o golpe de um de seus cascos. Alguns soldados da infantaria francesa correram para a infantaria britânica que carregava contra eles e se puseram à mercê dos casacas-vermelhas. A infantaria britânica, que se viu freada pela carnificina que

encontraram em sua passagem, parou o ataque e reuniu os aterrorizados prisioneiros.

A cavalaria não sabia o que era tal clemência. Havia sonhado com um campo como aquele, cheio de um inimigo destroçado para destroçá-lo ainda mais. O capitão Clark da Real Brigada capturou a segunda águia estraçalhando seus defensores, agarrando o troféu, defendendo-o e depois o levando para longe dos patéticos sobreviventes que, ao ouvir sua própria morte nos enormes cascos, tentaram sair correndo, mas poucos tinham para onde correr, já que os cavaleiros irlandeses, escoceses e ingleses estavam arrasando por todo o vale. Até mesmo os cavalos eram treinados para matar. Mordiam, baixavam seus cascos, lutavam como os enlouquecidos homens que os montavam.

Lorde John aprendeu finalmente a matar. Conheceu o prazer de abandonar toda circunspecção, do poder absoluto, de cair sobre homens esgotados que se viravam, gritavam e desapareciam ficando para trás quando sua espada arremetia contra eles. Viu-se escolhendo um homem como alvo e inclusive espreitando-o se isso significava ignorar outros franceses mais próximos, e depois escolhendo a maneira como sua vítima morreria. Acertou uma delas de lado no pescoço e quase perdeu sua espada, que se cravou profundo. Praticou a estocada e aprendeu a dominar a pesada ponta da lâmina. Empapou o aço de sangue, salpicando o ar com ele depois de cada vitória e descendo depois a ponta para mais. Viu um gordo oficial francês que fugia correndo com torpeza e lorde John esporeou seu cavalo passando entre os soldados franceses mais próximos, levantou-se nos estribos e fez descer sua espada subitamente. Notou que o crânio rachava como um ovo cozido gigante e riu em voz alta diante de tal comparação em um momento como aquele. A gargalhada soou mais parecida com uma risada demoníaca, um apropriado acompanhamento para os gritos dos outros soldados da cavalaria, embriagados com a morte, que havia ao seu redor. Deu meia volta, rachou a cara de um francês e apertou o passo. Viu Christopher Manvell que se esquivava de uma desesperada investida de uma baioneta e depois cravava sua espada. Um punhado de Inniskillings passaram com grande estrondo junto a lorde John, com seus cavalos cobertos com o sangue inimigo e suas vozes uivando um hino ao massacre. Na frente de lorde John havia um soldado de cavalaria dos Escoceses Cinzentos bêbado e não parava de dar golpes em um sargento francês que se agitava no chão em meio a um charco de sangue que se estendia. O rosto do escocês era uma risonha máscara ensanguentada.

— Seguiremos até Paris! — gritou um major da Guarda Real.

— Os canhões! Matem aqueles malditos artilheiros!

— Até Paris! Em frente até Paris! A carga havia cumprido sua obrigação magnificamente bem. Havia acabado com o batalhão de couraceiros e depois tinha destruído a maior parte de um corpo da infantaria francesa. O ataque havia deixado o vale cheio de corpos e sangue e capturara duas águias, mas aquela era a cavalaria britânica, a pior dirigida de todo o mundo, e naquele momento seus soldados se consideravam imortais. Eles haviam inundado suas almas com a glória de guerra, agora fariam com que seus nomes perdurassem em seus anais. As cornetas deram o sinal de voltar a formar e o conde de Uxbridge gritava para os cavaleiros próximos que se retirassem e voltassem a formar atrás da colina, mas havia outros oficiais, e as cornetas, que queriam mais sangue. Eram a cavalaria. Em frente até Paris!

As esporas voltaram a espetar, as vermelhas espadas se ergueram alto e a carga seguiu adiante.

O campo de batalha cheirava agora de outra maneira. O sangue, fresco e enjoativo, misturava seu odor com a acre fetidez de pólvora queimada. Os canhões britânicos ficaram em silêncio com os tubos quentes e fumegantes e as bocas enegrecidas. Já não havia mais alvos, o ataque francês... Tão constrangedor durante um instante, havia sido desarmado e convertido em sangue, ossos e homens fugindo. Os sobreviventes da infantaria francesa, muitos deles com terríveis feridas causadas pelas pesadas espadas perambulavam aturdidos pelo plantio esmagado. Os fuzileiros alemães que se haviam retirado do jardim e do horto de *La Haye Sainte* correram de volta para suas posições, enquanto que os escaramuçadores do 95º voltaram a ocupar o areal. Perto desse areal um couraceiro desceu lentamente de seu cavalo. Ficou olhando para os fuzileiros, desafivelou a pesada armadura e a deixou cair. Deu um olhar temeroso para os casacas-verdes e se dirigiu mancando de volta a *La Belle Alliance*. Os fuzileiros o deixaram partir. O Príncipe de Orange, que já havia esquecido a morte de suas tropas hanoverianas, bateu as mãos alegre como a cavalaria britânica e virou para o sul para completar seu ataque.

— Não são magníficos, Rebecque? Não são simplesmente magníficos?

O Duque, um pouco além na colina, também olhava como os cavaleiros viravam bruscamente para o sul de forma desordenada. Por um momento pareceu enjoado e depois se virou e ordenou a sua infantaria que voltasse a se refugiar atrás da vertente da colina. Os prisioneiros franceses, despojados de suas mochilas, bolsas e armas, se dirigiam em fila para o bosque. E o Duque esporeou seu cavalo para regressar para junto do olmo.

Sharpe e Harper haviam encontrado um parque de carroças de munição de quatro rodas no extremo do bosque, todos sob a custódia de um oficial gordo que pertencia ao estado-maior do intendente e que se negou a fornecer qualquer carroça sem a devida autorização.

— Qual é a devida autorização? — Sharpe lhe perguntou.

— Uma ordem firmada por um oficial competente, certamente. Se me perdoam. Hoje não tenho precisamente pouco trabalho. — O capitão ofereceu a Sharpe um sorriso bobo, se virou e se afastou.

Sharpe desembainhou sua pistola e disparou uma bala que se cravou no piso entre os calcanhares do capitão.

O capitão se virou, com o rosto lívido e tremendo.

— Necessito de uma carroça de cartuchos de mosquete — disse Sharpe com sua voz mais paciente.

— Preciso da autorização, sou o responsável ante... — Sharpe pôs a pistola no cinturão.

— Patrick, atire nesse gordo sacana. — Harper sacou sua espingarda de sete canos, a

engatilhou e apontou, mas o capitão já saíra correndo. Sharpe esporeou seu cavalo e foi atrás dele, o pegou pelo colarinho da roupa e aproximou seu rosto da sela.

— Eu sou um oficial competente e se não conseguir a munição que quero, nos próximos cinco segundos e de maneira muito competente, vou meter um cano de nove libras em sua bunda e dispersarei seu corpo por toda Bruxelas. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Então, que carroça podemos levar?

— Qualquer uma que quiser, senhor, por favor.

— Ordene a um condutor que nos siga. Queremos munição para mosquete, não para fuzil. Você entende isso?

— Sim, senhor.

— Muito obrigado. — Sharpe soltou o homem. — Você é muito amável.

Os *voltigeurs* franceses continuavam disparando para as paredes do castelo e mais infantaria inimiga estava se concentrando no bosque para realizar outro assalto a Hougoumont. A carroça desceu com estrépito pelo caminho esburacado e passou junto ao palheiro na porta. Os franceses haviam colocado uma bateria de obuses apontando para a granja e alguns de seus projéteis incendiaram o telhado, mas o coronel MacDonnell estava surpreendentemente otimista. — Não podem queimar as paredes de pedra, né? — Uma bomba caiu sobre o telhado do estábulo, quicou em meio à chuva de ardósia quebrada e foi parar no calçamento do pátio. A mecha assobiou e fumegou um instante e depois o projétil estourou sem causar danos, mas a visão daquele estouro de pólvora serviu de incentivo para os soldados da Guarda Real, que carregavam as caixas de cartuchos da carroça recém chegada. MacDonnell, virando-se para voltar para a casa da fazenda, parou e inclinou a cabeça.

— Se não estou enganado, coisa que duvido, creio que nossa cavalaria está justificando seu pagamento, para variar.

Sharpe escutou. Em meio ao crepitar dos disparos de mosquete e dos estouros das armas pesadas, as dez chamadas de trompete, que indicavam o ataque da cavalaria, soavam fracas e claras.

— Acho que tem razão.

— Esperemos que saibam de que lado lutam — disse MacDonnell com secura, e então fez um gesto com a mão em sinal de agradecimento e regressou para a casa.

Sharpe e Harper seguiram a carroça de volta colina acima, onde viraram para o leste, para a linha central. Passaram junto ao que restava do capitão Witherspoon que havia morrido quando uma granada comum passou quase roçando a superfície da colina e lhe explodiu no ventre, seu relógio, que milagrosamente não havia quebrado, tinha caído em um urtigal onde, oculto e escondido, seguia fazendo tique-taque. Os ponteiros do relógio marcavam duas e vinte e sete da tarde, hora em que se esperava a chegada dos prussianos, que ainda não haviam chegado.

Lorde John se afastou a galope da abatida infantaria francesa. Em sua frente e ao seu redor iam grupos de outros cavaleiros, todos cavalgando pelo vale para assaltar a linha principal de batalha dos franceses na colina sul.

A carga britânica havia se dispersado com a luta entre a infantaria, portanto agora os cavaleiros galopavam em pequenos grupos como uma partida de caça que tivesse se separado devido a uma longa corrida atrás de uma raposa. Os soldados da cavalaria ainda estavam enlouquecidos com a vitória, seguros de que nada podia se opor a suas longas e ensanguentadas espadas.

Uma cerca viva de azevinho, quebrada e pisoteada pelo avanço das colunas francesas, cortava o caminho de lorde John. Seu cavalo saltou por cima, tropeçou com os sulcos de arado que do outro lado, recuperou o equilíbrio e seguiu adiante a galope. Três soldados dos Inniskillings iam carregar por sua esquerda e lorde John virou para eles em busca de companhia. À sua direita choveu uma explosão de fumaça e terra que ficou para trás rapidamente enquanto seguiu galopando. Uma linha irregular de Escoceses Cinzentos ia à sua frente, com as ilhargas de seus cavalos cobertas de sangue e suor. Lorde John buscou Christopher Manvell ou outro de seus amigos, mas não viu ninguém. Não que isso importasse, porque naquele dia sentia que todo soldado de cavalaria era seu amigo.

A cavalaria se dirigia para carregar na metade oeste do vale. Seus enormes cavalos ofegavam com força e o piso estava encharcado e pesado, mas os cavalos eram fortes e dispostos. Os soldados tinham parado de gritar com a sede de sangue, de maneira que o som do ataque tinha se convertido no ruído de cascos, no ranger de selas e no barulho áspero de respiração.

Os artilheiros franceses situados na colina sul carregaram seus doze libras com potes de metralha. Romperam os sacos de pólvora e introduziram os cálamos recheados pelos ouvidos.

Os cavalos cruzavam o vale com grande estrondo. Já estavam se aproximando uns dos outros e se uniam pela necessidade de companheirismo e pela consciência do perigo.

Os artilheiros deram um último ajuste nas armações de seus canhões. Agacharam-se com a próxima carga preparada em seus braços. Os oficiais avaliaram a distância e gritaram a ordem: *Tirez!*

Uma explosão de metralha varreu a vertente frontal. Dois dos Escoceses Cinzentos que iam à frente de lorde John caíram em meio a um disforme de sangue e confusão enlameada.

Passou a galope entre os dois soldados ao mesmo tempo em que observava a fumaça dos canhões que descia para ele. Um cavalo sem cavaleiro com os estribos se agitando passou junto a toda velocidade pela direita. Um dos cavaleiros irlandeses que lorde John tinha a sua esquerda fora atingido pela metralha em seu braço direito. Pôs as rédeas entre dentes e segurou sua espada com a mão esquerda.

Os canhões dispararam de novo; outro estrondo carregado de fumaça no qual as repentinas chamas se cravavam e fora do qual outro estouro de metralha abriu enormes brechas na linha

de ataque, mas mesmo assim centenas de homens permaneceram em suas selas. O cavalo moribundo de um soldado da Guarda Real se chocou contra um dos Escoceses Cinzentos e ambos os homens, assim como suas montarias, desabaram gritando contra o solo. Um oficial que ia detrás saltou por cima daquela massa agonizante e lançou o furioso grito de desafio que havia iniciado aquela carga enlouquecida: “Para Paris!”.

Aquela voz pareceu desatar outras mil. Os gritos começaram de novo, os alaridos de soldados assustados demais para reconhecerem seu medo, eufóricos demais para acreditarem na morte e próximos demais dos canhões para voltarem atrás.

Os cavalos que iam à frente dissiparam a fumaça dos canhões e ao fazê-lo revelaram os artilheiros que corriam desesperadamente para se abrigarem entre a infantaria situada detrás. As espadas começaram de novo seu trabalho. Um artilheiro arremeteu com seu pesado escovilhão contra um soldado da Guarda britânica, falhou e morreu com a lâmina de uma espada cravada em sua boca aberta.

A infantaria, que se encontrava a menos de duzentos metros atrás dos canhões e protegida por uma espessa cerca viva, havia formado em quadrado. Os cavaleiros, montados sobre cavalos esgotados que queriam recuperar o fôlego, viraram bruscamente e se afastaram da ameaça dos mosquetes apinhados. Foram em busca de outros alvos, galopando em um inútil tumulto entre os canhões abandonados e os invulneráveis quadrados da infantaria. Alguns dos cavalos diminuíram a marcha e seguiram ao passo. Ninguém havia se lembrado de trazer os martelos e os pregos de cobre que se necessitavam para cravar e inutilizar os canhões capturados, portanto o pior que podiam fazer era arremeter com suas espadas contra a inicial do Imperador gravada em relevo em todos os tubos dos canhões. Alguns dos artilheiros franceses foram lentos demais para escapar e tinham se refugiado abaixo de suas armas ou entre as rodas das carroças de munição; pelo menos aqueles soldados poderiam ser caçados. Os cavaleiros se inclinavam torpemente em suas selas para arremeter contra soldados que se agachavam e se escondiam abaixo dos eixos dos canhões.

Chegaram mais cavaleiros britânicos que atravessaram a fumaça dos canhões com um surdo estrépito para encontrar a artilharia capturada, os artilheiros mortos ou agonizantes e uma multidão de soldados da cavalaria que davam voltas, impotentes, entre os carros de munição. Havia atacado para alcançar a glória e não chegaram a nenhum lugar. A infantaria francesa bloqueava o prometido caminho para Paris, e essa mesma infantaria foi que começou a disparar descargas que, mesmo a menos de duzentos metros, encontraram alvos.

— Acho que seja hora de voltar para casa.

Um capitão dos Escoceses Cinzentos, com a espada manchada de sangue até a empunhadura, passou com sua montaria junto a lorde John, cujo cavalo pastava em uma faixa de relva atrás de um canhão. Lorde John olhava fixamente para a infantaria mais próxima e se perguntava quando se retomaria a carga.

— Voltar para casa? — perguntou lorde John surpreso, mas o escocês já havia apressado o passo para o norte, para a colina britânica e a segurança.

— Retirada! — gritou outro oficial. Um soldado de cavalaria escocês, cujo cavalo fora



atingido por uma bala de mosquete, corria entre os canhões atrás de um cavalo sem cavaleiro que conseguiu encurralar e montar. Puxou a cabeça do animal para dirigi-lo para o vale e o esporeou com força para pôr-se a salvo.

Lorde John voltou a olhar para a infantaria inimiga, e graças a um vento forte que dispersou a cortina de fumaça viu todo o exército francês se abrindo em sua frente. Sentiu um arrebatamento de terror e puxou as rédeas. Seu cavalo, que estava cansado e respirava agitadamente, virou-se a contragosto. A carga britânica havia terminado.

Estava a ponto de começar o ataque francês. Sua cavalaria começou a cavalgar da direita de sua linha. Todos eram cavaleiros descansados: lanceiros e hussardos, a cavalaria leve da França cujos oficiais conheciam seu sombrio trabalho à perfeição.

Não carregaram contra a concentração de destroçados soldados da cavalaria britânica na colina, dirigiram-se para o vale a meio galope para cortar-lhes a retirada.

Os britânicos, que regressavam dos intactos canhões franceses, dispersaram a fumaça em sua passagem e viram o inimigo que os aguardava.

— Merda! — Um soldado da Guarda Real cravou suas esporas e seu cavalo avançou pesadamente e com discordância a meio galope. Era uma corrida que a cavalaria pesada britânica estava condenada a perder. De um em um, de dois em dois, em grupos dispersos, em pânico, fugiram para o norte, para a distante colina onde sua própria infantaria esperava.

Os trompetes franceses soaram.

Os Lanceiros vermelhos encabeçaram o ataque. Alguns deles eram polacos, ainda leais ao imperador, mas a maioria era de belgo-holandeses que lutavam pela bandeira que amavam e que nesse momento baixavam suas flâmulas de cauda enforquilhada e lançavam seus cavalos contra os aterrorizados britânicos.

— Corram! Corram! — naquele momento o pânico era absoluto entre os britânicos. Os homens se esqueceram da glória e só queriam se afastar e se pôr a salvo, mas era tarde demais.

Os lanceiros se precipitaram sobre o flanco da multidão em fuga. As lanças, que os lanceiros sustentavam rígidas contra seu corpo com a força do cotovelo direito, penetraram em seus alvos. Os soldados caíram dos cavalos gritando. Os lanceiros passaram por cima de suas vítimas, puxaram suas lanças para recuperá-las e as impulsionaram para frente enquanto esporeavam seus cavalos à caça de mais fugitivos. Atrás dos lanceiros vinham os hussardos com os sabres, de maneira que qualquer soldado que escapasse das lanças era atravessado por aquelas lâminas curvas.

Lorde John via a matança a sua direita, mas seu cavalo seguia correndo livre. Um cavalo sem cavaleiro passou galopando junto dele e sua própria montaria pareceu igualar seu ritmo. A cerca de azevinho estava a uns cem metros à sua frente. Viu que a cavalaria leve britânica vinha da colina em resgate aos restos da brigada pesada.

— Vamos! — Deu um golpe para trás com sua espada como se fosse um rebenque. Um soldado dos Escoceses Cinzentos saltou por cima da cerca. O lanceiro que o perseguia

arremeteu contra ele, mas o escocês deu uma brusca virada e o lanceiro se afastou cambaleando ensanguentado. Lorde John olhou para trás e viu que dois daqueles diabos vermelhos o perseguiram. Esporeou selvagemmente seu cavalo. Sentia o medo na garganta como um vômito azedo. Não haveria glória, nem uma águia capturada, nem nenhum radiante momento heróico que desse fama a seu nome; tratava-se apenas de uma desesperada corrida para salvar a vida através de um campo enlameado.

Então, a sua direita, viu que um monte daqueles lanceiros vermelhos carregavam contra ele. Seus cavalos mostravam os dentes amarelos ao mesmo tempo em que os cavaleiros pareciam lançar-lhe olhares lascivos por cima da brilhante perversidade de suas lanças. Lorde John estava se mijando de medo, mas sabia que não devia se render. Se pudesse atravessar sua linha e saltar a cerca, talvez abandonassem a perseguição.

Lançou um grito desafiante, agarrou sua espada de forma que ficasse rígida em continuação a seu braço direito e tocou as rédeas para que seu cavalo virasse bruscamente para a direita. A súbita mudança de direção fez com que os lanceiros se desviassem do curso que seguiam para interceptá-lo. Tiveram que girar ligeiramente, brandiram suas lanças e de repente lorde John estava passando entre eles. Sua espada, que segurava com o braço estendido, parou o golpe de uma lança da qual se desprenderam fragmentos da brilhante madeira da haste. Havia esquivado as pontas da lança! Emitiu um grito de triunfo ao perceber isso. Seu cavalo se chocou contra outro menor, francês, mas não perdeu o equilíbrio. Em sua frente havia dois hussardos. Um dos dois lançou uma estocada para lorde John, mas o inglês foi mais rápido e sua espada se cravou profundamente no ventre do soldado francês. A lâmina ficou presa entre os músculos do homem agonizante que se contraíam, mas lorde John conseguiu de algum modo arrancá-la daquela sucção e com um amplo movimento do braço deu um revés e a lançou no segundo hussardo, que se esquivou do golpe e deu um desesperado puxão em seu cavalo para se afastar.

O medo de lorde John estava se transformando em euforia. Aprendera a combater. Havia matado. Tinha sobrevivido. Vencera seus perseguidores. Segurou no alto sua ensanguentada espada emprestada como se fosse um troféu. Na noite anterior havia mentido sobre sua destreza, contudo naquele dia as mentiras se tornaram realidade; fora provado em combate e fora convincente. Lorde John transbordava e fervia de felicidade enquanto seu cavalo atravessava estrepitosamente a cerca de azevinho, e à sua frente não viu nada mais que a longa e desimpedida ladeira. Aquela ladeira significava a liberdade, não apenas de seus perseguidores, mas do medo que o havia acossado por toda sua vida. De repente ficou consciente do quanto estivera com medo, tanto de Sharpe como da ira de Jane. Que se fodam! Saberiam que sua cólera já não atemorizava lorde John, porque havia dominado o medo cavalgando pela linha de canhões inimigos e regressando à base de operações. Gritou seu triunfo justo quando um cavalo cinzento sem cavaleiro cruzou sua frente ao galope.

O grito de lorde John se transformou em uma exclamação de alarme quando seu cavalo girou bruscamente para esquivar o obstáculo. O cavalo cambaleou ao entrar em um terreno de barro profundo e, enquanto tentava recuperar o equilíbrio, parou em seco.

Lorde John gritou ao cavalo que se movesse. Afundou selvagemmente as esporas.

O cavalo tentou tirar os cascos da pegajosa lama. Avançou aos solavancos, mas com péssima lentidão, e o primeiro dos dois lanceiros que ainda perseguiam lorde John alcançou sua senhoria.

A primeira ponta de lança penetrou na parte baixa das costas de lorde John.

Ele arqueou a coluna vertebral, gritando. Solto sua espada e suas mãos procuraram às apalpadelas pelas costas e encontraram a lâmina que se retorcia em seu ventre como um gancho de pendurar carne. O segundo lanceiro solto um gemido quando estocou fundo. Sua lança atingiu lorde John nas costelas, mas ricochetou no osso e se cravou no braço direito.

Lorde John gritava e caía. O hussardo sobrevivente, cujo amigo fora morto por lorde John, se aproximou do inglês pela esquerda e golpeou sua senhoria com um feroz revés do sabre que, assim como muitas das armas francesas, tinha apenas a ponta afiada para incentivar o soldado a dar estocadas e não cortes. O fio torpe do aço se chocou com um golpe surdo contra o rosto de lorde John, quebrando a ponte de seu nariz e com o golpe cegando seus olhos de forma instantânea. O pé esquerdo escorregou do estribo, e o direito, preso no ferro, o arrastou para o barro enquanto seu cavalo tentava fugir desesperadamente. Tiraram a lança de suas costas com um puxão. Caiu de barriga, gritando e chorando, quando o couro do estribo se rompeu. Tentou se virar para enfrentar seus torturadores e buscou às apalpadelas a espada que ainda pendurava da correia de sua munheca, mas outra estocada o atingiu na perna direita e, como a lança fora cravada com toda a força de soldado e cavalo juntos, rompeu seu fêmur. A ponta da lança se partiu na ferida. Lorde John queria suplicar a seus atacantes, mas o único som que pôde articular foi um balbuciente e infantil grito de terror. Agitava os dedos inutilmente como se quisesse desviar qualquer outra arremetida.

Os três cavaleiros franceses se plantaram ao redor do inglês que sangrava e tremia.

— Ele está acabado — disse um dos lanceiros que desmontou de sua sela e se ajoelhou junto ao inglês. Desembainhou uma faca com a qual cortou as correias da bolsa de lorde John no qual tilintavam as moedas. Jogou a bolsa para seu companheiro e depois cortou os bolsos do inglês, começando pelas calças.

— O sujo sujeito mijou nas calças, viu? — O lanceiro tinha sotaque belga. — Este é mais rico do que um porco na merda. Olhem! — Havia encontrado mais moedas nos bolsos das calças de lorde John. O lanceiro arrancou o cachecol de seda de lorde John e lhe rasgou a camisa. Lorde John tentou falar, mas o lanceiro lhe deu uma bofetada. — Cale-se, cara de porco! — Debaixo da camisa de lorde John encontrou uma corrente de ouro com um medalhão também de ouro. Tirou a corrente com uma sacudida da mão, abriu a tampa do medalhão com seu polegar ensanguentado e solto um assobio ao ver a beleza de cabelos dourados cujo retrato estava no interior. — Dê uma espiada neste pedaço de prostituta! Ele não vai mais poder transar com ela, hein? Ela vai ter que encontrar alguém para aquecê-la. — Jogou o medalhão para seu companheiro, pegou o relógio de lorde John do bolso de seu colete e depois virou o homem de boca para baixo para vasculhar os bolsos traseiros de sua casaca. Encontrou uma luneta dobrável que meteu em seus próprios bolsos. O hussardo que havia cegado lorde John estava revistando os alforjes do inglês, mas então solto um grito para

advertir que a cavalaria ligeira inimiga estava se aproximando perigosamente.

O lanceiro se levantou, apoiou a bota direita nas costas de lorde John e utilizou sua senhoria como um improvisado apoio para montar. Ele e seu companheiro deram a volta e se afastaram. Até o momento fora um bom dia; os dois belgas se lançaram à carga com a ideia de caçar um oficial suntuosamente vestido e, ao encontrar lorde John, haviam conseguido um butim que no mínimo era igual ao pagamento de todo um ano. O hussardo levou o cavalo de lorde John.

Lentamente, lorde John afastou seus ardentes, sangrentos e cegos olhos do barro. Queria chorar, mas seus olhos eram como barras de fogo que amornavam suas lágrimas. Gemeu. A glória havia se tornado obscena, convertera-se em uma agonia que enchia todo seu universo. Suas costas e a perna ardiam com uma dor atroz. Uma dor que o inundava e o destroçava. Gritou, mas não podia se mover, gritou, mas ninguém veio em sua ajuda. Havia terminado, toda a honra e a excitação e todo o futuro brilhante como o ouro, tudo reduzido a um cego e sangrento horror de bruços no barro. Os sobreviventes do ataque britânico voltaram à base lentamente. Não havia muitos. Uns poucos cavalos sem cavaleiro formaram filas com os sobreviventes enquanto se passava lista. Um regimento tinha se lançado ao ataque com trezentos e cinquenta soldados de cavalaria dos quais só regressaram vinte e um. O restante estava morto, agonizava, ou havia sido preso. A cavalaria britânica havia destroçado todo um corpo de franceses e a si mesmos com ele.

O vapor se levantava dos úmidos campos. Naquele momento o dia estava quente.

Os prussianos não haviam chegado.

# Capítulo 17

— Ali. — Rebecque apontou para os corpos que jaziam sobre a relva ao leste de *La Haye Sainte*. Estavam espalhados em forma de leque, como se os tivessem matado enquanto se dispersavam de um mesmo ponto de ataque. No centro do leque, onde os soldados tinham se agrupado para uma desesperada defesa, os corpos estavam amontoados. Sharpe franziu o cenho enquanto que Harper, a uns poucos passos de distância pelas costas do estado-maior do príncipe, se benzeu ante a horripilante visão.

— Eram tropas hanoverianas. Bons soldados, todos eles — disse Rebecque em tom sombrio, depois espirrou. O tempo cada vez mais seco fazia que sua alergia voltasse.

— O que ocorreu? — perguntou Sharpe.

— Ele os fez avançar em linha, certamente. — Rebecque não olhou para Sharpe enquanto falava.

— Havia cavalaria?

— Claro. Tentei detê-lo, mas não quis me escutar. Acredita que é o novo Alexandre o Grande. Quer que mande fazer uma bandeira laranja para que um soldado a leve atrás dele o tempo todo... — A voz Rebecque foi se apagando.

— Maldito seja!

— Só tem vinte e três anos, Sharpe, é jovem e tem boas intenções. — Rebecque, que temia que suas palavras anteriores pudessem ser interpretadas como desleais, encontrou desculpas para o Príncipe.

— É um maldito açougueiro — replicou Sharpe com muita frieza. — Um açougueiro com espinhas.

— É um príncipe — disse Rebecque com incômoda reprovação. — Lembre-se, Sharpe.

— No máximo, Rebecque, poderia ser um tenente meio aceitável, e até sobre isso tenho minhas dúvidas.

Rebecque não respondeu. Limitou-se a se virar e a ficar olhando com olhos lacrimejantes a parte oeste do vale que era uma destroçada ruína de infantaria morta, soldados de cavalaria mortos e cavalos mortos debaixo das nuvens de fumaça de canhão. Voltou a espirrar e xingou a alergia ao pólen.

— Rebecque! Você viu isso? Não foi glorioso? — O Príncipe esporeou seu cavalo e se afastou do punhado de homens que indicavam a posição de Wellington junto ao olmo. — Deveríamos ter estado lá Rebecque! Meu Deus, mas o único lugar para a honra é na cavalaria!

— Sim, senhor. — Rebecque, que seguia anormalmente abatido, fez o que pôde para igualar o bom humor de seu monarca.

— Capturaram duas águias! Duas águias! — O Príncipe deu umas palmadas. — Duas!

Trouxeram uma para mostrar ao Duque. Alguma vez já viu alguma de perto, Rebecque? Não são de ouro, são apenas adornadas para que pareçam. Não são mais que um feio truque dos franceses, nada mais! — O Príncipe percebeu pela primeira vez a presença de Sharpe e generosamente incluiu o inglês em seu entusiasmo. — Deveria ir e dar uma espiada, Sharpe. Não se vê uma águia todos os dias!

— O sargento Harper e eu capturamos uma águia certa vez. — A voz de Sharpe transbordava um ódio inconfundível. — Foi há cinco anos, quando o senhor ainda ia ao colégio.

O alegre rosto do príncipe mudou como se alguém o tivesse golpeado. Rebecque, assustado com a grande grosseria de Sharpe, tentou pôr seu cavalo entre o fuzileiro e o Príncipe, mas este último não quis saber nada do tato de seu chefe do estado-maior.

— O que diabos faz você aqui? — perguntou em troca a Sharpe. — Eu lhe disse que ficasse em Hougoumont.

— Não necessitam de mim lá.

— Senhor!

O Príncipe gritou aquela palavra, exigindo de Sharpe que utilizasse o honorífico. Os demais oficiais do estado-maior, entre eles Doggett, retrocederam para se afastar da ira real.

— Não precisam de mim lá — disse Sharpe com teimosia, e não pôde resistir mais à antipatia e ao desprezo que sentia pelo Príncipe. — Os homens que em Hougoumont são soldados como Deus manda. Não precisam que lhes ensine a desabotoar as calças antes de mijar.

— Sharpe! — gritou Rebecque sem poder se conter.

— Diga-me, o que ocorreu ali? — Sharpe apontou para os alemães vermelhos, mas olhava para o príncipe.

— Rebecque! Prenda-o! — gritou o Príncipe para seu chefe do estado-maior. — Prenda-o! E a seu criado também. O que diabos faz você aqui, afinal de cotas? — A pergunta foi dirigida aos gritos a Harper, que olhou com tranquilidade para o príncipe sem se incomodar em responder.

— Senhor... — Rebecque sabia que não tinha nem autoridade nem motivos para realizar nenhum prisão, mas o Príncipe não queria atender as razões.

— Prenda-o! — Sharpe levantou dois dedos diante do nariz do príncipe em um gesto grosseiro, acrescentou as palavras adequadas, virou seu cavalo e se afastou.

O príncipe gritou para o fuzileiro que regressasse, mas, de repente, os canhões franceses, que haviam feito uma pausa enquanto a cavalaria britânica era massacrada no vale, abriram fogo outra vez, e Sharpe teve a impressão de que todos os canhões da colina francesa tinham disparado no mesmo instante, provocando um estrondo de fatalidade digno de indicar o fim do mundo, e inclusive suficiente para distrair a indignação de um príncipe.

As granadas e as balas caíram com fúria sobre a colina britânica. As explosões e as

cascatas de terra sacudiram toda a linha. De repente o ruído foi ensurdecedor, uma combinação de fogo de canhão e um prolongado e estrondoso trovejar que martelava o céu. Os membros do estado-maior do príncipe baixaram a cabeça instintivamente. Um oficial de artilharia, situado a menos de dez passos de distância de onde Sharpe se afastava do príncipe a meio galope, desapareceu em meio a um estouro de sangue quando uma bala de doze libras acertou seu ventre. Um de seus canhões, que foi atingido em cheio no tubo, foi para trás com uma sacudida e ficou metido nas profundas rodadas que abriu com seu próprio retrocesso. Os franceses abasteciam seus canhões com frenética e desesperada rapidez.

O que só podia significar uma coisa. Aproximava-se outro ataque. Passavam dois minutos das três da tarde e os prussianos não haviam chegado.

Os soldados belgas que fugiram da batalha afluíram para Bruxelas. Aquela não era sua guerra, não deviam tributo a um governante holandês que fora nomeado rei da província francófona da Bélgica, nem tampouco tinham nenhum carinho à infantaria britânica que tinham zombado de sua retirada.

Uma vez na cidade foram assediados com perguntas. A batalha estava perdida, disseram os belgas. Os franceses saíam vitoriosos de toda parte. Pelo riacho do bosque de *Soignes* corria o sangue dos ingleses.

Lucille, que passeava pelas ruas em busca de notícias, ouviu as histórias de soldados mortos espalhados pelo chão de um bosque. Escutou descrições de uma vingativa cavalaria francesa que dava caça aos últimos sobreviventes, mas ela seguia ouvindo o bombardeio e pensou que os canhões não estariam disparando se a batalha já estivesse ganha.

Ela foi ver a sua conhecida, a condessa viúva de Mauberges, que vivia no precário refinamento de uma pequena casa atrás da Rua *Montagne du Parc*. As damas tomaram café. A parte de trás da casa da condessa dava para o pátio da cozinha do hotel mais na moda em Bruxelas.

— Os fogões do hotel já estão preparando o jantar desta noite — a condessa confidenciou a Lucille.

— A vida deve continuar — disse Lucille piedosamente. Supôs que, indiretamente, a condessa estava se desculpando pelo cheiro de gordura de cozinhar que inundava a sala empoeirada. Por cima da cabeça de Lucille as lágrimas de cristal de um lustre tremiam com o som dos canhões.

— Não! Não me interpretou bem! Estão preparando o jantar de celebração, querida! — A condessa estava eufórica. — Dizem que o imperador gosta muito de frango assado, e é isso o que estão preparando! Pessoalmente, eu prefiro o pato, mas esta noite comerei frango com muito prazer. Vão servi-lo com um molho de migalha de pão e leite, acho, ou pelo menos foi o que me disseram os criados. Fofocaram com o pessoal do hotel, sabe? — falou como se estivesse muito envergonhada de ter revelado que escutava as fofocas dos criados, contudo a janta era um augúrio da vitória francesa, portanto a condessa não podia guardar para si a boa

notícia.

— Estão cozinhando para o Imperador? — Lucille soou duvidosa.

— É claro! Ele quererá um jantar da vitória, não é verdade? Será como nos velhos tempos! Todos os generais capturados obrigados a comer com ele e aquele asqueroso príncipezinho babando sobre sua comida! Desfrutarei ao vê-lo, com certeza! Você vai vir, não vai?

— Duvido que me convidem.

— Não haverá tempo para mandar convites! Mas naturalmente você deve vir, toda a nobreza vai estar lá. Tem que jantar com o Imperador esta noite e ver seu desfile da vitória amanhã. — A condessa suspirou. — Será tudo tão agradável!

No andar de cima do hotel as janelas tremiam com o impacto dos disparos de canhão. Jane Sharpe estava deitada na cama, com as cortinas e os olhos fechados. Estava enjoada.

Escutava o bombardeio e rezava para que uma pequena parte de sua terrível violência a libertasse matando Sharpe.

Rogava de forma apaixonada, insistindo para Deus, suplicando, chorando. — Não pedia muito. Só queria se casar, ter um título e ser a mãe do herdeiro de lorde John. Pensava que a vida era muito injusta. Havia tomado todo tipo de precauções e mesmo assim estava grávida, por isso, naquele momento, enquanto os canhões repercutiam, rezava por uma morte. Tinha que se casar com lorde John, do contrário, ele poderia se casar com outra e então ela seria considerada uma puta, e seu filho um filho da puta. Sentia aquela criança ou como algo azedo em seu ventre. Deitou-se de lado no quarto escuro, xingou os odores da cozinha que lhe davam vontade de vomitar e chorou.

Os canhões seguiam disparando e Bruxelas esperava.

D'Alembord estava resignado a morrer. O único milagre do dia até agora era que sua morte ainda não havia acontecido.

Naquele momento parecia inevitável, pois a repentina torrente de metal se verteu sobre a colina. Os canhões franceses estouravam com fúria e, ao redor de D'Abord, as granadas e as balas remexiam a terra e a convertiam em uma massa irregular. Seu cavalo tinha sido morto durante o bombardeio que do início da batalha, portanto D'Alembord se via obrigado a não se mover enquanto o ar zumbia, vibrava e se agitava com a passagem dos projéteis, e enquanto o solo tremia, reverberava com os golpes e jogava montes de barro e pedras.

Encontrava-se diante do batalhão que por sua vez estava a umas centenas de passos à direita do olmo. Não que a árvore ainda pudesse ser vista, porque a fumaça de canhão havia se assentado na colina britânica e ocultava tudo aquilo que estivesse a mais de cem metros de distância. D'Alembord havia observado os ataques anteriores a Hougomont e depois vira os hanoverianos se dirigirem para a morte, mas a grande carga de cavalaria havia permanecido oculta para seus olhos devido à fumaça dos canhões que disparavam do centro das linhas



britânicas. Lamentou não poder ver mais coisas da batalha porque pelo menos isso lhe serviria de distração enquanto esperava a morte. Havia aceitado que ia morrer e estava decidido a fazê-lo com toda a dignidade da que fosse capaz.

Esse era o motivo pelo qual se havia dirigido para a frente do batalhão, para estar no lugar de maior perigo no cume da colina. Podia ter ficado com o grupo de defensores onde o coronel Ford se preocupava e limpava constantemente os óculos com sua faixa de oficial, ou podia ter ocupado seu posto na retaguarda do flanco direito dos Voluntários do Príncipe de Gales, mas em troca D'Alembord havia se adiantado alguns passos dos oficiais da companhia e agora estava ali, imóvel, olhando fixamente a fumaça do outro lado do vale. Às suas costas os soldados estavam deitados de bruços, mas nenhum oficial podia se proteger desse modo. O trabalho de um oficial consistia em dar exemplo. O dever de um oficial era ficar quieto, mostrar despreocupação. Já chegaria o momento no qual os soldados teriam que se levantar ante o fogo francês e portanto os oficiais deviam ser um paradigma de absoluto estoicismo. Aquela era a tarefa principal de um oficial da infantaria durante o combate, dar exemplo, e não importava se tinha um nó na barriga devido ao medo, ou se ao respirar às vezes soltava uma lamúria, ou se seu cérebro se encolhia de terror, mesmo assim devia demonstrar uma calma absoluta.

Se um oficial tivesse que se mover sob o fogo inimigo, tinha que fazê-lo lentamente e com parcimônia, com o ar de alguém que, de forma distraída, dá um pensativo passeio pelo campo. O capitão Harry Price moveu-se daquela maneira ainda que seu deliberado modo de andar se pusesse um pouco a perder quando suas novas esporas se engancharam em um emaranhado de centeio esmagado e quase o derrubaram de bunda no chão.

Recuperou o equilíbrio, tentou mostrar dignidade puxando sua peliça e depois relaxou ao lado de Peter D'Alembord.

— Agora faz um pouco de calor, Peter, não acha?

D'Alembord teve que controlar sua respiração, mas conseguiu uma resposta digna.

— Definitivamente o dia ficou mais quente, Harry. Price ficou um momento em silêncio, sem dúvida buscando algum comentário para manter a conversa.

— Se as nuvens se dispersassem seria um dia excepcional!

— Realmente.

— Tempo bom inclusive para jogar um pouco de críquete. — D'Alembord olhou de esguelha para seu amigo e por um segundo se perguntou se Harry Price tinha ficado completamente louco, mas então viu um músculo que tremia na face de Harry e percebeu Price só tentava ocultar seu próprio medo.

De repente Price esboçou um sorriso.

— Falando de críquete, está contente com nosso valente coronel?

— Não fala muito. Não faz mais que limpar seus malditos óculos.

Harry Price baixou a voz como se, mesmo em meio daquele turbilhão de granadas e balas,

alguém pudesse ouvir o que dizia.

— Pus um pouco de manteiga nos extremos de sua faixa esta manhã.

— Fez o quê?

— Passei manteiga na faixa — disse Price com regozijo. Olhou para cima com receio quando uma granada fez um curioso som vibrante por cima de suas cabeças e depois relaxou quando ela explodiu longe atrás deles —, foi esta manhã, enquanto se barbeava, só utilizei um pedacinho de manteiga, não queria que ficasse muito evidente. Tampouco é a primeira vez que lhe unto os óculos. Fiz isso da última vez que insisti em que jogássemos críquete. Por que acha que não conseguia ver a bola?

D'Alembord se perguntou como alguém podia fazer uma brincadeira tão própria de um colegial na manhã de uma batalha e então, depois de uma pausa, falou com repentina veemência.

— Odeio o maldito críquete.

Price, que gostava do jogo, se sentiu ofendido.

— Isso não é muito inglês de sua parte.

— Não sou inglês. Sou de ascendência francesa, o que provavelmente seja o motivo de achar o críquete um jogo tão chato! — D'Alembord temeu estar deixando transluzir uma nota histérica.

— Há jogos mais chatos do que o críquete — disse Price com seriedade.

— Realmente acha?

Uma bala de canhão caiu sobre a companhia número quatro. Matou dois soldados e feriu outros dois com tanta gravidade que morreriam antes de poder chegar aos cirurgiões. Um deles começou a gritar com uma voz trêmula que destroçava os nervos até que o sargento-mor do regimento, McInerney, gritou para o ferido se calar e depois ordenou que jogassem os mortos onde os cadáveres estavam sendo amontoados para formar uma grosseira barricada. Uma granada estourou no e afogou a voz do sargento-mor do regimento. Harry Price olhou para a nuvem de fumaça que a explosão da granada havia deixado e que a brisa arrastava.

— Uma dessas baterias franchinotes está cortando umas mechas curtas demais, não acha?

— Disse que há um jogo mais chato que o críquete. — D'Alembord não queria pensar em mechas nem em granadas.

Price consentiu com a cabeça.

— Alguma vez já viu alguém jogar golfe?

D'Alembord moveu a cabeça em sinal de negação. A sua esquerda, ao longe, podia distinguir os *voltigeurs* franceses que avançavam entre os hanoverianos mortos para *La Haye Sainte*. O inconfundível som dos disparos dos fuzis que indicava que a guarnição da granja percebera o perigo e então os mosquetes franceses começaram a somar sua própria fumaça à neblina da batalha.

— Nunca vi jogar golfe — disse D'Alembord. O esforço para controlar seu medo fez sua voz soar muito afetada —, como alguém que ensaiasse uma língua estranha. — É escocês, não?

— É um maldito e estranho jogo escocês. — Price pestanejou e engoliu saliva quando um projétil de canhão passou horivelmente perto e o vento que levantou em sua passagem acariciou os homens. — Joga-se batendo em uma bolinha com um pau torcido até levá-la perto de um buraco de coelho. Então lhe dá um toquezinho e para pô-la dentro do buraco, depois a apanha e volta a jogá-la para outro buraco.

D'Alembord olhou para seu amigo, que estava muito sério.

— Está inventando, Harry. Está inventando para poder se sentir melhor.

Harry Price negou com um movimento de cabeça.

— Palavra de honra, Peter. Pode ser que não tenha chegado a perceber os matizes mais sutis do jogo, mas vi um homem barbudo jogando perto de Troori.

D'Alembord começou a rir. Não sabia exatamente por que era tão divertido, mas havia algo, na solenidade de Harry que o fez estourar em gargalhadas. Durante uns poucos segundos seu riso ressoou por todo o batalhão e depois uma granada estourou com o que pareceu uma violência fora do normal e o alferes Huckfield gritava para seus homens que permanecessem agachados. D'Alembord se virou e viu que três dos soldados de sua antiga companhia ligeira haviam sido transformados em bonecas de pano manchadas de sangue.

— O que estava fazendo em Troon, pelo amor de Deus?

— Tenho uma tia que vive lá, uma mulher sem filhos, viúva de um advogado. Seu testamento ainda não está decidido e a fortuna do letrado estava longe de ser desprezível. Fui para convencê-la de que sou um devoto, formal e digno herdeiro.

D'Alembord esboçou um sorriso brincalhão.

— Ela não sabe que é um pilantra preguiçoso e dado à bebida, Harry?

— Li para ela os salmos todas as noites — disse Price com uma precária dignidade.

O ruído surdo de cascos fez D'Alembord se virar para ver um oficial do estado-maior que galopava pelo cume da colina. O homem diminuiu a marcha de seu cavalo à medida que se aproximava dos dois oficiais.

— Devem retroceder! Uns cem metros, não mais! — O homem esporeou seu cavalo adiante e gritou a ordem para o batalhão do coronel Ford, cujos soldados seguiam deitados no solo. — Cem metros, coronel! Retrocedam cem metros! Deitem-se ali!

D'Alembord se virou para o batalhão. Ao longe, na retaguarda, uma granada havia estourado um carro de munição, e nesse momento começou a arder e mandar uma borbulhante coluna de fumaça para as baixas nuvens. O coronel Ford estava de pé nos estribos e gritava suas ordens por cima do estrondo de canhões e projéteis. Os sargentos fizeram seus homens se levantarem e retrocederem para trás do cume. Os soldados, alegres por se afastarem do bombardeio, partiram a passo ligeiro, deixando para trás seus mortos ensanguentados.

— Acho que iremos andando. — D'Alembord ouviu um tremor em sua voz e tentou de novo: — Definitivamente iremos andando, Harry. Não correremos.

— Não posso correr com estas esporas — admitiu Price.

— O que passa com as esporas é que necessita de um cavalo para usá-las.

A pequena retirada afastou da borda da colina as companhias que estavam à frente e as levou para a oculta face do outro lado, mas mesmo assim, e ainda que estivessem deitados na pisoteada plantação, as balas e granadas seguiam atingindo o alvo. Os feridos iam coxeando para a retaguarda, dirigindo-se para a borda do bosque onde os cirurgiões aguardavam. Os membros da banda levaram para lá alguns soldados que não podiam caminhar. Havia algumas poucas bandas encolhidas que seguiam tocando, mas sua música era atenuada pelo martelar do desmedido bombardeio. Mais carroças de munição explodiram, e o fogo e a fumaça que desprendiam ficaram cada vez mais densos, até que o limite do bosque pareceu um crisol gigantesco no qual as chamas crepitavam e cintilavam. Alguns cavalos assustados, libertados das carroças destroçadas, galopavam em pânico entre os feridos que coxeavam e se arrastavam para os cirurgiões.

Na colina sul, os generais franceses tentavam encontrar posições estratégicas onde a fumaça de seus canhões não tapasse a vista e eles pudessem olhar as linhas britânicas em busca de pistas para a efetividade de seu bombardeio.

Viram a agitação da munição que ardia. Viram os dois que retrocediam coxeando; havia tantos que parecia uma retirada. Então, de maneira totalmente repentina, viram que os batalhões alinhados no cume retrocediam e desapareciam.

A infantaria francesa seguia atacando Hougoumont e acabavam de mandar mais homens para capturar o incômodo bastião de *La Haye Sainte*, mas talvez fosse preciso que nenhum dos dois ataques tivesse êxito, porque estava claro que a alardeada infantaria britânica estava derrotada.

Os malditos ingleses batiam em retirada. Suas filas haviam sido despedaçadas pelas jovens do Imperador e os casacas-vermelhas fugiam. O Imperador estava certo: os britânicos não resistiriam a um verdadeiro ataque. Os canhões seguiam disparando, mas a colina parecia vazia, e os franceses cheiraram a glória na fumaça da pólvora.

O marechal Ney, o mais valente entre os valentes, havia recebido ordens do Imperador de acabar rapidamente com os britânicos. Olhou através de sua luneta para a colina inimiga e viu uma magnífica oportunidade para uma rápida vitória. Fechou a luneta de golpe, virou-se na sela e fez sinais para seus comandantes da cavalaria.

Eram três e meia, e os prussianos não haviam chegado.

Sharpe e Harper regressaram instintivamente para a colina acima de Hougoumont, onde jazia o corpo do capitão Witherspoon. Aquele era o lugar onde havia começado sua batalha e onde sentiam uma curiosa sensação de segurança. O bombardeio francês se concentrava no terreno à sua esquerda e deixava a ladeira que se estendia sobre o atribulado castelo em

relativa calma.

Frearam os cavalos perto do cadáver estripado de Witherspoon. Um brilhante corvo se queixou ruidosamente de sua chegada e depois seguiu se alimentando.

— Adeus ao meu salário de coronel — disse Sharpe depois de observar em silêncio a mutável fumaça que pairava sobre o vale. Harper olhava o cadáver com o cenho franzido e se perguntava se era o jovem e simpático capitão que se mostrara tão agradável no começo da batalha.

— Ainda que valeu a pena só para dizer algumas verdades àquele holandês sacana de merda — continuou dizendo Sharpe.

Olhava fixamente para Hougoumont. O telhado do castelo ardia de forma violenta e expelia copiosas chamas que se elevavam para o céu carregado de fumaça. O extremo oeste da casa já havia sido reduzido a paredes despidas enegrecidas ainda que, a julgar pela quantidade de fumaça de mosquetes que rodeava o castelo, o incêndio não tinha diminuído a resistência dos defensores. Os ataques franceses seguiam rompendo em vão contra as paredes do castelo e as descargas dos mosquetes.

— O que quer fazer? — Sharpe perguntou a Harper.

— Quer dizer que podemos partir? — Harper soou vagante surpreso.

— Não há nada que nos detenha aqui, né?

— Acho que não — consentiu Harper; contudo, nenhum dos dois se moveu. À esquerda do castelo o vale seguia estranhamente intocado pela batalha. O único ataque francês contra a linha principal britânica fora realizado pelo leste, não ali no oeste, e os únicos sinais que haviam naquele campo, onde se alternavam o trigo e o centeio, eram marcas negras onde algumas granadas curtas haviam chamuscado as plantações úmidas e açoitadas pela chuva. A infantaria francesa se centrava em torno de Hougoumont e uma multidão de soldados se aproximava de *La Haye Sainte*, mas entre aqueles bastiões o vale se estendia vazio sob a assobiante passagem dos projéteis franceses.

— Onde diabos estão os malditos prussianos? — perguntou Sharpe com irritação.

— Sabe Deus. Talvez tenham ido para outra guerra.

Harper se virou para olhar a infantaria britânica que jazia paciente e imóvel sob a arremetida dos canhões franceses.

— E o senhor aonde irá? — ele perguntou a Sharpe.

— Irei atrás de Lucille e regressarei para a Inglaterra, acho...

Lucille teria que esperar para voltar para casa e ocorreu a Sharpe que a espera poderia ser muito longa, pois se aquela batalha fosse perdida, os austríacos e os russos poderiam firmar a paz com Napoleão e levaria dois anos para se forjar outra aliança contra a França. Mesmo se a batalha daquele dia fosse ganha, ainda poderiam passar meses antes que os aliados destruíssem os exércitos restantes de Napoleão.

— Poderia esperar na Irlanda sugeriu Harper.

— Sim, isso me agradaria. — Sharpe pegou um pedaço de queijo duro de seus alforjes e lançou um pedaço para Harper.

Uma granada quicou na colina ali perto, a mecha girou enlouquecida pelo ar e deixou uma disparatada espiral de fumaça. O projétil caiu no chão, rodou alguns segundos por uma vala lodosa e depois simplesmente se extinguiu. Harper a observou com receio, esperando a explosão que não chegava, e voltou a olhar para a colina ocupada pelos franceses.

— É uma pena partir logo agora. — Harper havia vindo para Bélgica porque o exército britânico e sua guerra contra o Imperador haviam levado toda sua vida de adulto e não podia renunciar nem à instituição nem ao propósito desta. Talvez fosse um civil, mas seguia se considerando um soldado, e para ele tinha muita importância que aquele dia terminasse com uma vitória.

— Quer ficar aqui? — perguntou Sharpe como se para ele desse no mesmo uma coisa ou outra.

Harper não respondeu. Seguia olhando para o outro lado do vale, olhando através das cortinas de fumaça e, enquanto olhava, seus olhos se abriram como bocas de canhão.

— Deus salve a Irlanda! — sua voz estava cheia de assombro. — Pelos cravos de Cristo, olhar isso!

Sharpe olhou e, assim como Harper, seus olhos se abriram maravilhados. Toda a maldita cavalaria de todo o condenado mundo parecia derramar-se ladeira abaixo do outro lado daquele vale pouco profundo. Um atrás de outro, os regimentos da cavalaria francesa abriam passagem pelos espaços entre as baterias da artilharia inimiga para formar nos tranquilos campos de trigo e centeio. O sol começou a brilhar através das desfiadas nuvens e se refletia nos peitorais e nos capacetes de alta crista dos couraceiros. Atrás dos couraceiros havia lanceiros, e atrás deles havia ainda mais cavaleiros. Todos os uniformes da cavalaria do império estavam ali: Dragões, Carabineiros, Hussardos, Caçadores, todos eles formando suas compridas linhas atrás dos lanceiros e dos couraceiros.

Sharpe enfocou sua luneta na outra colina. Não viu bateria. Tinha que haver infantaria. Examinou as nuvens de fumaça, mas não a viu. Uma carga só de cavalaria? E onde estavam os artilheiros franceses? Afinal de contas, a cavalaria obrigaria a infantaria britânica a formar em quadrado, o que proporcionava maravilhosos alvos aos artilheiros e aos soldados da infantaria, mas a cavalaria não podia esperar destruir os quadrados sozinha. Ou os franceses acreditavam que aquela batalha já estava ganha? Será que o Imperador achava que as tropas estariam tão maltratadas pelo fogo dos canhões que não pudessem se opor a sua cavalaria?

— Não há infantaria! — ele disse a Harper, e depois se foi para advertir os batalhões britânicos mais próximos que a cavalaria se aproximava, mas seus oficiais já tinham percebido a ameaça e, ao longo de toda a linha britânica, os batalhões estavam se levantando e formando quadrados.

Enquanto isso, do outro lado do vale, os couraceiros desembainhavam suas espadas. A luz

do sol refletia na comprida lâmina de aço. Atrás deles, as bandeiras brancas e vermelhas dos lanceiros atravessavam as nuvens de fumaça. Harper ficou extasiado ante aquela visão. Era como algo saído de uma saga, uma lenda de antigas batalhas convertida em carne e aço. A metade do campo de batalha estava abarrotada do esplendor da cavalaria, com penachos, cimeiras, peles de leopardo, bandeiras e armas de lâmina de aço.

Os oficiais de brigada galopavam entre os recém formados quadrados britânicos e ordenaram a alguns batalhões que retrocedessem um pouco para que assim as rígidas formações ficassem ordenadas como um tabuleiro. Naquela posição o flanco de um quadrado não poderia disparar contra outro e se deixavam espaços entre os batalhões para que a cavalaria inimiga passasse livremente entre os quadrados. Baterias da Real Artilharia Montada colocaram seus canhões nos amplos espaços e os carregaram com balas. Teriam preferido ter posto uma carga dupla, mas os canhões mais leves da artilharia montada não suportariam a pressão acrescentada. Os tiros de cavalos dos artilheiros foram conduzidos bem para trás dos quadrados, onde a cavalaria leve britânica e holandesa aguardava para enfrentar qualquer cavaleiro francês que sobrevivesse à passagem entre aquele sinistro labirinto de soldados, mosquetes e disparos de canhão.

O bombardeio francês não minguava e, como agora os britânicos estavam formados em quadrados, as granadas e balas que passavam a toda velocidade pela borda da colina acertavam o alvo. Sharpe viu uma bala cair de forma selvagem sobre um dos lados de um quadrado de soldados dos Highlanders. Pelo menos dez homens foram abatidos, talvez mais. Outra bala atingiu a frente da formação e abriu um sangrento espaço que se fechou no mesmo instante quando as filas se reorganizaram.

— Aqueles sacanas vêm para cá! — advertiu Harper.

Os couraceiros faziam avançar seus pesados cavalos. Atrás deles vinham os Lanceiros vermelhos com seus chapéus *czapka* quadrados e os Granadeiros a cavalo com seus altos gorros de pele de urso negro. Mais atrás estavam os Carabineiros, enfeitados com seus deslumbrantes uniformes brancos, esquadrões de Dragões vestidos de verde e tropas de Hussardos com penachos. Os cavaleiros cobriam a ladeira contrária, destruindo as plantações molhadas e estendendo-se sobre elas em um magnífico tapete de cores mutáveis, penachos que se agitavam, cascos iluminados pela luz do sol e bandeiras com franjas douradas. Era algo que Sharpe, em todos seus anos de soldado, nunca vira. Nem mesmo as hordas montadas da Índia igualavam o esplendor daquela visão. Era uma concentrada cavalaria de um império reunida em um mesmo campo de batalha. Sharpe tentou contá-los, mas havia muitos homens e cavalos que fluíam entre as vaporosas nuvens fumaça de canhão. O sol lampejava em milhares de espadas desembainhadas, lanças erguidas, armaduras polidas e sabres curtos.

A cavalaria avançava ao passo. Assim devia atacar uma cavalaria, não em uma enlouquecida debandada para a glória, mas com aproximação lenta e constante que se acelerava gradualmente até que, no último momento, os pesados cavalos e seus cavaleiros vestidos de aço caíssem sobre o alvo como uma só unidade. Se um cavalo fosse atingido por um disparo na galopada final, homem e cavalo podiam vir abaixo como carne morta e esmagar a frente de um quadrado. Sharpe já vira ocorrer; ele havia cavalgado atrás dos alemães em

García Hernández e viu um cavalo morto e seu cavaleiro agonizante se chocar em meio ao sangue e o terror com a frente de um quadrado francês. Todos os soldados franceses morreram naquele instante, quando os cavaleiros que vinham atrás se lançaram pelo espaço para destruir o quadrado de dentro para fora. Contudo, se o quadrado fosse firme e disparasse no momento adequado aquilo não ocorreria. Cada um dos lados de um quadrado era formado por quatro filas.

As duas filas dianteiras ficavam de joelhos com os mosquetes, baionetas caladas, cravados com força no chão para formar uma barreira de aço. As duas filas posteriores permaneciam de pé com os mosquetes apontando. Quando as duas filas de vanguarda disparavam não recarregavam, limitavam-se a apoiar suas baionetas com força para que não se movessem. As filas de trás podiam carregar e disparar, carregar e disparar, e os cavalos atacantes, pouco dispostos a desafiar tamanho obstáculo, dariam uma brusca virada e se afastariam da frente do quadrado, para serem varridos pelo fogo dos flancos.

Contudo, um cavalo morto que escorregasse sobre o barro e o sangue podia desmontar essa teoria. Quando um quadrado rompia filas seus homens corriam para se refugiar em outro quadrado, abrindo caminho à força para o interior, e os cavaleiros cavalgariam com eles e deixariam que a aterrorizada infantaria rompesse as filas do segundo quadrado. Então a carnificina poderia continuar.

— Aquele bobo sacana se equivocou! — exclamou Harper com alegria evidente.

O comandante da cavalaria francesa havia formado seu ataque com uma sucessão de compridas linhas, porém, compridas demais, já que os flancos ficavam perto do fogo proveniente de Hougoumont e *La Haye Sainte*. Aqueles baluartes que se alçavam como quebra-mar pela frente da linha britânica estavam sendo assediados pela infantaria, mas seus defensores tinham mosquetes e fuzis suficientes para disparar sobre o tentador alvo que constituía a cavalaria, que dessa forma se veria obrigada a contrair sua linha. Os extremos da cavalaria trotaram para o interior, aumentando com isso a densidade do centro do ataque, mas comprimindo-o ao mesmo tempo, de forma que, quando começaram a subir pela colina britânica, pareciam mais uma coluna de cavaleiros que uma linha de ataque. A compressão piorava à medida que os cavaleiros se aproximavam do cume e se recolheram ainda mais devido à ameaça das baterias situadas nos flancos. Os cavalos estavam tão apinhados que alguns eram erguidos do piso enlameado e arrastados por seus vizinhos. Por toda parte se ouvia o tilintido das barbadas, os leves golpes das bainhas sobre o couro, o ruído surdo dos cascos e o estalido das flâmulas das lanças se agitando.

Os canhões britânicos afogaram o ruído da cavalaria. A primeira descarga foi das baterias de canhões nove libras situadas no cume da colina. Os canhões com as balas para o interior da comprimida formação. A segunda descarga foi dupla e Sharpe, em meio ao ensurdecido retumbar das detonações da artilharia, ouviu o tamborilado das balas de mosquete ao se chocarem contra os peitorais dos couraceiros. Os artilheiros recarregaram freneticamente e atacaram uma última carga de potes de metralha nos tubos quentes enquanto os trompetes



franceses impulsionavam o ataque a um meio galope.

— Fogo! — Os ameaçadores canhões dispararam uma última descarga. Sharpe teve a uma impressão confusa de cavaleiros lançados para o interior com o impacto da granada.

Então, ele e Harper viraram os cavalos e correram para se refugiar no quadrado mais próximo. Os oficiais do estado-maior posicionados no cume galoparam para pôr-se a salvo.

Sharpe e Harper passaram com estrépito através de uma abertura em um quadrado de soldados da Guarda Real que imediatamente fecharam filas atrás dos dois fuzileiros. A menos de trinta metros na frente do quadrado, uma bateria de artilharia montada aguardava o inimigo.

Os cavaleiros franceses estavam perto, mas ainda permaneciam ocultos pelo declive da ladeira frontal, e então sucedeu um daqueles estranhos momentos de aparente silêncio em no campo de batalha. Os artilheiros franceses, temerosos de acertar a sua própria cavalaria, tinham parado de disparar, enquanto os artilheiros britânicos, muito mais próximos, ainda esperavam seu alvo. Não era um verdadeiro silêncio, pois a infantaria inimiga seguia grunhindo e disparando ao redor de Hougoumont e *La Haye Sainte* e os canhões da zona leste do vale continuavam abrindo fogo, enquanto que mais perto, muito mais perto, se ouvia a estrondosa sacudida de incontáveis cascos, contudo, a ausência do mortífero bombardeio inimigo fez que o momento se assemelhasse muito ao silêncio. Inclusive era palpável o alívio pelas granadas e balas terem detido sua carnificina. Os soldados respiraram enquanto esperavam e observavam o cume vazio coroado pela suja fumaça.

Em algum lugar atrás daquele fumaça, um trompete estrondou.

— Não disparem até que vejam ao *Monsieur!* — Um oficial da Guarda montada foi com seu cavalo ao passo pelas costas do lado frontal do quadrado no qual Sharpe e Harper se refugiaram. — deixem que esses sacanas se aproximem até que possam sentir seus bafos antes de matá-los! Tire esse sorriso do rosto, encarregado da Guarda, não está aqui para se divertir, mas para morrer por seu rei, por seu país e sobretudo por mim!

Harper, que gostou do estilo do oficial da Guarda, sorriu de orelha a orelha assim como os outros soldados. O major deu uma piscada para Sharpe e seguiu com sua arenga.

— Não desperdicem pólvora! E se recordem que são membros da Guarda Real, que é quase como ser cavalheiros, portanto se comportarão com educação! Deixem que essas gracinhas levantem as saias antes de agradá-las com suas bolas!

De repente, essas gracinhas apareceram quando a crista se encheu de uma horda de cavalos. Momentos antes a linha do horizonte estava vazia, então o mundo ficou dominado pela cavalaria e o céu foi atravessado pelas últimas e delicadas notas que lançaram os couraceiros ao galope.

A artilharia de apoio, próxima, que se achava exposta nos espaços entre os quadrados, abriu fogo. Os canhões retrocederam sobre suas armações com uma forte sacudida e o barro saiu expelido de baixo de suas sacudidas rodas.

Sharpe viu como uma bala partia a concentração de cavaleiros como se uma lâmina de açougueiro invisível tivesse caído sobre a formação. Os artilheiros limpavam o tubo do

canhão, apertavam um pote de metralha contra a carga de pólvora e se afastavam precipitadamente do iminente retrocesso.

— Fogo! — naquela ocasião, uma rajada de metralha abateu uma dúzia de cavalos apinhados e depois os artilheiros abandonaram seus canhões para pôr-se a salvo dentro dos quadrados. Os soldados de artilharia levavam consigo os escovilhões e os bota-fogos.

O fogo dos canhões não podia parar os couraceiros. Cavalgaram entre seus mortos e moribundos e se lançaram contra os quadrados em um ataque valente e desesperado. Tinham achado que estavam perseguindo um inimigo vencido em fuga, seu general os havia prometido que os únicos obstáculos que entre eles e as prostitutas de Bruxelas eram uns poucos malditos ingleses fugitivos desmoralizados, contudo, os cavaleiros descobriram que haviam sido conduzidos para uma armadilha mortal. Os quadrados estavam escondidos atrás do cume, o inimigo não havia rompido filas nem fugia correndo, estava ali esperando para entrar em combate.

Aqueles eram os couraceiros do Imperador, seus “irmãos mais velhos”, e a glória seria sua se atravessassem aqueles quadrados. No alto, todos os batalhões britânicos hastearam seus estandartes que, se fossem capturados, proporcionaria a um homem a fama eterna no céu de um império, portanto os cavaleiros lançaram um grito de desafio e baixaram as pontas de suas pesadas espadas.

— Companhias número um e dois! — O major da Guarda se absteve de brincar quando o inimigo se aproximou. — Aguardem minha ordem! — Fez uma pausa.

Sharpe ouviu a respiração dos cavalos, viu os rostos crispados dos couraceiros debaixo de suas viseiras de aço e então, finalmente, o major gritou:

— Fogo!

A face frontal do quadrado desapareceu sob uma fumaceira branca. As labaredas dos mosquetes fenderam o ar com seu brilho e em algum lugar um cavalo lançou um grito de dor horrível, como se lhe arrancassem as entranhas. As duas filas dianteiras, sem se incomodar em recarregar, cravaram as coronhas de seus mosquetes no chão de forma que as baionetas formassem uma feroz barreira de aço afiado. As duas filas traseiras recarregaram com a rapidez de soldados cujas vidas dependiam das descargas de suas armas.

Houve uma pausa de um instante durante a qual os soldados da Guarda Real se perguntaram se um cavalo morto deslizaria com o horror de seus cascos se agitando para se chocar contra a face sul do quadrado, então, além das margens da fumaceira, apareceram os cavaleiros. Tinham dado uma brusca virada e haviam se separado, dividindo-se em torrentes de soldados que fluíam de cada lado do quadrado. Os cavalos não se chocariam contra o alvo já que os sobreviventes haviam virado para se afastar e galopar entre os quadrados.

— Fogo! — Era um oficial no flanco do quadrado da Guarda. O cavalo de um couraceiro foi atingido no peito e bombeou um sangue escandalosamente brilhante ao mesmo tempo em que as suas patas falhavam. O cavaleiro, com a boca muito aberta de mudo terror, saiu

expelido por cima da cabeça do animal. Outro couraceiro era arrastado pelo estribo em meio a uma orvalhava de sangue.

— Fogo! — A face frontal do quadrado voltou a descarregar e naquela ocasião as balas abateram quatro lanceiros vermelhos. Os lanceiros tinham seguido os couraceiros e buscavam a segurança do terreno aberto entre os quadrados que absolutamente não era seguro, e que se havia se convertido em uma zona sanguinária que conduzia às descargas de mais quadrados.

Os cavaleiros foram enganados para se meterem naquele labirinto mortal, mas eram homens valentes e seguiam sonhando em conduzir o imperador à vitória com suas pontas de lança.

— Arremetam contra o alvo! Arremetam! — Sharpe ouviu um oficial dos lanceiros que gritava para seus homens, depois viu que um grupo daqueles cavaleiros de uniforme vermelho mudava de direção e se dirigia para o quadrado com suas armas abaixadas. — Arremetam com força!

— Fogo! — O major da Guarda deu bruscamente a ordem e um jorro de fumaça tampou os lanceiros que atacavam, de maneira que a única prova de sua existência era o terrível grito agudo que soltaram, tanto homens como animais, e, quando a fumaça se desvaneceu, Sharpe só viu os cavalos massacrados e um soldado que se afastava arrastando-se, a haste de uma lança que vibrava com a ponta enterrada na lama e um cavalo que tremia enquanto tentava se levantar.

— Fogo por seções! — gritou o coronel da Guarda.

— Apontem nos cavalos! — Um sargento passeava atrás da linha frontal do quadrado. — Apontem nos cavalos!

— Seção número um! — berrou outro major. — Fogo!

Naquele momento as seções dos lados do quadrado dispararam uma atrás da outra de maneira que os estouros de fumaça e chamas pareciam se mover como o ponteiro de um relógio. Cada descarga tornava mais densa a fumaceira que rodeava os flancos do quadrado e o alcance da batalha se limitou aos poucos metros com visibilidade entre a branca nuvem asfixiante. Os dois quadrados não se viam, estavam ocultos atrás de suas próprias nuvens de névoa. Sharpe ouvia suas descargas e ouviu também uma gaita de fole que tocava uma estranha melodia em algum lugar a oeste. A torrente de cavaleiros galopou entre a fumaça e às vezes algum valente se precipitava contra o quadrado de soldados da Guarda Real em uma tentativa suicida de forçar uma vitória em um ponto morto. Um lanceiro tentou se aproximar em diagonal do flanco de um quadrado, mas um cabo o atingiu a três passos de sua lâmina atingir seu alvo. Dois jovens tenentes da Guarda Real competiam com suas pistolas e apostaram o salário de um mês para ver quem matava mais franceses. Um sargento descobriu um soldado que às escondidas se desfazia de parte da pólvora de seu cartucho para diminuir a dor do retrocesso do mosquete, o sargento o golpeou com sua vara e lhe prometeu um castigo verdadeiro ao terminar a batalha.

Ainda assim, mais cavaleiros chegavam, os uniformes mudaram quando as linhas de

ataque da retaguarda seguiram o sangrento caminho dos couraceiros e lanceiros. Os carabineiros e os dragões se precipitaram como loucos pelos corredores da morte. A torrente de atacantes se dividia e se subdividia enquanto estes tentavam achar a passagem mais segura entre os quadrados.

— Apontem nos cavalos! — gritava para seus homens o major da Guarda. — Apontem nos cavalos!

Harper levou o fuzil ao ombro. Apontou com ele no cavalo de um oficial francês, seguindo sua trajetória, disparou e viu como homem e cavalo vinham abaixo. Os cavalos eram alvos mais fáceis, e um cavalo morto eliminava um soldado de cavalaria com a mesma efetividade que disparando nele.

— Fogo! — Outra descarga frontal. Um cavalo imerso na fumaceira se empinou entre dois dos canhões abandonados. Seu cavaleiro caiu para trás e o casco golpeou contra uma das rodas com um estalido arrepiante. Um cavalo agonizante repicava com seus cascos sobre a relva. Um couraceiro desmontado procurava às apalpadelas as fivelas para se livrar do peso de sua armadura. Outro couraceiro, que caíra de costas, se sacudia para se virar e sair da lama com seu enorme peso de aço. Uma bala de mosquete levantou um jorro de barro junto ao homem que forcejava.

— Deixem essas lagostas em paz! — gritou o major da Guarda. — Já não contam! Mirem nos vivos!

Sharpe viu um soldado da cavalaria que, impotente, dava golpes de espada em um dos canhões capturados. A cavalaria francesa, assim como a britânica anteriormente, não havia trazido instrumentos para inutilizar as peças de artilharia. Um oficial dos hussardos franceses disparou uma pistola contra o flanco do quadrado que formavam os soldados da Guarda e, como vingança, recebeu o impacto da descarga de toda uma seção.

— Cessar fogo! Filas da frente, recarregar! — O tumulto de atacantes já havia deixado para trás aqueles primeiros quadrados, todos menos alguns tímidos cavaleiros resistentes a se arriscar naqueles letais corredores e que, portanto, optaram por ficar para trás no cume da colina. Os cavaleiros mais valentes e afortunados já haviam conseguido se afastar cavalgando a toda pressa através dos quadrados escalonados, apenas para se deparar com uma linha de cavalaria britânica e holandesa. Os soldados da cavalaria francesa, dispersos e sem formação, sabiam que iam morrer nas mãos dos sabres que os esperavam, portanto deram a volta para regressar a toda velocidade de volta à segurança do vale. Assim como uma grande onda, a cavalaria havia rompido filas e se dividira entre os quadrados, mas agora devia retroceder de novo antes de voltar a formar. A fumaça começava a se dispersar e se dissipar e deixava ver que os outros quadrados estavam intactos. Cavalos e homens mortos jaziam espalhados pelos espaços entre os quadrados. Um lanceiro sem cavalo que cambaleando por causa de uma comoção ou da fraqueza gaguejava como um bêbado pelo o cume da colina.

— Apresentar armas! — O coronel da Guarda vira que a carga francesa voltava e ia oferecer mais fogo aos cavaleiros quando recuperassem suas próprias linhas. O retumbo de seus cascos ficou mais forte e então apareceram os primeiros soldados assustados.

— Fogo!

O uniforme branco de um carabineiro pareceu tingir-se de vermelho instantaneamente. Um cavalo caiu, rodou para um lado e quebrou a perna de seu cavaleiro. Outro soldado ferido se aferrava à crina de sua montaria com o rosto pálido de terror enquanto corria desesperadamente para atravessar os escalonados muros de fogo. O lanceiro desmontado foi atropelado por seus próprios companheiros. Gritou ao cair, enquanto os cascos o pisavam até converter sua carne em gelatina.

— Fogo! — gritou um tenente da Guarda.

A enxurrada de cavaleiros passou, daquela vez batiam em retirada e Sharpe chegou a ver um homem ruivo vestido com o magnífico uniforme de marechal do império, sem chapéu, que gritava para suas tropas. Os cavalos sem cavaleiro haviam se unido à multidão que fugia. Uns poucos soldados de cavalaria corriam entre os cavalos e alguns deles tentavam agarrar as rédeas de algum animal livre.

— Fogo! — Um dragão com tranças e uma espada quebrada desabou sobre o pescoço de seu cavalo, mas de alguma forma ficou ali aferrado. Sharpe percebia o cheiro de sangue, de couro e de suor equino. Os uniformes estavam salpicados de barro. Os cavalos tinham os olhos arregalados enquanto galopavam e sua respiração soava forte e áspera.

Os cavaleiros se foram tal como haviam vindo. Quando passou o último dos franceses os artilheiros britânicos saíram dos quadrados a toda velocidade para recuperar seus intactos canhões. Alguns deles tinham ficado carregados com potes de metralha e os bota-fogos tocaram os ouvidos para lançar aqueles potes cheios de mortíferas balas de mosquete contra os restos da cavalaria que fugia. O terreno entre os quadrados parecia o pátio de um matadouro, onde os mortos e agonizantes jaziam, entre talos de centeio amassados, na lama cheia de pegadas de cascos e de esterco de cavalo.

— É muito lamentável. — O major da Guarda ofereceu a Sharpe uma pitada de rapé.

— Lamentável?

— Eram cavalos com um aspecto fenomenal! — O major, visivelmente muito popular entre seus homens, revelou ter um comportamento bastante melancólico quando não estava atuando para eles. — É uma verdadeira pena não aproveitar uma boa carne de cavalo, mas o que se pode esperar de um artilheiro tão ruim como Bonaparte? Quer um pouco de rapé?

— Não. Obrigado.

— Deveria. Ele limpa os pulmões. — O major fechou a caixa bruscamente e depois inalou o pó que tinha na mão. Alguns de seus soldados tinham ido correndo para saquear os cadáveres franceses e o major lhes gritou para que aliviassem o sofrimento dos cavalos feridos antes de roubar os mortos. Um couraceiro com uma bala de mosquete na coxa foi arrastado de volta para o quadrado. Um soldado da Guarda recolheu o brilhante capacete do homem ferido, com seu longo penacho de crina, substituiu sua barretina por aquele elmo escandaloso e passou saltitava pela frente do quadrado, parodiando de forma grotesca uma prostituta das que havia nas portas dos barracões. Seus companheiros o aclamaram.

— Creio — o major sorriu ante a pantomima do soldado — que os malditos canhões do Monsieur começarão de novo.

Mas em vez disso foram os canhões britânicos na crista que dispararam. Pelo ruído da descarga Sharpe soube que os canhões usavam carga dupla e a frenética velocidade dos artilheiros ao recarregar advertia que a cavalaria se aproximava de novo pela vertente central da colina.

— Meu Deus! Esses sacanas já não tiveram o bastante! — exclamou o major com incredulidade e então se animou ao perceber que teria outra oportunidade de animar seus homens. — *Mademoiselle Franchinote* vem em busca de mais, rapazes! Devem tê-la tratado bem da última vez, portanto ofereçam outra vez o mesmo trato!

De fato, a cavalaria estava regressando, e dessa vez havia inclusive mais cavaleiros. Deviam ter mandado reforços para o vale e agora parecia como se toda a cavalaria da França fosse se lançar em um desesperado ataque contra os quadrados britânicos. Um tumulto de cavaleiros fluía como uma enxurrada pela colina e os canhões, situados junto aos quadrados, lhes deram as boas-vindas com potes de metralha antes dos artilheiros correrem de novo com seus valiosos instrumentos para a proteção dos quadrados.

— Não disparem! — O major da Guarda olhou através da fumaça dos canhões com olhos escrutinadores. — Esperem, rapazes! Esperem! Fogo!

Os mosquetes não podiam falhar. As pesadas balas atingiram com estrépito homens e cavalos, atravessaram peitorais e convertendo a distinção de capacetes, penachos e peliças em dor expressa aos gritos. Também havia dor dentro dos quadrados, onde ainda se refugiavam os soldados feridos pelo bombardeio e que não tinham tido tempo para se retirar para a borda do bosque. Os oficiais de batalhão cavalgavam entre os feridos ao mesmo tempo em que animavam aos gritos a todos os flancos de seus quadrados e os cavaleiros franceses passavam rápidos.

A cavalaria havia voltado totalmente decidida a atacar, mas não podia obrigar os cavalos a carregar contra quadrados que naquele momento recebiam a proteção acrescentada dos improvisados bastiões, formados com os corpos de cavalos e homens mortos e agonizantes. O novo ataque fluiu entre os quadrados assim como o primeiro, exceto que naquela ocasião foi mais lento porque os animais estavam cansados. Os cavalos que tinham perdido seus cavaleiros durante o primeiro ataque também se incluíram diligentemente no segundo, obedecendo sem reclamar seus instintos de manada, mesmo quando esses instintos os levavam para a tormenta de metralha e fogo de mosquete.

Mais uma vez, alguns franceses atravessaram todo o comprimento da formação de quadrados, apenas para descobrir a cortina de cavalaria que os esperava. Daquela vez, em lugar de se arriscar a voltar pelos corredores de fogo de mosquete, alguns couraceiros deram uma virada brusca para a esquerda para encontrar outra rota de regresso ao vale. Descobriram uma vereda que por trás da colina e se precipitaram a segui-la com intenção de chegar ao flanco aberto. O caminho descia para um profundo recorte com margens muito íngremes e molhados demais para que os cavalos subissem por elas, e no final do recorte havia uma

barricada feita com árvores abatidas, colocada ali para conter qualquer tentativa de ataque francesa no sentido contrário. Os cavaleiros pararam e gritaram para os homens que vinham atrás para que dessem a volta para encontrar outro caminho pelo outro lado da profunda vereda.

A infantaria britânica apareceu no alto dos taludes. Aqueles casacas-vermelhas estavam descansados, postados para proteger contra um ataque pelo flanco que não havia ocorrido, e agora se deparavam com um inimigo indefenso na mira de seus mosquetes. Abriram fogo. Uma descarga atrás de outra caiu no caminho de abruptos barrancos laterais. Dispararam sem piedade, até que não restou nem um só homem ou cavalo intacto, e só então a infantaria desceu atravessando sua própria fumaça para os montes de agitação, choro e soluçante horror. Não foram para ajudar suas vítimas, mas para saqueá-las.

A segunda carga terminou assim como a primeira, mas os franceses eram corajosos e dirigidos pelo mais valente dos valentes, portanto voltaram. Os canhões dispararam uma última descarga antes que o ataque chegasse a os quadrados, e nessa ocasião um capricho da mutável fumaça permitiu que Sharpe visse um grupo de cavaleiros atacantes que saltavam em pedaços, como uma colheita sobre a qual caísse uma gadanha gigante. Os artilheiros correram com seus escovilhões para os quadrados enquanto os cavalos eram esporeados de novo para as faces dos quadrados. De novo os mosquetes repeliram o ataque e de novo a cavalaria virou e se afastou. Era uma autêntica loucura. Sharpe, sem se incomodar sequer a sacar seu fuzil, observou com incredulidade. Os franceses estavam massacrando a sua própria cavalaria, jogando-a uma e outra vez contra os incólumes quadrados de infantaria.

A cavalaria se retirou outra vez e ao fazê-lo permitiu que os artilheiros britânicos voltassem a ocupar suas intactas baterias. Uns poucos *voltigeurs* franceses haviam subido pela colina de ambos os lados da cavalaria, mas não havia suficientes *voltigeurs* para causar problemas aos quadrados. Alguns artilheiros franceses abriram fogo durante o intervalo entre os ataques da cavalaria e suas descargas fizeram mais estrago do que todos os cavaleiros juntos tinham conseguido infligir. Os artilheiros se viram obrigados a deter seu bombardeio quando a obstinada cavalaria virou para voltar a carregar contra os quadrados. Entre um e outro ataque se deixou sair dos quadrados alguns poucos casacas-vermelhas para que regressassem com algum butim: uma espada dourada de oficial, um punhado de moedas, um trompete de prata com um estandarte magnificamente bordado. Um sargento desafiou o capacete de pele de leopardo de um dragão para voltar a jogá-la com indignação ao ver que a pele de leopardo não era mais que tecido pintado. Outro soldado riu ao encontrar um emaranhado ramalhete de violetas no olhal da casaca de um general dos dragões morto, cujo bigode grisalho estava salpicado de sangue.

Sharpe e Harper aproveitaram uma das pausas entre os ataques franceses para sair do quadrado dos soldados da Guarda a meio galope. Em parte, foi a curiosidade o que os impulsionou a se mover. Outros oficiais do estado-maior também cavalgaram entre as formações e passaram junto aos montes de franceses mortos para saber como os outros batalhões se saíam. Sharpe e Harper procuraram seu antigo batalhão e finalmente avistaram o estandarte amarelo do regimento dos Voluntários do Príncipe de Gales que se erguia por cima

da persistente fumaça dos mosquetes. O estandarte tinha a insígnia de uma águia acorrentada em comemoração ao troféu que Sharpe e Harper capturaram em Talavera.

Os casacas-vermelhas gritaram com entusiasmo quando os dois fuzileiros saíram da neblinosa fumaceira e entraram no abraço do quadrado.

— Não se importa que nos refugiemos aqui, não? — perguntou delicadamente Sharpe a Ford.

Estava claro que Ford tinha medo dos motivos que haviam impulsionado Sharpe a buscar seu antigo batalhão, mas dificilmente poderia lhe negar sua hospitalidade, assim assentiu seu consentimento relutante com um movimento de cabeça. O coronel tirou os óculos nervosamente e esfregou as lentes com sua faixa. Por alguma razão as lentes pareciam embaçar mais e se perguntou se seria algum estranho efeito causado pela densidade da fumaça da pólvora. O major Vine olhou para o fuzileiro, temendo que Sharpe tivesse regressado para tomar o comando assim como fizera em *Quatre Bras*.

Peter D'Alembord, desmontado, continuava ileso. Ele sorriu para Harper.

— Eu não me importo com esta fantochada! Eles podem tentar esse absurdo por todo o dia e noite!

Os franceses voltaram a tentar o disparate e de novo não conseguiram nada. Haviam atacado empurrados por uma errada percepção de uma retirada britânica, contudo, ainda que já tivessem percebido seu erro, pareciam incapazes de abandonar aquelas acometias suicidas. Uma e outra vez atacaram e uma e outra vez os mosquetes chamejaram e fumegaram, e os esgotados cavalos caíram com gritos e tremores. Perto de Sharpe, entre os Voluntários do Príncipe de Gales e um quadrado de soldados da Legião Alemã do Rei, um oficial dos hussardos se esforçava em desafivelar sua sela cara. Nenhum dos dois quadrados o incomodou. A cinta havia ficado presa sob o peso morto do cavalo, mas finalmente o oficial a sacou de um puxão e os alemães lhe dedicaram uma irônica ovação. O francês se afastou andando penosamente com sua carga nas costas. Dois cavalos sem cavaleiro desceram trotando junto à face posterior do quadrado de Ford, mas nenhum de seus homens podia tentar recuperar os troféus, ainda que se oferecesse uma recompensa pelos cavalos capturados. Um couraceiro ferido, despojado de sua armadura, se dirigia coxeando para o sul.

— Ei! Francesinho! Pegue um cavalo, bobo sacana! — o soldado Clayton gritou para ele.

— Por que estes malditos idiotas continuam insistindo? — Harry Price perguntou a Sharpe.

— Por orgulho. — Sharpe nem sequer teve que pensar na resposta. Aqueles eram os cavaleiros da França e não iam regressar coxeando para suas filas e admitir o fracasso. Sharpe se recordava de momentos como aquele em sua própria experiência. Em Badajoz, os franceses haviam enchido de britânicos mortos uma vala recoberta de pedra e mesmo assim a infantaria tinha atacado a brecha. Finalmente, aquele obstinado orgulho havia trazido consigo a vitória, mas naquele momento, os arrebatados cavalos com seus esgotados cavaleiros eram incapazes de romper um quadrado.



Sharpe foi aproximando pouco a pouco seu cavalo atrás de sua antiga companhia ligeira. Weller seguia vivo, assim como Hagman e Clayton.

— Como vai, rapazes? — Tinham a boca seca de morder os cartuchos, os lábios salpicados de pólvora sem arder e o suor havia desenhado nítidos fios em seus rostos, enegrecidos pela fumaça e o tísne da pólvora ao explodir nas caçoletas de seus mosquetes. As unhas sangravam de tanto puxar a pederneira, contudo sorriram e lançaram uma irônica ovação quando Sharpe lhes passou um cantil cheio de rum que pegou de sua sela. O alferes Huckfield tinha um bolso cheio de pederneiras de reposição que repartiu entre aqueles cujas velhas tinham quebrado, por causa dos repetidos disparos.

— Agora sei como se sente a pequena nobreza — disse Hagman a Sharpe.

— Como é isso, Dan?

— Quando toda a caça é conduzida para eles, só o que esses sacanas ricos têm que fazer é apontar e disparar. Porque isto é o mesmo, não é verdade? Não que me importe. Por mim esses bobos de merda podem passar o dia se perfilando para atirmos neles. — Porque, enquanto a cavalaria francesa estivesse perto dos quadrados, a temida artilharia francesa não podia disparar contra os casacas-vermelhas.

Os cavaleiros regressaram outra vez, ainda que tanto homens como cavalos estivessem cansados demais e muito cautelosos para lançar outro ataque. Uma concentração da cavalaria inimiga fez os cavalos avançarem ao passo até estarem a menos de sessenta metros dos Voluntários do Príncipe de Gales e pararam junto à bateria de canhões abandonados. Os cavalos suavam, suas costelas palpitavam com a respiração pesada, mas a cavalaria seguia sem abandonar a esperança de acabar com a infantaria. Se a força bruta não funcionava, talvez a sutileza conseguisse, e a cada poucos minutos um grupo de cavaleiros esporeava seus cavalos e avançava em uma tentativa de fazer um lado do quadrado disparar. Se aquelas tentativas pudessem esvaziar os certos mosquetes, haveria uma possibilidade de os cavaleiros restantes poderem abrir passagem pelas filas, a golpes de suas pesadas espadas, antes que voltassem a carregar suas armas. Os lanceiros, com suas lanças de comprido e mortífero alcance, poderiam romper facilmente um quadrado, em pé de um cavalo, mas não se os mosquetes estivessem carregados.

Mas o batalhão era astuto demais para morder a isca. Em lugar disso, vaiaram e insultaram os franceses. Alguns cavaleiros se afastaram trotando em busca de outro quadrado, com a esperança de que tivesse uma disciplina menor. O grande ataque da cavalaria havia chegado a um ponto morto. A cavalaria, orgulhosa demais para se retirar, não podia atacar, portanto situaram seus cavalos fora do alcance efetivo das descargas e tentaram enganar a infantaria para que disparasse. Havia centenas de franceses mortos ou agonizantes, ainda que milhares deles permanecessem em suas selas, suficientes para manter a desesperada esperança de uma vitória. Às vezes um oficial conseguia estimular um grupo para que se lançasse em uma veemente arremetida, os mosquetes voltavam a cuspir chamas, mais cavalos caíam e então o impasse era retomado.

— Não disparem! Cessar fogo! — gritava de repente D'Alembord para os soldados da

face traseira do quadrado. — Abram filas!

Três cavaleiros haviam atravessado o campo e naquele momento se refugiavam entre os Voluntários do Príncipe de Gales. Sharpe se virou em sua sela e viu o duque de Wellington que cumprimentava com um seco movimento de cabeça a Ford, que começou a limpar os óculos com a fã. Sharpe voltou a olhar para frente, onde permaneciam os cavaleiros franceses com aspecto ameaçador, mas não atacaram. Dois dos lanceiros, frustrados e ressentidos pelo impasse atingido, lançaram suas lanças como se fossem dardos, mas os projéteis caíram a pouca distância da fila dianteira sem causar danos. Em sinal de zombaria os casacas-vermelhas convidaram os cavaleiros a virem recuperar seus brinquedos. Outro lanceiro deu um golpe com a ponta de sua arma no enegrecido ouvido de um canhão e não conseguiu nada.

— Estão perdendo tempo. — A voz do Duque soou justo atrás de Sharpe.

Sharpe se virou e viu que o Duque se dirigia a ele.

— Sim, senhor. — O rosto do Duque não revelava nem a esperança de que seu exército sobrevivesse, nem o desespero de uma derrota. Havia perdido a maior parte de sua cavalaria em uma carga estúpida, muitos de seus aliados haviam fugido e tinha ficado com apenas a metade dos efetivos que distribuíra no começo do dia, mas tinha um aspecto calmo, mesmo distanciado. Ofereceu a Sharpe uma ameaça de sorriso, um reconhecimento dos muitos campos de batalha que ambos compartilharam ao longo dos anos. Uma pessoa mais perspicaz que Sharpe teria interpretado como uma busca da camaradagem de um soldado veterano por parte do Duque, mas Sharpe simplesmente sentiu o habitual incômodo que lhe invadia quando estava na companhia de seu antigo comandante.

— O que você acha dele? — perguntou o Duque.

Sem nenhuma dúvida “ele” era o Imperador.

— Estou desapontado — foi a breve réplica de Sharpe. O duque achou aquela resposta engraçada.

— Ele ainda poderá satisfizê-lo. Está nos jogando pedaços para ver o que fazemos, mas, sem dúvida, cedo ou tarde organizará um verdadeiro ataque combinado. — O Duque olhou para os cavaleiros inimigos mais próximos, uma mistura de couraceiros, hussardos e lanceiros. — São uns diabos com ótima aparência, né?

— Sim, senhor.

De repente o Duque deixou Sharpe estupefato ao soltar aquele enorme grito que tinha por riso.

— Estava ali em outro quadrado e um major dizia a seus homens que fizessem caretas para esses safados! “Façam caretas para eles”, gritava! Pode acreditar? Façam caretas! Temos que acrescentar essa ordem ao manual de treinamento. — Voltou a rir e depois lançou um olhar para Sharpe. — Orange o mantém ocupado

— Ele me destituiu, senhor. — O Duque ficou olhando para ele com desaprovação alguns instantes e depois soltou outra gargalhada parecida com um relincho, que fez os casacas-

vermelhas mais próximos voltarem a cabeça assombrados para seu comandante em chefe.

— Sempre pensei que fora um idiota ao escolhê-lo. Eu lhe disse que você era um tipo independente, mas não quis me escutar. Na sua idade sempre acreditam que sabem de tudo. — O Duque voltou a olhar para os cavaleiros franceses que seguiam sem mostrar intenção de se aproximar do quadrado. — Se esses velhacos não pensam em atacar talvez eu possa sair.

— Excelência? — Sharpe não pôde resistir a fazer uma pergunta quando o Duque virou seu cavalo para se afastar. — E os prussianos, senhor?

— Avistamos os piquetes de sua cavalaria. — O Duque falou com voz muito calma, como se não tivesse sido atormentado o dia todo pelo medo de uma traição por parte dos prussianos. — Temo que passará um bom momento antes que sua infantaria possa se aproximar de nós, mas pelo menos vimos seus piquetes. Só precisamos nos manter firmes. — O Duque ergueu a voz para que todo o quadrado pudesse ouvir o quanto estava confiante. — Agora temos que nos manter firmes! Agradeço por sua hospitalidade, Ford!

Saiu a galope da parte traseira do quadrado, seguido pelos dois oficiais do estado-maior que haviam conseguido seguir seu ritmo. Alguns cavaleiros franceses esporearam seus cavalos e saíram atrás dele, mas abandonaram a perseguição quando lhes ficou claro que seu cavalo era um animal muito melhor.

— Cuidado à direita! Apresentar armas! — esse era D'Alembord, que advertia da aproximação de outro grupo da cavalaria inimiga, que realizava uma última e vã tentativa de justificar os homens e cavalos massacrados que jaziam em montes ensanguentados ao redor dos teimosos quadrados.

Os mosquetes voltaram a soltar labaredas, as varetas fizeram ruído nos tubos quentes e as descargas cintilaram, vermelhas, entre a fumaceira. Em algum lugar, um hussardo que agonizava repetia gritando o nome de sua mulher. Um cavalo se dirigia coxeando para sua base, arrastando uma das patas traseiras que gotejava sangue. A gualdrapa do equino era decorada com um “N” imperial bordado em azul e dourado... Junto ao animal, e gritando de dor, ainda que aparentemente estivesse ileso, passou um cachorro que se dirigia trotando para o sul para procurar seu dono entre a cavalaria francesa que se retirava. Um couraceiro, cujo rosto refletia a amargura do fracasso, golpeou com sua espada o tubo de um canhão britânico, o aço soou como um martelada em uma bigorna, mas não lhe serviu de nada. O couraceiro deu um puxão em seu cavalo para que virasse e apertou o passo para o sul.

A cavalaria francesa fora derrotada e, assim como uma última e exausta onda que não pode abrir uma brecha em um dique, os cavaleiros retrocederam para o vale. Afastaram-se devagar, manchados de sangue e de barro, uma horda dourada convertida em uma multidão vencida.

E os canhões do Imperador, que naquele dia haviam sido os melhores assassinos a serviço dos franceses, começaram a matar de novo.



# Capítulo 18

Os exploradores da cavalaria prussiana chegaram a Plancenoit, um povoado situado a apenas um disparo de canhão de distância atrás do flanco direito francês. Muito mais ao este de Plancenoit se achavam as colunas da infantaria prussiana, mas claramente visíveis para os oficiais do estado-maior francês.

A presença dos homens de Blücher anunciava o fracasso da estratégia do Imperador; os dois exércitos não foram separados, ainda que sua nova conjunção fosse frágil e os prussianos ainda não estavam avançando com uma força esmagadora, mas em uma frágil linha de marcha. Levariam horas para se reunir para atacar, e o Imperador sabia que durante aquelas horas podia destroçar os britânicos antes de lidar com os prussianos.

A destruição dos britânicos tinha que ser absoluta e certa. Um ataque realizado com um corpo de infantaria havia fracassado e o marechal Ney havia arruinado a cavalaria com vãs arremetidas contra os quadrados britânicos, portanto o Imperador se dispôs a pôr ordem naqueles caóticos assaltos. A maior parte de sua infantaria ainda não tinha recebido nenhuma tarefa e entre eles se encontrava a elite de seu exército. A Guarda Imperial do próprio imperador se achava à espera.

Apenas um veterano que tivesse demonstrado uma coragem pouco comum nas batalhas do império podia fazer parte da Guarda. Os soldados da Guarda Imperial recebiam mais que outras tropas e seu uniforme era mais esplendoroso. Em troca, esperava-se mais deles, embora a Guarda sempre correspondesse. A Guarda Imperial nunca fora derrotada. Pode ser que outras tropas francesas resmungassem ante seus privilégios, mas quando os abrigos compridos e os chapéus de pele de urso marchavam, a vitória era segura. Os soldados da Guarda Imperial usavam costeletas e bigodes, brincos de aro e tranças empoadas como sinais de sua destreza. Para ser um granadeiro da Guarda Imperial um soldado tinha que medir um metro oitenta e três, a elite da elite.

Os membros da Guarda Imperial eram os “imortais” do Imperador, com uma fervorosa lealdade por ele e aterradores ao combater por ele. Quando Bonaparte fora derrotado e enviado a Elba, a Guarda Imperial havia recebido a ordem de se dissolver, mas no lugar de entregar seus estandartes preferiu queimar as bandeiras de seda, diluir as cinzas em vinho e beber a mistura. Alguns dos imortais tinham se exilado com seu imperador, mas regressaram e se reuniram com seus companheiros, receberam um novo estandarte para hasteá-lo sob novas águias. A Guarda era a elite, os invictos, os imortais do Império, e seriam eles que dariam o último golpe letal que acabaria com os britânicos.

Não ainda. Não eram mais que seis horas, restavam mais de três horas antes de escurecer e os prussianos não estavam preparados para combater, muito pelo contrário, portanto era hora de o Imperador desgastar ainda mais os britânicos. Ordenou à Guarda que se preparasse para a batalha, mas que não avançasse além de *La Belle Alliance*. Ao contemplar a ruína fumegante que antes fora um vale de terras de lavoura, ficou olhando fixamente para *La Haye*

*Sante*. Aquela granja era o osso que os franceses tinham entalado. Os fuzileiros atrás de suas paredes varriam com seus disparos o flanco de qualquer ataque francês e protegiam as baterias no centro da linha britânica. Precisava tomar a granja para que a linha britânica se alongasse e se estreitasse ainda mais, assim a Guarda Imperial atacaria e conseguiria a vitória.

O imperador estava em ação e os britânicos iam saber como ele poderia lutar.

O açoite do fogo de artilharia seguia caindo sobre toda a linha britânica e matando seus soldados. Os batalhões britânicos receberam a ordem de se deitar no chão, mas os artilheiros franceses os tinham perfeitamente dentro de seu alcance e suas balas roçavam a superfície da colina e abriam sulcos ensanguentados entre as tropas estendidas de bruços. Os canhões britânicos foram feitos em pedaços; os tubos saltaram das carretas e as rodas viraram lascas. As granadas estouravam na colina para somar sua carga de fumaça em uma atmosfera cada vez mais densa. Os carros de munição em chamas acrescentavam sua fétidez ao acre odor do sangue.

Era assim que um imperador lutava. Mataria, mataria e seguiria matando com seus canhões e, quando os britânicos estivessem gritando para que os livrassem daquela torrente de morte, ele lhes desferiria o golpe de misericórdia com seus imortais.

O ar vibrava com o impacto dos canhões. Sharpe largou sua égua nas mãos de Harper, deixou os Voluntários do Príncipe de Gales e foi andando até o cume da colina onde a percussão da artilharia pesada francesa era como uma sucessão de socos na barriga. As balas saltavam das espessas nuvens de fumaça, raspavam a colina para salpicar o céu de barro e depois uivavam, assobiavam, zumbiam e se lançavam em suas costas. Em vinte e dois anos Sharpe nunca vira um bombardeio similar, nem havia respirado um ar como aquele, tão aquecido e viciado pela fumaça e as chamas; estar na borda do vale era como se encontrar ante a porta aberta de um gigantesco forno incandescente. Os cultivos de centeio do cume, que não desapareceram, convertidas em lamaçais, foram pisoteados até adquirir a consistência das esteiras tecidas que se recordava da Índia.

Uma granada deixou um rastro de fumaça por cima de sua cabeça. Uma bala ricochetou da colina a uns dez metros a sua esquerda. À sua direita, no lugar onde a cavalaria havia avançado em seus inúteis ataques, a ladeira era um horror de homens e cavalos mortos. Um cachorro amarelo levava arrastando um pedaço de intestino de um cadáver, ainda que Sharpe não soubesse se era humano ou animal.

Além da massacrada cavalaria, Sharpe viu a fumaceira iluminada pelo brilhante resplendor do castelo de Hougoumont, que estava em chamas. Não pôde ver nada entre a fumaça à sua esquerda. Atrás de Sharpe, os batalhões de casacas-vermelhas se haviam desdobrado de novo em linha, mas estavam todos deitados no solo, portanto, por um momento estranho, teve a impressão de que era o único homem vivo, em todo o campo de batalha. Então, entre a fumaceira do vale em sua frente, viu mais homens vivos, milhares de homens vivos, escaramuçadores franceses, um enxame de *voltigeurs* que avançavam a toda pressa em ordem pouco rígida: Sharpe compreendeu que, além do suplício do fogo de artilharia, os

batalhões deviam suportar agora um ataque de mosquetes. Virou-se e deu um grito de advertência.

— Escaramuçadores!

As companhias ligeiras britânicas correram para ocupar seus lugares na ladeira frontal, mas eram muito inferiores em número. Peter D'Alembord convenceu Ford a lançar uma segunda companhia ao ataque e mandou os homens de Harry Price para enfrentar os *voltigeurs*. Price também havia sido um escaramuçador e compreendia o que precisava ser feito, mas nem todos os escaramuçadores do exército de Wellington poderiam vencer tal constrangedora quantidade de *voltigeurs*. Atrás dos *voltigeurs* franceses estavam os restos de sua cavalaria, que avançou para garantir que não houvesse nenhuma carga da cavalaria britânica que pudesse ameaçar a flexível formação de *voltigeurs*.

Peter D'Alembord tinha se encarregado pessoalmente de fazer avançar as duas companhias, e quando se dispersaram foi para junto de Sharpe.

Os dois oficiais desceram passeando até a metade da ladeira dianteira e logo pararam e ficaram olhando fixamente a vasta dispersão de tropas inimigas.

— Não é um espetáculo muito animador — comentou D'Alembord em voz baixa.

Os primeiros mosquetes começaram a cuspir seus projéteis, ainda que para cada disparo britânico respondessem dois ou três dos franceses. À esquerda de Sharpe alguns fuzileiros contiveram o avanço francês por um momento, mas os franceses os suplantaram com seu número de mosquetes e os casacas-verdes se viram obrigados a retroceder, deixando três mortos na lama.

Os soldados de D'Alembord estavam sofrendo de forma similar.

— Vamos ter que deixar que tomem a ladeira! — ele disse a Sharpe, buscando a aprovação do fuzileiro por instinto.

— Não tem muitas opções, Peter. — Sharpe tinha um joelho apoiado no solo e o fuzil no ombro. Disparou em um sargento francês, mas a fumaça do disparo o impediu de ver se a bala o havia atingido. Começou a recarregar. A uns cem metros a sua direita uma linha de franceses já se aproximava do cume da colina. As duas companhias de Peter D'Alembord retinham temporariamente os escaramuçadores em sua frente, mas logo se veriam flanqueados, e no preciso momento em que Sharpe atacava sua próxima bala em seu lugar, viu que um bando de soldados de uniforme azul obrigava uma seção da companhia de Harry Price retroceder. As balas passavam assobiando e repicavam perto de Sharpe, supostamente atraídas pela visão de dois oficiais tão perto um do outro.

Sharpe, com o fuzil recarregado, correu alguns passos para sua direita, apoiou o joelho no chão e procurou algum oficial inimigo.

D'Alembord soltou um grito abafado quase imperceptível.

— Oh, Deus!

— O que foi?

— Meu Deus! — Proferiu a blasfêmia com ira mais que com dor. D'Alembord fora atingido e a força do impacto o jogou para trás, mas de algum modo pôde manter o equilíbrio ainda que a bala o tenha acertado na coxa. Naquele momento cambaleava e segurava a ferida com a mão direita. O sangue correu entre seus dedos.

— Não foi nada — disse para Sharpe —, não dói. — Tentou dar um passo para frente e quase caiu. — Não foi nada. — Tinha o rosto lívido por causa da impressão.

— Venha! — Sharpe passou um braço sob o ombro de D'Alembord e o conduziu meio arrastando, meio caminhando, ladeira acima.

D'Alembord soltava um desaforo entre os dentes a cada passo.

— Estou bem. Largue-me!

— Cale-se, Dally!

Harper os viu quando cruzavam a borda do cume e foi até eles galopando com o cavalo de Sharpe.

— Leve-o para os cirurgiões! — Gritou Sharpe para o irlandês, depois deu um poderoso puxão em D'Alembord que o colocou dolorosamente na sela vazia. — Envolve a ferida com a cinta! — Sharpe disse a D'Alembord, e deu uma palmada na anca da égua para que saísse a toda velocidade para fora do alcance dos disparos dos escaramuçadores.

Sharpe deu a volta e regressou para a quente e asfíxiante atmosfera do vale. Os franceses pressionavam por todos os lados. E o que ainda era mais alarmante, uma coluna de tropas inimigas marchava para *La Haye Sainte*, mas isso não era assunto de Sharpe. Ele tinha que se encarregar do inimigo estava em sua frente, e, degradado a escaramuçador de novo, se ajoelhou e procurou um oficial ou um sargento. Viu um homem com uma bainha a menos de cem metros e disparou. Quando a fumaça se dissipou o homem já não estava.

Harry Price estava retrocedendo nervosamente ladeira acima.

— Onde está Peter?

— Levou um tiro na perna! Não é grave.

— Esta droga está ruim, senhor! Perdi dez de meus homens ou provavelmente mais.

— Retire-se. Como se chama o novo chefe da companhia ligeira?

— Matthew Jefferson. — Sharpe fez megafone com as mãos.

— Jefferson apresente-se. Jefferson agitou uma mão como resposta e depois ordenou a Huckfield que tocasse o apito para chamar os escaramuçadores em retirada. Os casacas-vermelhas regressaram correndo para o cume, voltaram a se deitar no piso e dispararam uma última e fraca descarga para os *voltigeurs* franceses. Uma granada explodiu atrás do cume e lançou uma chuva de terra sobre Jefferson. Uma bala passou com estrépito junto a Sharpe com um som parecido a um vento súbito constrangedor. As balas de mosquete estalavam perto demais. Sharpe esperou até que a companhia de Harry Price passasse por seu lado, se pusesse a salvo e depois gritou para Price correr.



Correram juntos, mas Price caiu e soltou um grito abafado quando a queda lhe cortou a respiração. Sharpe deu meia volta para ajudá-lo, mas fora apenas um par de ridículas esporas que fizera o jovem tropeçar.

— Tire essas malditas coisas, Harry!

— Eu gosto delas. — Price seguiu em frente aos esbarrões. À direita e esquerda outros batalhões se levantavam de má vontade e depois formavam linhas de quatro filas. Não podiam enfrentar os escaramuçadores deitados, tampouco se atreviam a correr o risco de receber uma carga da cavalaria francesa que havia chegado ao pé da ladeira; uma linha de quatro filas oferecia mais proteção contra os cavaleiros que uma formação de duas filas. Também significava que cada bala de canhão que os acertasse poderia arrastar até quatro homens.

Não se podia fazer nada exceto sofrer. Os *voltigeurs* franceses, concentrados ao longo do cume da colina, varreram os batalhões com fogo de mosquete. Os canhões britânicos que restavam martelaram os *voltigeurs* com potes de metralha, mas sua formação dispersa salvou os franceses de ter pesadas baixas. Naquele momento os *voltigeurs* inimigos tinham o controle do cume da colina enquanto que os escaramuçadores britânicos, constrangidos por aquele tumulto de franceses, não podiam fazer outra coisa além de formar em seus batalhões. A cada momento, quando os escaramuçadores inimigos insistiam ou avançavam demais, um batalhão carregava para frente e os fazia retroceder. A descarga de um só batalhão também tinha o efeito de limpar o cume de atiradores, mas sempre voltavam, cobrindo as baixas com reforços enviados do vale.

A cavalaria poderia desfazer-se dos *voltigeurs*, mas o Duque havia perdido sua cavalaria pesada e reservava os melhores cavaleiros que lhe restavam, a cavalaria ligeira dos alemães e dos britânicos, para cobrir sua retirada se acontecesse um desastre. Ainda tinha uma brigada da cavalaria holandesa e o príncipe de Orange fora ordenado a trazê-la. Chegaram, com o tilintido das barbadadas de corrente e os sabres desembainhados.

— Só têm que limpar a face da colina! — ordenou o ajudante de campo do Duque. — Nada de malditos heroísmos. Limitem-se a galopar pela face da colina e arremeter com os sabres para os escaramuçadores!

Os cavaleiros holandeses se negaram a atacar. Permaneceram todos juntos em suas selas, com uma expressão esquiva e teimosa em seus pálidos rostos. Ficaram olhando perplexos o amontoado ataque de balas e granadas e não houve palavras que os convencessem a entrar naquele atoleiro de lama, fogo e ferro. O Príncipe, que percebeu a covardia daqueles soldados, fingiu que não ouvia. Ficou olhando fixamente para a granja de *La Haye Sainte* que naquele instante era assediada por uma grande multidão de soldados da infantaria francesa. Os canhões britânicos situados no cume junto ao olmo faziam chover balas sobre as filas francesas e uma bateria de obuses lançava metralha para o vale, mas a infantaria francesa parecia absorver aquele castigo enquanto que, pouco a pouco, ia se aproximando cada vez mais da sitiada granja. Já havia tomado o horto de *La Haye Sainte* e os franceses haviam levado canhões caminho abaixo para disparar uma e outra vez contra os edifícios sitiados.

O príncipe sabia que o centro da linha do Duque ia se romper em um desastroso ataque se

a granja caísse. De repente compreendeu que devia salvar a granja. O esplendor daquela idéia floresceu em sua mente. Realizar essa ideia apagaria completamente qualquer vergonhosa recordação dos alemães vermelhos, ou da tosca cavalaria holandesa. O Príncipe viu sua oportunidade de alcançar a glória e o renome. Recuperaria a granja, manteria o centro da linha e ganharia a batalha. — Rebecque!

Na metade leste do vale, na perigosa reentrância de onde os belgo-holandeses fugiram quando os franceses se aproximaram pela primeira vez, o primeiro batalhão do 27º regimento da linha se achava agora formado em quadrado e sofria. Eram os Inniskillings, e seu único refúgio era a cortina de fumaça que os artilheiros franceses criavam ante seus próprios canhões, mas a artilharia inimiga tinha a mira para os Inniskillings e, ainda que disparassem às cegas, uma após outra bala acertava as filas irlandesas. Seu coronel ordenou outra divisão de rum e os sargentos, obstinadamente, fecharam as minguadas filas, mas ninguém podia fazer outra coisa que não fosse ficar ali e morrer, e foi isso o que fizeram os irlandeses.

Podiam ter aberto o quadrado, mas o Imperador se certificou de que sua cavalaria os ameaçasse continuamente, portanto os irlandeses se viram obrigados a permanecer em sua vulnerável formação de quadrado formando um enorme e grosso alvo para os artilheiros e os *voltigeurs*, que infestavam a metade leste do vale com a mesma densidade com que se aglomeravam no oeste.

Alguns daqueles *voltigeurs*, temerosos de que uma vitória e perseguição francesas lhes roubassem a possibilidade de obter um rico butim do campo de batalha, trataram de enriquecer antes que a linha britânica se despedaçasse. Os mortos e feridos da cavalaria pesada britânica estavam espalhados pelo fundo do vale e, ainda que os bolsos de muitas das baixas já tivessem sido revistados apressadamente, os *voltigeurs* possuíam o luxo de ter tempo para rasgar as costuras dos uniformes ou arrancar os gordurentos forros dos capacetes, sob os quais os soldados gostavam de esconder suas valiosas moedas de ouro. Alguns *voltigeurs* franceses levavam alicates com os quais extraíam os dentes brancos em perfeito estado, que os dentistas parisienses comprariam para fabricar dentaduras postiças.

Um francês de sorte encontrou o corpo de um soldado da cavalaria, que usava um par de botas com a parte superior marrom e adornadas com borlas de seda. Primeiro tirou as esporas dos saltos e depois puxou a bota direita. O corpo deu uma sacudida, soltou um forte grito e um horrível rosto, no qual os olhos não eram mais que crostas de sangue, olhou como um louco, sem ver, para os franceses.

— Você me assustou! — repreendeu alegremente o *voltigeurs* ao homem ferido.

— Pelo amor de Deus, mate-me. — Lorde John Rossendale, meio enlouquecido de dor, lhe falou em inglês.

— Agora não se mova — disse em francês o *voltigeur*, e lhe sacou de um puxão as caras botas de sua senhoria. Percebeu que as calças do inglês eram feitas com o melhor dos veludos,

e ainda que a coxa direita tivesse um rasgão de uma espada, sem dúvida poderiam ser bem cerzidas, portanto o *voltigeur* desabotoou os botões da cintura e puxou as bombachas para tirá-los. Lorde John, com sua coxa quebrada roçando com cada puxão, gritou abominavelmente.

— Sacana escandaloso! — O *voltigeur* fez uma bola com as calças e a meteu dentro da casaca. Temendo que o grito de Lorde John tivesse atraído a inoportuna atenção de seu sargento, o francês carregou seu mosquete com ostentação e, fingindo que não fazia mais que seu trabalho, utilizou lorde John como apoio para o cano que apontou para os assediados Inniskillings. — Cuidado com a explosão! — exclamou o *voltigeur* alegremente, e depois disparou.

— Mate-me! Por favor! — Lorde John lhe disse em francês. — Por favor!

— Não vou matá-lo! — protestou o *voltigeur*. — Não posso fazê-lo. Não seria certo! Nem sequer levarei seus dentes! — Deu uma compreensiva palmada no ombro de sua senhoria e se foi para seguir saqueando.

E lorde John, perdido em um universo injusto de dor, gemeu.

Peter D'Alembord estava deitado no encosto desdobrado de uma carroça que servia de mesa para o cirurgião. As tábuas de madeira da carreta estavam empapadas de sangue e o cirurgião tinha as mãos tão molhadas dele que a pele das polpas dos dedos estava macia e enrugada.

— Está pronto, major? — O cirurgião tinha um forte sotaque do West Country.

— Estou pronto. — D'Alembord havia se negado a beber rum para aliviar a dor da cirurgia, tampouco aceitou a mordaca de couro para mordê-la. Era importante que não demonstrasse nenhuma reação ante a dor porque esse era o estoicismo que se esperava de um soldado. — Não há nenhum osso quebrado — disse o cirurgião —, nem se rompeu nenhum vaso sanguíneo importante, ou seja, é um homem de sorte. Segure a perna dele, Bates! — Os ordenanças já haviam cortado a faixa que D'Alembord havia usado como bandagem e haviam rasgado as caras calças que usara no baile da duquesa. O cirurgião limpou com os dedos o sangue que brotava dos lábios da ferida. — Não será nem a metade da dor de trazer ao mundo um bebê, portanto agradeça. — Levou um charuto à boca e pegou uma sonda manchada de sangue. — Uma dor como uma lança de fogo subiu pela coxa de D'Alembord até a virilha. O cirurgião estava sondando a ferida em busca da bala com uma vareta metálica comprida e fina. D'Alembord não ousou gritar porque vira um soldado de seu próprio batalhão perder uma perna há apenas um momento, e o homem não havia proferido uma só queixa quando a serra lhe cortou o fêmur. Por outro lado, Patrick Harper se encontrava ali por perto e D'Alembord não queria se envergonhar emitindo um único som diante de Harper.

— Já encontrei a desgraçada! — resmungou do úmido extremo do charuto. — Pode ouvir esse pequeno demônio, major?

D'Alembord não ouvia nada mais que o estouro dos disparos de canhão, o estrépito das

granadas que explodiam e o rugidor estalido da munição em chamas, mas ao que parece o cirurgião roçava o extremo da bala de mosquete com sua sonda.

— Agora já não falta muito — disse alegremente o cirurgião, depois tomou um comprido trago de rum para repor as forças. — Agora virá um momento ligeiramente desagradável, major, mas alegre-se de não estar dando à luz a uma criança, hein?

— Por Deus! — D'Alembord não pôde resistir a gemer a imprecisão, mas mesmo assim conseguiu ficar imóvel enquanto a dor lhe roia e percorria o interior da perna. Uma granada estourou ali por perto e um pedaço da cápsula passou assobiando e soltando fumaça por cima de suas cabeças.

— Aqui está! — O cirurgião havia conseguido agarrar a bala com suas pinças de lâmina estreita. — A mão! Estenda a mão! Rápido! — D'Alembord estendeu a mão com diligência e o cirurgião deixou cair a pequena bala ensanguentada em sua palma. — Agora extrairei os restos de sua roupa de baile, major, e logo estará como novo.

Passou outro minuto de dor insuportável enquanto lhe retiravam os pedaços de tecido da ferida e depois lhe verteram sobre a coxa algo frio e calmante. O suor perolava sua testa, mas sabia que o pior já havia passado. Limpou a bala ensanguentada em sua casaca e segurou o pequeno projétil ante seus olhos. Que coisa mais pequena! Não era maior que a unha de seu polegar.

Os ordenanças lhe vendaram a coxa e depois o ajudaram a descer da carroça.

— Deveria descansar um pouco. — O cirurgião limpou suas mãos no avental encharcado de sangue. — Volte para as árvores, major. Lá tem algumas lonas que protegem da umidade.

— Não. — D'Alembord tentou andar e viu que podia coxear sem que isso lhe causasse muita dor. — Obrigado, mas não.

O cirurgião já tinha se esquecido dele. Estavam subindo na carroça um homem sem um braço e com três costelas descobertas. Harper trouxe os cavalos.

— Não deveria descansar, senhor D'Alembord?

— Vou regressar ao batalhão, Harper.

— Tem certeza? Agora?

— Foi uma ferida superficial, nada mais.

— Mas dolorosa, hein?

D'Alembord quase gritou de dor quando Harper o ajudou a subir com esforço na sela de Sharpe.

— Você deve saber — conseguiu responder com admirável domínio de si mesmo.

— Curiosamente — disse o irlandês — nunca tive uma ferida grave. O senhor Sharpe, por exemplo, ao contrário, sempre estão arrancando lascas de seu corpo, mas eu devo ter sorte.

— Não abuse da sorte — disse D'Alembord fervorosamente.

— Tendo em conta o que o destino fez com a Irlanda, major, o que mais ele pode me fazer?  
— Harper se riu. — De volta ao dever, não?

— De volta ao dever. — D'Alembord sabia que podia ter se afastado do campo de batalha e ninguém lhe culparia por isso, mas já vira mais de um oficial perder um braço e regressar à linha de batalha depois de o cirurgião lhe ter cortado e serrado o toco da forma adequada. Portanto, D'Alembord voltaria, porque era um oficial e essa era sua obrigação. Ocultou seu terror, tentou sorrir e foi cavalgando para a colina.

Um escaramuçador acertou o major Vine no olho esquerdo. Este proferiu um último gemido mal-humorado, caiu da sela e ficou estendido no piso, morto no ato, junto ao cavalo do tenente-coronel Ford. O coronel soltou uma lamúria e depois olhou para o major caído cujo rosto parecia ter agora um enorme e avermelhado olho ciclópeo.

— Major Vine? — perguntou Ford, nervoso.

O morto não se moveu. Ford tentou se recordar o nome de batismo de Vine. — Edwin? — disse para provar, ou talvez fosse Edward?. — Edward? — Mas Edwin Vine jazia completamente imóvel. Uma mosca pousou perto do recém aparecido charco de sangue que fora seu olho esquerdo.

— Major Vine! — exclamou bruscamente Ford, como se uma ordem direta fosse ressuscitar o defunto.

— É um caso perdido, senhor — disse amavelmente um sargento do grupo de defensores da bandeira que, ao ver a falta de compreensão de seu coronel, emitiu um informe mais formal:

— O major está morto, senhor.

Ford lhe sorriu uma resposta educada e conteve o impulso de gritar. Ele não sabia, mas um quarto dos homens, que marcharam com ele para a batalha, estava morto ou ferido. O sargento-mor do regimento, McInerney, fora estripado por uma bala que havia matado outros dois soldados e arrancara um braço de outro. Daniel Hagman estava sangrando até a morte com uma bala nos pulmões. Seu fôlego fez bolhas de sangue quando tentou falar. Sharpe se ajoelhou junto dele e segurou sua mão.

— Sinto muito, Dan. — De todos os soldados da companhia ligeira, Hagman era o que Sharpe conhecia há mais tempo. Aquele antigo caçador furtivo era um bom soldado, astuto, divertido e leal. — Eu o levarei até os cirurgiões, Dan.

— À merda os cirurgiões, senhor Sharpe — exclamou Hagman, e não disse nada mais. Sharpe gritou para dois dos músicos da banda que o levassem aos cirurgiões, mas Hagman estava morto. O alferes Huckfield perdeu o dedo mindinho da mão esquerda por causa de uma bala de mosquete. Olhou para a ferida com indignação e depois, negando-se a abandonar o batalhão, cortou o dedo de uma vez com sua faca e pediu ao capitão Jefferson que envolvesse o toco sangrento com uma tira de pele. O soldado Clayton tremia de medo, mas de alguma forma conseguiu se manter firme e olhar diretamente para os olhos dos *voltigeurs* franceses

que seguiam perambulando pelo cume da colina com aparente impunidade, junto dele, Charlie Weller tentava se recordar das orações de quando era menino, porém, ainda que a infância não fosse algo muito distante em seu passado, não lhe vinham à mente.

— Oh, Deus! — exclamou em troca.

— Deus não nos serve de uma merda nenhuma — disse Clayton, e se inclinou quando a bala de um escaramuçador quase fez saltar pelos ares a copa de sua barretina.

— Não se movam! — gritou o alferes Huckfield. Clayton endireitou a barretina e soltou entre os dentes algumas maldições para o alferes.

— Deveríamos estar atacando, droga — falou após ter esgotado sua opinião sobre a mãe de Huckfield.

— O faremos em seu devido tempo. — Charlie Weller seguia tendo uma sólida fé na vitória.

Outra bala de mosquete passou a escassos centímetros da cabeça de Clayton. Este não pôde evitar estremecer-se.

— Se me matarem, Charlie, cuidará de Sally, né? — A mulher de Clayton, Sally, era com sobras a mais bonita de todas as esposas do batalhão. — Ela gosta de você — Clayton explicou sua aparente generosidade.

— Não vai lhe ocorrer nada. — Charlie Weller, apesar dos assobios, do estrépito das balas e das granadas, sentiu um arrepio de excitação ao pensar em Sally.

— Meu Deus, já estou farto disto! — Clayton olhou ao seu redor para ver que oficiais continuavam vivos. — Diabos! O major Vine está morto! Adeus e boa viagem para esse sacana!

— Olhe para frente, soldado Clayton! — O alferes Huckfield tocou o Novo Testamento que levava em seu bolso superior e rezou para que os malditos *voltigeurs* franceses ficassem logo sem munição.

O coronel Joseph Ford esteve a ponto de vomitar quando tentou limpar os pedacinhos de cérebro do major Vine que lambuzavam suas calças. Ford se sentia terrivelmente sozinho; um major estava morto, o outro estava ferido e tinha ido aos cirurgiões, e por todo seu redor os canhões e os escaramuçadores estavam fazendo em pedaços seu precioso batalhão. Tirou os óculos e esfregou freneticamente as lentes só para descobrir que tinha a cinta cheia de pedaços de cérebro do major Vine. Ford deu uma bocejada para pegar ar, horrorizado, e soube que ia vomitar sem poder se conter.

— Não tenho nada a ver com isso! — disse de repente uma voz áspera que provinha do lado do cavalo de Ford —, mas eu sugeriria avançar uns cinquenta metros, dar a esses sacanas uma boa descarga e depois recuar.

A sua vontade de vomitar passou ao ouvir aquela voz. Ford pôs os borrados óculos a toda pressa e se viu de frente ao rosto sardônico do tenente-coronel Sharpe. Ford tentou responder algo, mas sua voz não saiu.

— Com sua permissão, senhor? — perguntou Sharpe escrupulosamente. Ford, assustado demais como para abrir a boca, se limitou a consentir com a cabeça.

— South Essex! — A estrondosa voz de Sharpe sobressaltou os soldados mais próximos. Não importava que sem perceber tivesse utilizado o antigo nome do batalhão, eles sabiam quem eram e quem lhes estava dando, finalmente, instruções em meio àquele horror.

— Primeira fila! Calar baionetas!

— Graças a Deus pelo condenado Sharpe! — exclamou Clayton com fervor, depois se pôs meio em cócoras para apoiar seu mosquete entre os joelhos enquanto sacava a baioneta e a encaixava em sua arma.

Sharpe abriu caminho entre as filas da companhia número cinco e se colocou no próprio centro da primeira fila do batalhão.

— O batalhão avançará cinquenta passos! A passo ligeiro! Para a direita! Marchem! — Quando os soldados começaram a avançar, Sharpe desembainhou sua longa espada. — Vamos, sacanas! Gritem! Façam esses filhos da puta saberem que vão matá-los! Gritem!

O batalhão avançou correndo com as baionetas em riste. E gritaram. Conheciam Sharpe, seguiram-no anteriormente em batalha, e gostavam de ouvir aquela voz berrando ordens. Confiavam nele. Ele lhes proporcionava uma sensação de segurança e triunfo. Gritaram ainda mais forte quando a massa de escaramuçadores no cume da colina fugiu rapidamente ante seu repentino avanço. Sharpe havia corrido diante deles e tinha parado com a espada desembainhada justo na borda do cume.

— Alto! — A voz de Sharpe, educada como a de um sargento, calou e deteve no mesmo instante o reduzido batalhão. Diante deles, os *voltigeurs* franceses se jogavam ao piso em novas posições de tiro. Sharpe se virou de cara para o batalhão.

— Primeira fila de joelhos! Apontem para esses sacanas! Não desperdicem esta descarga! Procurem um alvo e matem o filho da puta! Apontem no ventre! — abriu passagem a empurrões entre dois dos soldados ajoelhados da primeira fila e depois voltou a olhar para os franceses. Viu o mosquete de um *voltigeurs* que apontava diretamente para ele e soube que o francês estava afinando a pontaria. Também sabia que não podia se agachar nem se jogar de lado, tinha que confiar na imprecisão do mosquete francês. — Apontar! — gritou. O francês disparou e Sharpe notou o bafo da bala em sua face como um súbito sopro quente. — Fogo!

A massiva descarga desceu com estrépito pela colina. Morreram talvez uns vinte franceses e o dobro ficou ferido.

— Companhia ligeira! Fiquem onde estão e recarreguem! Primeira fila, quietos! Ninguém disse para correrem! — Sharpe permanecia no cume. Atrás dele havia um homem morto estendido no piso, atingido na cabeça pela bala que era destinada a Sharpe. — Companhia ligeira! Formação em corrente, rápido, agora!

Os escaramuçadores do batalhão se abriram ao longo do cume. Seu novo capitão, Jefferson, se movia impaciente e desejava estar longe daquela colina exposta onde as balas golpeavam e estouravam, mas Sharpe estava seguro de que a descarga da companhia daria

resultado. Os soldados terminaram de recarregar seus mosquetes e se ajoelharam. Os *voltigeurs* franceses que haviam sobrevivido voltavam a avançar se arrastando e enchiam os espaços que os disparos do batalhão haviam aberto.

— Esperem a ordem! — gritou Sharpe para os membros de sua antiga companhia. — Procurem seus alvos! Clayton!

— Senhor?

— Há um oficial à sua direita. Um sacana alto com um bigode ruivo. Quero vê-lo morto ou a culpa será sua! Companhia! — Esperou um segundo —, Fogo!

A descarga menor fez mais estrago, ainda que Sharpe não soube se haviam acertado o oficial do bigode. Gritou para seus homens recuarem em batalhão. A manobra lhes havia proporcionado alguns momentos de respiro, nada mas, mas era melhor devolver o golpe do que se limitar a suportar o mortificante castigo dos escaramuçadores inimigos.

Sharpe ficou no cume alguns segundos mais. Não era valentia, era curiosidade, já que, a uns quinhentos passos a sua esquerda, viu dois batalhões da infantaria de casacas-vermelhas da Legião Alemã do Rei que avançavam em coluna. Marchavam para *La Haye Sainte* com seus estandartes ao vento, era de supor que para tirar a infantaria francesa concentrada ao redor da granja.

Teria gostado de ficar olhando um pouco mais, mas o inimigo estava voltando para o cume, portanto Sharpe se virou e voltou andando para o batalhão.

— Obrigado por este privilégio, coronel! — gritou para Ford. Ford não disse nada. Não estava de humor para apreciar o tato de Sharpe, em lugar disso, se sentiu ofendido e diminuído pela competência do fuzileiro. Ford sabia que devia ter dado as ordens e que tinha que ter feito o batalhão avançar, mas seus intestinos tinham se convertido em água e sua mente era uma neblina de medo e confusão. Combatera durante pouco tempo no sul da França, mas nunca vira um horror como aquele: um campo de batalha onde os soldados morriam a cada minuto, onde seu batalhão mingua enquanto as filas se fechavam sobre os vãos deixados pelos mortos e onde parecia que todo homem devia morrer antes do campo saciar sua ânsia por sangue. Ford tirou os sujas óculos de um puxão e esfregou as lentes com um dos extremos da gualdrapa. A fumaça branca e o resplendor dos canhões se fundiam em uma mancha de horror ante seus olhos. Desejava que tudo aquilo terminasse, só queria que terminasse. Já não se importava se acabasse em vitória ou em derrota, ele apenas queria que acabasse.

O Imperador apenas havia começado a lutar.

O Duque de Wellington já não se preocupava mais com o Príncipe de Orange. No início da batalha, quando algumas sutilezas das boas maneiras persistiram, o Duque havia se encarregado de informar ao príncipe de qualquer ordem que envolvesse as tropas que nominalmente estavam ao comando deste, mas naqueles desesperados momentos de pura sobrevivência, o Duque se limitou a ignorar o Franchinote.

O que não significava que o Príncipe se considerasse desnecessário. Ao contrário, via seu



próprio gênio como a única esperança de vitória dos aliados e estava preparado para fazer uso de seus últimos fragmentos de autoridade para consegui-la.

O que significava que *La Haye Sainte* devia se salvar, e para fazê-lo o Príncipe ordenou ao resto de sua segunda brigada de infantaria da Legião Alemã do Rei que atacasse os assediadores franceses.

O coronel Christian Ompteda, comandante de brigada, formou seus dois batalhões em fechadas colunas de companhias, ordenou que calassem as baionetas e depois que avançassem para a sufocante mistura de ar quente e fumaça amarga que enchia o vale. O alvo dos alemães era o campo situado a oeste de *La Haye Sainte*, onde os *voltigeurs* franceses se apinhavam perto da sitiada granja.

Os alemães chegaram ao cume e estavam a ponto de marchar para os franceses quando o Príncipe de Orange se aproximou a galope para interceptá-los.

— Em linha! — gritou o Príncipe. — Em linha! Têm que envolvê-los! Insisto que avancem em linha!

O coronel Ompteda, com seus batalhões detidos na borda do vale e sob o fogo da artilharia francesa, protestou dizendo que havia cavalaria inimiga patrulhando pelo vale. O Príncipe voltou uns sarcásticos olhos para a fumaça.

— Eu não vejo nenhuma cavalaria.

— Sua alteza devo insistir em que...

— Não pode insistir! Formará em linha! Droga! — O Príncipe estava efervescente e se alimentava do estrépito e do martelar dos canhões. Sentia-se nascido para aquele acalorado caos da batalha. Não se importava nem um pouco que Ompteda fosse um homem que havia passado a vida servindo como soldado; o Príncipe tinha uma apaixonada certeza em suas convicções e nem mesmo suas experiências com a brigada de Halkett em *Quatre Bras* nem o massacre dos Alemães Vermelhos iam fazê-lo mudar de opinião. — Ordeno que forme em linha! Ou quer que nomeie outro comandante de brigada? — gritou diante do nariz do coronel.

Ompteda, em quem a obediência estava profundamente arraigada, desdobrou de má vontade seus dois batalhões em linha. O Príncipe, desdenhoso com a timidez de Ompteda e com a segurança de que havia dado as ordens necessárias para conseguir uma elogiável vitória, observou com triunfante atitude como as baionetas alemãs se dirigiam para o vale.

A uns cinquenta passos de onde estavam os escaramuçadores, Ompteda ordenou a seus homens que atacassem.

Os alemães avançaram a toda, correndo com suas baionetas brilhando na penumbra sob a fumaceira. A infantaria francesa, pega totalmente de surpresa, fugiu da terrível ameaça daquelas lâminas de mais de quarenta centímetros. Os estandartes dos alemães se amontoavam à frente em meio à fumaça que deixavam os escaramuçadores.

— Aí está! — O Príncipe, contente sobre sua sela, se regozijou com o êxito.

— Deixe que o felicite, sua alteza.

— Winckler, um dos ajudantes de campo holandeses do príncipe, sorriu junto a seu senhor.

O tenente Simon Doggett, que se encontrava a poucos metros do príncipe, olhou além da infantaria e poderia jurar que vira uma fila da cavalaria que trotava pelo vale. Ou no mínimo estava seguro de ter visto o brilho dos cascos e o movimento dos penachos de crina em uma clareira entre a fumaceira.

— Senhor? Tem cavalaria lá, senhor! O Príncipe se voltou furioso para o tenente. — É só isso que vocês britânicos vêem! Cavalaria! Você está nervoso, Doggett. Se não pode suportar os rigores da batalha, não deveria ser soldado. Não é verdade, Winckler?

— Completamente verdade, sua alteza. Rebecque escutou a conversa e não disse nada. Limitou-se a ficar olhando fixamente as mutáveis nuvens de fumaça branca onde os mosquetes tamborilavam como espinhos em chamas.

— Vê? — O Príncipe esquadrinhou o vale com muitos trejeitos ao mesmo tempo em que protegia os olhos e bocejava como um tonto da roça. — Não há cavalos! Tenente Doggett? Onde estão seus cavalinhos?

Simon Doggett já não tinha a certeza de ter visto a cavalaria, porque o vale estava cheio de fumaça e temeu que seu nervosismo enganasse sua percepção, mas se manteve firme com obstinação. — Estou quase seguro de que os vi, senhor, entre a fumaceira. Eram couraceiros, ali à direita.

O príncipe estava farto de aguentar os ingleses pusilânimes.

— Afaste de mim este jovem, Rebecque! Afaste-o. Mande-o de volta para sua babá. — O cavalo do príncipe se assustou e se jogou de lado quando uma bala de canhão passou muito perto fendendo o ar. — Aí está! — gritou o Príncipe triunfalmente quando a fumaça se deslocou para revelar que a infantaria da Legião Alemã do Rei havia afastado os últimos franceses das paredes do oeste da granja. — Vê? Não há cavalaria! A audácia vence!

— A audácia de sua alteza vence. — Winckler se apressou a corrigir seu senhor.

Um trompete interrompeu as palavras seguintes do príncipe. O toque de corneta soou do vale, do interior da fumaceira na qual o Príncipe insistira que não espreitava nenhuma cavalaria, mas da qual saiu, com fúria vingadora, o esquadrão de couraceiros iniciando o ataque.

Rebecque soltou uma lamúria. Quase exatamente no mesmo lugar onde haviam sido massacradas as tropas hanoverianas, sofriam um ataque os membros da Legião Alemã do Rei. A cavalaria, uma mistura de couraceiros, lanceiros e dragões que sobreviveram à carnificina dos cavaleiros entre os quadrados britânicos, caía sobre o flanco do batalhão de Ompteda situado mais à direita. Rebecque teve a impressão de que a infantaria de casacas-vermelhas simplesmente desaparecia abaixo da multidão de assassinos a cavalo. Para os cavaleiros franceses, era um bendito momento de vingança contra a infantaria que os havia feito sangrar e sofrer anteriormente naquele mesmo dia.

O príncipe ficou olhando fixamente. Havia empalidecido, mas não deu um só passo para ajudar os soldados que acabara de condenar. Ficou com a boca aberta e seus dedos tremiam

nas rédeas.

Os alemães não tinham chances. Os cavaleiros arremeteram contra o flanco aberto. Os soldados do lado direito do batalhão da LAR romperam filas e iniciaram uma fuga desesperada, mas foram atropelados pelos cavalos. O batalhão do lado esquerdo formou em quadrado para proteger seu estandarte, mas o batalhão do lado direito foi destruído. O Príncipe afastou a vista quando um francês capturou o estandarte da LAR e o levantou em um gesto de triunfo. O coronel Ompteda morreu tentando salvar a bandeira. A infantaria francesa se apressou a somar suas baionetas ao aço dos cavaleiros. Os sobreviventes alemães, lamentavelmente escassos, foram retrocedendo pouco a pouco, formados em seu tosco quadrado, para a colina. Eles também poderiam ter sido condenados, mas alguns membros de sua própria cavalaria haviam descido em tropel desde o olmo para afastar o inimigo. Um trompete da cavalaria francesa soou um toque brincalhão enquanto os restos da Legião Alemã do Rei voltavam a subir a ladeira coxeando. Um couraceiro brandiu o estandarte capturado e, com aquela antecipação da vitória francesa, zombou da colina britânica que era presa do sofrimento.

O príncipe não olhou para os alemães nem para os exultantes franceses. Em lugar disso, olhou imperiosamente para o leste.

— Não é minha culpa se os soldados não combatem como é devido!

Nenhum dos membros do estado-maior respondeu. Nem mesmo Winckler se incomodou em suavizar o desastre com bajulações.

— Proporcionamos para a guarnição um tempo para respirar, não é verdade? — O Príncipe apontou com gestos para *La Haye Sainte*, que uma vez mais estava rodeada de fumaça, mas, de novo, ninguém respondeu e o Príncipe, que achava merecer a lealdade de sua família militar, se virou furioso para os oficiais de seu estado-maior. — Os alemães tinham que ter formado em quadrado! Não foi minha culpa! — Passou a olhar de um em outro, exigindo aprovação, mas só Simon Doggett foi valente o bastante para sustentar o olhar aborrecido e arregalado do príncipe.

— O senhor não é mais que meias de seda cheias de merda — disse Doggett com toda clareza, e se assombrou completamente por repetir o desdenhoso veredicto de Patrick Harper sobre o Príncipe.

Fez-se um consternado silêncio. O Príncipe ficou boquiaberto. Rebecque, que não estava totalmente seguro de ter ouvido bem, abriu a boca para protestar, mas não pôde encontrar as palavras adequadas.

Doggett sabia que só dispunha de alguns segundos para manter a iniciativa. Puxou as rédeas de seu cavalo.

— O senhor é um maldito assassino! — disse ao príncipe, e, logo depois, cravou suas esporas e se afastou a galope. Em poucos segundos a fumaça o ocultou.

O príncipe ficou olhando-o partir. Rebecque se apressou a assegurar a sua alteza que sem dúvida Doggett havia perdido a cabeça por causa da tensão da batalha. O Príncipe consentiu

em sinal de aceitação daquela explicação simplista e depois se virou de novo para os membros de seu estado-maior.

— Estou rodeado de incompetentes! Aquele condenado tinha que ter formado em quadrado! É minha culpa que um maldito alemão não saiba fazer seu trabalho? — A indignação e a ira do príncipe fluíram com furiosa veemência. — É minha culpa que os franceses estejam ganhando? É?

Nisso, pelo menos, o Príncipe tinha razão. Os franceses, finalmente, estavam ganhando a batalha.

# Capítulo 19

Vitória francesa tornou-se quase uma certeza quando *La Haye Sainte* caiu. Os alemães que defendiam a granja ficaram sem munição e os atacantes franceses derrubaram as portas fechadas com barricadas e invadiram os edifícios da granja. Durante um momento foram repelidos pelas baionetas e espadas enquanto os defensores lutavam com fúria pelos corredores e estábulos. Os alemães fizeram barricadas com seus próprios mortos e dos franceses, e investiram com suas baionetas por cima dos cadáveres empilhados, portanto durante um tempo pareceu que com seu aço e sua fúria ainda poderiam reter a granja, mas então as descargas dos mosquetes franceses arremeteram contra os fuzileiros e as mechas das armas francesas incendiaram a palha do estábulo, com o que os defensores, dizimados e asfixiados, se viram obrigados a sair.

Os fuzileiros que conseguiram escapar de *La Haye Sainte* subiram correndo pela ladeira da colina enquanto os vitoriosos franceses entravam em tropel nos edifícios da granja. Há pouco tempo os fuzileiros do 95º haviam tido que retroceder do areal adjacente, com o que o bastião central da linha do Duque havia desaparecido. Os franceses levaram canhões para o jardim da cozinha da granja e, de uma distância perigosamente curta, abriram fogo contra a colina. Os *voltigeurs*, que contavam com um novo território para se aproveitar, se dispersaram pela ladeira frontal para iniciar um mortífero fogo sobre as tropas próximas ao olmo.

Um contra-ataque imediato poderia ter retomado a granja enquanto o domínio de seus edifícios por parte dos franceses era ainda recente e frágil, mas não restavam reservas ao duque. Todo soldado do exército do Duque, em condições de combater, estava naquele momento defendendo a colina, enquanto que o restante de suas tropas havia fugido, estava ferida ou morta. O que restava do exército do Duque era uma fina linha de soldados que se estendia ao longo de uma colina empapada em sangue. A linha tinha duas filas de profundidade, não mais, e havia lugares nos quais a colina parecia vazia, porque os batalhões ali situados foram obrigados a se contrair em quatro filas como precaução contra a cavalaria, que seguia espreitando entre a fumaceira que se movia empurrada pelo vento ao pé da colina.

Os franceses estavam ganhando. O Duque, que não era precisamente uma pessoa dada a se desesperar, resmungou uma oração para que os prussianos chegassem ou para que anoitecesse. Mas naquele dia, ambas as coisas se aproximavam com uma lentidão que exasperava.

Os primeiros ataques franceses sobre a colina britânica haviam fracassado, mas naquele momento, seus artilheiros e escaramuçadores subjugavam as defesas britânicas. Os homens morriam de um em um ou de dois em dois, de forma constante. Os já truncados batalhões se viam reduzidos à medida que os sargentos sobreviventes ordenavam as filas que fechassem as brechas. Soldados que haviam começado o dia em quatro filas de distância um do outro se converteram em vizinhos, e o bombardeio seguia mingando as filas, os *voltigeurs* seguiam disparando da fumaceira e os sargentos seguiam salmodiando a ladainha da morte de um

batalhão: “Fechar filas! Fechar filas!”.

A vitória se achava a um mero toque de tambor, porque a linha afinou até que ficou tão delgada como a pele de um tambor.

O imperador sentiu a gloriosa certeza da vitória. Sua vontade se estendia por todo o campo de batalha. Eram sete da tarde de um dia de verão, o sol se inclinava abruptamente através dos restos de nuvens e camadas de fumaça e o Imperador tinha em suas mãos as vidas e mortes dos três exércitos. Havia ganhado. Só o que precisava fazer agora era rechaçar os prussianos com a mão direita e aniquilar os britânicos com a esquerda.

Havia vencido. Contudo, esperaria mais um pouco antes de saborear a vitória. Deixaria que os canhões da recém capturada *La Haye Sainte* terminassem com a destruição do centro britânico e só então soltaria seus imortais.

Para alcançar a glória.

O bombardeio seguia se fortalecendo, mas com mais lentidão, pois os tubos dos canhões franceses estavam se deteriorando por causa do fogo constante. Os ouvidos de alguns dos canhões tinham saído expelidas e haviam deixado um enorme buraco onde antes ficava o ouvido, enquanto que outros quebraram suas carretas e um de doze libras explodiu quando uma bolha de ar em seu cano de metal fundido finalmente cedeu. Apesar disso, canhões franceses mais do que suficientes seguiram funcionando para continuar a matança. Os sobreviventes da infantaria britânica estavam petrificados e ensurdecidos com os disparos. Menos da metade do exército de Wellington se encontrava em condições de seguir combatendo. Tinham o rosto enegrecido pela batalha e o suor abria sulcos brancos nele, enquanto que seus olhos estavam avermelhados por causa da irritação provocada pelos resíduos de pólvora expelidos das caçoletas dos mosquetes.

Contudo, maltratados e sangrando, se aferraram à colina sob a diminuidora cortina de agitada fumaça que saía dos carros de munição em chamas. Já fazia tempo que o bombardeio francês havia adquirido uma fatalidade desumana, como se os artilheiros tivessem liberado alguma força malévola do interior da própria terra, uma força que naquele momento e sem arrebatamento pulverizava o campo de batalha para convertê-lo em sangue, cinzas e terreno irregular. Não se via um único humano na colina dominada pelos franceses, somente o banco de fumaça no qual os canhões fendiam com lampejos de fogo que se esfumava em uma brilhante erupção de refulgentes labaredas que depois se apagavam para dar passagem à penumbra.

Sharpe, que se encontrava de pé a poucos passos de distância de seu antigo batalhão, observou como os inquietantes estouros de luz vermelha se inflamavam e se extinguíam, e cada um daqueles resplendores não naturais indicava uns segundos mais de sobrevivência. O medo havia chegado com a inatividade, e cada minuto que Sharpe passava esperando sem se mover na colina o fazia se sentir mais vulnerável, como se, camada a camada, sua coragem

estivesse se descascando. Harper, agachado em silêncio junto a Sharpe, se estremeceu enquanto olhava com olhos arregalados para as estranhas e inumanas labaredas que afloravam pulsáteis entre a fumaça.

Este era diferente de qualquer campo de batalha que qualquer homem tinha conhecido antes. Na Espanha havia parecido que os campos se estendiam até o infinito, mas ali o combate se concentrava na rinha do pequeno vale sobre o qual a fumaça criava uma penumbra prematura e antinatural. Além da margem da batalha, onde as plantações permaneciam intactas e o sangue não escorria para os sulcos do arado, a luz do sol brilhava através dos farrapos de nuvens sobre campos tranquilos, mas o vale em si era um pedaço do inferno na terra, que cintilava com as chamas e cuspiu fumaça.

Nem Harper nem Sharpe falavam muito. Ninguém falava muito na linha britânica. Às vezes um sargento ordenava que as filas se fechassem, mas agora as ordens eram desnecessárias. Cada um dos soldados se limitava simplesmente a aguentar o melhor que podia.

Os *voltigeurs* franceses estavam recuando à medida que sua munição se esgotava. Isso, pelo menos, proporcionou um pouco de alívio e deixou que os batalhões britânicos se deitassem sobre o barro e a palha esmagados. Os *voltigeurs* não se retiraram totalmente para sua própria colina, esperaram no fundo do vale por um novo suprimento de cartuchos. Apenas no centro britânico, diante da capturada *La Haye Sainte*, alguns escaramuçadores avançavam ladeira acima entre o varredor fogo de metralha dos dois canhões de oito libras que os franceses haviam colocado no jardim da cozinha da granja.

Peter D'Alembord, insistindo que estava bem, havia voltado para junto do coronel Ford. Ainda usava o cavalo de Sharpe que posicionou sob o estandarte do batalhão que as balas dos escaramuçadores haviam convertido em farrapos amarelos. O coronel Ford tinha os ouvidos tão embotados que quase não ouvia os pequenos comentários que D'Alembord lhe fazia. Não que Ford se importasse. Agarrava as rédeas de seu cavalo como se fossem sua última garantia de sanidade.

Um cavaleiro sozinho cavalgava sem pressa pela desolada paisagem atrás dos batalhões britânicos. Seu cavalo tomou lentamente um caminho entre as carretas quebradas e passou junto às fileiras de casacas-vermelhas mortos. Fragmentos de granadas fumegavam nas chamuscadas e pisoteadas plantações. O cavaleiro era Simon Doggett e procurava seu próprio batalhão da Guarda Real, mas quando se dirigia para o oeste viu os dois fuzileiros agachados perto do cume da colina. Doggett girou seu cavalo para os casacas-verdes e o deteve a suas costas.

— Ele voltou a fazer, senhor. Ele fez de novo, droga! — A escandalizada indignação de Doggett o fazia parecer muito jovem. — Portanto eu lhe disse que era uma meia de seda cheia de merda.

Sharpe se virou. Por um segundo pestanejou surpreso, como se não reconhecesse Doggett, e depois pareceu sair do transe induzido pelo atordoante bombardeio.

— Você fez o quê? — Doggett estava envergonhado.

— Eu disse que ele era uma meia de seda cheia de merda. Harper riu em voz baixa. Uma granada passou com um gemido por cima de suas cabeças e explodiu ao longe atrás deles. Foi seguida por uma bala que caiu na colina em frente a Sharpe e lançou uma chuva de terra molhada. O cavalo de Doggett afastou a cara de uma sacudida para evitar os salpicos de barro.

— Ele os matou — disse Doggett como patética explicação.

— Matou quem? — perguntou Harper.

— Os soldados da LAR. Havia dois batalhões, tudo o que restava de uma brigada, os pôs em linha e os mandou para onde os aguardava a cavalaria.

— Outra vez? — Sharpe parecia incrédulo.

— Morreram, senhor. — Doggett não podia esquecer a visão das espadas e dos sabres erguendo-se e caindo. Vira um alemão fugir daquela carnificina; o homem havia perdido o braço direito cortado por um sabre, mas havia dado a impressão de que o soldado ia escapar, contudo, um couraceiro apertara o passo atrás dele e lhe cravou um golpe com sua pesada espada, e Doggett poderia jurar que o moribundo lançava um olhar de ódio para a colina, onde estava seu verdadeiro assassino. — Sinto muito, senhor. Não faz sentido lhe contar. Eu tentei impedi-lo, mas ele me disse para ir embora.

Sharpe não reagiu, exceto para pegar seu fuzil e meter um dedo na caçoleta para comprovar se a arma ainda estava escorvada.

Doggett queria que Sharpe compartilhasse sua ira diante do cruel comportamento do príncipe.

— Senhor! — suplicou. Então, como continuava sem obter resposta, falou em um tom mais auto-compassivo. — Arruinei minha carreira, não é verdade?

Sharpe levantou o olhar para o jovem.

— Pelo menos isso podemos arrumar, Doggett. Espere aqui.

Sharpe, sem dizer uma palavra mais, começou a andar para o centro da linha britânica enquanto Harper pegava o bridão de Doggett e virava seu cavalo para afastá-lo do vale.

— Ainda restam alguns escaramuçadores que não se importariam em lhe fazer um buraco com seus mosquetes — explicou o irlandês a Doggett. — É verdade que chamou aquele bastardo magrelo de meias de seda cheias de merda?

— Foi. — Doggett observava Sharpe enquanto se afastava.

— Em sua cara? — insistiu Harper.

— Sim, claro.

— O senhor é um homem magnífico, senhor Doggett! Estou orgulhoso do senhor. — Harper soltou o cavalo de Doggett a uns poucos passos pelas costas do grupo de defensores das bandeiras dos Voluntários do Príncipe de Gales. — Agora aguarde aqui, senhor. O coronel e eu não demoraremos muito.



— Aonde vão? — ele gritou para Harper quando este já se ia.

— Não muito longe! — respondeu Harper, depois seguiu Sharpe por um banco de fumaça de pólvora que o vento empurrava e desapareceu.

Sharpe estava a meio caminho do olmo quando Harper o alcançou.

— O que vai fazer? — perguntou o irlandês.

— Estou farto desse filho da puta real. Quantos homens mais irá matar?

— E o que vai fazer? — insistiu Harper.

— O que alguém teria que ter feito no maldito momento em que nasceu. Vou estrangular esse sacana.

Harper pôs uma mão no braço de Sharpe.

— Escute... — Sharpe se livrou da mão e se virou para seu amigo com um rosto furioso.

— Eu vou, Patrick. Não tente me impedir!

— Pouco me importa que o mate. — Harper estava igualmente irritado. — Mas não me diga que vai deixar que o enforcem por isso.

— À merda a maldita corda! — Sharpe seguiu andando com o fuzil na mão direita.

No centro da colina a fumaça era mais densa e asfíxiante que nos flancos. O estouro das bocas dos dois canhões que os franceses haviam colocado no jardim da cozinha de *La Haye Sainte* chegava quase até o cume da colina e cada disparo bombeava uma sebosa e hedionda névoa que cobria a ladeira. Os franceses estavam disparando potes de metralha, lançando uma massiva carga de balas de mosquete ao coração das defesas britânicas. Os artilheiros britânicos, expostos ao fogo inimigo no horizonte enquanto tentavam responder aos ataques, haviam morrido ou estavam feridos, o que permitiu aos escaramuçadores inimigos avançar se arrastando para ainda mais próximo do olmo marcado pelas balas, cujas folhas e a maior parte da casca haviam saltado pelos ares.

Os oficiais do estado-maior que ainda permaneciam com vida, que não eram muitos, haviam se afastado sensatamente da deteriorada árvore e naquele momento mantinham seus cavalos bem afastados atrás do cume. Sharpe não viu o Duque, mas encontrou o príncipe com seu uniforme debruado em pele. O Príncipe se achava a uns duzentos passos de distância, perto da estrada e rodeado por seu estado-maior de holandeses. Era um alvo distante para um fuzil carregado com um cartucho comum em lugar de pólvora extrafina, e seria um disparo difícil por causa dos soldados que se amontoavam perto do príncipe.

— Aqui não! — insistiu Harper.

Não muito longe havia uma carroça de munição de canhão destroçada e dois cavalos mortos; Sharpe se agachou entre os restos para ver se lhe proporcionavam a cobertura que necessitava.

— Não acertará aquele sacana desta distância — disse Harper. — Não o chamam de o Esbelto Billy por nada.

— Conseguirei se Deus estiver do meu lado.

— Eu hoje não confiaria muito em Deus. — O irlandês observou a parte superior da colina enquanto procurava alguma ideia, viu então uma fila de fuzileiros de casaca verde que corriam para o vale. O Príncipe havia esporeado seu cavalo para seguir os fuzileiros, aproximando-se assim do assediado cume da colina.

— Aonde vão aqueles rapazes? — Perguntou Harper. Sharpe viu os casacas-verdes e compreendeu. O Duque devia de ter reunido o restante de seus fuzileiros e lhes teria ordenado que calassem os canhões que disparavam desde *La Haye Sainte*. Era um movimento desesperado, mas os fuzileiros eram os únicos que podiam silenciar com êxito aqueles canhões assassinos. Cinquenta casacas-verdes se preparavam para atacar desde o cume e o Príncipe, que nunca fora covarde, não pôde resistir a avançar para observar o combate.

De repente, Sharpe passou a correr para os fuzileiros que haviam parado precisamente a uma curta distância do cume e que se achavam agrupados e de cócoras enquanto encaixavam suas longas espadas com cabo de bronze nos canos de seus fuzis.

— Você não vem — gritou para Harper, que havia começado a segui-lo.

— E como vai me impedir

— Merece morrer, droga! — Sharpe se jogou ao chão atrás do pelotão de fuzileiros, que tinham o rosto enegrecido pelos restos de pólvora que estourava nas caçoletas de seus fuzis. Seu oficial comandante era o major Warren Dunnett, cujo semblante refletiu um compreensível ressentimento quando reconheceu Sharpe.

— Vai assumir o comando? — perguntou friamente.

— Seria uma grande honra servir sob suas ordens mais uma vez, Dunnett. — Sharpe sabia ser muito diplomático quando queria.

Dunnett, satisfeito com o cumprimento, esboçou um sorriso forçado.

— Vamos fazê-lo rápido! — disse a seus cinquenta homens. — Usem as baionetas para limpar a ladeira e depois façam proveito de seus disparos! Quando tenham atirado, recarreguem e derrotem os *voltigeurs*. Entenderam? — Os soldados moveram a cabeça em sinal de assentimento e Dunnett esperou. Esperou tanto que Sharpe se perguntava se Dunnett teria perdido a coragem, mas parecia que havia outro grupo idêntico de fuzileiros que iam atacar do outro lado da estrada e os homens de Dunnett simplesmente esperavam seu sinal para que os dois grupos cruzassem o cume da colina ao mesmo tempo.

Sharpe olhou para trás. O Príncipe se encontrava a menos de cinquenta metros de distância, mas olhava, por cima das cabeças dos fuzileiros, para *La Haye Sainte*. Sharpe, para diminuir o risco de que o reconhecessem, lambuzou com lama o rosto cheio de cicatrizes e colocou o chapéu tricórnio no cinturão.

De algum lugar do outro lado da estrada uma corneta fez soar as familiares notas consecutivas que davam a ordem de abrir fogo.

— Este é o sinal, rapazes! Vamos! — Dunnett havia esperado seis anos para se vingar dos

franceses e naquele momento, com o sabre desembainhado, conduziu os fuzileiros para o outro lado do cume.

Foi tão brusca a aparição dos fuzileiros que os *voltigeurs* franceses mais próximos foram apanhados. Os soldados cravaram as baionetas, as soltaram de novo dando um empurrão com o pé e seguiram adiante. Durnnett gritou um incoerente desafio e arremeteu com seu sabre como um louco sem acertar ninguém, fazendo assobiar a lâmina através da fumaça com tanta ferocidade que os franceses se apressavam a escapar de semelhante aparência de maníaco. Os cinquenta fuzileiros situados do outro lado da estrada atacaram com a mesmo repentino e selvagem desespero e fizeram retroceder os aterrorizados *voltigeurs* para o pé da extensa ladeira. O demencial ataque parou a uns poucos metros de Haye Sainte quando os fuzileiros abandonaram a perseguição dos franceses para ocupar suas posições de tiro. Primeiro, antes de apontar, desprenderam as baionetas para que as pesadas lâminas não desequilibrassem os fuzis.

Todos os soldados haviam carregado com cuidado. Havia limpo os canos de seus fuzis empregando o velho recurso de urinar dentro dos tubos, desprendendo assim as camadas de pólvora endurecida, jogando depois o fedido líquido. Depois quando os canos secaram, utilizando a pólvora extrafina que levavam nos cornos, os fuzileiros haviam carregado suas armas. Havia envolvido as balas em pedaços de couro engordurado, os quais não ajudavam apenas a fazer o projétil se ajustar à superfície espiralada do interior do cano, quando a arma disparava se expandiam e impediam que o gás da detonação escapasse pela frente da bala através das estrias do tubo. Levava-se mais de um minuto para se carregar um fuzil de forma tão meticulosa, mas o disparo resultante seria tão certo como o de qualquer outra arma do mundo.

Naquele momento, no breve espaço e tempo que haviam ganhado, os fuzileiros apontaram para os artilheiros que se avistavam por cima da cerca do jardim da cozinha de *La Haye Sainte*. Estavam a um alcance de uns cem metros: um simples disparo de fuzil, mas embaçado com a fumaça que se movia com a brisa. Os artilheiros do jardim estavam ocupados demais atendendo a seus canhões para perceberem a ameaça.

Durnnett não apressou seus homens. Devia estar tentado a apressá-los a disparar, pois os *voltigeurs* franceses estavam se reagrupando ao pé da ladeira, mas confiou em seus soldados e eles não lhe desapontaram.

Os primeiros fuzis, com suas coronhas recobertas de latão golpearam contra os ombros arroxeados após todo um dia de combate. Uma fumaça branca se levantou por toda a ladeira. Os *voltigeurs* franceses começaram a disparar ladeira acima e dois casacas-verdes retrocederam cambaleando. Outros fuzileiros seguiam apontando conscienciosamente. Um artilheiro olhou por cima de seu escovilhão para a ladeira e uma bala o acertou na boca aberta. Um oficial da artilharia francesa caiu rodando para trás, meio se levantou com dificuldade e começou a se arrastar para baixo das armações de seu canhão. Mais fuzis abriram fogo. O oficial desabou no piso. Um punhado de artilheiros fugiu para a granja, onde se amontoaram e obstruíram a si mesmos a passagem pela porta aberta e onde foram atingidos por uma descarga de fuzilaria. Os casacas-verdes que já haviam disparado recarregaram, não

com a pólvora extrafina e a bala envolvida, mas com um cartucho normal e comum. Então apontaram suas armas para os escaramuçadores.

— Retirada! — gritou para seus homens Dunnett, cujas ordens tinham sido cumpridas com folga.

— Já tenho aquele sacana! — exclamou Harper.

— Onde? — Olhe para a árvore e depois para a esquerda uns trinta metros. Sharpe estava mais abaixo que Harper na ladeira. — Ajoelhe-se. Aponte com seu fuzil para a granja. Harper obedeceu, desconcertado. Apoiou a perna esquerda na frente, pôs no piso o joelho direito e apontou seu fuzil para o jardim da cozinha que parecia estar cheio de soldados de artilharia mortos. Os primeiros fuzileiros já corriam ladeira acima.

— Apresse-se, pelo amor de Deus! — disse Harper entre os dentes.

Sharpe estava deitado no chão e meteu seu fuzil entre a coxa direita e a panturrilha esquerda de Harper. Sharpe se encontrava bem oculto dos oficiais do estado-maior próximos ao príncipe, que estavam todos olhando para os massacrados artilheiros no jardim da granja. O cavalo do príncipe estava perpendicular ao vale, de maneira que o ombro esquerdo deste se apresentava para a mira do fuzil de Sharpe.

Sharpe não tivera tempo de carregar com a pólvora boa nem de envolver a bala em couro, em troca, estava utilizando o cartucho comum de pólvora grossa, mas se Deus fosse bom naquela tarde, o cartucho normal bastaria para vingar mil soldados mortos e talvez para salvar a vida de outros mil.

— Deus salve a Irlanda! — resmungou Harper. — Quer fazer o maldito favor de se apressar?

— Não dispare até que eu o faça — disse Sharpe com calma.

— Morreremos juntos se não se apressar, droga! — Sharpe e Harper eram quase os últimos fuzileiros que restavam na ladeira. O restante retrocedia correndo para se abrigar enquanto os enfurecidos *voltigeurs* iam atrás deles a toda pressa. Harper trocou seu alvo e apontou seu fuzil para um oficial francês que parecia particularmente animado.

Sharpe apontou para o príncipe no ventre. O jovem Franchinote se encontrava a não mais de uns cem passos de distância, bastante perto para que Sharpe distinguísse a empunhadura de marfim de seu grande sabre. A bala do fuzil desceria alguns centímetros ao longo dos cem passos, pelo que Sharpe ergueu muito ligeiramente a boca do cano.

— Pelo amor da Irlanda! Quer matar logo esse sacana?

— Preparado? — disse Sharpe.

— Fogo! — Ambos dispararam ao mesmo tempo. O fuzil de Sharpe golpeou seu ombro ao mesmo tempo em que se levantava uma nuvem de fumaça que ocultou o príncipe.

— Vamos embora daqui! — Harper viu que seu alvo dava uma sacudida para trás, puxou

Sharpe para que se levantasse e os dois saíram correndo para o cume. Sharpe acabava de perpetrar um assassinato diante de todo um exército, mas ninguém lhe gritou, nem houve quem ficasse boquiaberto de assombro porque ninguém, ao que parece, percebera nada. Uma descarga francesa passou assobiando por cima deles. A bala de um *voltigeurs* golpeou contra a bainha da espada de Sharpe e caiu ao chão com um ruído surdo.

Sharpe se começou a rir, Harper se uniu a ele. E juntos subiram ao cume dando tombos, sem parar de rir.

— Justo no maldito ventre! — exclamou Sharpe com evidente prazer.

— Com sua droga de pontaria provavelmente terá matado o duque.

— Foi um bom disparo, Patrick. — Sharpe falou com a mesma veemência que qualquer jovem fuzileiro que começasse a dominar aquela complexa arma. — Vi quando atingiu o alvo!

O major Warren Dunnnett viu os dois fuzileiros que sorriam como macacos e supôs que compartiam sua satisfação ante uma tarefa bem feita.

— Uma operação com êxito, creio? — disse Dunnnett modestamente ainda que não restasse dúvidas de que estava ansioso para receber elogios.

Sharpe o elogiou com muito prazer.

— Permita-me que o felicite, Dunnnett. — A eficiente incursão dos casacas-verdes havia deixado os canhões franceses de *La Haye Sainte* fora de combate. Seus artilheiros estavam mortos, abatidos pelos melhores escaramuçadores dos dois exércitos.

Sharpe conduziu Harper para trás de uma bateria britânica — e dali viu que Rebecque e um grupo de outros oficiais holandeses ajudavam a levar dali o príncipe. Este havia caído de lado e só se sustentava em sua sela graças ao apoio de seu chefe do estado-maior.

— Harry! — gritou Sharpe para o tenente Webster, o único ajudante de campo britânico que restava ao príncipe. — O que ocorreu, Harry?

Webster se aproximou de onde Sharpe estava.

— Más notícias, senhor. O Príncipe foi atingido no ombro esquerdo. Não é muito grave, mas não pode ficar no campo de batalha. Acho que foi um desses malditos escaramuçadores.

— Oh, não, merda! — Sharpe falou com evidente remorso.

— De fato, são más notícias, senhor — consentiu Webster oferecendo sua compreensão. — Mas sua alteza sobreviverá. Está sendo levado para os cirurgiões e depois regressará a Bruxelas.

Harper tratava de conter o riso. Sharpe franziu o cenho.

— Uma pena. — Sua voz era fervorosa. — Uma maldita pena!

— O senhor é muito amável ao se preocupar desta forma, senhor, especialmente depois de como ele o tratou — disse Webster, incômodo.

— Pode cumprimentá-lo de minha parte, tenente?

— Claro que o farei, senhor! — Webster levou a mão ao chapéu e depois se virou para sair cavalcando atrás do príncipe ferido.

Harper esboçou um sorriso brincalhão e zombou de Sharpe, imitando-o.

— Foi um bom disparo. Notei que atingia o alvo.

— O sacana se foi, não foi? — disse Sharpe na defensiva.

— Sim — admitiu Harper, e depois olhou atribulado ao longo da linha britânica. — E não passará muito tempo antes que todos nós desapareçamos também. Nunca vi nada assim, nunca.

Sharpe ouviu o irlandês desistir da vitória e esteve tentado a concordar com ele, não fosse por uma pequena parte de Sharpe se negava a perder as esperanças, mesmo quando sabia que naquele momento seria preciso um milagre para conseguir a vitória. O exército britânico havia ficado reduzido a uma irregular linha de minguados e ensanguentados batalhões agachados sobre o barro perto do cume da colina, que a fumaça coroava e eram fendidas pelas explosões de lama lançadas pelo contínuo bombardeio. Atrás dos batalhões, na parte, posterior da colina não havia nada mais além de mortos, moribundos e canhões quebrados. Na borda do bosque os carros de munição arderam até serem reduzidos a cinzas. Não restavam reservas.

Os dois fuzileiros caminharam com dificuldade entre a fumaça para os Voluntários do Príncipe de Gales, enquanto os canhões franceses, todos menos os dois de *La Haye Sainte*, seguiam disparando. O vale estava coberto pela nuvem de fumaça que lampejava com a luz sobrenatural dos canhões.

Junto a *La Belle Alliance* soou um vacilante toque de tambor. Houve uma pausa enquanto o tambor apertava os círculos de couro nas brancas cordas para esticar a pele de seu instrumento e depois as baquetas fizeram soar um garboso e confiado redobre. Fez-se outra pausa, se gritou uma ordem e todo um corpo de tambores começaram a tocar o *pas de charge*.

Para dizer aos franceses que a Guarda Imperial estava a ponto de entrar em combate.

O Imperador abandonou *La Belle Alliance* e se dignou a descer pela estrada montado em seu cavalo branco até que quase chegou a *La Haye Sainte*. Parou a poucos metros da capturada granja e observou como sua querida Guarda passava marchando. As últimas honras daquele dia seriam para os imortais de Napoleão. A invicta Guarda cruzaria o abismo do inferno e acabaria com os últimos restos de um exército derrotado.

A Guarda marchou com as baionetas caladas. Os clarões do fogo de artilharia francês se refletiam naquela folhagem de lâminas de aço e no brilhante lustre negro de seus chapéus de pele de urso. A Guarda usava os chapéus sem nenhum adorno para a batalha, mas todos os soldados tinham um saco de lona encerada de uns quarenta e cinco centímetros de comprimento preso com uma correia a seu sabre-briquet, e nos sacos estavam os penachos que poriam em seus chapéus de pele de urso para o desfile da vitória em Bruxelas.

Sete batalhões da Imperial passaram junto ao imperador. Com eles iam os potentes canhões de oito libras puxados por cavalos que lhes ofereceriam um estreito apoio quando

chegassem à colina.

Os tambores da Guarda faziam avançar a coluna. Por cima deles, as asas estendidas e as ganchosas garras das águias refulgiam, brilhando na penumbra do vale. A Guarda levava seu estandarte preso às águias e as rígidas bandeiras de seda ofereciam umas vivas manchas que contrastavam com os negros chapéus de pele de urso. A Guarda Imperial era equipada com os mais excelentes mosquetes das armarias francesas, seus cartuchos estavam cheios da melhor pólvora dos moinhos franceses e suas baionetas e sabres curtos eram afiados como navalhas de barbear. Eram os invictos heróis da França que marchavam para a vitória.

Contudo, a Guarda nunca havia combatido contra a infantaria de Wellington.

Aclamaram seu imperador ao passar. Ele moveu a cabeça em sinal de satisfeito reconhecimento pelos soldados do interior das colunas que marchavam e ergueu uma mão para abençoar a todos. Quase uma hora antes, dois batalhões da Guarda haviam expulsado de Plancenoit todo um corpo de prussianos e agora sete batalhões cairiam sobre um inimigo desgastado até o limite de suas forças. Os últimos soldados da cavalaria imperial cavalgavam nos flancos da Guarda, e enquanto a enorme coluna avançava para penetrar na fumaça e no calor do fundo do vale, os escaramuçadores foram para ela e formaram filas para seguir a Guarda. Quinze mil soldados de infantaria levariam a cabo aquele último e triunfal ataque.

E seria um triunfo, porque a Guarda imperial nunca havia falhado, mas tampouco tinha enfrentado os casacas-vermelhas.

Os soldados da Guarda saíram da estrada e se dirigiram em diagonal para sua esquerda depois que passaram pela frente do Imperador. Atravessariam os campos e subiriam a meio caminho da ladeira pela direita dos britânicos, seguindo o caminho da cavalaria. Avançavam ao compasso dos tambores. Eram comandados pelo marechal Ney, o mais valente entre os valentes, que naquele dia perdera quatro cavalos mortos por um disparo, mas que nesse instante, sobre seu quinto cavalo, desembainhava a espada e ocupava seu posto à frente da coluna.

A Guarda atravessou o campo cheio de mortos sob a fumaça dos canhões em busca da deteriorada e enegrecida colina, onde esperava a escória da Grã-Bretanha. A batalha havia chegado ao momento da verdade e o Imperador, cuja Guarda fora combater, regressou lentamente para aguardar a vitória.

O Duque galopava para a direita de sua linha. Viu a cavalaria francesa ao pé da ladeira, mas não se atreveu a fazer sua infantaria formar em quadrado porque vira que se aproximava a Guarda e sabia que deviam enfrentá-la em linha.

— Formem quatro filas! — gritou para os restos da brigada de Halkett. — Depois voltem a se deitar no chão! Quatro filas! E ao chão!

Naquele momento o fogo da artilharia francesa era irregular. Os casacas-vermelhas se jogaram ao piso, não para escapar do esporádico bombardeio, mas porque assim permaneceriam ocultos até o último momento do ataque da Guarda. Somente os oficiais

britânicos podiam olhar por cima da crista da colina para o ponto onde a infantaria francesa era uma sombra escura sobre a qual caía o oblíquo resplendor de suas baionetas. A coluna foi avançando lentamente pelo fundo do vale, ao que parece impulsionados pelo enorme redobrar dos tambores que tocavam o *pas de charge* e que só paravam para deixar que a Guarda soltasse o grande grito do império em guerra: “*Vive l’Empereur!*”.

O coronel Joseph Ford olhou desesperado para o descomunal assalto. A seu lado, ainda montado no cavalo de Sharpe, Peter D’Alembord se agarrava ao pito de sua sela. O lado direito de sua gualdrapa estava encharcado com o sangue que havia ressumado de sua ferida vendada. Sua perna doía intensamente, com uma dor pungente. Sentia-se fraco, portanto a sombra da Guarda que avançava eclipsada pela fumaça parecia dar voltas ante seus olhos. Queria pedir aos gritos que o ajudassem porque sabia que suas forças o abandonavam e suspeitava que o cirurgião lhe houvesse cortado uma veia, mas não ia se dar por vencido, não precisamente agora, não naquele desesperado momento no qual a infantaria inimiga finalmente ia lançar seu ataque final.

— Senhor! Coronel Ford, senhor! — Um oficial do estado-maior da brigada, montado em um cavalo que coxeava, se aproximou pela parte traseira do batalhão. — Coronel Ford, senhor?

Ford se virou sem ânimo para olhar o oficial, mas não disse nada.

— O que foi? — conseguiu dizer D’Alembord.

— Os estandartes para a retaguarda — respondeu o oficial do estado-maior.

Por alguns instantes D’Alembord se esqueceu de sua ferida, de sua náusea e de sua fraqueza. Esqueceu seus medos porque nunca tinha ouvido uma ordem semelhante, nem uma única vez em todos seus anos de combatente.

— Os estandartes para a retaguarda? — conseguiu perguntar finalmente com voz de assombro.

— São ordens do general, senhor. Não vamos dar aos franchinotes a satisfação de capturá-los. Sinto muito, senhor, realmente sinto muito, mas são ordens. — Fez um gesto para a zona de retaguarda onde já se estavam levando os estandartes de outros batalhões. — Os defensores devem se reunir atrás de nossa cavalaria ligeira, senhor. Rápido, por favor, senhor.

D’Alembord olhou para o lugar onde dois sargentos sustentavam o estandarte de seda do batalhão que estava crivado pelos disparos dos mosquetes, enegrecido pela fumaça e manchado de sangue. Sete soldados haviam morrido naquele dia enquanto levavam o estandarte, mas agora as brilhantes bandeiras tinham que ser enroladas, deslizar para seus tubos de couro e se esconder. D’Alembord pensou que havia algo vergonhoso naquele gesto, mas imaginou que era preferível a deixar que os franceses capturassem os estandartes de todo um exército, portanto fez um sinal para os sargentos se dirigirem para a retaguarda.

— Já ouviram a ordem. Levem-nos. A voz de D’Alembord tinha um quê de resignação. Até aquele momento havia hospedado uma pitada de otimismo, mas a ordem de levar os estandartes para um lugar seguro demonstrava que a batalha estava perdida. Os franceses



havam ganhado, portanto os estandartes iniciariam a retirada britânica. Talvez o Imperador tivesse sua vitória, mas não lhe dariam a satisfação de exibir os estandartes capturados em meio das alvoroçadas multidões de Paris. Levaram os grandes quadrados de seda pesada com franjas para onde os últimos membros da cavalaria britânica esperavam para galopar com eles para um lugar seguro. D'Alembord seguiu com o olhar as bandeiras enquanto estas desapareciam na fumaça e se sentiu despojado.

Sharpe também viu levarem os estandartes para a retaguarda. Havia regressado para os Voluntários do Príncipe de Gales, porém, como não queria interferir nem no comando de Ford nem no de D'Alembord, ficou de propósito a uns cinquenta passos do flanco esquerdo do batalhão. Carregou seu fuzil.

Harper, que havia recarregado o seu, observou a Guarda Imperial e se benzeu.

O tenente Doggett viu que os dois fuzileiros haviam regressado e avançou com seu cavalo para se unir a eles. Sharpe o olhou e deu de ombros.

— Sinto muito, tenente.

— Por quê, senhor?

— O Príncipe não quis ouvir a razão.

— Oh! — Doggett, que viu a ruína de sua carreira, não pôde dizer nada mais.

— Veja só, acertei aquele sacana no ombro — explicou Sharpe — em vez de na barriga. Foi claramente uma questão de má pontaria. Sinto muito.

Doggett ficou olhando fixamente para Sharpe.

— O senhor... — Não pôde terminar.

— Mas eu não me inquietaria — disse Sharpe —, o filho da puta já tem bastante coisa para se preocupar sem ter que perder tempo em degradá-lo. E se combater conosco agora, tenente, me assegurarei de que seu coronel receba um elogioso relatório sobre você. E não quero parecer convencido, mas talvez minha recomendação valha mais que a do príncipe.

Doggett sorriu.

— Sim, senhor. — Parecia convencido até mesmo supor a sobrevivência. Doggett se virou para olhar para o vale carregado de fumaça e invadido pelo incontido ataque inimigo. Um errante raio de sol originava brilhantes lampejos dourados em uma das águias. Abaixo do ouro, os compridos abrigos escuros e os altos chapéus negros de pele de urso davam aos atacantes o aspecto de gigantes sinistros. A cavalaria, com as bandeiras e as lanças ao alto, seguia a imensa coluna, enquanto que, mais atrás, uma mutável massa de sombras revelava o avanço do restante da infantaria francesa. Os tambores eram claramente audíveis abaixo da percussão dos canhões franceses que ainda restavam.

— E agora o que acontece? — Doggett não pôde evitar de perguntar.

— Esses sacanas que vem na frente são a Guarda Imperial — disse Sharpe —, e sua coluna atacará nossa linha, e nossa linha teria que destroçar sua coluna, mas e depois? —

Sharpe não podia responder sua própria pergunta, porque aquela batalha já havia chegado muito além de sua experiência pessoal. A linha britânica deveria vencer a coluna francesa, porque sempre fora assim e seguia sendo uma crença do soldado de infantaria o fato de que sempre seria assim, mas Sharpe tinha a sensação de que aquela coluna era diferente, que mesmo se a princípio retrocedesse ante as descargas fechadas, de algum modo sobreviveria e traria atrás de si o restante do inimigo em um último e catastrófico ataque. O orgulho de um império e o de um imperador dependiam daquele ataque impulsionado pelos tambores.

— Você não se preocupa com o que acontece, senhor Doggett. — A voz de Harper soou triste enquanto atacava a última bala de meia polegada em sua espingarda de sete canos. — Enquanto ouvir o *Old Trousers*, mate o maior número de sacanas que puder. Porque se não o fizer, esses filhos da puta o matarão, tão seguro como dois e dois são quatro.

Sharpe olhou para Harper enquanto o irlandês escorvava a enorme arma e comprovava se a pederneira estava bem assentada.

— Você não deveria estar aqui — Sharpe lhe disse.

— Um pouco tarde para me dizer. — Harper sorriu.

— Você prometeu a Isabel — comentou Sharpe, mas sem contundência. A verdade era que ele não queria que Harper se fosse. A coragem não era algo inspirado por um rei ou um país, nem mesmo por um batalhão. A coragem era o que um homem devia a seus amigos. Era manter o orgulho e a fé diante deles. Para Sharpe e Harper era mesmo um hábito; haviam lutado juntos durante muito tempo para que se separassem no final.

E aquele momento parecia o final. Sharpe nunca vira um exército britânico menosprezado até o ponto da fragilidade, nem uma carga como a monstruosa coluna impulsionada pelos tambores que agora tomava forma na penumbra lá embaixo. Tentou sorrir para demonstrar a Doggett que na realidade não precisava ter medo, mas tinha os lábios rachados pelo ar ressecado pela pólvora, e tudo o que conseguiu foi uma careta ensanguentada.

Harper olhou fixamente para a coluna e engatilhou sua arma.

— Deus salve a Irlanda. Os artilheiros da linha britânica que ainda estavam vivos meteram potes de metralha por cima das balas, cravaram as sovelas para furar os sacos de pólvora e introduziram os cálamos com pólvora nos ouvidos enegrecidos. Os canhões, assim como os casacas-vermelhas, estavam preparados.

E a Guarda Imperial aclamou.

## Capítulo 20

— Gritem, gritem, sacanas! — O marechal Ney ergueu sua espada que refletiu a luz que se extinguia.

A Guarda aclamou. Era o melhor que o Imperador tinha. A espada de Ney desceu para sinalizar a esquerda e a grande coluna se dividiu facilmente em duas partes. A maior das duas colunas recém formadas lançaria seu ataque nas proximidades de Hougoumont, enquanto que a menor assaltaria a colina diretamente pela frente. A cavalaria seguiria os dois ataques gêmeos, pronta para perseguir o inimigo quando rompesse filas, enquanto que a grande concentração da infantaria restante marcharia na retaguarda do ataque para não ceder o terreno que a Guarda conquistasse.

Os batalhões da Guarda que iam à frente levantaram a vista e não viram nada mais que uns poucos oficiais a cavalo e um punhado de canhões no cume da colina.

Haviam começado sua ascensão para a vitória. A ladeira não era empinada. Podia-se subir por ela correndo sem ter que parar para recuperar o fôlego. Alguns soldados tropeçaram porque a cavalaria havia revirado a terra, mas o solo não estava tão estragado a ponto de impedir as compridas filas de manterem a formação. Aquelas filas de soldados avançavam devagar, de maneira pesada, como se quisessem sugerir que sua vitória era inevitável. E eles acreditavam nisso. Eram os imortais, os invictos. Eram a Guarda Imperial.

— Fogo!

As resplandecentes mechas de combustão lenta dos bota-fogos roçaram os ouvidos e os canhões de nove libras retrocederam com uma estrepitosa sacudida de suas armações. Como seus tubos eram muito pequenos para uma carga dupla, os de seis libras só dispararam potes de metralha ou balas.

Os projéteis dos canhões atravessaram profundamente as duas colunas.

Os artilheiros limpavam a alma e atacaram com seus escovilhões e quando voltaram a levantar a vista, as colunas haviam fechado filas e continuavam avançando, quase como se não nenhum soldado tivesse morrido. Os tambores ainda soavam e os gritos dos franceses seguiam sendo tão confiantes e ameaçadores como antes. Novos cálamos foram introduzidos nos ouvidos, os artilheiros se afastaram, e os canhões retrocederam com força.

O coronel Ford observava com horrorizada incredulidade. A coluna francesa menor avançava para cair sobre a colina justo à direita de seu batalhão, e Ford pôde ver que era totalmente impossível contê-la. Viu a descarga cair sobre as longas casacas azuis e as balas de canhão pareceram não feri-las em absoluto. A Guarda absorveu os disparos, fechou filas, passou por cima de seus mortos e feridos e seguiu avançando impassível.

Sharpe já vira antes colunas como aquelas. Por mais vezes do que podia recordar, mas uma vez mais, assim como em todas as outras ocasiões, se maravilhou de como a infantaria francesa podia aguentar aquele castigo. Com cada descarga de balas e potes de metralha a

coluna parecia se estremecer, mas logo fechava suas filas e seguia avançando. O fogo dos canhões não deteria esses enormes soldados, somente os disparos dos mosquetes podiam fazê-lo. Teriam que ser descargas fechadas, tranquilas e rápidas, disparos de mosquete que matavam os soldados aos montes e faziam com que as primeiras filas se empilhassem formando fileiras de cadáveres.

Os canhões dispararam de novo e lançaram seus projéteis sobre a coluna mais próxima de uma distância igual ao alcance de uma pistola. Sessenta soldados da Guarda iam em cada fila. As filas da frente se encontravam quase no cume da colina, enquanto que as de trás ainda não haviam saído da fumaça que escurecia o fundo do vale. À direita de Sharpe, ao longe, onde a Guarda Real britânica esperava, a coluna maior ocupava toda a ladeira com sua escura ameaça, então Sharpe olhou outra vez para a coluna mais próxima enquanto esperava que Ford desse as ordens ao batalhão para que se levantassem e disparassem.

Os soldados da Guarda Imperial gritaram “*Vive l’Empereur!*”, e seus gritos, de tão próximos, soaram roucos e assustadores.

D’Alembord deu uma olhada expectante para Ford, mas o coronel havia tirado os óculos e os esfregava furiosamente com o extremo de sua cinta.

— Pelo amor de Deus, senhor! — suplicou D’Alembord.

— Oh, meu Deus! — Ford percebera de repente de as lentes estavam todas manchadas com os miolos do major Vine. Soltou uma lamúria e soltou os óculos como se estivessem incandescentes. Voltou a gemer de novo quando os preciosos óculos caíram na lama.

— Senhor! — D’Alembord se balançou sobre sua sela.

— Oh, não! Não! — Ao que parece, Ford se havia esquecido completamente da Guarda Imperial e, em troca, estava inclinado quase fora de sua sela em uma tentativa de alcançar seus óculos. — Ajude-me, major! Meus óculos! Ajude-me. — D’Alembord inspirou profundamente.

— Em pé! — sua voz soou fraca, mas o batalhão estava esperando a ordem e se levantou com impaciência para se deparar com o inimigo bem a sua frente. Peter D’Alembord encheu os pulmões para gritar a ordem seguinte, mas em lugar disso, e com um abafado grito de dor, perdeu o equilíbrio e caiu sem sentido da sela. Sua perna direita estava encharcada de sangue. O que restava de suas bombachas, a meia de seda, a bandagem e seu sapato de baile estavam todos empapados em um escorregadio monte de sangue. Caiu em cima dos óculos do coronel Ford e os quebrou.

— Não! Não! — protestou Ford. — Meus óculos! Major, por favor! Devo insistir! Quebrará os óculos. Mova-se, eu peço! Meus óculos! — gritou a última palavra com puro desespero, revelando assim seu horror ante aquela última tragédia em um dia de loucura.

Os soldados do batalhão ficaram olhando boquiabertos para o coronel, depois voltaram de novo a olhar para frente e viram um canhão de oito libras francês que patinava e dava um violento giro atrás do tiro de cavalos a meio caminho ladeira abaixo. As rodas do canhão lançaram barro a mais de três metros no ar quando a arma deslizou até parar. Os artilheiros

giraram as armações com alavancas ao mesmo tempo em que afastavam os cavalos. Ford levantou a vista sobre D'Alembord e viu a forma imprecisa do canhão, com seu enorme tubo negro. A coluna francesa se encontrava a uns cem passos à direita de Ford, que via os rostos de seus soldados como pálidas manchas borradas em meio à fumaceira. E o que era ainda pior, a coluna estava começando a se desfazer e suas filas traseiras se abriam para o exterior para formar uma larga linha que desafiaria e esmagaria os mosquetes britânicos.

O canhão francês disparou. O pote de metralha atingiu estrepitosamente as quatro filas do batalhão. Sete soldados foram abatidos.

Dois deles começaram a gritar como mil diabos até que um sargento disse para pararem de fazer aquele condenado ruído. Ford, atormentado pelos gritos, não pôde suportar mais. Sua língua se colou ao palato e as mãos tremiam. Tentou falar, mas a voz não saiu. Os franceses mais próximos estavam a menos de cinquenta metros e, mesmo sem óculos, pôde ver seus bigodes e as prontas brilhantes de suas baionetas. Viu suas bocas abertas para lançar seu grito de guerra: “*Vive I’Empereur!*”.

O batalhão situado à direita de Ford ia retrocedendo pouco a pouco. Eles, assim como os homens de Ford, eram sobreviventes da brigada de Halkett, que estiveram tão perto de morrer com os soldados do 69º em *Quatre Bras*. Naquele momento, em que seus nervos estavam destroçados e a maioria de seus oficiais mortos, cederam terreno. Os franceses eram gigantescos demais, ameaçadores demais e estavam perto demais.

“*Vive I’Empereur!*”

Os homens de Ford cheiravam o pânico de seus vizinhos. Eles também retrocederam arrastando os pés. Esperavam ordens, mas seu coronel não podia detê-los. Tinha a sela molhada, os intestinos revirados e seus músculos tremiam sem que pudesse fazer nada para evitar. Viu que a morte se aproximava em forma de uma míope massa borrada de casacas azuis. Tinha vontade de chorar, porque não queria morrer.

Enquanto que para a Guarda, a invicta e imortal Guarda do Imperador, a vitória parecia tão doce. “*Vive I’Empereur!*”

— Agora, Maitland! Agora é a sua vez! — O Duque estava atrás dos sobreviventes da Guarda Real britânica que se encontravam frente à maior das duas colunas francesas. O Duque, que aprendera seu ofício como oficial de batalhão, não resistiu a dar as ordens ele mesmo. — Em pé, soldados da Guarda!

Os membros da Guarda Imperial francesa teve a impressão que a linha de casacas-vermelhas se erguia da lama, mortos que voltavam à vida. Levantaram-se de repente e formaram uma barreira que fechou a passagem da coluna francesa, que, de forma instintiva, freou a marcha. Fazia apenas um momento a colina parecia vazia, e agora, de repente, o inimigo havia surgido da terra devastada.

— Avançar! — gritaram os oficiais franceses, enquanto que na parte posterior da coluna da Guarda Imperial os batalhões começaram a se abrir para o exterior para formar a linha de

mosquetes que se imporia ao punhado de soldados que ousaram enfrentá-los.

— Preparar! — Fazia muitos anos que o Duque não dirigia ele mesmo um batalhão em combate, mas não havia perdido nenhuma de suas habilidades e calculou o momento com cuidado. Os mosquetes britânicos se ergueram de repente, parecendo para os franceses como se os casacas-vermelhas tivessem dado um quarto de volta para a direita. O Duque pôs uma grave expressão, aguardou um segundo e depois gritou: — Fogo!

Os mosquetes britânicos chamejaram. A cinquenta passos de distância não podiam falhar e as filas que iam à frente da coluna francesa foram abatidas em meio a sangue e gritos. Os mortos podiam ser contados às dúzias e criaram uma barreira de carne e sangue que bloqueou o avanço das filas que vinham atrás.

Mais mosquetes retumbaram com fumaça e chamas e inundaram a colina com o som das descargas da infantaria. De ambos os flancos da Guarda de Maitland havia outros batalhões aproximando-se dos franceses que se desdobravam. O 52º, um batalhão duro e teimoso que aprendera seu ofício na Espanha, abandonava a formação de linha e avançava para carregar contra a ferida coluna francesa pelo flanco. Varreram a Guarda francesa com uma descarga fechada profissional e letal. Pode ser que quinze mil franceses tivessem cruzado o vale, mas só o punhado de soldados que iam à frente de cada coluna podia utilizar seus mosquetes, e esse punhado se viu diante das sussurrantes descargas dos batalhões de casacas-vermelhas. De novo se enfrentavam coluna e linha, e esta inundava com seu fogo as cabeças de ambas colunas. Os flancos de retaguarda da coluna tentaram se abrir em linha, mas não puderam, e em lugar disso retrocederam ante os incessantes disparos de mosquete.

A Guarda Imperial não podia avançar nem formar sua própria linha de atiradores, apenas podia ficar imóvel enquanto o fogo dos casacas-vermelhas a atacava pela frente e pelos flancos. Os oficiais franceses gritavam para que as tropas avançassem, mas os mortos obstruíam o caminho dos vivos sob o açoite de um fogo que convertia cada nova fila dianteira em uma barricada de cadáveres. O sonho do Imperador havia começado a desvanecer.

Os soldados da Guarda Real britânica situados à frente da coluna recarregaram.

— Preparar! Fogo! — Os membros da Guarda de ambas as nações se achavam perto o bastante uns dos outros para ver os rostos com clareza e o lastimoso sofrimento nos olhos de um homem ferido; para ver a raiva amarga de orgulho quebrado de um oficial, para ver um soldado cuspir tabaco ou vomitar sangue, para ver como a determinação se transformava rapidamente em medo. A invicta e imortal Guarda Imperial começava a fraquejar, começava a retroceder pouco a pouco, ainda que os meninos dos tambores seguissem tentando impelir os soldados para que avançassem ao ritmo de suas desesperadas baquetas.

— Preparar! — A voz de um oficial da Guarda britânica se ergueu calma e brincalhona. — Fogo!

O som estalante e pungente da descarga de um batalhão inundou o céu enquanto as balas de mosquete atingiam seu alvo através da agitada fumaça. Os soldados da Guarda britânica haviam detido o avanço francês, enquanto o 52º, que havia se aproximado do flanco da coluna, estava convertendo-a em uma massa ensanguentada com seu impiedoso e mortífero fogo. A

morte daquela coluna havia lhes custado muitas horas de prática, tediosas horas de carregar, atacar, escorvar e disparar até que os casacas-vermelhas fossem capazes de realizar os movimentos de carregar um mosquete, mesmo embriagados. Seus rostos enegrecidos pela pólvora se torciam em uma careta quando as coronhas revestidas de latão se chocavam contra seus arroxeados ombros. Eram a escória da sociedade e estavam convertendo os queridinhos mimados do Imperador em despojos sanguinolentos.

— Agora é a vez de vocês! — A voz do Duque atravessou o ruído. — Calar baionetas!

Haviam detido o avanço da Guarda Imperial. Saberiam agora o que era a derrota.

Em seguida, Wellington olhou para a esquerda, e viu sua própria derrota.

Os últimos membros da cavalaria ligeira britânica haviam se desdobrado em linha a menos de cem metros atrás da brigada de Halkett. Tinham se postado ali para se ocorresse um desastre. Alguns deles levariam os estandartes do derrotado exército para um lugar seguro, enquanto que o restante protegeria a retirada da infantaria britânica sobrevivente com um último ataque suicida.

Acreditaram que o ataque suicida era iminente porque viam que os batalhões da brigada de Halkett retrocediam pouco a pouco para eles. Além daquelas assustadas tropas, uma coluna da infantaria francesa, escura sobre o cume, saía da escuridão carregada de fumaça do vale. À direita, ao longe, a Guarda britânica se mantinha firme e descarregava uma chuva de fogo de mosquete contra outra coluna inimiga, mas ali, mais perto do centro da linha britânica, os casacas-vermelhas estavam cedendo terreno e os soldados do Imperador forçavam seu avanço de forma implacável.

— Detenham-nos! — gritou um coronel da cavalaria. Apontou, não para os franceses, mas para a infantaria britânica.

Os sabres saíram de suas bainhas com um ruído áspero e os cavaleiros esporearam seus cavalos e avançaram para ameaçar a sua própria infantaria.

Os casacas-vermelhas retrocediam pesadamente. Os feridos suplicavam a seus companheiros que não os abandonassem. Alguns oficiais e soldados trataram de conter o pânico que se estendia, mas os batalhões sem comando, sabiam que aquela batalha estava perdida porque os estandartes haviam sido levados, e sabiam que dentro de um momento as compridas baionetas francesas arremeteriam para furá-los. Os soldados dos Voluntários do Príncipe de Gales olharam para trás, esperando ordens, e tudo o que viram foi que seu próprio coronel, aterrorizado e meio cego, retrocedia em seu cavalo. Pelas costas do coronel estava a cavalaria. Os casacas-vermelhas olharam para a esquerda para o espaço aberto da colina por onde a fuga ainda era possível. Já não eram soldados; eram uma multidão à beira de uma aterrorizada fuga e então, por cima do ruído dos tambores, por cima do som dos cascos dos cavalos e do crepitar das descargas da Guarda britânica, por cima dos vivas dos franceses para seu imperador, uma voz tremenda calou o campo de batalha.

— South Essex! Alto! — A voz encheu o espaço entre o barro que fedia a sangue e a fumaça. — Sargento Harper!

— Senhor! — A voz de Harper respondeu desde a retaguarda do batalhão.

— Mate o próximo homem que dê um passo para trás, e isso também inclui os oficiais!

— Certo, senhor! — O tom de Harper tinha um convincente quê de ira, como uma implícita promessa de que sem dúvida assassinaria qualquer um que retrocedesse um só passo.

Sharpe se situou diante do batalhão de costas para a coluna francesa. Seu cavalo, que D'Alembord estivera montando, estava com um sargento da companhia de granadeiros. Sharpe imaginou que o homem estivera a ponto de montar e sair fugindo da esperada derrota, e então o sargento lançou para Sharpe um olhar atemorizado e desafiante.

— Traga o cavalo aqui! — gritou Sharpe para o sargento, não com irritação, mas mantendo quase uma total naturalidade, como se atrás dele não houvesse uma maldita e enorme coluna de vitoriosa infantaria francesa precipitando-se pelo cume da colina a menos de um tiro de pistola de distância. — Traga o cavalo! Agora, rápido! — Sharpe queria montar para que todos os soldados do batalhão pudessem vê-lo. Aqueles soldados já não possuíam estandarte, já não tinham uns poucos e apreciados oficiais, portanto deveriam ver quem estava ao comando e ver que não se esquivava da ameaça impulsionada pelos golpes de tambor que tão perto.

— Formem filas! Apressem-se, agora! — Sharpe deixou o fuzil no coldre da sela e subiu torpemente para a sela. No fundo estava estremecendo porque esperava que uma descarga dos mosquetes franceses abatesse ele e seu cavalo, mas tinha que demonstrar tranquilidade frente ao assustado batalhão. Aqueles soldados o conheciam, confiavam nele, e Sharpe sabia que iam combater como os sacanas nascidos na miséria que eram tivessem uma oportunidade e um líder. Agradeceu ao sargento por lhe trazer o cavalo e então, enquanto tratava de introduzir o pé esquerdo no estribo, virou-se para olhar as quatro filas que fraquejavam. — Verifiquem se as armas estão carregadas! — virou seu cavalo para poder ver o inimigo. Deus, como estavam perto! Marchavam pelo espaço aberto que havia à direita dos Voluntários do Príncipe de Gales, um espaço deixado vazio por um aterrorizado batalhão que ao que parece havia fugido. Sharpe pensou em dirigir seus próprios homens para aquele espaço, mas percebeu que era tarde demais. Os franceses quase já haviam atravessado a linha britânica, portanto agora teriam que receber o ataque em seu flanco direito aberto.

Um oficial francês a cavalo galopava para aquele flanco aberto e apontava com sua espada para Sharpe, sem dúvida mostrando um alvo para seus homens, e a expressão confiante do oficial francês irritou Sharpe que, para demonstrar seu mais absoluto desprezo, deu as costas para o inimigo e ficou de frente para seus homens.

— Vamos avançar! Depois lançaremos algumas descargas nesses sacanas de merda! — percorreu com o olhar as inquietas filas; estavam manchadas de pólvora, ensanguentadas e envergonhadas, mas já haviam recuperado a calma e tinham seus mosquetes carregados. Talvez se tratasse de um batalhão dizimado e meio derrotado, mas para Sharpe era uma arma com a qual podia combater com uma precisão letal. Pestanejou quando uma bala de mosquete passou voando muito perto de sua bochecha e depois sorriu ao mesmo tempo em que



desembainhava sua longa espada. Queria que os soldados vissem sua satisfação, porque aquele era o momento no qual um soldado tinha que encontrar um perverso prazer ao matar. Os remorsos e a compaixão vinham depois, porque eram os luxos proporcionados pela vitória, mas aquela escória devia matar e o inimigo devia temer seu prazer ao fazê-lo. Sharpe segurou a espada no alto e depois fez descer a ponta para apontar para o inimigo. — O batalhão avançará! Sargento Harper! Por gentileza!

— Batalhão! — A voz do sargento era forte e segura, era a voz de um homem que fazia seu trabalho de forma despreocupada. — Batalhão! Em frente! Marche!

Marcharam. Só haviam se passado alguns segundos desde que haviam começado a se retirar e que suas filas teriam se convertido em um caos, mas agora, com alguém ao comando, avançaram para a conquistadora Guarda. Sharpe manteve quieto seu cavalo para deixar que o batalhão se dividisse por ambos os lados e só então partiu, um cavaleiro avançando no centro de um batalhão em marcha. Viu que um batalhão da infantaria de Brunswick abria fogo contra o flanco da coluna francesa mais afastado, mas seus disparos não foram suficientes para deter a Guarda, só conseguiram fazer que se desviasse para os Voluntários do Príncipe de Gales. Ainda não havia tropas enfrentando a frente da coluna, portanto as filas de retaguarda daquela enorme formação estavam se abrindo com torpeza para formar uma linha de atiradores destinada a submergir os impressionados defensores em uma chuva de disparos. Atrás da Guarda, uma multidão de soldados da cavalaria e da infantaria inferior seguia adiante colina acima, pronto para compartilhar um descalabro britânico em uma derrota esmagadora e uma matança.

— Companhia de granadeiros! Alto! O batalhão fará uma conversão para a direita! Conversão à direita! — Sharpe corria o risco de seus homens não compreenderem e não obedecerem aquela complicada ordem em meio ao ruído, o calor e o medo. Teria sido mais simples deter o batalhão e disparar obliquamente contra a coluna francesa, mas com uma solução como aquela a metade esquerda do batalhão teria ficado para trás bastante distante do inimigo. Contudo, se o batalhão virasse de forma ordenada, realizariam um amplo giro como o de uma porta de vaivém e ficariam frente ao flanco inimigo que se desdobrava. A companhia de granadeiros, situada à direita da linha, permaneceu imóvel enquanto que as companhias restantes. — A passo ligeiro! — O alferes Huckfield apressou a companhia ligeira que tinha que percorrer a maior distância.

A linha de conversão era irregular, mas isso não importava. Levavam seus mosquetes para enfrentar os franceses; Sharpe sentiu a exultação de dirigir um batalhão em combate. Viu o temor no rosto do oficial francês a cavalo que compreendeu exatamente o horror que estava a ponto de desabar sobre seus homens.

— Alto! — Sharpe deteve o oscilante batalhão a uns cinquenta passos de distância do flanco da coluna. Toda a batalha se reduzia então a uns poucos passos sujos de ar carregado de fumaça. — Apresentar armas! — Os pesados mosquetes do batalhão se ergueram. Sharpe esperou um instante. Viu que os soldados da Guarda abriam a boca para gritar sua ladainha de louvor ao imperador, mas antes que pudessem emitir um único som, Sharpe deu finalmente a ordem: — Fogo!

Ouviu o familiar som, o bendito som, o estrepitoso estalido dos mosquetes de um batalhão ao cuspir balas, e viu que o lado da coluna que estava se abrindo dava uma sacudida quando os projéteis atingiram seu alvo. Uns poucos soldados franceses devolveram os disparos, mas seguiam marchando e tinham os mosquetes desequilibrados pelas baionetas caladas, portanto seus disparos foram desacertados. O oficial a cavalo havia caído, sua montaria se retorcia no chão, enquanto ele se afastava arrastando-se. Harper gritava para o batalhão recarregar. Simon Doggett, ainda em seu cavalo, disparava uma pistola por cima das cabeças do batalhão. As varetas tamborilavam nos canos dos mosquetes enquanto os soldados atacavam desesperadamente as balas contra a pólvora.

O batalhão de Sharpe ameaçava o flanco direito da Guarda Imperial, enquanto que por seu flanco esquerdo as tropas de Brunswick dispararam outra descarga, mas na frente da coluna não havia nada mais que uma destroçada concentração de casacas-vermelhas. A cavalaria britânica se aproximou daqueles assustados soldados, mas antes que pudessem utilizar seus sabres contra os casacas-vermelhas o Duque se colocou entre eles e por algum motivo os soldados pararam e se voltaram ao ouvir sua voz confiante. Os oficiais do estado-maior galoparam entre os fugitivos; se conseguiu extrair a ordem de seu próprio caos, os mosquetes apontaram e uma irregular descarga lançou uma chuva de clarões contra a cabeça da coluna. A Guarda, atacada por três lados, parou e retrocedeu ante os disparos dos mosquetes.

Sharpe observou que as filas centrais da coluna empurravam os soldados imóveis que estavam na frente.

— Fogo! — Sharpe jogou contra o flanco direito francês outro acúmulo de balas. A coluna continuava tentando avançar e as últimas filas descreviam uma curva oblíqua para se afastar da linha de atiradores; Sharpe teve a sensação de que a sorte daquela batalha dependia totalmente dos próximos segundos. Se permitissem que os franceses avançassem sobre seus próprios mortos, estes poderiam então inundar a colina com sua vingança e a linha britânica seria feita em pedaços. Contudo, se pudessem fazer aquela coluna retroceder, a linha britânica teria um respiro durante o qual, com a ajuda da noite ou dos prussianos, poderiam sobreviver a uma derrota.

— Avançar! Avançar! Avançar! — exclamou uma voz francesa gritando com desespero no centro da coluna. Os tambores seguiam tocando sua mensagem de vitória. “Vive l’Empereur!”

— Avançar! Avançar pelo Imperador!

— Calar baionetas! — gritou Sharpe em resposta. Os soldados do batalhão, que já estavam recarregando, largaram seus cartuchos meio rasgados e extraíram suas baionetas. Encaixaram as lâminas nos enegrecidos canos de suas armas. Os tambores franceses soavam desesperadamente perto. Sharpe conduziu seu cavalo à frente do batalhão. O animal estava nervoso e tinha a pele escorregadia por causa do suor. Sharpe ainda tinha a espada manchada com o sangue que havia derramado no pátio de Hougoumont. Viu que a coluna francesa abria passagem por cima dos corpos dos soldados mortos pela sua última descarga e se perguntou se teria baionetas suficientes para romper as filas daqueles franceses confiantes, mas só havia uma maneira de saber a resposta, e de repente Sharpe sentiu o antigo entusiasmo da batalha e o

prazer louco que proporcionava, ergueu sua longa espada ensanguentada e ordenou a seu batalhão que avançasse.

— Atacar! — Os sobreviventes dos Voluntários do Príncipe de Gales atacaram com toda a fúria de homens ressentidos, que tinham passado por um verdadeiro inferno o dia todo, enfrentando os imaculados e intactos favoritos de um imperador que até esse momento tinham sido resguardados da morte. Carregaram contra eles com os rostos ensanguentados e manchados de pólvora, e gritaram como *fúrias* ao mesmo tempo em que arremetiam com suas baionetas.

O flanco da coluna tentou se retirar ante aquele ataque, mas os franceses não fizeram outra coisa que apertar-se contra as filas que havia atrás e que ainda tentavam avançar ao som dos tambores. O som daqueles instrumentos era ameaçador, mas mesmo os soldados resguardados no próprio centro da coluna estavam conscientes de que algo ia mal. Seu flanco esquerdo estava sendo abatido pelas descargas das tropas de Brunswick, o Duque havia voltado a formar os casacas-vermelhas à sua frente e agora os homens de Sharpe arremetiam pela a direita.

Sharpe cravou as esporas, o cavalo deu um salto para frente e sua espada desceu com estrépito, como um machado. A lâmina fez saltar uma comprida lasca de um mosquete que parou seu golpe, depois voltou a desferir um golpe que atravessou um gorro de pele de urso com um ruído surdo e deixou um francês de joelhos. O cavalo relinchou e retrocedeu quando uma baioneta o atingiu no peito, mas os casacas-vermelhas invadiram junto com Sharpe para dirigir suas lâminas de aço contra o inimigo. Os Voluntários do Príncipe de Gales tinham uma conta a acertar, portanto se lançaram contra os imortais do Imperador com uma ferocidade que somente homens que expiavam um momento de covardia podiam mostrar.

O cavalo de Sharpe estava ferido, mas não de morte. Deu um forte relincho de medo ou de dor ao mesmo tempo em que Sharpe afastava um mosquete com um estrepitoso golpe de espada e depois arremeteu contra o rosto do francês. O soldado retrocedeu para esquivar a lâmina e caiu sob as baionetas de dois casacas vermelhas que grunhiram e golpearam uma forte estocada para que seu aço atravessasse o pesado sobretudo azul do francês. O inimigo retrocedia pouco a pouco e com dificuldade. Os franceses estavam tão apinhados na coluna que não dispunham de espaço para utilizar suas armas de forma adequada. Os soldados de Sharpe lançavam um lamento ao mesmo tempo em que matavam recitando com voz suave uma horrível música enquanto investiam, estocavam e abriam passagem a força lutando entre os mortos. O cavalo de Sharpe quase tropeçou em um cadáver e ele teve que agitar a espada para não perder o equilíbrio. A colina fedia a sangue, suor e fumaça de pólvora. Um enorme estrondo anunciou que Harper havia disparado sua arma de descarga múltipla à queima-roupa contra as filas da Guarda e o irlandês se lançou contra o espaço que suas balas haviam aberto. Alargou aquele espaço a golpes de baioneta, acompanhando cada uma daquelas atrozidades arremetidas com um grito de guerra em gaélico.

O tenente Doggett, que seguia em seu cavalo, gritou para que as filas o deixassem passar e depois lançou seu cavalo com força contra as tropas francesas e golpeou com sua fina espada. Gritava como um louco, escondendo seu terror atrás de um som louco o bastante para um

fumegante campo de sangue. Arremeteu contra elas com sua espada, mas as filas francesas estavam tão fechadas que não pôde abrir passagem à força para o troféu. Insultou um soldado enquanto o matava e depois cravou a espada em um rosto bronzeado e com bigode girando a lâmina para lhe arrancar a bochecha.

— A águia! A águia! — gritou Sharpe, e xingou os soldados que o impediam sua passagem. Junto a Sharpe, abaixo dele, as baionetas estocavam e giravam, mas de repente o dourado estandarte do inimigo desapareceu, foi arrancado do cume da colina e retrocedeu quando a Guarda do Imperador iniciou sua retirada. Os tambores haviam parado de soar e a imortal Guarda invicta fugia.

Corriam. Há apenas um momento estavam tentando lutar, e no minuto seguinte gritavam que tudo estava perdido e retrocediam como podiam das sangrentas baionetas com o pânico e o medo refletido em seus rostos bigodudos, e os casacas-vermelhas, que ofegavam e estavam cobertos de sangue como cachorros de caça ao cair sobre sua presa, observaram em silêncio como a elite inimiga escapava. A Guarda Imperial fora vencida pelo que restava de assassinos com casaca vermelha que surgiram do barro para espancar a glória de um imperador.

— Não lhes deem a oportunidade de fugir! — Uma voz autoritária se ergueu com clareza entre a fumaça e o caos. O Duque, que conduzia seu cavalo a meio galope atrás dos batalhões vitoriosos, olhava fixamente para os franceses que fugiam. — Não deixem que partam! Avancem agora! Eliminemo-nos de nosso território! — Como de costume, havia um tom de impaciência na voz do Duque, como se seus soldados, tendo realizado o milagre de derrotar a Guarda Imperial, o tivessem decepcionado ao não ter convertido ainda aquela derrota em um descalabro esmagador. Porém, também como de costume, o Duque vira tudo e não foi descortês naquele momento de salvação. — Senhor Sharpe! Estou em dívida com o senhor! Agora este é seu batalhão! Portanto faça-o avançar!

— Batalhão! — Sharpe não teve tempo de saborear sua recompensa, de maneira que endireitou sua linha para colocá-la de frente para o vale, onde os franceses seguiam concentrados e de onde provavelmente lançariam seu próximo ataque. — Companhia ligeira, alto! Flanco direito, avançar! Marche!

O batalhão deu um giro para a esquerda para voltar a ficar de frente para o inimigo. Tiveram que desviar dos corpos dos franceses mortos e agonizantes. Um soldado chamava por sua mãe e dava gritos horríveis até que a incisão de uma baioneta calou sua voz. Um cavalo ferido, cuja anca era um disforme de sangue e carne rasgada, passou pela frente de Sharpe galopando para a ladeira.

— O batalhão avançará. — Os sargentos e cabos repetiram a ordem de Sharpe. Este não sabia se restava algum oficial, ainda que tenha visto que Simon Doggett ainda estava com vida e ouviu a voz de Patrick Harper, depois se dissipou a fumaça do cume da colina e Sharpe fez seus homens marcharem para o extremo do vale, onde, milagrosamente, viram que não haveria mais ataques franceses, pois o inimigo havia se retirado e havia rompido filas.

A batalha estava ganha e a infantaria inimiga corria por todo o campo de batalha envolvido em fumaça. A Guarda, a imortal e invicta Guarda, fora derrotada, e se a Guarda

podia perder, então não houve um só francês que se considerasse a salvo, portanto o terror havia se apoderado de todo um exército. Ainda restavam muitas tropas francesas, suficientes para arrasar a colina britânica, mas aquelas tropas viram a Guarda Imperial fugir em pânico, por isso todo um exército corria para pôr-se a salvo. Uns poucos oficiais do estado-maior galopavam entre os franceses e tentavam fazê-los voltar a formar, mas a vitória viera abaixo e se convertera em um pesadelo em uns poucos segundos de descargas e aço, portanto os franceses corriam, salvo uns poucos soldados valentes que tentavam se manter firmes no fundo do vale.

O conde de Uxbridge, que havia perdido a cavalaria do Duque assim como o marechal Ney havia perdido a do Imperador, deteve seu cavalo ao lado de Wellington, que olhava detalhadamente para os poucos inimigos que ainda se mostravam desafiantes.

— Oh, diacho! — disse o Duque com assombro. — Do inferno ao céu! — O Duque tirou o chapéu com suas quatro rosetas. Milagrosamente o sol encontrou um veio de atmosfera limpa entre as nuvens e a fumaça e lançou sua inclinada luz dourada sobre o Duque quando este brandia o chapéu em sua frente. Empurrou o chapéu para frente de novo como sinal para que toda a linha britânica avançasse. Nessa ocasião não só tinham que tirar os franceses da colina, mas de todo o campo de batalha. Haviam defendido seu território durante todo o dia, mas nesse instante podiam atacar o do inimigo. — Avançar! — gritou o Duque. — Avançar! Não resistirão! Avançar!

E assim o fizeram. Os maltratados sobreviventes em suas destroçadas filas avançaram finalmente. Em algum lugar um gaiteiro começou a tocar sua desenfreada música escocesa enquanto os casacas-vermelhas marchavam em uma linha irregular para o fundo do vale para levar um inimigo derrotado para a destruição final. Uns últimos canhões dispararam da colina francesa como o desafio de um perdedor no momento da derrota.

Uma das balas de canhão passou junto ao duque e atingiu o conde no joelho.

— Meu Deus! Perdi minha perna!

— Você, meu Deus! — O Duque avançou a galope para onde seus soldados da infantaria marchavam para o fundo do vale.

— Sigam em frente! Agora não aguentarão mais! Avancem!

Os aturdidos soldados desceram por uma ladeira que haviam defendido o dia todo. Lentamente, com incredulidade, foram se dando conta da realidade da vitória. Tinham vencido, por Deus que haviam vencido, e à sua esquerda, pela leste, o céu cintilava com novos disparos de canhão e o sol poente iluminou tropas de uniforme escuro que se amontoavam ao subir pelo flanco da distante colina francesa. Finalmente os prussianos haviam chegado.

Um regimento da cavalaria ligeira britânica, que havia sido reservada para cobrir a retirada, avançou trotando para aproveitar-se da vitória.

— Dezoito! — gritou seu coronel. — Sigam-me!

— Até o inferno!

O trompete tocou as dez notas enjoativas. Os cavaleiros desceram a toda velocidade pela ladeira, rachando os sobreviventes franceses, golpeando os últimos artilheiros que haviam permanecido junto a suas armas, e depois viram um batalhão de reserva da Guarda formado em quadrado na colina inimiga. O quadrado retrocedia pouco a pouco, procurava escapar de forma ordenada da esmagadora derrota para assim estarem prontos para lutar pelo Imperador outra vez.

Os sabres britânicos romperam o quadrado. Os cavaleiros fizeram o que toda a cavalaria da França não havia conseguido fazer: romperam um quadrado. Morreram em seu empenho para fazê-lo, mas naquele momento nada os deteria. Aquilo era a vitória. Era melhor que a vitória, era a vingança, portanto os cavaleiros, ébrios de rum, arremeteram com seus sabres contra os chapéus de pele de urso e abriram caminho à força com seus cavalos entre os mortos para converter os vivos em farrapos sanguinolentos com seu aço. Os prussianos marchavam pela esquerda, os britânicos avançavam pelo vale e o Imperador fugiu penetrando na penumbra, ao mesmo tempo em que suas águias caíam.

Os Inniskillings foram os únicos que não avançaram.

Os que não estavam mortos estavam feridos, pois os irlandeses haviam mantido o ponto mais frágil da linha do Duque, e o haviam mantido até o final. Morreram em suas filas, não deixaram de lutar em nenhum momento e haviam ganhado. Jaziam em um quadrado perfeito e seu estandarte ainda ondeava entre as nuvens de fumaça enquanto os últimos soldados vivos olhavam para aquele vale saciado de fogo que fedia a sangue, um vale arrancado do inferno: um campo de batalha.

# EPÍLOGO

Os feridos estavam estendidos sob uma lua fumegante enquanto os vivos, exaustos, dormiam.

Era uma noite quente. Pouco a pouco uma suave brisa do oeste levou o fedor da pólvora, embora o odor de sangue fosse persistir na terra por semanas. Os saqueadores rastejavam em meio à escuridão. Para os belgas pobres qualquer coisa valia dinheiro, quer fosse um peitoral de couraceiro com furos de bala, uma espada quebrada, um par de botas, a sela de um soldado de cavalaria, uma baioneta ou mesmo uma tira de tecido. Despiram os mortos e mataram os feridos para levar seus uniformes. Os cavalos malferidos relinchavam lastimosamente enquanto esperavam a morte em um campo que sussurrava com o movimento de ladrões e assassinos. Umas poucas fogueiras cintilavam entre a carnificina. Mais de quarenta mil soldados jaziam mortos ou feridos no vale, e os sobreviventes não tinham mais forças.

Lorde John Rossendale seguia estendido no vale, onde se via arrastado para dentro e para fora da consciência. A dor havia diminuído durante a noite, assim como sua lucidez. Sonhou. Em certas ocasiões até foi feliz em seus sonhos, mas naquele momento mãos começaram a puxá-lo pelo peito e ele gemeu e tentou se livrar daqueles dedos que o agarravam e lhe causavam tanta dor. Uma mulher lhe disse para ficar deitado e não se mover, mas lorde John estremeceu quando uma dor pungente o invadiu e ela reclamou dele. A mulher, uma habitante do povoado de Waterloo, estava tentando arrancar a casaca do corpo de lorde John.

Sua filha, uma menina de oito anos, vigiava para ver se via os poucos sentinelas que tentavam evitar o saque.

Lorde John achou que a mulher era Jane. Estava cego, portanto não sabia que ainda estavam no meio de uma noite escura; ele achava que era de dia e que Jane o havia encontrado, e começou a soluçar de felicidade ao mesmo tempo em que levantava o braço para pegá-la pela mão. A mulher xingou lorde John por complicar-lhe tanto a vida, mas estava preparada para esse tipo de vítimas tão pouco dispostas a colaborar. Levava uma faca de vinte e cinco centímetros que usava para matar os porcos que criava em seu quintal traseiro.

— Não se mova! — falou a lorde John em francês.

— Jane — gritou ele com desespero, e a mulher temeu que aquele ruído atraísse os sentinelas, portanto, com um movimento forte e rápido da faca, cortou a garganta, pálida sob a luz da lua. Saiu um jorro de sangue escuro. Ele se engasgou, deu uma única sacudida como um peixe fora d'água e depois ficou imóvel.

A mulher pegou a casaca de lorde John com suas valiosas dragonas, mas lhe deixou a camisa porque estava empapada em sangue. Num bolso da casaca encontrou um roto e velho pedaço de corda suja que usou para atar o fardo que fez com a roupa que havia roubado. Do outro lado da colina do sul, uma raposa uivava para o céu coberto com a fumaça das fogueiras dos acampamentos dos vencedores.

Os Voluntários do Príncipe de Gales dormiam na colina que haviam defendido. Peter D'Alembord teve a perna amputada, portanto ainda poderia sobreviver. O soldado Clayton havia morrido, fora morto pela Guarda Imperial no preciso momento da vitória. Charlie Weller vivia, assim como o coronel Ford. O coronel fora mandado de volta para Bruxelas, e se ele queria continuar vivendo ou não era outra questão. Harry Price era o oficial mais antigo que havia sobrevivido, portanto Sharpe o nomeara major e havia outorgado uma capitania a Doggett, mas os advertiu que as ascensões talvez não resistissem ao escrutínio dos funcionários do governo britânico. Os soldados podiam lutar, sangrar e escrever um capítulo da história da Grã-Bretanha, mas os malévolos sacanas de bunda mole de Whitehall sempre teriam a última palavra.

Sharpe dormiu por uma hora, depois despertou e se sentou junto a um fogaréu feito com fragmentos de hastes de lança e dos raios quebrados de uma roda de canhão destroçada. Logo apareceram as primeiras luzes do dia, uma horrível claridade cinzenta que dispersou os saqueadores e trouxe consigo as aves carniceiras de asas negras para fazerem um festim com os mortos. A atmosfera já era úmida e prometia um dia de calor sufocante. A oeste, as fogueiras dos acampamentos prussianos formavam finas meadas de fumaça na esteira de nuvens altas. Em algum lugar por trás da colina, uma corneta tocou a alvorada e outras se uniram àquela chamada que os galos das aldeias distantes pareciam ecoar.

— Ordens, senhor? — Harry Price tinha os olhos avermelhados, como se tivesse estado chorando, ainda que provavelmente não fosse mais que o cansaço. Sharpe se sentia fatigado e vazio, portanto lhe custou um enorme esforço pensar inclusive nas tarefas mais simples.

— Quero uma lista da carnificina como é devido, Harry. — Era a lista dos mortos e feridos. — Dê ao alferes Huckfield um grupo de trabalho para resgatar os mosquetes e olhar que outro equipamento pode recolher. — O período que seguia à batalha era um momento excelente para surtir o batalhão do equipamento necessário. — Precisamos de um pouco de comida. Lembre-me, quem é que guarda os prisioneiros?

— O sargento Ryan.

— Diga-lhe que conduza esses sacanas para a brigada. Se não os quiserem lá, que os solte sem botas nem cinturões.

— Vamos necessitar de mais sargentos — observou Harry Price.

— Pensarei nisso. — Sharpe se virou para olhar os corpos dos mortos que acabavam de ser despojados de suas roupas e que jaziam muito brancos entre os calcinados talos de centeio. — E comece a cavar uma vala, Harry. Que seja grande.

— Sim, senhor.

Um soldado trouxe uma xícara de chá fervendo para Sharpe e este a bebeu enquanto contemplava o vale. Os restos do castelo de Hougoumont e de *La Haye Sainte* ainda fumegavam. O castelo havia queimado por completo e não havia restado nada mais que umas enegrecidas vigas do telhado em cima da chamuscada estrutura de pedra, enquanto que os corredores de *La Haye Sainte* estavam repletos de mortos. Ao pé da ladeira, abaixo de



Sharpe, um cavalo que havia sobrevivido à noite sem suas patas traseiras, estava sentado sobre suas ancas ensanguentadas e relinchava pateticamente pedindo ajuda.

Os primeiros soldados desceram a colina. Alguns foram enterrar os mortos enquanto outros foram em busca de algum butim. Um homem encontrou a correia de uma espada que tinha um bonito e intrincado trançado dourado e a guardou para presentear sua namorada. Outro homem pegou uma broxa de barbear com cabo de prata de um consistente charco de sangue coagulado. As moscas zumbiam por cima dos mortos. Um casaca-vermelha recolheu com cuidado um maço de cartas que haviam se espalhado ao redor do cadáver de um escaramuçador francês. A suave brisa agitava as páginas de um livro manchado de sangue. Os disparos de pistola soavam monótonos enquanto os soldados sacrificavam os cavalos para livrá-los de seu longo sofrimento. Um grupo de oficiais da cavalaria, cujos uniformes brilhavam de forma estranha no pálido amanhecer, desceram da colina a meio galope para revistar o monte de corpos que indicavam a passagem da cavalaria britânica da glória para a derrota.

Chegaram os primeiros civis de Bruxelas. Estacionaram suas carruagens perto do olmo e caminharam em horrorizado silêncio pelo vale onde os grupos de trabalho procuravam por feridos. Os corvos rasgavam os mortos de pele branca. Uma mulher encontrou seu marido e vomitou. Um padre local, que havia comparecido para atender aos franceses feridos, foi cambaleando pelo caminho sem poder evitar, tapando a boca com a mão.

O grupo de trabalho de Simon Doggett regressou ao batalhão com dois tonéis de novilho salgado, um saco de pão e um barril de rum. Disse a Sharpe com orgulho que tinha roubado a comida da cavalaria.

— E agora o que vai acontecer? — perguntou Doggett.

Sharpe tinha dificuldade para pensar. Era como se a batalha tivesse entorpecido seus sentidos.

— Iremos a Paris, acho. — Não acreditava que o Imperador poderia se recuperar daquela derrota.

— A Paris? — Doggett pareceu surpreso, como se não tivesse percebido até agora o que o exército de Wellington havia conseguido naquele vale que fedia a fumaça e a sangue. — Realmente acha que iremos a Paris? — perguntou com excitação.

Sharpe não respondeu. Estava observando um cavaleiro que subia com muito cuidado pela face da colina e atravessava os compridos e escuros sulcos que o bombardeio francês havia aberto na terra. Reconheceu o capitão Christopher Manvell e caminhou para seu encontro.

— Bom dia. — O cumprimento de Sharpe foi seco. Manvell levou uma mão enluvada a seu chapéu.

— Bom dia, senhor. Esperava encontrá-lo. — Parecia envergonhado e se virou para olhar para os soldados de Sharpe que, esgotados e cobertos de barro, devolveram um olhar malévolos para o elegante soldado da cavalaria. — Ele está morto — disse Manvell sem mais se esforçar para ser educado.

— Rossendale?

— Sim. Está morto. — O rosto de Manvell refletia tristeza quando voltou a olhar para Sharpe. — Achei que o senhor tinha que saber, senhor.

— Por que eu ia querer saber? — perguntou Sharpe com brutalidade.

Manvell pareceu desconcertado, mas deu de ombros.

— Acho que lhe deu uma promissória, senhor? Temo que não tenha nenhum valor, senhor. Não tinha nem um penique que fosse seu. E depois também tem... — Manvell parou de repente.

— Depois tem o quê? — Sharpe o instou.

— Tem a senhora Sharpe, senhor. — Manvell reuniu coragem para pronunciar aquelas palavras. — Alguém terá que dizer a ela.

Sharpe soltou uma áspera e breve gargalhada.

— Não vou ser eu quem o fará, capitão. É uma maldita puta e por mim pode apodrecer no inferno. Tenha um bom dia, capitão.

— Bom dia, senhor. — Manvell observou Sharpe enquanto este se afastava e depois virou seu cavalo e se dirigiu para a estrada, onde, sem que Sharpe soubesse, Jane esperava por notícias dentro de sua carruagem. Manvell suspirou e foi quebrar seu coração.

Sharpe regressou para junto da mortíça fogueira, pegou a promissória de seu bolso e a rasgou em pedaços. Afinal de contas não ia ser fácil pôr um telhado novo no castelo. Deixou que a brisa levasse os pedaços de papel e depois se virou com violência para seus homens.

— Senhor Price!

— Senhor?

— Nos restam com vida alguns membros da banda, não é verdade?

— De fato, senhor! Temos inclusive um maestro!

— Pois então faça que esses sacanas preguiçosos toquem algo! Supõe-se que estamos celebrando uma maldita vitória!

Em algum lugar do vale, uma mulher gritou e gritou, fez uma pausa para tomar fôlego e depois voltou a gritar porque seu marido estava morto. Atrás da linha de batalha, na granja de *Mont-Saint-Jean*, o monte de membros amputados era mais alto que a pilha de esterco. Um cirurgião de rosto lívido se dirigiu à beira do caminho para tomar ar, enquanto que no andar de cima, para onde haviam levado os oficiais para se recuperarem ou morrerem, D'Alembord se agitava em seu sono pouco profundo.

O senhor Little, o gorducho maestro da banda dos Voluntários do Príncipe de Gales, fez seus homens interpretarem uma irregular versão de *Over the Hills and Far Away*. Sharpe ordenou que desdobrassem o estandarte, que fora devolvido ao batalhão, e que o colocassem sobre a cova cada vez mais profunda para que a sombra das bandeiras de seda acariciasse os mortos.

Uma mulher chorava na beira da tumba. Era uma das sessenta esposas que tinham recebido permissão de viajar com o batalhão, e embora naquele momento fosse uma viúva, provavelmente voltaria a estar casada antes do final do mês, porque nunca faltavam pretendentes para a mulher de um soldado. Outra esposa que acabava de enviuar, Sally Clayton, estava sentada junto de Charlie Weller, e Sharpe viu o nervosismo com que o jovem estendia a mão para pegar a dela.

— Faça-me uma xícara de chá, Charlie — disse Sharpe —, e o nomearei sargento.

— Senhor? — Charlie levantou a vista, assombrado.

— Faça, Charlie! — Sally foi mais rápida em compreender que Sharpe estava lhes oferecendo o soldo de um sargento. — E obrigada, senhor Sharpe.

Sharpe sorriu e se afastou quando um grito lhe disse que Harper havia regressado de Bruxelas. O irlandês havia trazido o cachorro de Sharpe de volta com ele. Naquele momento soltou Narigudo, que correu para Sharpe e deu um salto para acariciar com o focinho seu dono e brincar com ele. Os soldados do batalhão esboçaram um sorriso brincalhão. Sharpe fez o cachorro descer, esperou que Harper descesse da sela e depois caminhou junto de seu amigo para a borda do vale.

— Ela está bem — confirmou a Sharpe. Lucille tinha chorado quando soube que Sharpe estava a salvo e ileso, mas tinha feito Harper prometer que não diria nada sobre suas lágrimas. — E o menino também está perfeitamente bem.

— Obrigado por ter ido por mim.

Harper soltou um grunhido. Saíra para Bruxelas antes do amanhecer e agora olhava o campo de batalha pela primeira vez naquele novo dia. Seu rosto não mostrou nenhuma reação ante aquele espanto. Assim como Sharpe, já vira isso centenas de vezes. Eram soldados; eram pagos para suportar o horror e por isso o compreendiam melhor que outras pessoas. Eram soldados e, assim como os homens que com as pás tiravam as fezes dos poços de Londres, ou das mulheres que cuidavam dos moribundos fedidos nas salas de beneficência, realizavam um trabalho desagradável que os homens e mulheres mais exigentes desprezavam. Eram soldados, coisa que os converteu na escória da sociedade até que um tirano ameaçou a Grã-Bretanha e então, de repente, eram heróis de casaca vermelha e rapazes excelentes.

— Que Deus salve a Irlanda, mas convertemos este lugar em um belo monte de merda ensanguentada — comentou Harper referindo-se ao vale.

Sharpe não disse nada. Ele estava olhando para além do campo de batalha para onde a luz do sol brilhava em algumas árvores que o fogo não havia tocado e onde o ar cheirava agradavelmente a verão. O céu completamente limpo prometia um dia para a sega do feno, ou um dia para os apaixonados darem um passeio através dos bosques de folhagem espessa e descansarem junto ao verde frescor da margem de um riacho. Era um dia de pleno verão na fronteira com a França e o mundo estava em paz.

**Fim.**



# Nota Histórica

Realmente foi algo muito precipitado, “a maior precipitação que já vista”, conforme confessou o Duque de Wellington no dia seguinte da batalha, mas Napoleão, como também disse o Duque, “se limitou a avançar ao velho estilo, em colunas, e foi afugentado também ao velho estilo”.

Provavelmente, o próprio Duque se contentou em deixar que isso constituísse um informe completo sobre a batalha de Waterloo, já que era um homem tão conhecido tanto pela brevidade de seus despachos como por sua antipatia pelos escritores. Posteriormente explicou que estivera exposto demais aos escritores. Para um deles, que procurava a ajuda do Duque para um relato projetado da batalha, aconselhou com veemência que não se metesse em camisa de onze varas: “Pode estar seguro de que nunca fará disso um trabalho satisfatório”. A outro esperançoso escritorzinho semelhante disse com desdém que, para o caso, dava no mesmo se escrever a história de um baile ou a de uma batalha.

Contudo, muitos não se importaram com os conselhos do Duque, e devo confessar minha enorme dívida com todos aqueles cuja temeridade deu como fruto a extensa biblioteca que existe sobre Waterloo. Há muitos livros para citá-los aqui, mas seria um descarado se não mencionasse dois deles. Até o Duque teria dado sua aprovação à obra de Jac Weller, *Wellington at Waterloo*, o último volume de sua admirável trilogia sobre a carreira militar do Duque. Quando encontrei alguma discrepância entre minhas fontes e me senti incapaz de esclarecer o assunto mediante minha própria investigação, me baseei na interpretação de Jac Weller, e duvido que me falhe.

Tremo ao imaginar o que o Duque pensaria quanto a uma mulher escrever sobre sua batalha, porém, a meu ver, o melhor relato de Waterloo é a conclusão do livro *Wellington, The Years of the Sword*, de Elizabeth Longford. Tenho utilizado a obra da senhora Longford como fonte para minhas citações exatas do Duque, mas também para muito mais coisas, e duvido que alguém possa voltar a escrever sobre Wellington ou sobre Waterloo sem se basear no maravilhoso livro da senhora Longford.

Existem centenas de versões contemporâneas sobre a batalha e, contudo, continua havendo controvérsia. Mesmo durante a batalha os soldados nem sempre viram o que acreditavam ver, que é o motivo de agora a Grã-Bretanha ter um regimento chamado Guarda de Granadeiros. Esse foi o regimento que derrotou a coluna maior da Guarda Imperial, que achavam que tinham vencido os Granadeiros da Guarda Imperial e que, para celebrar sua vitória, adotaram o nome de seu inimigo. Na realidade enfrentaram e derrotaram os Caçadores da Guarda Imperial, mas agora parece um pouco tarde para corrigi-lo.

Há outros mistérios. Na verdade o Príncipe de Orange expôs a infantaria em linha ante a cavalaria em três ocasiões? Eu continuo convencido de que o fez, ainda que alguns digam que não foi o responsável do descalabro em *Quatre Bras*. Tampouco existe um acordo sobre o que ocorreu em frente da coluna menor da Guarda Imperial. Sem dúvida houve alguns casacas

vermelhas que fugiram, mas não há nem duas versões que concordem completamente na maneira com que voltaram a formar para vencer a Guarda Imperial, assim como tampouco exista duas versões que concordem sobre quantas vezes a cavalaria francesa carregou contra os quadrados; os soldados que sobreviveram a esses assaltos deram cifras tão diversas como seis ou vinte e seis. Pelo menos um oficial francês legou aos historiadores um excelente relato sobre como romperam um dos quadrados britânicos e de como passaram uma e outra vez por cima de seus restos até que não restou mais do que destroços vermelhos, porém, ainda que a versão seja magnífica, não há nem uma só prova que a confirme.

Contudo, há muitas provas que respaldam a história do oficial mais gordo do exército prussiano a quem se confiou a notícia da invasão francesa, assim como é lamentavelmente verdade que o general Dornberg interceptou um despacho para Wellington e se negou a enviá-lo dizendo que não acreditava nele. Deste modo, Wellington foi enganado por Napoleão, cuja concentração de forças e rapidez com que avançou pela fronteira holandesa foi uma de suas maiores façanhas de guerra.

Então, quem ganhou em Waterloo? Ou quem perdeu? São perguntas que continuam sendo debatidas. O Príncipe de Orange, em uma carta dirigida a seus pais, que escreveu na noite da batalha, não tinha nenhuma dúvida: “Meus amados pais: Hoje tivemos um glorioso encontro com Napoleão e foram minhas tropas as mais castigadas pelo combate e a quem devemos a vitória”. Depois continua dizendo que foram os prussianos que na realidade ganharam a batalha, despertando assim o debate entre os partidários de Blücher e os de Wellington. A verdade é muito simples: Wellington não teria combatido em Waterloo se não acreditasse que os prussianos marchavam em sua ajuda, e os prussianos, apesar de Gneisenau, não teriam marchado se não tivessem acreditado que Wellington tinha a intenção de resistir. Em suma, foi uma vitória aliada, e a sugestão de Blücher de *La Belle Alliance* como nome para a batalha era sem dúvida mais apropriada que nomeá-la estranhamente de Waterloo, sobre o que insistiu Wellington simplesmente porque havia dormido ali nas noites anterior e posterior ao conflito.

É uma ironia que a pouco razoável desconfiança por Wellington por parte de Gneisenau provavelmente tenha garantido uma vitória completa. Se os prussianos tivessem chegado ao campo na primeira hora da tarde, quando eram esperados, sem dúvida Napoleão teria recuado se cobrindo duramente a retirada. Conservaria seu exército para lutar outro dia entre a cortina de fortalezas que aguardavam os aliados justo do outro lado da fronteira francesa. Mas ocorreu que o exército do Imperador ficou tão destroçado naquela tarde em Waterloo e estava tão profundamente entregue quando os prussianos chegaram, que Napoleão não pôde tirá-lo dali e dessa forma seus soldados caíram para uma derrota completa, uma derrota tão espantosa que a moral das guarnições das fortalezas e de todos os demais soldados da França veio abaixo com a notícia.

Embora exista uma infrutífera controvérsia sobre se foi Wellington ou Blücher o maior responsável pela vitória, há ainda mais discussões sobre o dom de comando do Imperador. As versões francesas da batalha descrevem Waterloo como uma gloriosa vitória francesa que por algum motivo deu errado no último minuto. O pior general da batalha, afirma com certeza um historiador francês, foi Wellington, e depois cita uma lista nada desdenhável de erros dos

ingleses, tudo isso utilizado para demonstrar a supremacia de Napoleão. Ao que poderíamos responder, como o general Cambronne da Guarda Imperial quando lhe exigiram que se rendesse finalmente da batalha, “*merde*”. A educada história francesa insiste que na realidade Cambronne disse: “A Velha Guarda morre, nunca se rende”, mas esse magnífico desafio foi invenção de um jornal, e ambas as versões ignoram o fato de que Cambronne se rendeu de qualquer forma. Os mesmos historiadores que difamam Wellington são também os primeiros a alegar que o Imperador tinha hemorróidas ou qualquer outra desculpa médica que supostamente o fez perder o ritmo naquele dia, o que faz alguém se perguntar por que, para começar, optou por combater. Napoleão escolheu assim, e perdeu, e passou os seis (e últimos) anos seguintes de sua vida construindo uma lenda de sua glória que ainda acreditam na França.

Em nenhum lugar fora da França essa glória é mais visível do que no próprio Waterloo. O campo de batalha é um autêntico monumento a Napoleão e a seu exército, tanto que um visitante ignorante poderia se perdoado se acreditasse estar visitando o palco de um grande triunfo francês. É, no entanto, um campo de batalha que vale a pena visitar. A maior mudança no cenário ocorreu, lamentavelmente, na direita britânica, na colina onde a cavalaria francesa foi destruída e onde a Guarda Imperial foi derrotada. Os holandeses tiraram um metro ou metro e meio de terra do cume daquela colina para construir seu imenso monumento de um leão que atualmente domina o campo. Mais *Merde*. De toda forma, a colina segue lá, ainda que um pouco mais baixa do que era em 1815, e conta agora com um estacionamento para automóveis, cafeterias, museus e lojas que vendem toda uma variedade de souvenirs vulgares, chamativos e deteriorados. O único artigo que vale a pena adquirir é o excelente guia do campo de batalha em inglês de David Howarth. *La Belle Alliance* é uma discoteca. *La Haye Sainte* não é aberto ao público, mas se você enfrentar o tráfego que agora acelera em todo o campo de batalha em questão de segundos, é possível ficar na porta de entrada e ver o pátio. Hougoumont, ainda com suas cicatrizes é mais acolhedor e vale a pena visitá-lo; é indicada como “Goumont” e você pode abordá-lo através das portas que o coronel MacDonnell fechou aos intrusos franceses, um ato ao qual Wellington se referiu como o mais valente realizado durante a batalha. Na cidade de Waterloo, a casa onde o Duque passou as noites anterior e posterior da batalha é um museu, enquanto que a igreja de frente tem alguns monumentos comemorativos magníficos. *Quatre Bras* também merece uma visita, e ainda que o bosque que guarneceu Saxe-Weimar faz tempo que desapareceu, o campo está relativamente igual é facilmente encontrado dirigindo-se para o sul a partir de Waterloo.

A campanha criou muitos heróis. Entre os famosos se encontra o coronel MacDonnell, que fechou a porta de Hougoumont, e seu inimigo direto, o gigantesco tenente Legros, que empunhava o machado em seu assalto ao castelo. É memorável a defesa do estandarte pelo porta-bandeira Christie em *Quatre Bras*, assim como o arrepiante relato do sargento Ewart sobre como capturou a águia durante a carga da cavalaria britânica. O marechal Ney, cujo último cavalo foi atingido por um disparo durante o ataque da Guarda Imperial, se lançou furiosamente com uma espada quebrada a fazer formar de novo os derrotados franceses. Ney, que verdadeiramente era um homem valente, sobreviveu somente para ser executado por um restaurado Luis XVIII apesar da petição de clemência de Wellington. Corre a feliz lenda de que o marechal ruivo escapou desse castigo e passou o restante de suas dias no anonimato em

Carolina do Sul. Oxalá fosse verdade.

A guerra não terminou com a vitória em Waterloo, ainda que quase. Gneisenau, apesar de sua teimosia durante o dia da batalha, realizou uma magnífica perseguição ao longo de toda a curta noite de verão que terminou com as esperanças francesas de voltar a formar os sobreviventes do exército. Os exércitos aliados cruzaram então a fronteira e em 4 de julho Paris se rendeu. Napoleão abandonou a França onze dias depois para voltar unicamente como um cadáver sagrado em 1840. O século XIX não ia ver uma matança comparável até a Guerra Civil americana. Gettysburg foi uma batalha tão atroz como Waterloo, com um contingente e um número de baixas similar. As duas batalhas decidiram grandes questões, mas ao preço de um grande horror. O que fez Waterloo ser tão horrível foi a pequenez da zona na qual estavam metidos tantos soldados e máquinas de matar. Hoje, do lugar onde estive o olmo (seus restos foram reduzidos a mobília), se pode ver praticamente todo o campo de batalha. Um terço dos soldados que lutaram no vale converteram-se em baixas. Não é de admirar que Wellington depois rezasse para que aquela tivesse sido sua última batalha.

Nem todos os soldados dos exércitos britânico e francês combateram em Waterloo. Napoleão havia separado todo um corpo para perseguir os prussianos, mas os perseguiram na direção errada e portanto estiveram ausentes da batalha. Sem dúvida sua presença teria mudado as coisas, mas também as teriam mudado a presença dos dezessete mil soldados da excelente infantaria que o Duque mandou para que guardasse sua suposta linha de retirada. Certamente, se os franceses tivessem vencido em *Quatre Bras*, não teria havido nenhuma batalha em Waterloo; e, estranhamente, um corpo francês passou todo o dia marchando entre Ligny e *Quatre Bras*. Precisamente quando estava a ponto de chegar a *Quatre Bras*, recebeu uma ordem que o mandava regressar a Ligny, e quando estava a ponto de entrar em combate em Ligny, outra ordem o fez marchar de novo para *Quatre Bras*. Se esse corpo tivesse entrado em ação contra Wellington, então duvido que tivéssemos ouvido falar tanto sobre as hemorróidas do Imperador durante os últimos cento e setenta e cinco anos.

Tanto se foi devido às hemorróidas de um imperador como se não, as longas guerras da Europa contra a França revolucionária e imperial finalmente haviam terminado. Para os veteranos peninsulares do exército britânico fora um longo caminho de Portugal até a Bélgica e por último até Paris, um caminho que agora Sharpe e Harper já percorreram em toda sua sangrenta extensão. Talvez marchem de novo, mas para onde, ou quando, nem eles nem eu sabemos ainda.